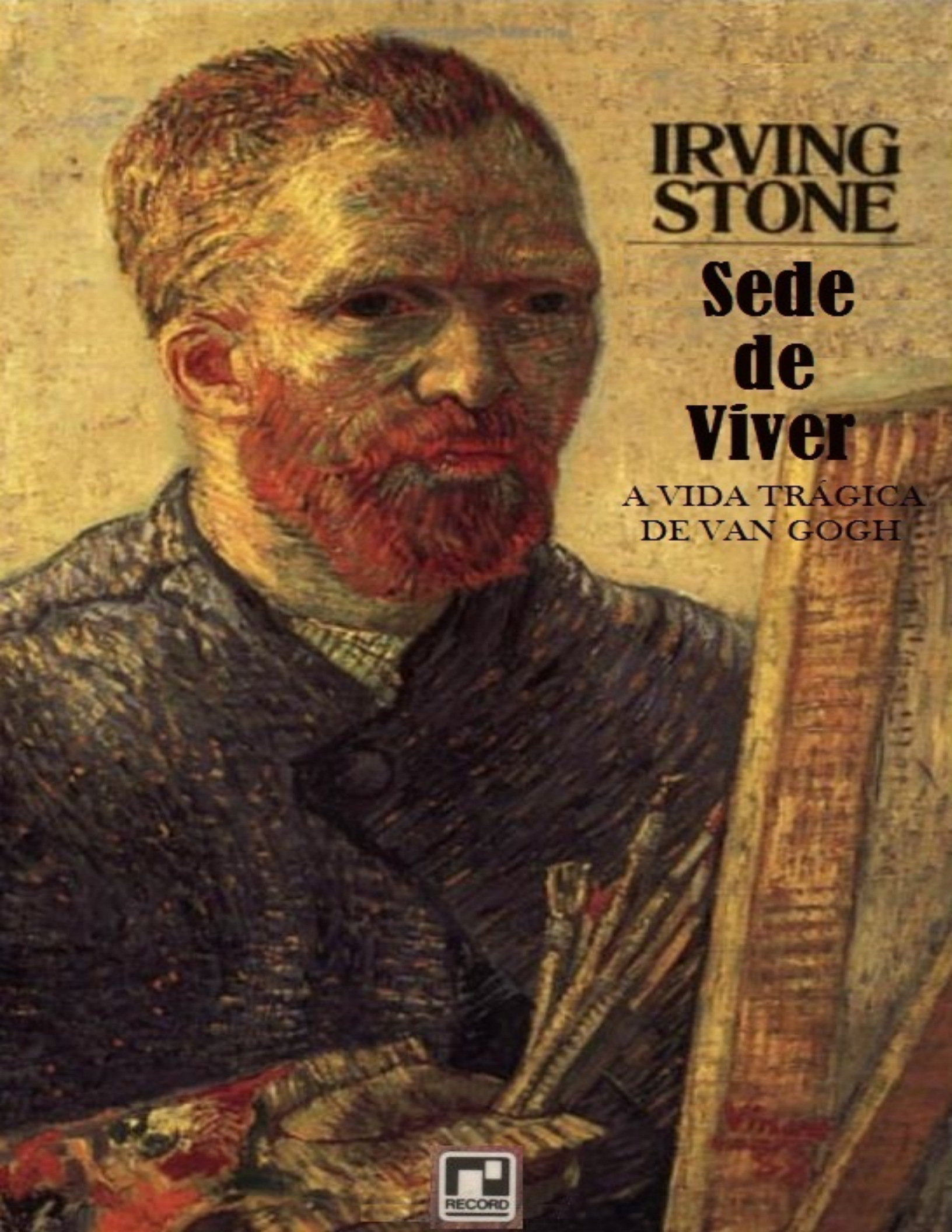


IRVING STONE

Sede de Viver

A VIDA TRÁGICA DE VAN GOGH

RECORD

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

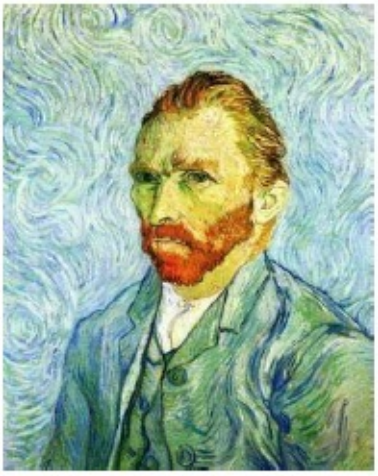
Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.us*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Irving Stone

SEDE DE VIVER



Tradução de
A. B. PINHEIRO LEMOS

2ª EDIÇÃO

EDITORA RECORD

Irving Stone (1903-1989)

SEDE DE VIVER

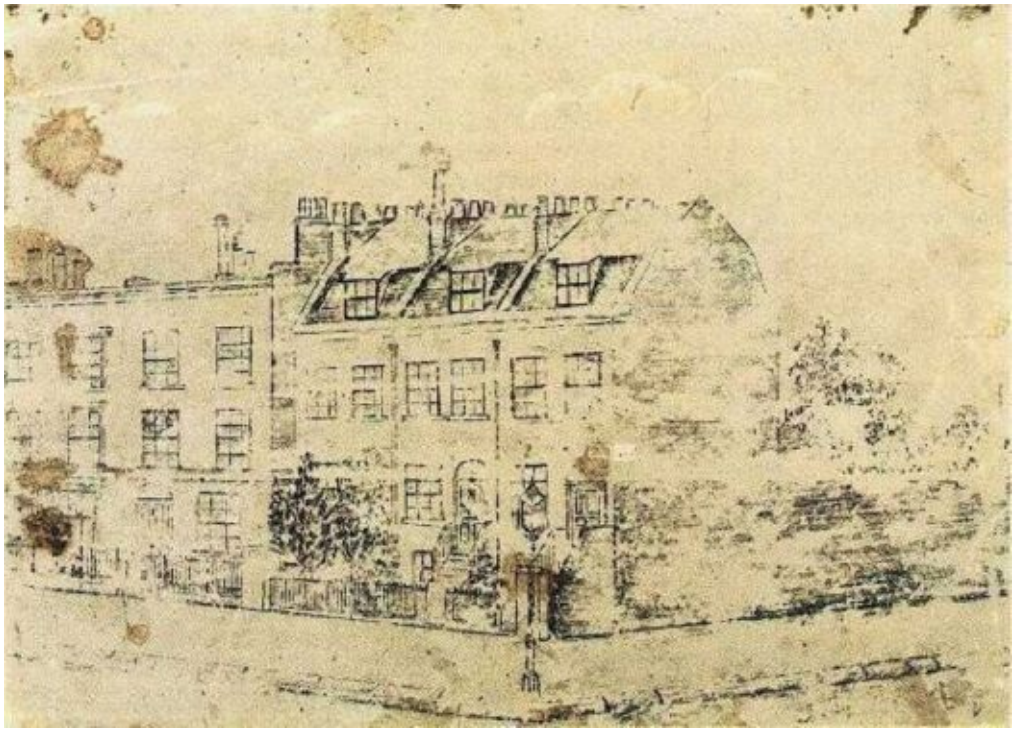
Tradução de
A. B. PINHEIRO LEMOS
2ª EDIÇÃO
Título original
LUST FOR LIFE
Copyright © 1934 by Irving Stone
Copyright © 1937 by The Heritage Press
Direitos de publicação exclusiva em língua portuguesa para o mundo inteiro adquiridos pela
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.
Rua Argentina 171 — 20921 Rio de Janeiro, RJ — Tel.: 580-3668
que se reserva a propriedade literária desta tradução Impresso no Brasil
PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL
Caixa Postal 23.052 — Rio de Janeiro. RJ – 20922
Impresso por
Gráfica Portinho Cavalcanti Ltda.
Rua Santana, 136/138 (edifício próprio)
— Tel.: 224-7732 (PABX) Rio de Janeiro — RJ

À memória de minha mãe

PAULINE STONE

Prólogo

LONDRES



Desenho de Hackford Road, 87 (1873 ou 1874)

1

— Monsieur Van Gogh! Está na hora de acordar!

Vincent já esperava pela voz de Ursula mesmo enquanto dormia. E gritou em resposta:

— Eu estava acordado, Mademoiselle Ursula.

— Não estava, não! — a moça soltou uma risada. — Mas está agora!

Vincent ouviu-a descer a escada e entrar na cozinha. Pôs as mãos por baixo do corpo, deu um empurrão e pulou da cama. Os ombros e o peito eram possantes, os braços musculosos. Ele vestiu suas roupas, despejou um pouco de água fria na bacia, afiou a navalha na correia de couro.

Vincent gostava do ritual diário de fazer a barba: descer pela face larga, da costeleta direita até o canto da boca sensual; a metade direita do lábio superior desde a narina, depois a metade esquerda; em seguida, a descida para o queixo, um bloco de granito, enorme, arredondado.

Ele esticou o rosto para a coroa de relva e folhas de carvalho que emoldurava o espelho da cômoda. Seu irmão Theo a tirara da casa da família perto de Zundert e lhe mandara para Londres. O aroma da Holanda em seu nariz ,começava bem o dia.

— Monsieur Van Gogh — chamou Ursula, batendo outra vez na porta — o carteiro acaba de lhe deixar uma carta.

Ele reconheceu a letra da mãe assim que abriu o envelope. E leu: “Querido Vincent, já estou na cama e aproveitarei para lhe escrever algumas palavras.”

Ele sentia o rosto frio e úmido, por isso guardou a carta no bolso da calça, tencionando lé-la durante um dos seus muitos momentos de lazer em Goupils. Penteou para trás os cabelos compridos e abundantes, de um amarelo-avermelhado, vestiu uma camisa branca engomada de colarinho baixo, e uma gravata preta de nó corredio, depois desceu para o desjejum e o sorriso de Ursula.

Ursula Loyer e a mãe, viúva de um cura provençal, mantinham um jardim de infância para meninos numa casinha no jardim dos fundos.

Ursula tinha dezenove anos, uma criatura risonha, de olhos grandes, um rosto oval delicado, uma cor suave, o corpo pequeno e esbelto. Vincent adorava observar o esplendor do riso que, como o brilho de uma sombrinha colorida, espalhava-se por seu rosto malicioso.

Ursula serviu-o com movimentos rápidos e elegantes, falando animadamente, enquanto ele comia. Vincent tinha 21 anos e estava apaixonado pela primeira vez. A vida se abria à sua frente. E ele pensou como um homem seria afortunado se pudesse comer pela manhã em frente a Ursula durante o resto de seus dias.

Depois de servir uma fatia de bacon, um ovo e uma xícara de chá, preto e forte, Ursula foi sentar na cadeira do outro lado da mesa, ajeitando os cachos castanhos atrás da cabeça. Sorriu-lhe enquanto passava o sal, pimenta, manteiga e torrada, em rápida sucessão.

— Seu resedá está começando a germinar — disse ela, umedecendo os lábios com a língua. — Não gostaria de dar uma olhada, antes de ir para a galeria? — Claro. Você... pode me mostrar?

— Mas que homem engraçado que ele é! Planta um resedá e depois não sabe onde encontrá-lo!

Ela tinha o hábito de falar sobre as pessoas como se não estivessem presentes. Vincent engoliu em seco. Suas maneiras, assim como o corpo, eram pesadas, parecia não ser capaz de encontrar as palavras certas para Ursula. Eles saíram para o jardim. Era uma manhã fria de abril, mas as macieiras já começavam a florir. Um pequeno jardim separava a casa das Loyers do jardim de infância. Poucos dias antes, Vincent semeara também papoulas e ervilhas de cheiro. O resedá já aflorava pela terra. Vincent e Ursula agacharam-se, um de cada lado, as cabeças quase se encostando. Os cabelos de Ursula exalavam um perfume forte, natural.

— Mademoiselle Ursula...

— Pois não?

Ela afastou a cabeça, mas sorriu-lhe, inquisitiva. — Eu... eu... isto é...

— Oh, Deus, por que está gaguejando desse jeito?

Ursula levantou-se de um pulo. Ele acompanhou-a até a porta do jardim de infância.

— Meus *poupons* estarão chegando daqui a pouco, Monsieur Vincent. Não chegará atrasado na galeria?

— Tenho tempo. Vou a pé até o Strand em 45 minutos.

Ela não pôde pensar em mais nada para dizer. Por isso, inclinou-se para trás, estendendo os dois braços, a fim de ajeitar uma mecha de cabelos que escapava. As curvas eram bastante amplas para um corpo tão esguio.

— O que fez com aquela gravura de Brabant que me prometeu para o jardim de infância, Monsieur Vincent?

— Mandei uma reprodução de um dos desenhos de Caesar de Cock para Paris. Ele vai autografar para você.

— Oh, maravilhoso! — ela bateu palmas, torceu um pouco os quadris, depois tornou a virar-se para Vincent. — As vezes, Monsieur, só às vezes, pode ser muito encantador!

Ursula sorriu-lhe mais uma vez, com os olhos e com a boca, e tentou se afastar. Vincent segurou-a pelo braço, murmurando: — Pensei num nome para você depois que fui me deitar. E escolhi *l'ange aux poupons.*

Ursula jogou a cabeça para trás e riu efusivamente.

— *L'ange aux poupons!* Ah, tenho de contar essa a mamãe!

Ela desprendeu-se da mão de Vincent, afastou-se um pouco, virou a cabeça por cima do ombro e riu-lhe mais uma vez, antes de atravessar correndo o jardim e entrar na casa.

2

Vincent pôs a cartola, pegou as luvas e saiu para a estrada de Clapham. As casas eram dispersas àquela distância do centro de Londres.

Os lilases, piriteiros e laburnos estavam em flor em todos os jardins.

Eram 8:15 da manhã; ele não precisava chegar a Goupils antes das nove. Era um andarilho vigoroso e, à medida que as casas se tornaram mais compactas, foi passando por diversos homens de negócios, a caminho do trabalho. Vincent sentia-se extremamente amável em relação a todos; eles também sabiam como era esplêndido estar apaixonado.

Ele foi andando pela margem do Tâmisa, atravessou a Ponte de Westminster, passou pela Abadia de Westminster e a Casa do Parlamento, entrou no número 17 da Southampton, Strand, a sede londrina de Goupil & Companhia, Negociantes de Arte e Editores de Gravuras.

Enquanto atravessava o salão principal, com seus espessos tapetes e cortinas suntuosas, ele viu uma tela apresentando uma espécie de peixe ou dragão, com seis metros de comprimento, um homenzinho pairando por cima. Intitulava-se *O Arcanjo Miguel Matando Satã.*

— Há uma encomenda para você na mesa de litografia — informou um dos empregados, à sua passagem.

A segunda sala da loja, depois que se passava pelo salão principal, onde eram expostos os quadros de Millais, Boughton e Turner, era dedicada a gravuras e litografias. Era na terceira, que parecia mais com um escritório do que as outras, que a maioria das vendas era consumada.

Vincent riu ao pensar na mulher que efetuara a última compra na noite anterior.

— Não posso gostar desse quadro — ela dissera ao marido. — E você, Harry? O cachorro parece um pouco com aquele que me mordeu em Brighton no verão passado.

— Por que devemos ter um cachorro, meu velho? — indagara Harry. — Esse bicho só serve para atormentar minha mulher.

Vincent sabia que estava vendendo obras de qualidade inferior. A maioria das pessoas que aparecia na loja não tinha a menor ideia do que comprava. E pagava preços altos por coisas ordinárias. Mas por que ele devia se preocupar com isso? Tudo o que precisava fazer era que a sala de gravuras se tornasse um sucesso.

Ele abriu a encomenda enviada por Goupils de Paris. Era de Caesar de Cock e tinha uma dedicatória: “A Vincent e Ursula Loyer: *Les amis de mes amis sont*

mes amis. ”

— Pedirei Ursula em casamento esta noite, quando lhe entregar isto — ele murmurou para si mesmo. — Farei 22 anos dentro de poucos dias e estou ganhando cinco libras por mês. Não há por que esperar mais tempo.

O tempo na tranquila sala dos fundos de Goupils passava muito depressa. Ele vendia uma média de cinquenta fotografias por dia para Musée Goupil & Companhia. Preferia negociar com telas a óleo e gravuras, mas sentia-se satisfeito por ganhar tanto dinheiro para a firma.

Gostava dos colegas de trabalho e todos gostavam dele; passavam muitas horas agradáveis juntos, conversando sobre as coisas europeias.

Quando mais jovem, Vincent era muito taciturno e evitava a convivência social. As pessoas consideravam-no esquisito, um tanto excêntrico. Mas Ursula mudara por completo a sua natureza. Levara-o a querer ser simpático e popular; tirara-o de dentro de si mesmo e ajudara-o a descobrir tudo o que havia de bom na vida cotidiana. A loja fechou às seis horas. O Sr. Obach deteve-o quando ele estava saindo.

— Recebi uma carta de seu tio Vincent Van Gogh. Ele queria saber como você está indo. E tive a satisfação de informá-lo que é um dos nossos melhores funcionários.

— Foi muita gentileza sua dizer isso, senhor.

— Absolutamente. Depois de suas férias de verão, quero que deixe a sala dos fundos e passe para a de gravuras e litografias.

— Isso é muito importante para mim neste momento, senhor, porque eu... eu vou casar.

— É mesmo? Uma grande novidade. E quando será o casamento?

— Acho que neste verão.

Vincent ainda não pensara na data.

— Isso é ótimo, meu rapaz. Teve um aumento no princípio do ano, mas eu diria que, quando voltar da viagem de lua-de-mel, podemos conseguir outro.

3

— Vou buscar o seu retrato, Mademoiselle Ursula — disse Vincent, depois do jantar, empurrando a cadeira para trás.

Ursula usava um elegante vestido verde estampado.

— O artista escreveu alguma coisa bonita para mim?

— Escreveu, sim. Se arrumar um lampião, posso pendurar agora mesmo no jardim de infância.

Ela contraiu os lábios numa *moue* extremamente beijável e olhou de lado para Vincent.

— Tenho de ajudar mamãe agora. Pode esperar meia hora?

Vincent apoiou os cotovelos na cômoda em seu quarto e contemplou-se no espelho. Raramente pensara em sua aparência; na Holanda tais coisas não pareciam importantes. Mas já notara que, em comparação com os ingleses, seu rosto e cabeça eram enormes. Os olhos pareciam enterrados no fundo de fendas de uma rocha horizontal; o nariz tinha a ponte saliente, era largo e reto; a testa lembrava um domo, tão alta quanto a distância das sobrancelhas espessas à boca sensual; as mandíbulas eram largas e fortes, o pescoço um tanto grosso, o queixo maciço um monumento vivo ao caráter holandês.

Ele afastou-se do espelho e foi sentar na beira da cama. Fora criado num lar austero. Jamais amara uma mulher antes; nem sequer olhara para uma ou se empenhara nas brincadeiras casuais entre os sexos. Em seu amor por Ursula nada havia de paixão ou desejo. Ele era jovem; era idealista; estava apaixonado pela primeira vez.

Vincent olhou para o relógio. Somente cinco minutos haviam transcorrido. Os 25 minutos que se projetavam pela frente pareciam intermináveis. Ele pegou o bilhete do irmão Theo que acompanhara a carta da mãe e releu-o. Theo era quatro anos mais moço e agora ocupava o lugar de Vincent na Goupils em Haia. Theo e Vincent, assim como o pai Theodorus e o tio Vincent, sempre haviam sido irmãos tratados com todo apreço, durante a juventude.

Vincent pegou um livro, pôs uma folha de papel por cima e escreveu um bilhete para Theo. Da primeira gaveta da cômoda ele tirou alguns esboços que fizera na margem do Tâmisa e colocou dentro de um envelope para Theo, juntamente com uma fotografia de *Menina com uma Espada,* de Jacquet.

— Oh, não! — exclamou ele abruptamente. — Esqueci o encontro com Ursula!

Ele olhou para o relógio; já estava quinze minutos atrasado. Pegou uma

escova, tentou dar um jeito no emaranhado de cabelos' ruivos ondulados. Recolhendo da mesa o retrato de Caesar de Cock, ele abriu a porta do quarto.

— Pensei que tivesse me esquecido — comentou Ursula, quando Vincent entrou na sala. Ela estava colando alguns brinquedos de papel para os seus *poupons.* — Trouxe o meu retrato? Posso ver?

— Eu gostaria de pendurá-lo antes de você ver. Arrumou o lampião?

— Está com mamãe.

Quando Vincent voltou da cozinha, ela estendeu-lhe um xale azul-marinho para que o ajustasse em seus ombros. Ele sentiu-se excitado ao suave contato do xale. O aroma das macieiras era intenso no jardim. O caminho estava bastante escuro e Ursula encostou as pontas dos dedos no áspero casaco preto de Vincent. Ela cambaleou uma vez, agarrou-o pelo braço, riu divertida de seu próprio tropeção. Vincent não entendeu por que ela achava engraçado tropeçar, mas gostou de observar o corpo de Ursula levar o riso pelo caminho escuro. Ele abriu a porta do jardim de infância.

Quando passou, o rosto delicadamente moldado quase roçando no dele, Ursula fitou-o nos olhos, parecendo responder à pergunta, antes mesmo que Vincent a formulasse. Ele pôs o lampião na mesa e indagou: — Onde você gostaria que eu o pendurasse?

— Não acha que por cima da minha mesa fica bom?

Havia provavelmente quinze cadeiras e mesas baixas na sala do que fora antes uma casa de verão. Numa extremidade se erguia uma pequena plataforma, onde estava a mesa de Ursula. Vincent e Ursula ficaram lado a lado, procurando pela posição certa para o quadro. Ele estava nervoso; deixava cair os pregos a todo instante. Ursula riu, de um jeito suave, cheio de intimidade.

— Deixe que eu cuido disso, seu desajeitado.

Ela levantou os braços acima da cabeça e trabalhou com movimentos eficientes de todos os músculos do corpo. Foi rápida nos gestos e muito graciosa. Vincent sentiu vontade de torná-la nos braços, ali, na semi-escuridão do lampião, resolvendo definitivamente, com um abraço firme, todo aquele problema torturante. Mas Ursula, embora lhe roçasse frequentemente, parecia nunca se colocar em posição propícia para um abraço. Vincent levantou o lampião enquanto ela lia a dedicatória. Ursula ficou satisfeita, bateu palmas, balançou para trás nos calcanhares. Mexia-se tanto que Vincent não era capaz de acompanhá-la.

— Isso faz com que ele seja também meu amigo, não é mesmo? — disse ela. — Eu sempre quis conhecer um artista.

Vincent tentou dizer alguma coisa terna, que abriria o caminho para a sua declaração. Ursula virou o rosto em sua direção, na semi-escuridão. A luz do

lampião fazia os seus olhos brilharem. O oval do rosto estava emoldurado pela escuridão. Vincent sentiu que aflorava dentro de si alguma coisa que não podia descrever ao contemplar os lábios vermelhos e úmidos sobressaindo na palidez da pele de Ursula.

Houve um silêncio expressivo. Ele podia sentir que Ursula se oferecia, esperando que pronunciasse as palavras de amor desnecessárias.

Vincent umedecer os lábios várias vezes. Ela virou a cabeça, fitou-o nos olhos por cima do ombro ligeiramente erguido e depois saiu correndo pela porta.

Dominado pelo terror de perder a oportunidade, Vincent foi atrás. Ela parou por um momento, sob a macieira.

— Ursula, por favor...

Ela virou-se e fitou-o outra vez, tremendo um pouco. Estrelas frias cintilavam. A noite era escura. Vincent deixara o lampião no jardim de infância. A única claridade provinha do brilho tênue da janela da cozinha.

O perfume dos cabelos de Ursula penetrou por suas narinas. Ela aconchegou-se no xale, cruzou os braços sobre o peito.

— Você está com frio... — murmurou Vincent.

— Estou, sim. É melhor entrarmos.

— Não! Por favor, eu...

Ele postou-se na frente de Ursula. Ela baixou o queixo para o aconchego do xale e levantou para Vincent os olhos grandes, especulativos.

— O que deseja, Monsieur Van Gogh? Não estou entendendo.

— Eu queria apenas falar com você. É que eu... isto é... eu...

— Vamos deixar para outra ocasião, por favor. Estou tremendo de frio.

— Achei que você deveria saber. Fui promovido hoje... passarei para a sala de litografas... será o meu segundo aumento em um ano...

Ursula deu um passo para trás, desenrolou o xale e postou-se resoluta na noite, devidamente aquecida, sem qualquer proteção.

— O que exatamente está tentando me dizer, Monsieur Van Gogh?

Vincent pôde sentir a frieza na voz de Ursula e censurou-se por ser tão desajeitado. Sua emoção foi subitamente reprimida; sentia-se agora calmo e controlado. Experimentou diversas vozes em sua mente e escolheu a que lhe parecia melhor.

— Estou tentando lhe dizer, Ursula, uma coisa que você já sabe. Que a amo intensamente e só poderei ser feliz se você quiser ser minha esposa.

Ele percebeu o quanto ela ficara espantada com aquela súbita segurança. Perguntou-se se deveria torná-la nos braços.

— Sua esposa? — a voz de Ursula alteou-se alguns tons. — — Ora, Monsieur Van Gogh, é impossível!

Ele fitou-a por baixo de sobrolhos talhados em pedra. Ursula podia divisar-lhe os olhos nitidamente na escuridão.

— Agora receio que seja eu quem não está...

— É extraordinário que ainda não saiba. Estou noiva há mais de um ano. Vincent não soube por quanto tempo ficou parado ali em silêncio, o que pensou ou sentiu. E, finalmente, ele murmurou: — Quem é o homem?

— Quer dizer que jamais encontrou meu noivo? Ele ocupou o quarto antes de você. Pensei que soubesse.

— Como eu poderia saber?

Ursula ergueu-se na ponta dos pés e olhou na direção da cozinha.

— Eu... eu... pensei que alguém tivesse contado.

— Por que me escondeu isso durante o ano inteiro, quando sabia que eu estava me apaixonando por você?

Não havia agora qualquer hesitação na voz de Vincent.

— Foi minha culpa que você se apaixonasse por mim? Eu só queria que fôssemos amigos.

— Ele já a visitou depois que vim para cá?

— Não.. Está em Gales. Mas virá passar as férias de verão comigo.

— Não o vê há mais de um ano? Pois então já o esqueceu! É a mim que você ama agora!

Vincent abandonou o bom senso e a discrição, agarrou-a e beijou-a, rudemente, na boca indisposta. Saboreou a umidade dos lábios de Ursula, a doçura de sua boca, o perfume dos cabelos; toda a intensidade de seu amor aflorou.

— Você não o ama, Ursula. Não permitirei. Será minha esposa. Eu não suportaria perdê-la. E nunca desistirei até que você o esqueça e case comigo!

— Casar com você? Tenho de casar com todo homem que se apaixona por mim? E agora é melhor me largar ou gritarei por socorro.

Ela desvencilhou-se e correu ofegante pelo caminho escuro. Ao chegar à varanda, virou-se e disse, num sussurro que atingiu Vincent como se fosse um grito:

— *Seu ruivo idiota!*

4

Ninguém o chamou na manhã seguinte. Ele saiu da cama apaticamente. Barbeou-se num movimento circular, deixando vários pontos por raspar. Ursula não apareceu à mesa do desjejum. Vincent seguiu a pé para a Goupils. Ao passar pelos mesmos homens que vira na manhã anterior, percebeu que estavam diferentes. Pareciam almas solitárias, encaminhando-se apressadamente para seus esforços fúteis.

Não viu os lilases desabrochando nem os castanheiros que margeavam a rua. O sol brilhava ainda mais intensamente do que na manhã anterior. Mas ele não sabia disso.

Durante o dia, vendeu vinte *épreuves d'artiste* a cores da *Vénus Anadiomenes,* segundo Ingres. Havia um grande lucro nesses quadros para a Goupils, mas Vincent perdera inteiramente a satisfação em ganhar dinheiro para a galeria. Não tinha muita paciência com as pessoas que apareciam para comprar. Os clientes não sabiam a diferença entre a arte boa e a medíocre, mas pareciam possuir um talento inequívoco para escolher o artificial, o óbvio, o vulgar.

Os colegas de trabalho nunca o haviam considerado um homem jovial, mas ele se esforçara ao máximo para se tomar simpático e agradável. E, agora, todos indagavam, uns aos outros: — O que estará perturbando o membro da nossa ilustre família Van Gogh?

— Ele diria que ele saiu da cama pelo lado errado esta manhã.

— Ele não tem muito com que se preocupar. Seu tio, Vincent Van Gogh, é meio proprietário de todas as Galerias Goupil, em Paris, Berlim, Bruxelas, Haia e Amsterdam. O velho está doente e não tem filhos. E todos dizem que deixará a sua parte no negócio para o nosso jovem Vincent.

— Algumas pessoas ficam com toda a sorte do mundo.

— E isso é apenas a metade da história. Outro tio, Hendrik Van Gogh, possui grandes lojas de arte em Bruxelas e Amsterdam. E um terceiro tio, Cornelius Van Gogh, é o presidente da maior firma da Holanda no ramo.

Os Van Goghs constituem realmente a maior família de negociantes de arte da Europa. E chegará o dia em que nosso amigo ruivo na sala ao lado controlará praticamente toda a arte continental!

Quando entrou na sala de jantar da família Loyer naquela noite, Vincent encontrou Ursula e a mãe conversando em voz baixa. Elas pararam de falar assim que ele apareceu, deixando uma frase inacabada pairando em pleno ar.

Ursula correu para a cozinha.

— Boa noite — disse Madame Loyer, com um estranho brilho nos olhos.

Vincent jantou sozinho na mesa enorme. O golpe de Ursula deixara-o abalado, mas não o derrotara. Simplesmente não aceitaria um "não" como resposta. Haveria de expulsar o outro homem da mente de Ursula.

Quase uma semana transcorreu antes que ele tivesse outra oportunidade de falar com Ursula. Comera e dormira muito pouco durante essa semana; a apatia inicial fora substituída pelo nervosismo. As vendas na galeria caíram consideravelmente. O brilho verde desaparecera de seus olhos, deixando apenas um azul angustiado. Tinha mais dificuldade do que nunca em encontrar palavras quando queria falar. Seguiu Ursula para o jardim depois do ajantarado de domingo e disse: — Mademoiselle Ursula, lamento tê-la assustado naquela noite.

Ela fitou-o, os olhos grandes e frios, como se estivesse surpresa por Vincent tê-la seguido.

— Não se preocupe com isso. Não tem a menor importância. Vamos esquecer, está bem?

— Eu gostaria muito de esquecer que fui grosseiro com você. Mas as coisas que eu disse eram verdadeiras.

Vincent deu um passo na direção de Ursula. Ela recuou.

— Por que falar disso outra vez? — indagou Ursula. — Todo o episódio já se apagou de minha mente.

Ela virou-lhe as costas e foi seguindo apressadamente pelo caminho.

Vincent correu atrás.

— Mas preciso falar de novo, Ursula. Você não imagina o quanto eu a amo. Não sabe como me senti infeliz durante toda a semana. Por que continua a fugir de mim?

— Vamos entrar? Acho que mamãe espera visita.

— Não pode ser verdade que você ame outro homem. Eu perceberia em seus olhos, se isso acontecesse.

— Infelizmente, não tenho mais tempo para continuar a conversar. Quando foi mesmo que disse que passaria as férias em casa?

Vincent engoliu em seco. — Em julho.

— Isso é ótimo. Meu noivo virá passar as férias de julho aqui e precisaremos do seu antigo quarto.

— Nunca desistirei e deixarei que você fique com ele, Ursula!

— Acho melhor você acabar com essas bobagens. Se não o fizer, mamãe disse que terá de procurar outros alojamentos.

Vincent passou os dois meses seguintes tentando dissuadi-la. Todas as suas

características anteriores ressurgiram: se não podia estar com Ursula, queria ficar sozinho, a fim de que ninguém pudesse interferir em seus pensamentos, sempre concentrados nela. Mostrava-se hostil com os colegas na galeria. O mundo despertado pelo amor de Ursula voltou a adormecer rapidamente e ele tornou-se o rapaz soturno e apático que os pais conheciam em Zundert.

Julho chegou, trazendo as férias, e Vincent não desejava deixar Londres por duas semanas. Pensava que Ursula não poderia amar nenhum outro enquanto ele estivesse na casa.

Ele desceu para a sala de visitas. Ursula e a mãe estavam sentadas ali. Elas trocaram um de seus olhares significativos.

— Estou levando apenas uma valise, Madame Loyer — disse Vincent. — Deixarei todo o resto em meu quarto, como está. Aqui tem o dinheiro pelas duas semanas em que estarei viajando.

— Acho melhor levar todas as suas coisas, Monsieur Van Gogh — respondeu Madame.

— Mas por quê?

— Seu quarto está alugado para outro a partir da segunda-feira. Nós achamos que é melhor que procure outro lugar.

— Nós?

Vincent virou-se e olhou para Ursula, por baixo das sobrancelhas espessas. Era um olhar que não fazia qualquer declaração. Apenas formulava uma pergunta.

— Isso mesmo, nós — acrescentou a mãe. — O noivo da minha filha escreveu, dizendo que o quer fora da casa. Infelizmente, Monsieur Van Gogh, teria sido melhor se nunca tivesse vindo para cá.

5

Theodorus Van Gogh aguardava o filho na estação de Breda com uma carruagem. Usava o seu casaco preto clerical, colete de lapelas largas, camisa branca engomada e enorme gravata-borboleta preta, que cobria quase todo o colarinho alto. Com um rápido olhar, Vincent percebeu duas características faciais do pai: a pálpebra direita estava caída, mais baixa do que a esquerda, cobrindo uma parcela considerável do olho; e o lado esquerdo da boca era uma linha fina e tensa, em contraste com o lado direito, cheio e sensual. Os olhos se mostravam passivos; a expressão dizia simplesmente: “Este sou eu.”

O povo de Zundert muitas vezes comentava que o pastor Theodorus tinha o hábito de fazer o bem com uma cartola de seda na cabeça.

Ele jamais compreendeu, até o dia de sua morte, por que não era mais bem-sucedido. Achava que há muitos anos já deveria ter sido chamado para um púlpito importante em Amsterdam ou Haia. Era conhecido como o belo pastor por seus paroquianos, um homem instruído, amante da natureza, com excelentes qualidades espirituais e incansável no serviço de Deus. Apesar disso, passara 25 anos enterrado e esquecido na pequena aldeia de Zundert. Era o único dos seis irmãos Van Goghs que não alcançara a proeminência nacional.

A residência paroquial de Zundert, onde Vincent nascera, era um *pré* dio de estrutura de madeira, em frente ao mercado e ao *stadhuis*. Havia um jardim além da cozinha, com acácias e pequenos caminhos entre as flores bem cuidadas. A igreja era pequena, também de madeira, escondida entre as árvores, logo depois do jardim. Tinha duas pequenas janelas góticas em cada lado, talvez uma dúzia de bancos sobre o chão de madeira, com diversos tachos presos permanentemente ao assoalho. Nos fundos, havia uma escada que levava a um velho órgão manual. Era uma casa de oração austera e simples, dominada pelo espírito de Calvino e sua reforma.

A mãe de Vincent, Anna Cornelia, observava da portada frente e abriu-a antes mesmo que a carruagem parasse. E enquanto o puxava com ternura para o seu peito amplo, percebeu que havia alguma coisa errada com o filho.

— *Myn lieve zoon* — murmurou ela. — Meu Vincent.

Os olhos de Anna Cornelia, ora azuis, ora verdes, estavam sempre arregalados, gentilmente inquisitivos, vendo através de uma pessoa, mas sem julgá-la com muita severidade. Uma linha tênue do lado de cada narina até os cantos da boca se aprofundava com a passagem dos anos. E quanto mais profundas se tornavam essas linhas, maior era a impressão de um rosto

ligeiramente contraído em sorriso.

Anna Cornelia Carbentus era de Haia, onde o pai ostentava o título de "Encadernador do Rei". O negócio de William Carbentus prosperava e ele tornou-se conhecido em todo o país quando foi escolhido para encadernar a primeira Constituição da Holanda. Suas filhas, uma das quais casara com tio Vincent Van Gogh e uma terceira com o renomado reverendo Stricker, de Amsterdam, eram *bien élevées.*

Anna Cornelia era uma boa mulher. Não via qualquer mal no mundo e não conhecia nenhum. Só sabia de fraqueza, tentação, privação e aflição.

Theodorus Van Gogh também era um bom homem, mas compreendia o mal profundamente e o condenava em todas as suas manifestações.

A sala de jantar era o centro da casa dos Van Goghs e a mesa enorme, depois que os pratos do jantar eram removidos, o centro da vida familiar. Ali, todos se reuniam em torno do lampião de óleo para passar a noite, até a hora de dormir. Anna Cornelia estava preocupada com Vincent; achara o filho muito magro e nervoso.

— Algum problema, Vincent? — ela perguntou naquela noite, depois do jantar. — Você não me parece muito bem.

Vincent correu os olhos pela mesa, à qual estavam sentadas Anna, Elizabeth e Willemien, três moças estranhas, que por acaso eram suas irmãs.

— Não, não há problema nenhum — respondeu ele.

— Está gostando de Londres? — indagou Theodorus. — Se não estiver, falarei com seu tio Vincent. Creio que ele o transferiria para uma das lojas de Paris.

Vincent ficou bastante nervoso, exclamando:

— Mas não pode fazer isso! Não quero sair de Londres... — ele fez um esforço para se controlar. — Quando tio Vincent quiser me transferir, tenho certeza de que tomará a decisão por si mesmo.

— Como você quiser — disse Theodorus.

"É aquela moça", refletiu Anna Cornelia. "Compreendo agora o que estava errado nas cartas de Vincent."

Havia bosques de pinheiros e carvalhos na região em tomo de Zundert. Vincent passava os dias andando sozinho pelos campos, contemplando os numerosos pequenos lagos. A única diversão que apreciava era desenhar; fez diversos desenhos do jardim, o mercado na tarde de sábado visto pela janela da residência paroquial, a porta da frente da casa. E por alguns momentos conseguia manter os pensamentos afastados de Ursula.

Theodorus sempre se sentira desapontado pelo fato do filho mais velho não querer seguir a sua carreira. Foram visitar um camponês doente.

Voltando pela charneca, ao cair da noite, resolveram parar a charrete e seguir a pé por algum tempo. O sol se punha, muito vermelho, por trás dos pinheiros, o céu vespertino se refletia nas superfícies dos lagos, os campos e a areia amarela exibiam uma harmonia absoluta.

— Meu pai foi um pastor, Vincent, e eu sempre esperei que você continuasse a linhagem.

— O que o leva a pensar que eu quero mudar?

— Apenas comentei, para o caso de você querer... Pode morar com tio Jan em Amsterdam, enquanto cursa a universidade. E o reverendo Stricker ofereceu-se para orientar a sua educação.

— Está me aconselhando a deixar a Goupils?

— Claro que não. Mas se por acaso se sente infeliz nesse trabalho... às vezes as pessoas mudam...

— Sei disso. Mas não tenho a menor intenção de deixar a Goupils.

A mãe e o pai acompanharam-no a Breda no dia em que ele deveria partir de volta para Londres.

— Devemos escrever para o mesmo endereço, Vincent? — perguntou Anna Cornelia.

— Não. Vou me mudar.

— Fico contente que esteja deixando as Loyers — comentou o pai.
— Jamais gostei daquela família. Tem muitos segredos.

Vincent empertigou-se. A mãe pôs a mão afetuosa sobre a sua e disse, gentilmente, bem baixinho para que Theodorus não pudesse ouvir: — Não se sinta infeliz, meu querido. Estará muito melhor com uma boa moça holandesa, mais tarde, depois que estiver bem estabelecido. Aquela moça Ursula não seria boa para você. Não é da sua espécie.

Vincent se perguntou como a mãe descobrira.

6

De volta a Londres, ele alugou aposentos mobiliados na Kensington New Road. A senhoria era uma velhinha que todas as noites ia se deitar às oito horas. Não se ouvia qualquer ruído na casa. E todas as noites Vincent tinha de travar uma batalha encarniçada, pois ansiava desesperadamente correr para a casa das Loyers. Trancava a porta de seu quarto e jurava resolutamente que iria dormir. Mas quinze minutos depois se descobria misteriosamente na rua, seguindo apressadamente na direção da casa de Ursula.

Quando chegava a um quarteirão da casa, sentia que entrara na aura de Ursula. Era uma tortura acalentar um sentimento tão intenso e ao mesmo tempo sabê-la inacessível; era uma tortura mil vezes pior permanecer em Ivy Cottage e não penetrar naquela penumbra da personalidade obsedante.

A angústia lhe provocou coisas curiosas. Tornou-o sensível à angústia dos outros. Tornou-o intolerante com tudo o que era vulgar e clamorosamente bem-sucedido no mundo ao seu redor. Não tinha mais qualquer valor para a galeria. Quando os clientes lhe perguntavam o que achava de uma gravura em particular, ele respondia em termos claros como era horrível; e ninguém comprava. Os únicos quadros em que podia encontrar realidade e profundidade emocional eram aqueles em que os artistas haviam expressado a angústia.

Uma matrona corpulenta, de gola de renda, peito amplo, casaco de marta e chapéu de veludo, com uma pluma azul, apareceu em outubro e pediu para ver alguns quadros para a sua casa nova em Londres. Vincent atendeu-a.

— Quero as melhores coisas que tiver aqui — declarou a mulher. — Não precisa se preocupar com o custo. Aqui estão as dimensões: na sala de estar há duas paredes ininterruptas de quinze metros, uma parede interrompida por duas janelas, com um espaço entre...

Vincent passou a maior parte da tarde tentando vender à mulher algumas gravuras baseadas em Rembrandt, uma excelente reprodução de uma marinha veneziana de Turner, algumas fotografias de Thys Maris e fotografias de museu de Corot e Daubigny. A mulher possuía um instinto infalível para escolher justamente a pior expressão da arte do pintor que se encontrava em qualquer grupo que Vincent lhe mostrava. E possuía um talento igual para rejeitar à primeira vista e categoricamente tudo que ele sabia ser autêntico. À medida que as horas passaram, a mulher, com suas feições rechonchudas, puerilidades condescendentes, tornou-se para ele um símbolo perfeito da estupidez da classe média e da vida comercial.

— Pronto! — acrescentou a mulher. — Acho que escolhi muito bem.

— Se fechasse os olhos — comentou Vincent — não poderia ter feito pior.

A mulher levantou-se abruptamente e balançou a saia larga de veludo para um lado. Vincent podia perceber o fluxo de sangue subir do peito amplo para o pescoço, por baixo da gola de renda.

— Mas que coisa! — gritou a mulher. — Ora... você não passa de um camponês grosseiro!

Ela se retirou furiosa, a pluma alta no chapéu de veludo balançando para frente e para trás. O Sr. Obach ficou indignado.

— Meu caro Vincent, o que está acontecendo com você? Perdeu a maior venda da semana e ainda por cima insultou aquela mulher!

Vincent empurrou para o lado as coisas escolhidas pela mulher e pôs as mãos na beira da mesa.

— Pois então me diga como um homem pode justificar gastar a sua única vida vendendo quadros medíocres para pessoas muito estúpidas?

Obach não fez qualquer tentativa de responder.

— Se esse tipo de coisa continuar — disse ele — terei de escrever a seu tio e pedir que o transfira para outra filial. Não posso permitir que você me arruine os negócios.

Vincent afastou para o lado a respiração pesada de Obach com um gesto da mão.

— Como podemos obter lucros tão altos com a venda dessa porcaria, Sr. Obach? E por que as únicas pessoas que têm condições para entrar aqui são justamente as que não suportam olhar para qualquer coisa que seja autêntica? É porque o dinheiro as tornou insensíveis? E é por isso que os pobres que podem realmente apreciar a boa arte não têm condições de comprar um quadro para suas paredes?

Obach fitou-o com uma expressão estranha.

— Mas do que está falando? Socialismo?

Quando chegou em casa, Vincent pegou o volume de Renan que estava na mesinha-de-cabeceira e abriu na página que marcara. E leu: “Para agir bem neste mundo, o homem deve morrer dentro de si mesmo.

Não está neste mundo apenas para ser feliz, mas sim para ser simplesmente honesto, para realizar grandes coisas pela humanidade, para alcançar a nobreza e superar a vulgaridade em que se arrasta a existência de quase todos os indivíduos.”

Cerca de uma semana antes do Natal as Loyers armaram uma atraente árvore de Natal junto à janela da frente. Duas noites depois, ao passar por ali, Vincent viu a casa toda iluminada e os vizinhos entrando pela porta da frente. Ouviu o

som de vozes alegres no interior. As Loyers ofereciam a sua festa de Natal. Vincent correu para casa, barbeou-se apressadamente, pôs uma camisa limpa e gravata, voltou o mais depressa que pôde a Clapham. Teve de esperar por vários minutos na base da escada para recuperar o fôlego.

Era Natal, o espírito da bondade e perdão pairava no ar. Ele subiu a escada. Bateu na porta. Ouviu passos conhecidos se aproximarem pelo vestíbulo, uma voz familiar gritar alguma coisa para as pessoas na sala de visitas. A porta foi aberta. A luz incidiu em seu rosto. Ele olhou para Ursula. Ela usava uma polonesa verde sem mangas, com enormes laços e cascatas de rendas. Vincent nunca a vira tão bonita.

— Ursula...

A expressão que se estampou no rosto lindo repetia todas as coisas que ela lhe dissera no jardim. Contemplando-a, Vincent lembrou-se de tudo. — Vá embora! — disse ela, zangada.

Na manhã seguinte Vincent partiu para a Holanda.

O Natal era a época mais movimentada na Goupil Galleries. O Sr. Obach escreveu para tio Vincent, explicando que o sobrinho resolvera tirar umas férias sem ao menos pedir “com licença”. Tio Vincent resolveu transferir o sobrinho para a galeria principal, na Rue Chaptal, em Paris.

Mas Vincent calmamente anunciou que não queria mais saber do negócio de arte. Tio Vincent ficou aturdido e profundamente magoado.

Declarou que, no futuro, lavaria as mãos em relação a Vincent. Depois dos feriados, no entanto, ele parou de lavá-las pelo tempo suficiente para garantir a seu xará um emprego na livraria de Blussé e Braam, em Dordrecht. Foi o último ato de relacionamento entre os dois Vincent Van Goghs.

Vincent permaneceu em Dordrecht por quase quatro meses. Não se sentia feliz nem infeliz, vitorioso ou fracassado. Simplesmente não estava ali. Numa noite de sábado pegou o último trem de Dordrecht para Oudenbosch e depois seguiu a pé para sua casa em Zundert. A charneca estava deslumbrante, com todos os cheiros frescos e pungentes da noite.

Embora estivesse escuro, ele podia distinguir os bosques de pinheiros e as charnecas se estendendo pela distância. O que levou-o a lembrar a gravura de Bodmer que se achava pendurada no gabinete do pai. O céu estava nublado, mas as estrelas da noite cintilavam através das nuvens. Ainda era muito cedo quando se aproximou da igreja de Zundert; a distância, podia ouvir as cotovias cantando nos campos negros do milho que começava a crescer.

Os pais compreendiam que ele passava por um momento difícil.

Durante o verão, a família mudou-se para Etten, uma cidade de mercado, a poucos quilômetros de distância, para a qual Theodorus fora designado pastor.

Etten possuía uma praça central grande, margeada de olmos, um trem a vapor ligando-a com a importante cidade de Breda. Para Theodorus, era um pequeno degrau alcançado.

Quando o outono começou, era necessário outra vez tomar uma decisão. Ursula ainda não casara.

— Você não foi feito para todas essas lojas, Vincent — disse o pai. — Seu coração o leva diretamente para o serviço de Deus.

— Sei disso, pai.

— Então por que não vai para Amsterdam e estuda?

— Eu bem que gostaria, mas...

— Ainda há hesitação em seu coração?

— Isso mesmo. Não posso explicar agora. Dê-me mais algum tempo.

Tio Jan passou por Etten.

— Há um quarto à sua espera na minha casa em Amsterdam, Vincent.

— O reverendo Stricker escreveu para dizer que pode lhe garantir bons preceptores — acrescentou a mãe.

Ao receber a dádiva da angústia de Ursula, Vincent também herdara os deserdados da terra. Sabia que a melhor instrução que poderia obter era na universidade em Amsterdam. As famílias Van Gogh e Stricker o assumiriam, encorajariam, ajudariam com dinheiro, livros e compreensão.

Mas ele ainda não podia se decidir. Ursula continuava solteira, na Inglaterra. Na Holanda, perdera o contato com ela. Vincent mandou buscar alguns jornais ingleses, respondeu a diversos anúncios e finalmente conseguiu um emprego como professor em Ramsgate, uma cidadezinha portuária a quatro horas e meia de trem de Londres.

7

A escola do Sr. Stokes ficava numa praça, no meio da qual havia um gramado amplo, cercado por grades de ferro. Havia 24 meninos de dez a quatorze anos na escola. Vincent tinha de ensinar francês, alemão e holandês, tomar conta dos garotos depois das aulas e ajudá-los com suas abluções semanais na noite de sábado. Recebia casa e comida, mas não havia salário.

Ramsgate era um lugar melancólico, mas combinava com seu ânimo.

Inconscientemente, Vincent passara a prezar sua angústia como uma companheira querida; era através da angústia que mantinha Ursula constantemente a seu lado. Se não podia estar com a jovem que amava, não importava onde se encontrasse. Tudo o que pedia era que ninguém se interpusesse entre ele e a saciedade opressiva com que Ursula se instalava em sua mente e corpo.

— Não pode me pagar pelo menos uma pequena quantia, Sr. Stokes? — perguntou Vincent. — O suficiente para comprar tabaco e roupas?

— Jamais farei isso — respondeu Stokes. — Posso arrumar todos os professores que quiser apenas por casa e comida.

Bem cedo, na primeira manhã de sábado, Vincent partiu de Ramsgate para Londres. Era uma longa caminhada e o tempo permanecia quente até o anoitecer. Finalmente ele chegou a Canterbury. Descansou à sombra das velhas árvores que cercavam a catedral medieval. Depois de algum tempo, recomeçou a caminhada, até chegar a um grupo de enormes faias e olmos, junto a um pequeno lago. Dormiu ali, até as quatro horas da madrugada; os passarinhos começaram a cantar ao amanhecer e despertaram-no. À tarde chegou a Chatham, onde pôde divisar, a distância, entre campinas baixas parcialmente inundadas, o Tâmisa, cheio de navios. Perto do anoitecer Vincent alcançou os subúrbios familiares de Londres. Apesar da fadiga, seguiu em passos rápidos para a casa das Loyers.

O motivo pelo qual voltara à Inglaterra, o contato com Ursula, envolveu-o no instante em que avistou a sua casa. Na Inglaterra ela ainda lhe pertencia, porque podia senti-la.

Vincent não conseguiu aquietar as batidas altas e descompassadas de seu coração. Encostou-se numa árvore, experimentando uma dor intensa, que existia além do reino das palavras e dos pensamentos coerentes.

Finalmente o lampião na sala de visitas se apagou e depois a luz no quarto de Ursula. A casa ficou inteiramente às escuras. Vincent fez um esforço para sair dali e cambaleou exausto pela estrada de Clapham. Quando se afastou da casa,

compreendeu que perdera Ursula novamente.

Agora, ao imaginar seu casamento com Ursula, não mais a via como a esposa de um bem-sucedido negociante de arte. Projetava-se como a fiel e paciente esposa de um evangelista, trabalhando a seu lado nos cortiços, servindo aos pobres.

Quase todo fim de semana ele tentava seguir a pé até Londres, mas encontrava dificuldade para voltar a tempo de dar as aulas na manhã de segunda-feira. Havia ocasiões em que andava toda a sexta-feira e a noite de sábado só para ver Ursula sair de casa na manhã de domingo, a caminho da igreja. Não tinha dinheiro para comida ou alojamentos e muito sofreu com o frio quando o inverno começou. Ao voltar a Ramsgate, ao amanhecer da segunda-feira, estava trémulo, exausto e faminto. Levava a semana inteira para se recuperar.

Depois de alguns meses conseguiu um emprego melhor na escola metodista do Sr. Jones, em lsleworth. O Sr. Jones era um pastor com uma paróquia grande. Contratou Vincent como professor, mas logo converteu-o num coadjutor rural.

Outra vez Vincent teve de mudar todas as imagens em sua mente.

Ursula não mais seria a esposa de um evangelista, trabalhando nos cortiços, mas sim a esposa de um clérigo rural, ajudando o marido na paróquia, assim como a mãe de Vincent ajudava o pai. Ele via Ursula a considerar a nova situação com elena aprovação, feliz porque abandonara a restrita vida comercial de Goupils e agora trabalhava pela humanidade.

Não se permitia compreender que o casamento de Ursula era cada vez mais iminente. O outro homem nunca existira como uma realidade em sua mente. Sempre pensara na recusa de Ursula como o resultado de alguma deficiência peculiar de sua própria parte, um problema que de alguma forma remediaria em breve. Que melhor caminho podia haver para isso do que servir a Deus?

Os alunos pobres do Sr. Jones vinham de Londres. Ele deu a Vincent os endereços dos pais e mandou-o até lá a pé para receber os honorários.

Vincent encontrou-os no coração de Whitechapel. Havia odores repulsivos nas ruas, famílias enormes amontoadas em cômodos frios e vazios, a fome e a doença espiavam de cada par de olhos. Diversos pais negociavam com a carne estragada que o governo proibira de ser vendida nos mercados regulares. Vincent encontrou famílias tremendo em seus trapos, jantando sobras, pão velho e carne pútrida. Escutava as suas histórias de privações e miséria até o anoitecer.

Recebera com agrado a perspectiva de uma viagem a Londres, pois isso lhe proporcionaria a oportunidade de passar pela casa de Ursula na volta. Mas os cortiços de Whitechapel afastaram-na de sua mente e esqueceu de pegar a estrada através de Clapham. Voltou a Isleworth sem levar sequer uma moeda de bronze para o Sr. Jones.

Numa noite de quinta-feira, durante os serviços, o ministro inclinou-se para o seu coadjutor, simulando fadiga.

— Estou me sentindo extremamente cansado esta noite, Vincent. Você vem escrevendo sermões há algum tempo, não é mesmo? Pois vamos ouvir um deles. Quero saber que tipo de ministro você dará.

Vincent subiu ao púlpito, tremendo. O rosto ficou vermelho e não sabia o que fazer com as mãos. A voz estava rouca, hesitante. Teve de rebuscar a memória em procura das frases impecáveis e sonoras que pusera no papel. Mas sentiu que seu espírito aflorava através das palavras entrecortadas e dos gestos desajeitados.

— Foi muito bom, Vincent — disse o Sr. Jones. — Eu o mandarei para Richmond na próxima semana.

Era um dia claro de outono e uma aprazível caminhada de Isleworth a Richmond, ao longo do Tâmisa. O céu azul e os frondosos castanheiros, com suas folhas amareladas, espelhavam-se na água. As pessoas de Richmond haviam escrito ao Sr. Jones para dizer que gostavam do jovem pregador holandês. Por isso, o bom homem resolvera dar uma oportunidade a Vincent. A igreja do Sr. Jones em Turnham Green era importante, a congregação grande e crítica. Se Vincent fosse capaz de oferecer um bom sermão ali, estaria qualificado para pregar de qualquer púlpito.

Vincent escolheu como seu texto o Salmo 119:19: “Sou um estranho na terra: não me esconda os vossos mandamentos.” Falou com fervor e simplicidade. Sua juventude, seu ardor, sua força desajeitada, a cabeça enorme e os olhos penetrantes, tudo teve um efeito tremendo sobre a congregação.

Muitos se adiantaram para agradecer a mensagem. Vincent apertou-lhes as mãos e sorriu-lhes, atordoado. Assim que todos se retiraram, ele deixou a igreja pela porta dos fundos e pegou a estrada para Londres.

Caiu uma tempestade. Ele esquecera o chapéu e o capote. O Tâmisa estava amarelado, especialmente perto da margem. Havia uma claridade intensa no horizonte e por cima se acumulavam imensas nuvens cinzentas, das quais a chuva caía enviesada. Vincent se achava completamente encharcado, mas continuou em frente assim mesmo, numa velocidade inebriante.

Finalmente era bem-sucedido! Tinha um triunfo para apresentar a Ursula, partilhar com ela.

A chuva se lançava com toda força sobre a estrada de terra e balançava as moitas de piriteiros. A distância surgiu uma cidadezinha que parecia uma gravura de Durer, com suas torrinhas, moinhos, telhados de ardósia e casas construídas no estilo gótico.

Vincent continuou a seguir para Londres, a água escorrendo pelo rosto,

encharcando as botinas. A tarde já ia chegando ao fim quando alcançou a casa das Loyers. O crepúsculo era cinzento e sombrio. A alguma distância, ouviu o som de música, de violinos, especulou o que estaria acontecendo. Todos os cômodos da casa se achavam iluminados.

Diversas carruagens estavam paradas ali, sob a chuva. Vincent divisou pessoas dançando na sala de visitas. Um velho cocheiro sentava em sua boleia, abrigado sob um enorme guarda-chuva.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou-lhe Vincent.

— Acho que é um casamento.

Vincent encostou-se na carruagem, os cabelos ruivos escorrendo por seu rosto. A porta abriu-se depois de algum tempo. Ursula e um homem alto e esguio ficaram emoldurados. A multidão na sala saiu para a varanda, rindo, gritando, jogando arroz.

Vincent retirou-se para o lado escuro da carruagem. Ursula e o marido embarcaram. O cocheiro estalou o chicote por cima dos cavalos.

Partiram, lentamente. Vincent deu alguns passos para a frente, comprimiu o rosto contra a janela, por onde a água escorria. Ursula estava nos braços do homem, a boca colada na dele. A carruagem se afastou.

Alguma coisa se partiu dentro de Vincent, um rompimento sonoro e inequívoco. O encantamento acabara. Ele não sabia que podia ser tão fácil.

Voltou a lsleworth, sob a chuva incessante, pegou as suas coisas e deixou a Inglaterra para sempre.

Livro Um

A BORINAGE

Mineiros (1879)

1

O Vice-Almirante Johannes Van Gogh, o oficial mais graduado da Marinha Holandesa, estava parado na *stoep* de sua residência espaçosa e gratuita, nos fundos do Estaleiro Naval. Em homenagem à chegada do sobrinho, ele vestira O uniforme de gala; uma dragona dourada se empoleirava em cada ombro. Por cima do resoluto queixo de Van Gogh se projetava um nariz forte e reto, que se encontrava com o penhasco convexo da testa.

— Sinto-me contente por tê-lo aqui, Vincent — disse ele. — A casa está muito quieta, agora que meus filhos já casaram.

Subiram um lance de escada largo. Tio Jan abriu uma porta. Vincent entrou no quarto e pôs a mala no chão. Uma janela grande dava para o estaleiro. Tio Jan sentou na beira da cama e tentou parecer tão informal quanto o uniforme de gala lhe permitia.

— Fiquei satisfeito ao saber que você resolvera estudar para o ministério — comentou ele. — Um membro da família Van Gogh sempre se dedicou ao trabalho de Deus.

Vincent pegou o cachimbo e meticulosamente encheu o fornilho com tabaco; era um gesto que fazia com frequência, quando precisava de um momento a mais para pensar.

— Eu gostaria de ser um evangelista e começar a trabalhar imediatamente.

— Você não gostaria de ser um evangelista, Vincent. São homens incultos e só Deus sabe que tipo de teologia adulterada costumam pregar. Nada disso, meu rapaz. Os pastores Van Gogh sempre foram graduados da universidade. Mas tenho certeza de que você gostaria agora de se arrumar. O jantar será servido às oito horas.

Um instante depois que as costas largas do vice-almirante deixaram a porta, Vincent foi dominado por uma suave melancolia. Ele olhou ao redor.

A cama era larga e confortável, a cômoda espaçosa, a mesa de estudo baixa e convidativa. Mas ele sentia-se contrafeito, como acontecia na presença de estranhos. Ele pegou seu gorro, saiu de casa e atravessou rapidamente *o Dam.* Encontrou ali um livreiro judeu que oferecia lindas gravuras num caixão aberto. Depois de muita procura, Vincent selecionou treze peças, meteu-as debaixo do braço e voltou para casa, pela beira d'água, respirando o odor forte de alcatrão.

Enquanto pregava as gravuras, de leve, a fim de não estragar o tecido na parede, soou uma batida na porta. O reverendo Stricker entrou. Ele também era tio de Vincent, embora não fosse um Van Gogh; sua esposa e a mãe de Vincent

eram irmãs. Era um clérigo renomado em Amsterdam e todos o consideravam muito inteligente. O traje preto era do melhor material, elegantemente cortado.

Depois que foram trocados os devidos cumprimentos, o reverendo anunciou: — Consegui Mendes da Costa, um dos nossos melhores estudiosos das línguas clássicas, para lhe ensinar latim e grego. Sua casa fica no distrito judeu. Você irá até lá na tarde de segunda-feira, às três horas, para a sua primeira aula. Mas o motivo de minha vinda aqui foi convidá-lo para o nosso almoço dominical amanhã. Sua tia Wilhelmina e a prima Kay estão ansiosas em vê-lo.

— Terei o maior prazer. A que horas devo chegar?

— Almoçamos ao meio-dia, depois do meu último serviço pela manhã.

— Por favor, apresente meus respeitos à sua família — disse Vincent, enquanto o reverendo Stricker pegava seu chapéu preto.

— Até amanhã — disse o tio, retirando-se em seguida.

2

A Keizersgracht, onde a família Stricker residia, era uma das mais aristocráticas ruas de Amsterdam. Era o quarto bulevar em formato de ferradura, acompanhando o canal, começando no lado sul da enseada, passando pelo centro e voltando à enseada pelo lado norte. Era um canal limpo, de águas claras, importante demais para ser coberto pelo *kroos, o* misterioso musgo verde que por centenas de anos formara uma superfície espessa sobre os canais dos distritos mais pobres.

As casas ao longo da rua são no mais puro estilo flamengo, estreitas, bem construídas, unidas, uma longa sucessão de empertigados soldados puritanos, em posição de sentido.

No dia seguinte, depois de escutar o sermão de tio Stricker, Vincent foi para a casa do reverendo. Um sol forte dissipara as nuvens cinzentas que flutuam eternamente nos céus holandeses e por alguns momentos o ar era luminoso. Vincent estava adiantado. Foi andando devagar, pensativo, observando, os barcos no canal sendo puxados rio acima, contra a correnteza.

Eram quase todos chatos, retangulares, exceto pelas extremidades afiladas, de um preto desbotado pela água, com enormes espaços vazios no centro para a carga. Varais compridos se estendiam da proa à popa, em que a roupa da família estava pendurada para secar. O pai enfiava a sua vara comprida na lama, ajeitava-a no ombro e descia pelo passadiço, em ângulos tortuosos, enquanto o barco deslizava por baixo. A esposa, uma mulher corpulenta, de rosto vermelho, sentava impassível na popa, manejando o leme de madeira. As crianças brincavam com o cachorro e a intervalos de poucos minutos desciam correndo para a cabine, que era seu lar.

A casa do reverendo Stricker era de arquitetura flamenga típica, estreita, três andares, uma torre retangular por cima, contendo a janela do sótão e decorada com arabescos. Um mastro se projetava da janela do sótão, com um comprido gancho de ferro na extremidade.

Tia Wilhelmina recebeu Vincent efusivamente e levou-o para a sala de jantar. Um retrato de Calvino, de autoria de Ary Scheffer, estava pendurado na parede, um serviço de prata brilhava no aparador. As paredes eram revestidas com uma madeira escura.

Antes que Vincent se acostumasse à escuridão habitual da sala, uma moça alta e graciosa emergiu das sombras e cumprimentou-o afetuosamente.

— É claro que você não poderia me reconhecer — disse ela, a voz suave —

mas sou sua prima Kay.

Vincent apertou a mão estendida, sentindo a carne macia e quente de uma moça pela primeira vez em muitos meses.

— Nunca nos encontramos — acrescentou a moça, num tom de intimidade — o que é bastante curioso, já que eu estou com 26 anos e você...

Vincent fitou-a em silêncio. Um bom tempo se passou antes que ele compreendesse que havia necessidade de uma resposta. A fim de compensar a sua estupidez, disse impulsivamente, em voz alta e áspera: — Tenho 24 anos. Sou mais moço do que você.

— Ahn... Mas creio que não é tão estranho assim, no final das contas. Você nunca visitou Amsterdam e eu nunca estive em Brabant. Mas estou sendo uma péssima anfitriã. Não quer sentar?

Vincent sentou rígido na beira de uma cadeira. Numa metamorfose insólita e rápida, que o fez passar de um rude e desajeitado rapaz do interior para um cavalheiro refinado, ele disse: — A mãe frequentemente desejou que você fosse nos visitar. Acho que Brabant a agradaria. A região é muito *sympa*.

— Sei disso. Tia Anna escreveu para me convidar várias vezes. E devo fazer uma visita muito em breve.

— Deve mesmo.

Era somente uma parcela remota da mente de Vincent que ouvia e respondia. O resto absorvia a beleza de Kay, com a sede insaciável de um homem que bebeu por tempo demais no poço do celibato. Kay possuía as feições vigorosas das mulheres holandesas, só que haviam sido aparadas, cinzeladas a proporções delicadas. Os cabelos não eram o louro do milho nem o vermelho intenso de suas conterrâneas, mas sim uma mistura insólita, em que o fogo de um absorvera a claridade do outro, criando um efeito insinuante e irresistível. Ela protegera a pele do vento e do sol; a brancura do queixo se misturava com o rubor das faces, com todo o talento que um mestre holandês demonstraria. Os olhos eram de um azul profundo, brilhando com a alegria da vida; a boca, de lábios cheios, se mantinha ligeiramente entreaberta, como se fosse por sua aceitação. Ela percebeu o silêncio de Vincent e perguntou:

— Em que está pensando, primo? Parece preocupado.

— Pensava que Rembrandt teria gostado de pintá-la.

Kay riu baixinho, o som exuberante subindo pela garganta.

— Rembrandt só gostava de pintar mulheres velhas e feias, não é mesmo?

— Não foi bem assim — respondeu Vincent. — Ele pintou lindas velhas, mulheres que eram pobres ou de alguma forma infelizes, mas que através do sofrimento adquiriram uma alma.

Kay olhou realmente para Vincent pela primeira vez. Observara-o apenas

casualmente quando ele entrara, notando a cabeleira vermelha e o rosto um tanto rude. Agora ela percebeu a boca cheia, os olhos fundos e ardentes, a testa alta e simétrica dos Van Goghs, o queixo saliente, ligeiramente esticado em sua direção.

— Perdoe-me por ser estúpida — disse ela, quase num sussurro. — Entendo perfeitamente o que quis dizer a respeito de Rembrandt. Ele obteve a verdadeira essência da beleza ao pintar os velhos encarquilhados, que exibem o sofrimento e a derrota esculpidos em seus rostos.

— Sobre o que estão conversando de maneira tão séria, crianças? — indagou o reverendo Stricher, da porta.

— Estamos nos conhecendo — respondeu Kay. — Por que não disse que eu tinha um primo tão simpático?

Outro homem entrou na sala, esbelto, um sorriso tranquilo, atitude suave. Kay levantou-se e beijou-o.

— Primo Vincent, este é meu marido, Mijnheer Vos.

Ela saiu da sala e voltou pouco depois, trazendo um menino de dois anos, irrequieto, rosto pensativo, os olhos azuis da mãe. Kay abaixou-se e pegou o menino no colo. Vos passou o braço pelos dois.

— Não quer sentar neste lado da mesa comigo, Vincent? — perguntou tia Wilhelmina.

Em frente a Vincent, com Vos num lado e Jan no outro, sentou-se Kay. Ela esquecera Vincent agora que o marido se achava em casa. A cor se aprofundou em suas faces. Em determinado momento, o marido disse alguma coisa, em voz baixa, incisiva. Ela inclinou-se prontamente e beijou-o.

As ondas vibrantes do amor entre os dois se projetaram e envolveram Vincent. Pela primeira vez desde aquele fatídico domingo, a angústia antiga por Ursula aflorou de alguma fonte misteriosa no fundo de seu coração e inundou as defesas externas de seu corpo e cérebro. A pequena família à sua frente, com sua união intensa e afeição alegre, proporcionou-lhe a compreensão de que estivera faminto, desesperadamente faminto por amor, durante todos aqueles meses extenuantes... e que essa era uma fome que não se destruía facilmente.

3

Vincent despertava pouco antes do nascer do sol, todas as manhãs, para ler a Bíblia. Quando o sol surgia, por volta das cinco horas da manhã, ele ia até a janela, que dava para o Estaleiro Naval, ficava observando os trabalhadores passarem pelo portão, uma fila comprida e irregular de vultos escuros. Pequenos vapores navegavam de um lado para outro do Zuider Zee; a distância, perto da aldeia no outro lado do Y, podia divisar velas marrons, em rápido movimento.

Depois que o sol se levantava inteiramente e dissipava a neblina sobre a pilha de madeira, Vincent deixava a janela, comia um pão e tomava um copo de cerveja, depois sentava para um esforço de sete horas com o latim e o grego.

Depois de quatro ou cinco horas de concentração, a cabeça tornava-se pesada; frequentemente parecia arder e seus pensamentos eram confusos. Não sabia como podia perseverar no estudo simples e regular, depois de tantos anos emocionais. Martelava as regras na cabeça até que o sol já estava descendo pelo outro lado do céu e era o momento de partir para a aula com Mendes da Costa. Passava pelo Buitenkant, contornava a Capela Oudezyds, a Igreja Velha e a Igreja Sul, percorria ruas sinuosas, com forjas, tanoeiros e oficinas de litografia.

Mendes fazia Vincent se lembrar da *Imitação de Cristo,* por Ruyperez. Era o tipo clássico de judeu, com olhos profundos e cavernosos, um rosto fino, encovado, espiritual, a barba pontuda dos primeiros rabinos.

Era bastante quente no distrito judeu no meio da tarde; Vincent, empanturrado de sete horas de grego e latim, mais algumas horas de história holandesa e gramática, conversava com Mendes sobre litografias.

Um dia ele levou ao professor o estudo de *Um Batismo,* de Maris.

Mendes levantou *Um Batismo* com os dedos compridos e afilados, deixando que nele incidisse a luz do sol empoeirada, que entrava pela janela alta.

— É muito bom — comentou ele, em sua voz judia gutural. — Capta alguma coisa do espírito da religião universal.

A fadiga de Vincent desvaneceu-se no mesmo instante. Ele se lançou a uma descrição entusiástica da arte de Maris. Mendes sacudiu a cabeça imperceptivelmente. O reverendo Stricker estava lhe pagando um bom dinheiro para instruir Vincent em latim e grego.

— Vincent — disse ele, suavemente — Maris é muito bom, mas o tempo passa depressa e é melhor continuarmos com os nossos estudos, está bem?

Vincent podia compreender. Voltando para casa, depois de duas horas de aula, ele parava por um momento diante das casas em que carpinteiros e

aprovisionadores dos navios trabalhavam. As portas se abriam diante de uma enorme adega e homens 1,3m lampiões circulavam apressadamente de um lado para outro, pelo interior escuro.

Tio Jan foi passar uma semana em Helvoort. Sabendo que Vincent estava sozinho, na casa enorme por trás do Estaleiro Naval, Kay e Vos foram até lá uma tarde, a fim de buscá-lo para o jantar.

— Você deve ir jantar conosco todas as noites até tio Jan voltar — disse-lhe Kay. — E a mãe pergunta se não quer almoçar conosco todos os domingos, depois do serviço.

Terminado o jantar, a família começou a jogar cartas. Como não sabia jogar, Vincent foi sentar-se num canto sossegado e ficou lendo "Histoire des Croisades", de August Gruson. Do seu canto, podia observar Kay e as mudanças de seu sorriso fácil e provocante. Ela se levantou da mesa e aproximou-se.

— O que está lendo, primo Vincent?

Ele informou e depois acrescentou: — É um ótimo livro. Eu quase que poderia dizer que foi escrito com o sentimento de Thys Maris.

Kay sorriu. Ele estava sempre fazendo aquelas pequenas e engraçadas alusões literárias.

— Por que Thys Maris?

— Leia isto e veja se não parece uma tela de Maris, quando o autor descreve um velho castelo num rochedo, o bosque de outono ao crepúsculo, os campos escuros em primeiro plano e um camponês que ara a terra com seu cavalo branco.

Enquanto Kay lia, Vincent puxou uma cadeira paia ela. Quando fitou-o, Kay tinha uma expressão pensativa a obscurecer os olhos azuis.

— Tem razão, primo Vincent, é igual a Thys Maris. O escritor e o pintor usam os seus próprios meios para expressarem o mesmo pensamento.

Vincent pegou o livro e correu o dedo pela página ansiosamente.

— Esta linha poderia ter saído diretamente de Michelet ou Carlyle.

— Para um homem que passou tão pouco tempo em salas de aula, primo Vincent, até que você é surpreendentemente instruído. Ainda lê muitos livros?

— Não. Bem que gostaria, mas não posso. É verdade que não preciso muito, pois todas as coisas se encontram na palavra de Cristo... mais perfeitas e mais belas do que em qualquer outro livro.

— Oh, Vincent, isso é tão contrário a você! — exclamou Kay, levantando-se abruptamente.

Vincent fitou-a com uma expressão aturdida.

— Acho que você é muito mais simpático quando encontra Thys Maris na "Histoire des Croisades"... embora o pai diga que deva se concentrar e não

pensar absolutamente nessas coisas... do que quando fala como um clérigo enfadonho e provinciano.

Vos aproximou-se nesse instante.

— Já demos as cartas, Kay.

Ela fitou por um instante os carvões em brasa sob as sobrancelhas salientes de Vincent, depois pegou o braço do marido e foi juntar-se aos outros jogadores à mesa.

4

Mendes da Costa sabia que Vincent gostava de conversar com ele sobre os aspectos mais gerais da vida. Assim, várias vezes por semana, ele arrumava pretextos para acompanhá-lo de volta ao centro da cidade, depois que as aulas acabavam.

Um dia ele levou Vincent por uma parte interessante da cidade, estendendo-se do Leidsche Poort, perto do Parque Vondel, até a estação ferroviária. Continha muitas serrarias, chalés de trabalhadores com pequenos jardins. Era uma área bastante populosa, cortada por muitos canais.

— Deve ser uma coisa esplêndida ser um clérigo num distrito como este — comentou Vincent.

— Tem razão — respondeu Mendes, enchendo o cachimbo e depois passando a bolsa de tabaco para Vincent. — Estas pessoas precisam de Deus e da religião mais do que os nossos amigos no centro.

Estavam atravessando nesse momento uma pequena ponte de madeira que quase podia ser japonesa. Vincent parou e indagou: — O que está querendo dizer, Mijnheer?

— Esses trabalhadores levam uma vida árdua — disse Mendes, com um gesto amplo do braço. — Quando a doença surge, eles não têm dinheiro para o médico. A comida de amanhã provém do trabalho de hoje... e um trabalho muito pesado, diga-se de passagem. Como pode constatar, suas casas são pequenas e pobres. Vivem sempre a um passo da privação e penúria totais. Fizeram um mau negócio com a vida e precisam do pensamento de Deus para confortá-los.

Vincent acendeu seu cachimbo e largou o fósforo no pequeno canal que passava por baixo.

— E as pessoas lá no centro?

— Dispõem de boas roupas para vestir, posições seguras, dinheiro guardado para qualquer adversidade. Quando pensam em Deus, é como um cavalheiro idoso e próspero, bastante satisfeito consigo mesmo pela maneira maravilhosa como as coisas estão correndo aqui na terra. — Em suma — comentou Vincent — são tacanhas. — Mas eu não disse isso! — exclamou Mendes. — É verdade. Eu é que estou dizendo.

Naquela noite, Vincent abriu os livros de grego à sua frente e depois ficou olhando para a parede no lado oposto por um longo tempo. Lembrou os cortiços de Londres, a miséria sórdida e desesperadora; lembrou o seu desejo de se tornar um evangelista e ajudar os pobres. A imagem da igreja de tio Stricker projetou-

se em sua mente. A congregação era próspera, educada, sensível às melhores coisas da vida e perfeitamente capaz de adquiri-las. Os sermões de tio Stricker eram lindos e confortadores. Mas quem em sua congregação precisava de conforto?

Seis meses haviam transcorrido desde que chegara a Amsterdam.

Estava finalmente começando a compreender que o trabalho árduo não passa de um substituto deficiente para a capacidade natural. Empurrou para o lado os livros de línguas e abriu o de álgebra. À meia-noite tio Jan entrou no quarto.

— Vi a luz acesa por baixo da porta, Vincent. E o vigia me disse que você estava andando pelo estaleiro às quatro horas da madrugada. Por quantas horas tem estudado todos os dias?

— Varia. Entre dezoito e vinte horas.

— Vinte!

Tio Jan sacudiu a cabeça, a apreensão se tornando mais perceptível em seu rosto. Era difícil para o vice-almirante ajustar-se ao pensamento de fracasso na família Van Gogh.

— Não deve precisar de tanto tempo, Vincent. — Preciso realizar o meu trabalho, tio Jan. Tio Jan franziu as sobrancelhas espessas.

— Seja como for, prometi a seus pais que cuidaria de você. Portanto, faça o favor de se deitar agora. E, no futuro, não estude até tão tarde.

Vincent empurrou os exercícios para o lado. Não precisava de sono; não precisava de amor, simpatia ou prazer. Precisava apenas aprender o grego e o latim, álgebra e gramática, a fim de ser aprovado nos exames, entrar na universidade, tornar-se um ministro e realizar a obra prática de Deus neste mundo.

5

Em maio, um ano depois de chegar a Amsterdam, Vincent começou a compreender que sua inaptidão para a educação formal haveria finalmente de derrotá-lo. Não se tratava de uma declaração de fato, mas de uma confissão de derrota. Mas cada vez que uma parte do seu cérebro formulava essa convicção, ele mobilizava todo o resto da mente para sufocar a admissão no trabalho extenuante.

Se fosse uma questão simples da dificuldade do trabalho e de sua inaptidão manifesta, Vincent não ficaria muito perturbado. Mas a questão que o atormentava, dia e noite, era outra: "Queria se tomar um clérigo tão elegante e hábil como tio Stricker?" O que aconteceria a seu ideal de serviço pessoal aos pobres, doentes, oprimidos, se só pensasse em declinações e fórmulas durante os próximos cinco anos?

Uma tarde, ao final de maio, depois de terminar a aula com Mendes, Vincent indagou:

— Mijnheer da Costa, poderia arrumar tempo para dar uma volta comigo?

— Claro. Eu planejara mesmo fazer um pequeno passeio. O ar fica mais claro depois das chuvas. Terei o maior prazer em acompanhá-lo.

Ele agasalhou o pescoço com uma echarpe de lã, dando muitas voltas, vestiu um casaco preto. Os dois homens saíram para a rua, passando pela sinagoga em que Baruch Spinoza fora excomungado, mais de três séculos antes. Alguns quarteirões adiante, passaram pela antiga casa de Rembrandt, na Zeestraat.

— Ele morreu na miséria e desgraça — comentou Mendes, em tom normal, ao passarem pela casa muito velha.

Vincent levantou os olhos abruptamente para fitá-lo. Mendes tinha o hábito de abrir o próprio coração de um problema antes mesmo que alguém sequer o mencionasse. Havia uma profunda flexibilidade naquele homem; as coisas que se diziam pareciam mergulhar em profundezas insondáveis para a necessária consideração. Com tio Jan e tio Stricker, as palavras atingiam um muro sólido e ricocheteavam depressa à melodia de sim! ou não! Mendes sempre mergulhava o pensamento da outra pessoa no poço profundo de sua sabedoria suave, antes de devolvê-lo.

— Mas ele não morreu infeliz — respondeu Vincent.

— Não, não morreu infeliz. Expressara-se plenamente e conhecia o valor do que fizera. Foi o único do seu tempo a compreender.

— Então o fato de saber endireitava tudo para ele? E se ele estivesse

enganado? E se o mundo à época estivesse certo ao negligenciá-lo?

— O que o mundo pensava não fazia muita diferença. Rembrandt tinha de pintar. Se pintava bem ou mal, não importava. Pintar era a atividade que o mantinha firme como um homem. O principal valor da arte, Vincent, está na expressão que proporciona o artista. Rembrandt cumpriu o que sabia ser o seu propósito na vida; isso o justificava. Mesmo que seu trabalho não tivesse qualquer valor, ele seria mil vezes mais bem-sucedido do que se tivesse reprimido o seu desejo e se tomasse o mercador mais rico de Amsterdam.

— Entendo.

— O fato da obra de Rembrandt proporcionar hoje alegria ao mundo inteiro é irrelevante — continuou Mendes, prosseguindo em seu raciocínio. — Sua vida fora completa e bem-sucedida quando ele morreu, embora tenha sido perseguido até a sepultura. O livro de sua vida fechou nesse momento e era um volume extraordinário. A virtude de sua perseverança e lealdade à sua ideia é que era importante, não a qualidade de sua obra.

Eles pararam por um momento, a fim de observar homens trabalhando com carroças de areia. Depois continuaram, por muitas ruas estreitas, passando por jardins cheios de hera.

— Mas como um jovem pode escolher certo, Mijnheer? E se ele pensa que há algo especial que deve fazer com sua vida, mas depois descobre que não está absolutamente capacitado para isso?

Mendes levantou o queixo da gola do casaco, os olhos brilhando intensamente.

— Olhe só, Vincent, como o pôr-do-sol está lançando um clarão avermelhado sobre aquelas nuvens cinzentas!

Eles chegaram ao porto. Os mastros dos navios e as casas antigas e árvores à beira d'água sobressaíam contra a cor, tudo se refletindo no Zee.

Mendes tornou a encher seu cachimbo e estendeu a bolsa para Vincent.

— Já estou fumando, Mijnheer.

— Ah, é verdade... Vamos andar pelo dique do Zee até o cemitério da sinagoga? Poderemos sentar por um momento no lugar em que a minha gente está enterrada.

Eles foram andando em silêncio amistoso, o vento soprando a fumaça por cima de seus ombros.

— Nunca se pode ter certeza de qualquer coisa durante todo o tempo, Vincent — comentou Mendes, depois de algum tempo. — Só se pode ter a coragem e a força para fazer o que se julga certo. Pode descobrir depois que era errado, mas pelo menos tentou e isso é o mais importante. Devemos agir de acordo com os melhores ditames da nossa razão e deixar que Deus julgue o seu

valor final. Se tem certeza neste momento de que quer servir a nosso criador, de uma forma ou de outra, então essa fé é o único guia de que dispõe para o futuro. Não tenha medo de depositar toda a sua confiança nela.

— E se eu não estiver qualificado?

— Para servir a Deus?

Mendes virou-se para fitar Vincent com um sorriso indefinido.

— Não. Estou falando de qualificado para me tornar o tipo de clérigo acadêmico que a universidade produz.

Mendes não desejava dizer qualquer coisa sobre o problema específico de Vincent; queria apenas discutir os aspectos gerais e deixar que o rapaz chegasse pessoalmente a uma decisão. A esta altura, haviam alcançado o velho cemitério judeu. Era bastante simples, com lápides antigas, apresentando inscrições em hebraico, sabugueiros, uma relva escura aqui e ali. Havia um banco de pedra perto da área reservada à família Da Costa. Os dois homens sentaram-se ali, Vincent guardou o cachimbo. O cemitério estava deserto àquela hora, não se ouvia ninguém.

— Cada pessoa possui uma integridade, uma qualidade de caráter, Vincent — disse Mendes, olhando para as sepulturas de seu pai e sua mãe, lado a lado. — Se respeitá-la, o que quer que faça dará certo ao final. Se continuasse a ser um negociante de arte, a integridade que o torna o tipo de homem que é faria com que fosse um bom negociante de arte. O mesmo se aplica a seu ensinamento. Algum dia haverá de se expressar plenamente, não importa o meio que venha a escolher.

— E se eu não continuar em Amsterdam para me tornar um ministro profissional?

— Não tem importância. Voltará a Londres como um evangelista, trabalhará numa loja ou se tornará um camponês em Brabant. O que quer que faça, fará bem. Tenho sentido a qualidade do material que o torna um homem e sei que é bom. Muitas vezes em sua vida pode pensar que está fracassando, mas ao final saberá se exprimir e essa expressão justificará sua vida.

— Obrigado, Mijnheer da Costa. O que disse muito me ajuda.

Mendes estremeceu ligeiramente. O banco de pedra estava frio e o sol mergulhara no oceano. Ele levantou-se.

— Vamos embora, Vincent?

6

No dia seguinte, enquanto o crepúsculo se adensava, Vincent ficou parado junto à janela que dava para o estaleiro. A pequena avenida de choupos, contornos esguios e galhos finos, sobressaía contra o céu cinzento.

— Porque não tenho uma educação formal, isso significa que não posso ter qualquer utilidade para o mundo? — indagou ele a si mesmo. — Afinal, o que o latim e o grego têm a ver com o amor por nossos semelhantes?

Tio Jan apareceu no estaleiro lá embaixo, fazendo a sua ronda. A distância, Vincent podia divisar os mastros dos navios nas docas, tendo à frente *o Atjeh.*

— O que eu sempre quis fazer foi a obra prática de Deus, não desenhar triângulos e círculos. Jamais desejei ter uma grande igreja e pregar sermões refinados. Meu lugar é com os humildes e sofredores. *Agora, não daqui a cinco anos!*

O sino tocou nesse momento e os trabalhadores começaram a se encaminhar para o portão. O acendedor de lampiões apareceu para iluminar todos os que havia no estaleiro. Vincent afastou-se da janela.

Compreendia que o pai, tio Jan e tio Stricker haviam gasto muito tempo e dinheiro com ele durante o último ano. E considerariam que tudo fora inteiramente desperdiçado se ele desistisse.

Ele bem que tentara, honestamente. Não podia estudar mais do que vinte horas por dia. Era obviamente inapto para a vida de estudo.

Começara muito tarde. Se partisse amanhã como um evangelista, trabalhando para o povo de Deus, isso seria um fracasso? Se curasse o doente, confortasse o exausto, consolasse o pecador e convertesse o descrente, ainda assim seria o fracasso?

A família diria que sim. Ficaria convencida de que ele nunca poderia ter sucesso, que era imprestável e ingrato, a ovelha negra dos Van Goghs.

— O que quer que faça — dissera Mendes — fará bem. Ao final, saberá se exprimir e essa expressão justificará sua vida.

Kay, que compreendia tudo, já o surpreendera nos primórdios de um clérigo de mentalidade estreita. É verdade, era isso que se tomaria, se permanecesse em Amsterdam, onde a verdadeira voz tornava-se mais e mais fraca, a cada dia que passava. Vincent sabia que seu lugar era no mundo e Mendes lhe proporcionara a coragem para partir. A família o desprezaria, mas isso parecia não ter mais qualquer importância. Sua própria posição era muito pouca para renunciar por Deus.

Ele arrumou a mala rapidamente e deixou a casa sem se despedir.

7

O Comitê Belga de Evangelização, formado pelos reverendos van den Brink, de Jong e Pietersen, estava abrindo uma nova escola em Bruxelas, onde o ensino seria gratuito e os estudantes pagariam apenas uma pequena quantia por casa e comida. Vincent procurou o comitê e foi aceito como um discípulo.

— Ao final de três meses — disse o reverendo Pietersen — nós o designaremos para trabalhar em algum lugar da Bélgica.

— Desde que ele se habilite a isso — acrescentou solenemente o reverendo de Jong, virando-se para Pietersen.

De Jong, perdera um polegar num trabalho mecânico quando jovem e fora isso que o desviara para a teologia.

— O que se deseja no trabalho evangélico, Monsieur Van Gogh — disse o reverendo van den Brink — é o talento para oferecer ao povo preleções populares e atraentes.

O reverendo Pietersen acompanhou Vincent até a porta da igreja em que se realizara a reunião. Ao saírem para o sol ofuscante de Bruxelas, pegou-o pelo braço e disse:

— Fico contente que esteja conosco, meu rapaz. Há muito trabalho a se realizar na Bélgica e por seu entusiasmo eu diria que está altamente qualificado para fazê-lo.

Vincent não sabia o que o esquentava mais, se o sol forte ou a bondade inesperada do homem. Foram descendo pela rua, entre precipícios de prédios de seis andares, construídos com pedra. Vincent esforçava-se para encontrar uma resposta adequada quando o reverendo Pietersen estacou abruptamente.

— É aqui que eu o deixo. Fique com o meu cartão e se tiver uma noite de folga apareça para uma visita. Terei o maior prazer em conversar com você.

Havia apenas três discípulos, incluindo Vincent, na escola evangélica. Foram entregues aos cuidados de Mestre Bokma, um homem pequeno e vigoroso, com um rosto côncavo; um fio de prumo caindo da testa ao queixo não encostaria nos lábios ou nariz.

Os dois companheiros de Vincent eram rapazes do campo, ambos com dezenove anos. Tornaram-se imediatamente bons amigos e, para consolidar a amizade, passaram a escarnecer de Vincent.

— Meu objetivo é me humilhar, *mourir à moi-même* — confessou Vincent a um deles, num dos primeiros momentos, descuidado.

Sempre que o encontravam a se esforçar para memorizar uma preleção em

francês ou se angustiando com algum manual acadêmico, eles indagavam:

— O que está fazendo, Van Gogh? Morrendo dentro de si mesmo?

Mas foi com Mestre Bokma que Vincent teve mais dificuldade. O mestre queria ensiná-los a se tornarem bons oradores; todas as noites, em casa, eles deviam preparar uma preleção que seria apresentada em aula no dia seguinte. Os dois rapazes preparavam mensagens juvenis insossas e recitavam-nas fluentemente. Vincent trabalhava lentamente os seus sermões, despejando o coração inteiro em cada frase. Sentia profundamente o que tinha a dizer e quando se levantava na aula as palavras não saíam com facilidade.

— Como pode esperar se tomar um evangelista, Van Gogh — indagava Bokma — quando nem sequer sabe falar? Quem o escutará?

O clímax da ira de Bokma ocorreu quando Vincent recusou-se taxativamente a proferir seus sermões *extempore*. Ele trabalhava pela noite adentro para tornar suas composições significativas, escrevendo cada palavra num francês meticuloso e preciso. Durante a aula, no dia seguinte, os dois rapazes falaram sem qualquer profundidade sobre Jesus Cristo e a salvação, consultando suas anotações uma ou duas vezes, enquanto Bokma acenava com a cabeça em aprovação. E depois chegou a vez de Vincent.

Ele abriu o sermão escrito à sua frente e começou a ler. Bokma não quis sequer escutar.

— É assim que eles ensinam em Amsterdam, Van Gogh? Pois saiba que nenhum homem jamais deixou o meu curso sem ser capaz de falar de improviso e comover sua audiência!

Vincent tentou, mas não conseguiu lembrar a sequência devida de todas as coisas que escrevera na noite anterior. Os colegas riram abertamente de suas tentativas ineptas e Bokma acompanhou-os. Os nervos de Vincent estavam distendidos, a ponto de partirem, do ano que passara em Amsterdam.

— Mestre Bokma, eu farei os meus sermões da maneira como julgar conveniente. Meu trabalho é bom e me recuso a submetê-lo a seus insultos!

Bokma ficou indignado e gritou: — Fará o que estou mandando ou não permitirei que entre em minha sala!

Houve guerra aberta entre os dois homens desse momento em diante.

Vincent produzia quatro vezes mais sermões do que lhe era pedido, pois não conseguia dormir à noite, de nada adiantando se deitar. Perdeu o apetite, tornou-se magro e nervoso.

Em novembro foi chamado à igreja para se encontrar com o comitê e receber sua designação. Finalmente todos os obstáculos em seu caminho haviam sido removidos e ele sentia uma satisfação exausta. Os dois colegas já se encontravam presentes quando ele chegou. Pietersen não o fitou ao entrar. Mas

Bokma virou-se para ele, com um brilho estranho nos olhos.

O reverendo de Jong deu parabéns aos rapazes por seu trabalho bem-sucedido e comunicou onde serviriam, Hoogstraeten e Etiehove. Os dois saíram de braços dados.

— Monsieur Van Gogh — continuou De Jong — o comitê não foi capaz de convencer-se de suas condições para levar a palavra de Deus ao povo. Lamento informar que não podemos lhe oferecer qualquer posição.

Depois do que pareceu um longo tempo, Vincent perguntou: — O que houve de errado com o meu trabalho?

— Não quis se submeter à autoridade. A primeira regra da nossa Igreja é a obediência absoluta. Além disso, não foi capaz de aprender a falar *extempore.* Seu mestre acha que não está qualificado para pregar.

Vincent virou-se para o reverendo Pietersen, mas seu amigo olhava pela janela.

— O que vou fazer? — indagou ele, sem se dirigir a ninguém em particular.

— Pode voltar à escola por outros seis meses, se quiser — respondeu Van den Brink. — Talvez, ao final desse prazo...

Vincent baixou os olhos para suas botinas grosseiras, de bico quadrado. Notou que o couro começava a rachar. Depois, como não podia pensar em absolutamente nada para dizer, virou-se e saiu em silêncio.

Avançou rapidamente pelas ruas da cidade e descobriu-se em Laeken. Sem saber por que andava, foi seguindo pelo caminho de sirga, com suas oficinas movimentadas. Não demorou muito para que deixasse as casas para trás e se encontrasse em campo aberto. Um velho cavalo branco, magro e cansado de uma vida de trabalho árduo, estava parado ali. Era um lugar solitário e desolado. Havia no chão um crânio e a alguma distância o esqueleto esbranquiçado de um cavalo, perto da cabana de um homem que esfolava cavalos.

Alguma sensação predominou sobre o torpor e Vincent pegou o cachimbo, consternado. Encostou um fósforo aceso no fumo. O gosto era estranhamente amargo. Ele sentou num tronco caído no campo. O velho cavalo branco aproximou-se, esfregou o focinho nas costas de Vincent. Ele virou-se e afagou o pescoço emaciado do animal.

Depois de algum tempo, aflorou em sua mente o pensamento de Deus. Ele sentiu-se confortado e disse a si mesmo: — Jesus manteve-se calmo na tempestade. Eu não estou sozinho, pois Deus não me abandonou. Algum dia, de alguma maneira, encontrarei um meio de servi-lo.

Quando voltou a seu quarto, Vincent encontrou o reverendo Pietersen à espera.

— Vim convidá-lo para jantar em minha casa, Vincent.

Eles foram andando pelas ruas apinhadas de trabalhadores seguindo para o jantar. Pietersen falou sobre coisas irrelevantes, como se nada tivesse acontecido. Vincent ouviu cada palavra que ele disse com uma terrível nitidez. Chegando à casa, Pietersen conduziu-o à sala da frente, que ele convertera num estúdio. Havia umas poucas aquarelas nas paredes e um cavalete num canto.

— Ah, você pinta... — murmurou Vincent. — Eu não sabia. Pietersen ficou embaraçado.

— Sou apenas um amador. Pinto um pouco nas horas vagas para relaxar. Mas não mencionaria isso a meus *confrères,* se fosse você.

Sentaram para jantar. Pietersen tinha uma filha, uma garota tímida e retraída de quinze anos que não levantou os olhos do prato uma única vez.

Pietersen continuou a falar de coisas sem a menor importância, enquanto Vincent se obrigava, por uma questão de polidez, a comer um pouco. E, subitamente, sua mente concentrou-se no que Pietersen dizia; não tinha a menor ideia de como o reverendo entrara no assunto.

— A Borinage é uma região mineira de carvão. Praticamente todos os homens do distrito descem às *charbonnages.* Trabalham entre milhares de perigos sempre presentes e o salário mal dá para manter corpo e alma unidos. Suas casas são barracos desmantelados, onde suas esposas e filhos passam a maior parte do ano tremendo de frio, febre e fome.

Vincent se perguntou por que o reverendo estaria lhe contando tudo isso.

— Onde fica a Borinage?

— No sul da Bélgica, perto de *Mons.* Passei recentemente algum tempo ali. E se algum povo precisa de alguém para pregar e confortar, Vincent, é justamente o Borains.

Vincent sentiu um bolo se formar em sua garganta, impedindo a passagem da comida. Ele baixou o garfo. Por que o reverendo Pietersen o torturava?

— Vincent, por que não vai para Borinage? Com sua força e entusiasmo, pode realizar ali um excelente trabalho.

— Mas como eu poderia ir? O comitê...

— Sei disso. Escrevi para seu pai outro dia, explicando a situação. Recebi uma resposta esta tarde. Ele diz que o sustentará em Borinage até que você possa obter uma posição oficial.

Vincent levantou-se de um pulo.

— Então vai conseguir minha designação?

— Vou, sim. Mas preciso de algum tempo. Quando o comitê constatar o trabalho esplêndido que você realizará, tenho certeza de que mudará de opinião. E mesmo que isso não aconteça... De Jong e Van der Brink me pedirão algum favor um dia desses e em troca... Os pobres deste país precisam de homens como

você, Vincent. E como Deus é meu juiz, quaisquer meios se justificam para levar você aos pobres!

8

Enquanto o trem avançava para o sul, algumas montanhas surgiram no horizonte. Vincent contemplou-as com prazer e alívio, depois da monotonia das planícies de Flandres. Estudava-as há apenas poucos minutos quando descobriu que eram montanhas insólitas. Cada uma se encontrava inteiramente isolada, erguendo-se da terra plana abruptamente, muito íngreme.

— Egito Negro — murmurou ao espiar pela janela para a longa fila de fantásticas pirâmides. Virando-se para o homem sentado a seu lado, Vincent perguntou: — Pode me explicar como essas montanhas apareceram aqui?

— Claro que posso. São compostas de *terril, o* refugo que é trazido do fundo da terra junto com o carvão. Está vendo aquele carrinho prestes a alcançar o topo da colina? Pois fique observando por mais um momento.

No momento mesmo em que o vizinho dizia isso, o carrinho virou de lado e despejou uma nuvem preta pela encosta abaixo.

— Aí está — acrescentou o homem. — É assim que elas crescem. Venho observando-as subirem pelo ar uma fração de centímetro a cada dia que passa, ,durante os últimos cinquenta anos.

O trem parou em Wasmes e Vincent desembarcou. A cidadezinha se situava na concavidade de um vale desolado; embora um sol anêmico brilhasse obliquamente, uma camada substancial de fumaça de carvão se interpunha entre Vincent e o céu. Wasmes subia pelo lado da colina em duas fileiras sinuosas de prédios imundos de tijolos vermelhos. Mas antes de chegar ao topo os tijolos desapareciam e começava Petit Wasmes.

Enquanto subia a ladeira comprida, Vincent se perguntou por que a aldeia estava tão deserta. Não se via um homem em qualquer parte; uma mulher ocasional se postava numa porta, com uma expressão apática e impassível.

Petit Wasmes era a aldeia dos mineiros. Podia se gabar de apenas uma construção de alvenaria, a casa do padeiro Jean-Baptiste Denis, que ficava bem no topo da colina. Foi para essa casa que Vincent seguiu, pois Denis escrevera para o reverendo Pietersen, oferecendo-se para alojar o próximo evangelista que fosse enviado para o povoado.

Madame Denis recebeu Vincent efusivamente, conduziu-o através da cozinha-padaria quente, com o cheiro de pão no fomo, mostrou-lhe seu quarto, um espaço pequeno sob o beiral, com uma janela dando para a Rue Petit Wasmes, caibros descendo num ângulo abrupto no fundo. O lugar fora limpo pelas mãos grossas e competentes de Madame Denis. Vincent gostou

imediatamente. Estava tão excitado que nem arrumou suas coisas.

Desceu logo os toscos degraus que levavam à cozinha e informou a Madame Denis que ia sair.

— Não esquecerá de voltar para o jantar, não é mesmo? — indagou ela.

— Comemos às cinco horas.

Vincent também gostou de Madame Denis. Sentia nela a natureza que compreende as coisas, sem se dar ao trabalho de pensar muito a respeito.

— Estarei aqui, Madame. Só quero dar uma olhada por aí.

— Temos um amigo que virá aqui esta noite e que você deve conhecer. Ele é capataz em Marcasse e pode lhe contar muitas coisas que vai querer saber para o seu trabalho.

Nevava intensamente. Enquanto descia pela ladeira, Vincent notou as sebes de espinheiros em tomo dos jardins e campos, escurecidas, quase pretas, da fumaça que saía pelas chaminés da mina. No lado leste da casa de Denis havia uma ravina profunda, na qual se localizava a maioria das cabanas dos mineiros; no outro lado se estendia um vasto campo aberto, com uma montanha preta de *terril* e as chaminés da *charbonnage* Marcasse, pela qual descia a maioria dos mineiros de Petit Wasmes. Além do campo havia uma estrada côncava, invadida por espinheiros e pelas raízes de árvores retorcidas.

Embora Marcasse fosse apenas uma das sete minas possuídas pela Charbonnages Belgique, era o mais antigo e o mais perigoso poço na Borinage. Tinha uma péssima reputação, porque muitos homens haviam perecido ali, descendo ou subindo, de gás venenoso, explosão, inundação ou desmoronamento de velhos túneis. Havia dois prédios de alvenaria atarracados acima da superfície, nos quais se operavam as máquinas para trazer o carvão do fundo da terra, separá-lo e despejá-lo em vagões. As chaminés altas, que outrora haviam sido de tijolos amarelos, espalhavam uma fumaça preta tangível sobre a região 24 horas por dia. Em tomo de Marcasse ficavam as cabanas dos mineiros pobres, com umas poucas árvores mortas, enegrecidas da fumaça, espinheiros, monturos, depósitos de cinzas, pilhas de carvão inútil e, assomando acima de tudo, a montanha negra. Era um lugar sombrio; à primeira vista, tudo parecia desolado e lúgubre a Vincent.

— Não é de admirar que eles chamem de terra negra — mumurou.

Quando já estava parado ali há algum tempo, os mineiros começaram a sair pelo portão. Vestiam trajes grosseiros e andrajosos, com chapéus de couro na cabeça; as mulheres vestiam-se como os homens. Todos estavam completamente pretos e pareciam limpadores de chaminés, os brancos dos olhos apresentando um estranho contraste com os rostos cobertos por poeira de carvão. Não era sem motivo que todos os conheciam como *gueules noires.* O clarão do débil sol do

final da tarde lhes doía nos olhos, depois de trabalharem na escuridão do fundo da terra desde o amanhecer.

Passaram pelo portão cambaleando, meio cegos, falando entre si, num patois rápido e ininteligível. Eram pessoas pequenas, com ombros estreitos e encurvados, pernas e braços finos.

Vincent podia compreender agora por que encontrara a aldeia deserta naquela tarde; a verdadeira Petit Wasmes não era o pequeno amontoado de cabanas na ravina, mas sim a cidade de labirinto que existia sob a superfície, a uma profundidade de setecentos metros, em que quase toda a população passava a maioria de suas horas de vigília.

9

— Jacques Verney é um homem que se fez por si mesmo — disse Madame Denis a Vincent, durante o jantar. — Mas apesar de subir, ele continuou amigo dos mineiros.

— Nem todos os homens que são promovidos continuam amigos dos trabalhadores?

— Não, Monsieur Vincent, não continuam. Assim que passam de Petit Wasmes para Wasmes, eles começam a ver as coisas de maneira diferente.

Pelo dinheiro, tomam o partido dos donos e esquecem que outrora trabalhavam como escravos nas minas. Mas Jacques é fiel e honesto.

Quando temos greves, ele é o único com influência sobre os mineiros. Eles não aceitam os conselhos de mais ninguém. Mas o pobre coitado não tem mais muito tempo de vida.

— O que há com ele? — indagou Vincent.

— A coisa de sempre... problema nos pulmões. Acontece com todos os homens que descem às minas. Provavelmente ele não sobreviverá ao inverno.

Jacques Verney apareceu pouco depois. Era baixo, ombros encurvados, os olhos fundos e melancólicos do Borain. Antenas de cabelos se projetavam das narinas, das extremidades das sobrancelhas e das conchas das orelhas. A cabeça era calva. Quando soube que Vincent era um evangelista, que viera para melhorar a sorte dos mineiros, ele suspirou fundo.

— Ah, Monsieur, tantas pessoas têm tentado nos ajudar... Mas a vida continua por aqui como sempre foi.

— Acha que as condições na Borinage são muito ruins? — perguntou Vincent.

Jacques ficou em silêncio por um momento e depois respondeu: — Para mim, não. Minha mãe me ensinou a ler um pouco e com isso me tornei um capataz. Tenho uma casinha de alvenaria no caminho que desce para Wasmes. Nunca tivemos carência de comida. Pessoalmente, não tenho do que me queixar...

Ele foi obrigado a parar de falar por um violento acesso de tosse; Vincent teve a impressão de que seu peito encovado estouraria com a pressão. Depois de ir até a porta da frente e cuspir na rua várias vezes, Jacques voltou a seu lugar na cozinha quente e gentilmente puxou os pêlos das orelhas, nariz e sobrancelhas.

— O problema, Monsieur, é que eu já tinha 29 anos quando me tornei um capataz. A esta altura, meus pulmões já estavam perdidos. Apesar disso, não tem

sido muito ruim para mim nos últimos anos. Mas os mineiros...

Ele fez uma pausa, olhando para Madame Denis, antes de perguntar: — O que acha... devo levá-lo para conhecer Henri Decrucq?

— Por que não? Não lhe fará mal algum saber de toda a verdade.

Jacques Verney tornou a se virar para Vincent, com uma expressão contrafeita.

— Afinal, Monsieur, sou um capataz e devo alguma lealdade a “eles”. Mas Henri lhe mostrará!

Vincent seguiu Jacques pela noite fria e mergulhou quase que imediatamente na ravina dos mineiros. As cabanas eram choupanas simples de madeira, de um único cômodo. Não haviam sido erguidas com qualquer planejamento, descendo pela encosta da colina nos ângulos mais inesperados, ao acaso, criando um labirinto de vielas cheias de lixo, pelas quais somente o iniciado poderia encontrar o caminho. Vincent foi cambaleando atrás de Jacques, tropeçando em pedras e pilhas de lixo. O barraco de Decrucq ficava mais ou menos no meio da encosta. Uma luz brilhava pela janela pequena nos fundos. Madame Decrucq abriu a porta quando eles bateram.

A cabana de Decrucq era exatamente igual a todas as outras na ravina. Tinha um chão de terra batida, telhado coberto por musgo e tiras de serapilheira pregadas entre as tábuas, a fim de impedir a passagem do vento. Em cada canto dos fundos havia uma cama, uma delas já ocupada por três crianças adormecidas. Os móveis consistiam em um fogão oval, uma mesa de madeira com bancos, uma cadeira e um caixote pregado na parede, contendo umas poucas panelas e pratos. Os Decrucqs, como a maioria dos Borains, criavam uma cabra e alguns coelhos, a fim de poderem comer came ocasionalmente. A cabra dormia sob a cama das crianças; os coelhos tinham um pouco de palha por trás do fogão.

Madame Decrucq abriu a metade superior da porta para verificar quem estava ali, depois fez sinal para os dois homens entrarem. Ela trabalhara nas mesmas *couches* com Decrucq antes do casamento, empurrando os carrinhos de carvão pelos trilhos até a seção de contagem.

Perdera a maior parte da seiva vital. Estava murcha, gasta e envelhecida, embora ainda não tivesse celebrado o 26° aniversário. Decrucq, que inclinava a sua cadeira contra a parte fria do fogão, levantou-se de um pulo ao ver Jacques.

— Ora, ora! — exclamou ele. — Já faz muito tempo que você não aparece em minha casa. Sentimos o maior prazer em tê-lo aqui. E estendo as boas-vindas a seu amigo também.

Decrucq gabava-se de ser o único homem na Borinage a quem as minas ião podiam matar.

— Morrerei na cama de velhice — ele dizia frequentemente. — Elas não podem me matar, pois não deixarei!

No lado direito de sua cabeça um quadrado grande de pele brilhava vermelho, como uma janela entre os cabelos. Era um memento do dia em que a gaiola na qual descia pela mina despencara por uma altura de cem metros, como uma pedra caindo num poço, matando seus 29

companheiros. Ao andar, ele arrastava uma perna; fora quebrada em quatro lugares, quando as vigas da galeria em que trabalhava ruíram, aprisionando-o no fundo da mina por cinco dias. A camisa preta ordinária estufava no lado direito, sobre a projeção de três costelas quebradas, que jamais consertaram direito, quando uma explosão de grisu o lançara contra um vagonete de carvão. Mas ele era um lutador, um galo de briga de um homem; nada podia reprimi-lo. Porque sempre falava tão violentamente contra a companhia, recebia as piores *couches*, nas quais era mais difícil se extrair carvão e as condições de trabalho eram as mais terríveis. Quanto mais ele sofria, mais protestava furiosamente contra "eles", o inimigo invisível, mas sempre presente. Uma covinha, um pouco deslocada do centro do queixo hirsuto, fazia com que o rosto curto e compacto parecesse meio torto.

— Veio ao lugar certo, Monsieur Van Gogh — disse ele. — Aqui na Borinage não somos sequer escravos... somos animais. Descemos pela Marcasse às três horas da madrugada. Podemos descansar por quinze minutos, enquanto almoçamos. E trabalhamos sem parar até quatro horas da tarde. É completamente escuro lá embaixo, Monsieur. E muito quente. Por isso, temos de trabalhar nus. O ar é cheio de poeira de carvão e gás venenoso. Não podemos respirar. Quando tiramos o carvão da *couche*, não há espaço para se ficar empertigado. Devemos trabalhar de joelhos, dobrados ao meio. Começamos a descer, tanto os garotos como as meninas, quando temos oito ou nove anos. Aos vinte anos temos a febre e problemas nos pulmões. Se não somos mortos pelo grisu ou na gaiola (ele bateu no escalpo vermelho no lado direito da cabeça), podemos viver até os quarenta anos e depois morrer de tísica. Estou dizendo mentiras, Vemey?

Ele falava num dialeto tão excitado que Vincent tinha dificuldade em entendê-lo. A covinha torta dava a seu rosto uma expressão divertida, apesar dos olhos fumegarem de raiva.

— É assim mesmo, Decrucq — confirmou Jacques.

Madame Decrucq fora sentar-se em sua cama no canto distante. O brilho fraco do lampião de querosene a deixava meio na sombra. Escutava atentamente enquanto o marido falava, embora já tivesse ouvido aquelas palavras mil vezes antes. Os anos empurrando vagonetes de carvão, o nascimento de três filhos e a

sucessão de invernos amargos naquela cabana forrada de serrapilheira haviam acabado com a sua capacidade de luta.

Decrucq arrastou a sua perna ruim de Jacques para Vincent.

— E o que ganhamos por tudo isso, Monsieur? Uma cabana de um só cômodo e comida apenas suficiente para nos manter a manejar uma picareta. O que comemos? Pão, queijo azedo, café. Talvez uma ou duas vezes por ano carne também. Passaríamos fome se nos tirassem cinquenta cêntimos por dia. E não poderíamos então tirar o *charbon* deles do fundo da terra. É só por isso que não nos pagam menos. Estamos à beira da morte, Monsieur, em todos os dias de nossas vidas! Se ficamos doentes, somos despedidos sem um franco sequer. Morremos como cachorros, enquanto nossas esposas e filhos são alimentados pelos vizinhos. Dos oito aos quarenta, Monsieur, são 32 anos na terra negra e depois um buraco naquela colina do outro lado, a fim de não esquecermos de nada.

10

Vincent descobriu que os mineiros eram ignorantes, a maioria não sabia ler. Mas, ao mesmo tempo, eram inteligentes e eficientes em seu trabalho tão difícil, bravos e francos, de um temperamento muito sensível.

Eram magros e pálidos da febre, pareciam cansados e emaciados. A pele era lívida, pastosa (só viam o sol aos domingos), com milhares de poros pretos. Tinham os olhos fundos e tristes dos oprimidos que não têm meios para reagir.

Vincent também achou-os simpáticos. Eram simples e de boa índole, como o pessoal de Brabant, em Zundert e Etten. A impressão de desolação da paisagem se desvaneceu, pois ele percebeu que a Borinage possuía caráter e as coisas lhe falavam.

Depois que lá estava há poucos dias, Vincent promoveu a sua primeira reunião religiosa, num telheiro tosco, por trás da padaria de Denis.

Limpou o lugar meticulosamente e depois carregou bancos para as pessoas sentarem. Os mineiros chegaram às cinco horas, com suas famílias, cachecóis compridos enrolados nos pescoços e gorros nas cabeças, como proteção contra o frio. A única luz era a de um lampião de querosene que Vincent tomara emprestado. Os mineiros sentaram nos bancos na semi-escuridão, ficaram olhando para Vincent com sua Bíblia, escutaram atentamente, as mãos enfiadas por baixo das axilas, a fim de mantê-las aquecidas.

Vincent procurou com afinco a mensagem mais apropriada para o seu primeiro sermão. Finalmente optou por Atos 16:9: “Uma visão apareceu a Paulo na noite. Lá estava um homem da Macedônia, que suplicou: Venha para a Macedônia e ajude-nos.”

— Devemos pensar no macedônio como um trabalhador, meus amigos, um trabalhador com rugas de pesar, sofrimento e fadiga no rosto — disse Vincent. — Ele não está desprovido de esplendor ou encanto, pois possui uma alma imortal e precisa do alimento que não perece, a palavra de Deus. Deus quer que na imitação de Jesus Cristo o homem viva humildemente e passe pela vida sem alcançar objetivos arrogantes, mas se adaptando à humildade, aprendendo no evangelho a ser simples de coração, a fim de que no dia escolhido possa ingressar no Reino Celestial e encontrar a paz.

Havia muitas pessoas doentes na aldeia e todos os dias ele efetuava uma ronda, como um médico, levando sempre que podia um pouco de leite ou pão, um par de meias, uma coberta para a cama. O tifo e uma febre virulenta, que os mineiros chamavam de *la sotte fèvre,* abatiam-se sobre as cabanas, provocando

pesadelos e delírios. O número de mineiros acamados, emaciados, fracos, aumentava a cada dia.

Toda Petit Wasmes chamava-o de Monsieur Vincent com afeição, embora ainda com um pouco de reserva. Não havia uma só cabana na aldeia a que ele não levasse pão e conforto, em que não cuidasse dos doentes e orasse com os oprimidos, levando a luz de Deus aos infelizes-Vários dias antes do Natal ele descobriu perto da Marcasse um estábulo abandonado, bastante grande para caber uma centena de pessoas. Era árido, frio e desolado, mas os mineiros de Petit Wasmes o lotaram por completo.

E escutaram atentamente Vincent contar a história de Belém e falar sobre a paz na terra. Ele se encontrava na Borinage há apenas seis semanas e observara as condições piorarem a cada dia. Mas ali, no estábulo humilde, iluminado somente pelo clarão enfumaçado de uns poucos lampiões, Vincent pôde levar Jesus Cristo aos mineiros e aquecer seus corações com a promessa do Reino Futuro.

Havia apenas um defeito em sua vida, um fator que o deixava perturbado: o pai ainda o sustentava. Todas as noites ele rezava para que chegasse logo o momento em que seria capaz de ganhar os poucos francos que precisava para atender as suas humildes necessidades.

O tempo tornou-se horrível. Nuvens escuras pairavam sobre toda a região. A chuva caía em torrentes, transformando em córregos lamacentos os caminhos e em lodaçais os chãos de terra das cabanas na ravina. Jean-Baptiste desceu até Wasmes no dia de Ano-Novo e voltou com uma carta para Vincent. O nome do reverendo Pietersen estava no canto esquerdo superior do envelope. Vincent correu para o seu quarto sob o beiral, tremendo de excitamento. A chuva investia ruidosamente contra o telhado, mas ele nada ouvia. Rasgou o envelope com dedos trêmulos. A carta dizia:

Prezado Vincent:

O Comitê de Evangelização tomou conhecimento de seu esplêndido trabalho e assim está lhe oferecendo uma nomeação temporária por seis meses, a contar do primeiro dia do ano.

Se, ao final de junho, tudo estiver correndo bem, sua designação se tornará permanente. Enquanto isso, seu salário será de cinquenta francos por mês.

Escreva-me com frequência e continue olhando para a frente.

Afetuosamente,
Pietersen

Vincent jogou-se na cama, apertando a carta na mão com toda força, exultante. Finalmente era bem-sucedido! Encontrara o trabalho de sua vida! Era o que sempre quisera, apenas não tivera coragem para se lançar desde o início por aquele caminho! Receberia cinquenta francos por mês, mais que suficiente para pagar casa e comida, nunca mais seria dependente de ninguém.

Ele sentou-se à mesa e escreveu uma carta tumultuada e triunfante para o pai, dizendo que não mais precisava *de sua* ajuda e que tencionava dali por diante ser uma fonte de crédito e gratificação para a família.

Quando terminou, já era crepúsculo; trovões *e raios* se abatiam sobre a Marcasse. Vincent desceu a escada correndo, atravessou a cozinha e saiu alegremente para a chuva. Madame Denis foi atrás.

— O que está fazendo, Monsieur Vincent? Esqueceu o chapéu e o casaco!

Vincent não se deteve para responder. Correu para uma elevação próxima. Podia divisar a distância uma grande parte da Borinage, com as chaminés, as pilhas de carvão, as pequenas cabanas dos mineiros, o movimento apressado de um lado para outro, como formigas, de vultos pretos saindo das *houillères.* Mais ao longe havia um bosque de pinheiros escuros, contra o qual se delineavam chalés brancos, a torre de uma igreja e um velho moinho. Um nevoeiro pairava sobre toda a cena. Havia um efeito fantástico de luz e trevas, formadas pelas sombras das nuvens. Pela primeira vez, desde que chegara à Borinage, o cenário fê-lo lembrar-se dos quadros de Michel e Ruysdael.

11

Agora que era um evangelista autorizado, Vincent precisava de um lugar permanente para realizar suas reuniões. Depois de muita procura, ele encontrou-o no fundo da ravina, numa estrada através dos pinheiros, uma construção relativamente grande, conhecida como Salon du Bébé, onde os filhos da comunidade outrora aprendiam a dançar. Depois que Vincent pendurou todas as suas gravuras, o lugar adquiriu uma aparência agradável.

Ali, todas as tardes, ele reunia as crianças entre quatro e oito anos, ensinando-as a ler e contando as histórias elementares da Bíblia. Era a única instrução que a maioria receberia por toda a vida.

— Como podemos arrumar carvão para aquecer o lugar? — perguntou Vincent a Jacques Verney, que o ajudara a arrumar o Salon. — É preciso manter as crianças aquecidas e as reuniões à noite podem durar mais se a estufa estiver funcionando.

Jacques pensou por um momento e depois disse: — Esteja aqui ao meio-dia de amanhã e lhe mostrarei como obter o carvão.

Ao chegar ao Salon, no dia seguinte, Vincent encontrou um grupo de esposas e filhas de mineiros à sua espera. Usavam as suas blusas pretas, saias compridas também pretas, lenços azuis sobre as cabeças. Todas carregavam sacos.

— Monsieur Vincent, eu lhe trouxe um saco — disse a jovem filha de Verney. — Deverá enchê-lo também.

Subiram pelo labirinto de vielas tortuosas formadas pelas cabanas dos mineiros, passaram pela padaria de Denis no topo da colina, saíram pelo campo em cujo centro se encontrava a Marcasse, contornaram as paredes dos prédios, até chegarem à pirâmide preta de *terril*, nos fundos.

Espalharam-se ali, cada pessoa atacando as montanhas por um ponto diferente, subindo pelos lados, como insetos enxameando sobre um tronco morto.

— É preciso subir até lá em cima para se encontrar algum carvão. Monsieur Vincent — explicou Mademoiselle Verney. — Há anos que tiramos o que existe na base. Venha comigo que lhe mostrarei o que é carvão.

Ela escalou a encosta preta como uma cabrita, mas Vincent teve de subir de quatro, pois a todo instante escorregava. Mademoiselle Verney foi na frente, acocorou-se lá em cima e ficou lançando pequenos pedaços de lama endurecida em Vincent, provocante. Era uma moça bonita, de cor boa nas faces, comportamento alerta e jovial; Verney fora promovido a capataz quando ela

tinha sete anos e por isso nunca precisara conhecer o interior de uma mina.

— Venha logo ou será o último a encher o saco, Monsieur Vincent!

Para ela, aquilo não passava de uma diversão; a companhia vendia a Verney um bom carvão, a preços reduzidos.

Eles não podiam ir até o topo propriamente dito, pois os carrinhos estavam despejando a sua carga de refugo, primeiro por um lado, depois por outro, com uma regularidade mecânica. Não era fácil encontrar carvão naquela pirâmide. Mademoiselle Verney mostrou a Vincent como recolher o *terril* nas mãos e deixar escapar entre os dedos a lama, pedras, argila e outras substâncias estranhas. A quantidade de carvão que escapava à companhia era mínima. A única coisa que as mulheres dos mineiros encontravam era uma espécie de xisto, que não podia ser vendido no mercado comercial. *O terril* estava molhado da neve e chuva e não demorou muito para que as mãos de Vincent ficassem arranhadas e cortadas. Mas ele conseguira encher um quarto do saco com o que esperava ser carvão, quando as mulheres terminaram.

Elas deixaram os sacos no Salon e depois seguiram apressadamente para suas casas, a fim de prepararem o jantar da família. Mas, antes, prometeram que viriam ao serviço naquela noite, trazendo as famílias.

Mademoiselle Verney convidou Vincent a jantar em sua casa e ele aceitou com a maior satisfação. A casa dos Verneys tinha dois cômodos completos; o fogão, utensílios de cozinha e mesa de comer em um cômodo, as camas da família no outro. Apesar de Jacques estar muito bem, não havia sabão na casa. Vincent já aprendera que sabão era um luxo impossível para os Borains. Desde o momento em que o garoto começa a descer pela *charbonnage e* a menina começa a subir pelo *terril, os* Borains jamais removiam inteiramente o pó de carvão de seus rostos.

Mademoiselle Verney levou uma vasilha de água fria para Vincent na rua. Ele limpou-se da melhor forma que podia. Não sabia até que ponto conseguira, mas ao sentar em frente à moça viu as riscas de pó de carvão e fumaça ainda em seu rosto e compreendeu que devia parecer da mesma forma. Mademoiselle Verney conversou jovialmente durante todo o jantar.

— Já está em Petit Wasmes há quase dois meses, Monsieur Vincent — disse Jacques — e ainda não conhece realmente a Borinage.

— Tem razão, Monsieur Verney — respondeu Vincent, com toda humildade. — Mas acho que estou começando lentamente a compreender as pessoas.

— Não é a isso que estou me referindo — Jacques arrancou uma antena comprida do nariz e examinoua com interesse. — Estou querendo dizer que só viu até agora a nossa vida acima da superfície. Isso não é importante. Apenas dormimos por cima da terra. Se quer compreender como são nossas vidas, deve

descer por uma das minas e observar como trabalhamos das três horas da madrugada às quatro horas da tarde.

— Estou mesmo ansioso em descer. Mas será que a companhia me daria permissão?

— Já pedi por você — Jacques pôs um cubo de açúcar na boca e despejou o café morno, escuro e amargo por cima. — Descerei amanhã pela Marcasse, a fim de efetuar uma inspeção de segurança. Espere em frente da casa de Denis quando faltarem quinze minutos para as três e o levarei.

A família inteira acompanhou Vincent ao Salon. Mas, no caminho, Jacques, que parecia tão bem e expansivo no calor aconchegante de sua casa, encolheu-se todo com um violento acesso de tosse e teve de voltar.

Ao chegar ao Salon, Vincent descobriu que Henri Decrucq já se encontrava ali, arrastando a perna morta e mexendo na estufa.

— Ah, boa noite, Monsieur Vincent! — exclamou ele, com um sorriso tão largo quanto o seu rosto compacto permitia. — Sou o único em Petit Wasmes que sabe acender esta estufa. Conheço-a dos velhos tempos, quando realizávamos festas aqui. *É méchant,* mas conheço todos os seus truques.

O conteúdo dos sacos estava úmido e apenas uma pequena parcela era carvão, mas Decrucq não demorou a fazer com que a estufa oval e estufada irradiasse um bom calor. Enquanto ele claudicava de um lado para outro, muito excitado, o sangue aflorou ao ponto descoberto na cabeça, deixando a pele corrugada intensamente vermelha.

Quase todas as famílias de mineiros de Petit Wasmes compareceram ao Salon naquela noite para ouvir Vincent pregar o primeiro sermão em sua igreja. Quando os bancos ficaram inteiramente ocupados, as famílias vizinhas trouxeram cadeiras e caixotes. Mais de trezentas almas se concentravam ali. Vincent, o coração animado pela bondade das mulheres dos mineiros naquela tarde e o conhecimento de que finalmente falava em seu próprio templo, fez um sermão tão sincero e convincente que a expressão de melancolia se dissipou dos rostos dos Borains.

— É uma crença antiga e muito boa que somos estranhos na terra — disse Vincent à sua congregação de mineiros. — Contudo, não estamos sozinhos, pois nosso Pai está conosco. Somos peregrinos; nossa vida é uma longa jornada da terra ao Paraíso.

— O pesar é melhor do que a alegria... e mesmo no riso o coração está triste. É melhor ir para a casa do lamento do que para a casa da festa, pois é através da tristeza que o coração se torna melhor.

— Para os que acreditam em Jesus Cristo não há pesar que não esteja mesclado de esperança. Há apenas um constante renascer, um constante ir das

trevas para a luz.

— Pai, rezamos para que nos afaste do mal. Não nos dê pobreza nem riqueza, mas alimente-nos com o pão que nos seja apropriado.

— Amém.

Madame Decrucq foi a primeira a ir se postar ao seu lado. Havia uma névoa em seus olhos e um tremor no canto da boca.

— Monsieur Vincent, minha vida tem sido tão dura que acabei perdendo Deus. Mas as suas palavras me devolveram Deus. Eu agradeço por isso.

Depois que todos se retiraram, Vincent trancou o Salon e subiu para a casa dos Denis, pensativo. Pela acolhida que tivera naquela noite, sabia que finalmente os Borains haviam perdido a reserva e confiavam nele. Era agora plenamente aceito pelos mineiros como um ministro de Deus. O que causara a mudança? Não podia ser porque ele possuía uma nova igreja: tais coisas não tinham a menor importância para os mineiros. Eles não sabiam de sua nomeação evangélica, pois não lhes dissera antes que não tinha qualquer posição oficial. E embora tivesse pregado um sermão bonito e comovente, já fizera outros igualmente bons nas cabanas miseráveis e no estábulo abandonado.

Os Denis já tinham se deitado em seu cubículo, ao lado da cozinha, mas a padaria ainda recendia a pão fresco. Vincent pegou alguma água no poço fundo ao lado da cozinha, despejou do balde numa tigela e subiu para pegar o sabão e o espelho. Encostou o espelho na parede e contemplou-se.

Sua suposição fora correta; limpara apenas uma pequena parcela do pó de carvão na casa dos Vemeys. As pálpebras e as mandíbulas ainda estavam pretas. Ele sorriu para si mesmo ao pensar que consagrara o novo templo com pó de carvão por todo o rosto, e como seu pai e tio Stricker ficariam horrorizados se o vissem.

Ele mergulhou as mãos na água fria, fez um pouco de espuma com o sabão que trouxera de Bruxelas e já ia aplicar vigorosamente no rosto quando alguma coisa aflorou em sua mente. Parou as mãos molhadas em pleno ar. Contemplou-se novamente no espelho, observando o pó de carvão preto do *terril* nas linhas da testa, nas pálpebras, pelas faces, na bola grande do queixo.

— Mas é claro! — disse ele, em voz alta. — É por isso que me aceitaram. Eu me tomei finalmente um deles.

Vincent enxaguou as mãos na água e foi se deitar sem tocar no rosto.

E todos os dias em que permaneceu na Borinage ele esfregou pó de carvão no rosto, a fim de parecer com os mineiros.

12

Vincent levantou-se no dia seguinte às duas e meia da madrugada, comeu um pedaço de pão na cozinha dos Denis e se encontrou com Jacques na frente da porta quando faltavam quinze minutos para as três.

Nevara intensamente durante a noite. O caminho que levava para a Marcasse se achava coberto. Ao seguirem pelo campo para as chaminés pretas e o *terril*, Vincent avistou os mineiros aproximado-se apressadamente de todas as direções, pequenas criaturas pretas voltando para seu ninho. O frio era terrível; os trabalhadores ajeitavam os casacos finos sobre os queixos, os ombros se encolhiam, em busca de calor.

Jacques levou-o primeiro a uma sala em que muitos lampiões de querosene estavam pendurados em prateleiras, cada um sob um número específico.

— Quando há um acidente lá embaixo — explicou Jacques — podemos saber que homens ficaram presos pelos lampiões que estão faltando.

Os mineiros pegavam seus lampiões apressadamente e corriam por um pátio coberto de neve para o prédio de alvenaria em que se localizava o elevador. Vincent e Jacques acompanharam-nos. A gaiola tinha seis compartimentos, um por cima do outro, nos quais se podia meter um vagonete, trazendo o carvão para a superfície. Um compartimento tinha apenas espaço suficiente para dois homens descerem confortavelmente agachados, mas cinco mineiros ali se espremiam, como uma pilha de carvão.

Como Jacques era um capataz, somente ele, Vincent e um assistente desceram no compartimento superior. Ficaram agachados, os pés se comprimindo contra os lados, as cabeças contra a grade por cima.

— Mantenha as mãos bem à sua frente, Monsieur Vincent — recomendou Jacques. — Se uma delas tocar na parede lateral, certamente a perderá.

Foi dado um sinal e a gaiola disparou para o fundo da mina, sobre os dois trilhos de aço. O túnel na rocha era apenas um ou dois centímetros mais largo do que a gaiola. Um tremor involuntário sacudiu o corpo de Vincent quando compreendeu que a escuridão mergulhava por quase um quilômetro e se projetaria para a morte se alguma coisa saísse errada. Era uma espécie de horror que jamais conhecera antes, aquela investida por um buraco escuro para um abismo desconhecido. Podia racionalizar que não tinha muito o que temer, pois não houvera um acidente no elevador há mais de dois meses. Mas a luz furtiva dos lampiões de querosene não era propícia ao raciocínio.

Ele falou de seu tremor instintivo para Jacques, que sorriu com uma

expressão compreensiva.

— Todos os mineiros sentem isso.

— Mas eles não acabam se acostumando à descida?

— Nunca! Um sentimento insupeitável de horror e medo desta gaiola permanece com os mineiros até o dia de sua morte.

— E no seu caso, Monsieur...

— Eu tremia por dentro tanto quanto você, apesar de descer por este túnel há 33 anos!

A 350 metros — metade do caminho — a gaiola parou por um momento, depois tomou a se projetar para baixo. Vincent viu filetes de água escorrendo pelos lados do buraco e voltou a estremecer. Olhando para cima, divisou a luz do dia, mais ou menos do tamanho de uma estrela no céu. Eles saltaram a 650 metros, mas os outros mineiros continuaram a descer. Vincent descobriu-se num túnel largo, com trilhos cortando rocha e argila. Esperava mergulhar num inferno de calor, mas a passagem estava relativamente fresca.

— Mas não é tão ruim assim, Monsieur Verney! — exclamou ele.

— Tem razão. Mas não há homens trabalhando neste nível. As *couches* foram esgotadas há muito tempo. Recebemos aqui a ventilação do topo, mas isso de nada adianta para os mineiros lá no fundo.

Eles avançaram pelo túnel por cerca de meio quilômetro, depois Jacques entrou num desvio.

— Siga-me, Monsieur Vincent, *mais doucement, doucement.* Se escorregar uma vez, matará a todos nós.

Ele desapareceu no chão, diante dos olhos de Vincent. Adiantando-se, Vincent encontrou uma abertura na terra e tateou à procura da escada. O buraco tinha espaço apenas suficiente para a passagem de um homem magro. Os primeiros cinco metros não foram difíceis, mas depois Vincent teve de dar uma volta em pleno ar e descer na direção oposta. A água começou a escorrer das rochas; o limo cobria os degraus da escada.

Vincent podia sentir a água pingando em seu corpo.

Finalmente chegaram ao fundo e rastejaram de quatro por uma, passagem comprida levando *a des caches,* situadas além da saída. Havia uma fileira comprida de compartimentos, como divisórias numa câmara, sustentadas por toscas vigas de madeira. Em cada compartimento trabalhava um grupo de cinco mineiros, dois removendo o carvão com suas picaretas, um terceiro afastando-o de seus pés, um quarto carregando pequenos vagonetes e um quinto empurrando-os por um caminho estreito.

Os homens com as picaretas usavam trajes ordinários de linho, imundos e pretos. O mineiro com a pá era geralmente um garoto, inteiramente nu, exceto

por uma tanga de sarja, o corpo de um preto opaco. Quem empurrava os carros pela passagem de um metro era sempre uma garota, tão preta quanto os homens, um vestido grosseiro cobrindo a parte superior do corpo. A água pingava dos tetos dos compartimentos, formando uma gruta de estalactites. A única iluminação provinha dos lampiões de querosene, cujas mechas estavam baixadas ao máximo possível, a fim de se poupar combustível. Não havia ventilação. O ar estava impregnado de pó de carvão. O calor natural da terra banhava os mineiros em filetes de suor negro. Vincent constatou que nos primeiros compartimentos os homens podiam trabalhar empertigados com suas picaretas. À medida que foi se adiantando, porém, descobriu que os compartimentos eram cada vez menores, até que os mineiros tinham de se manter deitados, manipulando as picaretas além dos cotovelos. À medida que as horas passavam, o calor dos corpos dos mineiros aumentava a temperatura dos compartimentos. O pó de carvão também engrossava no ar, até que os homens aspiravam grandes porções de fuligem negra.

— Esses homens ganham dois francos e meio por dia, desde que o inspetor no posto de controle aprove a qualidade de seu carvão — informou Jacques a Vincent. — Há cinco anos ganhavam três francos, mas os salários têm sido reduzidos a cada ano desde então.

Jacques inspecionou as estacas que se interpunham entre os mineiros e a morte. Virou-se para os homens com as picaretas e disse: — O estaqueamento de vocês está ruim. Ficou meio solto e o teto vai acabar desmoronando.

Um dos homens, o líder do grupo, lançou uma rajada de insultos, tão depressa que Vincent só pôde entender umas poucas palavras.

— Quando eles pagarem por escoramento, nós vamos escorar direito! — gritou o homem. — Se perdermos tempo a escorar, como vamos retirar o carvão? Dá no mesmo morrer aqui embaixo da rocha ou em casa, de fome.

Além do último compartimento havia outro buraco no chão. Desta vez não havia sequer uma escada para se descer. Troncos haviam sido cravados a intervalos, a fim de impedir que a terra caísse e soterrasse os mineiros lá no fundo. Jacques pegou o lampião de Vincent e pendurou em seu cinto.

— *Doucement*, Monsieur Vincent. Não pise na minha cabeça ou me jogará lá no fundo.

Eles desceram por mais cinco metros, um pé seguindo o outro na escuridão, procurando pelas vigas para se apoiarem, enquanto as mãos se agarravam na terra dos lados, a fim de evitar que mergulhassem pelo vazio.

Havia outra *couche* no nível seguinte, mas desta vez os mineiros não tinham sequer compartimentos em que trabalhar. O carvão tinha de ser removido de um ângulo fechado na parede. Os homens permaneciam de joelhos, as costas

comprimidas contra o teto rochoso, golpeando com as picaretas no canto do qual o carvão estava sendo extraído. Vincent compreendeu agora que os compartimentos por cima eram frescos e confortáveis em comparação; o calor naquele nível inferior era como o de um forno aceso, bastante espesso para ser cortado com um instrumento rombudo. Os homens ali trabalhando ofegavam como animais extenuados, as línguas pendendo para fora, grossas e ressequidas, os corpos nus cobertos por uma crosta de sujeira, fuligem e poeira. Vincent, sem fazer absolutamente nada, achou que não poderia suportar o calor terrível e a poeira por mais um minuto. Os mineiros realizavam um violento trabalho manual, mas não podiam parar para descansar ou esfriar por um minuto sequer. Se o fizessem, não conseguiriam encher o número de vagonetes exigidos a eles para receberem o minguado salário por um dia de trabalho.

Vincent e Jacques avançaram de quatro pela passagem que ligava aqueles compartimentos de colmeia, comprimindo-se contra a parede a intervalos de poucos segundos, a fim de permitir a passagem de um vagonete pelos trilhos pequenos. Aquele corredor era menor que o de cima.

As meninas que empurravam os vagonetes eram ainda menores, nenhuma delas com mais de dez anos. Os carros cheios de carvão eram pesados e as meninas tinham de fazer um grande esforço para empurrá-los pelos trilhos.

Ao final do corredor havia um plano inclinado de metal, pelo qual os carros eram baixados por cabos. Jacques disse:

— Vamos descer, Monsieur Vincent. Eu o levarei ao último nível, setecentos metros abaixo da superfície. E verá uma coisa que não pode ser encontrada em qualquer outro lugar do mundo!

Eles desceram pelo plano inclinado. Vincent descobriu-se num túnel largo, com dois trilhos. Voltaram pelo túnel por quase um quilômetro; quando chegaram ao final, subiram para uma platibanda, rastejaram por um *communiqué* e desceram no outro lado por um buraco recentemente escavado.

— Esta é uma nova *couche* — informou Jacques — o lugar mais difícil para se tirar carvão de qualquer mina do mundo.

Havia doze buracos negros pequenos partindo daquela escavação.

Jacques meteu-se em um deles, gritando: — Siga-me!

A abertura mal dava para passar os ombros de Vincent. Ele tinha de se encolher para avançar, rastejando sobre a barriga, como uma cobra, dando impulso com as mãos e as pontas dos pés. Não podia ver as botinas de Jacques, dez centímetros à sua frente. O túnel através da rocha tinha apenas uns quarenta centímetros de altura e cerca de oitenta de largura. 'O

buraco de onde a passagem começava quase não tinha ar fresco, mas era frio em comparação com aquele buraco.

Ao final, Vincent saiu numa câmara um pouco parecida com um domo, quase que bastante alta para um homem ficar de pé. O lugar estava completamente escuro e a princípio Vincent nada pôde ver; depois, ele notou quatro pequenos clarões azulados ao longo de uma parede. Seu corpo estava molhado de transpiração; o suor da testa levava o pó de carvão para os olhos, fazendo-os arder terrivelmente. Ofegava do longo percurso a rastejar e empertigou-se com uma sensação de alívio para aspirar um pouco de ar fresco. Mas o que aspirou foi fogo, fogo líquido, que ardeu e sufocou-o, enquanto descia pelos pulmões. Aquele era o pior lugar em toda Marcasse, uma câmara de tortura digna da Idade Média.

— *Tiens, tiens!* — gritou uma voz familiar. — *C'est Monsieur Vincent!* Veio descobrir como ganhamos os nossos cinquenta centavos por dia, Monsieur?

Jacques adiantou-se rapidamente até os lampiões e examinou-os. O arco azulado estava alimentando a luz.

— Ele não deveria descer até aqui! — sussurrou Decrucq no ouvido de Vincent, os brancos dos olhos brilhando. — Terá uma hemorragia no túnel e precisaremos subi-lo com blocos e roldanas.

— Decrucq — gritou Jacques — estes lampiões estão ardendo assim durante toda a manhã?

— Estão, sim — respondeu Decrucq, indiferente. — O grisu aumenta dia a dia. Mas assim que explodir todos os nossos problemas estarão encerrados.

— Estes compartimentos foram bombeados no domingo passado — comentou Jacques.

— Mas sempre volta, sempre volta — murmurou Decrucq, coçando a cicatriz preta no couro cabeludo com evidente satisfação.

— Pois então devem suspender o trabalho num dia desta semana para que possamos efetuar outra limpeza.

Uma tempestade de protestos elevou-se dos mineiros.

— Não temos pão suficiente para nossos filhos agora! É impossível viver dos nossos salários, muito menos renunciar ao que ganhamos por um dia inteiro! Deixem para limpar quando não estivermos aqui! Precisamos comer, como todos os outros!

— Está tudo bem, as minas não podem me matar — Decrucq soltou uma risada. — Bem que já tentaram antes. Mas morrerei na cama, de velhice.

Jacques levantou o relógio para perto da chama azulada.

— Nove horas.

— Ótimo! Podemos comer.

Os corpos pretos e suados, de olhos brancos, suspenderam o trabalho.

Agacharam-se, encostados na parede, abriram os recipientes com a comida.

Não podiam rastejar para o buraco um pouco mais fresco porque só dispunham de quinze minutos de folga. Por isso, acomodavam-se ali mesmo, naquele calor estagnado, pegando dois pedaços de pão com uma fatia de queijo e comendo vorazmente. A fuligem preta das mãos passava para o pão branco. Cada homem tinha uma garrafa de cerveja com café morno, que tomava para empurrar o pão. O café, o pão e o queijo eram a recompensa pela qual trabalhavam treze horas por dia.

Vincent já estava lá embaixo há seis horas. Sentia-se fraco da falta de ar, sufocando com o calor e a poeira. Achava que não poderia suportar a tortura por muitos minutos a mais. Ficou profundamente grato quando Jacques disse que deviam ir embora.

— Tome cuidado com esse grisu, Decrucq — disse Jacques, antes de entrar pelo buraco. — Se a situação se agravar, é melhor tirar a sua turma daqui.

Decrucq riu bruscamente.

— E eles nos pagarão se não produzirmos nenhum carvão?

Não havia resposta a essa pergunta. Decrucq o sabia tão bem quanto Jacques. Este deu de ombros e se afastou, rastejando pelo túnel. Vincent seguiu-o, completamente ofuscado pelo suor preto e ardente em seus olhos.

Depois de meia hora, eles chegaram *à accrochage*, onde a gaiola levava o carvão e os homens para a superfície. Jacques entrou numa caverna em que eram guardados os cavalos e cuspiu um catarro preto. Na gaiola, subindo como um balde num poço, Vincent virou-se para o amigo e disse: — Gostaria que me explicasse uma coisa, Monsieur. Por que sua gente continua a descer pelas minas? Por que não saem daqui e procuram emprego em outro lugar?

— O problema, meu caro Monsieur Vincent, é que não existem outros empregos. E não podemos sair daqui porque não temos dinheiro para viajar. Não há uma única família de mineiros em toda Borinage que tenha sequer dez francos guardados. Mas mesmo que pudéssemos partir, Monsieur Vincent, não faríamos. O marujo sabe que todos os perigos o aguardam a bordo de seu navio, mas quando está em terra sente uma profunda saudade do mar. O mesmo acontece conosco, Monsieur.

Adoramos as nossas minas. Preferimos o fundo da terra à superfície. Tudo o que pedimos é um salário que nos permita viver, um horário de trabalho decente e proteção contra os perigos.

A gaiola chegou ao topo. Vincent atravessou o pátio coberto de neve, meio atordoado pela tênue claridade do sol. O espelho no vestiário mostrou que seu rosto se achava completamente preto. Não esperou para se lavar.

Avançou pelo campo, apenas meio consciente, absorvendo sofregamente o ar fresco e imaginando se não teria contraído subitamente *a sotte fièvre e* sofria de

pesadelo. Deus não podia permitir que seus filhos trabalhassem naquela escravidão tão abominável, não é mesmo? Ele só podia ter sonhado todas aquelas coisas, não é mesmo?

Vincent passou pela casa comparativamente próspera dos Denis e, sem pensar, cambaleou pelo labirinto de vielas imundas na ravina até à cabana dos Decrucqs. Bateu na porta. A princípio, ninguém atendeu.

Finalmente apareceu um garoto de seis anos. Era pálido, anêmico, muito pequeno. Mas tinha alguma coisa da coragem de lutar de Decrucq. Mais dois anos e estaria descendo pela Marcasse todas as madrugadas, às três horas, recolhendo o carvão com uma pá e enchendo vagonetes.

— Mamãe foi ao *terril* — disse o garoto, em voz esganiçada. — Deve esperar, Monsieur Vincent. Estou tomando conta dos bebês.

Brincando no chão, com alguns gravetos e um pedaço de barbante, estavam os dois filhos pequenos de Decrucq, usando apenas camisas.

Estavam meio roxos de frio. O garoto mais velho pôs algum *terril* na estufa, mas não irradiou muito calor. Vincent observou os três e estremeceu. Acabou pondo os bebês na cama e cobriu-os até o pescoço.

Não sabia por que fora até aquela cabana miserável. Sentia que devia fazer alguma coisa, dizer algo aos Decrucqs, ajudar por qualquer meio. Devia fazer com que eles soubessem que pelo menos compreendia a extensão de sua miséria.

Madame Decrucq voltou, as mãos e o rosto pretos. A princípio ela não reconheceu Vincent, inteiramente coberto por pó de carvão. Correu para o caixote em que escondia as suas provisões, pôs um pouco de café para esquentar. Estava mais frio do que morno quando o entregou a Vincent, puro, amargo. Mas ele bebeu-o assim mesmo, a fim de agradar à mulher.

— *O terril* anda muito ruim, Monsieur Vincent — queixou-se ela. — A companhia não deixa mais nada, nem mesmo pequenos grãos. Como poderei manter os bebês aquecidos? Não tenho roupas para eles, apenas aquelas camisinhas e alguns sacos. Mas os sacos provocam brotoejas e eles coçam, abrindo feridas. E se eu os deixar na cama durante o dia inteiro, como eles crescerão?

Vincent sufocou com lágrimas não derramadas, mas nada podia dizer. Jamais testemunhara uma miséria pessoal tão abjeta. E pela primeira vez especulou que benefício as orações e o Evangelho poderiam proporcionar àquela mulher, quando seus filhos congelavam até a morte.

Onde estava Deus em tudo aquilo? Ele tinha alguns francos no bolso; entregou-os a Madame Decrucq.

— Por favor, compre ceroulas de lã para as crianças.

Vincent sabia que se tratava de um gesto inútil; havia centenas de outras

crianças congelando na Borinage. E os meninos Decrucqs voltariam a congelar assim que as ceroulas se consumissem.

Ele subiu a ladeira para a casa dos Denis. A cozinha da padaria estava quente e aconchegante. Madame Denis esquentou-lhe um pouco de água para que se levasse, preparou-lhe um bom almoço do guisado de coelho que sobrara da noite anterior. Percebeu que ele estava cansado e tenso da experiência e por isso passou um pouco de manteiga em seu pão.

Vincent subiu para o seu quarto. A barriga estava cheia e aquecida. A cama era larga e confortável; os lençóis eram limpos e o travesseiro tinha uma fronha branca. Nas paredes estavam penduradas gravuras dos grandes mestres do mundo. Ele abriu a cômoda e contemplou as pilhas de camisas, roupas de baixo, meias e camisetas. Foi até o armário e olhou para os dois pares extras de sapatos, o sobretudo grosso e os ternos ali pendurados.

Finalmente compreendeu que era um mentiroso e covarde. Pregava as virtudes da pobreza aos mineiros, mas ele próprio vivia no conforto e abundância. Não passava de um hipócrita manipulador das palavras. Sua religião era uma coisa ociosa, inteiramente inútil. Os mineiros deveriam desprezá-lo e expulsá-lo da Borinage. Ele fingia partilhar o fardo daqueles oprimidos, mas dispunha de roupas aconchegantes e bonitas, uma cama confortável para dormir e mais comida numa única refeição do que os mineiros tinham durante toda uma semana. E nem ao menos trabalhava para desfrutar tanto bem-estar e luxo. Limitava-se a dizer mentiras fáceis e posar como um bom homem. Os Borains não deviam acreditar numa só palavra do que dizia; não deveriam ouvir seus sermões nem aceitar sua liderança. Toda a sua vida fácil desmentia as suas palavras. Fracassara novamente, de maneira ainda mais terrível do que nas ocasiões anteriores!

Pois só tinha duas opções: podia deixar a Borinage, fugir na calada da noite, antes que compreendessem como era um cão mentiroso e covarde, ou podia aproveitar o conhecimento que lhe fora revelado naquele dia e tornar-se realmente um homem de Deus.

Ele tirou todas as roupas da cômoda e ajeitou-as rapidamente na mala. Pôs também os ternos, sapatos, livros e gravuras. Fechou a mala.

Deixou-a na cadeira, por enquanto, e saiu correndo pela porta da frente.

Havia um pequeno córrego no fundo da ravina. Um pouco além, o bosque de pinheiros iniciava a subida no outro lado. Naquele bosque havia umas poucas cabanas dispersas de mineiros. Depois de algumas indagações, Vincent descobriu uma cabana desocupada. Era toda de madeira, sem qualquer janela, construída numa encosta bastante íngreme.

O chão era de terra, batida pelo longo uso; a neve derretida escorria sob as

tábuas na extremidade superior. Por cima, havia vigas toscas, sustentando o telhado. Como a cabana não fora usada durante todo o inverno, os buracos e frestas deixavam entrar lufadas de ar gelado.

— Quem é o dono deste lugar? — perguntou Vincent à mulher que o acompanhara.

— Um dos negociantes de Wasmes.

— Sabe quanto é o aluguel?

— Cinco francos por mês.

— Está certo, ficarei com a cabana.

— Mas não pode viver aqui, Monsieur Vincent!

— Por que não?

— Mas... mas... é um lugar miserável! É ainda pior do que a minha casa. O pior lugar em toda Petit Wasmes!

— É justamente por isso que a quero!

Vincent tornou a subir a colina. Uma nova sensação de paz envolvia seu coração. Madame Denis estivera em seu quarto para fazer alguma coisa durante a sua ausência e descobrira a mala arrumada.

— O que aconteceu de errado, Monsieur Vincent? — gritou ela, assim que ele chegou. — Por que vai voltar à Holanda tão de repente?

— Não vou partir, Madame Denis. Continuarei na Borinage.

— Então por que...

Ela não concluiu a frase, uma expressão de perplexidade se estampando em seu rosto. Depois que Vincent explicou, ela disse suavemente: — Creia em mim, Monsieur Vincent: não pode viver assim. Não está acostumado. Os tempos mudaram desde Jesus Cristo. Todos devemos agora viver da melhor maneira que pudermos. As pessoas sabem por seu trabalho que é um bom homem.

Vincent não se deixaria dissuadir. Procurou o negociante em Wasmes, alugou a cabana e mudou-se para lá. Quando chegou o cheque de cinquenta francos do seu primeiro salário, poucos dias depois, ele comprou uma pequena cama de madeira e uma estufa de segunda mão. Depois desses gastos, resto-lhe apenas dinheiro suficiente para garantir o pão, queijo e café pelo resto do mês. Empilhou um pouco de terra na parede superior da cabana para impedir que a água vazasse, cobriu os buracos e frestas com pedaços de sacos. Vivia agora no mesmo tipo de habitação dos mineiros, tinha uma comida idêntica e dormia numa cama idêntica. Era um deles. Tinha o direito de levar-lhes a palavra de Deus.

13

O gerente da Charbonnages Belgique, que controlava as quatro minas nas proximidades de Wasmes, não era absolutamente o tipo de animal ganancioso que Vincent estava preparado para encontrar. É verdade que era um tanto corpulento, mas tinha olhos gentis e compreensivos, a atitude de quem já passara também por privações e sofrimentos.

— Já sei de tudo isso, Monsieur Van Gogh — disse ele, depois de escutar atentamente o relato de Vincent sobre as aflições dos mineiros. — É uma história antiga. Os homens pensam que estamos deliberadamente fazendo-os passar fome, a fim de podermos obter lucros maiores. Mas pode estar certo, Monsieur, que nada é mais longe da verdade. Deixe-me mostrar-lhe alguns dados do Centro Internacional de Minas, sediado em Paris.

Ele abriu um gráfico grande sobre a mesa e com o dedo indicou uma linha azul no fundo.

— As minas de carvão belgas, Monsieur, são as mais pobres do mundo. É tão difícil alcançar o nosso carvão que se toma quase impossível vendê-lo no mercado aberto com algum lucro. Nossas despesas operacionais são as mais altas de qualquer mina de carvão da Europa. E nossos lucros são os mais baixos. Temos de vender nosso carvão pelo mesmo preço das minas que produzem a um custo por tonelada muito inferior. Estamos à beira da falência em todos os dias de nossas vidas. Está me entendendo?

— Acho que sim.

— Se pagássemos aos mineiros mais um franco por dia, nossos custos de produção se elevariam acima do preço do carvão no mercado. E teríamos de fechar as minas. Se isso acontecer, os mineiros realmente passarão fome.

— Mas os proprietários não poderiam se contentar com um pouco menos de lucro? Haveria então a possibilidade de pagar mais aos trabalhadores.

O gerente sacudiu a cabeça, tristemente.

— Não é possível, Monsieur. Sabe com que as minas de carvão funcionam? Capital. Como qualquer outro empreendimento. E o capital deve receber seu retomo ou se afastará para outras coisas. As ações da Charbonnages Belgique pagam atualmente dividendos de apenas três por cento. Se fossem reduzidos em meio por cento, os proprietários retirariam seu dinheiro. E se fizessem isso teríamos de fechar nossas minas, porque não podemos operar sem capital. E novamente os mineiros passariam fome. Como pode compreender, Monsieur, não são os proprietários nem os gerentes que criam a situação horrível na

Borinage. A causa está na posição insatisfatória das *couches.* E creio que, por isso, só podemos atribuir a culpa a Deus!

Vincent deveria ter ficado chocado com essa blasfêmia. Mas não ficou. Estava pensando no que o gerente lhe dissera.

— Mas pelo menos pode fazer alguma coisa em relação às horas de trabalho. Treze horas por dia lá no fundo é matar a sua aldeia inteira!

— Não, Monsieur, não podemos diminuir o horário de trabalho, pois isso equivaleria a aumentar os salários. Produziriam menos carvão pelos cinquenta centavos por dia e com isso subiria o nosso custo de produção por tonelada.

— Há uma coisa que certamente pode ser melhorada.

— Vai falar das perigosas condições de trabalho?

— Isso mesmo. Pelo menos pode reduzir o número de acidentes e mortes nas minas.

O gerente sacudiu a cabeça pacientemente.

— Não, Monsieur, não podemos fazer isso. Não temos condições de vender novas ações no mercado porque nossos dividendos são baixos demais. E não temos absolutamente excesso de lucros para investir em melhorias... Ah, Monsieur, é um círculo vicioso, sem qualquer esperança.

Já pensei a respeito milhares de vezes. E foi isso que me levou de um católico firme e fiel a um ateu amargurado. Não posso compreender como um Deus no céu pode criar deliberadamente tal situação e escravizar toda uma raça em miséria abjeta por século após século, sem um momento sequer de misericórdia divina!

Vincent não foi capaz de pensar em coisa alguma para dizer. E voltou para casa completamente atordoado.

14

O mês de fevereiro foi o mais terrível do ano. Ventos gelados sopravam pelo vale e o topo da colina, tornando quase impossível andar pelas ruas. As cabanas dos mineiros precisavam agora do *terril* mais do que nunca para terem algum calor. Mas os ventos gelados eram tão implacáveis que as mulheres não podiam ir à montanha preta para buscá-lo. Nada tinham, além das saias ordinárias, blusas, meias de algodão e lenços, para se protegerem dos ventos cortantes.

As crianças tinham de ficar na cama dia após dia, para não congelarem. Era quase impossível providenciar comida quente porque não havia carvão para o fogo. Quando os homens saíam das entranhas escaldantes da terra, se lançavam sem qualquer preparação para temperaturas muito abaixo de zero, voltando para casa através do campo coberto de neve, açoitados por um vento implacável. Mortes de tísica e pneumonia ocorriam a cada dia da semana. Vincent leu muitos serviços fúnebres durante o mês.

Ele desistira de tentar ensinar às crianças de rostos roxos a aprenderem a ler e passava os dias na montanha de Marcasse recolhendo o pouco carvão que podia, distribuindo-o entre as cabanas em que a miséria era pior. Ele não precisava esfregar pó de carvão no rosto durante aqueles dias, pois nunca se achava livre da marca do mineiro. Um estranho chegando a Petit Wasmes poderia chamá-lo de “apenas mais um *gueule-noire*”.

Ele recolhera quase meio saco *de terril*, depois de muitas horas de trabalho, subindo e descendo pela pirâmide. A pele arroxeada das mãos estava cortada pelas pedras cobertas de gelo. Pouco antes das quatro ele resolveu parar e levar o que tinha para a aldeia, a fim de que pelo menos algumas mulheres pudessem preparar café quente para seus maridos.

Alcançou o portão da Marcasse no momento em que os mineiros começavam a sair. Alguns reconheceram-no e murmuraram um *bojou*, mas os outros foram seguindo em frente com as mãos nos bolsos, indiferentes, os ombros encurvados para dentro, os olhos fixados no chão.

O último a passar pelo portão foi um velhinho, cuja tosse sacudia tal forma todo o seu corpo que mal conseguia andar. Seus joelhos tremiam e quando o vento gelado dos campos cobertos de neve o atingiam ele cambaleava, como se recebesse um soco devastador. Quase caía de cara no gelo. Depois de um momento, ele reuniu coragem e começou a atravessar o campo lentamente, oferecendo o lado do corpo ao vento. Tinha em torno dos ombros um saco, que conseguira obter em alguma loja de Wasmes.

Vincent percebeu que alguma coisa estava impressa no saco. Aguçou os olhos para descobrir o que era e decifrou as letras: FRÁGIL.

Depois de deixar *o terril* nas cabeças dos mineiros, Vincent foi para sua própria choupana e estendeu todas as roupas sobre a cama. Tinha cinco camisas, três conjuntos de roupas de baixo, quatro pares de meias, dois pares de sapatos, dois ternos e um capote de soldado extra. Deixou uma camisa, um par de meias e um conjunto de roupas de baixo na cama, pondo todo o resto na mala.

O terno ele deu ao velho que tinha a palavra FRÁGIL escrita nas costas. As roupas de baixo e as camisas ficaram para as crianças, a serem cortadas e convertidas em trajes pequenos. As meias foram distribuídas entre os tísicos que tinham de descer pela Marcasse. O capote foi para uma mulher grávida, cujo marido morrera poucos dias antes, num desmoronamento e que precisava tomar o seu lugar na mina, a fim de alimentar os dois filhos pequenos.

O Salon du Bébé estava fechado, pois Vincent não desejava tirar o *terril* das donas-de-casa. Além disso, as famílias tinham medo de andar pela lama misturada com neve, para não ficarem com os pés úmidos.

Vincent fazia rondas, realizando pequenos serviços em cada cabana. À medida que o tempo foi passando, ele descobriu ser necessário devotar-se cada vez mais aos deveres práticos de curar, lavar, limpar, preparar bebidas quentes e medicamentos. Acabou deixando a Bíblia em casa, pois nunca encontrava tempo para abri-la. A Palavra de Deus se tornara um luxo que os mineiros não podiam se permitir.

O frio diminuiu um pouco em março, mas a febre tomou seu lugar.

Vincent gastou quarenta francos do seu salário de fevereiro na compra de comida e medicamentos para os dentes, reservando para si mesmo rações que o deixavam a um passo da fome total. Estava se tomando cada vez mais magro por falta de uma alimentação adequada; seus maneirismos nervosos eram mais e mais exagerados. O frio lhe minava a vitalidade; começou a ter febre constante. Os olhos eram como grandes bolas de fogo nas órbitas, a enorme cabeça dos Van Goghs pareceu encolher. As faces ficaram encovadas, mas o queixo continuava a se projetar tão firmemente como antes.

O menino Decrucq mais velho contraiu tifo; surgiu uma situação difícil nas camas. Eram apenas duas na cabana, os pais ocupavam uma e os filhos deitavam na outra. Se os dois bebés permanecessem na mesma cama com o irmão, poderiam pegar também a doença. Se deitassem no chão, ficariam com pneumonia. Se os pais dormissem no chão, não teriam condições de trabalhar no dia seguinte. Vincent compreendeu imediatamente o que se devia fazer.

— Decrucq — disse ele, quando o mineiro voltou do trabalho — pode me ajudar por um momento, antes de sentar para jantar?

Decrucq estava cansado e passando mal da dor no couro cabeludo, mas acompanhou Vincent sem fazer qualquer pergunta, arrastando a perna morta. Quando chegaram à sua cabana, Vincent tirou um dos cobertores de cima da cama e disse:

— Pegue o outro lado. Levaremos a cama até sua casa para o menino.

Decrucq rangeu os dentes.

— Temos três filhos. Se Deus assim quiser, podemos perder um. Mas só existe um Monsieur Vincent para cuidar de toda a aldeia e não permitirei que ele se mate.

Ele deixou a cabana claudicando. Vincent desmontou a cama, ajeitou-a nos ombros, foi para a casa dos Decrucqs e armou-a. Decrucq e a esposa fitavam-no por cima de seu jantar de pão e café. Vincent transferiu o menino para sua cama e acomodou-o.

Mais tarde, naquela mesma noite, ele foi à casa dos Denis para indagar se tinham alguma palha que pudesse levar para sua cabana e dormir em cima. Madame Denis ficou consternada ao saber o que ele fizera.

— Seu antigo quarto continua desocupado, Monsieur Vincent. Deve voltar a morar aqui.

— É muito boa, Madame Denis, mas não posso.

— Sei que está preocupado com o dinheiro. Mas isso não tem importância. Jean-Baptiste e eu ganhamos o suficiente. Pode viver aqui de graça, como um irmão. Não está sempre nos dizendo que todos os filhos de Deus são irmãos?

Vincent tremia de frio. Estava com fome. Sentia-se delirante com a febre que não abandonava há dias. Enfraquecera consideravelmente, da desnutrição e falta de sono. Sentia-se desesperado e quase insano da miséria e sofrimento cumulativo da aldeia. A cama lá em cima era quente, macia e limpa. Madame Dervis lhe daria comida para acabar com a pressão terrível no fundo do estômago; cuidaria de sua febre, com bebidas quentes e fortes, até que o frio fosse expulso de seus ossos.

Ele estremeceu, quase caiu no chão de ladrilhos vermelhos da padaria. Mas controlou-se bem a tempo.

Aquele era o supremo teste de Deus. Se falhasse agora, tudo o trabalho que realizara antes teria sido inútil. Agora que a aldeia se encontrava no estágio mais horrível de sofrimento e privação, ele poderia recuar, mostrar-se um covarde, fraco e desprezível, aceitar o conforto e o luxo no primeiro instante em que lhe era oferecido?

— Deus tem conhecimento de sua bondade, Madame Denis, e saberá recompensá-la. Mas não deve tentar me desviar do caminho do dever. Se não pode me arrumar um pouco de palha, terei de dormir no chão nu. Mas não me

ofereça qualquer outra coisa, por favor, pois não posso aceitar.

Ele ajeitou a palha num canto da cabana, sobre o chão úmido, cobriu-se com o cobertor fino. Mas não conseguiu dormir durante toda a noite; quando a manhã chegou, estava com tosse, os olhos pareciam ter recuado ainda mais pela cabeça. A febre aumentou, até que se achava apenas meio consciente de seus movimentos. Não havia *terril* na cabana para a estufa; achara que não podia privar os mineiros de um punhado sequer do que colhia na montanha preta. Conseguiu engolir alguns pedaços de pão duro e saiu para o seu dia de trabalho.

15

Março passou cansado para abril e as condições melhoraram um pouco. Os ventos desapareceram, a inclinação do sol tornou-se um pouco mais direta e o degelo finalmente começou. Com a neve se derretendo, os campos pretos tornaram-se visíveis, as cotovias voltaram a cantar e nos bosques os botões começaram a surgir nos sabugueiros. A febre amainou e, com o advento do tempo mais quente, as mulheres da aldeia puderam enxamear de novo sobre a pirâmide de Marcasse para buscar *terril.* Não demorou muito para que as cabanas ardessem com fogos aconchegantes nas estufas ovais; as crianças podiam passar o dia fora da cama e Vincent reabriu o Salon. A aldeia inteira compareceu para o primeiro sermão. Um vestígio de sorriso retomava aos olhos melancólicos dos mineiros; as pessoas se atreviam a levantar a cabeça, só um pouco. Decrucq, que se designara o capataz e zelador oficial do Salon, dizia gracejos por cima da estufa e esfregava a cabeça vigorosamente.

— Melhores tempos estão chegando! — gritou Vincent do púlpito, exultante. — Deus os testou e descobriu que são sinceros. O pior do nosso sofrimento já passou. O milho amadurecerá nos campos e o sol os aquecerá ao sentarem diante de suas casas, depois de um bom dia de trabalho. As crianças correrão atrás das cotovias e recolherão frutas nos campos. Levantem os olhos para Deus, pois coisas boas lhes estão reservadas. Deus é misericordioso. Deus é justo. Ele os recompensará por sua fé e vigilância. Ofereçam graças a Deus, pois melhores tempos estão chegando. Melhores tempos estão chegando!

Os mineiros ofereceram graças fervorosamente. Vozes joviais povoavam a sala e todos diziam aos vizinhos:

— Monsieur Vincent está certo. Nosso sofrimento acabou. O inverno passou. Melhores tempos estão chegando!

Poucos dias depois, quando Vincent e um grupo de crianças recolhiam *terril por* trás da Marcasse, divisaram pequenos vultos pretos saírem correndo do prédio em que ficava a abertura da mina e se espalharem pelos campos, em todas as direções.

— O que aconteceu? — indagou Vincent. — Ainda não podem ser três horas. O sol nem mesmo está no meio do céu.

— Houve um acidente! — gritou um dos garotos mais velhos. — Já vi eles correrem assim antes! Alguma coisa arrebentou lá embaixo!

Todos desceram da montanha negra tão depressa quanto podiam, cortando as mãos e as roupas nas pedras. O campo ao redor da Marcasse se achava repleto de

formigas pretas, correndo em busca de proteção. Quando eles chegaram lá embaixo a maré de movimento mudara e mulheres e crianças corriam pelo campo procedentes da aldeia, de todas as direções, numa velocidade assustada, os bebês nos colos, os pequenos cambaleando por trás. Quando alcançou o portão, Vincent ouviu vozes excitadas gritando: — Grisu! Grisu! A nova *couche!* Eles foram apanhados! Estão presos!

Jacques Verney, que ficara de cama durante o frio mais intenso, veio correndo pelo campo, no máximo de velocidade. Emagrecera ainda mais, o peito tornara-se mais cadavérico. Vincent alcançou-o na passagem e indagou:

— O que aconteceu?

— *A couche* de Decrucq! Lembra-se dos lampiões azuis? Eu sabia que acabaria acontecendo!

— Quantos estão lá? Não podemos alcançá-los?

— São doze compartimentos. Você os viu. São cinco homens em cada compartimento.

— Não podemos salvá-los?

— Não sei. Descerei imediatamente com uma turma de voluntários.

— Deixe-me ir também. Quero ajudar.

— Não. Preciso de homens experientes.

Jacques correu para a entrada da mina. A pequena carroça puxada pelo cavalo branco parou diante do portão, a mesma carroça que transportara tantos mortos e feridos para as cabanas na ravina. Os mineiros que haviam corrido pelo campo começaram a voltar, junto com suas famílias. Algumas mulheres choravam histericamente, outras olhavam fixamente para a frente, de olhos arregalados. As crianças choramingavam e os capatazes corriam de um lado para outro, gritando a plenos pulmões, organizando equipes de resgate.

Subitamente, todo o barulho cessou. Um pequeno grupo saiu do prédio em que ficava a entrada da mina e desceu lentamente os degraus, carregando alguma coisa envolta por mantas. O silêncio foi eloquente por um momento. E depois todos se puseram a chorar e gritar ao mesmo tempo.

— Quem foi? Eles estão mortos? Estão vivos? Pelo amor de Deus, digam-nos os seus nomes! Mostrem-nos! Meu marido está lá embaixo! Meus filhos! Dois dos meus bebês estão naquela *couche!*

O grupo parou junto à carroça com o cavalo branco. Um dos homens falou:

— Três dos carregadores que despejavam carvão do lado de fora estão salvos. Mas ficaram terrivelmente queimados.

— Quem são eles? Pelo amor de Jesus, digam quem são! Mostrem-nos! Mostrem-nos! Meu filho está lá embaixo! Meu filho! Meu filho!

O homem levantou as mantas dos rostos queimados de duas meninas de

cerca de nove anos e um garoto de dez. Todos os três estavam inconscientes. As famílias das crianças cercaram-nos com gritos misturados de lamento e alegria. As três crianças foram ajeitadas na carroça do cavalo branco e levadas pelo campo. Vincent e as famílias correram ao lado, como animais ofegantes. Lá atrás, Vincent podia ouvir o gemido crescente de medo e angústia. Ele virou a cabeça enquanto corria e olhou para trás, contemplando a longa fileira de montanhas de *terril* no horizonte.

— Egito Negro! — gritou ele, bem alto, dando vazão à sua angústia. — Egito Negro, com o povo eleito escravizado outra vez! Oh, Deus, como pôde fazer isso? Como pôde?

As crianças queimaram-se quase até a morte. A pele e os cabelos de todas as partes expostas se achavam cauterizadas. Vincent entrou na primeira cabana. A mãe retorcia as mãos, em desespero. Vincent despiu a criança e gritou: — Óleo, óleo! Depressa!

A mulher tinha um pouco de óleo na casa e Vincent aplicou-o nas queimaduras, gritando em seguida: — Ataduras! Depressa!

A mulher ficou imóvel, fitando-o fixamente, o terror estampado nos olhos. Vincent ficou furioso e tornou a gritar: — Ataduras! Quer que seu filho morra?

— Não temos nada — balbuciou a mulher. — Não há um só pedaço de pano branco na casa. Não tivemos nada durante todo o inverno.

A criança se remexeu e gemeu. Vincent tirou o casaco e a camisa, arrancou a camiseta do corpo. Tornou a vestir o casaco, rasgou as outras roupas em tiras e enfaixou o menino, da cabeça aos pés. Pegou a lata de óleo e correu para a segunda cabana. Passou óleo e enfaixou a menina que lá estava. Quando chegou à terceira criança queimada a camisa e a camiseta já haviam sido inteiramente usadas. O garoto de dez anos estava morrendo. Vincent tirou a calça e a ceroula de lã. Tornou a pôr a calça e rasgou a ceroula em tiras.

Ajeitando o casaco sobre o peito nu, ele correu pelo campo para a Marcasse. A distância já podia ouvir o lamento, o choro interminável da esposa e mãe.

Os mineiros se concentravam em torno do portão. Somente uma equipe de socorro podia trabalhar lá embaixo de cada vez. O acesso *à couche* era estreito. Os outros homens esperavam a sua vez. Vincent perguntou a um dos capatazes-assistentes:

— Quais são as chances?

— Eles devem estar mortos, a esta altura.

— Não podemos alcançá-los?

— Estão enterrados sob a rocha.

— Quanto tempo levará para se chegar lá?

— Semanas. Talvez meses.

— Mas por quê? Por quê?
— É o tempo que levou antes.
— Então eles estão perdidos!
— São 57 homens e garotos!
— E todos estão perdidos!
— Nunca mais tornaremos a vê-los!

As equipes de resgate se revezaram por 36 horas. As mulheres que tinham marido e filhos lá embaixo não podiam ser afastadas. Os homens lá em cima diziam-lhes que o resgate era certo. Elas sabiam que eles mentiam. As esposas de mineiros que não haviam perdido ninguém traziam café quente e pão através do campo. As mulheres desesperadas nada comiam. Jacques Verney foi trazido à superfície durante a madrugada, num cobertor. Sofrera uma hemorragia. Morreu no dia seguinte.

Depois de 48 horas, Vincent persuadiu Madame Decrucq a voltar para casa com as crianças. Por doze dias, as esquipes voluntárias de resgate trabalharam sem descanso. A extração foi suspensa. Como não se estava produzindo carvão, os salários não foram pagos. Os poucos francos excedentes na aldeia foram consumidos rapidamente. Madame Denis continuou a fabricar pão e distribuí-lo, a crédito. A companhia não contribuiu com coisa alguma. Ao final do 12° dia as equipes de resgate receberam ordens para suspender seus esforços. Os homens tinham de voltar à extração de carvão. Petit Wasmes não dispunha de um único cêntimo a separá-la da fome.

Os mineiros entraram em greve.

O salário de abril de Vincent chegou. Ele desceu a Wasmes e comprou alimentos no valor de cinquenta francos. Distribuiu tudo entre as famílias. A aldeia viveu de sua contribuição por seis dias. Depois disso, todos saíram para os bosques a fim de recolher frutas, folhas, relva, qualquer coisa que se pudesse comer. Os homens procuravam por coisas vivas: ratos, sapos, lagartos, gatos, cachorros. Qualquer coisa que se pudesse pôr no estômago para acabar com a dor latejante da fome.

Finalmente não havia mais nada para se encontrar. Vincent escreveu para Bruxelas, pedindo ajuda. Não veio nenhuma. Os mineiros sentaram para observar suas mulheres e filhos passarem fome, diante de seus olhos.

Pediram a Vincent que celebrasse os serviços pelas 57 almas perdidas na mina, os que haviam morrido antes deles. Cem homens, mulheres e crianças se apertaram na pequena cabana de Vincent. Ele nada ingerira, além de café, por dias. Quase não comera qualquer alimento sólido desde o acidente. Estava fraco demais para permanecer de pé. A febre e o desespero retornaram a seu coração. Os olhos eram apenas dois pequenos pontos pretos, as faces se achavam

encovadas, os ossos circulares sob os olhos se projetavam, uma barba vermelha emaranhada se espalhava por seu rosto. Usava sacos em torno do corpo para substituir as roupas de baixo. Somente uma lanterna iluminava a cabana. Pendia de um caibro quebrado, projetando uma claridade ténue e bruxuleante. Vincent estava estendido em sua palha no canto, a cabeça soerguida se apoiando na mão. A lanterna parecia fantástica, as sombras dançando sobre as tábuas toscas e aquelas almas sofrendo em silêncio.

Ele começou a falar numa voz franca, febril, cada palavra povoando o silêncio. Os mineiros, magros, pálidos, abalados pela fome e derrota, fitavam-no atentamente, como fariam com Deus. Só que Deus estava muito longe.

Vozes altas e estranhas soaram fora da cabana, alteando-se em indignação. A porta foi aberta bruscamente e uma voz de criança gritou: — Monsieur Vincent está aqui, Messieurs.

Vincent parou de falar. Os cem Borains viraram a cabeça para a porta. Dois homens bem-vestidos entraram. O fogo na lanterna de óleo aumentou por um breve instante. Vincent percebeu o horror e o medo estampados nos rostos estranhos.

— Sejam bem-vindos, reverendo de Jong e reverendo Van den Brink — disse ele, sem se levantar. — Estamos realizando um serviço fúnebre para os 57 mineiros que foram soterrados vivos na Marcasse. Não gostariam de dizer uma palavra de conforto às pessoas?

Os reverendos levaram um longo tempo para conseguir falar.

— Chocante! Simplesmente chocante! — gritou De Jong, dando uma palmada sonora na barriga protuberante.

— É de se pensar que você está nas selvas da África! — exclamou Van den Brink.

— Só Deus sabe quanto mal ele causou.

— Pode demorar anos para levar estas pessoas de volta ao cristianismo. De Jong cruzou as mãos sobre a pança e acrescentou: — Eu disse desde o início que não deveríamos lhe dar qualquer função. — Eu sei, eu sei... mas Pietersen... quem poderia sonhar com uma coisa assim? Esse homem é absolutamente louco!

— Desconfiei que era insano durante todo o tempo. Jamais confiei nele.

Os reverendos falavam num francês rápido e perfeito. Os Borains não podiam compreender uma palavra sequer. Vincent sentia-se muito fraco e doente para compreender as implicações do que eles diziam. De Jong abriu caminho com a barriga pela multidão e disse a Vincent, baixinho, mas incisivamente: — Mande esses cães repulsivos saírem daqui!

— Mas os serviços! Ainda não acabamos...

— Não se preocupe com os serviços. Mande-os embora.

Os mineiros se retiraram, lentamente, sem entenderem coisa alguma.

Os dois reverendos postaram-se diante de Vincent.

— O que andou fazendo consigo mesmo? Que história é essa de realizar serviços religiosos num buraco como este? Que tipo de novo culto bárbaro você iniciou? Não tem o menor senso de decência, de decoro? Esse comportamento é condizente com um ministro cristão? Ficou totalmente louco para agir dessa maneira? Quer desgraçar a nossa Igreja?

O reverendo de Jong fez uma pausa, correndo os olhos pela cabana humilde e sórdida, a cama de palha em que Vincent deitava, a serapilheira envolvendo seu corpo, os olhos fundos e febris.

— É afortunado para a Igreja, Monsieur Van Gogh — continuou ele — que só tenhamos lhe concedido uma designação temporária. Mas pode agora considerar cancelada a sua indicação. Nunca mais terá permissão para nos servir. Seu comportamento é repulsivo e vergonhoso. Seu salário está suspenso e um novo homem será enviado imediatamente para tomar o seu lugar. E se eu não fosse bastante caridoso para julgá-lo inteiramente louco, diria que é o pior inimigo do cristianismo que a Igreja Evangélica Belga já teve!

Houve um silêncio prolongado.

— E então, Monsieur Van Gogh, não tem nada a dizer em sua defesa?

Vincent lembrou-se do dia em Bruxelas quando lhe haviam recusado uma provisão. Agora não podia sentir qualquer coisa, muito menos falar.

— É melhor irmos embora, irmão De Jong — disse o reverendo Van den Brink. — Não há mais nada que possamos fazer aqui. O caso dele é irremediável. Se não pudermos encontrar um bom hotel em Wasmes, teremos de voltar a Mons ainda esta noite.

16

Na manhã seguinte um grupo de mineiros mais velhos foi procurar Vincent.

— Monsieur, agora que Jacques Verney está morto, é o único homem em quem podemos confiar. Deve nos dizer o que fazer. Não queremos passar fome até a morte, a menos que sejamos obrigados. Talvez possa falar com "eles" para atenderem nossos pedidos. Depois de conversar com eles, se nos disser para voltar ao trabalho, assim faremos. E se nos disser para continuar a passar fome, também faremos isso. Só faremos o que nos mandar, Monsieur. Não ouviremos a mais ninguém.

Os escritórios da Charbonnages Belgique tinham um clima fúnebre.

O gerente pareceu contente por receber Vincent e escutou-o com toda simpatia.

— Sei muito bem, Monsieur Vincent, que os mineiros estão indignados porque não continuamos a escavar até encontrar os corpos. Mas de que isso adiantaria? A companhia resolveu não reabrir aquela *couche*. Não compensa. Teríamos de escavar talvez por um mês. E qual seria o resultado? Simplesmente tiraríamos os homens de uma sepultura para metê-los em outra.

— Mas o que pode fazer com os vivos? Não pode tomar providências para melhorar as condições lá embaixo? Eles precisam trabalhar diante da morte certa em todos os dias de suas vidas?

— *Oui, Monsieur,* precisam mesmo. Não há outro jeito. A companhia não dispõe de recursos para investir em sistemas de segurança. Os mineiros se encontram no lado perdedor desta disputa. Não podem vencer, porque têm as leis econômicas rígidas contra eles. E o que é pior, se não voltarem ao trabalho dentro de uma semana a Marcasse será fechada permanentemente. E então só Deus sabe o que acontecerá com os mineiros.

Vincent subiu derrotado pelo longo caminho sinuoso até Petit Wasmes.

— Talvez Deus saiba — murmurou ele para si mesmo, amargurado. — E talvez Ele não saiba.

Era evidente que ele não tinha mais qualquer utilidade para os mineiros. Precisava lhes dizer para voltarem ao trabalho, treze horas por dia, nas minas que os matavam, por rações de inanição, com a morte súbita sempre pairando ao redor e a morte lenta, com uma terrível tosse, liquidando a todos os sobreviventes. Ele não conseguira ajudá-los por qualquer meio. Nem mesmo Deus podia ajudá-los. Ele viera para Borinage a fim de incutir a Palavra de Deus em seus corações. Mas o que mais podia dizer quando se defrontava com o fato

de que o eterno inimigo dos mineiros não eram os proprietários, mas sim o próprio Pai Todo-Poderoso?

No momento em que dissesse aos mineiros que voltassem ao trabalho, que se entregassem de novo à escravidão, deixaria de ter qualquer valor para eles. Nunca poderia pregar outro sermão — mesmo que o comitê lhe permitisse — pois de que adiantava o Evangelho agora? Deus virara um ouvido surdo aos mineiros e Vincent não fora capaz de abrandá-lo.

E, de repente, ele compreendeu uma coisa que há muito tempo já sabia, inconscientemente. Toda aquela conversa sobre Deus era uma evasiva infantil; mentiras sussurradas por um mortal assustado e solitário para si mesmo, numa noite escura, fria e eterna. Não havia Deus. Era simples assim, não havia Deus. Só existia o caos; o caos miserável, sofredor, cruel, torturante, cego e interminável.

17

Os mineiros voltaram ao trabalho. Theodorus Van Gogh, que recebeu informações do Comitê de Evangelização, escreveu para Vincent, enviando dinheiro e pedindo-lhe que voltasse para Etten. Em vez disso, Vincent voltou para a casa dos Denis. Fez uma viagem de despedida ao Salon, tirou todas as gravuras das paredes e levou para o seu quarto sob o beiral.

Era novamente a falência e tempo para efetuar uma avaliação. Só que não havia o que avaliar. Não tinha emprego, não tinha dinheiro, saúde, força, ideias, entusiasmos, desejos, ambições, ideais e, pior de tudo, nenhuma base em que equilibrar a sua vida. Estava com 26 anos, fracassara cinco vezes, não possuía coragem para começar tudo de novo.

Contemplou-se no espelho. A barba ruiva cobria o rosto em torvelinhos. Os cabelos começavam a se tornar ralos, a boca cheia se reduzira a uma linha fina, os olhos se encontravam perdidos em algum lugar de cavernas escuras. Toda a personalidade que fora Vincent Van Gogh parecia ter murchado, esfriado, quase morrera.

Ele tomou emprestado um pedaço de sabão de Madame Denis e esfregou-se da cabeça aos pés, numa tina cheia de água. Examinou o que fora antes um corpo maciço e poderoso, constatou que estava magro e emaciado.

Barbeou-se cuidadosamente, impecavelmente, especulando de onde teriam surgido tão de repente os ossos estranhos em seu rosto. Penteou os cabelos ao jeito antigo, pela primeira vez em muitos meses. Madame Denis trouxe-lhe uma camisa e uma roupa de baixo do marido. Vincent vestiu-se e desceu para a aprazível cozinha da padaria. Sentou para jantar com os Denis; uma comida saudável passou por seus lábios pela primeira vez desde a catástrofe na mina. Pareceu-lhe estranho que se desse ao trabalho de comer. O alimento em sua boca tinha o gosto de uma massa morna e insossa.

Embora não tivesse dito aos mineiros que fora proibido de continuar a pregar, eles não haviam lhe pedido e também não se importavam mais com sermões. Vincent dificilmente lhes falava agora. Raramente conversava com qualquer pessoa. Trocara apenas um *bonjour* na passagem.

Jamais entrava em suas-cabanas ou se misturava com suas vidas diárias e pensamentos. Por alguma compreensão profunda e acordo tácito, os mineiros abstinham-se de discuti-lo. Aceitaram a sua atitude formal, mas nunca condenaram a mudança. Mantendo o silêncio, eles compreendiam. E a vida continuava na Borinage.

Uma carta da família informou que o marido de Kay Vos morrera subitamente. Encontravase numa exaustão emocional tão profunda que não podia fazer mais do que guardar o fato em algum canto remoto de sua mente.

As semanas foram passando. Vincent não fazia coisa alguma além de comer, dormir e sentar em estupor. A febre foi deixando lentamente o seu corpo. Recuperava as forças e o peso. Mas os olhos eram como duas aberturas de vidro para um caixão ocupado por um cadáver. O verão chegou; os campos negros, as chaminés e os *terrils* rebrilhavam ao sol.

Vincent perambulava pela região. Não andava pelo exercício ou prazer.

Andava porque estava cansado de ficar deitado, sentado ou parado de pé. E quando cansava de andar, sentava, deitava ou ficava parado de pé.

Pouco depois que seu dinheiro acabou, ele recebeu uma carta do irmão Theo, de Paris, suplicando-lhe que não desperdiçasse seu tempo na ociosidade na Borinage, mas aproveitasse as notas anexas para dar um passo decisivo e iniciar um processo de recuperação. Vincent entregou o dinheiro a Madame Denis. Não continuava na Borinage porque gostasse do lugar; permanecia porque não havia outro lugar para ir e seria necessário muito esforço para chegar lá.

Ele perdera Deus e perdera a si mesmo. Agora, perdeu a coisa mais importante no mundo, a única pessoa que sempre se mostrara instintivamente simpática e que o compreendera como esperava ser compreendido. Theo abandonou o irmão. Durante todo o inverno ele escrevera uma ou duas cartas por semana, cartas compridas, afetuosas, de animação e interesse. Agora, as cartas cessaram por completo. Theo também perdera a fé; renunciara a toda e qualquer esperança. E assim Vincent se encontrava sozinho, totalmente sozinho, sem contar sequer com seu Criador, um homem morto, andando num mundo deserto, especulando por que ainda se encontrava ali.

18

O verão se transformou em outono. Com a morte da escassa vegetação, alguma coisa adquiriu vida dentro de Vincent. Ainda não podia encarar a sua própria vida e por isso virou-se para as vidas dos outros.

Retornou a seus livros. A leitura sempre fora o seu prazer maior e mais constante. Agora, nas histórias dos fracassos e triunfos de outras pessoas, seus sofrimentos e alegrias, encontrou um alívio do espectro sempre obsedante de seu próprio fiasco.

Quando o tempo permitia, ele saía pelos campos e lia durante o dia inteiro; quando chovia, ficava deitado na cama sob o beiral ou se acomodava numa cadeira encostada na parede, na cozinha dos Denis, ali passando horas, inteiramente absorvido. Com o passar das semanas, absorveu as histórias de centenas de pessoas comuns, como ele próprio, que lutavam, conseguiam um pouco, fracassavam em muito. Por intermédio dessas histórias, foi lentamente adquirindo uma perspectiva apropriada de si mesmo. O tema que martelava seu cérebro, “Sou um fracasso, sou um fracasso, sou um fracasso”, foi substituído por “O que tentarei agora? Para que estou melhor capacitado? Qual é o meu lugar no mundo?” Em cada livro, ele procurava a ocupação que poderia dar sentido à sua vida.

As cartas da família descreviam a sua existência como *choquant;* o pai insistia em que ele estava violando todas as convenções sociais decentes ao levar uma vida de ociosidade. Quando planejava ter um emprego outra vez, sustentar-se, tornar-se um membro útil da sociedade e contribuir com sua parcela para o trabalho do mundo?

Vincent gostaria de conhecer a resposta.

Finalmente ele chegou a um ponto de saturação na leitura e não podia mais pegar um livro. Durante as semanas subsequentes à sua derrocada estivera tão atordoado e doente para sentir qualquer coisa emocionalmente.

Posteriormente, recorrera à literatura para reprimir os sentimentos e conseguira. Agora, estava quase que totalmente recuperado e o fluxo de sofrimento emocional acumulado por meses aflorou, como uma torrente impetuosa, engolfando-o na angústia e desespero. A perspectiva mental adquirida parecia não lhe adiantar coisa alguma.

Alcançara o ponto mais baixo de sua vida e sabia disso.

Sentia que havia alguma coisa boa dentro de si, que não era inteiramente um idiota e perdulário, que havia uma pequena contribuição que podia oferecer ao

mundo. Mas qual seria essa contribuição? Não estava capacitado para a rotina dos negócios e já tentara tudo o mais para que poderia ter aptidão. Estaria sempre condenado ao fracasso e sofrimento? A vida realmente terminara para ele?

As indagações surgiam espontaneamente, mas não traziam respostas.

E assim ele seguia à deriva com os dias que se transformaram em inverno.

O pai sentia-se tão irritado que deixou de lhe mandar dinheiro. Vincent teria de renunciar a comer com os Denis e passar a sobreviver de rações minguadas. Depois, Theo sentiu uma pontada de remorso e enviou-lhe algum dinheiro, através de Etten. E quando Theo novamente perdeu a paciência, o pai concluiu mais uma vez que tinha alguma responsabilidade.

Com a ajuda intermitente dos dois, Vincent conseguia comer durante a metade do tempo.

Num dia claro de novembro Vincent foi até a Marcasse, de mãos vazias, mente vazia. Sentou numa roda de ferro enferrujada perto do muro.

Um velho mineiro passou pelo portão, o gorro preto puxado sobre os olhos, ombros encurvados, mãos nos bolsos, joelhos ossudos se projetando.

Alguma coisa no homem, ele não podia definir exatamente o que, atraiu Vincent. Ociosamente, sem qualquer interesse específico, ele meteu a mão no bolso, tirou um coto de lápis e uma carta de casa. Desenhou rapidamente no verso do envelope o vulto pequeno, vagando pelo campo escuro.

Vincent tirou a carta do pai e constatou que as palavras cobriam apenas um lado. Depois de alguns momentos, outro mineiro passou pelo portão, um jovem em tomo dos dezessete anos. Era mais alto e mais empertigado, os ombros se levantavam jovialmente, enquanto passava pelo muro alto de pedra da Marcasse e se encaminhava para os trilhos da ferrovia. Vincent teve vários minutos para desenhá-lo antes que desaparecesse.

19

Vincent encontrou na casa dos Denis diversas folhas de papel branco e um lápis grosso. Pôs na mesa os dois desenhos toscos e começou a copiá-los. A mão estava desajeitada e rígida; não conseguia passar para o papel a linha que tinha na mente. Usava a borracha mais do que o lápis, mas continuou a reproduzir as figuras. Estava tão concentrado que não notou a escuridão se insinuar pelo quarto. Ficou surpreso quando Madame Denis bateu na porta.

— Monsieur Vincent, o jantar está na mesa.

— Jantar? — gritou Vincent, um pouco aturdido. — Mas não pode ser tão tarde assim!

À mesa, ele conversou animadamente com os Denis, um brilho tênue surgindo em seus olhos. Os Denis trocaram um olhar expressivo.

Depois da refeição ligeira, Vincent pediu licença e voltou apressadamente ao quarto. Acendeu o pequeno lampião e pregou os dois desenhos na parede. Afastou-se para contemplá-los.

— Estão ruins — murmurou para si mesmo, com um estranho sorriso. — Muito ruins. Mas talvez amanhã eu possa fazer algo um pouco melhor.

Ele foi deitar-se, pondo o lampião de querosene no chão ao seu lado.

Ficou olhando para os dois desenhos sem pensar em qualquer coisa em particular; e depois os olhos se fixaram nas gravuras penduradas nas paredes. Era a primeira vez que as via realmente, desde aquele dia, sete meses antes, quando as tirara das paredes do Salon. E de repente compreendeu que sentia uma imensa saudade do mundo da pintura.

Houvera um tempo em que sabia quem eram Rembrandt, Millet, Jules Dupré, Delacroix e Maris. Pensou em todas as gravuras maravilhosas que possuíra em um momento ou outro, as litografias e gravuras que mandara para Theo e seus pais. Pensou em todas as lindas telas que vira nos museus de Londres e Amsterdam; e pensando assim, esqueceu que se sentia miserável. Caiu num sono profundo e repousante. O lampião de querosene crepitou, a chama se tomou azulada, finalmente apagou.

Ele despertou às duas e meia da madrugada, inteiramente revigorado.

Levantou-se prontamente, vestiu-se, pegou o lápis grande e papel, encontrou uma tábua fina na padaria e partiu para a Marcasse. Sentou na mesma roda enferrujada, na escuridão, esperou que os mineiros começassem a chegar.

Desenhou rapidamente, toscamente, pois queria apenas registrar sua primeira impressão de cada personalidade. Uma hora depois, quando todos os mineiros já

haviam descido, tinha cinco figuras sem rostos. Atravessou o campo rapidamente, subiu para o seu quarto com uma xícara de café.

Quando a claridade finalmente surgiu, ele copiou os desenhos. Tentou acrescentar todas as pequenas peculiaridades dos Borains, que os olhos da imaginação tão bem conheciam, mas que não fora capaz de captar no escuro, com os modelos afastando-se depressa.

Sua anatomia estava inteiramente errada, as proporções eram grotescas, o traço tão bizarro a ponto de ser engraçado. E, no entanto, as figuras saíam como Borains, não se podia torná-las por qualquer outra coisa. Vincent, divertido por sua inépcia *e gaucherie,* rasgou os desenhos.

Depois, sentou na beira da cama, em frente ao Allebé da velhinha, carregando água quente e carvões numa rua de inverno, tentando copiá-lo.

Conseguiu sugerir a mulher, mas não foi capaz de colocá-la em relação com a rua ou as casas ao fundo. Amassou o desenho, jogou-o num canto e sentou-se na cadeira, diante do estudo de Bosboom de uma árvore solitária, contra um céu nublado. Tudo parecia muito simples; apenas uma árvore, um pouco de terra preta e nuvens por cima. Mas os valores de Bosboom eram precisos e requintados. Vincent descobriu que é sempre a peça de arte mais simples que apresenta a eliminação mais rígida e se toma assim a mais difícil de duplicar.

A manhã passou fora do reino do tempo. Depois que consumiu a última folha de papel, Vincent vasculhou seus pertences meticulosamente, a fim de verificar quanto dinheiro ainda possuía. Descobriu dois francos e, pensando que daria para comprar bastante papel e talvez um carvão de desenho em Mons, partiu para a caminhada de doze quilômetros. Ao descer a ladeira comprida entre Petit Wasmes e Wasmes, encontrou umas poucas mulheres de mineiros paradas diante de suas portas. Acrescentou um cordial *comment ça va?* ao *bonjour* habitual e automático. Em Paturages, uma cidadezinha na metade do caminho para Mons, avistou uma garota bonita por trás da janela de uma padaria. Entrou para comprar um bolinho de cinco cêntimos, apenas para contemplá-la.

Os campos entre Paturages e Cuesmes apresentavam uma tonalidade brilhante de verde, causada pelas chuvas fortes. Vincent resolveu voltar para desenhá-los assim que dispusesse de um creiom verde. Encontrou em Mons um bloco de papel liso amarelado, um pouco de carvão de desenho e uma lapiseira. Havia uma caixa com gravuras antigas na frente da loja.

Vincent examinou-as por um longo tempo, embora soubesse que nada podia comprar. O proprietário acompanhou-o e comentaram uma gravura depois de outra, como se fossem dois amigos percorrendo um museu.

— Devo pedir desculpas por não dispor de dinheiro para comprar uma de suas gravuras — disse Vincent, depois de passarem um longo tempo a estudá-

las.

O proprietário levantou as mãos e as pôs nos ombros de Vincent, num eloquente gesto gaulês.

— Não tem importância, Monsieur. Venha outra vez, mesmo que não tenha dinheiro.

Vincent voltou para casa pelos doze quilômetros sem qualquer pressa. O sol se punha sobre o horizonte pontilhado de pirâmides e iluminava as orlas das nuvens flutuantes com um rosa delicado. Vincent notou como as casinhas de pedra de Cuesmes se ajustavam em padrões naturais, como era sereno o vale verde lá embaixo, quando subiu ao topo de uma colina. Sentia-se feliz e se perguntou por quê.

No dia seguinte ele foi ao *terril* por trás da Marcasse e desenhou as garotas e mulheres se inclinando sobre a encosta, recolhendo fragmentos de ouro preto da montanha. Depois do jantar, ele disse: — Por favor, não deixem a mesa por um momento, Monsieur e Madame Denis. Quero fazer uma coisa.

Vincent correu para o seu quarto, voltou com o bloco de desenho e o carvão, rapidamente reproduziu os amigos no papel. Madame Denis deu a volta para olhar por cima de seu ombro e exclamou: — Mas é um artista, Monsieur Vincent!

Ele ficou embaraçado.

— Estou apenas me divertindo um pouco.

— Mas está muito bom — insistiu Madame Denis. — E quase parece comigo.

— Quase — disse Vincent, rindo — mas não inteiramente.

Ele não escreveu à família para contar o que estava fazendo, pois sabia que diriam e com toda razão: “Ora, é mais um capricho de Vincent. Quando ele vai assentar e fazer alguma coisa útil?”

Além do mais, aquela nova atividade possuía uma qualidade especial: era sua e de mais ninguém. Não podia falar ou escrever a respeito de seus desenhos. Sentia em relação a isso uma reticência que jamais experimentara antes com qualquer coisa, uma indisposição para permitir que olhos estranhos contemplassem o seu trabalho. De alguma forma incompreensível, eram como coisas sagradas, embora fossem terrivelmente amadorísticas, até o último detalhe.

Ele voltou a entrar nas cabanas dos mineiros, mas desta vez levava papel de desenho e creiom, ao invés de uma Bíblia. Nem por isso os mineiros ficaram menos contentes em vê-lo. Vincent desenhava as crianças brincando no chão, as mulheres inclinadas sobre os fogões, a família jantando depois de um dia de trabalho. Desenhou a Marcasse com suas chaminés altas, os campos negros, os

bosques de pinheiros no outro lado da ravina, os camponeses arando a terra em torno de Paturages. Se o tempo estava ruim, ele permanecia no quarto, copiando as gravuras nas paredes e os toscos esboços que fizera no dia anterior. Ao se deitar, à noite, pensava que talvez uma ou duas coisas que fizera naquele dia não eram tão ruins assim. Despertava na manhã seguinte para descobrir que dormira inebriado com o esforço criativo e que os desenhos estavam errados, completamente errados. E jogava-os fora sem a menor hesitação.

Reprimira a besta da angústia em seu coração e sentia-se feliz porque não mais pensava em sua infelicidade. Sabia que devia estar envergonhado por continuar a viver à custa do dinheiro do pai e do irmão, não fazendo o menor esforço para se sustentar. Mas isso parecia não ter a menor importância e ele simplesmente continuava a desenhar.

Depois de algumas semanas, quando já copiara as gravuras nas paredes várias vezes, chegou à conclusão de que, se queria fazer mais algum progresso, precisaria de mais coisas para copiar, obras dos mestres.

Apesar de Theo não lhe escrever há um ano, Vincent escondeu seu orgulho sob uma pilha de desenhos medíocres e enviou-lhe uma carta:

Querido Theo:

Se não estou enganado, você ainda deve ter "Les Travaux des Champs", de Millet.

Poderia fazer o favor de emprestá-los por algum tempo, enviando-os pelo correio?

Devo lhe contar que estou copiando gravuras de Bosboom e Allebé.

Se você os visse, talvez não ficasse muito satisfeito.

Envie o que puder e não tema por mim. Se eu puder continuar a trabalhar, isso haverá de me lançar no caminho certo, de um jeito ou de outro.

Escrevo-lhe enquanto estou ocupado a desenhar e com pressa de voltar a esse trabalho. Portanto, boa noite e mande-me as gravuras o mais depressa possível.

Com um caloroso aperto de mão em pensamento,

Vincent

Gradativamente, uma nova fome o dominou, o desejo de conversar com algum artista sobre o seu trabalho, descobrir em que acertava e em que errava. Sabia que seus desenhos eram ruins, mas se encontrava muito envolvido para definir exatamente por quê. O que precisava era do olho implacável de um estranho que não estivesse ofuscado pelo orgulho criativo do autor.

A quem poderia procurar? Era uma fome mais intensa do que a sofrida no

inverno anterior, quando sobrevivera por dias a fio apenas de pão. Tinha de saber de qualquer maneira e descobrir que havia outros artistas no mundo, homens de sua própria espécie, que enfrentavam os mesmos problemas técnicos, pensavam nos mesmos termos; homens que justificariam seus esforços, mostrando a sua própria preocupação com os elementos do ofício de pintor. Havia pessoas no mundo, ele sabia, homens como Maris e Mauve, que dedicavam toda sua vida à pintura. Ali, na Borinage, isso parecia quase inacreditável.

Numa tarde chuvosa, quando copiava em seu quarto, Vincent lembrou-se subitamente do reverendo Pietersen, parado no seu estúdio em Bruxelas, dizendo: — Mas não fale a meus *confrères* sobre isso!

E ele compreendeu que finalmente encontrara o homem que procurava. Examinou os desenhos originais que fizera, selecionou a figura de um mineiro, uma mulher inclinada sobre a estufa oval, uma velha recolhendo *terril.* E partiu para Bruxelas.

Tinha apenas pouco mais de três francos no bolso e assim não podia se dar ao luxo de pegar um trem. A distância era de aproximadamente oitenta quilômetros. Vincent andou por toda aquela tarde, toda a noite a maior parte do dia seguinte, chegando a trinta quilômetros de Bruxelas.

Teria continuado direto se os sapatos finos não se gastassem e os dedos não aflorassem em um deles. O casaco que usara durante todo o inverno anterior em Petit Wasmes estava coberto por uma camada de poeira. Como não trouxera um pente ou uma camisa extra, pôde apenas molhar o rosto com água fria na manhã seguinte.

Ajeitou papelão por dentro dos sapatos e reiniciou a caminhada, muito cedo. Mas o couro rasgado, por cima, começou a cortar-lhe os dedos; não demorou muito para que o pé ficasse todo ensanguentado. O papelão se rasgou, bolhas tomaram seu lugar, arrebentaram e sangraram.

Ele estava com fome e sede, muito cansado, mas sentia-se tão feliz quanto um homem podia se tomar.

— *Estava indo conversar com outro artista!*

Ele alcançou os subúrbios de Bruxelas naquela tarde sem um cêntimo no bolso. Lembrava nitidamente onde Pietersen morava e caminhou apressadamente pelas ruas. As pessoas se afastavam para os lados à sua passagem e depois se viravam para observá-lo, sacudindo a cabeça. Vincent nem sequer notou-as, continuando em frente tão depressa quanto lhe permitiam os pés feridos.

A jovem filha do reverendo atendeu à sineta. Lançou um olhar horrorizado para o rosto sujo e riscado de suor de Vincent, os cabelos despenteados e emaranhados, o casaco imundo, a calça enlameada, os pés ensanguentados,

depois saiu correndo a gritar pelo vestíbulo. O reverendo Pietersen veio até a porta, fitou Vincent por um momento sem reconhecê-lo, depois se abriu num sorriso efusivo de reconhecimento.

— Ah, Vincent, meu filho, que prazer tornar a vê-lo! Vamos, entre, entre!

Ele levou Vincent para o estúdio e puxou-lhe uma cadeira confortável. Agora que alcançara seu objetivo, Vincent sentiu que a força de vontade se desvanecia dentro de si. Os oitenta quilômetros que percorrera em dois dias, comendo apenas pão e queijo, causaram o seu efeito. Os músculos das costas relaxaram, os ombros arriaram, ele encontrou uma estranha dificuldade em respirar.

— Um amigo meu tem um quarto vago aqui perto, Vincent — disse Pietersen. — Não gostaria de se limpar e descansar um pouco da viagem?

— Claro. Eu não sabia que estava tão cansado.

O reverendo pegou seu chapéu e desceu para a rua com Vincent, indi ferente aos olhares dos vizinhos.

— Provavelmente vai querer dormir esta noite, Vincent. Mas pode vir almoçar conosco amanhã, ao meio-dia? Temos muita coisa para conversar.

Vincent esfregou-se vigorosamente, de pé numa tina de ferro. Embora fossem apenas seis horas, ele foi dormir, comprimindo o estômago vazio.

Não abriu os olhos até as dez horas, da manhã seguinte, e somente porque a fome batia implacavelmente como uma bigorna dentro de si. O homem de quem o reverendo Pietersen alugara o quarto emprestou a Vincent uma navalha, um pente e uma escova de roupas. Vincent fez o que podia para se tornar apresentável e descobriu que conseguia ajeitar tudo, menos os sapatos.

Estava faminto. Enquanto Pietersen conversava afavelmente sobre os últimos acontecimentos em Bruxelas, ele comeu desavergonhadamente.

Depois, os dois homens foram para o estúdio.

— Ah, então anda trabalhando bastante, hem? — disse Vincent. — Há muitos quadros novos nas paredes.

— É verdade — respondeu Pietersen. — Estou começando a sentir muito mais prazer em pintar do que em pregar.

Vincent comentou, sorrindo: — E sua consciência não o atormenta ocasionalmente por desviar tanto tempo do seu verdadeiro trabalho?

Pietersen soltou uma risada.

— Conhece a anedota sobre Rubens? Ele servia na Holanda como embaixador da Espanha e passava as tardes nos jardins reais, diante de seu cavalete. E veio o dia em que um presunçoso cortesão espanhol passou por ele e comentou: “Estou vendo que o diplomata se diverte às vezes com a pintura.” E Rubens respondeu: “Não é bem assim. O pintor é que se diverte às vezes com a diplomacia.”

Pietersen e Vincent trocaram uma risada de compreensão. Vincent abriu seu embrulho.

— Tenho também desenhado um pouco e trouxe três figuras para lhe mostrar. Será que se importaria de me dizer o que acha?

Pietersen estremeceu interiormente, porque sabia que criticar o trabalho de um principiante era uma tarefa ingrata. Mesmo assim, ajeitou os três estudos no cavalete e afastou-se um pouco para contemplá-los.

Vincent viu subitamente os desenhos pelos olhos do amigo; e compreendeu como eram amadorísticos.

— Minha primeira impressão é de que você deve estar trabalhando muito perto de seus modelos — disse o reverendo, depois de algum tempo. — Certo?

— É isso mesmo. A maior parte do meu trabalho é realizada nas cabanas pequenas dos mineiros.

— Isso explica a sua falta de perspectiva. Não poderia encontrar um lugar em que pudesse ficar afastado dos temas? Tenho certeza de que os verá muito mais claramente.

— Há algumas cabanas de mineiros relativamente grandes. Eu poderia alugar uma por pouco dinheiro e arrumá-la como um estúdio.

— Uma ideia excelente — Pietersen tomou a ficar em silêncio por algum tempo, antes de dizer, com evidente esforço: — Já estudou desenho alguma vez? Bloqueia os rostos em quadrados de papel? Tira medidas?

Vincent corou.

— Não sei como fazer essas coisas. Nunca tive uma lição. Pensei que bastava simplesmente seguir em frente e desenhar.

— Não é assim — comentou Pietersen, tristemente. — Deve aprender primeiro a técnica elementar e depois o desenho virá naturalmente. Vou lhe mostrar o que está errado com essa mulher.

Ele pegou uma régua, enquadrou a cabeça e o corpo, mostrou a Vincent como suas proporções estavam ruins. Passou depois a reconstituir a cabeça, explicando enquanto trabalhava. Depois de quase uma hora, ele recuou, contemplou o desenho e disse: — Pronto. Creio que agora temos a figura desenhada corretamente.

Vincent foi juntar-se a ele no outro lado da sala e olhou para o desenho. Não podia haver qualquer dúvida, a mulher estava agora desenhada em proporções perfeitas. Só que não era mais a mulher de um mineiro, não era mais uma Borain catando carvão na encosta do *terril.* Era apenas qualquer mulher do mundo perfeitamente desenhada, num momento em que se inclinava. Sem fazer qualquer comentário, Vincent foi até o cavalete, colocou a mulher inclinada sobre a estufa oval ao lado do desenho reconstituído e depois voltou a se postar

ao lado de Pietersen.

— Hum... — murmurou o reverendo. — Já entendi o que está querendo dizer. Eu dei proporção, mas tirei o caráter.

Eles ficaram parados ali por um longo tempo, olhando para o cavalete. E Pietersen acabou dizendo, involuntariamente: — Sabe, Vincent, a mulher inclinada para a estufa não está ruim... Não está absolutamente ruim. O desenho é terrível, seus valores estão inteiramente errados e o rosto é irremediável. Na verdade, ela não tem rosto nenhum. Mas o desenho tem alguma coisa. Captou alguma coisa que não sei definir direito. O que é, Vincent?

— Também não sei. Apenas desenhei a mulher como a vi.

Desta vez foi Pietersen quem se adiantou rapidamente até o cavalete.

Jogou o desenho que aperfeiçoara na lata de lixo, murmurando: — Espero que não se importe, pois estraguei-o.

Deixou a segunda mulher sozinha no cavalete. Foi para junto de Vincent e os dois sentaram-se. O reverendo fez menção de falar por várias vezes, mas as palavras não se formaram. Mas, finalmente, ele disse: — Detesto admiti-lo, Vincent, mas acho que quase gosto dessa mulher. Achei inicialmente que era horrível, mas alguma coisa nela aflora inapelavelmente.

— Por que detesta admiti-lo?

— Porque eu não deveria gostar. Toda a coisa está errada, completamente errada! Qualquer curso elementar numa escola de arte o obrigaria a rasgá-la e começar tudo de novo. E, no entanto, alguma coisa nela me afeta. Eu poderia quase jurar que já vi essa mulher em algum lugar antes.

— Talvez a tenha visto na Borinage — comentou Vincent, ingenuamente.

Pietersen fitou-o rapidamente para verificar se ele estava sendo esperto e depois disse: — Acho que você está certo. Ela não tem rosto e não é qualquer pessoa em particular. De alguma forma, é simplesmente todas as mulheres de mineiros da Borinage reunidas. A coisa que você captou é o espírito da mulher do mineiro, Vincent, o que é mil vezes mais importante do que desenhar corretamente. Isso mesmo, eu gosto da sua mulher. Ela me diz alguma coisa diretamente.

Vincent tremeu, mas teve medo de falar. Pietersen era um artista experiente, um profissional; se ele pedisse o desenho, se realmente gostasse o bastante para...

— Poderia me dá-la, Vincent? Eu gostaria muito de pendurá-la na minha parede. Acho que ela e eu podemos nos tomar excelentes amigos.

20

Quando Vincent decidiu que era melhor voltar a Petit Wasmes, o reverendo Pietersen deu-lhe um dos seus pares de sapatos velhos e pagou a passagem de trem até a Borinage. Vincent aceitou no espírito pleno de amizade que sabe que a diferença entre dar e receber é puramente temporal.

No trem, Vincent refletiu sobre duas coisas importantes: o reverendo Pietersen não se referira a seu fracasso como evangelista uma única vez, e também o aceitara em termos de igualdade como um artista. E até gostara o bastante de um desenho para querer pendurá-lo em sua parede; esse era o teste crucial.

— Ele me deu o impulso inicial — murmurou Vincent para si mesmo. — Se gostou do meu trabalho, outros também gostarão.

Na casa dos Denis, ele descobriu que chegara “Les Travaux des Champs”, enviados por Theo, embora nenhuma carta os acompanhasse. O contato com Pietersen o revigorara e assim ele se lançou ao Padre Millet com o maior empenho. Theo também enviara alguns papéis de desenho grandes. Em poucos dias Vincent copiou dez páginas de “Les Travaux”, terminando o primeiro volume. Depois, sentindo que precisava trabalhar os nus e absolutamente convencido de que não poderia arrumar ninguém para posar assim na Borinage, ele escreveu para seu velho amigo Tersteeg, gerente da Goupil Galleries em Haia, pedindo emprestado os “Exercises au Fusain”, de Bargue.

Enquanto esperava, lembrou-se do conselho de Pietersen e alugou uma cabana de mineiro perto do topo da rua de Petit Wasmes, pagando nove francos por mês. Desta vez a cabana foi a melhor que pôde encontrar, não a pior. Tinha um chão de tábuas toscas, duas janelas bastante grandes para deixar entrar a claridade, uma cama, mesa, cadeira e estufa. Era suficientemente ampla para que Vincent pudesse colocar o modelo numa extremidade e se postar a distância necessária para uma completa perspectiva. Não havia uma só mulher ou filho de mineiro em Petit Wasmes que Vincent não tivesse ajudado durante o inverno anterior, de um jeito ou de outro. Assim, ninguém recusou o seu pedido para posar. Aos domingos, os mineiros se agrupavam na cabana e deixavam que ele os desenhasse rapidamente. Achavam que era muito divertido. O lugar estava sempre repleto de pessoas, olhando por cima dos ombros de Vincent com interesse e espanto.

Os “Exercises au Fusain” chegaram de Haia e Vincent passou as duas

semanas seguintes copiando os sessenta estudos, trabalhando do amanhecer ao anoitecer. Tersteeg também enviou o “Cours de Dessin”, de Bargue. Vincent estudou-o com tremenda vitalidade.

Todos os cinco fracassos anteriores sumiram inteiramente de sua mente. Nem mesmo o serviço de Deus lhe proporcionara um êxtase tão intenso e constante, uma satisfação permanente, como a que encontrava agora na arte criativa. Quando passou onze dias sem ter um cêntimo sequer, vivendo dos pães que pedia emprestado a Madame Denis, não se queixou em nenhum momento — nem para si mesmo — de sua fome. Que importância tinha a fome na barriga quando o espírito se achava tão bem alimentado?

Todas as madrugadas, durante uma semana, ele foi às duas horas e meia para o portão da Marcasse e fez um desenho grande dos mineiros: homens e mulheres a caminho do poço, através da neve, por uma trilha ao lado de uma sebe de espinheiros; sombras que passavam, vagamente visíveis na semi-escuridão. Ao fundo, ele desenhou as grandes construções da mina, as pilhas de escória se erguendo contra o céu. Fez uma cópia do desenho e mandou para Theo, junto com uma carta.

Dois meses inteiros transcorreram assim, desenhando da madrugada até de noite, depois copiando à luz do lampião. E mais uma vez Vincent experimentou o desejo de conversar com outro artista, descobrir como estava se saindo, pois embora julgasse que realizara algum progresso, alcançando um pouco mais de plasticidade de mão e julgamento, não podia ter certeza. Mas desta vez queria um mestre, alguém que o tomasse sob a sua proteção e o ensinasse lenta e cuidadosamente os rudimentos do grande ofício. Não haveria nada que não fizesse em troca de tal instrução; engraxaria as botinas do homem e varreria o chão de seu estúdio dez vezes por dia.

Jules Breton, cuja obra ele admirara desde os primeiros dias, vivia em Courrieres, a cerca de 170 quilômetros dali. Vincent viajou de trem até que seu dinheiro acabou e depois andou por cinco dias, dormindo em pilhas de feno e suplicando pão em troca de um ou dois desenhos. Mas perdeu a coragem quando parou entre as árvores de Courrrieres e descobriu que Breton acabara de construir um excelente estúdio novo, de tijolos vermelhos e proporções generosas. Permaneceu na cidade por mais dois dias, mas ao final foi derrotado pela aparência fria e inóspita do estúdio.

Exausto, com uma fome terrível, sem um cêntimo no bolso, os sapatos do reverendo Pietersen se desgastando perigosamente sob os seus pés, ele iniciou a caminhada de 170 quilômetros de volta à Borinage.

Chegou à cabana de mineiro doente e desanimado. Não havia dinheiro ou correspondência à sua espera. Ele foi para a cama. As mulheres dos mineiros

cuidaram dele e lhe deram as porções mínimas de comida que podiam tirar das bocas de seus maridos e filhos.

— Vincent perdera muitos quilos na viagem, as faces se achavam encovadas outra vez e a febre incendiava os poços insondáveis de seus olhos preto-esverdeados. Apesar de doente, sua mente manteve a lucidez.

Ele compreendeu que chegara ao ponto em que uma decisão se tornava iminente.

Que faria com a sua vida? Deveria se tornar um mestre-escola, um livreiro, negociante de arte, escriturário mercantil? Onde iria viver? Em Etten, com os pais? Em Paris, com Theo? Em Amsterdam, com seus tios?

Ou simplesmente no grande vazio para onde quer que o acaso o empurrasse, trabalhando em qualquer coisa que a fortuna determinasse?

Um dia, quando já recuperara um pouco as forças e estava sentado na cama, copiando “Le Four dans les Landes”, de Theodore Rousseau, especulando por quanto tempo mais poderia se entregar ao passatempo inofensivo de desenhar, alguém abriu a porta sem bater e entrou.

Era Theo.

21

A passagem dos anos melhorara Theo. Somente com 23 anos, ele já era um bem-sucedido negociante de arte em Paris, respeitado por seus *confrères e* pela família. Conhecia e praticava todos os prazeres sociais do vestir, boas maneiras e conversação. Usava um bom casaco preto, cruzado no peito, com debruns de cetim nas lapelas largas, colarinho alto engomado, uma gravata branca com um nó enorme.

Theo possuía a enorme testa dos Van Goghs. Os cabelos eram de um castanho-escuro, as feições delicadas, quase femininas. Os olhos eram suaves e ansiosos, o rosto se afilava num lindo oval.

Theo encostou-se na porta da cabana e fitou Vincent com uma expressão horrorizada\Deixara Paris apenas poucas horas antes. Em seu apartamento havia lindos móveis ao estilo Louis Philippe para sentar, uma pia com toalhas e sabão, cortinas nas janelas, tapetes no chão, uma escrivaninha, estantes com livros, abajures e um atraente papel de parede.

Vincent deitava-se num colchão imundo, coberto por uma velha manta. As paredes e o assoalho eram de madeira tosca, tendo como únicos móveis uma mesa escalavrada e uma cadeira. Ele estava sujo e desleixado, a barba ruiva se espalhando pelo rosto e pescoço.

— Theo... — murmurou Vincent.

Theo atravessou rapidamente a cabana e inclinou-se sobre a cama.

— Pelo amor de Deus, Vincent, o que aconteceu de errado? O que fez com você mesmo?

— Nada. Estou bem agora. Só estive um pouco doente.

— Mas este... este... buraco! Certamente não vive aqui... esta não é a sua casa, não é mesmo?

— É, sim. O que há de errado com o lugar? Eu o venho usando como um estúdio.

— Oh, Vincent!

Theo passou a mão pelos cabelos do irmão; uma bola na garganta impedia-o de falar.

— É bom ter você aqui, Theo.

— Por favor, Vincent, conte-me o que aconteceu com você. Por que esteve doente? Qual foi a causa?

Ele falou da viagem a Courrieres.

— Então é um problema de exaustão. Tem comido direito desde que voltou?

Tem se cuidado?

— As mulheres dos mineiros cuidam de mim.

— Mas o que você tem comido? — Theo olhou ao redor. — Onde guarda os seus alimentos? Não estou vendo nada.

— As mulheres me trazem um pouco todos os dias. Qualquer coisa que possam dispensar, pão, café, um pouco de queijo ou coelho.

— Mas como pode recuperar as forças com pão e café, Vincent? Por que não compra ovos, legumes e carne?

— Essas coisas custam dinheiro aqui na Borinage, tanto quanto em qualquer outro lugar.

— Pelo amor de Deus Vincent — disse Theo, sentando-se na cama — perdoe-me! Eu não sabia! Não compreendi!

— Não se preocupe, garoto. Você fez tudo o que podia. Estou indo muito bem. Dentro de poucos dias estarei de pé e novamente em atividade.

Theo passou a mão pelos olhos, como a remover alguma teia de aranha que os enevoava.

— Não, Vincent, eu não entendi. Pensei que você... não entendi, Vincent, simplesmente não entendi.

— Ora, Theo, está tudo bem agora. Como vão as coisas em Paris? O que você tem feito? Esteve em Etten ultimamente?

Theo levantou-se de um pulo.

— Existem lojas nesta cidadezinha abandonada? Posso comprar coisas aqui?

— Claro. Tem várias lojas lá na base da colina, em Wasmes. Mas puxe aquela cadeira. Quero conversar com você. Santo Deus, Theo, já se passaram quase dois anos!

Theo passou os dedos de leve pelo rosto do irmão.

— Antes de mais nada, vou enchê-lo com a melhor comida que puder encontrar na Bélgica. Você tem passado fome e é justamente esse o seu problema. E depois lhe darei uma dose de algum medicamento para essa febre e o porei para dormir num travesseiro macio. Ainda bem que resolvi dar um pulo até aqui. Se eu tivesse antes a menor ideia... Não se mexa até eu voltar, Vincent.

Ele saiu correndo pela porta. Vincent pegou o lápis, olhou para “Le Four dans les Landes” e continuou a copiar. Theo voltou em meia hora, acompanhado por dois garotos. Trazia dois lençóis, um travesseiro, panelas e pratos, pacotes de comida. Ajeitou Vincent entre os lençóis frios e brancos, obrigou-o a deitar-se.

— E agora pode me explicar como funciona esta estufa? — perguntou ele, tirando o paletó e enrolando as mangas.

— Há um pouco de papel e gravetos. Acenda isso primeiro e depois ponha o carvão.

Theo olhou para o *terril.*

— Carvão? Chama isso de carvão?

— É o que usamos. Deixe-me mostrar como funciona.

Ele fez menção de sair da cama, mas Theo se postou a seu lado de um pulo.

— Deite-se, seu idiota! E não se mexa de novo ou serei obrigado a amarrá-lo.

Vincent sorriu pela primeira vez em muitos meses. O sorriso em seus olhos quase acabou com a febre. Theo pôs dois ovos numa das panelas novas, cortou algumas vagens em outra. Numa terceira, esquentou um pouco de leite, pôs sobre o fogo uma torradeira com um pedaço de pão branco. Vincent ficou observando Theo se movimentar, em mangas de camisa. A visão do irmão, tão perto dele outra vez, fez-lhe mais bem do que qualquer comida.

Finalmente a refeição ficou pronta. Theo puxou a mesa para o lado da cama, tirou de sua mala uma toalha branca e estendeu-a. Pôs bastante manteiga na vagem, partiu os ovos quentes num prato e pegou uma colher.

— Muito bem, garoto, abra a boca. Terá uma boa refeição pela primeira vez só Deus sabe em quanto tempo.

— Ora, Theo, deixe disso. Posso comer sozinho.

Theo encheu a colher com ovo e estendeu para Vincent. — Abra a boca, garoto, ou despejarei em seus olhos.

Quando acabou de comer, Vincent recostou a cabeça no travesseiro, deixando escapar um suspiro de contentamento.

— A comida é uma coisa muito gostosa. Eu já tinha esquecido.

— Não esquecerá de novo tão depressa.

— E agora, Theo, conte-me tudo o que tem acontecido. Como vão as coisas na Goupils? Estou faminto de notícias do mundo exterior.

— Pois então continuará assim por mais algum tempo. Aqui está uma coisa para fazê-lo dormir. Quero que fique quieto e dê à comida uma oportunidade de entrar em ação.

— Mas não quero dormir, Theo. Posso dormir em qualquer outra ocasião.

— Ninguém perguntou o que você queria. Está recebendo ordens. Tome isto como um bom menino. E quando acordar, terá à espera um bom bife com batatas para levantá-lo.

Vincent dormiu até o pôr-do-sol e acordou sentindo-se imensamente revigorado. Theo estava sentado ao lado de uma janela, examinando os seus desenhos. Vincent ficou observando-o por um longo tempo antes de fazer qualquer ruído, sentindo uma paz profunda em seu coração. Quando percebeu que ele estava acordado, Theo levantou-se de um pulo, com um sorriso largo.

— Como se sente agora, Vincent? Melhor? Estava realmente dormindo.

— O que achou dos desenhos? Gostou de algum?

— Espere até eu aprontar o bife. As batatas já estão descascadas, prontas para serem cozinhadas.

Ele arrumou tudo no fogo e depois levou uma bacia com água quente para o lado da cama.

— Uso a minha navalha ou a sua, Vincent?

— Não posso comer o bife sem me barbear?

— Não, senhor. E terá também de lavar o pescoço e as orelhas, pentear os cabelos. Tome aqui, ajeite esta toalha debaixo do queixo.

Theo barbeou o irmão, lavou-o meticulosamente, penteou seus cabelos e fê-lo vestir urna das camisas limpas que tinha na mala.

— Pronto! — exclamou ele, recuando para contemplar o seu trabalho. — Agora você parece um Van Gogh.

— Depressa, Theo! O bife esta queimando!

Theo arrumou a mesa e serviu a refeição de batatas cozidas e manteiga, um bife grosso e macio, leite.

— Não está esperando que eu coma todo esse bife, não é mesmo, Theo?

— Claro que não. Metade me pertence. E vamos logo comer. Tudo o que precisamos fazer é fechar os olhos e podemos imaginar que estamos de volta à nossa casa em Etten.

Depois de comerem, Theo encheu o cachimbo de Vincent com um pouco de fumo de Paris.

— Pode fumar. Eu não deveria lhe permitir, mas acho que um tabaco de verdade lhe fará mais bem do que mal.

Vincent fumou com intensa satisfação, ocasionalmente esfregando a haste quente e ligeiramente úmida do cachimbo contra o rosto raspado.

Theo olhou por cima do fornilho de seu cachimbo, através das tábuas toscas, contemplando de novo a infância em Brabant. Vincent sempre fora a pessoa mais importante do mundo para ele, ainda mais importante do que a mãe ou o pai; Vincent tornara a sua infância boa e doce. Esquecera isso durante o último ano em Paris; nunca mais deveria esquecer. A vida sem Vincent era de certa forma incompleta para ele. Sentia que era uma parte de Vincent e que Vincent era uma parte dele. Juntos, sempre haviam compreendido o mundo; sozinho, o mundo o desnorteava. Juntos, haviam encontrado o sentido e propósito da vida, valorizando-a; sozinho, ele especulara muitas vezes por que trabalhava e se mostrava bem-sucedido.

Precisava de Vincent para tornar a sua vida plena. E Vincent precisava dele, pois no fundo não passava de uma criança. Tinha de ser arrancado daquele buraco, ser posto de pé outra vez. E era necessário fazer com que ele

compreendesse que estivera se consumindo, lançá-lo num caminho de rejuvenescimento.

— Vincent, vou lhe dar um ou dois dias para recuperar as forças e depois o levarei para Etten.

Vincent continuou a fumar, em silêncio, por vários minutos. Sabia que todo o problema tinha de ser discutido e infelizmente não havia outro meio para isso que não as palavras. Teria de fazer com que Theo compreendesse. Depois disso, tudo daria certo.

— De que adiantaria eu voltar para casa, Theo? Involuntariamente, eu me tornei na família uma espécie de pessoa insuportável e suspeita, pelo menos alguém em quem não confiam. É por isso que acredito que a coisa mais razoável para mim é de manter a distância, cessando de existir para os outros. Sou um homem de paixões, Theo, capaz de fazer as coisas mais absurdas. Falo e ajo impulsivamente, quando o melhor seria esperar pacientemente. Sendo esse o caso, devo me considerar um homem perigoso, incapaz de fazer qualquer. coisa? Não creio. Mas a questão é tentar tirar o melhor proveito dessas mesmas paixões. Por exemplo, tenho uma paixão irresistível por gravuras e livros. Quero permanentemente me instruir, assim como quero comer meu pão. Tenho certeza de que isso é uma coisa que você pode compreender.

— Claro que compreendo, Vincent. Mas olhar gravuras e ler livros na sua idade é apenas uma diversão. Nada tem a ver com a atividade principal da vida. Já se passaram quase cinco anos que você não tem um emprego, limitando-se a vaguear de um lado para outro. E durante esse tempo você vem caindo doente, se deteriorando.

Vincent despejou um pouco de fumo na mão, esfregou-o entre as palmas para deixá-lo úmido, depois pôs no cachimbo. Mas esqueceu de acender.

— É verdade, Theo, que de vez em quando ganhei meu pão, em outras ocasiões um amigo me deu por caridade. É verdade também que perdi a confiança de muitos, que minha situação financeira se encontra em estado lamentável e que meu futuro parece sombrio. Mas isso é necessariamente deterioração? Devo continuar, Theo, no caminho por que enveredei. Se eu não estudar, se não continuar a procurar, então estou perdido.

— É evidente que está tentando me dizer alguma coisa, Vincent, mas não consigo adivinhar o que seja.

Vincent acendeu o cachimbo, sugando a chama do fósforo.

— Lembro de uma ocasião em que passeamos juntos perto do velho moinho em Ryswyk. Concordamos então sobre muitas coisas. — Mas você mudou muito, Vincent.

— Não é toda a verdade. Minha vida era menos difícil então. Mas quanto à

minha maneira de ver as coisas e pensar, isso não mudou absolutamente. — Para o seu bem, eu gostaria de acreditar nisso.

— Não deve pensar que repudio as coisas, Theo. Sou fiel na minha infidelidade e só tenho uma ansiedade: como posso ser útil ao mundo? Não posso servir a algum propósito e ser de algum proveito?

Theo levantou-se, travou uma luta com o lampião de querosene e conseguiu finalmente acendê-lo. Despejou um pouco de leite num copo.

— Beba isto, Vincent. Não quero que fique esgotado.

Vincent bebeu muito depressa, quase engasgando. Sem sequer esperar para limpar o creme dos lábios ansiosos, ele continuou a falar: — Nossos pensamentos interiores sempre aparecem exteriormente?

Pode haver um grande fogo em nossa alma e ninguém se aproxima para se esquentar. As pessoas veem apenas um pouco de fumaça saindo pela chaminé e continuam em seu caminho. O que se deve fazer numa situação assim? Não se deve cuidar desse fogo interior, esperando pacientemente pelo momento em que alguém virá sentar perto?

Theo levantou-se e foi sentar na cama.

— Sabe qual é a imagem que acaba de aflorar em minha mente?

— Não.

— O velho moinho em Ryswyk.

— Era um lindo moinho antigo, não é mesmo?

— Era, sim.

— E nossa infância também foi linda.

— Você fez a minha infância agradável, Vincent. Minhas recordações mais antigas são todas de você.

Houve um longo silêncio.

— Vincent, espero que compreenda que as acusações que formulei partiam da família e não de mim. Persuadiram-me a vir até aqui e verificar se não poderia convencê-lo a voltar à Holanda e um emprego.

— Não se preocupe, Theo. As palavras que eles dizem são absolutamente verdadeiras. Acontece apenas que não compreendem os meus motivos e não veem o presente em relação a toda a minha vida. Mas se eu desci pelo mundo, você, ao contrário, subiu. Se eu perdi as simpatias, você as conquistou. Isso me deixa muito feliz. Digo isso com toda sinceridade. E sempre me sentirei feliz por você. Mas eu ficaria muito contente se lhe fosse possível ver em mim alguma outra coisa além do ocioso da pior espécie.

— Vamos esquecer essas palavras, Vincent. Se eu não lhe escrevi durante um ano inteiro foi por negligência, não por desaprovação. Sempre acreditei em você e tive uma fé profunda desde aqueles dias em que costumava pegar a sua mão

nos campos de relva alta em Zundert. E não tenho menos fé agora, acredite. Só preciso chegar perto de você para saber que realmente tudo acabará dando certo.

Vincent sorriu, um sorriso largo e feliz, um sorriso brabantino.

— Foi bom ouvir você dizer isso, Theo.

Theo tornou-se subitamente o homem de ação.

— Vamos resolver o problema de uma vez por todas, Vincent. Tenho a impressão de que, por trás de todas as suas abstrações, há alguma coisa que quer fazer, alguma coisa que considera em última análise certa para você e que finalmente o levará à felicidade e sucesso. Pois basta dizer, Vincent. Goupils & Companhia aumentou meu salário duas vezes durante o último ano e meio. Tenho mais dinheiro do que posso gastar. Se há alguma coisa que você queira fazer... e precisará de ajuda a princípio... basta me dizer que encontrou o trabalho de sua vida. Formaremos uma sociedade. Você entrará com o trabalho e eu com os recursos. Depois que estiver dando dinheiro, você poderá me pagar o investimento e mais os dividendos. E, agora, e confesse: não tem alguma coisa em mente? Não decidiu há muito tempo que existe uma coisa que você queria fazer com o resto de sua vida?

Vincent olhou para a pilha de desenhos que Theo andara examinando junto à janela. Um sorriso de espanto, incredulidade e finalmente compreensão espalhou-se por seu rosto. Os olhos se arregalaram, a boca se entreabriu, toda a sua personalidade parecia explodir, como uma *tournesol ao sol.*

— Essa não! — murmurou ele. — Era justamente isso o que eu estava tentando dizer durante todo o tempo e não sabia!

Os olhos de Theo acompanharam os de Vincent até os desenhos. — Foi o que pensei.

Vincent tremia de excitamento e alegria; parecia ter despertado subitamente de um sono profundo.

— Theo, você sabia antes de mim! Eu não me permitiria pensar a respeito. Tinha medo. Claro que há uma coisa que devo fazer. É a coisa para a qual tenho me inclinado durante toda a minha vida, sem jamais desconfiar. Experimentava um tremendo impulso de desenhar, pôr no papel o que eu via, enquanto estudava em Amsterdam e Bruxelas. Mas não me permitia. Receava que isso pudesse interferir com meu verdadeiro trabalho. *Meu verdadeiro trabalho!* Como eu estava cego! Alguma coisa tentava sair de mim por todos esses anos e eu não permitia. Aqui estou, aos 27 anos, sem nada realizado. Que idiota tenho sido, que idiota totalmente cego e estúpido!

— Não tem mais importância, Vincent. Com sua força e determinação, você será capaz de realizar mil vezes mais do que qualquer outro principiante. E tem uma longa vida pela frente.

— Tenho pelo menos dez anos. Poderei produzir algum bom trabalho nesse tempo.

— Claro que sim. E poderá viver onde quiser: Paris, Bruxelas, Amsterdam, Haia. Basta escolher e lhe mandarei o dinheiro para viver todos os meses. Não me importo que leve anos, Vincent. Nunca perderei a esperança, se você não perder.

— Oh, Theo, durante todos esses meses amargos venho trabalhando em alguma direção, tentando descobrir o verdadeiro propósito e sentido da minha vida. E não sabia qual era! Mas agora que sei, nunca mais desanimarei, Theo. Compreende o que isso significa? Depois de todos esses anos desperdiçados, EU FINALMENTE ME ENCONTREI! Serei um artista. Claro que serei um artista. Tenho de ser. É por isso que fracassei em todos os meus outros trabalhos, porque não era feito para eles.

Mas agora encontrei uma coisa que nunca poderá falhar. Oh, Theo, a prisão se abriu e foi você quem removeu as grades!

— Nada poderá jamais nos separar. Estamos juntos outra vez, não é mesmo, Vincent?

— Estamos, sim, Theo... pelo resto de nossas vidas.

— Pois agora descanse e se recupere. Dentro de poucos dias, quando estiver melhor, eu o levarei de volta à Holanda ou para Paris... a qualquer lugar que queira ir.

Vincent levantou-se da cama com um pulo que o projetou pela metade da cabana.

— Dentro de poucos dias coisa nenhuma! Vamos partir agora mesmo. Há um trem para Bruxelas às nove horas.

Ele começou a se vestir, com uma velocidade frenética. — Mas não pode viajar esta noite, Vincent! Está doente!

— Doente? Isso é história antiga. Nunca me senti melhor em toda a minha vida. Vamos embora, Theo. Temos cerca de dez minutos para chegar à estação. Ponha esses lindos lençóis brancos na sua mala e partiremos em seguida!

Livro Dois

ETTEN

Celeiro com telhado coberto de musgo (1881)

1

Theo e Vincent passaram um dia juntos em Bruxelas. Depois, Theo voltou a Paris. A primavera estava chegando, os campos brabantinos chamavam, a casa parecia um refúgio mágico. Vincent comprou um traje de trabalhador de veludo preto grosseiro, do tecido conhecido como *veloutine*, papel Ingres colorido para desenhar, depois pegou o primeiro trem para a residência paroquial da família em Etten.

Anna Cornelia desaprovava a vida de Vincent porque achava que lhe trazia mais angústia do que felicidade. Theodorus desaprovava por motivos objetivos; se Vincent fosse filho de outro, não teria nada a fazer com ele.

Sabia que Deus não apreciava o modo de viver iníquo de Vincent, mas desconfiava que Ele gostaria ainda menos do abandono de um filho pelo pai.

Vincent notou que os cabelos do pai haviam se tornado mais brancos e que a pálpebra direita descaía ainda mais sobre o olho. A idade parecia estar encolhendo suas feições; ele não deixava a barba crescer para compensar a perda, e a expressão em seu rosto mudara de “Este sou eu” para “Este sou eu?”.

Mas na mãe Vincent encontrou mais força e atração do que antes. A idade desenvolveu-a, ao invés de abatê-la. O sorriso gravado nas linhas curvas entre as narinas e o queixo perdoava os erros alheios antes mesmo que fossem cometidos; a alegria e bondade em seu rosto eram um eterno “Sim” à beleza da vida.

Por vários dias a família empanzinou Vincent com comida e afeição revigorantes, ignorando o fato de que ele não tinha fortuna nem futuro.

Vincent andava pelas charnecas, entre os chalés de telhado de colmo, observava os lenhadores ocupados numa área em que um bosque de pinheiros fora cortado, vagueava lentamente pela estrada para Roozendaal, passando pelo galpão protestante e o moinho no outro lado, na campina, passando pelos olmos do velho cemitério junto à igreja. A Borinage ficava cada vez mais para trás, enquanto sua saúde e força voltavam rapidamente.

Não demorou muito para que ele estivesse ansioso em começar a trabalhar.

Numa manhã chuvosa Anna Cornelia desceu para a cozinha muito cedo, encontrando o fogão já aceso e Vincent sentado à frente, os pés apoiados na grade, tendo no colo uma cópia inacabada de “Les Heures de Ia Journée”.

— Ora, filho, bom dia!

— Bom dia, mãe.

Vincent beijou-lhe o rosto largo afetuosamente. — Por que levantou tão

cedo, Vincent?

— Ora, mãe, eu queria trabalhar.

— Trabalhar?

Anna Cornelia olhou para o desenho no colo do filho, depois para o fogão.

— Ah, sim, estava querendo acender o fogo. Mas não precisava se levantar para isso.

— Estava falando do meu desenho, mãe.

Anna Cornelia tomou a olhar por cima do ombro do filho para a cópia. Parecia-lhe o esforço de uma criança para reproduzir alguma ilustração de uma revista durante a hora do recreio.

— Vai trabalhar em desenhar coisas, Vincent?

— Isso mesmo.

Ele explicou a sua decisão e o empenho de Theo em ajudá-lo. Ao contrário de suas expectativas, Anna Cornelia mostrou-se satisfeita. Foi apressadamente até a sala de estar e voltou com uma carta.

— Nosso primo, Anton Mauve, é um pintor. Ele ganha muito dinheiro. Recebi há poucos dias esta carta de minha irmã... Mauve casou com a sua filha Jet... e ela diz que Mijnheer Tersteeg em Goupils vende tudo que Anton produz por quinhentos e seiscentos florins.

— É verdade, mãe, Mauve está se tomando um dos nossos mais importantes pintores.

— Quanto tempo se leva para fazer um desses quadros, Vincent?

— Isso depende, mãe. Algumas telas levam poucos dias, outras demoram anos.

— Anos? Mas é demais!

Anna Cornelia pensou por um momento e depois perguntou: — Pode desenhar pessoas de maneira a ficarem parecidas?

— Não sei. Tenho alguns desenhos lá em cima. Vou buscá-los para mostrar.

Quando ele voltou, a mãe usava a sua touca branca de cozinha e punha chaleiras com água no fogo. Os ladrilhos azuis e brancos das paredes proporcionavam à cozinha um ar alegre.

— Estou fazendo o seu bolo de queijo predileto, Vincent. Lembra?

— Mas claro que lembro! Oh, mãe!

Vincent passou o braço pelos ombros da mãe, bruscamente. Ela fitou-o com um sorriso ansioso. Era o seu filho mais velho e também o predileto; a infelicidade de Vincent era a única coisa na vida que a afligia.

— É bom estar em casa com sua mãe, Vincent?

Ele beliscou afetuosamente o seu rosto viçoso e um pouco enrugado.

— Claro que é, querida.

Anna Cornelia pegou os desenhos dos Borains e estudou-os atentamente.

— Mas o que aconteceu com os rostos, Vincent?

— Nada. Por quê?

— Não há rostos.

— Sei disso. Eu só estava interessado nas figuras.

— Mas pode desenhar os rostos das pessoas, não é mesmo? Tenho certeza que muitas mulheres aqui em Etten gostariam de ter seus retratos pintados. Há um meio de vida nisso.

— Acho que posso fazer isso. Mas terei de esperar até que meu desenho seja melhor.

A mãe estava partindo ovos numa panela com queijo azedo que ela coara no dia anterior. Hesitou, com metade de uma casca de ovo em cada mão, e virou-se.

— Está querendo dizer que precisa fazer com que seu desenho seja realmente certo, a fim de que os retratos saiam bastante bons para serem vendidos?

— Não — respondeu Vincent, desenhando rapidamente com o lápis.
— Tenho de tomar meu desenho certo para que seja certo.

Anna Cornelia remexeu as gemas no queijo branco, pensativa, depois disse: — Acho que não estou entendendo, filho.

— Eu também não entendo. Mas é assim.

Enquanto comiam o dourado bolo de queijo, Anna Cornelia transmitiu a notícia ao marido. Os dois haviam especulado muito em particular sobre Vincent, apreensivos.

— Há algum futuro nisso, Vincent? — indagou o pai. — Será capaz de se sustentar?

— Não inicialmente. Theo me ajudará até que eu possa me firmar. Depois que meu desenho se tornar acurado, poderei ganhar dinheiro. Desenhistas em Londres e Paris ganham de dez a quinze francos por dia. E os homens que fazem ilustrações para revistas ganham muito dinheiro.

Theodorus sentiu-se aliviado ao saber que Vincent tinha um objetivo... qualquer objetivo... e não ficaria na ociosidade como acontecera durante todos aqueles anos.

— Espero que persista, Vincent, se começar nesse trabalho. Nunca chegará a parte alguma se viver pulando de um galho para outro.

— Este é o final, pai. Nunca mais mudarei.

2

A chuva parou depois de algum tempo e um clima quente voltou a prevalecer. Vincent saía de casa com o material de desenho e o cavalete, começou a explorar a região. Gostava mais de trabalhar na charneca, perto de Seppe, embora fosse muitas vezes a um pântano grande na Passievaart para desenhar os nenúfares. Etten era uma cidade pequena e seus habitantes observavam-no desconfiados. O traje de veludo preto era o primeiro de seu tipo que ali aparecia; nunca antes os habitantes souberam de um homem adulto que passasse seus dias nos campos, apenas se divertindo com lápis e papel de desenho. Vincent mostrava-se cortês com os paroquianos do pai, de uma maneira desinteressada. Mas ninguém queria ter qualquer relacionamento maior com ele. Naquele povoado pequeno e provinciano, Vincent era uma aberração, um escárnio. Tudo nele era bizarro; as roupas, o comportamento, a barba ruiva, sua história, o fato de que não trabalhava, o incessante sentar nos campos a olhar para as coisas. Sentiam-se desconfiados e tinham medo de Vincent porque ele era diferente, muito embora não lhes fizesse qualquer mal e só pedisse que o deixassem em paz. Vincent não tinha a menor ideia do motivo pelo qual as pessoas não gostavam dele.

Ele estava fazendo um estudo grande do bosque de pinheiros que vinha sendo cortado, concentrando-se numa árvore solitária, à beira de um córrego. Um dos trabalhadores se aproximou e observou-o desenhar, olhando para cima de seu ombro com um sorriso divertido, ocasionalmente soltando uma risada. O desenho era demorado. A cada dia a risada do camponês se tomava mais alta. Vincent resolveu descobrir o que tanto divertia o homem.

— Está achando engraçado que eu desenhe uma árvore? — perguntou ele, polidamente.

O homem soltou uma gargalhada.

— Isso mesmo. É muito engraçado. Você deve ser *fou.* Vincent refletiu por um momento e depois indagou: — Eu seria *fou* se plantasse uma árvore?

O camponês ficou sério no mesmo instante. — Claro que não.

— Eu seria *fou* se cuidasse da árvore?

— Claro que não.

— Eu seria *fou* se colhesse os seus frutos?

— *Vous vous moquez de moi!*

— Eu seria *fou* se cortasse as árvores, exatamente como fizeram aqui?

— Claro que não. As árvores devem ser cortadas.

— Então posso plantar uma árvore, cuidá-la, colher seus frutos e cortá-la, mas se desenho uma árvore sou *fou*. É isso?

O camponês se abriu num sorriso largo.

— É, sim. Deve ser *fou* para ficar sentado aqui desse jeito. Toda a aldeia diz isso.

À noite, Vincent sentava com o resto da família na sala de estar.

Todos se reuniam em tomo da enorme mesa de madeira, costurando, lendo, escrevendo cartas. Seu irmão mais moço, Cor, era um menino quieto, que raramente falava. Das irmãs, Anna casara e fora embora; Elizabeth o detestava tão intensamente que simulava que ele nunca voltara para casa; Willemien se mostrava simpática, posava sempre que Vincent pedia e lhe dedicava uma amizade sem críticas. Mas o relacionamento entre os dois se limitava a coisas terrenas. Vincent também trabalhava à mesa, confortável à luz do lampião amarelo, que ficava imparcialmente no centro. Copiava seus exercícios ou os desenhos que fizeram nos campos naquele dia.

Theodorus observava-o fazer uma figura uma dúzia de vezes e sempre jogar fora o produto acabado, insatisfeito.

Finalmente o pastor não pôde mais se conter.

— Vincent — disse ele, inclinando-se sobre a mesa — não acha nunca que estão direitos?

— Não, não acho.

— Não é possível então que esteja cometendo um erro?

— Estou cometendo muitos, pai. A qual deles se refere?

— Parece-me que se você possuísse algum talento, se fosse realmente talhado para ser um artista, esses desenhos sairiam certos logo na primeira vez.

Vincent contemplou o seu estudo de um camponês ajoelhado diante de um saco em que punha batatas. Não conseguiu definir a linha do seu braço.

— É possível, pai.

— O que estou querendo dizer é que você não deveria precisar desenhar essas coisas uma centena de vezes sem jamais conseguir acertar. Se possuísse alguma capacidade natural, tudo sairia certo sem que tivesse de tentar tantas vezes.

— A natureza sempre começa por resistir ao artista, pai — respondeu Vincent, sem largar o lápis. — Mas se eu quero levar meu trabalho realmente a sério, não posso me deixar desanimar por essa resistência. Ao contrário, será um estímulo para lutar ainda mais pela vitória.

— Não penso assim — declarou Theodorus. — O bem nunca pode derivar do mal, o bom trabalho não pode sair do ruim.

— Talvez não na teologia. Mas é possível na arte. Mais do que isso, deve ser

assim.

— Está enganado, meu filho. O trabalho de um artista é bom ou mau. E se é mau, ele não é artista. Deve descobrir isso por si mesmo logo no começo e não desperdiçar todo o seu tempo e esforço.

— Mas o que acontece se ele tem uma vida feliz produzindo uma arte ruim?

Theodorus vasculhou o seu repertório teológico, mas não foi capaz de encontrar uma resposta para essa questão.

— O problema não é esse — disse Vincent, apagando o saco de batatas e deixando o braço do camponês suspenso, rígido em pleno espaço. — No fundo, a natureza e um verdadeiro artista concordam. Pode levar anos de luta e esforço que a natureza se tome dócil e submissa, mas ao final o trabalho ruim, mesmo o pior possível, se transformará em bom e se justificará.

— E se ao final o trabalho permanecer medíocre? Você vem desenhando esse homem ajoelhado há dias e ainda está errado. Vamos supor que continue a desenhá-lo por anos e anos e continue saindo errado?

Vincent deu de ombros.

— O artista assume esse risco, pai.

— E as recompensas valem o risco?

— Recompensas? Que recompensas?

— O dinheiro que se ganha. E a posição na sociedade.

Vincent levantou os olhos do papel pela primeira vez e examinou o rosto do pai, feição por feição, como se estivesse contemplando algum ser estranho.

— Pensei que estivéssemos discutindo arte boa e má, pai.

3

Ele trabalhava noite e dia em seu ofício. Se pensava no futuro, era apenas para imaginar o momento em que não mais seria um fardo para Theo e quando o produto acabado de seu trabalho se aproximaria da perfeição. Quando se sentia muito cansado para desenhar, ele lia. Quando estava muito cansado para fazer qualquer das duas coisas, ele dormia.

Theo mandou papel Ingres, gravuras de uma escola de veterinária da anatomia de um cavalo, uma vaca e uma ovelha, alguns Holbeins na série “Os Modelos dos Artistas”, lápis de desenho, penas, a reprodução de um esqueleto humano, sépia, tantos francos quantos podia dispensar e a exortação para trabalhar com afinco e não se tomar um artista medíocre. A esse conselho, Vincent respondeu: “Farei o que puder, mas não desprezo absolutamente o medíocre em seu significado simples. E ninguém se eleva acima dessa marca por desprezar o que é medíocre. Mas o que você diz a respeito do trabalho árduo está inteiramente certo. “Nem um único dia sem um traço, como Gavami nos aconselha.”

— Mais e mais Vincent tinha o sentimento de que o desenho da figura era uma coisa boa e que indiretamente exercia uma influência favorável sobre o desenho da paisagem. Se desenhasse um salgueiro como se fosse um ser vivo — e era realmente, no foral das contas — então o ambiente ao redor se seguiria naturalmente, se concentra-se toda a sua atenção na árvore e não desistisse até lhe incutir alguma vida. Ele amava muito as paisagens, mas amava dez vezes mais os estudos da vida, às vezes de um realismo surpreendente, que haviam sido desenhados tão bem por Gavarni, Daumier, Doré, De Groux e Felicien Rops. Trabalhando com tipos das classes trabalhadoras, ele esperava eventualmente ser capaz de fazer ilustrações para revistas e jornais; queria se sustentar completamente durante os anos longos e difíceis em que aperfeiçoaria a sua técnica e passaria para formas superiores de expressão. Houve uma ocasião em que o pai, que julgava que ele lia pez distração, comentou: — Vincent, você está sempre falando que deve trabalhar com afinco.

Então por que desperdiça tanto tempo com esses tolos livros franceses?

Vincent pôs um dedo marcando a linha em “Le Père Goriot” e levantou os olhos. Mantinha a esperança de que o pai pudesse um dia compreendê-1o quando falava das coisas sérias.

— O problema é que não apenas o desenho das figuras e cenas da vida exige o conhecimento do ofício de desenhar, mas também exige profundos estudos de

literatura.

— Devo dizer que não concordo com isso. Se não quisesse pregar um bom sermão, não passaria o tempo na cozinha observando sua mãe a salgar línguas.

— Por falar em línguas — interveio Anna Cornelia — aquelas frescas devem estar prontas para a primeira refeição de amanhã.

Vincent não contestou a analogia. Limitou-se a dizer: — Não posso desenhar uma figura sem saber tudo a respeito de ossos, músculos e tendões que estão por dentro. E não posso desenhar uma cabeça sem saber o que acontece no cérebro e alma da pessoa. A fim de pintar a vida, deve-se compreender não apenas a anatomia, mas também o que as pessoas sentem e pensam a respeito do mundo em que vivem. O pintor que conhece seu ofício e nada mais se tornará um artista muito superficial.

— Pois acho, Vincent — disse o pai, suspirando fundo — que você está se transformando num teórico.

Vincent voltou a se concentrar em “Le Père Goriot”.

Em outra ocasião ele ficou bastante excitado com a chegada de alguns livros de Cassagne que Theo enviara para corrigir o seu problema com a perspectiva. Estudou-os com toda atenção e depois mostrou a Willemien.

— Não conheço remédio melhor para a minha aflição — comentou ele para a irmã. — Se eu ficar curado, deverei agradecer a esses livros.

Willemien sorriu-lhe, com os olhos claros da mãe.

— Está querendo dizer, Vincent — perguntou Theodorus, que desconfiava de qualquer coisa que viesse de Paris — que pode aprender a desenhar corretamente lendo ideias sobre arte em livros?

— Isso mesmo.

— Que coisa estranha...

— Isto é, se eu puser em prática a teoria que os livros contêm. Contudo, a prática é uma coisa que não se pode comprar junto com os livros. Se isso acontecesse, haveria uma venda muito maior.

Os dias transcorriam movimentados e felizes, desembocando no verão. Agora era o calor que o mantinha afastado das charnecas, não a chuva. Ele desenhou a irmã Willemien diante da máquina de costura, copiou pela terceira vez o exercício de Bargue, desenhou cinco vezes um homem com uma *pá, Le Bêcheur,* em posições diferentes, duas vezes uma semeadora, duas vezes uma menina com uma vassoura. Depois uma mulher de touca branca descascando batatas, um pastor apoiado em seu cajado e finalmente um lavrador velho e doente, sentado numa cadeira, perto do fogo, com a cabeça nas mãos e os cotovelos apoiados nos joelhos.

Cavadores, semeadores, aradores, tanto homens como mulheres, isso era o

que ele sentia que devia desenhar continuamente; devia observar e registrar tudo o que pertencia à vida rural. Não mais se sentia inteiramente desamparado diante da natureza; o que lhe proporcionava uma exultação diferente de tudo o que já conhecera antes.

Os habitantes locais ainda julgavam-no esquisito e mantinham-no a distância. Embora a mãe e Willemien — e até mesmo o pai, à sua maneira — o cumulassem com bondade e afeição, nos seus recessos mais íntimos, em que ninguém em Etten ou na residência paroquial podia penetrar, Vincent era terrivelmente sozinho.

Com o tempo, os camponeses passaram a gostar e confiar nele.

Vincent descobriu na simplicidade daquela gente alguma coisa relacionada com o solo em que trabalhavam. Tentou pôr isso em seus desenhos. Muitas vezes a família não podia determinar onde o camponês terminava e a terra começava. Vincent não sabia como seus desenhos saíam assim, mas sentia que estavam certos.

— Não deve haver linhas rigorosas de separação — disse ele à mãe, uma noite, quando ela o interrogou a respeito. — São realmente duas espécies de terra, uma se despejando na outra, uma pertencendo à outra; duas formas da mesma matéria, que não se distinguem na essência.

A mãe concluiu que, como ele não tinha esposa, deveria tomá-lo sob seus cuidados e providenciar para que se tornasse um homem bem-sucedido. — Vincent — anunciou ela, uma manhã — quero que você volte para casa às duas horas. Pode fazer isso por mim?

— Claro, mãe. Para quê?

— Quero que você me acompanhe a um chá.

Vincent ficou consternado.

— Mas não posso desperdiçar meu tempo assim, mãe!

— E por que estaria desperdiçando seu tempo, filho?

— Por que não há nada para pintar num chá.

— É justamente nisso que você se engana. Todas as mulheres importantes de Etten estarão presentes.

Os olhos de Vincent desviaram-se para a porta da cozinha. Quase que saiu correndo. Depois de um esforço, controlou-se e tentou explicar; as palavras saíram lentamente, com extrema dificuldade.

— O que estou querendo dizer, mãe, é que as mulheres num chá não têm caráter.

— Mas que absurdo! Todas possuem caracteres esplêndidos. Nunca ouvi uma só palavra contra qualquer delas.

— Tem toda razão. Mas o que estou querendo dizer e que todas parecem

iguais. O padrão de suas vidas ajustou-as num molde específico.

— Tenho certeza de que posso distinguir uma da outra sem qualquer dificuldade.

— É verdade, mãe. Mas o problema é que elas levaram vidas tão fáceis que nada de interessante foi esculpido em seus rostos.

— Acho que não estou entendendo, filho. Você desenha cada trabalhador e camponês que encontra nos campos.

— Isso mesmo.

— Mas de que isso lhe adiantará? São todos pobres e nunca poderão lhe comprar coisa alguma. As mulheres da cidade podem pagar para ter seus retratos pintados.

Vincent abraçou-a, pegou o queixo da mãe em sua mão. Os olhos claros eram profundos, gentis, amorosos. Por que não podiam compreender?

— Mãe querida, eu lhe suplico que tenha um pouco de fé em mim. Sei que este trabalho precisa ser realizado. Se me der tempo, serei bem sucedido. Se continuar a trabalhar agora nas coisas que lhe parecem inúteis, acabarei conseguindo vender meus desenhos e ganharei muito bem.

Anna Cornelia queria compreender tão desesperadamente quanto Vincent desejava ser compreendido. Ela roçou os lábios na barba ruiva e áspera do filho, a mente retornando ao dia de apreensão e medo em que aquele corpo forte de homem saíra dela na residência paroquial de Zundert.

Seu primeiro filho nascera morto. E quando Vincent se anunciou, gritando exuberantemente e por muito tempo, sua gratidão e alegria não conheceram limites. Em seu amor por Vincent, sempre se mesclara um pesar pelo fato do primeiro filho nunca ter aberto os olhos, assim como a gratidão por todos os outros que se seguiram.

— Você é um bom rapaz, Vincent. Siga o seu próprio caminho. Sabe o que é melhor. Eu só queria ajudá-lo.

Naquele dia, ao invés de trabalhar nos campos. Vincent pediu a Piet Kaufman que posasse. Foi preciso um pouco de persuasão, mas Piet finalmente concordou.

— Depois do almoço — prometeu ele. — No jardim.

Quando Vincent compareceu ao encontro marcado, encontrou Piet cuidadosamente vestido em seu traje dominical, as mãos e o rosto lavados.

E Piet disse, muito excitado: — Espere um momento que vou buscar um banco. Estarei pronto num instante.

Ele sentou no banco, rígido, preparado para que fosse tirado o seu daguerreótipo — Vincent não pôde conter o riso.

— Mas não posso desenhá-lo nessas roupas, Piet!

Piet baixou os olhos para seu traje.

— Mas o que há de errado com elas? São novas. Só usei-as numas poucas manhãs de domingo para o serviço.

— Sei disso... e é justamente o motivo. Quero desenhá-lo em suas velhas roupas de trabalho, inclinado sobre um ancinho. É assim que suas linhas sobressaem. Quero ver seus cotovelos, joelhos e omoplatas. Como você está, não posso ver coisa alguma além das roupas.

Foi a palavra omoplatas que decidiu Piet.

— Minhas roupas velhas estão sujas e remendadas. Se quer que eu pose, tem de ser como sou.

E assim Vincent voltou aos campos, desenhando os trabalhadores inclinados sobre o solo. O verão passou e ele compreendeu que, no momento, pelo menos, esgotara as possibilidades de sua própria instrução.

Mais uma vez experimentou o desejo intenso de entrar em contato com algum artista e continuar seus estudos num bom estúdio. Começou a sentir que era absolutamente necessário ter acesso a coisas bem-feitas, observar artistas no trabalho, pois assim poderia aprender de que carecia e saber como fazer melhor.

Theo escreveu, convidando-o a ir para Paris. Mas Vincent sabia que ainda não estava preparado para essa grande aventura. Seu trabalho ainda era tosco, desajeitado, amadorístico. Haia se encontrava a poucas horas de viagem e ali poderia obter ajuda de seu amigo Mijnheer Tersteeg, gerente da Goupil & Companhia, e de seu primo Anton Mauve. Talvez fosse melhor se instalar em Haia durante a próxima etapa de seu aprendizado.

Ele escreveu para Theo, pedindo o seu conselho. O irmão respondeu com o envio da passagem de trem.

Antes de se mudar em caráter permanente, Vincent queria descobrir se Tersteeg e Mauve se mostrariam receptivos e o ajudariam; se isso não acontecesse, teria de ir para outro lugar. Embrulhou cuidadosamente os seus desenhos e — levando desta vez uma muda de roupa — partiu para a capital de seu país, na autêntica tradição de todo jovem artista provinciano.

4

Mijnheer Herman Gisjbert Tersteeg era o fundador da escola de pintura de Haia e o mais importante negociante de arte da Holanda.

Pessoas do país inteiro o procuravam em busca de conselhos sobre os quadros que deveriam comprar; se Mijnheer Tersteeg dizia que uma tela era boa, sua opinião tornava-se definitiva.

Quando Mijnheer Tersteeg sucedera o tio Vincent Van Gogh como gerente da Goupil & Companhia, os jovens artistas holandeses em ascensão se encontravam espalhados por todo o país. Anton Mauve e Josef viviam em Amsterdam, Jacob e Willem Maris estavam nas províncias, Josef Israels, Johannes Bosboom e Blommers vagueavam de uma cidade para outra, sem qualquer base permanente. Tersteeg escreveu para cada um, dizendo:

"Por que não devemos todos juntar forças aqui em Haia e transformá-la na capital holandesa da arte? Poderemos nos ajudar mutuamente, poderemos aprender um com o outro e por nosso esforço conjunto poderemos levar a pintura holandesa de volta à eminência mundial que desfrutou no tempo de Frans Hals e Rembrandt."

A resposta dos pintores foi lenta; mas, no decurso de poucos anos, cada jovem artista que Tersteeg selecionara como possuindo capacidade se fixara em Haia. Não havia na ocasião nenhuma procura por suas telas.

Tersteeg escolhera-os não porque estivessem vendendo, mas sim porque via no trabalho deles a possibilidade de grandeza futura. Comprou telas de Mauve, Jacob Maris e Israels seis anos antes de persuadir o público a ver alguma coisa em suas obras.

Ano após ano, ele continuou a comprar pacientemente as obras de Bosboom, Maris e Neuhuys, colocando-as na parede dos fundos de sua galeria. Sabia que tinha de sustentar esses artistas, enquanto se empenhavam em alcançar a maturidade; se o público holandês fosse cego demais para reconhecer os seus gênios nativos, ele, o crítico e marchand, providenciaria para que aqueles jovens extraordinários não se perdessem eternamente para o mundo, através da pobreza, negligência e desânimo.

Assim, comprou suas telas, criticou-sua obra, colocou-os em contato com outros pintores, estimulou-os durante os anos difíceis. Dia após dia, esforçou-se para educar o público holandês, em abrir seus olhos para a beleza e expressão de seus próprios pintores.

Ele já obtivera sucesso na ocasião em que Vincent foi procurá-lo em Haia.

Mauve, Neuhuys, Israels, Jacob e Willem Maris, Bosboom e Blommers não apenas tinham tudo o que pintavam vendido por altos preços, pela Goupil & Companhia, mas também já estavam se tomando clássicos, o que era absolutamente justo.

Mijnheer Tersteeg era um homem bonito, na tradição holandesa.

Tinha feições fortes e proeminentes, testa alta, cabelos castanhos penteados para trás, uma barba arredondada cobrindo o rosto, olhos tão claros quanto o céu holandês. Usava um casaco preto ao estilo do Príncipe Albert, calça larga listrada caindo sobre os sapatos, colarinho alto e gravata-borboleta preta, que a esposa ajeitava todas as manhãs.

Tersteeg sempre gostara de Vincent. Quando este fora transferido para a sucursal de Londres da Goupil & Companhia, ele escrevera uma efusiva carta de recomendação para o gerente inglês. Enviara para Vincent na Borinage os "Exercises au Fusain" e acrescentara o "Cours de Dessin Bargue", pois sabia que seria útil. Embora fosse verdade que Goupil & Companhia em Haia pertencia a tio Vincent Van Gogh, Vincent tinha todos os motivos para acreditar que Tersteeg gostava dele por si mesmo.

Afinal, Tersteeg não era homem de adular ninguém.

Goupil & Companhia estava localizada no número 20 da Plaats, a mais aristocrática e cara praça de toda Haia. Ficava perto do castelo Graven Haghe, que fora o início da cidade, com seu pátio medieval, o fosso que se transformara num lindo lago e na extremidade o Mauritshuis, onde estavam pendurados Rubens, Hals, Rembrandt e todos os pequenos mestres holandeses

Vincent deixou a estação e foi seguindo pela estreita, sinuosa e movimentada Wagenstraat, atravessou a Plein e a Binnenhof, entrou na Plaats. Já se haviam passado oito anos desde que deixara a Goupil; a maré de sofrimento que suportara nesse curto período aflorou em seu corpo e mente, deixando-o atordoado.

Oito anos! Todos gostavam dele, sentiam orgulho dele. Fora o sobrinho predileto de tio Vincent. Era do conhecimento geral que não apenas seria o sucessor do tio, mas também o seu herdeiro. Poderia ter sido a esta altura um homem poderoso e rico, respeitado e admirado por todos que conhecia. E, com o tempo, possuiria a mais importante rede de galerias de arte da Europa.

O que lhe acontecera?

Não esperou para responder à pergunta. Em vez disso, atravessou a Plaats e entrou na Goupil & Companhia. O lugar era muito bem decorado; até esquecera isso. Sentiu-se subitamente vulgar e inferior em seu traje grosseiro de trabalhador, de veludo preto. O nível da rua da galeria era um salão comprido, com cortinas beges; três degraus acima, havia um salão menor, com teto de

vidro; e por trás deste, alguns degraus ainda mais alto, encontrava-se uma sala de exposição pequena e íntima para os iniciados.

Havia uma escada larga levando ao segundo andar, onde Tersteeg tinha seu escritório e aposentos. As paredes estavam cobertas por quadros.

A galeria falava em grande sucesso e cultura. Os funcionários eram homens bem vestidos, de maneiras refinadas. As telas nas paredes tinham molduras caras, apresentadas num ambiente luxuoso. Tapetes grossos e *macios afundavam sob os pés de Vincent. As cadeiras, modestamente colocadas nos cantos, eram peças antigas e caras, como ele tão bem lembrava. Vincent pensou nos desenhos dos mineiros esfarrapados saindo do poço, em suas mulheres inclinadas sobre o *terril*, os camponeses do Brabant. Ele se perguntou se os desenhos daquelas pessoas pobres e humildes seriam algum dia vendidos nesse grande palácio da arte.

Não parecia muito provável.

Vincent parou, numa admiração contrafeita, contemplando uma cabeça de ovelha feita por Mauve. Os funcionários que conversavam em voz baixa, por trás de uma mesa com gravuras, deram uma olhada em suas roupas e postura, e nem mesmo se deram ao trabalho de perguntar se desejava alguma coisa. Tersteeg, que estivera na galeria íntima, preparando uma exposição, desceu os degraus para o salão principal. Vincent não o viu.

Tersteeg parou na base dos poucos degraus, estudando o seu antigo funcionário. Observou os cabelos rentes, a barba ruiva por fazer, as botinas de camponês, o casaco de trabalhador abotoado no pescoço sem esconder qualquer gravata por baixo, o embrulho desajeitado que carregava debaixo do braço. Havia alguma coisa totalmente *gauche* em Vincent; ressaltava cruelmente na elegante galeria.

— Vejo que está admirando as nossas telas, Vincent — disse Tersteeg, avançando silenciosamente sobre o tapete macio.

— São muito bons, não é mesmo? — disse Vincent. — Como tem passado, Mijnheer Tersteeg? Trago cumprimentos de meu pai e mãe.

Os dois homens trocaram um aperto de mão através do abismo intransponível de oito anos.

— Está com uma ótima aparência, Mijnheer. Ainda melhor do que na última vez em que o vi.

— Viver me faz bem, Vincent. Mantém-me jovem. Não quer subir para meu escritório?

Vincent seguiu-o pela escada larga, tropeçando porque não conseguia desviar os olhos dos quadros nas paredes. Era a primeira vez que contemplava obras tão boas, desde aquele momento rápido que passara em Bruxelas com Theo. Ele

estava atordoado. Tersteeg abriu a porta do escritório e gesticulou para que entrasse.

— Não quer sentar, Vincent?

Vincent olhava embasbacado para uma tela de Weissenbruch, cuja obra jamais vira antes. Ele sentou, deixou cair o pacote, tornou a pegá-lo, inclinou-se para a mesa envernizada de Tersteeg.

— Trouxe os livros que tão gentilmente me emprestou, Mijnheer Tersteeg.

Ele abriu o pacote, empurrou para o lado uma camisa e um par de meias, tirou a série de “Exercises au Fusain”, estendeu-os sobre a mesa.

— Trabalhei muito nos desenhos. Prestou-me um grande serviço ao emprestá-los.

— Mostre-me as suas cópias — pediu Tersteeg, indo direto ao ponto.

Vincent vasculhou a pilha de papéis e tirou a primeira série, que desenhara na Borinage. Tersteeg manteve um silêncio impassível. Vincent apressou-se em mostrar a segunda série, que fizera em Etten. Esse grupo arrancou um “Hum” ocasional de Tersteeg e nada mais. Mostrou em seguida as terceiras cópias, as que fizera pouco antes de viajar. Tersteeg mostrou-se interessado.

— É um bom traço — comentou ele, examinando um desenho. — Gosto das sombras.

Mais adiante, ele exclamou: — Você quase conseguiu!

— Também achei que não estava ruim.

Vincent terminou a pilha e ficou esperando pelo julgamento de Tersteeg.

— Fez algum progresso, Vincent — disse o homem mais velho, estendendo as mãos compridas e foras sobre a mesa. — Não muito, mas um pouco. Fiquei receoso quando olhei para as suas primeiras cópias... Seu trabalho pelo menos mostra que tem se esforçado.

— Isso é tudo? Apenas esforços? Nenhuma capacidade?

Vincent sabia que não deveria formular essa pegunta, mas não pôde se conter.

— Não acha que ainda é muito cedo para falarmos disso?

— Talvez. Trouxe também alguns dos meus desenhos originais. Gostaria de vê-los?

— Terei o maior prazer.

Mostrou alguns dos seus desenhos dos mineiros e camponeses.

Houve no mesmo instante aquele silêncio terrível, o silêncio famoso em toda a Holanda por prenunciar a notícia incontestável a centenas de jovens artistas de que seu trabalho era ruim. Tersteeg examinou tudo, sem deixar que sequer um “Hum” escapasse de seus lábios. Vincent sentiu o estômago se contrair. Tersteeg recostou-se, olhou pela janela, contemplando a Plaats e os cisnes no lago. Ele

sabia, por sua experiência, que se não falasse primeiro o silêncio se prolongaria interminavelmente.

— Não vê qualquer melhoria, Mijnheer Tersteeg? Não acha que meus desenhos de Brabant são melhores do que os outros que eu fiz na Borinage?

Tersteeg desviou os olhos da janela.

— São melhores, mas ainda não são bons. Há alguma coisa fundamentalmente errada. Só que não posso dizer de imediato o que seja. Creio que seria melhor que você continuasse a copiar por algum tempo. Ainda não está preparado para um trabalho original. Deve ter um conhecimento maior dos fatores elementares antes de passar para a vida.

— Eu gostaria de vir estudar em Haia. Acha uma boa ideia, Mijnheer?

Tersteeg não queria assumir quaisquer obrigações com Vincent. A situação lhe parecia muito peculiar.

— Haia é um bom lugar. Temos excelentes galerias e muitos pintores jovens. Mas não tenho certeza se é melhor do que Antuérpia, Paris ou Bruxelas.

Vincent foi embora, não de todo desanimado. Tersteeg percebera algum progresso e os seus olhos eram os mais críticos em toda Holanda.

Pelo menos ele não estava estagnado. Sabia que seus desenhos da vida não eram o que deveriam ser, mas estava confiante de que, se trabalhasse com afinco e por tempo suficiente, acabariam saindo direito.

5

Haia talvez seja a cidade mais limpa e mais bem-alimentada da Europa. É simples, austera e bonita, à autêntica maneira holandesa. As ruas imaculadas são arborizadas, as casas de alvenaria impecáveis, com jardins de rosas e gerânios na frente muito bem cuidados. Não há cortiços, bairros miseráveis ou lugares negligenciados desagradáveis; tudo é mantido com o eficiente ascetismo dos holandeses.

Muitos anos antes Haia adotara a cegonha como seu emblema oficial.

A população aumentara rapidamente desde então.

Vincent esperou até o dia seguinte antes de procurar Mauve, em sua casa, na Uileboomen, 198. A sogra de Mauve era uma Carbentus, .irmã de Anna Cornelia. Como os vínculos de família eram fortes naqueles círculos, ele recebeu Vincent afetuosamente.

Mauve era um homem de compleição poderosa, ombros inclinados mas enormes, peito estufado. Sua cabeça, como a de Tersteeg e da maioria da família Van Gogh, era um fator mais importante na sua aparência do que as feições do rosto. Tinha olhos luminosos, um tanto sentimentais, nariz forte e reto, projetando-se da testa sem qualquer declive, a testa alta e quadrada, orelhas achatadas e barba grisalha, que escondia o oval perfeito do rosto. Os cabelos estavam penteados do lado direito, estendendo-se sobre o crânio, paralelos à testa.

Mauve era um homem transbordando de energia que não conseguia dissipar. Pintava e, quando se cansava de fazer isso, continuava a pintar; e quando ficava inteiramente fatigado, pintava mais um pouco. A esta altura, tornava-se revigorado e podia voltar a pintar.

— Jet não está em casa, Vincent — disse ele. — Vamos para o ateliê? Acho que você ficará mais confortável lá.

— Vamos, sim.

Vincent estava ansioso em conhecer o estúdio. Mauve conduziu-o a seu enorme ateliê de madeira no jardim. A entrada ficava no lado próximo da casa, mas a alguma distância. O jardim era cercado por sebes, proporcionando a Mauve um completo isolamento para seu trabalho.

Um cheiro delicioso de fumaça de tabaco e verniz saudou Vincent. O ateliê era grande, com quadros em cavaletes, sobre um grosso tapete Deventer. As paredes se achavam cobertas por estudos; num canto, havia uma mesa antiga, tendo na frente um pequeno tapete persa. A parede do lado norte era ocupada

pela metade por uma janela. Havia livros espalhados por toda parte e se via instrumentos de pintor em cada palmo de espaço disponível. Apesar da vida e plenitude do estúdio, Vincent pôde sentir a ordem inequívoca que emanava do caráter de Mauve e dominava o lugar.

As formalidades dos cumprimentos de família ocuparam-nos por alguns segundos apenas; e imediatamente passaram para o único assunto no mundo que os interessava. Mauve há algum tempo evitava sistematicamente outros pintores (sempre alegava que um homem podia pintar ou conversar sobre pintura, mas não fazer as duas coisas ao mesmo tempo) e se encontrava agora absorvido em seu novo projeto, uma paisagem nebulosa, ao crepúsculo. Não a discutiu com Vincent, apenas mostrou-lhe.

Madame Mauve voltou para casa e insistiu que Vincent ficasse para o jantar. Ele sentou-se diante da lareira e conversou com as crianças depois da agradável refeição, pensando como seria maravilhoso possuir a sua própria casinha, com uma esposa que o amasse e acreditasse nele, com filhos para proclamá-lo Imperador e Senhor, pelo simples título de pai.

Esse dia feliz nunca lhe chegaria?

Não demorou muito para que os dois homens voltassem ao estúdio, empunhando seus cachimbos e fumando satisfeitos. Vincent mostrou suas cópias. Mauve examinou-as com os olhos rápidos e perceptivos do profissional.

— Até que não estão ruins, para exercícios. Mas que importância têm?

— Importância? Eu não...

— Esteve apenas copiando, Vincent, como um colegial. A criação verdadeira já fora feita por outros homens.

— Pensei que isso pudesse me dar uma noção das coisas.

— Bobagem. Se quer criar, procure a vida. Não imite. Não tem desenhos seus?

Vincent pensou no que Tersteeg lhe dissera a respeito de seus desenhos originais. Debateu mentalmente se devia ou não mostrá-los a Mauve. Afinal, viera a Haia para pedir a Mauve que se tomasse seu mestre. E se tudo o que podia mostrar era um trabalho inferior...

— Tenho, sim. Venho fazendo estudos de figuras desde o começo.

— Ótimo!

— Trouxe alguns desenhos dos mineiros de Barain e dos camponeses de Brabant. Não estão muito bem-feitos, mas....

— Não se preocupe com isso, Vincent. Quero vê-los. Deve ter captado algum espírito verdadeiro.

Vincent apresentou seus desenhos sob o acompanhamento de um violento latejar na garganta. Mauve sentou-se e passou a mão esquerda pelos cabelos,

alisando-os contra o crânio, repetidamente. Risos baixinhos escapavam detrás da barba grisalha. Houve um momento em que bateu com a mão nos cabelos, deixando-os de pé como uma moita, lançou um rápido olhar de-desaprovação para Vincent. Um momento depois, ele pegou o estudo de um trabalhador, levantou-se e foi colocá-lo ao lado de uma figura em esboço na sua nova tela.

— Já sei onde eu estava errando! — exclamou ele.

Pegando um lápis de desenho, Mauve ajustou a luz e fez alguns traços rapidamente, olhando durante todo o tempo para o desenho de Vincent.

— Assim está melhor — disse ele, recuando. — Agora o mendigo parece que pertence à terra.

Ele foi postar-se ao lado de Vincent, pôs a mão no ombro do primo.

— Está tudo certo. Você se encontra no caminho. Seus desenhos são desajeitados, mas são autênticos. Possuem uma certa vitalidade e ritmo, o que não encontro com frequência. Jogue fora os seus livros de cópias, Vincent. E compre uma caixa de tinta. Quanto mais cedo começar a trabalhar em cores, melhor será. Seu desenho só está agora meio ruim, mas pode continuar a melhorá-lo, enquanto segue em frente.

Vincent julgou que o momento era auspicioso.

— Pretendo me mudar para Haia e continuar a trabalhar aqui, primo Mauve. Será que poderia fazer a gentileza de me ajudar de vez em quando? Preciso da ajuda de um homem como você. Apenas pequenas coisas, como as que mostrou em seus estudos hoje. Todo jovem artista necessita de um mestre, primo Mauve, e eu ficaria profundamente grato se me deixasse trabalhar sob a sua orientação.

Mauve olhou atentamente para todas as telas inacabadas em seu estúdio. Gostava de passar com a família o tempo mínimo que podia dispensar do trabalho. A aura de louvor em que envolvera Vincent se evaporou. Em seu lugar surgiu o retraimento. Vincent, sempre muito sensível às mudanças nas atitudes das pessoas, percebeu-o imediatamente.

— Sou um homem muito ocupado, Vincent, não tenho quase nenhuma oportunidade de ajudar os outros. Um artista deve ser egoísta; precisa zelar por todos os minutos do seu tempo de trabalho. E duvido que eu pudesse lhe ensinar muita coisa.

— Não estou pedindo muito, primo Mauve. Quero apenas que me deixe trabalhar aqui de vez em quando e observá-lo construir uma tela. Fale-me sobre o seu trabalho, como fez esta tarde. Poderei assim conhecer como um projeto é concluído. E ocasionalmente, quando estiver descansando, pode dar uma olhada nos meus desenhos e apontar os erros. Isso é tudo o que peço.

— Pensa que está me pedindo pouco. Mas esteja certo de que é muito sério aceitar um aprendiz.

— Prometo que não serei um fardo.

Mauve refletiu por um longo tempo. Jamais desejara um aprendiz; detestava a presença de outras pessoas enquanto trabalhava. Não era muito comunicativo em relação a suas próprias criações e jamais recebera outra coisa além de insultos pelos conselhos que dera a principiantes. Mas Vincent era seu primo. Tio Vincent Van Gogh e as Goupils compravam suas telas. E havia alguma coisa na paixão rude e intensa do rapaz — a mesma paixão rude e intensa que encontrara em seus desenhos — que o atraía.

— Está certo, Vincent, faremos uma experiência.

— Oh, primo Mauve!

— Lembre-se de que não estou prometendo nada. A coisa pode sair totalmente errada. Mas depois que se mudar para Haia, venha ao estúdio e veremos se poderemos ajudar um ao outro. Passarei o outono em Drenthe Assim, você pode vir no princípio do inverno.

— É justamente a época em que eu pensava em vir. Ainda preciso de mais alguns meses de trabalho em Brabant.

— Então está combinado.

Uma voz suave cantava dentro de Vincent por toda a viagem de volta no trem: “Tenho um mestre. Tenho um mestre. Dentro de poucos meses estarei estudando com um grande pintor. Aprenderei a pintar. Trabalharei e muito durante os próximos meses e veremos então o progresso que fiz.”

Quando chegou em casa, ele encontrou Kay Vos.

6

O grande sofrimento de Kay a espiritualizara. Amara o marido dedicadamente e sua morte matara alguma coisa dentro dela. A tremenda vitalidade da mulher, sua animação, entusiasmo e vivacidade haviam desaparecido por completo. Até mesmo os cabelos antes lustrosos pareciam ter perdido o brilho. O rosto afilara para um oval ascético, os olhos azuis exibiam profundos poços escuros de melancolia, a linda pele lustrosa esmaecera para uma palidez opaca. Se ela tinha menos vitalidade do que na ocasião em que Vincent a conhecera em Amsterdam, apresentava agora em seu lugar uma beleza mais suave, uma tristeza serena que lhe proporcionava profundidade e substância.

— É um prazer tê-la aqui finalmente, Kay — disse Vincent.

— Obrigada,Vincent.

Era a primeira vez que se tratavam pelos primeiros nomes sem os antecederem com o “primo”. Nenhum dos dois sabia direito como isso acontecera... e nem pensaram a respeito, diga-se de passagem.

— Trouxe Jan também?

— Trouxe, sim. Ele está no jardim.

— É a primeira vez que visita Brabant. E fico contente de estar aqui para mostrar tudo. Devemos fazer longos passeios pela charneca.

— Eu gostaria muito, Vincent.

Ela falou gentilmente, mas sem entusiasmo. Vincent notou que a voz se aprofundara, tornara-se mais vibrante. Lembrou-se como ela se mostrara simpática na casa da Keizersgracht. Deveria falar-lhe sobre a morte do marido, oferecer suas condolências? Vincent sabia que era seu dever dizer alguma coisa, mas achou que seria mais delicado não reavivar a dor de Kay.

Ela apreciou essa consideração. O marido lhe fora sagrado e não podia discuti-lo com os outros. Também se lembrava daquelas noites de inverno, agradáveis na Keizersgracht, quando jogava cartas com Vos e seus pais, junto ao fogo, enquanto Vincent lia num canto, à luz de um lampião. Uma dor muda aflorou dentro dela, uma névoa cobriu seus olhos agora escuros. Vincent pôs a mão suavemente sobre a dela e Kay fitou-o, com uma gratidão profunda. Ele percebeu como o sofrimento a mudara.

Antes, Kay fora apenas uma garota feliz; agora, era uma mulher intensamente sofredora, com toda a opulência que o desespero emocional pode acarretar. E mais uma vez aflorou na mente de Vincent o ditado antigo: “Da dor

emerge a beleza.”

— Tenho certeza de que gostará daqui, Kay. Passo o dia inteiro nos campos, desenhando. Deve me acompanhar e levar Jan.

— Eu só iria atrapalhá-lo.

— De jeito nenhum! Gosto de companhia. E posso lhe mostrar muitas coisas interessantes enquanto andamos.

— Então terei o maior prazer em ir.

— Será ótimo para Jan. O ar dos campos o tomará vigoroso. Kay apertou ligeiramente a mão de Vincent. — E seremos amigos, não é mesmo, Vincent? — Seremos, Kay.

Ela soltou-lhe a mão e olhou na direção da Igreja Protestante, sem vê-la.

Vincent saiu para o jardim, pôs um banco perto para Kay e ajudou Jan a fazer uma casinha de areia. Esqueceu pelo momento a notícia sensacional que trouxera de Haia.

Ao jantar, naquela noite, ele anunciou à família que Mauve o aceitara como um discípulo. Normalmente não repetiria qualquer palavra de louvor que Tersteeg ou Mauve pudessem lhe ter concedido. Mas a presença de Kay à mesa levava-o a querer aparecer da melhor forma possível. A mãe ficou intensamente satisfeita e disse:

— Você deve fazer tudo o que o primo Mauve mandar. Ele é um homem bem-sucedido.

Na manhã seguinte, Kay, Jan e Vincent partiram muito cedo para Liesbosch, onde ele queria desenhar. Embora não costumasse se dar ao trabalho de levar qualquer coisa para comer ao meio-dia, desta vez a mãe preparou um lanche para os três. Ela tinha a ideia de que seria uma espécie de piquenique. No caminho, eles passaram pelo ninho de uma pega, no alto de uma acácia, no cemitério da igreja; Vincent prometeu arrumar um ovo para o excitado garoto. Passaram pelo bosque de pinheiros, com seu leito de agulhas que rangiam sob os pés, depois atravessaram a areia da charneca, branca, amarela e cinza. Vincent avistou em determinado momento num campo um arado e uma carroça abandonados. Armou seu pequeno cavalete, pôs Jan na carroça e fez um desenho rápido. Kay ficou parada ao lado, a alguma distância, observando as brincadeiras de Jan. Ela se mantinha silenciosa. Vincent não queria se intrometer em sua intimidade; já estava bastante contente pela simples companhia de Kay.

Jamais imaginara que pudesse ser tão agradável ter uma mulher a seu lado enquanto trabalhava.

Passaram por diversos chalés com teto de colmo e chegaram à estrada para Roozendal. Kay finalmente falou:

— Sabe de uma coisa, Vincent? Vendo-o com o seu cavalete me lembrei de

uma coisa que pensava a seu respeito em Amsterdam. — O que era, Kay?

— Tem certeza de que não ficará magoado?

— De jeito nenhum.

— Para ser franca, nunca achei que você fosse talhado para ser um clérigo. Sabia que estava perdendo seu tempo.

— Por que não me disse?

— Não tinha o direito de fazer isso, Vincent.

Ela empurrou várias mechas do cabelo vermelho-dourado para baixo da touca preta; um sulco na estrada fê-la tropeçar e se lançar contra o ombro de Vincent. Ele pôs a mão por baixo de seu braço para ajudá-la a recuperar o equilíbrio e esqueceu depois de retirá-la.

— Eu sabia que você teria de decidir por si mesmo, Vincent. Não adiantaria lhe dizer coisa alguma.

— Agora eu me lembro. Você me advertiu contra a possibilidade de me tornar um clérigo de mentalidade estreita. Foi um comentário estranho para a filha de um ministro.

Ele sorriu ansiosamente, mas os olhos de Kay ficaram tristes.

— Sei disso. Mas é que Vos me ensinou muitas coisas que de outra forma eu jamais compreenderia.

Vincent baixou a mão. A menção do nome de Vos erguia uma barreira estranha e intangível entre os dois.

Eles chegaram ao Liesbosch depois de uma hora de caminhada.

Vincent tornou a armar o cavalete. Havia um trecho de pântano que ele queria desenhar. J an ficou brincando na areia, enquanto Kay sentava num banquinho que ele trouxera. Ela tinha um livro na mão, mas não lia.

Vincent desenhou rapidamente, com um certo *élan. O* estudo surgiu sob a sua mão com um vigor que jamais conhecera antes. Não sabia definir se era por causa dos elogios de Mauve ou pela presença de Kay, mas o lápis tinha uma firmeza inesperada. Fez diversos esboços, em rápida sucessão.

Não se virou para fitar Kay e ela também não falou para interrompê-lo.

Mas a proximidade de Kay proporcionava-lhe uma sensação de bem-estar.

Queria que seu trabalho fosse particularmente bom naquele dia para ser admirado por Kay.

Encaminharam-se para um pequeno bosque de carvalhos na hora do almoço. Kay arrumou o conteúdo da cesta à sombra de uma árvore. O ar parecia totalmente parado. A fragrância dos nenúfares no pântano misturavam-se com o cheiro dos carvalhos por cima. Kay e Jan sentaram-se a um lado da cesta, Vincent no outro. Kay serviu-o. A imagem de Mauve e sua família, sentados à mesa de jantar, aflorou à mente de Vincent.

Contemplando-a, ele pensou que jamais conhecera uma mulher tão bonita. O queijo amarelo estava delicioso e o pão de sua mãe tinha o sabor habitual. Mas ele não podia comer. Uma fome nova e formidável despertava dentro dele. Não conseguia desviar os olhos da pele delicada de Kay, o oval cinzelado, os olhos melancólicos, a boca cheia que fora privam. Momentaneamente de seu viço, mas que ele sabia que tornaria a desabrochar.

Depois do almoço, Jan dormiu, com a cabeça no colo da mãe.

Vincent observou-a afagar os cabelos claros do menino, esquadrinhando ansiosa o rosto infantil. Sabia que Kay via o rosto do marido refletido no filho, que ela estava em sua casa na Keizersgracht com o homem que amava, não na charneca em Brabant, com o primo Vincent.

Desenhou durante a tarde inteira, por algum tempo com Jan em seu colo. O garoto afeiçoara-se a ele. Vincent deixou-o marcar diversas folhas de papel Ingres com manchas pretas. Jan ria e gritava, corria pela areia amarelada, voltava constantemente a Vincent com perguntas e coisas que encontrara, com pedidos para que o distraísse. Ele não se importava; era maravilhoso ter um animalzinho irrequieto a cercá-lo afetuosamente.

O outono se aproximava e o sol se punha muito cedo. Na volta, eles pararam em diversos pequenos lagos, contemplando as cores do pôr-do-sol na água, como asas de borboleta, para escurecerem lentamente e desaparecerem ao crepúsculo. Vincent mostrou seus desenhos a Kay. Ela examinou-os apenas ligeiramente e achou tosco e desajeitado o que viu.

Mas Vincent fora bom com Jan e ela conhecia muito bem a natureza da angústia.

— Gosto muito, Vincent.

— É mesmo, Kay?

O elogio abriu uma comporta dentro de Vincent. Ela se mostrara simpática em Amsterdam; compreenderia todas as coisas que ele tentava realizar. De alguma forma, parecia a única pessoa no mundo que seria capaz de compreendê-lo. Ele não podia falar com a família sobre os seus projetos, porque nem mesmo conheciam o vocabulário; com Mauve e Tersteeg tinha de assumir uma humildade de principiante que nem sempre sentia.

Vincent despejou seu coração, em palavras apressadas e meio incoerentes. A medida que seu entusiasmo aumentava, foi acelerando os passos, a tal ponto que Kay teve dificuldade em acompanhá-lo. Quando ele sentia alguma coisa, o controle se desvanecia e em seu lugar surgia o velho comportamento brusco e violento. Desaparecera o cavalheiro de boas maneiras daquela tarde; o provinciano rude surpreendeu e assustou Kay.

Ela não sabia que Vincent estava lhe prestando o mais extraordinário e

valioso cumprimento que um homem podia oferecer a uma mulher.

Ele expôs todos os seus sentimentos que estavam reprimidos desde que Theo partira para Paris. Falou de seus objetivos e ambições, do espírito que tentava incutir em seu trabalho. Kay se perguntou por que ele estava tão excitado. Não o interrompeu, mas também não escutou. Ela vivia sempre no passado, achava um tanto desagradável que alguém vivesse com tanta alegria e vigor no futuro. Vincent experimentava a própria efervescência com tanta intensidade que não percebeu o retraimento de Kay. Ele continuou a falar e gesticular, até que um nome atraiu a atenção de Kay.

— Neuhuys? Está falando do pintor que vivia em Amsterdam?

— Esse mesmo. Ele mora agora em Haia.

— Vos era amigo dele. Levou-o à nossa casa várias vezes.

Vincent parou de falar abruptamente.

Vos! Sempre Vos! Por quê? Ele estava morto. Morrera há mais de um ano. Já era tempo de Kay esquecê-lo. Ele pertencia ao passado, assim como Ursula. Por que ela sempre tinha de levar a conversa para Vos?

Mesmo nos dias em Amsterdam ele jamais gostara do marido de Kay.

O outono corria. O tapete de agulhas de pinheiros nos bosques adquiriu uma cor castanho-avermelhada. Todos os dias Kay e Jan acompanhavam Vincent aos campos, quando ele saía para trabalhar. Um pouco de cor se insinuou nas faces de Kay das longas caminhadas, seus passos se tomaram mais firmes e confiantes. Ela agora levava a sua cesta de costura e mantinha os dedos tão ocupados quanto os de Vincent. Passou a falar mais livre e liberalmente de sua infância, sobre os livros que lera e pessoas interessantes que conhecera em Amsterdam.

A família encarava a situação com aprovação. A companhia de Vincent proporcionava a Kay um interesse na vida. Sua presença na casa tomava Vincent muito mais afável. Anna Cornelia e Theodorus agradeceram a Deus pelo arranjo tão oportuno, fazendo tudo o que podiam para reunir os dois jovens.

Vincent amava tudo em Kay; o corpo esguio e frágil, envolto tão austeramente pelo vestido preto; a touca preta elegante que ela usava quando safa para os campos; o perfume natural do corpo que penetrava por suas narinas quando ela se inclinava em sua direção; a maneira como contraía a boca quando falava depressa; a expressão inquisitiva dos olhos azuis e profundos; o toque vibrante da mão em seu ombro ou braço, quando ela tirava Jan de seu colo; a voz gutural e enarmônica que o abalava até as profundezas de sua natureza e que ouvia ressoando em sua cabeça muito tempo depois de dormir; o brilho intenso de sua pele, em que ele desejava ardentemente grudar os lábios.

Ele sabia agora que por muitos anos vivera apenas parcialmente, que as suas

enormes reservas de afeição e ternura haviam secado, que as águas revigorantes do amor eram negadas a seu paladar ressequido. Só se sentia feliz quando Kay estava perto; a presença dela parecia se projetar e envolvê-lo gentilmente. Quando ela o acompanhava aos campos, Vincent trabalhava depressa e com discernimento; quando ficava em casa, cada traço era enfadonho e insípido. À noite, ele sentava-se em frente a Kay, à grande mesa de madeira; embora copiasse os seus desenhos, o rosto dela sempre se interpunha entre ele o papel. Se ocasionalmente levantava os olhos para contemplá-la, sentada à tênue claridade do lampião amarelado, Kay sorria-lhe com uma melancolia doce e passiva. Muitas vezes ele sentia que não podia permanecer afastado de Kay por mais um momento sequer, que teria de se levantar diante de toda a família e abraçá-la furiosamente, comprimir seus lábios quentes e ressequidos contra o poço daquela boca viçosa.

Não era apenas a sua beleza que Vincent amava, mas também todo o ser e comportamento de Kay; o andar suave, o perfeito equilíbrio, a boa criação que ela expressava em cada gesto.

Jamais desconfiara como fora solitário nos sete longos anos desde que perdera Ursula. Em toda a sua vida, nunca ouvira uma mulher dizer-lhe uma palavra carinhosa, fitá-lo com uma terna afeição nos olhos, passar os dedos de leve por seu rosto e acompanhar a trilha com beijos.

Nenhuma mulher jamais o amara. Isso não era vida, mas sim morte.

Não tão ruim assim quando amara Ursula, pois então — na adolescência — quisera apenas dar; fora justamente esse dar que acabara sendo recusado.

Mas agora, em seu amor amadurecido, queria dar e receber igualmente.

Sabia que a vida seria impossível se a sua nova fome não fosse saciada pela reação apaixonada de Kay.”

Uma noite ele lia Michelet e deparou com a frase “*il faut qu'une femme souffle sur toi pour que tu sois homme*”.

Michelet estava sempre certo. Ele não fora um homem. Embora estivesse com 28 anos, ainda não nascera. A fragrância da beleza e amor de Kay haviam lhe soprado e finalmente se tornara um homem.

Como um homem, ele queria Kay. Queria desesperada e ardentemente. Também amava Jan, pois o menino era parte da mulher que amava. Mas odiava Vos, odiava-o com toda a sua força, porque nada podia fazer para afastar o morto do primeiro plano da mente de Kay. Não lamentava o amor e casamento de Kay antes, assim como também não lamentava os anos de sofrimento que seu amor por Ursula lhe causara.

Ambos haviam sido forjados no cadinho da dor e seu amor seria ainda mais puro por isso.

Vincent sabia que podia fazer Kay esquecer aquele homem que pertencia ao passado. Podia tornar seu amor tão ardente no presente que o passado se extinguiria. Partiria para Haia em breve, a fim de estudar sob a orientação de Mauve. Levaria Kay e teriam um *ménage* como o que testemunhara na Uileboomen. Queira Kay para esposa, tê-la a seu lado para sempre. Queria um lar e filhos que exibissem as suas feições nos rostos.

Era um homem agora e chegara o momento de parar de vaguear. Precisava de amor em sua vida; tiraria a rudeza de seu trabalho, apararia as beiradas toscas, apressaria a percepção da realidade que lhe faltava. Jamais compreendera antes o quanto de si estava morto sem amor; se soubesse, teria amado ardentemente a primeira mulher que encontrasse. O amor era o sal da vida; precisava-se do amor para experimentar o sabor do mundo.

Ele sentia-se contente agora por Ursula não tê-lo amado. Como seu amor fora superficial então, como era profundo e rico agora. Se tivesse casado com Ursula, jamais conheceria o significado do verdadeiro amor.

Nunca poderia amar Kay! Vincent compreendeu pela primeira vez que Ursula não passara de uma criança superficial, cabeça oca, sem excelência ou qualidade. Passara anos de sofrimento por causa de uma *poupon!* Uma hora com Kay valia uma vida inteira com Ursula. A estrada fora difícil, mas levara-o a Kay, o que constituía a sua justificativa. A vida seria boa dali por diante; trabalharia, amaria e venderia seus desenhos. E viveriam juntos na maior felicidade. Cada vida humana tinha o seu padrão que precisava ser lentamente desenvolvido até a conclusão final.

Apesar da natureza impulsiva e do estado de espírito arrebatado, Vincent conseguiu se controlar. Mil vezes, quando se encontrava a sós com Kay nos campos e falavam de coisas que não tinham a menor importância, ele sentia vontade de exclamar: “Vamos abandonar todo esse fingimento e aparência de desinteresse! Quero torná-la em meus braços, beijar seus lábios interminavelmente! Quero que seja minha esposa e fique comigo para sempre! Pertencemos um ao outro e em nossa solidão precisamos um do outro desesperadamente!”

Por algum milagre, ele conseguiu conter-se. Não podia subitamente falar de amor; seria muita grosseria. Kay jamais lhe proporcionara a menor abertura. Sempre evitara o assunto de amor e casamento. Como e quando poderia falar? Vincent sentiu que precisava fazê-lo muito em breve, pois o inverno se aproximava e teria de partir para Haia.

Finalmente não pôde mais aguentar; sua vontade se rompeu.

Seguiam pela estrada para Breda; Vincent passara a manhã desenhando escavadores. Comeram ao lado de um córrego, à sombra de frondosos olmos.

Jan adormeceu na relva. Kay estava sentada ao lado da cesta, Vincent ajoelhado para lhe mostrar alguns desenhos. Enquanto ele falava, rapidamente, sem ter a menor noção de uma só palavra do que dizia, podia sentir o ombro quente de Kay queimando o seu; foi esse contato que o incendiou além de qualquer controle. Os desenhos caíram de sua mão, puxou Kay bruscamente, uma enorme onda de palavras veementes e apaixonadas fluíram de seus lábios.

— Kay, não aguento mais deixar de lhe falar! Deve saber que eu a amo, Kay, mais do que a mim mesmo! Sempre a amei, desde a primeira vez em que a vi, em Amsterdam! Preciso de você ao meu lado para sempre! Diga que me ama, Kay, mesmo que seja apenas um pouco. Iremos viver em Haia. Teremos o nosso lar e seremos felizes. Você me ama, não é mesmo? Diga que casará comigo, Kay querida!

Kay não fez qualquer esforço para se desvencilhar. O horror e a repulsa entortaram sua boca. Não ouviu as palavras que ele disse, mas apreendeu o sentido. Um terror profundo dominou-a. Seus olhos azul-escuros fitaram Vincent cruelmente, a mão se levantou para reprimir o grito em seus lábios.

— Não, nunca, nunca! — ela balbuciou com veemência.

Finalmente desvencilhando-se de Vincent, ela pegou o menino adormecido e saiu correndo freneticamente pelo campo. Vincent foi atrás, acenando os braços loucamente, a cabeça balançando nos ombros. O terror dava forças às pernas de Kay. Ela fugia à sua frente. Vincent não podia compreender o que acontecera.

— Kay! Kay! Não fuja!

O som de sua voz fê-la correr ainda mais depressa. Ela acabou tropeçando e caiu num sulco no meio do campo. Jan chorou. Vincent caiu de joelhos na terra, diante de Kay, pegou-lhe a mão.

— Por que foge de mim quando a amo tanto, Kay? Será que não percebe? Preciso de você. E você também me ama, Kay. Não tenha medo. Só estou dizendo que a amo. Esqueceremos o passado, Kay, iniciaremos uma vida nova.

A expressão de horror nos olhos de Kay transformou-se em ódio. Ela puxou a mão. Jan estava agora inteiramente desperto. A expressão arrebatada no rosto de Vincent assustou-o, as palavras tumultuadas que saíam dos lábios do estranho homem levaram-no ao terror. Passou os braços pelo pescoço da mãe e desatou a chorar incontrolavelmente.

— Kay, querida, não pode dizer que me ama só um pouquinho?

— Não, nunca, nunca!

E ela recomeçou a correr pelo campo, na direção da estrada. Vincent ficou sentado ali, na terra, atordoado. Kay chegou à estrada e desapareceu.

Vincent levantou-se, correu atrás dela, chamando-a aos gritos. Quando chegou à estrada, avistou-a a distância, correndo, a criança ainda no colo.

Ele parou. Observou-os sumirem numa curva. Permaneceu onde estava por um longo tempo. Depois, tornou a atravessar o campo. Pegou seus desenhos. Estavam um pouco sujos de terra. Pôs as coisas do almoço na cesta, prendeu o cavalete nas costas e voltou para casa, exausto.

A residência paroquial estava impregnada de tensão; Vincent sentiu-o assim que entrou. Kay trancara-se em seu quarto com Jan. A mãe e o pai estavam sozinhos na sala. Conversavam, mas pararam abruptamente no instante em que ele apareceu. Vincent pôde sentir uma frase inacabada pairando no ar. Fechou a porta. Compreendeu que o pai devia estar terrivelmente irado, pois a pálpebra direita cobria o olho quase inteiramente.

— Como pôde fazer uma coisa dessas, Vincent? — lamuriou-se a mãe.

— Como pude fazer o quê?

Ele não sabia exatamente por que era censurado.

— Insultar a sua prima assim!

Vincent não foi capaz de pensar em qualquer resposta. Tirou o cavalete das costas e ajeitou-o num canto. O pai estava transtornado demais para falar. — Kay contou o que aconteceu?

O pai afrouxou o colarinho alto que lhe cortava a carne vermelha do pescoço. A mão direita agarrou a beira da mesa.

— Ela nos disse que você abraçou-a e se comportou como um louco. — Eu disse a ela que a amava — explicou Vincent, suavemente. — Não sei como isso é um insulto.

— E foi tudo o que disse a ela?

O tom do pai era gelado.

— Não. Também lhe pedi para ser minha esposa.

— Sua esposa?

— Isso mesmo. O que há de tão espantoso nisso?

— Oh, Vincent, Vincent — balbuciou a mãe — como pôde sequer pensar em tal coisa?

— Certamente devia estar pensando também...

— Mas como eu poderia imaginar que você se apaixonaria por ela?

— Vincent — interveio o pai — você deve compreender que Kay é sua prima em primeiro grau.

— Sei disso. E daí?

— Não pode casar com sua prima em primeiro grau. Isso seria... isso seria...

O pastor não podia sequer pronunciar a palavra. Vincent foi até a janela e olhou para o jardim.

— Seria o quê?

— Incesto!

Vincent controlou-se com algum esforço. Até que ponto se atreveriam a enlamear seu amor com palavras vulgares?

— Isso é bobagem, pai, algo indigno de você.

— Estou lhe dizendo que seria incesto! — gritou Theodorus. — Não permitirei essa relação pecaminosa na família Van Gogh!

— Posso presumir que não está citando a Bíblia, pai? Primos sempre tiveram permissão para casar.

— Oh, Vincent, meu querido — disse a mãe — se a amava tanto por que não esperou? O marido de Kay morreu há apenas um ano. Ela ainda o ama dedicadamente. E você sabe muito bem que não tem dinheiro para sustentar uma esposa.

— Considero o que você fez terrivelmente prematuro e indelicado — acrescentou o pai.

Vincent recuou. Tateou à procura do cachimbo, segurou-o na mão por um momento, tornou a guardá-lo.

— Pai, devo lhe pedir firmemente que não use mais essas expressões.

O amor que sinto por Kay é a melhor coisa que já me aconteceu. Não posso admitir que o chame de indelicado e prematuro.

Ele pegou bruscamente o cavalete e foi para seu quarto. Sentou na cama e indagou a si mesmo: “O que aconteceu? O que eu fiz? Disse a Kay que a amava e ela fugiu. Por quê? Ela não me quer?”

“Não, nunca, nunca!”

Vincent passou a noite se atormentando, com a reconstituição interminável da cena. Sempre terminava no mesmo ponto. Aquela pequena frase ressoava em seus ouvidos como seu dobre fúnebre e perdição.

Já era tarde na manhã seguinte quando tomou coragem para descer.

O clima de tensão se desvanecera. A mãe estava na cozinha. Ela beijou-o e afagou seu rosto por um momento.

— Dormiu, querido?

— Onde está Kay?

— O pai levou-a a Breda.

— Para quê?

— Para pegar o trem. Ela está voltando para casa.

— Para Amsterdam?

— Isso mesmo.

— Ahn...

— Ela achou que assim seria melhor, Vincent.

— Deixou alguma mensagem para mim?

— Não, querido. Não quer sentar-se para comer?

— Não deixou absolutamente nenhum recado? Não falou sobre ontem? Ainda estava zangada comigo?

— Não. Ela apenas achou que devia voltar para a casa dos pais.

Anna Cornelia decidiu que era melhor não repetir as coisas que Kay dissera; em vez disso, ela pôs um ovo no fogo.

— A que horas o trem deixa Breda?

— Às dez e vinte.

Vincent olhou para o relógio azul da cozinha.

— Já está na hora.

— É verdade.

— Então não há mais nada que eu possa fazer.

— Venha sentar-se aqui, querido. Tenho uma língua deliciosa esta manhã.

Anna Cornelia abriu um espaço na mesa da cozinha, estendeu um guardanapo e serviu a comida. Permaneceu ao lado do filho, exortando-o a comer; tinha o sentimento de que se ele pusesse bastante comida no estômago, tudo acabaria bem.

Vincent compreendeu que isso agradaria à mãe e engoliu tudo o que ela serviu. Mas o gosto do “Não, nunca, nunca” persistia em sua boca para tomar amarga cada porção que comia.

7

Vincent sabia que amava seu trabalho muito mais do que a Kay. Se fosse forçado a escolher entre os dois, não haveria a menor dúvida em sua mente sobre a opção. Contudo, seu desenho tomou-se insípido. Não conseguia mais trabalhar com qualquer interesse. Estudava os esboços dos tipos de Brabant na parede e constatava que realizara progressos desde que seu amor por Kay despertara. Ainda havia alguma coisa áspera e ríspida em seus desenhos, mas sentia que o amor de Kay poderia suavizar tudo.

Seu amor era sério e bastante intenso para não ser esfriado por muitos "Não, nunca, nunca". Estava convencido de que a recusa de Kay era como um bloco de gelo que lhe envolvera o coração; mas ele haveria de degelá-lo.

Era o pequeno germe da dúvida em sua mente que o impedia de trabalhar. E se ela nunca mudasse a sua decisão? Kay parecia ter escrúpulos em sequer acalentar a ideia de um novo amor. Ele queria curá-la da doença de se enterrar em demasia no passado. Queria unir a sua mão de desenhista e a mão de dama de Kay, trabalhando juntos pelo pão de cada dia e a felicidade.

Ele ficava em seu quarto, escrevendo cartas apaixonadas e suplicantes para Kay. Várias semanas transcorreram antes que soubesse que ela sequer as lia. Ele escrevia quase que diariamente para Theo, seu confidente, fortalecendo-se contra a dúvida em seu coração e os ataques conjuntos dos pais e do reverendo Stricker. Sofria, sofria amargamente, nem sempre era capaz de ocultá-lo. A mãe procurou-o com uma expressão de profunda compaixão e muitas palavras confortadoras.

— Vincent, você está apenas batendo com a cabeça num dique de pedras. Tio Stricker diz que o "Não!" de Kay é absolutamente definitivo.

— Não aceitarei a palavra dele.

— Mas ela disse ao pai, querido!

— Que não me ama?

— Isso mesmo. E que nunca mudará de ideia.

— É o que veremos.

— Não há qualquer esperança, Vincent. Tio Stricker diz que Kay podia amá-lo, mas ele não consentiria no casamento se você não ganhasse pelo menos mil francos por ano. E sabe muito bem que está long ; disso.

— Aquele que ama vive, mãe, aquele que vive trabalha, aquele que trabalha tem pão.

— Isso é muito bonito, querido, mas Kay foi criada no luxo. Sempre teve as melhores coisas.

— Suas melhores coisas não a fazem feliz agora.

— Se vocês dois fossem sentimentais e casassem, o resultado seria um grande sofrimento, com pobreza, fome, frio, doença. Pois sabe que a família não ajudaria com um franco sequer.

— Já passei por todas essas coisas antes, mãe. Não me assustam. E de qualquer maneira seria melhor para nós estarmos juntos do que separados.

— Mas não, meu filho, se Kay não o ama!

— Se eu pudesse ir a Amsterdam, tenho certeza de que mudaria o "Não!" para "Sim!".

Vincent considerava que era uma das piores *petites misères de la vie humaine o* fato de não poder ir ao encontro da mulher que amava, o fato de não podei ganhar um único franco para pagar a passagem de trem. A impotência levou-o a um acesso de raiva. Estava com 28 anos; há doze anos que trabalhava arduamente, negando-se tudo, a não ser as necessidades mínimas da vida, mas mesmo assim não podia dispor da quantia terrivelmente pequena que lhe permitisse comprar uma passagem de trem para Amsterdam.

Pensou em percorrer a pé os cem quilômetros, mas compreendeu que chegaria imundo, faminto, extenuado. Não se importava absolutamente com o esforço, mas se entrasse na casa do reverendo Stricker como chegara à casa do reverendo Pietersen... Depois de enviar uma longa carta para Theo pela manhã, ele tornou a sentar-se ao cair da noite e escreveu outra:

Caro Theo:

Preciso desesperadamente de dinheiro para a viagem a Amsterdam.

Se eu tivesse o suficiente, já teria partido.

Mando junto alguns desenhos; diga-me por que não vendem e como posso torná-los vendáveis, pois preciso ganhar dinheiro para uma passagem de trem e poder sondar aquele "Não, nunca, nunca".

À medida que os dias foram passando, Vincent sentiu uma energia nova e saudável aflorar. Seu amor tornava-o resoluto. Expulsara o germe da dúvida e sabia agora que se ao menos pudesse ver Kay, ajudá-la a compreender o tipo de pessoa que ele era por dentro, haveria de mudar o "Não, nunca, nunca" para "Sim, para sempre, para sempre!". Retornou ao trabalho com uma vitalidade renovada; embora soubesse que seu punho de desenhista ainda era desajeitado, sentia uma confiança absoluta de que o tempo mudaria isso, assim como também mudaria a recusa de Kay.

Na noite seguinte ele escreveu uma carta para o reverendo Stricker, explicando claramente a situação. Não mediu as palavras e sorriu ao pensar na

imprecação que escaparia dos lábios do tio. Seu pai o proibira de escrever a carta; uma verdadeira batalha se armava na residência paroquial.

Theodorus encarava a vida em termos de obediência e comportamento rigorosos; nada sabia das vicissitudes do temperamento humano. Se o filho não podia se ajustar ao molde, então era o filho quem estava errado e não o molde.

— É tudo culpa daqueles livros franceses que você leu — declarou Theodorus à noite, através da mesa. — Se procura a companhia de ladrões e assassinos, como esperar que se comporte como um filho obediente e um cavalheiro?

Vincent levantou os olhos de seu Michelet com uma expressão de espanto.

— Ladrões e assassinos? Chama Victor Hugo e Michelet de ladrões?

— Não, mas é sobre isso que eles escrevem. Esses livros estão repletos de iniquidade.

— Isso é absurdo, pai. Michelet é tão puro quanto a própria Bíblia.

— Não quero ouvir as suas blasfêmias aqui, meu rapaz! — gritou Theodorus, numa raiva intensa. — Esses livros são todos imorais. As suas ideias francesas é que o estragaram.

Vincent levantou-se, deu a volta à mesa, e pôs “L'Amour et Ia Femme” diante do pai.

— Só há uma maneira de se convencer, pai. Leia algumas páginas. Ficará impressionado. Michelet só quer nos ajudar a resolver nossos problemas e pequenas misérias.

Theodorus lançou “L'Amour et Ia Femme” no chão, com o gesto virtuoso de um homem de bem repelindo o pecado.

— Não preciso ler isso! Temos um tio-avô na família Van Gogh que se deixou contagiar pelas ideias francesas e deu para beber!

— *Mille pardons,* pai Michelet — murmurou Vincent, pegando o livro no chão.

— E por que pai Michelet, se me permite perguntar? Está tentando me insultar?

— Isso nem me passou pela cabeça. Mas devo dizer, com toda franqueza, que se precisasse de conselho seria melhor recorrer a Michelet do que a você, pai. Haveria mais possibilidade de encontrar uma resposta apropriada.

— Oh, Vincent — suplicou a mãe — por que tem de dizer essas coisas? Por que tem de romper os vínculos de família?

— Pois é justamente o que está fazendo! — gritou Theodorus. — Rompendo os vínculos de família! Seu comportamento é imperdoável. É melhor deixar esta casa e ir viver em outro lugar.

Vincent subiu para o seu quarto-estúdio, sentou-se na cama.

Especulou ociosamente sobre o fato de sentar-se na cama, e nunca na cadeira, sempre que recebia um golpe terrível. Correu os olhos pelas paredes do quarto, observando seus trabalhadores, escavadores, semeadores, a costureira e a faxineira, lenhadores, os desenhos de Heike.

Era verdade, ele fizera progressos. Estava indo para frente. Mas seu trabalho ali ainda não acabara. Mauve se encontrava em Drenthe e não voltaria por mais um mês. Ele não queria deixar Etten agora. Tinha uma vida confortável; em outro lugar, sairia muito caro. Queria tempo para superar a sua expressão insuficiente e captar o verdadeiro espírito dos tipos de Brabant antes de partir para sempre. O pai lhe dissera que deixasse a casa, até mesmo o amaldiçoara. Mas tudo acontecera num momento de raiva. Mas se haviam dito mesmo "Vá embora!" e falassem a sério... Será que era mesmo tão horrível para ser expulso da casa do pai?

Ele recebeu duas cartas na manhã seguinte. A primeira era do reverendo Stricker, uma resposta à sua carta registrada. Havia também, em anexo, um bilhete da esposa do reverendo. Eles resumiam a carreira de Vincent em termos incisivos, diziam-lhe que Kay amava outro, que esse outro era um homem rico, que desejavam que seus ataques bizarros à filha cessassem imediatamente.

— Não existem pessoas vivas mais céticas, de coração duro e mundano do que os clérigos — murmurou Vincent para si mesmo, amassando a carta de Amsterdam, com um prazer brutal, como se fosse o próprio reverendo.

A segunda carta era de Theo.

"Os desenhos estão bem-feitos. Farei todo o possível para vendê-los, Enquanto isso, estou anexando vinte francos para aquela viagem a Amsterdam. Boa sorte, irmão."

8

Quando Vincent deixou a estação, a noite já começava a se adensar.

Ele subiu pelo Damrak até o Dam, passando pelo Palácio do Rei e a agência dos correios cruzando depois para a Keizersgracht. Era a hora em que todas as lojas e escritórios começavam a fechar, com as saídas de balconistas e escriturários.

Ele atravessou o Singel e parou por um momento na ponte da Heerengracht, a fim de observar os homens numa barcaça de flores comendo o seu jantar de pão e arenque, numa mesa no convés. Virou à esquerda na Keizersgracht, foi passando pela longa fileira de estreitas casas flamengas, descobriu-se diante dos degraus de pedra e da grade preta da residência do reverendo Stricker. Lembrou-se da primeira ocasião em que ali estivera, no início de sua aventura em Amsterdam. E compreendeu que há algumas cidades em que os homens estão condenados para sempre.

Percorrera todo o caminho pela Damrak e atravessara o Centro apressa1amente; agora que chegara, sentiu medo e hesitação. Levantou os olhos e notou o gancho de ferro se projetando para fora da janela do sótão.

Pensou que proporcionava uma excelente oportunidade para um homem se enforcar.

Atravessou a calçada larga de tijolos vermelhos e parou na extremidade, olhando para o canal. Sabia que a próxima hora determinaria todo o curso de sua vida exterior. Se ao menos pudesse ver Kay, falar com ela, fazê-la compreender, tudo daria certo. Mas o pai de uma jovem tinha a chave da porta da frente. E se o reverendo Stricker se recusasse a permitir-lhe a entrada?

Uma barcaça de areia subia lentamente o canal, sendo levada para o seu ancoradouro noturno. Havia uma trilha de areia amarelada úmida no lado escuro de onde a carga fora retirada com pás. Vincent notou que não havia roupas penduradas para secar num varal da proa à popa e se perguntou ociosamente qual seria o motivo. Um homem magro comprimia a vara contra o peito e avançava pelo passadiço, enquanto a barcaça desajeitada deslizava sob os seus pés. Uma mulher com um avental sujo sentava na popa, como uma pedra esculpida pela água, a mão por trás do leme pesado. Um garoto, uma menina e um cachorro branco sujo estavam no alto da cabine, olhando ansiosamente para as casas na Keizersgracht.

Vincent subiu os cinco degraus de pedra e tocou a sineta. A criada atendeu depois de um momento de espera. Ela espiou Vincent parado nas sombras,

reconheceu-o e prontamente adiantou o corpo para bloquear a passagem.

— O reverendo Stricker está em casa? — perguntou Vincent.

— Não. Ele saiu.

A criada recebera ordens expressas. Vincent ouviu vozes no interior da casa. Empurrou a criada para o lado bruscamente.

— Saia da minha frente! — gritou para a criada que tentava detê-lo.

— A família está jantando! — protestou ela. — Não pode entrar!

Vincent avançou pelo corredor comprido e entrou na sala de jantar.

Ao fazê-lo, divisou a ponta de um vestido preto familiar desaparecer pela outra porta. O reverendo Stricker, sua tia Wilhelmina e os dois filhos mais jovens sentavam à mesa. Cinco lugares estavam postos. Diante da cadeira vazia, empurrada para trás num ângulo torto, havia um prato de vitela grelhada, batatas cozidas e vagens.

— Não pude detê-lo, senhor — murmurou a criada — Ele me empurrou e entrou.

Havia dois castiçais de prata na mesa, as velas altas e brancas proporcionando a única iluminação. Calvino, pendurado na parede, parecia soturno na claridade amarelada. O serviço de prata no aparador esculpido brilhava na semi-escuridão. Vincent notou a janelinha alta sob a qual conversara com Kay pela primeira vez.

— Parece que suas maneiras pioram a cada dia que passa, Vincent — comentou o tio.

— Quero falar com Kay.

— Ela não está em casa. Foi visitar amigos.

— Kay estava sentada à mesa quando toquei a sineta. Começara a jantar.

Stricker virou-se para a esposa.

— Tire as crianças da sala.

Ele esperou que isso acontecesse antes de tornar a falar: — Está causando problemas demais, Vincent. Não sou o único, pois todos na família já perderam completamente a paciência com você. É um vagabundo, indolente, grosseiro e, até onde posso perceber, um caráter ingrato e mórbido. Como se atreve a sequer ter a presunção de amar minha filha? É um insulto para mim.

— Deixe-me ver Kay, tio Stricker. Quero falar com ela.

— Kay não quer falar com você. Nunca mais quer tomar a vê-lo.

— Kay disse isso?

— Disse.

— Não acredito.

Stricker ficou consternado. Era a primeira vez que o acusavam de mentir desde que fora ordenado.

— Como se atreve a dizer que não estou falando a verdade?

— Nunca acreditarei enquanto não ouvir da própria Kay. E mesmo assim continuarei a não acreditar.

— Quando penso em todo o dinheiro e tempo precioso que desperdicei com você aqui em Amsterdam...

Vincent desabou, cansado, na cadeira que Kay acabara de desocupar.

Pôs os braços sobre a mesa.

— Escute-me por um momento, tio Stricker. Demonstre que até um clérigo pode possuir um coração humano por baixo de sua armadura de aço. Amo a sua filha. Amo-a desesperadamente. Penso nela e sinto saudade a cada hora do dia e da noite. Você trabalha para Deus. Pois então, pelo amor de Deus, demonstre um pouco de misericórdia. Não seja tão cruel comigo. Sei que ainda não sou bem-sucedido. Mas se me der um pouco mais de tempo, acabarei me tornando. Dê-me uma oportunidade de demonstrar meu amor por Kay. Deixe-me ajudá-la a compreender por que deve me amar. Certamente já esteve apaixonado outrora, tio, conhece a agonia que um homem pode sofrer. E eu já sofri bastante. Deixe-me encontrar um pouco de felicidade, por uma vez. Só quero que me dê uma oportunidade de conquistar o amor de Kay. Isso é tudo o que peço. Não posso mais suportar a solidão e sofrimento por outro dia sequer!

O reverendo Stricker baixou os olhos por um instante e depois disse: — Você é tão fraco e covarde que não suporta um pouco de sofrimento? Precisa estar sempre se lamuriando?

Vincent levantou-se de um pulo, bruscamente. Toda a suavidade se desvaneceu. Somente o fato de estarem em lados opostos da mesa, separados peias duas velas altas nos castiçais de prata, impediu que o homem mais moço agredisse o ministro. Um silêncio tenso envolveu a sala, enquanto os dois homens se fitavam fixamente, olhos faiscantes em olhos faiscantes.

Vincent não sabia quanto tempo passou. Finalmente levantou a mão e colocou-a perto da vela, murmurando: — Deixe-me falar com Kay por tanto tempo quanto eu puder manter a mão sobre esta chama.

Ele virou a mão e pôs as costas sobre a chama. A claridade na sala diminuiu. O carbono da vela imediatamente escureceu a sua pele. Em poucos segundos ficou com a mão em carne viva, queimada. Vincent não titubeou nem desviou os olhos do tio. Cinco segundos se passaram. Dez. A pele das costas de sua mão começou a empolar. Os olhos do reverendo Stricker se arregalavam de horror. Ele parecia paralisado. Por várias vezes tentou falar, se mexer, mas não conseguiu. Estava dominado pelos olhos cruéis e inquisitivos de Vincent. Quinze segundos se passaram. A pele se abriu, mas o braço nem mesmo tremeu. O reverendo Stricker finalmente recuperou o controle, com um sobressalto

violento.

— Seu doido! — berrou ele, o mais alto que podia. — Você enlouqueceu por completo!

Ele esticou-se pela mesa, arrancou o castiçal de sob da mão de Vincent, apagou a chama com os dedos. Depois se inclinou para o outro e soprou-o vigorosamente.

A sala estava mergulhada na total escuridão. Os dois homens se inclinaram para a frente, através da mesa, esquadrinhando o negrume, incapazes de verem, mas ao mesmo tempo se percebendo nitidamente.

— Você está louco! — gritou o reverendo. — E Kay o despreza com toda a força de seu coração! Saia desta casa e nunca mais se atreva a voltar!

Vincent foi andando lentamente pelas ruas escuras e depois de algum tempo descobriu-se nos subúrbios da cidade. O cheiro familiar e agradavelmente fétide de água estagnada entrou por suas narinas, enquanto olhava para um canal morto e salobro. O lampião de gás na esquina projetava alguma claridade sobre a sua mão esquerda — algum instinto profundo o levara a resguardar a mão que desenhava — e ele viu que havia um buraco preto na pele. Foi seguindo adiante, passando por uma sucessão de pequenos canais, recendendo a um mar há muito esquecido. Finalmente encontrou-se perto da casa de Mendes da Costa. Agachou-se na margem de um canal. Largou um seixo no manto verde de *kroos.* Afundou sem ao menos dar a impressão de que havia água por baixo.

Kay saíra de sua vida. O “Não, nunca, nunca” fora arrancado das profundezas da sua alma. O grito que ela soltara fora agora transposto, tornara-se propriedade de Vincent. Vibrava por sua cabeça, repetindo “Não, nunca, nunca mais você tornará a vê-la. Nunca mais tomará a ouvir o canto suave de sua voz. Nunca mais verá o sorriso em seus profundos olhos azuis. Nunca mais sentirá a sua pele quente no rosto. Nunca mais conhecerá o amor, pois não pode viver, nem mesmo enquanto você mantém sua carne no cadinho ardente da dor!”.

Um ímpeto de dor, enorme e mudo, aflorou em sua garganta. Ele levou a mão esquerda à boca para sufocar o grito, a fim de que Amsterdam e o mundo nunca soubessem que ele julgara errado. Em seus lábios, ele sentiu o gosto amargo, muito amargo, das cinzas do desejo não correspondido.

Livro Três

HAIA

A loteria estadual ou O pobre e o dinheiro (1882)

1

Mauve ainda estava em Drenthe. Vincent procurou nas proximidades da Uileboomen e encontrou um lugar pequeno por trás da estação de Ryn, a quatorze francos por mês. O estúdio — chamado de quarto até que Vincent alugou-o — era bastante grande, com uma alcova para cozinhar e uma janela enorme virada para o sul. Havia uma estufa baixa num canto, com um cano preto e comprido subindo pela parede e desaparecendo no teto. O papel de parede era de um tom neutro; pela janela, Vincent podia avistar o depósito de madeira pertencente ao proprietário da casa, uma campina verde e depois uma vasta extensão de dunas. A casa ficava na Schenkweg, a última rua entre Haia e as campinas a sudeste. Era coberta pela fuligem preta das locomotivas que entravam e saíam ruidosamente da estação de Ryn.

Vincent comprou uma mesa de cozinha, duas cadeiras e um cobertor para se cobrir, enquanto dormia no chão. Essas despesas esgotaram os seus pequenos recursos, mas o primeiro dia do mês não estava longe e Theo lhe enviaria os cem francos combinados de sua mesada. O tempo frio de janeiro não lhe permitia trabalhar fora de casa, ao ar livre; e como não tinha dinheiro para pagar modelos, não podia fazer outra coisa que não sentar e esperar pela volta de Mauve.

E Mauve finalmente retomou a Uileboomen. Vincent foi imediatamente ao estúdio do primo. Mauve armava uma enorme tela, muito excitado, a faixa de cabelos estendida pela testa caindo sobre os olhos. Estava prestes a começar o grande projeto do ano, uma tela para o Salon. Escolhera para tema um barco de pesca sendo puxado por cavalos na praia em Scheveningen. Mauve e a esposa Jet haviam julgado extremamente duvidoso que Vincent voltasse a Haia; sabiam que quase todas as pessoas experimentavam um vago impulso de se tornarem artistas, em um momento ou outro de suas vidas.

— Então você voltou a Haia, no final das contas. Muito bem, Vincent, faremos de você um pintor. Já arrumou um lugar para viver?

— Já, sim. Estou na Schenkweg, 138, logo atrás da estação de Ryn.

— É bem perto. Como está em matéria de recursos?

— Não tenho muito dinheiro. Comprei uma mesa e duas cadeiras.

— E uma cama? — indagou Jet.

— Não. Estou dormindo no chão.

Mauve disse alguma coisa baixinho para Jet, que foi até a casa e voltou

pouco depois com uma carteira. Mauve tirou uma nota de cem florins.

— Quero que aceite isso como um empréstimo, Vincent — disse ele. — Compre uma cama, pois precisa descansar bastante à noite. Seu aluguel está pago?

— Ainda não.

— Pois então tire esse problema da cabeça. Como é a luz?

— Há bastante, mas a única janela está virada para o sul.

— Isso é mau. Precisa dar um jeito. O sol mudará a luz em seus modelos a cada dez minutos. Compre algumas cortinas.

— Não me agrada pegar seu dinheiro emprestado, primo Mauve. Já é suficiente que esteja disposto a me ensinar.

— Não diga bobagem, Vincent. Acontece na vida de todo homem ter de se instalar numa casa nova. A longo prazo, sairá mais barato se comprar as suas coisas.

— Tem razão. Espero conseguir vender alguns desenhos em breve e então lhe pagarei.

— Tersteeg o ajudará. Ele comprou meus trabalhos quando eu era mais jovem e ainda aprendia. Mas deve começar a trabalhar em aquarela e óleo. Não há mercado para simples desenhos a lápis.

Apesar de sua corpulência, Mauve tinha o maneirismo nervoso de se movimentar em grande velocidade. Assim que os olhos se iluminavam por alguma coisa que contemplava, ele esticava um ombro e se lançava nessa direção.

— Tome aqui, Vincent, uma caixa de aquarelas, pincéis, paleta, espátula, óleo e terebintina. Deixe-me mostrar como deve segurar a paleta e se postar diante do cavalete.

Ele ensinou a Vincent uns poucos elementos de técnica. Vincent pegou as ideias depressa.

— Ótimo! — exclamou Mauve. — Pensei que você fosse um idiota, mas descubro que não é esse o caso. Pode vir aqui pelas manhãs e trabalhar com aquarelas. Proporei seu nome para sócio especial da *Pulchri.* Poderá então desenhar modelos várias noites por semana. Além disso, terá assim contato com outros pintores. Quando começar a vender, pode se tornar um sócio regular.

— Quero mesmo trabalhar com um modelo. Tentarei contratar algum para aparecer todos os dias. Depois que eu dominar o corpo humano, tudo o mais virá espontaneamente.

— Tem toda razão, Vincent. O corpo é o mais difícil. Depois que se o domina, árvores, vacas e pôr do sol são simples. Os que negligenciam o corpo assim se comportam porque o acham difícil demais.

Vincent comprou uma cama, cortinas para a janela, pagou o aluguel e pregou nas paredes os seus desenhos de Brabant. Sabia que eram invendáveis e percebia facilmente os seus defeitos, mas havia alguma coisa amadurecida neles; tinham sido produzidos com uma certa paixão. Não podia definir exatamente onde se encontrava a paixão e como entrara ali; nem mesmo compreendeu o seu pleno valor até que se tornou amigo de De Bock.

De Bock era um homem encantador. Era *bien élevé*, tinha maneiras agradáveis e uma renda permanente. Fora educado na Inglaterra. Vincent conhecera-o na Goupils. De Bock era a exata antítese de Vincent, sob todos os aspectos; levava a vida tranquilamente, nada o abalava nem excitava, toda a sua constituição era delicada. A boca era exatamente tão comprida quanto as narinas eram largas.

— Não quer tomar um chá comigo? — ele perguntou a Vincent. — Gostaria de lhe mostrar alguns dos meus trabahos mais recentes. Creio que tenho um novo discernimento desde que Tersteeg começou a vender as minhas obras.

O estúdio ficava em Willemspark, a área mais aristocrática de Haia.

As paredes estavam cobertas por cortinas de veludo em tons neutros. Divãs com almofadas suntuosas ocupavam todos os cantos. Havia mesas de fumar, estantes repletas de livros e tapetes orientais. Ao pensar em seu próprio estúdio, Vincent sentiu-se um anacoreta.

De Bock acendeu o gás sob um samovar russo e mandou sua empregada comprar bolos. Depois, tirou uma tela de um armário e a pôs no cavalete.

— Este é o meu último trabalho, Vincent. Quer um charuto enquanto o estuda? Pode ajudar. Nunca se sabe.

Ele falava em tom divertido. Desde que Tersteeg o descobrira que sua confiança subira vertiginosamente pelas alturas. Sabia que Vincent gostaria do quadro. Ele pegou um dos cigarros russos compridos pelos quais se tomara famoso em Haia e estudou o rosto de Vincent, à espera de um julgamento.

Vincent examinou a tela através da fumaça azul do charuto caro de De Bock. Sentia na sua atitude aquele momento horrível de suspense quando o artista mostra uma de suas criações a olhos estranhos pela primeira vez. O que ele podia dizer? A paisagem não era ruim, mas também não era boa. Era muito parecida com o caráter de De Bock: indefinida. Vincent lembrou-se como ficava furioso e consternado quando algum jovem presunçoso se atrevia a ser condescendente com sua obra.

Embora o quadro fosse do tipo que podia ser visto em sua totalidade com um só olhar, ele continuou a estudá-lo.

— Você tem um sentimento para paisagem, De Bock. E certamente sabe como lhe acrescentar um certo charme.

— Obrigado — murmurou De Bock, satisfeito com o que julgava ser um elogio. — Não quer tomar uma xícara de chá?

Vincent segurou a xícara com as duas mãos, receando derramar o chá no tapete suntuoso. De Bock foi até o samovar e serviu-se de uma xícara.

Vincent desejava desesperadamente não dizer qualquer coisa contra o trabalho de De Bock. Gostava do homem e o queria para amigo. Mas o artesão objetivo se impôs dentro dele e não foi capaz de reprimir a sua crítica.

— Há uma coisa que não tenho certeza se gosto nessa tela.

De Bock foi pegar a bandeja trazida pela empregada e disse: — Coma um bolo, meu velho.

Vincent recusou, porque não sabia como podia comer um bolo e manter uma xícara de chá no colo ao mesmo tempo.

— O que não lhe agradou? — indagou De Bock, jovialmente.

— As suas figuras. Não parecem autênticas.

— Quer saber de uma coisa? — confidenciou De Bock, acomodando-se indolentemente num divã. — Tenho pensado muitas vezes em eliminar as figuras. Arrumo um modelo e trabalho por alguns dias. E depois, subitamente, passo a me interessar por uma paisagem ou outra. Afinal, a paisagem é decididamente o meu meio de expressão. Sendo assim, não preciso me incomodar com as figuras humanas, não é mesmo?

— Mesmo quando faço paisagens — comentou Vincent — espero incluir nelas alguma coisa das figuras. Seu trabalho está anos à frente do meu. Além disso, você é um artista aceito. Mas pode me permitir só uma palavra de crítica amistosa?

— Adoraria ouvi-la.

— Pois nesse caso eu diria que o seu trabalho carece de paixão.

— Paixão? — repetiu De Bock, esticando um olho para Vincent, enquanto se inclinava sobre o samovar. — A qual das numerosas paixões está se referindo?

— É um pouco difícil de explicar. Mas seu sentimento parece um tanto vago. Na minha opinião, pode ter um pouco mais de intensidade.

— Ora, meu velho — disse De Bock, empertigando-se e olhando atentamente para a tela — não posso despejar emoção sobre o quadro só porque as pessoas me dizem para fazê-lo, não é mesmo? Pinto o que vejo e sinto. Se não sinto qualquer paixão, como posso transmiti-la com meu pincel? Não se pode comprar a quilo na mercearia da esquina, não é mesmo?

O estúdio de Vincent parecia humilde e sórdido em comparação com o que pertencia a De Bock. Mas ele sabia que havia compensações para sua austeridade. Empurrou a cama para um canto e escondeu os utensílios de cozinha; queria que o lugar parecesse o estúdio de um pintor e não o aposento de

um mortal comum. O dinheiro de Theo para o mês ainda não chegara, mas restavam-lhe uns poucos francos do empréstimo de Mauve.

Usava-os para contratar modelos. Estava no estúdio há pouco tempo quando Mauve apareceu em visita.

— Levei apenas dez minutos para vir a pé até aqui — comentou ele, olhando ao redor. — O lugar serve. Seria melhor se tivesse a claridade entrando pelo norte, mas esta servirá. Causará uma impressão favorável às pessoas que o desconfiavam culpado de amadorismo e ociosidade. Andou trabalhando com um modelo hoje?

— Isso mesmo. É o que venho fazendo todos os dias. Mas sai muito caro.

— A longo prazo, é o caminho mais barato. Está sem recursos, Vincent?

— Obrigado, primo Mauve, mas posso dar um jeito.

Ele achava que não seria sensato tornar-se um fardo financeiro para Mauve. Só lhe restava um franco no bolso, o suficiente para comer por apenas um dia. Mas queria apenas que Mauve fosse generoso com suas lições; o dinheiro não era realmente importante.

Mauve passou uma hora mostrando como lidar com aquarelas, misturar e lavar. Vincent borrou tudo.

— Não deixe que isso o perturbe — comentou Mauve, jovialmente. — Estragará pelo menos dez desenhos antes de aprender a manipular o pincel direito. Deixe-me ver alguns dos seus últimos desenhos de Brabant.

Vincent foi buscá-los. Mauve era um mestre da técnica tão excepcional que podia penetrar a fraqueza essencial de uma obra em poucas palavras. Ele nunca dizia “Isto está errado” e depois parava. Sempre acrescentava “Experimente assim”. Vincent escutou atentamente, pois sabia que Mauve lhe falava justamente como teria feito para si mesmo, se errasse em uma de suas telas.

— Você sabe desenhar, Vincent. Esse ano com seu lápis lhe será de grande valor. Eu não ficaria surpreso se Tersteeg comprasse suas aquarelas dentro de pouco tempo.

Esse conforto magnífico de nada serviu para Vincent dois dias depois, quando não tinha um único cêntimo no bolso. Já se haviam passado vários dias desde o primeiro do mês e os cem francos de Theo não tinham chegado. O que podia estar errado? Theo estava zangado com ele? Seria possível que Theo se virasse contra ele agora, no próprio momento em que se encontrava no limiar de uma carreira? Vincent descobriu um selo esquecido no bolso de seu casaco; isso permitiu-lhe escrever para o irmão e suplicar que enviasse pelo menos uma parte da mesada, a fim de que pudesse comer e contratar um modelo ocasionalmente.

Vincent passou três dias sem comer absolutamente nada, trabalhando numa aquarela no estúdio de Mauve pela manhã, desenhando nas casas de sopas para

os necessitados ou salas de espera de terceira classe à tarde, indo ao *Pulchri* ou voltando ao estúdio de Mauve à noite para continuar a trabalhar. Tinha medo que Mauve descobrisse a sua situação e desanimasse com ele. Vincent compreendia que Mauve podia gostar dele, mas o afastaria sem a menor hesitação se os seus problemas começassem a ter algum efeito sobre o trabalho dele como pintor. Quando era convidado para jantar, ele sempre recusava.

A dor difusa no estômago levou sua mente de volta à Borinage.

Sentiria fome por toda a sua vida? Nunca haveria um momento de paz e conforto para ele em qualquer lugar?

No dia seguinte ele engoliu seu orgulho e foi procurar Tersteeg.

Talvez pudesse tomar dez francos emprestados do homem que sustentava metade dos pintores de Haia.

Tersteeg estava em Paris a negócios.

Vincent teve febre e não conseguia mais empunhar o lápis. Foi para a cama. No outro dia arrastou-se até a Plaats e encontrou o marchand.

Tersteeg prometera a Theo que cuidaria de Vincent. Emprestou-lhe 25 francos.

— Há algum tempo que venho pensando em dar uma olhada no seu estúdio, Vincent — disse ele. — Pode estar certo de que aparecerei muito em breve.

Vincent teve de fazer um esforço para responder polidamente. Queria sair correndo dali para comer. A caminho da Goupils, ele pensara: “Se conseguir algum dinheiro, estarei bem outra vez.” Mas agora que tinha o dinheiro, sentia-se mais miserável do que nunca. Jamais fora tão total e desesperadamente só.

— A comida curará tudo isso — ele murmurou para si mesmo.

A comida removeu a dor de seu estômago, mas não aliviou a angústia da solidão que se alojava em algum ponto intangível de seu íntimo. Ele comprou um pouco de fumo barato, foi para casa, estendeu-se na cama e fumou o cachimbo. A fome por Kay voltou-lhe com uma força terrível. Sentia-se tão desesperado que não podia respirar. Levantou-se de um pulo, abriu a janela e esticou a cabeça para a noite de muita neve de janeiro. Pensou no reverendo Stricker. Um calafrio percorreu-lhe o corpo, como se estivesse se inclinando por muito tempo contra o frio muro de pedra de uma igreja. Fechou a janela, pegou o chapéu e o casaco e saiu correndo para um café que vira na frente da estação de Ryn.

2

O café tinha um lampião de óleo pendurado por cima da entrada e outro no balcão. O meio do salão estava mergulhado na semi-escuridão.

Havia uns poucos bancos encostados nas paredes, com mesas de tampos de pedra. Era um estabelecimento para trabalhadores, as paredes sujas e o piso de cimento, um lugar de refúgio mais do que de alegria.

Vincent sentou-se a uma das mesas. Encostou-se na parede, cansado.

Não era tão terrível quando ele estava trabalhando, quando havia dinheiro para comida e modelos. Mas a quem podia procurar para uma companhia simples, para uma conversa casual e amistosa sobre o tempo? Mauve era seu mestre, Tersteeg um marchand ocupado e importante, De Bock um homem rico da sociedade. Talvez um copo de vinho o ajudasse a superar aquele momento de angústia. Amanhã poderia voltar ao trabalho e as coisas pareceriam melhores.

Ele bebeu devagar o vinho tinto rascante. Havia poucas pessoas ali.

A sua frente sentava algum trabalhador. No canto, perto do balcão, estava um casal, em roupas vistosas. Na mesa ao lado havia uma mulher sozinha.

Vincent não olhou para ela.

O garçom se aproximou e perguntou à mulher, rudemente: — Mais vinho?

Ela murmurou: — Não tenho um *sou*.

Vincent virou-se.

— Não quer tomar um copo comigo?

A mulher fitou-o em silêncio por um momento.

— Está bem.

O garçom trouxe o copo de vinho, recolheu os vinte cêntimos e se afastou. As mesas estavam quase juntas.

— Obrigada — disse a mulher.

Vincent estudou-a atentamete. Ela não era jovem, não era bonita, estava um pouco murcha, uma pessoa sobre a qual a vida passara. O corpo era esguio, mas bem constituído. Ele observou a mão que segurava o copo de vinho; não era a mão de uma dama, como a de Kay, mas sim a de alguém que trabalhara muito. Lembrava-lhe, na semi-escuridão, alguma figura estranha de Chardin ou Jan Steen. Tinha um nariz torto, estufado no meio, um buço no lábio superior. Os olhos eram tristes, mas mesmo assim exibiam um toque de espírito.

— Não tem de quê — disse Vincent. — Fico agradecido por sua companhia.

— Meu nome é Christine. Qual é o seu?

— Vincent.

— Trabalha aqui em Haia.

— Trabalho.

— O que você faz?

— Sou pintor.

— É uma vida infernal, não é mesmo?

— Às vezes.

— Sou lavadeira. Quando tenho força suficiente para trabalhar. Mas isso nem sempre acontece.

— O que você faz então?

— Passei muito tempo nas ruas. Volto quando estou doente demais para trabalhar.

— É difícil ser uma lavadeira?

— É, sim. Trabalha-se doze horas por dia. E pagam uma miséria. Há dias em que depois do trabalho ainda tenho de arrumar um homem para poder comprar comida para as crianças.

— Quantas você tem, Christine?

— Cinco. E estou esperando outro.

— Seu marido morreu?

— Tive todos esses filhos de estranhos.

— Isso tornou tudo mais difícil, não é mesmo?

Ela deu de ombros.

— Um mineiro não pode se recusar a descer porque pode morrer lá embaixo.

— Tem razão. Sabe quem é qualquer dos pais?

— Apenas o primeiro filho da puta. Nunca soube sequer seus nomes.

— E o filho que está esperando agora?

— Não tenho certeza. Eu estava muito doente para trabalhar e tinha de viver nas ruas. Mas isso não faz diferença.

— Quer tomar outro copo de vinho?

— Prefiro gim e bitters — ela abriu a bolsa, tirou uma ponta de charuto preto e acendeu-o. — Você não parece próspero. Vende seus quadros?

— Não. Estou apenas começando.

— Parece muito velho para estar começando.

— Tenho trinta anos.

— Parece ter quarenta. Como vive então?

— Meu irmão me manda um pouco de dinheiro.

— Não é pior do que ser uma lavadeira.

— Com quem você vive, Christine?

— Estamos todos na casa de minha mãe.

— Ela sabe que você circula pelas ruas?

A mulher soltou uma risada exuberante, mas sem qualquer diversão.

— Oh, Deus, claro que sim! Foi ela que me mandou. Não fez outra coisa por toda a sua vida. Foi assim que teve a mim e meu irmão.

— O que seu irmão faz?

— Ele tem uma mulher na casa. É seu cafetão.

— Isso não pode ser bom para os seus cinco filhos.

— Não tem importância. Todos estarão fazendo a mesma coisa algum dia.

— É uma coisa terrível, não é mesmo, Christine?

— Não adianta chorar. Posso tomar outro copo de gim e *bitter?* O que fez com sua mão? Tem uma enorme ferida preta.

— Queimei-a.

— Deve ter doído muito.

Ela pegou a mão de Vincent ternamente.

— Nem tanto, Christine. Fui eu mesmo que quis assim.

Ela largou a mão.

— Por que veio até aqui sozinho? Não tem amigos?

— Não. Tenho meu irmão, mas ele vive em Paris.

— Isso deixa um homem solitário, não é mesmo?

— Tem razão, Christine. Uma coisa horrível.

— Também fico assim. Tem todas aquelas crianças lá em casa, minha mãe e meu irmão. E todos os homens que eu pego nas ruas. Mas a gente vive sozinha assim mesmo, não é? Não são as pessoas que contam. É ter alguém de quem se goste realmente.

— Nunca houve ninguém de quem você gostasse muito, Christine?

— O primeiro homem. Eu tinha dezesseis anos. Ele era rico. Não podia casar comigo por causa da família. Mas dava dinheiro para o bebê. Só que depois ele morreu e fiquei sem nada.

— Quantos anos você tem?

— Estou com 32. Muito velha para ter filhos. O médico da enfermaria gratuita disse que este me matará.

— Não se você tiver os cuidados médicos apropriados.

— E onde poderei conseguir isso? Não tenho nenhum dinheiro guardado. Os médicos da enfermaria gratuita não se importam. Cuidam de muitas mulheres doentes.

— Não tem qualquer meio de ganhar algum dinheiro?

— Claro que tenho. Basta passar a noite inteira nas ruas por dois meses. Mas isso me matará mais depressa do que o garoto.

Houve silêncio por um longo tempo.

— Para onde vai quando sair daqui, Christine?

— Passei o dia inteiro nas tinas e vim aqui para tomar um copo de vinho porque estou morta de cansaço. Deveriam me pagar um franco e meio, mas adiaram até sábado. Preciso arrumar dois francos para a comida.

Pensei em descansar um pouco antes de procurar um homem.

— Não quer vir comigo, Christine? Estou muito sozinho. E gostaria demais.

— Claro. Poupa-me o trabalho de procurar. Além do mais, você é simpático.

— Também gosto de você, Christine. Quando pegou a minha mão queimada... foi a primeira palavra gentil que uma mulher me disse há não sei quanto tempo.

— Isso é esquisito. Você não é tão feio assim. E é muito gentil.

— Acontece simplesmente que não tenho sorte no amor.

— Uma coisa terrível, não é mesmo? Posso tomar outro copo de gim e *bitter?*

— Não precisamos nos embebedar para sentir alguma coisa um pelo outro. Basta pôr na bolsa o que posso dar. Lamento que não seja muito.

— Você parece estar precisando mais do que eu. Pode vir comigo de qualquer maneira. Depois que for embora, arrumarei outro homem por dois francos.

— Não. Fique com o dinheiro. Posso dispensá-lo. Tomei 25 francos emprestados de um amigo.

— Está bem. Vamos sair daqui.

Caminhando pelas ruas escuras, eles conversaram descontraídos, como velhos amigos. Christine contou a sua vida, sem compaixão por si mesma, sem queixa.

— Já posou como modelo alguma vez? — perguntou-lhe Vincent.

— Quando eu era jovem.

— Então por que não posa para mim? Não posso pagar muito. Nem mesmo um franco por dia. Mas depois que eu começar a vender, pagarei dois francos. Será melhor do que lavar roupa.

— Tenho certeza que gostarei. E levarei meu garoto. Poderá pintá-lo de graça. E quando se cansar de mim, pode ter minha mãe. Ela gostará de ganhar um franco extra de vez em quando. Ela é uma faxineira.

Finalmente chegaram à casa de Christine. Era uma tosca construção de pedra, um andar e um pátio.

— Não terá de ver ninguém — disse Christine. — Meu quarto fica na frente.

Era um quartinho modesto e simples; o papel de parede proporcionava-lhe um clima suave e indefinido, como um quadro de Chardin, pensou Vincent. Sobre o chão de madeira havia uma esteira e um pedaço velho de tapete vermelho. Um fogão pequeno se postava num canto, uma arca de gavetas em

outro, no centro uma cama grande. Era o interior de uma autêntica casa de trabalhadora.

Quando Vincent despertou pela manhã e descobriu que não se encontrava sozinho, mas divisou na semiescuridão outra criatura humana na cama ao seu lado, sentiu que o mundo parecia muito mais cordial. A angústia e o desespero desapareceram, surgindo em seu lugar um profundo sentimento de paz.

3

O carteiro trouxe pela manhã um bilhete de Theo, acompanhado pelos cem francos. Theo só pudera enviá-lo vários dias depois de iniciado o mês. Vincent saiu correndo de casa, encontrou uma velhinha escavando no jardim da frente de sua casa, ali perto e perguntou-lhe se não queria posar para ele por cinquenta cêntimos. A velhinha concordou na maior alegria.

No estúdio, ele pôs a mulher contra um fundo neutro, sentada perto da chaminé e da estufa, com uma pequena chaleira ao lado. Procurava pelo clima certo; a cabeça da velha tinha muita luz e vida. Ele fez três quartos da aquarela num estilo esverdeado. Tratou ternamente, suavemente, com um sentimento intenso, o canto em. que a mulher sentava. Por algum tempo, seu trabalho fora árduo, seco, difícil; agora fluía facilmente. Fez o desenho no papel, conseguindo expressar muito bem a sua ideia. Sentiu-se grato a Christine pelo que lhe fizera. A falta de amor em sua vida podia lhe acarretar uma angústia infinita, mas não podia lhe acarretar outro mal; a falta de sexo podia secar as fontes de sua arte e matá-lo.

— O sexo lubrifica — ele murmurou para si mesmo, enquanto trabalhava com a maior facilidade. — Não entendo por que papa Michelet nunca o mencionou.

Houve uma batida na porta. Vincent abriu-a para dar entrada a Mijnheer Tersteeg. Sua calça listrada estava meticulosamente vincada. Os sapatos marrons arredondados brilhavam como um espelho. A barba estava cuidadosamente aparada, os cabelos impecavelmente repartidos no meio e o colarinho absolutamente branco.

Tersteeg ficou genuinamente satisfeito por descobrir que Vincent tinha um estúdio de verdade e se empenhava com afinco no trabalho.

Gostava de ver os jovens artistas se tornarem bem-sucedidos; era o seu *bobby,* assim como sua profissão. Contudo, queria que o sucesso chegasse pelos canais sistemáticos e predeterminados; achava melhor que um homem trabalhasse pelos meios convencionais e fracassasse, do que violar todas as regras e ter sucesso. Para ele, as regras do jogo eram mais importantes do que a vitória. Tersteeg era um homem bom e honrado; esperava que todos fossem igualmente bons e honrados. Não admitia quaisquer circunstâncias que pudessem converter o mal em bem ou o pecado em salvação. Os pintores que vendiam suas obras para a Goupils sabiam que tinham de corresponder a seus parâmetros. Se violassem as regras do comportamento civilizado, Tersteeg se

recusaria a negociar suas telas, mesmo que fossem obras-primas.

— Fico contente por surpreendê-lo no trabalho, Vincent. É assim que gosto de encontrar os meus artistas.

— É muita gentileza sua ter vindo tão longe para me ver, Mijnheer Tersteeg.

— Não é nada. Eu tencionava conhecer seu estúdio desde que se mudou para cá.

Vincent olhou para a cama, mesa, cadeiras, estufa e cavalete. — Não é grande coisa.

— Não tem importância. Concentre-se em seu trabalho e muito em breve poderá ter coisa melhor. Mauve me disse que você está começando com aquarelas. Há um bom mercado para tais obras. Provavelmente poderei vender-lhe alguma coisa e seu irmão também.

— É para isso que estou trabalhando, Mijnheer.

— Parece muito mais animado do que estava ao me procurar ontem.

— Eu estava doente. Mas me recuperei durante a noite.

Vincent pensou no vinho, no gim e em Christine; estremeceu ao pensar no que Tersteeg diria se soubesse.

— Quer dar uma olhada em alguns dos meus desenhos, Mijnheer? Sua opinião será muito valiosa para mim.

Tersteeg postou-se diante da velha com avental branco, contra o fundo verde. Seu silêncio não foi tão eloquente quanto Vincent se lembrava da Plaats. Apoiou-se na bengala por alguns momentos, depois pendurou-a no braço.

— Está indo muito bem, Vincent. Mauve ainda o transformará num aquarelista. Dá para se sentir. Levará algum tempo, mas você chegará lá. Deve se apressar, Vincent, a fim de poder ganhar o próprio sustento. Não é fácil para Theo ter de lhe enviar cem francos por mês. Constatei isso quando estive em Paris. Você deve se sustentar o mais depressa possível. E muito em breve poderei comprar alguns dos seus desenhos menores.

— Obrigado, Mijnheer. É muita bondade sua se interessar por mim.

— Quero torná-lo um homem bem-sucedido, Vincent. Significa bons negócios para a Goupils. Assim que eu começar a vender seus trabalhos, você poderá ter um estúdio melhor, comprar boas roupas e circular um pouco na sociedade. Isso é necessário para poder vender seus óleos depois.

E agora tenho de correr para o estúdio de Mauve. Quero ver aquela coisa de Scheveningen que ele está fazendo para o Salon.

— Voltará a me visitar, Mijnheer?

— Claro. Dentro de uma ou duas semanas. Concentre-se no trabalho e mostre-me alguma melhoria. Deve fazer com que minha visita seja compensadora, Vincent.

Ele trocou um aperto de mão e foi embora. Vincent tornou a se lançar ao trabalho com todo empenho. Se ao menos conseguisse ganhar a vida assim, pudesse se sustentar mesmo que fosse com a maior simplicidade...

Não pedia mais do que isso. Podia ser independente. Não precisaria mais ser um fardo para ninguém. E, melhor de tudo, não teria de se apressar; poderia procurar seu caminho lentamente, com certeza, em busca da maturidade e da expressão com que sonhava.

A tarde, o carteiro trouxe um bilhete de De Bock, em papel de carta rosa:

Prezado Van Gogh:

Estou levando a modelo de Artz ao seu estúdio amanhã, pela manhã, a fim de podermos desenhar juntos.

De B.

A modelo de Artz era uma jovem muito bonita, que cobrava um franco e meio para posar. Vincent ficou deliciado, pois nunca teria condições para pagá-la. O fogo ardia na pequena estufa e a modelo despiu-se ao lado, a fim de se manter aquecida. Somente as modelos profissionais posavam nuas em Haia.

Isso exasperava Vincent, pois os corpos que queria desenhar eram os de velhos e velhas, corpos que possuíam força e caráter.

— Trouxe a bolsa de tabaco e uma pequena refeição que minha empregada preparou — anunciou De Bock. — Achei que seria melhor não perdermos tempo em sair.

— Experimentarei do seu tabaco. O meu é muito forte para a manhã.

— Estou pronta — avisou a modelo. — Como vão querer que eu pose? — Sentada ou de pé, De Bock?

— Vamos experimentar de pé primeiro. Tenho algumas figuras eretas em minha nova paisagem.

Eles desenharam durante uma hora e meia e depois a modelo cansou.

— Vamos sentá-la agora — sugeriu Vincent. — A figura ficará mais relaxada.

Eles trabalharam até meio-dia, cada um debruçado sobre a sua prancheta, trocando apenas algum comentário ocasional sobre o tabaco ou a luz. De Bock pegou o almoço e os três se reuniram em torno da estufa para comê-lo. Mastigaram as fatias finas de pão, cames frias e queijo, estudando os desenhos feitos durante a manhã.

— É estranho como se pode ter uma visão objetiva da própria obra depois que se começa a comer — comentou De Bock.

— Posso ver o que você fez?

— Com prazer.

De Bock mostrou uma boa semelhança do rosto da moça, mas não havia a

menor sugestão da natureza individual de seu corpo. Era apenas um corpo perfeito.

— O que é essa coisa que você fez no lugar do rosto? — indagou De Bock, examinando o desenho de Vincent. — É isso o que significa ao falar em incutir paixão?

— Não estamos fazendo um retrato, mas sim uma figura — explicou Vincent.

— É a primeira vez que ouço dizer que um rosto não pertence a uma figura.

— Dê uma olhada em sua barriga — disse Vincent. — O que tem ela?

— Parece que está cheia de ar quente. Não posso ver um centímetro das entranhas.

— E por que deveria ver? Não notei as entranhas da pobre moça pendendo para fora.

A modelo continuou a comer sem sequer sorrir. Achava mesmo que todos os artistas eram loucos. Vincent ajeitou o seu desenho ao lado do que fora feito por De Bock.

— Se observar — disse ele — minha barriga está cheia de tripas. Pode-se perceber, só de olhar, que uma tonelada de comida passou pelo labirinto.

— E o que isso tem a ver com pintura? — indagou De Bock. Não somos especialistas em vísceras, não é mesmo? Quando as pessoas olham para as minhas telas, quero que vejam a neblina entre as árvores, o sol se pondo vermelho por trás das nuvens. Não quero que vejam entranhas.

Todas as manhãs Vincent saía bem cedo à procura de um modelo para o dia. Levou um garoto que trabalhava com o ferreiro, uma velha do asilo de insanos no Geest, um carvoeiro. Também levou uma avó e uma criança do Paddemoes ou distrito judeu. Os modelos lhe custavam muito dinheiro, um dinheiro que sabia que deveria poupar para a comida no final do mês. Mas de que lhe adiantaria estar em Haia, estudando sob a orientação de Mauve, se não pudesse progredir com a máxima velocidade?

Comeria mais tarde, quando sua situação estivesse consolidada.

Mauve continuava a instruí-lo, pacientemente. Vincent comparecia a Uileboomen todas as manhãs para trabalhar no estúdio aquecido e movimentado. As vezes se mostrava desanimado porque suas aquarelas eram borradas e insípidas. Mauve limitava-se a rir.

— Claro que ainda não estão boas, Vincent. Se o seu trabalho fosse transparente agora, possuiria apenas um certo chique e provavelmente se tornara pesado demais. Neste momento você está procurando um caminho e por isso se torna pesado. Mais tarde, porém, progredirá rapidamente e se tomará leve.

— Tem razão, primo Mauve. Mas se um homem precisa ganhar dinheiro

com seus desenhos, o que deve fazer?

— Se tentar chegar cedo demais, Vincent, pode estar certo de que só vai se matar como um artista. O homem do dia é geralmente o homem de um dia. Nas coisas da arte, o velho ditado é verdadeiro: “A honestidade é a melhor política.” É melhor ter mais esforço com um estudo sério do que desenvolver uma espécie de habilidade para agradar ao público.

— Quero ser honesto comigo mesmo, primo Mauve, expressar coisas autênticas, de uma maneira objetiva. Mas quando há necessidade de se ganhar o sustento... Fiz algumas coisas que achei que Tersteeg poderia... é claro que compreendo...

— Deixe-me vê-las, Vincent.

Mauve olhou para as aquarelas e rasgou-as em mil pedaços.

— Fique com a sua rudeza, Vincent, não tente cortejar os amadores e marchands. Deixe que aqueles que gostem o procurem. E colherá os frutos quando chegar o momento oportuno.

Vincent baixou os olhos para os fragmentos de papel.

— Obrigado, primo Mauve. Eu estava mesmo precisando desse pontapé.

Mauve ofereceu uma pequena festa naquela noite e diversos artistas compareceram: Weissenbruch, conhecido como o “espada implacável”, por sua crítica rigorosa do trabalho dos outros, Breitner, De Bock, Jules Bakhuyzen e Neuhuys, o amigo de Vos.

Weissenbruch era um homenzinho com um espírito enorme. Nada podia jamais vencê-lo. Os que detestava — e quase todos estavam incluídos nessa categoria — ele destruía com um único açoite de sua língua. Pintava o que lhe agradava e como lhe agradava, fazia com que o público gostasse.

Tersteeg certa ocasião objetara algum detalhe em uma de suas telas e por isso ele se recusara a vender o que quer que fosse através da Goupil. Mas vendia tudo o que pintava, ninguém sabia como ou a quem. O rosto era tão afiado quanto a língua, a cabeça, o nariz e o queixo se afilando. Todos o temiam e cobiçavam a sua aprovação. Ele pegou Vincent num canto junto ao fogo, cuspindo nas chamas a intervalos frequentes para ouvir o som agradável do chado e acariciando um pé de gesso.

— Soube que você é um Van Gogh. Pinta com tanto sucesso quanto seus tios vendem quadros?

— Não. Não faço nada com sucesso.

— O que é muito bom para você. Todo artista deve passar fome até os sessenta anos. Talvez então possa produzir algumas boas telas.

— Bobagem! Você não tem mais de quarenta anos e já fez um trabalho muito bom.

Weissenbruch gostou daquele “Bobagem!”. Era a primeira vez, em muitos anos, que alguém tinha a coragem de contestá-lo. Ele demonstrou sua apreciação explicando as coisas a Vincent.

— Se acredita que a minha pintura é boa, então é melhor renunciar aos pincéis e se tornar um *concierge*. Por que acha que vendo as minhas telas ao público idiota? Porque são umas porcarias! Se fossem boas, eu as guardaria para mim. Nada disso, meu rapaz. Por enquanto, estou apenas praticando. Quando chegar aos sessenta anos é que começarei a pintar de verdade. E guardarei tudo o que fizer depois disso; quando eu morrer, será enterrado comigo. Nenhum artista jamais se separa de qualquer coisa que julga ser boa, Van Gogh. Ele vende para o público apenas o seu lixo.

De Bock alertou Vincent com uma piscadela, do outro lado da sala. E Vincent disse: — Acho que errou de profissão, Weissenbruch. Devia ser crítico de arte.

Weissenbruch soltou uma risada e gritou: — Esse seu primo não é tão ruim quanto parece, Mauve. Ele não tem papas na língua — virando-se novamente para Vincent, acrescentou, cruelmente: — Por que diabo se veste com esses trapos imundos? Por que não compra algumas roupas decentes?

Vincent usava um terno velho de Theo que fora ajustado ao seu corpo. A operação não fora muito bem-sucedida e, além disso, Vincent o usava todos os dias enquanto trabalhava com suas aquarelas.

— Seus tios têm dinheiro suficiente para vestir toda a população da Holanda. Eles não lhe dão coisa alguma?

— Por que deveriam? Concordam com você que os artistas devem passar fome.

— Se eles não acreditam em você, devem estar certos. Os Van Goghs são supostamente capazes de farejar um pintor a cem quilômetros de distância. Você provavelmente não presta.

— E você pode ir para o inferno!

Vincent fez menção de afastar-se, furioso. Mas Weissenbruch segurou-o pelo braço. Tinha um sorriso no rosto.

— Isso é que é espírito! — exclamou ele. — Eu só queria descobrir até que ponto você podia aguentar os insultos. Mantenha a coragem, meu rapaz. Você tem todo o estofo necessário.

Mauve gostava de fazer imitações para os seus convidados. Era filho de um clérigo, mas só havia lugar para uma religião em sua vida: a pintura.

Enquanto Jet servia chá, bolinhos e queijo, ele pregou o sermão sobre o barco de pesca de Pedro. Teria Pedro ganho de presente ou herdado o barco?

Comprara-o a crédito? Ou... que pensamento horrível!... roubara-o?

Os pintores enchiam a sala com sua fumaça e risos, engolindo bolinhos de queijo e xícaras de chá com uma rapidez espantosa.

“Mauve mudou”, refletiu Vincent. Ele não sabia que Mauve passava pela metamorfose do artista criativo. Iniciava urna tela apaticamente, trabalhando quase sem interesse.

Gradativamente, sua energia ia se desenvolvendo, enquanto ideias se insinuavam em sua mente e começavam a tomar forma. Trabalhava por mais algum tempo e com mais afinco a cada dia que passava. Enquanto objetos apareciam mais claramente na tela, suas exigências a si mesmo tornavam-se mais rigorosas. A mente se afastava da família, dos amigos e de outros interesses. Perdia o apetite e passava as noites acordado, deitado na cama, pensando nas coisas a serem feitas. Enquanto sua força decrescia, o excitamento aumentava. Não demorava muito para que estivesse vivendo de energia nervosa. O corpo encolhia na estrutura ampla e os olhos sentimentais perdiam-se numa neblina. Quanto mais ficava fatigado, mais desesperadamente trabalhava. A paixão nervosa que o possuía se elevava gradativamente. Em sua mente, sabia quanto tempo mais precisaria para acabar; armava a sua vontade para perdurar até o último dia. Era como um homem dominado por mil demônios; tinha anos para concluir a tela, mas alguma coisa o forçava a dilacerar-se em cada uma das 24 horas do dia. Ao final, encontrava-se numa paixão tão intensa e tamanho excitamento nervoso que havia uma cena terrível se alguém o atrapalhasse. Lançava-se à tela com todas as suas reservas de força. Não importava quanto tempo demorasse para acabar, sempre tinha vontade suficiente para durar até a última gota de tinta. Nada poderia matá-lo antes que terminasse.

Depois que a tela era entregue, Mauve então desabava. Ficava fraco, doente, delirante. Jet levava muitos dias em cuidados para restaurar-lhe a saúde e a sanidade. Sua exaustão era tão profunda que a simples visão ou cheiro de tirita o nauseava. Devagar, bem devagar, suas forças voltavam. E na sua esteira vinha o interesse. Ele começava a se movimentar pelo estúdio, arrumando as coisas. Andava pelos campos, a princípio sem ver coisa alguma. Ao final, alguma cena se gravava em seus olhos. E o ciclo recomeçava.

Quando Vincent chegara a Haia pela primeira vez, Mauve iniciava a tela de Scheveningen. Mas agora sua vibração aumentava dia a dia e logo começaria o mais louco, magnífico e devastador de todos os delírios, o da criação artística.

4

Christine bateu na porta de Vincent algumas noites depois. Vestia uma saia preta e uma blusa azul-escura, com um gorro preto sobre os cabelos. Passara o dia inteiro na tina de lavar roupa. Sua boca geralmente pendia um pouco entreaberta quando estava muito cansada; as marcas de bexiga pareciam mais largas e profundas do que Vincent se lembrava.

— Olá, Vincent. Pensei em conhecer o lugar em que você mora.

— Você é a primeira mulher a me visitar, Christine. Dou-lhe as boasvindas. Posso tirar seu xale?

Ela sentou-se junto ao fogo e esquentou-se. Depois de um momento, correu os olhos pelo estúdio.

— Até que não é ruim. Só que está vazio.

— Sei disso. Mas não tenho dinheiro para comprar móveis.

— Bom, acho que isso é tudo o que você precisa.

— Eu ia começar a preparar o jantar, Christine. Quer me acompanhar?

— Por que não me chama de Sien? É como todo mundo faz. — Está bem, Sien.

— O que vai jantar?

— Batatas e chá.

— Ganhei dois francos hoje. Vou comprar um pouco de carne.

— Tenho dinheiro. Meu irmão me mandou algum. Quanto você precisa?

— Acho que cinquenta cêntimos é tudo o que podemos comer.

Ela voltou pouco depois com um embrulho de came. Vincent pegou e tentou preparar o jantar.

— É melhor você sentar e deixar que eu cuide disso, Vincent. Não sabe nada de cozinhar. E eu sou uma mulher.

Enquanto ela se inclinava sobre o fogo, o calor punha um brilho vermelho em suas faces. Parecia até bonita. Era uma cena natural e doméstica vê-la cortar as batatas, acrescentando a carne para fazer um guisado. Vincent encostou uma cadeira na parede e ficou observando-a, um sentimento de afeição aflorando em seu coração. Era a sua casa e ali estava uma mulher preparando o seu jantar, com mãos amorosas. Quantas vezes sonhara com essa imagem, tendo Kay como sua companheira? Sien olhou para ele. Percebeu a cadeira inclinada contra a parede num ângulo perigoso.

— Sente-se direito, seu tolo — disse ela. — Quer quebrar o pescoço?

Vincent sorriu. Todas as mulheres com quem vivera na mesma casa — sua

mãe, irmãs, tias e primas — haviam lhe dito aquilo: — Sente-se direito ou acabará quebrando o pescoço, Vincent.

— Está bem, Sien. Ficarei direito.

Assim que ela virou as costas, Vincent tomou a inclinar a cadeira para a parede, fumando o seu cachimbo, satisfeito. Sien pôs o jantar na mesa. Ela comprara também dois pães na saída; quando terminaram de comer a carne e as batatas, enxugaram o molho com os pães.

— Pronto! — exclamou Sien. — Aposto que você não é capaz de cozinhar assim.

— Não sou mesmo, Sien. Quando cozinho, não sei se estou comendo peixe, galinha ou qualquer outra coisa.

Enquanto tomavam o chá, Sien fumou um dos seus charutos pretos.

Conversaram animadamente. Vincent sentia-se mais à vontade com ela do que com Mauve ou De Bock. Havia uma certa fraternidade entre os dois que ele não tinha pretensão de compreender. Conversavam sobre coisas simples, sem presunção ou competição. Quando Vincent falava, ela escutava; não se mostrava ansiosa para que ele acabasse a fim de poder falar sobre si mesma. Não tinha ego que desejasse afirmar. Nenhum dos dois queria impressionar o outro. Quando Sien falava de sua própria vida, suas privações e sofrimentos, Vincent só precisava substituir umas poucas palavras para fazer com que as histórias descrevessem perfeitamente a sua própria vida. Não havia desafios em suas palavras, não havia afetações em seus silêncios. Era o encontro de duas almas sem marcas, sem qualquer barreira de classes, sem artifícios e sem distinções. Vincent finalmente levantou-se.

— O que vai fazer? — perguntou Sien.

— Lavar a louça.

— Sente-se. Você não sabe fazer isso. Eu sou mulher.

Ele inclinou a cadeira contra a estufa, encheu o cachimbo e fumou feliz, enquanto ela se inclinava sobre a bacia. As mãos de Sien eram boas com a espuma de sabão, as veias sobressaindo, a intrincada rede de rugas falando do trabalho que faziam. Vincent pegou lápis e papel e desenhou aquelas mãos.

— É bom estar aqui — murmurou ela, quando terminou de lavar a louça. — Se ao menos tivéssemos um pouco de gim...

Eles passaram a noite bebendo gim, Vincent desenhando Sien. Ela parecia contente em descansar calmamente, numa cadeira junto à estufa quente. O calor e o prazer de falar com alguém que compreendia lhe proporcionavam vivacidade e brilho.

— Quando você vai parar de lavar roupa? — perguntou Vincent.

— Amanhã. E ainda bem. Eu não poderia aguentar mais.

— Tem se sentido muito mal?

— Não. Mas está chegando, está chegando. O maldito garoto se mexe dentro de mim de vez em quando.

— Então começará a posar para mim na semana que vem?

— Isso é tudo o que tenho de fazer, apenas sentar?

— É, sim. E às vezes terá de ficar de pé, posando nua.

— Não é tão ruim assim. Você faz todo o trabalho e ainda me paga.

Ela olhou pela janela. Estava nevando.

— Eu gostaria de estar em casa. Faz frio e não tenho nenhum agasalho além do xale. É uma longa caminhada.

— Tem de voltar para este lugar amanhã de manhã? — Às seis horas.

— Quando ainda está escuro.

— Pode passar a noite aqui, se quiser, Sien. Eu ficaria contente pela companhia.

— Não vou atrapalhar?

— Claro que não. É uma cama larga.

— Dá para dois dormirem?

— Com a maior facilidade.

— Então ficarei.

— Ótimo.

— Foi muito bom você me convidar, Vincent.

— E foi ótimo você aceitar.

Pela manhã, ela fez café, arrumou a cama e varreu o estúdio. E depois saiu para o seu trabalho nas tinas. O lugar pareceu subitamente vazio depois que ela se foi.

5

Tersteeg tornou a aparecer naquela tarde. Os olhos brilhavam e as faces estavam avermelhadas da caminhada sob o frio intenso.

— Como está indo, Vincent?

— Muito bem, Mijnheer Tersteeg. É muita gentileza sua voltar a me visitar.

— Não tem nada interessante para me mostrar? É isso o que vim procurar.

— Tenho algumas coisas novas. Não quer sentar?

Tersteeg olhou para a cadeira, pegou o lenço para limpar a poeira, depois concluiu que isso não seria um ato de boas maneiras. Sentou-se na cadeira como estava. Vincent mostrou-lhe três ou quatro aquarelas.

Tersteeg examinou-as apressadamente, como se estivesse passando os olhos por uma carta comprida, depois voltou à primeira e estudou-a meticulosamente.

— Você está chegando — comentou ele, depois de algum tempo. — Estas aquarelas ainda não estão certas, continuam um tanto toscas, mas você demonstra progresso. Deve ter alguma coisa que poderei comprar muito em breve, Vincent.

— Obrigado, Mijnheer.

— Deve pensar em ganhar o seu próprio sustento, meu rapaz. Não é certo viver à custa do dinheiro de outro homem.

Vincent pegou as aquarelas e examinou-as. Podiam ser toscas, mas como qualquer outro artista ele era incapaz de perceber a imperfeição em sua própria obra.

— O que eu mais gostaria neste momento, Mijnheer, é poder me sustentar.

— Pois então trabalhe com mais afinco ainda. Deve se apressar. Gostaria que você fizesse logo algo que eu possa comprar.

— Está bem, Mijnheer.

— De qualquer forma, fico contente por vê-lo feliz e trabalhando. Theo pediu-me para ficar de olho em você. Faça um bom trabalho, Vincent. Quero lhe dar um bom lugar na Plaats.

— Tento fazer coisas boas. Mas nem sempre a mão obedece à minha vontade. Contudo, Mauve elogiou-me por uma destas aquarelas.

— O que ele disse?

— Foi simples: “Quase começa a parecer uma aquarela.”

Tersteeg riu, enrolou o cachecol de lã no pescoço e depois disse: — Continue, Vincent. Assim é que são produzidos os grandes quadros.

E ele se foi. Vincent escrevera para seu tio Cor, informando que se fixara em

Haia e convidando-o a uma visita. Tio Cor vinha frequentemente a Haia, a fim de comprar suprimentos e quadros para a sua loja de arte, que era a mais importante de Amsterdam. Na tarde de domingo Vincent ofereceu uma festa a algumas crianças com que travara conhecimento.

Tinha de mantê-las divertidas enquanto desenhava; por isso, comprou um saco de balas e contava histórias, enquanto se debruçava sobre a prancheta.

Estava assim quando ouviu uma batida firme na porta e uma voz profunda e trovejante; era o tio que chegara.

Cornelius Marinus Van Gogh era famoso, vitorioso e rico. Apesar de tudo isso, havia uma insinuação de melancolia em seus olhos grandes e escuros. A boca era um pouco menos cheia do que as outras bocas Van Goghs. Possuía a cabeça da família, quadrada na testa alta e larga, quadrada nas mandibulas poderosas, com um queixo enorme e arredondado, um nariz poderoso.

Ele absorveu todos os detalhes do estúdio, embora desse a impressão de nem sequer olhar. Provavelmente conhecia mais estúdios de artistas do que qualquer outro homem na Holanda. Vincent deu o resto das balas às crianças e mandou-as embora.

— Quer tomar uma xícara de chá comigo, tio Cor? Deve estar muito frio lá fora.

— Obrigado, Vincent.

Vincent serviu-o e ficou admirado pela maneira despreocupada com que o tio balançava a xícara no joelho, enquanto discorria animadamente sobre as últimas notícias.

— Então você decidiu ser um artista, Vincent. Já era tempo de termos um na família Van Gogh. Hein, Vincent e eu temos comprado telas de estranhos nos últimos trinta anos. Agora poderemos conservar algum dinheiro na família!

Vincent sorriu.

— Levo uma boa vantagem com três tios e um irmão no ramo de vender quadros. Quer um pouco de queijo e pão, tio Cor? Não está com fome?

C.M. sabia que a maneira mais fácil de insultar um artista pobre era recusar sua comida.

— Quero, sim, obrigado. Tomei café hoje muito cedo.

Vincent pôs várias fatias grossas de pão preto num prato lascado e depois pegou um queijo ordinário, embrulhado em papel. C.M. fez um esforço para comer um pouco.

— Tersteeg me disse que Theo está lhe mandando cem francos por mês. É verdade?

— É, sim.

— Theo é jovem e precisa poupar seu dinheiro. Você devia estar ganhando o

seu próprio pão.

Vincent ainda estava cheio do que Tersteeg lhe dissera a respeito no dia anterior. E apressou-se em responder, sem pensar: — Ganhar o pão, tio Cor? O que está querendo dizer com isso? Ganhar o pão... ou merecer o pão? Não merecer o pão, isto é, ser indigno dele, certamente é um crime, pois cada homem honesto merece o seu pão. Mas, infelizmente, não ser capaz de ganhá-lo, embora merecendo, é um infortúnio... e dos maiores.

Ele brincou com o pão preto à sua frente, transformando um pedaço de miolo numa bola dura.

— Portanto, tio Cor, se me disser "Você é indigno do seu pão", estará me insultando. Mas se fizer o comentário justo de que nem sempre o ganho, então está com toda razão. Mas de que adianta fazer o comentário? Não me levará a parte alguma, se não disser mais do que isso.

C. M. não falou mais em ganhar o pão. Mantiveram uma conversa bastante agradável até que Vincent, por acaso, mencionou o nome de De Groux, ao falar sobre expressão.

— Mas você não sabe, Vincent, que na vida particular De Groux não tem boa reputação?

Vincent não podia ficar de braços cruzados ao ouvir esse comentário desfavorável sobre o bravo De Groux. Sabia que era melhor sempre dizer "Sim" ao tio, mas parecia incapaz de encontrar um "Sim" quando estava com os Van Goghs.

— Sempre me pareceu, tio Cor, que um artista quando apresenta sua obra ao público tem o direito de guardar para si mesmo a luta interior de sua vida particular, que está direta e fatalmente relacionada com as dificuldades peculiares envolvidas na produção de uma obra de arte.

— Seja como for — comentou C.M., tomando um gole de chá que Vincent lhe oferecera, sem açúcar — o simples fato de um homem trabalhar com um pincel, ao invés de um arado ou um livro de contabilidade, não lhe dá o direito de levar uma vida licenciosa. Acho que não devemos comprar os quadros de artistas que não se comportam da forma apropriada.

— Acho ainda mais impróprio um crítico esmiuçar a vida particular de um homem, quando sua obra está além de qualquer censura. A obra de um artista e sua vida particular são como uma mulher no parto e seu bebê. Pode-se olhar para a criança, mas não se pode levantar a roupa da mulher para ver se está manchada de sangue. Isso seria uma grosseria.

C.M. acabara de pôr um pedaço de pão e queijo na boca. Cuspiu apressadamente na mão em concha, levantou-se e foi jogar na estufa. — Ora, ora, ora!

Vincent receou que o tio fosse ficar furioso. Mas, por sorte, as coisas mudaram para melhor. Vincent trouxe o seu port-fólio de desenhos menores e estudos. Ajeitou uma cadeira na luz para o tio. C.M. não disse nada, a princípio; mas quando chegou a um pequeno desenho do Paddemoes, visto do mercado de carvão, que Vincent desenhara à meia-noite, quando passeava com Breitner, ele parou.

— Isto está bastante bom — comentou ele. — Pode me produzir mais dessas vistas da cidade?

— Posso, sim. Eu as faço às vezes, para variar, quando estou cansado de trabalhar com modelos. Tenho mais algumas. Não gostaria de vê-las?

Ele inclinou-se por cima do ombro do tio e procurou entre os papéis desiguais.

— Isto é a Vleersteeg.... e aqui está Geest. Este desenho é do mercado de peixe.

— Pode fazer doze desses para mim?

— Posso, sim. Mas como se trata de um negócio, fixemos um preço.

— Está certo. Quanto você quer?

— Fixei o preço de um desenho pequeno, desse tamanho, a lápis ou a tinta, em dois francos e meio. Acha que é muito alto?

C.M. não pôde deixar de sorrir interiormente. Era uma quantia muito humilde.

— Não. E se venderem bem, eu lhe pedirei para fazer outros doze, de Amsterdam. E então eu mesmo fixarei o preço, a fim de que você possa receber um pouco mais.

— Tio Cor, essa é a minha primeira encomenda! Não tenho palavras para lhe dizer o quanto isso me deixa feliz!

— Todos queremos ajudá-lo, Vincent. Eleve o padrão de seu trabalho e, entre nós, compraremos tudo o que produzir — ele pegou o chapéu e as luvas. — Apresente meus cumprimentos a Theo, quando lhe escrever.

Inebriado pelo sucesso, Vincent pegou a sua nova aquarela e foi até a Uileboomen, correndo por todo o percurso. Jet abriu a porta. Ela parecia bastante preocupada.

— Eu não entraria no estúdio se fosse você, Vincent. Anton se encontra num estado terrível.

— Qual é o problema? Ele está doente?

Jet suspirou.

— A coisa de sempre.

— Imagino então que ele não vai querer me ver.

— É melhor deixar para outra ocasião, Vincent. Direi a ele que você esteve

aqui. E quando se acalmar um pouco, certamente irá procurá-lo. — Não esquecerá de falar com ele?

— Não, Vincent, não esquecerei.

Vincent esperou muitos dias, mas Mauve não apareceu. Em seu lugar, veio Tersteeg, não apenas uma, mas duas vezes. E em ambas as ocasiões ele disse a mesma coisa: — Talvez tenha feito algum progresso. Mas ainda não está direito. Eu não poderia vender na Plaats. Acho que não está trabalhando com bastante afinco ou com a rapidez necessária, Vincent.

— Meu caro Mijnheer, levanto às cinco horas da manhã e muitas vezes trabalho até meia-noite. E só paro para comer um pouco de vez em quando.

Tersteeg sacudiu a cabeça, sem compreender. Tornou a examinar as aquarelas.

— Não entendo. O mesmo elemento de aspereza e rudeza que vi na primeira vez em que esteve na Plaats ainda continua em seu trabalho. Já deveria ter superado isso, a esta altura. O trabalho árduo geralmente leva a isso, quando se tem algum talento.

— Trabalho árduo! — exclamou Vincent, exasperado.

— Eu gostaria muito de comprar as suas coisas, Vincent. Quero vê-lo começar a ganhar o seu próprio sustento. Não acho certo que Theo tenha de ... mas não posso comprar a sua obra até que esteja direita, não é mesmo? Você não está querendo caridade.

— Claro que não.

— Você deve se apressar. Isso é tudo: deve se apressar. E começar a vender e ganhar seu próprio sustento.

Quando Tersteeg repetiu essa fórmula pela quarta vez, Vincent se perguntou se o homem não estaria fazendo algum jogo com ele.

— Deve ganhar o seu próprio sustento... mas eu não posso comprar coisa alguma!

Como podia ganhar o próprio sustento se ninguém comprava as suas obras? Ele encontrou Mauve na rua um dia, andando num ritmo frenético, a cabeça abaixada, sem se dirigir a qualquer lugar específico, o ombro direito projetado para a frente. Quase não reconheceu Vincent.

— Não o vejo há muito tempo, primo Mauve.

— Ando muito ocupado.

A voz de Mauve era fria, indiferente.

— Sei disso... a nova tela. Como está indo?

— Ahn...

Mauve fez um gesto vago.

— Posso aparecer no estúdio por um momento? Receio não estar fazendo

qualquer progresso com as minhas aquarelas.

— Não agora! Já lhe disse que estou ocupado. Não tenho tempo a desperdiçar.

— Não quer me procurar em qualquer ocasião, quando sair para dar uma volta? Umas poucas palavras suas seriam suficientes para me lançar no caminho certo.

— Talvez, talvez. Mas estou muito ocupado agora. Preciso ir embora.

Ele se afastou apressadamente, projetando o corpo para a frente, inclinando-se nervosamente para o chão. Vincent ficou parado, observando-o.

O que teria acontecido? Por acaso insultara o primo? Ofendera-o de alguma maneira?

Vincent ficou completamente aturdido alguns dias depois quando Weissenbruch apareceu em seu estúdio. Weissenbruch nunca perdia tempo com os pintores mais novos ou até mesmo, diga-se de passagem, com os reconhecidos, exceto para condená-los vigorosamente de vez em quando.

— Ora, ora — disse ele, olhando ao redor — isto é certamente um palácio. Estará fazendo retratos do rei e da rainha muito em breve.

— Se não gosta — resmungou Vincent — pode se retirar.

— Por que não desiste de pintar, Van Gogh? É uma vida de cão.

— Você parece estar muito próspero.

— Porque sou bem-sucedido. Você nunca será.

— Talvez não. Mas pintarei quadros muito melhores do que você jamais conseguirá.

Weissenbruch soltou uma risada.

— Não vai, não. Mas provavelmente chegará mais perto do que qualquer outro em Haia. Se seu trabalho é parecido com a sua personalidade...

— Por que não disse logo que quer conhecer meu trabalho? — indagou Vincent, pegando seu porta-fólio. — Quer sentar?

— Posso ver quando estou sentado.

Ele empurrou as aquarelas para o lado, comentando: — Esse não é o seu meio. Aquarelas são insípidas demais para as coisas que você tem a dizer.

Weissenbruch concentrou-se nos desenhos a lápis dos Borains, Brabantinos e velhos, que Vincent fizera desde que chegara a Haia. Riu para si mesmo, alegremente, enquanto contemplava uma figura depois de outra. Vincent preparou-se para uma rajada de insultos.

— Você desenha confusamente bem, Vincent — declarou Weissenbruch finalmente, os olhos faiscando. — Eu próprio poderia trabalhar com base nestes desenhos!

Vincent se preparara para receber um tremendo golpe; as palavras de

Weissenbruch foram tão inesperadas que quase lhe quebraram as costas. Ele sentou-se abruptamente. — Pensei que você fosse o “espada implacável”.

— E sou mesmo. Se não visse nada de bom em seus estudos, não hesitaria em dizê-lo.

— Tersteeg censurou meu trabalho. Disse que é rude e imperfeito.

— Mas que besteira! É justamente nisso que se encontra a força dele.

— Quero continuar com esses desenhos a tinta, mas Tersteeg diz que devo aprender a ver as coisas como aquarelas.

— A fim de poder vendê-las, hem? Nada disso, meu rapaz. Se vê as coisas como desenhos a bico de pena, deve fazê-las assim. E, acima de tudo, não dê ouvidos a ninguém... nem mesmo a mim. Siga o seu próprio caminho.

— Parece que é isso mesmo o que terei de fazer.

— Quando Mauve disse que você era um pintor nato, Tersteeg contestou. E Mauve o defendeu contra ele. Eu estava presente. Se acontecer de novo, também tomarei a sua defesa, agora que conheço seu trabalho.

— Mauve disse que eu era um pintor nato?

— Não deixe que isso lhe suba à cabeça. Terá muita sorte se morrer assim.

— Então por que ele me tratou tão friamente?

— Ele trata todo mundo assim, Vincent, quando está terminando um quadro. Não deixe que isso o preocupe. Quando a tela de Scheveningen estiver pronta, ele mudará. Enquanto isso, você pode aparecer em meu estúdio, se quiser alguma ajuda.

— Posso lhe fazer uma pergunta, Weissenbruch?

— Claro.

— Foi Mauve quem o mandou aqui?

— Foi.

— Por que ele fez isso?

— Queria saber a minha opinião sobre o seu trabalho.

— Mas por quê? Se ele acha que sou um pintor...

— Não sei. Talvez Tersteeg tenha posto uma dúvida em sua cabeça.

6

Se Tersteeg perdia a fé nele e Mauve se tornava mais frio a cada dia, Christine tomava o lugar dos dois, levando à sua vida a companhia simples pela qual Vincent tanto ansiava. A voz de Christine era rude e sua escolha de palavras lamentável, mas ela falava baixo e Vincent descobriu que podia facilmente deixar de ouvi-la, quando queria se concentrar. Durante a maior parte do tempo, ela se contentava em ficar sentada em silêncio ao lado da estufa, olhando pela janela ou costurando roupas para o novo filho.

Era uma modelo desajeitada e aprendia devagar, mas se mostrava ansiosa em agradar. E logo adquiriu o hábito de preparar o jantar para Vincent antes de ir embora.

— Não precisa se incomodar com isso, Sien — disse ele um dia.

— Não estou me incomodando. E posso fazer melhor do que você.

— E vai me acompanhar, não é mesmo?

— Claro. Minha mãe está tomando conta dos garotos. Gosto de ficar aqui.

Vincent lhe dava um franco todos os dias. Sabia que era mais do que podia, mas gostava da companhia de Sien; e o pensamento de que estava poupando-a das tinas o agradava. Havia ocasiões em que, se ele tinha de sair à tarde, desenhava-a até tarde da noite. Depois, Sien não se dava ao trabalho de voltar para casa. Vincent gostava de acordar com o cheiro de café fresco e a visão da mulher agradável pairando junto à estufa. Era a primeira vez que ele tinha *um menage e* estava achando extremamente confortável. Às vezes ela permanecia no estúdio sem qualquer motivo.

— Acho que dormirei aqui esta noite, Vincent — dizia ela. — Posso?

— Claro, Sien. Fique tantas vezes quanto quiser. Sabe que me sinto contente com a sua presença.

Embora ele nunca lhe pedisse coisa alguma, Sien adquiriu o hábito de lavar e costurar suas roupas, fazer pequenas compras.

— Vocês, homens, não sabem cuidar de si mesmos. Precisa de uma mulher por perto. E tenho certeza de que o enganam no mercado.

Ela não era absolutamente uma boa dona-de-casa; os muitos anos de desmazelo na casa da mãe haviam destruído quase toda a sua vontade de higiene e ordem. Cuidava das coisas esporadicamente, em súbitos arroubos de energia e determinação. Era a primeira vez que cuidava da casa de alguém de quem gostava e apreciava fazer as coisas... quando se lembrava.

Vincent sentia-se deliciado por constatar que ela estava disposta a fazer

alguma coisa; nunca sequer pensava em reprová-la. Agora que não mais se sentia terrivelmente cansada dia e noite, a voz de Sien perdeu um pouco da aspereza; as palavras vis foram saindo de seu vocabulário, uma a uma. Ela não aprendera a exercer qualquer controle sobre suas emoções; quando algo a desagradava, entrava num acesso de raiva arrebatado, voltando à voz rude e usando palavras obscenas que Vincent não ouvia desde que era garoto na escola.

Nessas ocasiões, ele via Christine como uma caricatura de si mesmo; permanecia sentado em silêncio até que a tempestade passasse. Quando seu desenho saía errado ou ela esquecia tudo que lhe fora ensinado e posava de maneira desajeitada, era ele quem entrava num acesso de raiva, que fazia as paredes tremerem. Christine deixava-o esgotar sua fúria; em poucos momentos, a paz era restaurada. Felizmente, eles nunca ficavam furiosos ao mesmo tempo.

Depois de desenhá-la tantas vezes a ponto de se tornar familiarizado com cada linha de seu corpo, Vincent resolveu fazer um estudo de verdade.

Foi uma frase de Michelet que o lançou no caminho: *Comment se fait-il qu'il y ait sur la terre une femme seule désespérée?* Ele fez Christine posar nua sobre um bloco de madeira baixo, perto da estufa. Transformou o bloco de madeira num coto de árvore, acrescentou um pouco de vegetação e transferiu a cena para o exterior. Desenhou Christine com as mãos encarquilhadas nos joelhos, o rosto enterrado nos braços, cabelos ralos acompanhando a descida da espinha, os seios estufados caindo ao encontro das canelas finas, os pés chatos pousados no chão com evidente insegurança. Deu o nome de *Pesar.* Era o retrato de uma mulher de quem se espremera toda a seiva da vida. Por baixo, ele escreveu a frase de Michelet.

O estudo demorou uma semana e esgotou toda a sua reserva de dinheiro; e ainda restavam dez dias até o primeiro de março. Havia pão preto suficiente no estúdio para aguentá-lo por dois ou três dias. Teria de parar de trabalhar inteiramente com modelos, o que o atrasaria ainda mais.

— Sien — anunciou Vincent — infelizmente não posso mais tê-la aqui até o dia primeiro.

— Qual é o problema?

— Não tenho mais dinheiro.

— Dinheiro para mim?

— Isso mesmo.

— Não tenho mais nada para fazer. Virei assim mesmo.

— Mas você precisa de dinheiro, Sien.

— Posso arrumar de outra maneira.

— Não pode lavar roupa, se passar o dia inteiro aqui.

— Ahn... não se preocupe. Arrumarei algum dinheiro.

Ele deixou-a vir por mais três dias, até que seu pão acabou. Ainda faltava uma semana para o dia primeiro. Ele disse a Sien que precisava ir a Amsterdam para visitar o tio e que a procuraria em sua casa quando voltasse. Fez algumas cópias no estúdio durante três dias, subsistindo apenas com água, sem sentir muita dor. Na terceira tarde foi ao estúdio de De Bock, na esperança de que lhe fosse servido chá e bolo.

— Olá, meu velho — disse De Bock, parado diante de seu cavalete. —

Fique à vontade. Vou trabalhar até a hora do meu compromisso para jantar.

Há algumas revistas naquela mesa. Pode dar uma olhada.

Não houve qualquer palavra sobre a perspectiva de um chá.

Vincent sabia que Mauve não o receberia e sentiu-se envergonhado em pedir comida a Jet. Preferia morrer de fome a solicitar alguma coisa a Tersteeg, depois que este falara mal a seu respeito para Mauve. E por mais desesperado que ficasse, nunca lhe ocorreu que poderia ganhar alguns francos em outro ofício que não o seu. Sua velha inimiga, a febre, reapareceu, os joelhos se tornaram raquíticos, teve de ficar na cama.

Embora soubesse que era impossível, acalentou a esperança de um milagre que enviasse os cem francos de Theo alguns dias antes do prazo. Mas Theo não recebia seu pagamento antes do dia primeiro.

Christine entrou no estúdio na tarde do quinto dia, sem bater na porta. Vincent dormia. Ela parou a seu lado, observando o rosto encovado, a palidez da pele sob a barba ruiva, a aspereza ressequida dos lábios. Pôs a mão de leve na testa e sentiu a febre. Procurou na prateleira em que os suprimentos geralmente eram guardados. Constatou que não havia uma migalha de pão preto ou um solitário grão de café. Ela saiu.

Cerca de uma hora depois Vincent começou a sonhar com a cozinha de sua mãe em Etten e com as vagens que ela costumava lhe preparar.

Despertou para descobrir Christine mexendo em coisas numa panela no fogo.

— Sien...

Ela foi até a cama e encostou a mão fria em seu rosto; a barba ruiva parecia pegar fogo.

— Não tenha mais orgulho, Vincent. E não mais me diga mentiras. Se somos pobres, a culpa não é nossa. Temos de ajudar um ao outro. Você não me ajudou naquela primeira noite em que nos conhecemos?

— Sien...

— Fique deitado. Consegui algumas batatas e vagens. Já estão prontas.

Ela esmagou as batatas no prato, acrescentou algumas vagens, foi sentar-se na beira da cama e deu-lhe de comer

— Por que me dava seu dinheiro todos os dias se não tinha bastante?

Não adianta coisa alguma se você fica com fome.

Ele poderia suportar a privação até que o dinheiro de Theo chegasse, mesmo que demorasse semanas. Era sempre a bondade inesperada que o deixava arrasado. Resolveu procurar Tersteeg. Christine lavou sua camisa, mas não havia ferro para passá-la. Na manhã seguinte ela serviu-lhe um pouco de pão e café. Vincent partiu a pé para a Plaats. Perdera um salto das botinas enlameadas, a calça estava remendada e suja. O casaco de Theo era pequeno demais. Usava uma gravata velha, entortada para o lado esquerdo.

Tinha na cabeça um dos gorros exóticos que era um perfeito gênio para descobrir, ninguém sabia onde.

Seguiu pelos trilhos da Ryn, contornou o bosque e a estação de onde as locomotivas a vapor partiam para Scheveningen, encaminhou-se para o centro. O sol fraco tornava-o sensível à própria anemia. Passando por Plein, pôde contemplar-se na vitrine de uma loja. Num de seus raros momentos de lucidez, viu-se como os habitantes de Haia o viam: um vagabundo sujo e desleixado, que não pertencia a lugar nenhum, não era querido por ninguém, doente, fraco, solitário *e déclassé.*

A Plaats abria-se num triângulo amplo para receber o Hofvet, junto ao castelo. Somente as lojas mais ricas podiam se instalar ali. Vincent sentiu medo de se aventurar pelo triângulo sagrado. Nunca antes compreendera quantos milhões de quilômetros de casta pusera entre si e a Plaats.

Os empregados da Goupils estavam limpando a poeira. Fitaram-no com uma curiosidade franca. A família daquele homem dominava o mundo da arte na Europa. Por que então ele se apresentava com uma aparência tão repulsiva?

Tersteeg estava à sua mesa, no escritório no segundo andar. Abria a correspondência com uma espátula de jade. Observou as orelhas pequenas e redondas de Vincent logo abaixo da linha das sobrancelhas, o oval do rosto que afilava para as mandíbulas e depois se alargava no queixo quadrado, a cabeça que começava a perder os cabelos por cima do olho esquerdo, os olhos verde-azulados que o fitavam tão fundo e inquisitivos, embora sem qualquer comentário, a boca cheia e vermelha, ainda mais avermelhada pela barba e o bigode no meio dos quais se fixava. Não podia chegar a uma conclusão se julgava o rosto e a cabeça de Vincent feios ou bonitos.

— Você é o primeiro cliente a aparecer na loja esta manhã, Vincent. Em que posso servi-lo?

Vincent explicou o seu apuro.

— O que fez com a sua mesada?

— Gastei.

— Se foi imprevidente, não pode esperar que eu o estimule a continuar

assim. Há trinta dias em cada mês. Você não deve gastar mais do que a parcela apropriada em cada dia.

— Não fui imprevidente. Gastei a maior parte do dinheiro com modelos.

— Então não deve contratá-los. Pode trabalhar mais barato sozinho.

— Trabalhar sem modelos é a perdição do pintor de figura.

— Não pinte figuras. Pinte vacas e ovelhas. Não precisará pagá-las.

— Não posso pintar vacas e ovelhas, Mijnheer, se não sinto vacas e ovelhas.

— Seja como for, não deve desenhar pessoas. Não pode vender esses desenhos. Deve fazer aquarelas e nada mais.

— A aquarela não é o meu meio de expressão.

— Acho que o seu desenho é uma espécie de narcótico que toma para não sentir a angústia que lhe custa não ser capaz de fazer aquarelas.

Houve um momento de silêncio. Vincent não pôde pensar em nenhuma resposta conveniente a esse comentário.

— De Bock não usa modelos e está rico — acrescentou Tersteeg. — E acho que você concordará comigo que suas telas são esplêndidas; os preços estão sempre subindo. Eu esperava que você pusesse um pouco do charme que ele consegue em seu trabalho. Mas, não sei por quê, isso não está acontecendo. Estou profundamente desapontado, Vincent, por constatar que seu trabalho continua tosco e amadorístico. Tenho agora certeza de uma coisa: você não é um artista.

A fome intensa de Vincent nos últimos cinco dias cortou subitamente os tendões de seus joelhos. Ele desabou numa das cadeiras italianas esculpidas. A voz se perdera em algum lugar das entranhas vazias e não era capaz de encontrá-la. Mas acabou indagando, depois de uma pausa prolongada: — Por que me diz isso, Mijnheer?

Tersteeg pegou um lenço impecável, passou pelas narinas, os cantos da boca, o queixo barbudo.

— Porque devo isso tanto a você como à sua família. Você deve saber a verdade. Ainda há tempo para se salvar, Vincent, se agir depressa. Não foi feito para se tornar um artista. Deve procurar o seu lugar certo na vida. Eu jamais cometo um erro em relação a pintores.

— Sei disso.

— Uma grande objeção para mim é o fato de você ter começado muito tarde. Se tivesse iniciado quando menino, teria desenvolvido alguma qualidade em seu trabalho a esta altura. Mas está com trinta anos, Vincent, deveria ser bem-sucedido. Como eu era na sua idade. E como pode acalentar a esperança de ter sucesso se não possui talento? E pior ainda, como pode justificar-se por aceitar a caridade de Theo?

— Mauve me disse um dia: “Vincent, você é um pintor quando desenha.”

— Mauve é seu primo. Estava sendo gentil com você. Eu sou seu amigo. E pode estar certo de que a minha bondade é do melhor tipo. Desista antes que descubra que toda a sua vida foi desperdiçada. E algum dia, quando descobrir seu verdadeiro trabalho e for bem-sucedido, voltará para me agradecer.

— Mijnheer Tersteeg, há cinco dias que não tenho nenhum dinheiro para sequer comprar um pão. Mas não lhe pediria dinheiro se fosse apenas por mim. Tenho uma modelo, uma mulher pobre e doente. Não posso pagar o dinheiro que lhe devo. E ela precisa muito. Eu lhe suplico que me empreste dez florins até que chegue o dinheiro de Theo. E então lhe pagarei.

Tersteeg levantou-se e foi olhar pela janela, para os cisnes no lago, tudo o que restava do sistema de água do castelo. Especulou por que Vincent viera se instalar em Haia, quando seus tios possuíam galerias de arte em Amsterdam, Rotterdam, Bruxelas e Paris.

— Você acha que seria um favor se eu lhe emprestasse dez florins — disse ele, sem se virar, as mãos cruzadas atrás do casaco ao estilo Príncipe Albert. — Mas não tenho certeza se não seria um favor maior se eu recusasse.

Vincent sabia como Sien ganhara o dinheiro para aquelas batatas e vagens. Não podia permitir que ela continuasse a sustentá-lo.

— Mijnheer Tersteeg, não resta a menor dúvida de que está certo. Não sou um artista e não tenho capacidade. Seria insensato de sua parte me estimular com dinheiro. Devo começar a ganhar o meu sustento imediatamente e encontrar o meu lugar na vida. Mas, por nossa velha amizade, eu lhe peço que me empreste os dez florins.

Tersteeg tirou a carteira do bolso interno do casaco, procurou uma nota de dez florins e estendeu-a para Vincent, sem dizer uma só palavra.

— Obrigado — murmurou Vincent. — É um homem muito bom.

Enquanto voltava para casa, pelas ruas bem-cuidadas, com as imaculadas casinhas de alvenaria lhe falando eloquentemente de segurança, conforto e paz, ele murmurou para si mesmo: — Nem sempre se pode ser amigo; às vezes é preciso brigar. Mas por seis meses não voltarei a procurar Tersteeg, não lhe falarei, não lhe mostrarei o meu trabalho.

Ele foi ao estúdio de De Bock a fim de descobrir o que era aquela coisa vendável, aquele charme que o outro possuía e que lhe faltava. De Bock estava sentado, com os pés apoiados numa cadeira, lendo um romance inglês.

— Estou num período de depressão — comentou De Bock. — Não consigo desenhar uma linha. Puxe uma cadeira e me distraia um pouco. Ainda é muito cedo para um charuto? Tem ouvido boas histórias ultimamente?

— Pode me deixar ver uma de suas telas novamente, De Bock? Quero

descobrir por que a sua obra vende e a minha não.

— Talento, meu velho, talento — disse De Bock, levantando-se indolentemente. — É um dom. Ou você tem ou não. Eu mesmo não sei explicar o que é, embora pinte os quadros.

Ele pegou meia dúzia de telas emolduradas e pôs-se a falar jovialmente a respeito, enquanto Vincent ficava sentado, abrindo buracos, na tinta fina e no sentimento ainda mais fino, com seus olhos ardentes.

"Os meus trabalhos são melhores", disse Vincent a si mesmo. "São mais autênticos, mais profundos. Digo mais com um lápis de carpinteiro do que ele com uma caixa inteira de tinta. O que ele expressa é o óbvio. E quando chega ao fim, não tem nada a dizer. Por que lhe dão louvor e dinheiro e me recusam o suficiente para pão preto e café?"

Depois que saiu, Vincent murmurou para si mesmo: — Há um clima destrutivo naquele estúdio. Há alguma coisa blasé e insincera em De Bock que me oprime. Millet estava certo: "J'*aimerais mieux ne rien dire que de m'exprimer faiblement"*. De Bock pode ficar com seu charme e seu dinheiro. Levarei minha vida na realidade e privação. Não é o caminho pelo qual se perece.

Ele encontrou Christine limpando o chão de madeira do estúdio com um trapo úmido. Os cabelos estavam amarrados num lenço preto e um tênue orvalho de transpiração brilhava rios buracos de seu rosto.

— Arrumou algum dinheiro? — perguntou ela, levantando os olhos do chão.

— Arrumei. Dez francos.

— Não é maravilhoso ter amigos ricos?

— É, sim. Aqui estão os seis francos que lhe devo.

Sien levantou-se, limpando o rosto no avental preto.

— Não pode me dar nada agora, até seu irmão mandar o dinheiro. Quatro francos não dariam para nada.

— Posso dar um jeito, Sien. E você precisa desse dinheiro.

— E você também. Já sei o que faremos. Ficarei aqui até que você receba uma carta do seu irmão. Comeremos com os dez francos, como se pertencessem aos dois. Posso fazer com que o dinheiro dure mais do que você.

— E o que me diz de posar? Não poderei lhe pagar nada por isso.

— Você me dará cama e comida. Não é suficiente? Gosto de ficar aqui, pois é quente e não preciso sair para trabalhar e ficar doente.

Vincent abraçou-a, afastando gentilmente os cabelos lisos e malcuidados que lhe caíam pela testa.

— Sien, às vezes você quase realiza um milagre... quase me faz acreditar que existe um Deus!

7

Cerca de uma semana depois ele foi visitar Mauve. O primo deixou-o entrar no estúdio, mas se apressou em cobrir a tela de Scheveningen com um pano, antes que Vincent pudesse vê-la.

— O que você quer? — perguntou ele, como se não soubesse.

— Trouxe algumas aquarelas. Achei que você poderia dispor de algum tempo.

Mauve limpava diversos pincéis, com movimentos nervosos, preocupados. Há três dias que não ia a seu quarto. Os poucos momentos de sono que tivera no divã do estúdio não o haviam revigorado.

— Nem sempre estou com ânimo de lhe mostrar as coisas, Vincent. Às vezes estou muito cansado e você deve esperar por uma oportunidade melhor.

— Desculpe, primo Mauve — disse Vincent, encaminhando-se para a porta. — Não queria incomodá-lo. Seria melhor eu voltar amanhã de noite?

Mauve retirara o pano do cavalete e nem sequer o ouviu.

Quando voltou na noite seguinte, Vincent encontrou Weissenbruch no estúdio. Mauve se encontrava à beira da exaustão histérica. Aproveitou o aparecimento de Vincent para se divertir e a seu amigo.

— Weissenbruch — gritou Mauve — é assim que ele parece!

E Mauve fez uma de suas hábeis personificações, contraindo o rosto e projetando o queixo para a frente ansiosamente, a fim de parecer com Vincent. Era uma boa caricatura. Ele se aproximou de Weissenbruch, fitando-o com os olhos semicerrados, e disse: — É assim que ele parece.

Depois, pôs-se a falar nervosamente, com a voz rude que às vezes saía dos lábios de Vincent. Weissenbruch uivou de tanto rir, exclamando: — Perfeito! Perfeito! É assim que os outros veem você, Van Gogh. Sabia que era um animal tão bonito? Mauve, estique o queixo outra vez e coce a barba. É de morrer de rir!

Vincent ficou atordoado. Encolheu-se num canto. E saiu dele uma voz que não reconheceu como sua: — Se tivessem passado noites de chuva nas ruas de Londres ou noites frias a céu aberto na Borinage, com fome, sem casa, com febre, também teriam essas rugas feias no rosto e uma voz rouca!

Depois de alguns momentos, Weissenbruch retirou-se. Assim que ele saiu, Mauve caiu numa cadeira. A reação à sua pequena encenação deixara-o fraco. Vincent continuou em seu canto, perfeitamente imóvel.

Mauve finalmente notou-o. — Você ainda está aqui?

— Primo Mauve — disse Vincent, impetuosamente, contraindo o rosto da

maneira como Mauve acabara de imitar — o que aconteceu entre nós? Só quero que me diga o que eu fiz. Por que me trata assim?

Mauve levantou-se, exausto, empurrou para cima a mecha de cabelos caída sobre a testa.

— Eu não o aprovo, Vincent. Você deveria estar ganhando o seu próprio sustento. E não deveria envergonhar o nome Van Gogh a suplicar dinheiro a todo mundo.

Vincent pensou por um momento e depois indagou: — Tersteeg falou com você?

— Não.

— E não quer mais me ensinar?

— Não.

— Está hem. Vamos trocar um aperto de mão e não sentir qualquer amargura ou ressentimento. Nada poderá jamais alterar meu sentimento de gratidão pela ajuda que me deu.

Mauve não respondeu por um longo tempo. Mas, finalmente, murmurou: — Não leve muito a sério o que eu falei, Vincent. Estou cansado e doente. Eu o ajudarei em tudo o que puder. Trouxe alguns desenhos?

— Trouxe. Mas acho que este não é o momento...

— Mostre-os.

Mauve estudou-os com os olhos injetados e comentou: — Seu desenho está errado. Completamente errado. Não sei como nunca percebi isso antes.

— Você me disse um dia que eu era um pintor quando desenhava.

— Pois me enganei, tomando a rudeza por força. Se você realmente quer aprender, terá de começar tudo de novo, desde o início. Há alguns moldes de gesso ali no canto, ao lado da carvoeira. Pode trabalhar neles agora, se quiser.

Vincent foi até o canto, atordoado. Sentou-se diante de um pé branco de gesso. Por um longo tempo ele foi incapaz de pensar ou se mexer. Tirou do bolso um pouco de papel de desenho. Não pôde desenhar uma única linha. Virou-se e olhou para Mauve, parado diante do cavalete.

— Como está indo, primo Mauve?

Mauve jogou-se no pequeno divã, os olhos injetados se fechando no mesmo instante.

— Tersteeg disse hoje que é a melhor coisa que eu já fiz.

Depois de alguns momentos, Vincent exclamou: — Então foi Tersteeg!

Mauve roncava baixinho e não o ouviu.

A angústia se atenuou um pouco depois de alguns minutos. Vincent começou a desenhar o pé de gesso. Quando o primo acordou, horas depois, ele tinha sete desenhos completos. Mauve levantou-se de um pulo, como um gato. E como se

nunca tivesse dormido, correu para o lado de Vincent.

— Deixe-me ver! Deixe-me ver!

Ele olhou os sete desenhos e ficou repetindo: — Não! Não! Não!

Rasgou-os todos e jogou no chão.

— A mesma rudeza, o mesmo amadorismo! Não pode desenhar esse gesso da maneira como parece? É incapaz de fazer uma afirmação positiva com uma linha? Não pode fazer uma duplicata exata, por uma vez em sua vida?

— Fala como um professor de uma academia de desenho, primo Mauve.

— Se tivesse frequentado mais academias, poderia saber a esta altura como desenhar. Faça esse pé outra vez. E veja se consegue agora com que seja realmente um pé!

Ele saiu para o jardim e foi até a cozinha, a fim de pegar alguma coisa para comer. Depois, voltou a trabalhar em sua tela, à luz do lampião.

As horas da noite foram passando. Vincent desenhou um pé depois de outro. Quanto mais desenhava, mais detestava a peça venenosa de gesso à sua frente. Quando o amanhecer se insinuou pela janela do norte, ele já tinha muitas cópias. Levantou-se, com cãibras e um aperto no coração.

Mauve tomou a examinar seus desenhos e depois amassou-os.

— Não são bons — resmungou ele. — Não são absolutamente bons. Você viola todas as regras elementares do desenho. Vá para casa e leve o pé. Desenhe-o muitas e muitas vezes. E não volte até o desenhar da maneira certa!

— Uma ova que farei isso!

Furioso, Vincent jogou o pé de gesso na carvoeira, espatifando-o em mil pedaços.

— Nunca mais me fale em gesso, pois não posso suportar. Só desenharei de moldes quando não houver mais mãos e pés de pessoas vivas para desenhar.

— Se é assim que você se sente, muito bem — disse Mauve, friamente.

— Primo Mauve, não me deixarei dominar por um sistema frio, seu ou de qualquer outra pessoa. Tenho de expressar as coisas de acordo com o meu próprio temperamento e caráter. Devo desenhar as coisas da maneira como as vejo, não do jeito como você as vê!

— Não quero ter mais nenhum contato com você — declarou Mauve, no tom de um médico falando com um cadáver.

Quando Vincent acordou, ao meio-dia, encontrou Christine no estúdio, com seu filho mais velho, Herman. Era um garoto de rosto pálido, dez anos, olhos verdes assustados, um queixo fraco. Christine lhe dera um papel e um lápis para mantê-lo quieto. O garoto não aprendera a ler e escrever. Aproximou-se de Vincent timidamente, pois era cauteloso com os estranhos. Vincent mostrou-lhe

como segurar o lápis e desenhar uma vaca.

O garoto ficou extremamente satisfeito e prontamente assumiu uma atitude amistosa. Christine arrumou um pouco de pão e queijo, os três almoçaram à mesa.

Vincent pensou em Kay e no lindo Jan, sentiu um aperto no coração.

— Não estou me sentindo bem hoje — murmurou Christine. — Assim, você pode desenhar Herman no meu lugar.

— Qual é o problema, Sien?

— Não sei. Parece que tudo por dentro está retorcido.

— Sentiu-se assim com todos os seus outros filhos?

— Passei mal, mas não como agora. Desta vez é pior. — Deve procurar um médico.

— Não adianta procurar o médico na enfermaria gratuita. Ele me dá um medicamento. E o medicamento não muda coisa alguma.

— Deve ir para o hospital estatal de Leyden.

— Acho que seria mesmo o melhor.

— É uma curta viagem de trem. Eu a levarei até lá amanhã de manhã. Pessoas de toda Holanda vão para aquele hospital.

— Dizem que é muito bom.

Christine passou o dia inteiro na cama. Vincent desenhou o garoto.

Na hora do jantar, ele levou Herman para a casa da mãe de Christine e deixou-o lá. Na manhã seguinte, eles pegaram o trem para Leyden.

— Claro que você tinha de passar mal — declarou o médico, depois de examinar Christine e fazer diversas perguntas. — A criança não está na posição certa.

— E pode fazer alguma coisa, doutor? — indagou Vincent.

— Claro que sim. Podemos operar.

— E seria muito perigoso?

— Não desta vez. A criança simplesmente teria de ser virada com o fórceps. Contudo, isso exige algum dinheiro. Não para a operação, mas para as despesas de hospital — o médico virou-se para Christine. — Tem algum dinheiro guardado?

— Nem um franco.

O médico quase deixou escapar um suspiro. — É o que geralmente acontece.

— Quanto custaria? — perguntou Vincent.

— Não mais do que cinquenta francos.

— E se ela não fizer a operação?

— Não há a menor possibilidade de sobreviver.

Vincent pensou por um momento. As doze aquarelas para seu tio Cor

estavam quase prontas: dariam trinta francos. Ele tiraria os outros vinte francos da mesada de abril enviada por Theo.

— Pode deixar que arrumarei o dinheiro, doutor.

— Ótimo. Traga-a na manhã de sábado e eu mesmo a operarei. E agora só mais uma coisa. Não sei qual é o relacionamento entre vocês dois e não estou interessado. Isso não é da minha conta. Mas acho que deve ser informado que se ela voltar às ruas, estará morta em seis meses.

— Ela nunca voltará a essa vida, doutor. Dou a minha palavra.

— Esplêndido. Estarei esperando vocês na manhã de sábado.

Tersteeg apareceu poucos dias depois.

— Vejo que continua.

— Isso mesmo, ainda estou trabalhando.

— Recebi os dez francos que você me enviou pelo correio. Poderia, ao menos, ter aparecido para me agradecer pessoalmente pelo empréstimo.

— Seria uma caminhada longa, Mijnheer, e o tempo estava ruim.

— Mas a caminhada não era muito longa quando queria o dinheiro, não é mesmo?

Vincent não respondeu.

— É essa falta de boas maneiras, Vincent, que me faz virar contra você. É por isso que não tenho fé em você e não posso comprar a sua obra.

Vincent sentou-se na beira da mesa e preparou-se para outra luta.

— Pensei que sua compra seria uma coisa inteiramente apartada das discórdias e diferenças pessoais. Pensei que dependesse não da minha pessoa, mas sim da minha obra. Não é muito justo deixar que a antipatia pessoal influencie o seu julgamento.

— Claro que não. Se você pudesse fazer alguma coisa vendável, com um certo charme, eu teria o maior prazer em vender na Plaats.

— Mijnheer Tersteeg, um trabalho no qual houve o maior empenho, a que se acrescentou caráter e sentimento, não é desgracioso nem invendável. É melhor que o meu trabalho não tente agradar a todos a princípio.

Tersteeg sentou-se, sem desabotoar o sobretudo ou tirar as luvas.

Ajeitou as mãos sobre a bengala.

— Sabe, Vincent, desconfio às vezes que você prefere não vender, que acha melhor viver à custa dos outros.

— Eu ficaria muito feliz em vender um desenho, mas me sinto ainda mais feliz quando um artista de verdade como Weissenbruch comenta a respeito de um trabalho meu que você pode considerar invendável: “Isto está de acordo com a natureza. Eu mesmo poderia trabalhar com base neste desenho.” Embora o

dinheiro seja de grande valor para mim, especialmente agora, o mais importante é realizar um trabalho sério.

— Isso pode se aplicar a um homem rico como De Bock, mas certamente não se aplica a você.

— Os elementos fundamentais da pintura, Mijnheer, não têm muito a ver com a receita de um homem.

Tersteeg pôs a bengala entre os joelhos e recostou-se na cadeira.

— Seus pais me escreveram, Vincent, pedindo-me que fizesse tudo o que puder para ajudá-lo. Pois muito bem. Se eu não posso em sã consciência comprar os seus desenhos, pelo menos lhe darei um pequeno conselho prático. Você está se arruinando ao circular nesses trapos inomináveis. Deve comprar algumas roupas novas e tentar manter as aparências. Esqueceu que é um Van Gogh. Deve tentar se associar às melhores pessoas de Haia, ao invés de conviver com trabalhadores e as classes inferiores. Tem uma propensão para o sórdido e o feio. Tem sido visto nos lugares mais estranhos e na companhia mais suspeita. Como pode esperar alcançar o sucesso se continua a se comportar assim?

Vincent contornou a quina da mesa e postou-se diante de Tersteeg.

Se havia alguma possibilidade de recuperar a amizade do homem, aquele era o momento. Rebuscou dentro de si para encontrar uma voz suave e simpática.

— Mijnheer, é muita bondade sua tentar me ajudar. Responderei tão sinceramente quanto posso. Como posso me vestir melhor se não me sobra um único franco para roupas e não tenho meios de ganhar mais? Quanto a andar pelo cais, ruas suspeitas e mercados, frequentar bares, não é realmente um passatempo agradável, exceto para um artista! Como tal, deve-se procurar os lugares mais sórdidos, onde sempre há alguma coisa para se desenhar, do que um chá com as mulheres mais elegantes. As maneiras e a vestimenta de um vendedor não me são apropriadas ou a qualquer outro que não tenha de conviver com damas refinadas e cavalheiros ricos para vender-lhes coisas dispendiosas e ganhar dinheiro.

Vincent fez uma breve pausa, antes de continuar: — Meu lugar é desenhando operários cavando num buraco no Geest, como fiz durante o dia inteiro. Ali, meu rosto feio e meu casaco esmolambado se harmonizam perfeitamente com o ambiente. Sou eu mesmo e trabalho com prazer. Quando uso um bom casaco, os trabalhadores que quero desenhar sentem medo de mim, ficam desconfiados. O objetivo do meu trabalho é fazer com que as pessoas vejam coisas que merecem ser observadas e que nem todos conhecem. Se às vezes tenho de sacrificar as atitudes sociais para realizar meu trabalho, não acha que estou justificado? Estarei me rebaixando ao conviver com as pessoas que desenho? Estarei me rebaixando quando vou às casas de trabalhadores, às casas dos pobres, quando os

recebo em meu estúdio? Acho que a minha profissão exige isso. É o que chama de me arruinar?

— Está sendo muito obstinado, Vincent, não quer escutar os homens mais velhos que podem ajudá-lo. Já fracassou antes e tornará a fracassar. Será a mesma história outra vez.

— Tenho a mão de desenhista, Mijnheer Tersteeg, não posso parar de trabalhar, por mais que me aconselhe a fazê-lo. Eu lhe pergunto: desde o dia em que comecei a desenhar, alguma vez duvidei, hesitei ou vacilei? Creio que sabe perfeitamente que sempre segui em frente e pouco a pouco estou me tornando mais forte na batalha.

— É possível. Só que está batalhando por uma causa perdida.

Tersteeg levantou-se, abotoou a luva no pulso, ajeitou a cartola de seda na cabeça.

— Mauve e eu cuidaremos para que você não receba mais dinheiro de Theo. É a única maneira de fazê-lo recuperar o juízo.

Vincent sentiu alguma coisa se arrebentar em seu peito. Se o atacassem pelo lado de Theo, estaria perdido.

— Oh, Deus! Por que fazem isso comigo? O que fiz para que quererem me destruir? É honesto matar um homem só porque ele diverge de suas opiniões? Não podem me deixar seguir o meu próprio caminho? Prometo que nunca mais tornarei a incomodá-los. Meu irmão é a única alma que me resta no mundo. Como podem tirar isso de mim?

— É para o seu próprio bem, Vincent — declarou Tersteeg, retirando-se em seguida.

Vincent pegou a sua bolsa de dinheiro e correu até o centro, a fim de comprar um pé de gesso. Jet atendeu quando ele tocou a sineta na Uileboomen. Ela ficou surpresa ao vê-lo.

— Anton não está em casa. Ficou terrivelmente furioso com você. Disse que nunca mais quer tornar a vê-lo. Oh, Vincent, sinto-me tão infeliz por isso ter acontecido!

Vincent entregou-lhe o pé de gesso.

— Por favor, dê isso a Anton. E diga a ele que lamento profundamente. Ele virou-se e já ia descer os degraus quando Jet pôs a mão simpática em seu ombro.

— A tela de Scheveningen está acabada. Não gostaria de dar uma olhada?

Vincent permaneceu em silêncio diante do quadro de Mauve, uma tela grande de um barco de pesca sendo puxado pela praia por cavalos.

Sabia que olhava para uma obra-prima. Os cavalos eram matungos, animais velhos, fracos, maltratados, em branco, preto e marrom; ali estavam pacientes e submissos, com toda boa vontade, resignados, quietos.

Ainda tinham de arrastar o pesado barco pelo último trecho; o trabalho se achava quase no fim. Os animais ofegavam, cobertos de suor, mas não se queixavam. Haviam superado isso muito antes, anos e anos antes. Estavam resignados a viver e trabalhar por mais algum tempo, mas se no dia seguinte tivessem de ir para o esfolador, muito bem, estavam prontos.

Vincent descobriu uma filosofia prática e profunda no quadro. Dizia-lhe: *“Savoir souffrir sans se plaindre, ça c'est la seule chose pratique, c'est la grande science, la leçon à apprendre, la solution du problème de la vie.”*

Ele deixou a casa, revigorado e ironicamente divertido pelo fato de que o homem que lhe aplicara o pior de todos os golpes ser também o que lhe ensinava como suportar com resignação.

8

A operação de Christine foi bem-sucedida, mas teve de ser paga.

Vincent enviou as doze aquarelas para tio Cor e esperou pelo pagamento de trinta francos. Esperou muitos e muitos dias; tio Cor não teve qualquer pressa para mandar o dinheiro. Como o médico em Leyden era o mesmo que faria o parto de Christine, eles desejavam manter sua boa vontade.

Vincent enviou-lhe os seus últimos vinte francos muitos dias antes do primeiro do mês. A mesma história antiga recomeçou. Primeiro café e pão preto, depois apenas pão preto, água pura, febre, exaustão e delírio.

Christine comia em sua casa, mas nada restava para levar a Vincent.

Quando chegava ao final da resistência, conseguiu sair da cama e arrastou-se através de um nevoeiro denso até o estúdio de Weissenbruch.

Weissenbruch tinha muito dinheiro, mas acreditava em viver austeramente. Seu ateliê ficava no alto de quatro lances de escada, com uma enorme clarabóia no lado norte. Não havia nada no estúdio que pudesse distraí-lo; nem livros, nem revistas, nem sofá ou cadeira confortável, nem esboços nas paredes, nem janela pela qual se olhar, apenas os instrumentos de seu ofício. Não havia sequer um banco extra para as pessoas sentarem; isso evitava os visitantes.

— Ah, é você! — resmungou Weissenbruch, sem largar o pincel.

Ele não se importava de interromper os outros em seus estúdios, mas era tão hospitaleiro quanto um leão acuado quando alguém o incomodava.

Vincent explicou o motivo de sua visita.

— Oh, não, meu rapaz! — exclamou Weissenbruch. — Veio procurar a pessoa errada, o último homem do mundo que poderia ajudá-lo. Eu não lhe emprestaria um único cêntimo.

— Não pode dispor do dinheiro?

— Claro que posso. Pensa que sou um maldito amador como você que não vende coisa alguma? Tenho mais dinheiro no banco neste momento do que poderia gastar em três vidas.

— Então por que não me empresta 25 francos? Estou desesperado. Não tenho uma migalha de pão em casa.

Weissenbruch esfregou as mãos com uma expressão exultante.

— Ótimo! Ótimo! É justamente o que você precisa! É maravilhoso para você! Ainda poderá se tomar um pintor!

Vincent encostou-se na parede; não tinha forças para ficar de pé sem se apoiar.

— O que há de tão maravilhoso em passar fome?

— É a melhor coisa do mundo para você, Van Gogh. Fará com que sofra.

— Por que está tão interessado em me ver sofrer?

Weissenbruch sentou-se no único banco, cruzou as pernas e apontou um pincel com a ponta vermelha para o queixo de Vincent.

— Porque isso fará com que você se tome um artista de verdade. Quanto mais sofrer, mais grato deve se sentir. É o estofo com que se faz os pintores de primeira classe. Uma barriga vazia é melhor do que cheia, Van Gogh, um coração partido é melhor do que a felicidade. Nunca se esqueça disso.

— Disse uma porção de besteiras, Weissenbruch, e sabe disso muito bem.

Weissenbruch desferiu algumas estocadas com o pincel na direção de Vincent.

— O homem que nunca sofreu não tem nada sobre o que pintar, Van Gogh. A felicidade é bovina; só serve para vacas e mercadores. Os artistas vicejam com o sofrimento. Se você está com fome, desanimado e miserável, seja grato! Deus está sendo generoso com você!

— A pobreza destrói.

— Isso mesmo... destrói os fracos. Mas não os fortes. Se a pobreza pode destruí-lo, então você é um fraco e deve mesmo cair.

— E não levantaria um dedo para me ajudar?

— Nem mesmo que eu o considerasse o maior pintor de todos os tempos. Se a fome e o sofrimento podem matar um homem, então ele não vale ser salvo. Os únicos artistas que pertencem a este mundo são aqueles que nem Deus nem o diabo podem matar até que expressem tudo o que têm a dizer.

— Mas há anos que passo fome, Weissenbruch. Já vivi sem um teto sobre a cabeça, andando pela chuva e neve, praticamente sem qualquer agasalho, doente, febril e abandonado. Não tenho mais nada a aprender com esse tipo de coisa.

— Você nem sequer arranhou ainda a superfície do sofrimento. Não passa de um principiante. Estou lhe dizendo que a dor é a única coisa infinita neste mundo. Quanto mais faminto e mais miserável você se tornar, melhor trabalhará.

— E mais depressa terei os meus desenhos rejeitados. Weissenbruch riu efusivamente.

— Claro que serão rejeitados! Devem ser. Isso também é bom para você. Fará com que se tome ainda mais angustiado. E depois a sua próxima tela será melhor do que a anterior. Se passar fome e sofrer, se tiver seu trabalho desprezado e ignorado por muitos anos, pode eventualmente... e observe que estou dizendo pode, não que acontecerá... pode eventualmente produzir um quadro que terá condições de ser pendurado ao lado de um Jan Steen ou...

— ... ou um Weissenbruch!

— Isso mesmo. Ou um Weissenbruch. Se eu lhe desse algum dinheiro agora, estaria privando-o das oportunidades de conquistar a imortalidade.

— Ao diabo com a imortalidade! Quero desenhar aqui e agora. E não posso fazê-lo de barriga vazia.

— Não diga bobagem, meu rapaz. Tudo de valor que já se pintou foi de barriga vazia. Quando os intestinos estão cheios, você cria no lado errado.

— Não me parece já ter ouvido dizer que você sofreu tanto.

— Tenho imaginação criativa. Posso compreender o sofrimento sem suportá-lo.

— Seu impostor!

— De jeito nenhum. Se eu visse que meu trabalho é insípido, como o de De Bock, jogaria meu dinheiro fora e viveria como um vagabundo.

Acontece simplesmente que posso criar a perfeita ilusão de sofrimento sem ter uma memória perfeita. É por isso que sou um grande artista.

— É por isso que é um grande impostor. Seja um bom sujeito e me empreste os 25 francos, Weissenbruch.

— Nem mesmo 25 cêntimos! Sou sincero. Tenho a maior consideração por você para enfraquecê-lo com o empréstimo de algum dinheiro. Fará um trabalho brilhante algum dia, Vincent, desde que prepare o seu próprio destino. O pé de gesso na carvoeira de Mauve convenceu-me disso. Agora, saia correndo e passe pela sopa dos indigentes para uma tigela de caldo gratuito.

Vincent olhou fixamente para Weissenbruch por um longo tempo, depois virou-se e abriu a porta.

— Espere um instante ! — gritou Weissenbruch.

— Pretende me dizer que vai virar um covarde e enfraquecer? — indagou Vincent, asperamente.

— Não sou um avarento, Van Gogh. Ajo assim por uma questão de princípio. Se eu o julgasse um tolo, daria os 25 francos para me livrar de você. Mas o respeito como um colega de ofício. E vou lhe dar uma coisa que não poderia comprar por todo o dinheiro do mundo. Não há outro homem em Haia, à exceção de Mauve, a quem eu daria isso. Venha até aqui. Ajuste aquela cortina na clarabóia. Assim está melhor. Dê uma olhada neste estudo. Pretendo desenvolver o desenho e distribuir o material da seguinte maneira... Pelo amor de Deus, como espera ver se fica parado na frente da luz?

Vincent saiu uma hora depois, exultante. Aprendera mais naquele curto período do que conseguiria num ano inteiro numa escola de arte.

Percorreu alguma distância antes de se lembrar que estava faminto, febril e doente, e não tinha um único cêntimo no mundo.

9

Poucos dias depois ele encontrou Mauve nas dunas. Se tinha alguma esperança de uma reconciliação, ficou desapontado.

— Primo Mauve, peço que me perdoe pelo que aconteceu em seu estúdio. Foi muito estúpido da minha parte. Não pode divisar o seu caminho claramente para me perdoar? Não quer aparecer para ver meus últimos trabalhos e conversar a respeito?

Mauve recusou bruscamente: — Claro que não irei procurá-lo. Isso está fora de questão.

— Perdeu a fé em mim tão completamente?

— Perdi. Você tem um caráter rancoroso.

— Se me explicar o que fiz de rancoroso, tentarei me corrigir.

— Não estou mais interessado no que você faz.

— Não tenho feito mais nada além de comer, dormir e trabalhar como um artista. O que há de errado nisso?

— Você se considera um artista?

— Claro.

— Um absurdo rematado. Nunca vendeu um quadro em toda a sua vida.

— É isso o que significa ser um artista... vender quadros? Pensei que significasse ser alguém que está sempre procurando, sem encontrar absolutamente. Pensei que significasse o contrário de “eu já sei, já descobri”. Quando digo que sou um artista, estou apenas querendo dizer “estou procurando, estou me esforçando, estou me empenhando com todo o meu coração”.

— Mesmo assim, você continua a ter um péssimo caráter.

— Desconfia de alguma coisa... está no ar... pensou que estou guardando algo. “Vincent esconde alguma coisa que não pode suportar a luz!” O que é, Mauve? Fale com toda franqueza.

Mauve voltou a se concentrar em seu cavalete, começou a aplicar tinta na tela. Vincent virou-se e afastou-se, andando lentamente pela areia.

Ele estava certo. Havia mesmo alguma coisa no ar. Haia tomara conhecimento de seu relacionamento com Christine. Foi De Bock quem lhe transmitiu a notícia. Ele exibiu um sorriso malicioso na boca de botão.

Christine estava posando e por isso falou em inglês.

— Ora, ora, Van Gogh — disse ele, tirando o sobretudo preto e acendendo um dos seus cigarros compridos. — Espalhou-se pela cidade que você tomou uma amante. Ouvi de Weissenbruch, Mauve e Tersteeg. Haia está em pé de

guerra por causa disso.

— Ah, então é esse o problema... — murmurou Vincent.

— Deveria ser mais discreto, meu velho. É alguma modelo da cidade? Pensei que conhecesse todas as disponíveis.

Vincent olhou para Christine, tricotando junto ao fogo. Havia nela uma atração simples, sentada ali, de lã e avental, concentrada no pequeno traje que fazia. De Bock largou o cigarro no chão e levantou-se de um pulo.

— Santo Deus! — exclamou ele. — Está querendo dizer que é essa a sua amante?

— Não tenho amantes, De Bock. Mas presumo que se trate da mulher sobre quem estão falando.

De Bock enxugou algum suor imaginário na testa e examinou Christine atentamente.

— Como pode dormir com ela?

— Por que pergunta isso?

— Ela é uma megera, meu velho! O tipo mais vulgar de megera! O que está pensando? Não é de admirar que Tersteeg ficasse chocado. Se quer uma amante, por que não escolhe uma modelo? Há muitas disponíveis.

— Como eu já disse antes, De Bock, essa mulher não é minha amante.

— Então o que..

— Ela é minha esposa!

De Bock fechou os lábios pequenos sobre os dentes, com o gesto de um homem abotoando um botão.

— Sua esposa?

— Isso mesmo. Tenciono me casar com ela.

— Oh, Deus!

De Bock lançou um último olhar de horror e repulsa para Christine, depois fugiu do estúdio sem pôr o sobretudo.

— O que estava dizendo a meu respeito? — indagou Christine. Vincent atravessou o estúdio e fitou-a em silêncio por um momento. — Eu disse a De Bock que você vai ser minha esposa.

Christine permaneceu calada por um longo tempo, as mãos se movimentando sem cessar. A boca se mantinha entreaberta, a língua disparando rapidamente de um lado para outro, como a de uma serpente, a fim de umedecer os lábios secando depressa.

— Pretende realmente casar comigo, Vincent? Por quê?

— Se eu não casasse com você, seria melhor que a deixasse em paz. Quero passar pelas alegrias e pesares da vida doméstica, a fim de pintá-la por experiência própria. Já fui apaixonado por uma mulher, Christine. E quando fui

procurá-la em sua casa, disseram-me que eu a repugnava. Meu amor era sincero, honesto e forte, Christine. Quando saí de lá, eu já sabia que estava morto. Mas depois da morte há uma ressurreição. Você foi essa ressurreição.

— Mas não pode casar comigo! O que faríamos com as crianças? E seu irmão pode parar de lhe mandar dinheiro.

— Respeito uma mulher que é mãe, Christine. Manteremos o novo bebê e Herman aqui conosco, os outros podem ficar com sua mãe. E quanto a Theo... é verdade... ele pode suspender o dinheiro. Mas se eu lhe escrever, contando toda a verdade, tenho certeza de que não me abandonará.

Vincent sentou-se no chão, aos pés de Christine. Ela parecia muito melhor agora do que na ocasião em que a conhecera. Havia uma insinuação de felicidade em seus olhos castanhos melancólicos. Um novo espírito de vida impregnava toda a sua personalidade. Posar não fora fácil para ela, mas trabalhara com afinco e pacientemente. Quando Vincent a conhecera, ela era rude, doente e miserável; agora, toda a sua atitude era mais suave.

Encontrara uma nova saúde e vida. Sentado no chão, contemplando o rosto todo marcado em que surgira um vestígio de doçura, Vincent pensou novamente na frase de Michelet: *“Comment se fait-il qu'il y ait sur la terre une femme seule désespérée? “*

— Sien, vamos economizar e guardar o máximo possível, está bem? Receio que chegará um momento em que ficarei inteiramente sem recursos. Poderei ajudá-la até a sua ida para Leyden. Mas não sei como me encontrará quando voltar, com ou sem pão. Mas tudo o que tenho partilharei com você e o bebê.

Christine saiu da cadeira, sentou-se no chão ao seu lado. Enlaçou-o pelo pescoço, encostou a cabeça em seu ombro.

— Basta que me deixe ficar com você, Vincent. Não peço muito. Se não houver nada, além de pão e café, não me queixarei. Eu o amo, Vincent. Você é o primeiro homem que já foi bom para mim. Não precisa se casar comigo, se não quiser. Posarei e trabalharei duro, farei tudo o que me mandar. Só quero que me deixe ficar com você. É a primeira vez na vida que me sinto feliz, Vincent. Não quero coisas. Simplesmente partilharei tudo o que você tiver e serei feliz.

Vincent podia sentir a criança se estufando contra o seu corpo, vibrante e viva. Passou as pontas dos dedos gentilmente pelo rosto feio, beijou as cicatrizes, uma a uma. Deixou que os cabelos de Christine caíssem para trás, alisando as mechas finas com mãos temas. Ela encostou o rosto afogueado e feliz na barba de Vincent, roçando-a de leve.

— Você me ama, Christine?

— Amo muito, Vincent.

— É bom ser amado. O mundo pode dizer que está errado, se quiser.

— Ao diabo com o mundo — murmurou Christine.

— Viverei como um trabalhador. É o que me convém. Você e eu nos compreendemos, não precisamos nos importar com o que os outros digam. Não precisamos assumir uma posição social. Minha própria classe há muito que me repudiou. E prefiro ter apenas um pedaço de pão duro em meu pobre lar, por mais pobre que seja, do que viver sem casar com você.

Eles continuaram sentados no chão, aquecidos pelo clarão vermelho da estufa, abraçados. Foi o carteiro quem rompeu o encantamento.

Entregou a Vincent uma carta de Amsterdam. Dizia:

Vincent:

Acabei de tomar conhecimento de seu comportamento vergonhoso.

Por favor, cancele a minha encomenda para os seis desenhos. Não tenho mais qualquer interesse em seu trabalho.

C. M. Van Gogh

Todo o seu destino dependia agora de Theo. Se não pudesse fazê-lo compreender a natureza do seu relacionamento com Christine, então o irmão estaria justificado em cortar a mesada de cem francos. Vincent podia pascer sem o seu mestre, Mauve; podia passar sem o seu marchand, Tersteeg; podia passar sem a família, amigos *e confrères,* enquanto tivesse seu trabaho e Christine. Mas não podia passar sem aqueles cem francos por mês!

Ele escreveu cartas longas e emocionadas para o irmão, explicando tudo, suplicando a Theo que compreendesse e não o abandonasse. Vivia dia a dia com o medo sinistro de que o pior pudesse acontecer. Não se atrevia a encomendar mais material de desenho do que podia pagar, não fazia aquarelas.

Theo apresentou objeções, muitas até, mas não condenou. Também ofereceu conselhos, mas não insinuou sequer uma vez que suspenderia o envio de dinheiro se os conselhos não fossem acatados. E, ao final, embora não aprovasse, garantiu a Vincent que sua ajuda continuaria como antes.

Era agora o princípio de maio. O médico em Leyden dissera a Christine que ela teria o filho em junho. Vincent concluiu que seria mais sensato se não mudassem até o momento do parto. Depois, esperava alugar a casa vaga ao lado, na Schenkweg. Christine passava a maior parte do tempo no estúdio, mas suas coisas ainda estavam na casa da mãe. Casariam oficialmente depois que ela se recuperasse do parto.

Vincent foi a Leyden para o parto de Christine. A criança não se mexeu das nove da noite até uma e meia da madrugada. Foi necessário tirá-la com fórceps, mas não houve qualquer lesão. Christine sofreu muita dor, mas esqueceu tudo quando viu Vincent.

— Muito em breve recomeçaremos a desenhar — murmurou ela.

Vincent contemplou-a de pé, com lágrimas nos olhos. Não importava que a criança fosse de outro homem. Eram sua esposa e seu bebê, ele estava feliz, sentindo uma pressão no peito.

Quando voltou a Schenkweg, encontrou o senhorio e dono da serraria na frente da casa.

— Vai querer a outra casa, Mijnheer Van Gogh? Custa apenas oito francos por semana. Mandarei pintar e rebocar. E se quiser escolher o papel de parede que lhe agrada, mandarei instalá-lo.

— Não tão depressa — disse Vincent. — Gostaria muito de ficar com a casa, para quando minha esposa voltar. Mas, primeiro, preciso escrever para meu irmão.

— Bem, eu tenho mesmo que colocar o papel de parede, então escolha o que preferir. Se não ficar com a casa, não tem importância.

Theo vinha tendo notícias sobre a casa ao lado há vários meses. Era muito maior, com um estúdio, sala de estar, cozinha, alcova e um quarto no sótão. Custava quatro francos a mais por semana, mas precisavam de mais espaço agora com Christine, Herman e o bebê se instalando na Schenkweg.

Theo respondeu que recebera outro aumento de salário e que Vincent podia contar com 150 francos por mês, pelo menos por enquanto. Vincent alugou a nova casa imediatamente. Christine voltaria dentro de uma semana e ele queria que ela encontrasse um lar aconchegante em sua chegada. O proprietário arrumou dois homens da serraria para ajudá-lo a levar os móveis para a casa nova. A mãe de Christine veio arrumar tudo.

10

O novo estúdio parecia extraordinário, com papel de parede liso, de um marrom-esverdeado, assoalho de madeira raspada, estudos nas paredes, um cavalete em cada extremidade, uma mesa de trabalho grande e branca no meio. A mãe de Christine pôs cortinas de musselina nas janelas. Ao lado do estúdio havia uma alcova em que Vincent guardou seus desenhos, porta-fólios e xilogravuras; num canto, havia um armário para os seus vidros, potes e livros. A sala de estar tinha uma mesa, umas poucas cadeiras de cozinha, uma estufa de óleo e uma cadeira grande de vime para Christine, perto da janela. Ao lado, Vincent instalou um pequeno berço de ferro, com uma cobertura verde, tendo por cima a gravura de Rembrandt das duas mulheres junto ao berço, uma delas lendo a Bíblia à luz de uma vela.

Vincent arrumou tudo o que era estritamente necessário para a cozinha; quando Christine voltasse, poderia preparar o jantar em dez minutos. Ele comprou uma faca, garfo, colher e prato, a mais, para o dia em que Theo viesse visitá-los. Instalou no sótão uma cama grande para si e sua esposa; a cama antiga, devidamente arrumada, ficou para Herman. Ele e a mãe de Christine arrumaram palha, alga marinha e forro, recheando os colchões no sótão.

Quando Christine deixou o hospital, o médico que a tratara, a enfermeira da ala e a enfermeira-chefe foram se despedir. Vincent compreendeu, ainda mais plenamente do que antes, que ela era uma pessoa por quem as pessoas sérias podiam sentir simpatia e afeição. “Ela nunca conheceu o que é bom”, pensou ele. “Sendo assim, como pode ser boa?”

A mãe de Christine e o filho Herman estavam na Schenkweg para recebê-la. Foi um momento maravilhoso, pois Vincent nada lhe falara sobre o novo lar. Christine correu por toda parte, tocando nas coisas; o berço, a cadeira de vime, o vaso com flores que Vincent pusera no peitoril de sua janela. Ela ficou na maior animação.

— O professor foi muito engraçado — comentou ela. — Perguntou: “Gosta de gim *e bitter?* E fuma charutos?” Respondi que sim e ele acrescentou: “Só perguntei para dizer que não precisa renunciar a essas coisas. Mas não deve usar vinagre, pimenta ou mostarda. E deve comer carne pelo menos uma vez por semana.”

O quarto parecia muito com o porão de um navio, pois era todo coberto por lambris. Vincent tinha de subir todas as noites com o berço de ferro e levá-lo de volta para baixo pela manhã. Tinha de fazer todo o serviço da casa, pois

Christine ainda estava muito fraca; arrumar as camas, acender o fogo, levantar, carregar, limpar. Tinha a sensação de que vivia com Christine e as crianças há muito tempo, que se encontrava em seu elemento. Embora Christine ainda sofresse da operação, havia nela um renovar e reviver.

Vincent retornou ao trabaho com uma nova paz em seu coração. Era bom ter o seu lar, sentir o movimento e a organização de uma família ao seu redor. Viver com Christine proporcionava-lhe coragem e energia para continuar em seu trabalho. Se Theo não o abandonasse, ele tinha certeza de que poderia se tornar um bom pintor.

Na Borinage, ele se escravizara a Deus. Ali, tinha uma espécie nova e mais tangível de Deus, uma religião que,se podia expressar em uma frase: que a figura de um trabalhador, alguns sulcos num campo, um pouco de areia, o mar e o céu eram coisas sérias, muito difíceis, mas ao mesmo tempo muito belas, que valia a pena devotar toda a sua vida à tarefa de expressar a poesia que nelas se ocultava.

Uma tarde, voltando das dunas, ele encontrou Tersteeg na frente da casa na Schenkweg.

— Fico contente em vê-lo, Vincent — disse Tersteeg. — Queria saber como você está indo.

Vincent temia a tempestade que sabia ser inevitável no momento em que Tersteeg entrasse na casa. Ficou conversando com ele na rua por algum tempo, a fim de ganhar forças para enfrentá-la. Tersteeg mostrava-se simpático e cordial. Vincent estremeceu interiormente.

Quando os dois homens finalmente entraram, Christine amamentava o bebê na cadeira de vime. Hernian brincava ao lado da estufa. Tersteeg fitou-os aturdido, em silêncio, por um longo tempo. E quando falou, foi em inglês: — O que significam essa mulher e a criança?

— Christine é minha esposa. A criança é nossa.

— Mas você nem casou com ela!

— Ainda não realizamos a cerimônia, se é isso o que está querendo dizer.

— Como pode pensar em viver com uma mulher... e crianças que...

— Os homens geralmente casam, não é mesmo?

— Mas você não tem dinheiro! Está sendo sustentado por seu irmão!

— Claro que não. Theo me paga um salário. Tudo o que faço pertence a ele. Ele terá o seu dinheiro de volta algum dia.

— Você enlouqueceu, Vincent? Isso só pode sair de uma mente e temperamento doentios.

— O comportamento humano, Mijnheer, é muito parecido com o desenho. Toda a perspectiva se altera com a mudança da posição dos olhos. E não depende do alvo, mas sim do homem que está olhando.

— Escreverei para seu pai, Vincent, e contarei toda essa história lamentável.

— Não acha que seria ridículo se eles recebessem uma carta indignada sua e logo depois um pedido meu para que viessem até aqui em visita, à minha custa?

— Tenciona escrever a seus pais?

— Como pode perguntar isso? Claro que escreverei. Mas deve reconhecer que este é um momento bastante inoportuno. Meu pai está sendo transferido para o vicariato em Nuenen. E minha esposa se encontra em tal estado que qualquer ansiedade ou tensão agora seria muito perigoso.

— Neste caso, é claro, não escreverei. Você é tão tolo quanto o homem que quer se afogar, meu rapaz. Eu só quero salvá-lo.

— Não duvido de suas boas intenções, Mijnheer Tersteeg, e é por isso que tentarei não ficar zangado com suas palavras. Mas a conversa está sendo muito desagradável para mim.

Tersteeg retirou-se com uma expressão desconcertada. Foi Weissenbruch quem desfechou o primeiro golpe real pelo mundo exterior.

Apareceu uma tarde, com um ar casual, a fim de ver se Vincent continuava vivo.

— Olá, Van Gogh. Percebo que conseguiu sobreviver sem aqueles 25 francos.

— É verdade.

— Não está contente agora por eu não tê-lo mimado?

— Se bem me lembro, a primeira coisa que eu lhe disse, naquela noite na casa de Mauve, foi “Vá para o inferno!”. Pois repito o convite.

— Se continuar assim, ainda se tornará outro Weissenbruch. Tem o estofo de um homem de verdade. Por que não me apresenta sua amante? Nunca tive a honra.

— Pode me provocar quanto quiser, Weissenbruch, mas deixe-a em paz.

Christine balançava o berço de ferro. Sabia que estava sendo escarnecida e olhou para Vincent com uma expressão angustiada. Vincent foi postar-se ao lado da mãe e bebê, protetoramente. Weissenbruch contemplou o grupo e depois o Rembrandt por cima do berço.

— Ei, você tem um tema excepcional! — exclamou ele. — Eu gostaria de pintá-lo. Daria o nome de *Sagrada Familia.*

Vincent soltou uma imprecação, avançando para Weissenbruch, mas este se apressou em sair pela porta. Vincent voltou para sua família. Havia um pedaço de espelho pendurado na parede, ao lado do Rembrandt.

Vincent levantou os olhos e viu o reflexo dos três. Num instante horrível e devastador de lucidez, viu através dos olhos de Weissenbruch... o bastardo, a prostituta e o traficante de caridade.

— O que ele nos chamou? — perguntou Christine.

— A Sagrada Família.

— E o que é isso?

— Uma imagem de Maria, Jesus e José.

As lágrimas afloraram aos olhos de Christine e ela escondeu o rosto nas roupas do bebê. Vincent ajoelhou-se ao lado do berço para confortá-la.

O crepúsculo se insinuava pela janela do norte e projetava uma sombra na sala. Mais uma vez, Vincent pôde desligar-se e ver os três, como se não fosse um membro do grupo. E desta vez viu através dos olhos de seu próprio coração.

— Não chore, Sien. Não chore, querida. Levante a cabeça e enxugue as lágrimas. *Weissenbruch estava certo!*

11

Vincent descobriu Scheveningen e a pintura a óleo mais ou menos na mesma ocasião. Scheveningen era uma pequena aldeia de pescadores, num vale entre duas dunas protetoras, no Mar do Norte. Havia na praia Fileiras de barcos de pesca quadrados, com um mastro e velas de cores fortes, curtidas pelo tempo. Tinham lemes toscos e quadrados atrás, redes de pesca prontas para o lançamento no mar, uma pequena bandeira triangular no alto, vermelho-ferrugem ou azul-marinho. Havia carroças azuis com rodas vermelhas para transportar o peixe até a aldeia; mulheres de pescadores com toucas brancas de tecido impermeável, presas na frente por dois alfinetes dourados arredondados; famílias à beira da água para esperar os barcos; o Kurzaal exibindo bandeiras coloridas, o lugar para alojar os visitantes que gostavam do gosto de mar nos lábios, mas não sufocando as suas gargantas. O mar estava cinzento com espumas brancas perto da praia, tonalidades de verde cada vez mais profundas se transformando num azul-opaco; o céu era de um cinza limpo, as nuvens formando desenhos, um azul ocasional para sugerir aos pescadores que um sol ainda brilha sobre a Holanda. Scheveningen era um lugar em que os homens trabalhavam e onde as pessoas se integravam ao solo e ao mar.

Vincent fizera muitas cenas de rua em aquarela e achava que esse meio era satisfatório para uma impressão rápida. Mas a aquarela não possuía profundidade, densidade e caráter para expressar as coisas que ele precisava dizer. Ansiava pelo óleo, mas tinha medo de assumi-lo, porque ouvira falar de muitos pintores arruinados por se lançarem ao óleo antes de aprenderem a desenhar. E foi então que Theo veio a Haia.

Theo estava agora com 26 anos e era um marchand competente.

Viajava frequentemente por sua galeria e era conhecido em toda parte como um dos melhores jovens no ramo. Goupil & Companhia vendera a galeria de Paris a Boussod e Valadon (conhecidos como *les Messieurs).*

Eles conservaram Theo em sua posição anterior, mas o negócio de arte não era mais como no tempo de Goupil e tio Vincent. Os quadros eram agora vendidos pelos mais altos preços possíveis — independente do mérito — e somente os pintores consagrados eram patrocinados. Tio Vincent, Tersteeg e Goupil consideravam que o primeiro dever de um negociante de arte era descobrir e estimular artistas novos e jovens; agora, somente os pintores velhos e reconhecidos eram solicitados. Os mais novos, como Manet, Monet, Pissarro, Sisley, Renoir, Berthe Morisot, Cezanne, Degas, Guillaumin e os artistas ainda

mais jovens, como Toulou-se-Lautrec, Gauguin, Seurat e Signac, tentavam dizer alguma coisa diferente do que Bouguereau e os acadêmicos vinham repetindo interminavelmente.. — .ias ninguém lhes dava atenção. Nenhum desses revolucionários jamais tivera uma tela exibida ou vendida sob o teto de *les Messieurs.* Theo desenvolvera uma profunda aversão contra Bouguereau e os acadêmicos; suas simpatias eram para os jovens inovadores. Todos os dias fazia o que podia para persuadir *les Messieurs* a expor os novos quadros e educar o público a comprá-los. *Les Messieurs* consideravam os inovadores loucos, infantis e completamente desprovidos de técnica. Theo considerava-os os futuros mestres.

Christine ficou lá em cima, no quarto do sótão, enquanto os irmãos se reuniam no estúdio. Depois dos primeiros cumprimentos, Theo disse: — Eu tinha de vir a negócios também, mas devo confessar que meu objetivo primário em Haia é dissuadi-lo de estabelecer qualquer relacionamento permanente com essa mulher. Em primeiro lugar, como ela é?

— Lembra-se de nossa velha babá em Zundert, Leen Verman?

— Claro.

— Sien é esse tipo de pessoa. É apenas uma mulher comum do povo, mas para mim tem alguma coisa de sublime. Quem ama uma pessoa comum e também é amado, já é feliz, apesar do lado sinistro da vida. Foi o sentimento de ser de alguma utilidade que me levantou e reviveu. Não o procurei, mas o sentimento me encontrou. Sien aguenta todas as preocupações e problemas da vida de um pintor e se mostra tão disposta a posar que acho que me tomarei um artista melhor do que se tivesse casado com Kay.

Theo deu uma volta pelo estúdio, antes de finalmente falar, enquanto olhava fixamente para uma aquarela:

— A única coisa que não posso compreender é como você pôde se apaixonar por essa mulher quando estava tão desesperadamente apaixonado por Kay.

— Não me apaixonei, Theo, não imediatamente. Porque Kay me rejeitou; todos os meus sentimentos humanos deveriam se extinguir? Quando você chega aqui, não me encontra desanimado e deprimido, mas sim um estúdio novo e uma casa em plena movimentação. Não é um estúdio misterioso, mas enraizado na vida real, um estúdio com um berço e uma cadeira alta de bebê, onde não há estagnação, em que tudo vibra, aflora e pulsa em atividade. Para mim, é tão claro quanto o dia que o artista deve sentir o que desenha, que se deve viver na realidade da vida familiar se por acaso se deseja expressar intimamente essa vida familiar.

— Sabe que eu nunca faço distinções de classe, Vincent. Mas você acha que é sensato...

Vincent não deixou o irmão continuar: — Não creio que tenha me rebaixado ou desonrado, Theo, porque sinto que meu trabalho está no coração do povo, que devo me manter perto do chão, captar a vida em seu âmago, progredir por muitas dificuldades e problemas.

— Não contesto nada disso — Theo atravessou o estúdio e postou-se diante do irmão. — Mas por que é necessário um casamento?

— Porque há uma promessa de casamento entre ela e eu. Não quero que a considere uma amante ou alguém com quem mantenho uma ligação, sem me preocupar com as consequências. Essa promessa de casamento é dupla: primeiro, uma promessa de casamento civil, assim que as circunstâncias permitirem, mas em segundo uma promessa de ajuda mútua enquanto isso, de respeitar um ao outro como se já fôssemos casados, partilhar tudo juntos.

— Mas não vai esperar um pouco, antes de consumar o casamento civil?

— Vou sim, Theo, se você me pedir. Adiaremos até que eu possa ganhar 150 francos por mês vendendo os meus trabalhos e sua ajuda não for mais necessária. Prometo a você que não casarei com ela até que meu desenho tenha progredido tanto que me tomarei independente. Gradativamente, à medida que eu for ganhando dinheiro, você poderá me mandar menos a cada mês. E, finalmente, não precisarei mais do seu dinheiro. E então falaremos de um casamento civil.

— Essa me parece a atitude mais sensata no momento.

— Lá vem ela, Theo. Por mim, tente pensar nela apenas como uma esposa e mãe. Pois é isso o que ela realmente é!

Christine desceu pela escada no fundo do estúdio. Usava um impecável vestido preto, os cabelos cuidadosamente penteados para trás, o toque de cor em seu rosto quase escondendo as marcas de bexiga. Ela se tomara bonita num estilo doméstico. O amor de Vincent a envolvera com uma aura de confiança e bem-estar. Ela trocou um aperto de mão com Theo, perguntou se ele não queria uma xícara de chá, insistiu que ficasse para o jantar. Foi sentar-se na cadeira de vime ao lado da janela, costurando e balançando o berço. Vincent se movimentou muito excitado pelo estúdio, mostrando figuras em carvão, cenas de rua em aquarela, estudos de grupos feitos com lápis de carpinteiro. Queria que Theo visse o progresso do seu trabalho.

Theo tinha fé que Vincent se tornaria um grande pintor, mas nunca a certeza se gostava do que Vincent fizera... até agora. Theo era um amador perspicaz, cuidadosamente treinado na arte de julgar, mas não era capaz de chegar a uma conclusão sobre o trabalho do irmão. Para ele, Vincent se encontrava sempre num estado de se tomar, nunca no de ter chegado.

— Se você sente a necessidade de trabalhar em óleo — disse ele, depois que Vincent mostrou-lhe todos os seus estudos e comentou seu anseio — por que não

começa? O que está esperando?

— A certeza de que meu desenho é bastante bom. Mauve e Tersteeg dizem que eu não sei como...

— ... e Weissenbruch diz que você sabe. E você é que deve ser o juiz final. Se acha que tem de se expressar em cores mais profundas agora, o momento é oportuno. Aproveite-o.

— Mas a despesa é grande, Theo. Os tubos custam seu peso em ouro.

— Vá se encontrar comigo no hotel amanhã de manhã, às dez horas. Quanto mais cedo começar a me enviar telas a óleo, mais depressa ganharei dinheiro com meu investimento.

Durante o jantar, Theo e Christine conversaram animadamente. Ao sair, Theo virou-se para Vincent, na escada, dizendo em francês: — Ela é simpática, muito simpática. Eu não tinha a menor ideia.

Eles formavam um estranho contraste, subindo pela Wagenstraat, na manhã seguinte; o irmão mais moço impecavelmente arrumado, as botinas engraxadas, camisa engomada, terno passado, gravata no lugar certo, chapéu-coco preto na cabeça, barba castanha-clara perfeitamente aparada, andando num ritmo firme; e o outro com as botinas velhas, calça remendada que não combinava com o casaco apertado, sem gravata, um ridículo gorro de camponês na cabeça, a barba ruiva desgrenhada, avançando em passos bruscos e irregulares, sacudindo os braços e fazendo gestos excitados enquanto falava.

Eles não estavam conscientes da imagem que apresentavam.

Theo levou Vincent à Goupils para comprar os tubos de tinta, pincéis e telas. Tersteeg respeitava e admirava Theo; queria gostar a compreender Vincent. Quando foi informado do motivo da visita, insistiu em procurar pessoalmente os materiais e aconselhar Vincent sobre os méritos dos vários pigmentos.

Theo e Vincent percorreram a pé os seis quilômetros pelas dunas até Scheveningen. Um barco de pesca voltava naquele momento. Perto do monumento havia um pequeno galpão de madeira, em que um homem sentava de vigia. Assim que o barco se mostrou a distância, o homem adiantou-se com uma enorme bandeira, seguido por um bando de crianças.

Poucos minutos depois de começar a acenar com a bandeira, apareceu um homem num cavalo velho para recolher a âncora. O grupo recebeu a adesão de diversos homens e mulheres, que saíram da aldeia para receber a tripulação. Quando o barco estava perto, o homem a cavalo entrou na água e voltou com a âncora. Os pescadores foram levados para terra nas costas de companheiros com botas altas de borracha, cada um sendo aclamado ao chegar. Depois que todos desembarcaram e os cavalos arrastaram o barco pela praia, o grupo marcha para a aldeia, como uma caravana, com o homem a cavalo pairando por cima de todos

como um espectro alto.

— Esse é o tipo de coisa que quero mostrar com as minhas tintas — comentou Vincent.

— Pois mande-me algumas telas assim que se tomar satisfeito com o seu trabalho. Talvez eu consiga encontrar compradores em Paris.

— Oh, Theo, você precisa mesmo fazer isso! Tenho de começar a vender!

12

Depois que Theo foi embora, Vincent começou a experimentar suas tintas. Fez três estudos a óleo: uma fileira de salgueiros podados por trás da ponte de Geest, um caminho de escória e as hortas de Meerdervoort, onde um homem de macacão azul colhia batatas. O campo era de areia branca, parcialmente escavado, ainda coberto por fileiras de talos ressequidos, com ervas daninhas verdes nos intervalos. A distância, havia árvores de um verde-escuro e uns poucos telhados. Quando examinou o trabalho, no estúdio, Vincent ficou exultante; tinha certeza de que ninguém poderia imaginar que representava os seus primeiros esforços. O desenho, a espinha dorsal da pintura e a estrutura que sustentava todo o resto, fora acurado e autêntico. Ele ficou um pouco surpreso porque pensara que as primeiras tentativas redundariam em fracasso.

Ele estava ocupado a pintar um trecho inclinado no bosque, coberto por folhas de faia, secas e se desmanchando. O terreno era de um castanho-avermelhado, claro e escuro, ressaltado pelas sombras das árvores, que projetavam listas na superfície e às vezes apagavam-na por completo.

O problema era encontrar a profundidade das cores, captar a enorme força e solidão do terreno. Enquanto pintava, Vincent percebeu pela primeira vez como havia luz na escuridão. Ele tinha de captar essa luz e conservar ao mesmo tempo a profundidade das cores.

O terreno era um tapete castanho-avermelhado profundo, ao sol vespertino de outono, temperado pelas árvores. Jovens faias se erguiam, absorvendo a luz num lado, em que apresentava um verde-cintilante, os lados na sombra com um verde-escuro profundo. Por trás das árvores, por trás do solo avermelhado, havia um céu delicado, de um cinza-azulado, parecendo todo iluminado. Contra o céu havia uma fronteira indefinida de verde, um emaranhado de pequenas hastes e folhas amareladas. Uns poucos vultos de colhedores de lenha vagueavam por ali, como massas escuras de sombras misteriosas. Uma silhueta negra de um homem aparecia por cima das moitas; delineada contra o céu, a figura era enorme e impregnada de poesia. Enquanto pintava, Vincent disse para si mesmo: — Não devo ir embora antes que haja alguma coisa do entardecer de outono, algo misterioso, algo sério.

Mas a claridade diminuía rapidamente. Precisava trabalhar depressa.

Pintou prontamente as figuras, com algumas pinceladas firmes e resolutas.

Impressionou-o como as pequenas árvores estavam firmemente enraizadas.

Tentou mostrar isso, mas o chão já estava tão pegajoso que uma pincelada se

perdeu. Vincent tentou outra e outra vez, desesperadamente, pois a escuridão se adensava. Finalmente compreendeu que estava derrotado; nenhum pincel poderia sugerir coisa alguma na terra fértil e escura. Com uma intuição cega, ele largou o pincel, espremeu as raízes e troncos na tela dos tubos de tinta, pegou outro pincel e modelou o óleo grosso e colorido com o cabo.

— É isso mesmo! — exclamou ele, enquanto a noite dominava o bosque. — Agora as árvores estão direito, erguendo-se do solo, fortemente enraizadas. Expressei o que queria.

Weissenbruch apareceu naquela noite.

— Venha comigo ao *Pulchri.* Teremos alguns *tableaux* e charadas.

Vincent não esquecera a última visita de Weissenbruch. — Não, obrigado. Não quero deixar minha esposa.

Weissenbruch foi até Christine, beijou-lhe a mão, perguntou por sua saúde, brincou com o bebê por um momento. Era evidente que não tinha lembrança da última coisa que lhes dissera.

— Deixe-me ver alguns dos seus novos trabalhos, Vincent.

Vincent atendeu com a maior satisfação. Weissenbruch examinou atentamente um estudo do mercado na segunda-feira, quando desmontavam as barracas; uma fila na frente da sopa dos indigentes; três velhos num asilo de loucos; um barco de pesca em Scheveningen com a âncora levantada; e um quinto que Vincent fizera sobre os joelhos, no meio das dunas, durante um temporal.

— Estes trabalhos estão à venda? Eu gostaria de comprá-los.

— É outra das suas piadas de mau gosto, Weissenbruch?

— Nunca faço piadas com a pintura. Estes estudos são extraordinários. Quanto quer?

— Diga quanto está disposto a pagar — murmurou Vincent, atordoado, receando ser escarnecido a qualquer momento.

— Muito bem. O que acha de cinco francos para cada um? Um total de 25 francos pelo lote.

Os olhos de Vincent se arregalaram.

— Mas é demais! Meu tio Cor só me pagou dois francos e meio.

— Ele o enganou, meu rapaz. Todos os marchands passam os pintores para trás. Algum dia eles venderão por cinco mil francos. O que me diz? Negócio fechado?

— Weissenbruch, às vezes você é um anjo e em outras ocasiões um demônio.

— Uma questão de variedade, a fim de que meus amigos jamais se cansem de mim.

Ele pegou a carteira e entregou os 25 francos a Vincent.

— E agora vamos ao *Pulchri.* Você precisa de um pouco de diversão. Teremos esta noite uma farsa de Tony Offermans. Vai lhe fazer bem rir por alguns momentos.

Vincent resolveu ir. O salão do clube estava apinhado de homens, todos fumando um tabaco barato e forte. O primeiro *tableau* se baseava numa gravura de Nicholas Maes, *O Estábulo em Belém,* muito bom no tom e na cor, mas carecendo de expressão; o outro era de *Isaac Abençoando Jacó,* de Rembrandt, com uma esplêndida Rebeca observando para constatar se seu truque seria bem-sucedido. O ar abafado deixou Vincent com dor de cabeça. Ele saiu antes que a farsa começasse, compondo as frases de uma carta enquanto voltava para casa.

Contou ao pai tanto quanto julgou conveniente da história de Christine, anexando os 25 francos de Weissenbruch e sugerindo a Theodorus uma visita a Haia como seu convidado.

O pai chegou uma semana depois. Seus olhos azuis desbotavam, os passos eram mais lentos. Na última vez em que estiveram juntos, Theodorus ordenara ao filho mais velho que saísse de sua casa. Desde então, haviam trocado cartas amistosas. Theodorus e Anna Cornelia enviavam vários pacotes de roupas, charutos, bolos e ocasionalmente uma nota de dez francos. Vincent não sabia como o pai reagiria a Christine. Às vezes os homens eram compreensivos e generosos, em outras cegos e perversos.

Ele não acreditava que o pai pudesse permanecer indiferente e levantar objeções... perto de um berço. Um berço não era como qualquer outra coisa; não havia como se enganar a respeito. O pai teria de perdoar o que pudesse haver no passado de Christine.

Theodorus tinha um embrulho grande debaixo do braço. Vincent abriu-o, tirou um casaco para Christine e compreendeu que estava tudo bem. Depois que ela subiu para o quarto no sótão, Theodorus e Vincent sentaram-se no estúdio.

— Vincent, há uma coisa que não mencionou em sua carta. O filho é seu?

— Não. Ela já o esperava quando a conheci.

— Onde está o pai?

— Ele abandonou-a.

Vincent julgou que não era necessário explicar o anonimato da criança. — Mas vai casar com ela, não é mesmo, Vincent? Não está certo viver assim.

— Concordo plenamente. Quero realizar a cerimônia legal o mais depressa possível. Mas Theo e eu concluímos que seria melhor esperar até que esteja ganhando 150 francos por mês com o meu trabalho.

Theodorus suspirou.

— Talvez seja mesmo o melhor. Vincent, sua mãe gostaria que você nos visitasse. E eu também gostaria. Gostará de Nuenen, filho. É uma das aldeias

mais lindas de Brabant. A igreja é pequena e parece um iglu de esquimó. Imagine que só cabe menos de cem pessoas. Há sebes de espinheiros em tomo da minha casa, Vincent. E por trás da igreja há um cemitério florido, com montes de areia e velhas cruzes de madeira.

— Cruzes de madeira? — repetiu Vincent. — Brancas?

— Isso mesmo. Os nomes estão em preto, mas a chuva está apagando-os.

— Há um campanário alto e bonito na igreja, pai?

— Um campanário delicado e frágil, Vincent, mas sobe muito pelo céu. Penso às vezes que quase alcança Deus.

— Projetando uma sombra fina sobre o cemitério — os olhos de Vincent faiscavam. — Eu gostaria de pintar isso.

— Há uma extensão de charneca e bosques de pinheiros próximos, camponeses trabalhando nos campos. Deve aparecer em casa para uma visita, filho.

— Quero mesmo conhecer Neunen. As cruzes, o campanário e os camponeses nos campos. Acho que sempre haverá alguma coisa do Brabant em mim.

Theodorus voltou para casa e garantiu à esposa que as coisas não estavam tão ruins com o filho quanto haviam imaginado. Vincent lançou-se ao trabalho com um empenho ainda maior. Mais e mais ele se descobria voltando a Millet: *“L'art c'est un combat; dans 1'art il faut y mettre sa peau. “* Theo acreditava nele, sua mãe e pai não desaprovavam Christine e ninguém em Haia o incomodava mais. Estava completamente livre para prosseguir com seu trabalho.

O proprietário da serraria encaminhava-lhe como modelos todos os homens que apareciam à procura de emprego e não podiam ser contratados. Enquanto seu bolso esvaziava, o porta-fólio aumentava. Ele desenhou o bebê no berço, ao lado da estufa, muitas e muitas vezes.

Quando as chuvas do outono chegaram, ele trabalhou fora de casa, captando os efeitos que desejava. Aprendeu rapidamente que um colorista é aquele que, vendo uma cor na natureza, sabe no mesmo instante como analisá-la e diz “Aquele verde-cinza é amarelo com preto e muito pouco azul”.

Quer estivesse desenhando figura ou paisagem, ele desejava expressar não uma melancolia sentimental, mas um pesar sério. Queria penetrar tão fundo que as pessoas comentassem sobre a sua obra: “Ele sente profundamente, sente ternamente.”

Ele sabia que, aos olhos do mundo, era um inútil, um excêntrico, um homem desagradável, alguém que não tinha qualquer posição na vida.

Queria mostrar em seu trabalho o que havia no coração de um homem excêntrico, de um joão-ninguém. Nas choupanas mais pobres, nos cantos mais

sujos, ele via desenhos e quadros. Quanto mais pintava, mais outras atividades perdiam o interesse. Quanto mais depressa se livrava delas, mais seus olhos percebiam as qualidades pitorescas da vida. A arte exigia um esforço persistente, trabalho apesar de tudo, uma observação contínua.

A única dificuldade era o fato das tintas a óleo serem terrivelmente caras e ele gostar das cores bem densas. Quando apertava o tubo na tela, em massas profundas e ricas, era como despejar francos no Zuider Zee.

Pintava tão depressa que sua conta de telas era enorme; fazia num instante um óleo que Mauve levaria dois meses para completar. Não podia pintar esmaecido e não podia pintar devagar; o dinheiro evaporava e o estúdio se enchia de quadros. Assim que o dinheiro de Theo chegava — cinquenta francos nos dias primeiro, 10 e 20 — ele corria para a loja e comprava grandes tubos de ocre, cobalto e azul-prussiano, tubos menores de amarelo-nápoles, terra sienna, azul-ultramarino e amarelo-vivo. Trabalhava na maior felicidade até que as tintas e os francos se esgotavam, geralmente cinco ou seis dias depois que o dinheiro chegava de Paris. Seus problemas recomeçavam.

Ele ficou espantado ao descobrir que tantas coisas precisavam ser compradas para o bebê; que Christine necessitava de medicamentos constantes, novas roupas, alimentos especiais; que Herman tinha de comprar livros e outros materiais para a escola que agora cursava; e que a casa era um poço sem fundo em que estava permanentemente despejando lampiões, panelas, cobertores, carvão e lenha, cortinas, tapetes, velas, lençóis, talheres, pratos, móveis e um fluxo interminável de alimentos. Era difícil determinar como distribuir os cinquenta francos entre sua pintura e as três pessoas que lhe eram dependentes.

— Você parece um trabalhador correndo para a loja de vinho assim que recebe o pagamento — comentou Christine um dia, quando Vincent arrancou ansiosamente os cinquenta francos do envelope de Theo e começou a recolher os tubos vazios.

Ele construiu um novo instrumento de perspectiva, com duas pernas compridas que se fixavam nas dunas. Mandou o ferreiro fazer cantoneiras de ferro para a estrutura. Scheveningen, com o mar, as dunas, os pescadores, os barcos, os cavalos e as redes o atraíam cada vez mais. Ele caminhava pelas dunas todos os dias, carregando o cavalete pesado e o instrumento de perspectiva, a fim de captar a natureza sempre em mutação do mar e do céu. Enquanto o outono se aprofundava e outros artistas começavam a se aconchegar no calor de seus estúdios, Vincent continuava a sair, pintando no vento e na chuva, na neblina e na tempestade. No tempo mais terrível, sua tinta única muitas vezes ficava coberta de areia soprada e água do mar. A chuva o encharcava, a neblina e o vento o deixavam enregelado, a areia penetrava por

seus olhos e nariz... e ele amava cada minuto de tudo isso. Nada, a não ser a morte, poderia detê-lo agora. Uma noite ele mostrou uma nova tela a Christine, que disse: — Mas como pode fazer com que pareça tão real, Vincent?

Ele esqueceu que falava com uma mulher analfabeta do povo. Era como se estivesse conversando com Weissenbruch ou Mauve.

— Eu mesmo não sei. Sento com uma tela branca na minha frente, no lugar que me impressiona. E digo. “Esta tela branca deve se transformar em alguma coisa!” Trabalho por um longo tempo e volto para casa insatisfeito. Guardo a tela no armário. Depois de descansar um pouco, dou uma nova olhada, com algum medo. Ainda me sinto insatisfeito porque tenho claramente na mente o original esplêndido para me contentar com a cópia que fiz. Mas, no final das contas, acabo descobrindo na tela um eco do que me impressionou. Descubro que a natureza me disse alguma coisa, falou comigo, eu registrei em taquigrafia. E na minha taquigrafia talvez haja palavras que não podem ser decifradas, talvez haja erros ou falhas. Mas há alguma coisa do que os bosques, a praia ou a figura me disseram. Está entendendo?

— Não.

13

Christine compreendia muito pouco do que ele estava fazendo.

Considerava que a sua fome de pintar coisas era uma espécie de obsessão dispendiosa. Mas sabia que era o rochedo sobre o qual a vida de Vincent estava construída e não fazia qualquer tentativa de oposição; perdia inteiramente o propósito, o lento progresso e a expressão árdua da obra de Vincent. Era uma boa companheira para as atividades domésticas comuns, mas apenas uma pequena parte da vida de Vincent era doméstica. Quando ele desejava se expressar em palavras, era obrigado a escrever para Theo; escrevia uma carta longa e veemente quase todas as noites, relatando tudo que vira, pintara e pensara durante o dia. Quando queria desfrutar a expressão de outros, recorria aos romances franceses, ingleses, alemães e holandeses. Christine partilhava apenas uma fração de sua vida. Mas Vincent sentia-se satisfeito; não lamentava sua decisão de tomar Christine para esposa, também não tentava lhe impor as preocupações intelectuais para as quais ela estava obviamente desqualificada.

Nada disso constituía um problema durante os longos meses do verão e outono, quando ele saía de casa às cinco ou seis horas da manhã e permanecia ausente até que a claridade do dia se desvanecesse por completo, voltando então pelas dunas, ao crepúsculo frio. Mas quando uma tremenda nevasca serviu para celebrar o primeiro encontro dos dois no café em frente à estação de Ryn, e Vincent teve de trabalhar em casa de manhã até a noite, tornou-se mais difícil manter um relacionamento satisfatório.

Ele voltou a desenhar, poupando o dinheiro das tintas. Mas os modelos consumiam uma parte da verba para as despesas domésticas.

Pessoas que trabalhariam por quase nada nas piores coisas exigiam uma grande quantia para posar. Vincent pediu permissão para desenhar no hospício, mas as autoridades declararam que não havia precedente e, além do mais, estavam instalando novos assoalhos. Assim, ele só podia trabalhar ali nos dias de visita.

Sua única esperança era Christine. Assim que ela estivesse recuperada e forte, Vincent esperava que voltasse a posar, trabalhando com tanto afinco como fizera antes do bebê nascer. Mas Christine tinha ideias diferentes. A princípio, ela dizia: — Ainda não estou bastante forte. Espere mais um pouco. Não há necessidade de pressa.

Quando ficou completamente recuperada, achava que andava ocupada demais.

— Não é mais como antes, Vincent. Tenho de amamentar o bebê. E tenho de manter toda uma casa limpa. E ainda cozinhar para quatro pessoas.

Vincent levantava-se às cinco horas da manhã, a fim de arrumar a casa e permitir que Christine ficasse livre para posar durante o dia.

— Mas não sou mais uma modelo, Vincent. Sou sua esposa.

— Você tem de posar para mim, Sien. Não posso contratar modelos todos os dias. Esse é um dos motivos pelos quais você está aqui.

Christine se lançou a um daqueles acessos de raiva desenfreados que haviam sido tão comuns nos primeiros tempos de sua convivência com Vincent.

— Então era só para isso que você me queria! Para poder poupar o seu dinheiro! Não passo de uma maldita criada! Se eu não posar, vai me expulsar desta casa!

Vincent pensou por um momento e depois disse: — Você ouviu todas essas coisas na casa de sua mãe. Não pensa assim.

— E se eu ouvi? Não é tudo verdade?

— Sien, você não deve mais ir lá.

— Por quê? Pensa que não amo minha mãe?

— Mas suas visitas a ela estão arruinando tudo entre nós. Daqui a pouco você estará pensando de novo como antes. E o que acontecerá então com o nosso casamento?

— Não é você que me diz para ir até lá quando não há comida na casa? Ganhe mais algum dinheiro e não precisarei voltar.

Quando Vincent finalmente convenceu-a a posar, ela se mostrou inútil. Cometeu todos os erros que ele tanto se empenhara em erradicar no ano anterior. As vezes desconfiava que Christine se mexia e fazia gestos desajeitados de propósito, a fim de deixá-lo irritado, sem querer que ela continuasse a posar. Ao final, Vincent teve de desistir. Sua despesa com modelos aumentou. E, com isso, também aumentou o número de dias em que não havia dinheiro para a comida e o tempo que Christine era forçada a passar na casa da mãe. A cada vez que ela voltava de lá Vincent percebia uma ligeira mudança em seu comportamento e atitude. Ele estava preso num círculo vicioso; se usasse todo o seu dinheiro para viver, Christine não voltaria à influência da mãe, seria possível manter o relacionamento numa base saudável. Mas se fizesse isso, teria de renunciar a seu trabalho.

Salvara a sua vida só para matar-se? Se Christine não fosse para a casa da mãe várias vezes por mês, ela e as crianças passariam fome; se continuasse a ir, isso acabaria destruindo o casamento. O que ele podia fazer?

Christine doente e esperando um filho, Christine no hospital, Christine recuperando-se do parto, era uma pessoa; uma mulher abandonada, *désespérée*, à

beira de uma morte terrível, intensamente grata por uma única palavra gentil ou uma ação prestativa; uma mulher que conhecia todo o sofrimento do mundo e faria qualquer coisa por um momento de descanso, que formularia todas as promessas fervorosas e melodramáticas a si mesma e à vida. Christine recuperada, o corpo e o rosto cheios de boa comida, medicamentos e cuidados, era outra espécie de mulher. A memória do sofrimento se desvanecia, a resolução de ser uma boa dona-de-casa e mãe enfraquecia; os pensamentos e hábitos de sua vida anterior retomavam lentamente. Ela levara uma vida desregrada por quatorze anos, nas ruas, com muita bebida, charutos, linguagem vil e homens rudes. Com a força do corpo lhe voltando, os quatorze anos de indolência e desmazelo contrabalançaram o ano de cuidado e amor gentil.

Uma mudança insidiosa começou a se processar. Vincent não pôde compreendê-la, a princípio; depois, lentamente, teve a percepção do que ocorria.

Foi mais ou menos nessa ocasião, no início do ano, que Vincent recebeu uma curiosa carta de Theo. O irmão encontrara nas ruas de Paris uma mulher sozinha, doente, desesperada. Ela sofria de uma enfermidade no pé e não podia trabalhar. Estava disposta a se matar. Vincent mostrara o caminho a Theo; ele seguiu seu mestre. Encontrou um lugar para a mulher na casa de velhos amigos. Providenciou um médico e todos os exames. Pagou todas as despesas pela vida da mulher. Em suas cartas, chamava-a de sua paciente.

“Devo casar com minha paciente, Vincent? É a melhor maneira de ajudá-la? Devo promover a cerimônia legal? Ela sofre muito, é infeliz, foi abandonada pela única pessoa que amava. O que devo fazer para salvar sua vida?”

Vincent ficou profundamente comovido e escreveu para expressar sua simpatia. Mas a cada dia Christine se tornava mais difícil. Quando havia apenas pão e café, ela resmungava. Insistia que Vincent largasse os modelos e usasse o dinheiro para a casa. Quando não podia ter um vestido novo, negligenciava o velho, deixando que ficasse todo manchado de comida e sujeira. Parou de remendar as roupas de Vincent. Recaiu sob a influência da mãe, que a persuadiu que Vincent fugiria ou a expulsaria da casa. Como um relacionamento permanente era impossível, de que adiantava se incomodar com o temporário?

Ele podia aconselhar Theo a casar com sua paciente? O casamento legal era a melhor maneira para salvar tais mulheres? Ou a coisa mais importante era um teto sob suas cabeças, boa comida para reforçar a saúde e bondade para devolver-lhes o amor à vida?

“Espere!”, ele advertiu ao irmão. “Faça tudo o que puder por ela; é uma causa nobre. Mas a cerimônia legal não o ajudará absolutamente. Se um amor surgir entre vocês, então um casamento decorrerá. Mas descubra primeiro se pode salvá-la.”

Theo lhe enviava cinquenta francos três vezes por mês. Agora que Christine se tornava negligente nos cuidados domésticos, o dinheiro não durava tanto quanto antes. Vincent se mostrava avaro com os modelos, a fim de acumular estudos suficientes para algumas telas. Lamentava cada franco que era tirado do seu desenho para desaparecer na casa. Christine protestava contra todo franco que era tirado da casa para desaparecer no desenho. Era uma luta por suas vidas. Os 150 francos poderiam proporcionar a Vincent casa, comida e material; a tentativa de fazer com que sustentasse quatro pessoas era heróica, mas impossível. Ele começou a dever ao senhorio, sapateiro, merceeiro, padeiro e vendedor de tintas. E para agravar ainda mais a situação, Theo se encontrava numa escassez de fundos.

Vincent escrevia cartas suplicantes. “Se puder, por favor envie o dinheiro um pouco antes do dia 20. Ou pelo menos não depois. Só me restam duas folhas de papel e um último coto de creiom. Não tenho um franco para modelos ou comida.” Três vezes por mês ele escrevia tais cartas; quando os cinquenta francos chegavam, já devia tudo aos comerciantes e nada restava para sobreviver pelos dei dias seguintes.

A “paciente” de Theo tinha de ser operada de um tumor no pé. Theo internara-a num bom hospital. Ao mesmo tempo, ele estava enviando dinheiro para Nuenen, pois a nova congregação era pequena e a receita de Theodorus nem sempre era suficiente para atender às necessidades da família. Theo sustentava a si mesmo e sua paciente, Vincent, Christine, Herman, Antoon e a família em Nuenen. Estava empenhado até o último cêntimo de seu trabalho e não podia mandar sequer um franco extra para Vincent.

E finalmente, no início de março, Vincent só tinha um franco, uma nota rasgada que já fora recusada por um mercador. Não restava qualquer comida na casa. O próximo dinheiro de Theo não chegaria antes de nove dias. Vincent ficou desesperadamente temeroso de confiar Christine às mãos da mãe por todo esse tempo.

— Sien, não podemos deixar as crianças passarem fome. É melhor você levá-las para a casa de sua mãe até a carta de Theo chegar.

Eles se fitaram por um momento, pensando as mesmas coisas, mas sem coragem para expressá-las.

— Está bem — murmurou ela. — Acho que não há outro jeito.

O merceeiro deu a Vincent um pão preto e algum café pela nota rasgada de um franco. Ele levou modelos para o estúdio e deveu-lhes o pagamento. Tornou-se cada vez mais nervoso. Seu trabalho estava duro e seco. Submetia o corpo a um regime de fome. As preocupações financeiras incessantes minavam as suas forças. Não podia continuar sem trabalhar, mas cada hora de trabalho mostrava-

lhe que estava perdendo terreno.

Ao final dos nove dias, pontualmente no dia 30, chegou a carta de Theo com os cinquenta francos. Sua “paciente” se recuperara da operação e ele a pusera numa casa particular. A pressão financeira também o atormentava e ele se tornara desanimado. Escreveu: “Infelizmente, não posso lhe garantir qualquer coisa para o futuro.”

Essa frase quase levou Vincent a perder o juízo. Theo estava querendo lhe dizer que não poderia mais enviar dinheiro? Isso, por si só, não seria tão terrível assim. Mas significava que, pelos desenhos que Vincent lhe enviava quase diariamente, a fim de mostrar o progresso de seu trabalho, o irmão concluíra que ele não possuía qualquer talento e não podia esperar por nada no futuro?

Vincent passava noites acordado, preocupando-se com o problema, escreveu muitas cartas a Theo, pedindo uma explicação. E procurou desesperadamente por meios de ganhar o próprio sustento. Não havia nenhum.

14

Quando ele foi procurar Christine, encontrou-a na companhia da mãe, irmã, amante do irmão e um homem estranho. Ela fumava um charuto preto e tomava gim. Não pareceu ficar absolutamente satisfeita com a perspectiva de voltar à Schenkweg.

Os nove dias na casa da mãe haviam lhe devolvido os antigos hábitos, os meios de vida destruidores.

— Posso fumar charutos se quiser! — gritou ela. — Você não tem o direito de me impedir, se for eu mesma quem os conseguir. O médico no hospital disse que eu podia tomar todo o gim do mundo.

— Como um medicamento... para melhorar seu apetite.

Christine desatou numa risada estridente.

— Medicamento! Que ...* você é!

Era uma expressão que ela não usava desde os primeiros dias do relacionamento. Vincent se encontrava num estado de sensibilidade extremada. Entrou num acesso de raiva incontrolável. Christine seguiu o exemplo, berrando:
— Você não está mais cuidando de mim! Nem mesmo me dá o que comer. Por que não ganha mais dinheiro? Afinal, que diabo de homem você é?

A medida que o inverno inclemente transformou-se numa primavera relutante, o estado de Vincent foi de mal a pior. Suas dívidas aumentaram. Como não podia oferecer ao estômago o alimento certo, este retribuía e devolvia tudo. Não podia engolir coisa alguma. Os males do estômago passaram para os dentes. A dor o mantinha acordado à noite. E dos dentes passou para o ouvido direito, que latejava terrivelmente durante o dia inteiro.

A mãe de Christine começou a aparecer na casa, fumando e bebendo com a filha. Não mais considerava Christine afortunada por ter casado.

Houve uma ocasião em que Vincent também encontrou o irmão em sua casa, mas este tratou de sair no instante em que o viu entrar.

— Por que ele veio aqui? — indagou Vincent. — O que ele quer de você?

— Eles dizem que você vai me expulsar de casa.

— Sabe que nunca farei isso, Sien. Não enquanto você quiser ficar.

— A mãe quer que eu vá embora. Diz que não adianta continuar aqui sem ter nada para comer.

— E para onde você iria?

— Para a casa de minha mãe, é claro.

— E levaria as crianças para aquela casa?

— É melhor do que passar fome aqui. Posso trabalhar e ganhar o meu sustento.

— Em que trabalharia?

— Bom... arrumaria alguma coisa.

— Como uma faxineira? Nas tinas?

— Acho que sim.

Vincent compreendeu imediatamente que ela estava mentindo.

— Então é isso o que eles estão tentando persuadi-la a fazer!

— Não é tão ruim assim... dá para ganhar a vida.

— Se voltar para aquela casa, Sien, estará perdida. Sabe que sua mãe a mandará novamente para as ruas. Lembre-se do que disse o médico em Leyden. Se você voltasse a essa vida, isso a mataria.

— Não vai me matar. Eu me sinto muito bem agora.

— Você se sente bem porque tem vivido com todo cuidado. Mas se voltar...

— Por Deus, quem vai voltar? A menos que você me mande!

Vincent sentou no braço da cadeira de vime, pôs a mão no ombro de Christine. Os cabelos dela estavam despenteados.

— Pode estar certa, Sien, de que nunca a abandonarei. Enquanto você estiver disposta a partilhar o que tenho, sempre a manterei comigo. Mas deve ficar longe de sua mãe e irmão. Eles a destruirão. Prometa, para o seu próprio bem, que nunca mais tornará a vê-los.

— Prometo.

Dois dias depois, quando voltou de uma sessão de desenhos na casa das esmolas, Vincent encontrou o estúdio vazio. Não havia qualquer sinal do jantar. Ele foi descobrir Christine na casa da mie, bebendo.

— Eu lhe disse que amo minha mãe — protestou Christine, quando voltavam para casa. — Acho que posso vê-la todas as vezes que quiser. Você não me possui. Tenho o direito de fazer o que me agradar.

Ela recaiu em todos os hábitos familiares e desleixados de sua vida anterior. Quando Vincent tentava corrigi-los, explicando que isso os estava separando, Christine respondia:

— Muito bem, sou preguiçosa e não sirvo para nada. Sempre fui assim e nada se pode fazer para evitar.

Se ele tentava mostrar o fim a que a indolência levaria, ela declarava: — Tem toda razão. Sou apenas um pária, acabarei me jogando no rio!

A mãe aparecia agora no estúdio quase todos os dias e tirava de Vincent a companhia que ele tanto prezara em Christine. A casa mergulhou no caos. As refeições se tomaram irregulares, Herman vivia esfarrapado e sujo, não mais frequentava a escola. Quanto menos Christine fazia, mais fumava e bebia gim.

Não revelava a Vincent de onde tirava o dinheiro para essas coisas.

O verão chegou. Vincent voltou a sair de casa para pintar. Isso implicava em novas despesas com tintas, pincéis, telas, cavaletes maiores.

Theo informava melhorias no estado de sua "paciente", mas havia sérios problemas no relacionamento. O que devia fazer com a mulher, agora que ela estava melhor?

Vincent fechava os olhos a tudo em sua vida pessoal e continuava a pintar. Sabia que sua casa estava sendo destruída, que era arrastado inexoravelmente para o desmazelo terrível que voltara a dominar Christine.

Tentava sepultar o desespero em seu trabalho. Todas as manhãs, quando partia em um novo projeto, esperava que aquela tela lhe sairia tão linda e perfeita que venderia imediatamente e consolidaria a sua posição. Todas as noites voltava para casa com a triste compreensão que ainda se encontrava a muitos anos da maestria com que sonhava.

Seu único alívio era Antoon, o bebê. Ele era um milagre de vitalidade, engolia todas as coisas comestíveis com muito riso e arrulhos.

Frequentemente ficava com Vincent no estúdio, sentado no chão, num canto. Exultava com os desenhos de Vincent, olhava quieto para os estudos nas paredes. Estava crescendo para se tornar um garoto bonito e vivaz.

Quanto menos atenção Christine dispensava ao filho, mais Vincent o amava. Ele via em Antoon o verdadeiro propósito e recompensa por suas ações do inverno anterior.

Weissenbruch apareceu apenas uma vez. Vincent mostrou-lhe alguns dos seus trabalhos do ano anterior. Tornarase terrivelmente insatisfeito com eles.

— Não se sinta assim — disse Weissenbruch. — Depois de muitos anos, olhará de novo estas peças iniciais e compreenderá que eram sinceras e penetrantes. Apenas continue em frente, meu rapaz, não deixe que nada o detenha.

O que finalmente o deteve foi um golpe na cara. Durante a primavera, Vincent levara um lampião para ser consertado. O mercador insistira que ele levasse alguns pratos novos para casa.

— Não tenho dinheiro para pagar — declarou Vincent.

— Não tem importância. Não há pressa. Leve os pratos assim mesmo e me pague quando tiver o dinheiro.

Dois meses depois o homem bateu na porta do estúdio. Era corpulento, um pescoço tão grosso quanto a cabeça.

— Por que mentiu para mim? — indagou ele. — Por que levou as minhas mercadorias e não me pagou, quando tinha dinheiro durante todo o tempo?

— Neste momento estou absolutamente sem dinheiro. Eu lhe pagarei assim

que receber.

— Isso é mentira! Você acaba de dar dinheiro a meu vizinho, o sapateiro!

— Estou trabalhando e não quero ser incomodado. Eu lhe pagarei quando receber o dinheiro. E agora, por favor, saia.

— Só sairei depois que me der o dinheiro e não antes! Vincent, desavisado, empurrou o homem na direção da porta. — Saia da minha casa!

Era apenas por isso que o homem esperava. Assim que foi tocado, ele acertou o punho direito na cara de Vincent, jogando-o contra a parede.

Ele tornou a esmurrar Vincent, derrubando-o no chão, depois saiu sem dizer mais nada.

Christine estava na casa da mãe. Antoon engatinhou pelo chão e afagou o rosto de Vincent, chorando. Depois de uns poucos minutos, recuperou os sentidos, arrastou-se pela escada até o sótão e estendeu-se na cama.

Os golpes não haviam machucado o rosto. Não sentia dor. Não se ferira quando caíra pesadamente no chão. Mas aqueles dois socos haviam rompido alguma coisa dentro dele e o derrotado. Ele sabia disso.

Christine voltou para casa. Subiu para o sótão. Não havia dinheiro nem jantar. Ela se perguntara muitas vezes como Vincent conseguia se manter vivo. Viu-o estendido na cama, a cabeça e os braços pendendo por um lado, os pés pelo outro.

— O que aconteceu, Vincent?

Depois de um longo tempo, ele encontrou forças para virar o corpo e arriar a cabeça no travesseiro.

— Sien, preciso deixar Haia.

— Sei disso.

— Tenho de sair daqui. Ir para qualquer lugar no campo. Talvez para Drenthe, onde possamos levar uma vida mais barata.

— Quer que eu o acompanhe? Drenthe é um buraco horrível. O que eu farei quando você não tiver dinheiro e não pudermos comer?

— Não sei, Sien. Acho que simplesmente não comeremos.

— Promete que gastará os 150 francos para nos sustentar? E não para gastar com modelos e tintas?

— Não posso prometer isso, Sien. Essas coisas estão em primeiro lugar.

— Estão só para você!

— Mas não para você. Por que deveriam estar?

— Também tenho de viver, Vincent. Não posso ficar sem comer.

— E eu não posso viver sem pintar.

— O dinheiro é seu... e você está em primeiro lugar... eu compreendo. Tem alguns cêntimos? Vamos tomar um vinho no café em frente à estação de Ryn.

O lugar cheirava a vinho azedo. Era o final da tarde, mas os lampiões não haviam sido acesos. As duas mesas em que haviam sentado naquele primeiro encontro se achavam vazias. Christine seguiu na frente até lá.

Cada um pediu um copo de vinho. Christine ficou mexendo na haste de seu copo. Vincent lembrou-se como admirara as suas mãos de trabalhadora quando ela fizera um gesto idêntico à mesa, quase dois anos antes.

— Eles me disseram que você acabaria me deixando — murmurou Christine. — E eu também sabia disso.

— Não quero abandoná-la, Sien.

— Não é um abandono, Vincent. Você nunca me fez nada que não o bem.

— Se ainda estiver disposta a partilhar minha vida, eu a levarei para Drenthe.

Ela sacudiu a cabeça, sem qualquer emoção.

— Não há o bastante para nós dois.

— Você compreende, não é mesmo, Sien? Se eu tivesse mais, daria qualquer coisa a você. Mas quando tenho de optar entre alimentá-la e alimentar meu trabalho...

Ela pôs a mão sobre a de Vincent; ele pôde sentir a sua pele áspera.

— Está tudo bem, Vincent. Não precisa se sentir angustiado por causa disso. Fez tudo o que podia por mim. Acho que já era tempo de acabarmos ... e isso é tudo.

— Quer que continuemos, Sien? Se isso a fará feliz, casarei com você e a levarei comigo.

— Não. Meu lugar é junto com minha mãe. Todos temos de viver as nossas próprias vidas. Não se preocupe, pois está tudo bem. Meu irmão vai alugar outra casa para sua garota e para mim.

Vincent esvaziou o copo, saboreando a borra amarga no fundo.

— Tentei ajudá-la, Sien. Amei-a e dei a você toda a bondade que havia em mim. Em troca, quero que faça uma coisa por mim. Só uma coisa.

— O que é ? — perguntou ela, apaticamente.

— Não volte às ruas. Isso a matará. Pelo amor de Anton, não retorne a essa vida.

— Temos dinheiro suficiente para outro copo de vinho?

— Temos.

Christine engoliu todo o conteúdo num só gole e depois disse: — Sei apenas que não posso ganhar o suficiente, especialmente quando tenho de pagar por todas as crianças. Assim, se eu voltar às ruas, será porque devo, não porque quero.

— Mas se encontrar bastante trabalho, promete que não voltará a essa vida?

— Prometo.

— Eu lhe mandarei dinheiro todos os meses, Sien. Sempre pagarei pelo sustento do bebê. Quero que ele tenha uma chance na vida.

— Ele acabará bem... assim como os outros.

Vincent escreveu para Theo, informando sua decisão de ir para o campo e cortar a ligação com Christine. Theo respondeu com uma nota extra de cem francos para saldar todas as dívidas e firmes palavras de aprovação. “Minha paciente desapareceu há poucas noites. Está completamente recuperada agora, mas parece que não somos capazes de encontrar qualquer relacionamento aceitável. Ela levou tudo e não deixou endereço. É melhor assim. Agora você e eu estamos livres.”

Vincent guardou todos os móveis no sótão. Queria voltar a Haia algum dia. Na véspera de sua partida para Drenthe ele recebeu uma carta e um pacote de Nuenen. No pacote havia algum tabaco e um dos bolos de queijo de sua mãe, envolto por papel oleado.

“Quando você virá para casa a fim de pintar aquelas cruzes de madeira no cemitério da igreja?”, indagava o pai.

E Vincent compreendeu no mesmo instante que queria voltar para a casa dos pais. Sentia-se doente, faminto, desesperadamente nervoso, fatigado e desanimado. Voltaria para junto da mãe por algumas semanas, até recuperar a saúde e a animação. Foi dominado por um sentimento de paz que não conhecia há muitos meses ao pensar em Brabant, com suas sebes e dunas, os camponeses trabalhando nos campos.

Christine e os dois filhos acompanharam-no até a estação. Ficaram parados na plataforma, incapazes de falar. O trem chegou e Vincent embarcou. Christine continuou parada no mesmo lugar, com o bebê no colo e segurando a mão de Herman. Vincent observou-os até o trem sair para a claridade ofuscante do sol e a mulher se perder para sempre na escuridão fuliginosa da estação.

**Em branco no original.*

Livro Quatro

NUENEN

Moinho em Kollen perto de Neunen (1884)

1

O presbitério em Nuenen era um prédio de dois andares, de pedra, caiado de branco, com um enorme jardim nos fundos. Havia olmos, sebes, canteiros de flores, um laguinho e três carvalhos podados. Embora Nuenen tivesse uma população de 2.600 pessoas, apenas cem eram protestantes. A igreja de Theodorus era muito pequena; Nuenen era um degrau abaixo da próspera cidade-mercado de Etten.

Nuenen era na verdade apenas um pequeno agrupamento de casas que margeavam os lados da estrada de Eindhoven, a metrópole do distrito.

A maioria dos habitantes era de tecelões e camponeses, cujas cabanas pontilhavam a charneca. Eram tementes a Deus e trabalhadores, vivendo de acordo com as maneiras e costumes de seus ancestrais.

Na frente do presbitério, por cima da porta, via-se em ferro preto a inscrição A 1764. A porta dava para a estrada e levava a um amplo vestíbulo, que dividia a casa pela metade. No lado esquerdo, separando a sala de jantar da cozinha, havia uma escada tosca, que levava aos quartos.

Vincent partilhou o quarto por cima da sala de estar com o irmão Cor.

Quando ele acordou, pela manhã, pôde contemplar o sol se levantar por cima da frágil torre da igreja de seu pai, projetando gentilmente sombras suaves sobre o laguinho. Ao pôr-do-sol, quando os tons eram mais profundos do que ao amanhecer, ele sentava-se numa cadeira à janela e contemplava as cores se espalhando pelo Iaguinho, como um espesso manto de óleo, depois se dissolvendo lentamente ao crepúsculo.

Vincent amava os pais; os pais o amavam. Todos os três tomaram a decisão desesperada de manter o relacionamento amistoso e agradável.

Vincent comia muito, dormia muito, às vezes andava pelos campos. Não conversava, não pintava e não lia. Todos na casa se mostravam meticulosamente corteses, como ele também. Era um relacionamento constrangido; antes de conversarem, tinham de dizer a si mesmos: “Devo ter cuidado. Não quero perturbar a harmonia.”

A harmonia perdurou por tanto tempo quanto a doença de Vincent.

Mas ele não podia se sentir à vontade na mesma sala com pessoas que pensavam de maneira diferente. O pai dizia: — Vou ler o “Fausto” de Goethe. Foi traduzido pelo reverendo Ten Kate e por isso não pode ser muito imoral.

E Vincent no mesmo instante sentia a irritação aflorar. Voltara para casa apenas para curtas férias de duas semanas, mas amava o Brabant e queria

continuar por mais tempo. Desejava pintar a natureza, com simplicidade e tranquilo, tentando não dizer coisa alguma além do que via.

Não tinha outra vontade que não viver no coração da região e pintar a vida rural. Como o bom Millet, queria conviver, compreender e pintar os camponeses. Possuía a firme convicção de que havia algumas pessoas que tinham sido atraídas para a cidade grande e lá ficaram, mas mantinham impressões indeléveis do interior, permaneciam saudosos por todas as suas vidas dos campos e dos camponeses.

Ele sempre soubera que voltaria ao Brabant algum dia e lá ficaria para sempre. Mas não podia permanecer em Nuenen se os pais não o quisessem.

— Uma porta deve ser aberta ou fechada — ele disse ao pai. — Vamos tentar chegar a um acordo.

— Tem razão, Vincent. É o que mais quero. Vejo que sua pintura chegará a alguma coisa, no final das contas, o que me deixa bastante satisfeito.

— Pois então me diga francamente se acha que podemos todos viver aqui em paz. Quer que eu fique?

— Quero.

— Por quanto tempo?

— O tempo que você desejar. Esta é a sua casa. Seu lugar é conosco.

— E se discordamos?

— Então não devemos nos perturbar por causa disso. Devemos tentar viver calmamente e respeitar um ao outro.

— Mas o que farei para ter um estúdio? Não quero trabalhar na casa.

— Estive pensando a respeito. Por que não usa o depósito no jardim? Pode tê-lo só para você. Ninguém o incomodaria.

O depósito ficava ao lado da cozinha, sem uma porta de comunicação. Era um cubículo, com uma janela pequena e no alto, dando para o jardim. O chão era de argila, sempre úmido no inverno.

— Faremos um fogo grande ali e enxugaremos o lugar, Vincent. E depois instalaremos um assoalho de madeira, a fim de que você possa trabalhar confortavelmente. O que acha?

Vincent olhou ao redor. Era um lugar humilde, muito parecido com as cabanas dos camponeses na charneca. Ele poderia convertê-lo num autêntico estúdio rural.

— Se aquela janela é muito pequena — acrescentou Theodorus — tenho algum dinheiro de reserva e poderemos aumentá-la.

— Não há necessidade. Está perfeita assim. Terei a mesma quantidade de luz no modelo que haveria se o desenhasse em sua própria cabana.

Eles trouxeram um barril perfurado e acenderam um fogo alto.

Depois que toda umidade secou nas paredes e no teto, quando o chão de barro estava duro, instalaram as tábuas. Vincent levou para lá sua cama pequena, uma cadeira e os cavaletes. Pregou os estudos nas paredes, desenhou um GOGH na parede branca junto da cozinha e se instalou para tomar-se um Millet holandês.

2

As pessoas mais interessantes em Nuenen eram os tecelões.

Habitavam em pequenas cabanas de chão de barro e teto de colmo, geralmente com dois cômodos. A família vivia num dos cômodos, com uma janela mínima deixando entrar uma réstia de luz. Havia recessos nas paredes, cerca de um metro do chão, para as camas; uma mesa, umas poucas cadeiras, uma estufa de carvão e um armário tosco para as panelas e louça. O chão era irregular, as paredes de lama batida. No outro cômodo, cerca de um terço menor e com metade da altura, ficava o tear.

Um tecelão que trabalhava com afinco podia produzir uma peça de sessenta metros em uma semana. Enquanto ele tecia, uma mulher tinha de bobinar. Sobre aquela peça o tecelão podia obter um lucro de quatro francos e meio por semana. Quando a levava ao fabricante, muitas vezes recebia o recado de que não poderia pegar outra para fazer em casa antes de uma ou duas semanas. Vincent descobriu que eles possuíam um espírito diferente dos mineiros da Borinage; eram quietos e não se ouvia em parte alguma discursos de rebelião. Mas pareciam tão animados quanto cavalos de carga ou as ovelhas transportadas de vapor para a Inglaterra.

Vincent fez amizade com eles rapidamente. Descobriu que os tecelões eram almas simples, querendo apenas trabalho suficiente para ganharem as batatas, café e fatias ocasionais de toucinho, as coisas com que subsistiam. Não se importavam que ele os pintasse enquanto trabalhavam. Mas Vincent nunca aparecia sem uma bala para as crianças da família ou uma bolsa de tabaco para o velho avô.

Ele descobriu um tear de carvalho muito antigo, de um marrom-esverdeado, em que estava gravada a data de 1730. Perto do tear, na frente de uma janelinha que dava para um terreno verde, havia uma cadeira de bebé. O bebê sentava ali por horas a fio. Era uma salinha miserável, com um chão de barro, mas Vincent encontrou uma certa paz e beleza, que tentou captar em sua tela.

Ele levantava-se de manhã bem cedo e passava o dia inteiro nos campos ou nas cabanas dos camponeses e tecelões. Sentia-se à vontade com as pessoas dos campos e dos teares. Não fora em vão que passara tantas noites com os mineiros, os cavadores de turfa e camponeses, meditando junto ao fogo. Testemunhando a vida camponesa continuamente, em todas as horas do dia, ele se tornara tão absorto que mal pensava em qualquer outra coisa. Procurava pelo ce qui ne passe pas dans ce qui passe.

Retomou a seu amor por desenhar a figura, mas tinha agora também outra paixão: a cor. As plantações de milho meio amadurecidas apresentavam uma tonalidade dourada-escura, avermelhada e bronze-ouro, levada a um máximo de efeito pelo contraste com a tonalidade irregular azul-cobalto do céu. Ao fundo havia figuras de mulheres, rudes, vigorosas, rostos e braços bronzeados pelo sol, roupas grosseiras cor de anil, empoeiradas, toucas pretas com o formato de boinas sobre os cabelos curtos.

Quando ele passava depressa pela estrada principal, cavalete pendurado nas costas, tela úmida debaixo do braço, as janelas de todas as casas se entreabriam uma fresta e olhos femininos curiosos e escandalizados o observavam. Em sua própria casa, ele descobria que o velho ditado, “Uma porta deve se abrir ou fechar”, não era inteiramente verdadeiro quando se aplicava às relações familiares. A porta da felicidade doméstica no presbitério tinha o hábito de permanecer numa posição misteriosa, que não era decididamente nem aberta nem fechada. A irmã Elizabeth o detestava; tinha medo de que as excentricidades de Vincent pudessem arruinar as suas possibilidades de casamento em Nuenen.

Willemien gostava dele, mas considerava-o um chato. E foi só muito depois que ele fez amizade com o irmão mais moço, Cor.

Vincent não jantava à mesa familiar, mas sim num canto, o prato no colo, os desenhos do dia ajeitados numa cadeira à sua frente, examinado seu trabalho com olhos penetrantes, reduzindo-o ao nada por imperfeições e valores deficientes. Jamais conversava com a família. E os outros raramente lhe dirigiam a palavra. Ele comia pão duro porque não queria adquirir o hábito de se regalar. De vez em quando, se o nome de algum escritor que apreciava surgia em conversa na mesa, ele se desviava dos seus estudos e falava por um momento. Mas, de um modo geral, descobria que quanto menos se falassem melhor seria para todos.

3

Ele pintava nos campos há cerca de um mês quando começou a experimentar a curiosa sensação de que estava sendo observado. Sabia que os habitantes de Nuenen sempre o vigiavam, que os camponeses nos campos descansavam sobre suas enxadas de vez em quando e o fitavam espantados. Mas aquilo era diferente. Tinha a impressão de que não era apenas observado, mas também seguido. Nos primeiros dias tentou ignorar, impacientemente. Mas não conseguiu se livrar da sensação de que um par de olhos parecia abrir buracos em suas costas. Muitas vezes esquadrinhou o campo ao redor, mas nada avistou. Houve uma ocasião em que teve a impressão de divisar a saia de uma mulher desaparecendo por trás de uma árvore, quando se virou abruptamente. Em outra ocasião, quando ele saiu da cabana de um tecelão, um vulto afastou-se apressadamente pela estrada.

E uma terceira vez, quando pintava no bosque, largou o cavalete e foi até um laguinho próximo para beber um pouco de água. Ao voltar, encontrou impressões de dedos na tinta úmida.

Vincent levou quase duas semanas para pegar a mulher. Desenhava camponeses a trabalharem no campo com suas enxadas; não muito longe havia uma velha carroça abandonada. A mulher postou-se por trás, enquanto ele trabalhava. Vincent pegou a tela e o cavalete subitamente, fingiu que voltava para casa. A mulher correu à sua frente. Ele seguiu-a discretamente, viu-a entrar na casa ao lado do presbitério.

— Quem vive na casa ao lado, à esquerda, mãe? — Vincent perguntou naquela noite, quando todos sentaram para o jantar.

— A família Begeman.

— Quem são eles?

— Não sabemos muito a respeito da família. Há cinco filhas e a mãe.

O pai evidentemente morreu há algum tempo.

— E como elas são?

— É difícil dizer. Elas são bastante reservadas.

— São católicas?

— Não. Protestantes. O pai era pastor.

— Algumas das moças são solteiras?

— Todas elas. Por que pergunta?

— Estava apenas imaginando. Quem sustenta a família?

— Ninguém. Elas parecem ser ricas.

— Por acaso conhece os nomes das moças?

A mãe fitou-o com uma expressão curiosa.

— Não.

No dia seguinte Vincent voltou ao mesmo lugar no campo. Queria captar o azul das figuras dos camponeses no milharal maduro ou contra as folhas murchas de uma sebe de faias. As pessoas usavam um tecido ordinário que elas próprias faziam, em preto e azul, num padrão listrado.

Quando o tecido desbotava, tomando-se descolorido pelo vento e o tempo, assumia um tom infinitamente suave e delicado, que ressaltava as cores da came.

No meio da manhã ele sentiu que a mulher estava novamente às suas costas. Pelo canto dos olhos divisou o seu vestido, num capão além da carroça abandonada.

— Eu a pegarei hoje — murmurou Vincent para si — mesmo que tenha de interromper este estudo no meio.

Ele adquiria cada vez mais o hábito de acrescentar um toque final, fixar a sua impressão da cena num grande arroubo de energia intensa. O que mais o impressionava nos velhos quadros holandeses era o fato de terem sido pintados rapidamente, que os grandes mestres gravavam uma coisa na primeira pincelada e depois não a retocavam. Haviam pintado depressa para manterem intacta a pureza de sua primeira impressão, do ânimo com que o tema fora concebido.

Esqueceu a mulher, no turbilhão da paixão criativa. Quando por acaso olhou ao redor, uma hora depois, notou que a mulher saíra do meio das árvores e se encontrava agora por trás da carroça. Sentiu vontade de correr e alcançá-la, perguntar por que o vinha seguindo durante todo o tempo. Mas não podia se afastar do seu trabalho. Depois de algum tempo, virou-se outra vez e descobriu surpreso que a mulher se achava parada na frente da carroça, fitando-o fixamente. Era a primeira vez que ela se mostrava.

Ele continuou a trabalhar, num ritmo febril. Quanto mais trabalhava, mais a mulher parecia se aproximar. Quanto mais paixão despejava na tela, mais quentes se tomavam os olhos fixados em suas costas. Vincent virou ligeiramente o cavalete para receber melhor a claridade e descobriu que a mulher estava parada agora no meio do campo, na metade do caminho para a carroça. Parecia hipnotizada, uma mulher andando no sono. Passo a passo, ela foi se aproximando, parando a cada vez, tentando se controlar, depois tomando a avançar, impelida na direção de Vincent por alguma força além de seu domínio. Ele sentia a mulher às suas costas. Virou-se abruptamente e fitou-a nos olhos. Havia uma expressão assustada e febril no rosto da mulher; ela parecia dominada por alguma emoção desconcertante que não podia controlar. Não olhava para Vincent, mas sim para sua tela. Vincent esperou que ela falasse. A mulher

permaneceu em silêncio. Ele voltou a se concentrar em seu trabalho e concluiu-o numa explosão final de energia. A mulher não se mexeu. Ele podia sentir o vestido roçando em seu casaco.

Era o final da tarde. A mulher se encontrava no campo há muitas horas. Vincent se achava esgotado, os nervos abalados pelo excitamento da criação. Levantou-se e virou-se para a mulher.

A sua boca estava ressequida. Ela umedeceu o lábio superior com a língua, depois o lábio inferior com o superior. A ligeira umidade se desvaneceu no mesmo instante e os lábios voltaram a ficar ressequidos.

Tinha uma das mãos na garganta e parecia encontrar dificuldade para respirar. Tentou falar, mas não conseguiu.

— Sou Vincent Van Gogh, seu vizinho. Claro que você já sabe disso.

— Sabia.

Foi um sussurro, tão débil que ele mal pôde ouvir.

— Qual das irmãs Begeman você é?

Ela balançou um pouco. Vincent segurou-a pela manga, firmando-a.

Ela tentou outra vez umedecer os lábios com a língua seca e fez diversas tentativas para falar, antes de conseguir.

— Margot.

— E por que você tem me seguido, Margot Begeman? Há várias semanas que venho notando.

Um grito abafado escapou dos lábios da moça. Ela cravou as unhas no braço de Vincent, a fim de se apoiar, mas acabou caindo no chão, desfalecida.

Vincent ajoelhou-se ao lado, passou o braço por baixo de sua cabeça, afastou os cabelos caídos sobre o rosto. O sol se punha, vermelho, sobre os campos e os camponeses voltavam para suas cabanas, cansados. Vincent e Margot ficaram sozinhos. Ele examinoua atentamente. Ela não era bonita.

E já devia ter passado há muito dos trinta anos. A boca parava abruptamente no lado esquerdo, mas no direito uma linha fina continuava a descer até quase o queixo. Havia círculos azulados com pequenas sardas sob os olhos. A pele parecia prestes a enrugar.

Vincent tinha um pouco de água no cantil. Umedeceu o rosto de Margot com um dos panos que usava para limpar tinta. Os olhos se abriram subitamente e ele viu que eram bonitos, um castanho profundo, temos, quase místicos. Derramou um pouco de água nas pontas dos dedos e passou-os pelo rosto de Margot. Ela estremeceu contra o seu braço.

— Está se sentindo melhor, Margot?

Ela continuou deitada por um breve instante, fitando os olhos de Vincent, azul-esverdeados, simpáticos, penetrantes, compreensivos. E depois, com um

soluço frenético, que parecia sair lá do fundo, ela enlaçou-o pelo pescoço e comprimiu seus lábios na barba ruiva.

4

No dia seguinte eles se encontraram num lugar combinado, a alguma distância da aldeia. Margot usava um atraente vestido de cambraia, branco, de gola alta, levava na mão um chapéu de verão. Embora ainda nervosa na companhia de Vincent, parecia mais controlada do que no dia anterior.

Vincent largou sua paleta quando ela chegou. Margot não possuía sequer uma fração da beleza delicada de Kay; mas em comparação com Christine, era uma mulher muito atraente.

Ele levantou-se, sem saber o que fazer. Normalmente tinha preconceito contra mulheres que usavam vestidos; seu estilo era mais o da saia e blusa. A chamada classe respeitável das mulheres holandesas não era particularmente atraente para se pintar ou contemplar. Ele preferia o tipo das criadas, frequentemente figuras ao estilo de Chardin.

Margot inclinou-se e beijou-o, simplesmente possessivamente, como se fossem namorados há um longo tempo, depois comprimiu-se contra ele, tremendo por um momento. Vincent estendeu seu casaco no chão para ela.

Ele sentou-se no banco. Margot inclinou-se contra seus joelhos e fitou-o com uma expressão que ele nunca vira antes nos olhos de uma mulher.

— Vincent... — murmurou ela, pela pura alegria de pronunciar o seu nome.

— O que é, Margot?

Ele não sabia o que fazer ou dizer.

— Você pensou coisas ruins de mim ontem à noite?

— Coisas ruins? Não. Por que deveria?

— Você pode achar difícil de acreditar, Vincent, mas ontem à noite foi a primeira vez que beijei um homem.

— Mas por quê? Nunca esteve apaixonada?

— Não.

— É uma pena.

— Não é mesmo? — ela ficou em silêncio por um instante. — Mas você já amou outras mulheres?

— Já, sim.

— Muitas?

— Não. Apenas... três.

— E elas o amaram?

— Não, Margot, elas não me amaram.

— Mas deviam ter amado.

— Sempre fui infeliz no amor.

Margot comprimiu-se ainda mais contra ele, descansou um braço em seu colo. Passou os dedos da outra mão pelo rosto de Vincent, alegremente, tocando o nariz forte, de ponte alta, a boca cheia e entreaberta, o queixo duro e arredondado. Um tremor percorreu-lhe o corpo; ela removeu os dedos.

— Como você é forte, Vincent... Tudo em você, os braços, o queixo, a barba. Nunca antes conheci um homem como você.

Ele pegou o rosto de Margot entre as mãos, rudemente. O amor e excitamento que vibravam ali tomavam-no atraente.

— Gosta de mim um pouco? — indagou ela, ansiosamente.

— Gosto.

— E vai me beijar?

Vincent beijou-a.

— Por favor, Vincent, não pense mal de mim. Não pude me conter. Eu me apaixonei... por você... não podia ficar longe.

— Você se apaixonou por mim? Realmente se apaixonou? Mas por quê?

Ela inclinou-se e beijou-o no canto da boca. — Por isso.

Eles ficaram sentados em silêncio. Ali perto ficava o Cimetière des Paysans. Há muito tempo que os camponeses encontravam o repouso final nos próprios campos que escavavam quando vivos. Vincent tentava transmitir em sua tela como a morte era uma coisa simples, tão simples quanto o cair de uma folha de outono, apenas um pouco de terra escavada, uma cruz de madeira. Os campos ao redor, onde a relva do cemitério terminava, além de um muro pequeno, formavam uma última linha contra o céu, como o horizonte do mar.

— Sabe alguma coisa a meu respeito, Vincent? — perguntou ela, suavemente.

— Muito pouco.

— Eles... alguém lhe falou... da minha idade?

— Não.

— Tenho 39 anos. E dentro de poucos meses farei quarenta. E nos últimos cinco anos venho dizendo a mim mesma que se não amasse alguém antes dos quarenta acabara me matando.

— Mas é fácil amar, Margot.

— Você acha?

— Acho, sim. Apenas ser amado em troca é que é difícil.

— Não é assim. Em Nuenen é muito difícil. Há mais de vinte anos que venho querendo desesperadamente amar alguém. E nunca fui capaz.

— Nunca?

Ela desviou os olhos.

— Uma vez... quando eu era uma garota... gostei de um rapaz.

— E o que aconteceu?

— Ele era católico. Elas afastaram-no.

— Elas?

— Minha mãe e irmãs.

Margot ficou de joelhos na terra escura do campo, sujando o lindo vestido branco. Pôs os cotovelos nas coxas de Vincent, encostou o rosto em suas mãos. Os joelhos de Vincent roçavam gentilmente nos lados do corpo de Margot.

— A vida de uma mulher é vazia se ela não tem amor para preenchê-la, Vincent.

— Sei disso.

— Todas as manhãs, quando acordava, eu dizia a mim mesma: “Hoje certamente encontrarei alguém para amar. Se outras mulheres encontram, por que eu não posso também?” Mas a noite chegava e eu continuava sozinha e desesperada. Uma sucessão interminável de dias vazios, Vincent. Nada tenho para fazer em casa... pois temos criadas... e cada hora era ocupada pelo anseio de amor. A cada noite eu me dizia: “Você podia muito bem ter morrido hoje, por tudo o que viveu.” Mas eu insistia em me animar com o pensamento de que algum dia, de alguma maneira, apareceria um homem a quem eu poderia amar. Meus aniversários passaram, 37, 38 e 39 anos. Eu não podia enfrentar os quarenta anos sem jamais ter amado. E foi então que você apareceu, Vincent. *Agora eu também amei finalmente!*

Era um grito de triunfo, como se ela houvesse conquistado uma grande vitória. Margot levantou o rosto, oferecendo a boca para ser beijada. Vincent empurrou-lhe os cabelos para trás gentilmente. Ela enlaçou-o pelo pescoço e beijou-o mil vezes. Sentado ali, em seu banquinho de pintor, a paleta ao lado e o Cimetière des Paysans em frente, abraçando a mulher ajoelhada e engolfado pelo fluxo de sua paixão, Vincent experimentou pela primeira vez na vida o conforto exuberante e curativo do amor extravasado de uma mulher. E ele tremeu, pois sabia que se encontrava em terreno sagrado.

Margot sentou-se na terra, entre as suas pernas, a cabeça recostada em seu joelho. Havia cor em suas faces e brilho nos olhos; ela respirava fundo e com esforço. No ardor de sua paixão não parecia ter mais do que trinta anos. Vincent, incapaz de sentir absolutamente qualquer coisa, passou os dedos sobre a pele macia de seu rosto, até que ela pegou-lhe a mão, beijou-a, comprimindo a palma contra sua face ardendo. Depois de um longo momento, ela murmurou:

— Sei que você não me ama. Isso seria pedir demais. Só rezei a Deus para que me permitisse ficar apaixonada. Nunca sequer sonhei que seria possível alguém me amar. Amar é que é importante, Vincent, não ser amada!

Vincent pensou em Ursula e Kay.

— Tem razão.

Ela esfregou a parte posterior da cabeça contra o joelho de Vincent, contemplando o céu azul.

— E você me deixará acompanhá-lo? Se não quiser falar, ficarei sentada em silêncio, sem dizer uma só palavra. Só quero ficar perto de você. Prometo que não o incomodarei, não interferirei com seu trabalho.

— Claro que pode me acompanhar. Mas diga-me uma coisa, Margot: se não havia homens em Nuenen, por que não foi embora? Pelo menos para uma visita a outro lugar? Não tinha dinheiro?

— Tinha, sim... e muito dinheiro. Meu avô deixou-me uma boa renda.

— Então por que não foi para Amsterdam ou Haia? Teria conhecido alguns homens interessantes.

— Elas não queriam que eu fosse embora.

— Nenhuma de suas irmãs casou, não é mesmo?

— Nenhuma, querido. Nós cinco somos solteiras.

Uma pontada de angústia se abateu sobre Vincent. Era a primeira vez que uma mulher chamava-o de querido. Ele conhecera antes como era terrível amar e não ser amado em retribuição, mas jamais suspeitara da profunda doçura de ter uma boa mulher a amá-lo com toda a força de seu ser. Encarava o amor de Margot como uma espécie de insólito acidente, no qual não tinha qualquer participação. Aquela única e simples palavra, pronunciada por Margot tão suave e afetuosamente, mudou todo o seu estado mental. Abraçou-a, comprimindo-lhe o corpo trêmulo contra o seu.

— Vincent, Vincent, eu o amo tanto...

— Como parece estranho ouvir você dizer que me ama muito.

— Não importa agora que eu tenha passado todos esses anos sem amor. Valeu a pena esperar por você, meu querido. Em todos os meus sonhos de amor nunca imaginei que pudesse sentir por alguém o que sinto por você.

— Eu também a amo, Margot.

Ela se afastou ligeiramente.

— Não precisa me dizer isso, Vincent. Talvez, depois de algum tempo, você venha a gostar de mim um pouco. Mas, agora, tudo o que peço é que me deixe amá-lo!

Ela se desvencilhou dos braços de Vincent, puxou o casaco para o lado e sentou em cima.

— Vá trabalhar, querido. Não devo atrapalhá-lo. E adoro observá-lo pintar.

5

Quase todos os dias Margot acompanhava Vincent quando ele saía para pintar. Muitas vezes ele caminhava dez quilômetros até encontrar o ponto exato nos campos em que queria trabalhar. Chegavam exaustos e esgotados pelo calor. Mas Margot nunca se queixava. A mulher sofrera uma espantosa metamorfose. Os cabelos, que eram de um castanho-opaco, adquiriram uma lustrosa tonalidade alourada. Os lábios eram antes finos e ressequidos; agora, sua boca se mostrava cheia e vermelha. A pele fora seca e quase enrugada, agora era lisa, macia e quente. Os olhos pareciam ter se dilatado, os seios estufara.. a voz assumiu uma nova cadência, os passos tornaram-se firmes e vigorosos. O amor lhe abrira alguma estranha fonte interior. Ela era constantemente banhada pelo elixir do amor. Levava almoços de surpresa para agradar Vincent, mandou buscar em Paris algumas gravuras que ele mencionara com admiração, e jamais se intrometia em seu trabalho. Quando Vincent pintava, ela ficava perfeitamente imóvel a seu lado, inundada pela mesma paixão exuberante que ele punha em suas telas.

Margot nada sabia de pintura, mas possuía uma inteligência rápida e sensível, a capacidade de dizer a coisa certa no momento certo. Vincent descobriu que, sem saber, ela compreendia. Margot dava-lhe a impressão de um violino Cremona que fora estragado por reparadores desajeitados. “Se ao menos eu a tivesse conhecido dez anos antes!”, refletia ele.

Um dia Margot perguntou-lhe, quando ele se preparava para iniciar uma nova tela:

— Como pode ter certeza de que o ponto que escolheu sairá direito na tela?

Vincent pensou por um momento e depois respondeu: — Se eu quero ser ativo, não devo ter medo de fracassos. Quando vejo uma tela vazia me olhando com uma certa imbecilidade, tenho de pintar alguma coisa.

— E você pinta mesmo depressa. Nunca vi nada crescer tão rapidamente quanto as suas telas.

— Tenho de fazê-lo. É paralisante o olhar de uma tela vazia que me diz: “Você não sabe de nada!”

— Está querendo dizer que é uma espécie de desafio?

— Exatamente. A tela vazia me fita como uma idiota, mas sei que tem medo do pintor ousado que se atreve, que rompeu de uma vez por todas o encantamento. A própria vida se vira para um homem com um vazio infinito, um lado em branco desanimador e irremediável, em que nada está escrito, Margot,

da mesma forma que esta tela vazia.

— Tem razão.

— Mas o homem de fé e energia não se deixa assustar pelo vazio. Ela avança, age, constrói, cria e ao foral a tela não está mais vazia, mas coberta com as cores profundas da vida.

Vincent gostava do amor de Margot. Ela nunca o fitava com olhos críticos. Julgava certo tudo o que ele fazia. Não lhe dizia que suas maneiras eram rudes, que sua voz era áspera, que havia rugas desagradáveis em seu rosto. Jamais o condenava por não ganhar dinheiro ou sugeria que ele fizesse alguma outra coisa além de pintar. Voltando para casa ao crepúsculo, o braço pela cintura de Margot, a voz suave por sua simpatia, Vincent falava de todas as coisas que fizera, explicava por que preferia pintar *o rouwboerke* (camponês de luto) ao invés do prefeito, por que achava uma camponesa de saia e blusa azuis, empoeiradas e remendadas, mais linda do que uma dama. Margot nada questionava, tudo aceitava. Ele era o que era, e ela o amava completamente.

Vincent não era capaz de se acostumar à sua nova situação. Todos os dias esperava que o relacionamento se rompesse, que Margot se tomasse indelicada e cruel, que o confrontasse com seus fracassos. Mas o amor de Margot aumentou com' a passagem do verão; ela lhe concedia a plenitude de compreensão e adoração que somente uma mulher madura podia oferecer. Insatisfeito porque ela não se rebelava por sua própria iniciativa, Vincent tentou estimulá-la à condenação pelo relato mais sombrio que era possível de seus fracassos. Só que ela não os encarou como fracassos, mas como simples relatos dos motivos pelos quais ele fazia o que tinha de fazer. Vincent falou de seus insucessos em Amsterdam e na Borinage.

— Certamente foi um fracasso — disse ele. — Tudo o que fiz ali foi errado, não é mesmo?

Margot sorriu, indulgente.

— O rei não pode fazer nada errado.

Ele beijou-a. Em outro dia Margot lhe disse: — Minha mãe falou que você é um homem corrompido. Soube que você viveu com mulheres desregradas em Haia. Eu disse a todas elas que isso não passava de um escândalo perverso.

Vincent relatou a história de Christine. Margot escutou com um vestígio da melancolia taciturna que havia em seus olhos antes que o amor a dissipasse.

— Sabe, Vincent, há alguma coisa parecida com Cristo em você.

Tenho certeza que meu pai também pensaria assim.

— E isso é tudo o que tem a me dizer quando lhe conto que vivi por dois anos com uma prostituta?

— Ela não era uma prostituta, mas a sua esposa. O fracasso em salvá-

la não foi culpa sua. Assim como também não teve qualquer culpa no fracasso em salvar os Borains. Um homem pode fazer muito pouco contra toda uma civilização.

— É verdade, Christine era minha esposa. Eu disse a meu irmão Theo, quando era mais jovem: "Se não posso ter uma boa esposa, terei uma ruim. Melhor uma ruim do que absolutamente nenhuma."

Houve um silêncio ligeiramente tenso; o assunto de casamento nunca aflorara entre os dois.

— Só há uma coisa que lamento no caso de Christine — murmurou Margot. — Eu gostaria de ter para mim esses dois anos de seu amor.

Vincent desistiu de tentar acabar com o amor de Margot e passou a aceitá-lo.

— Quando eu era mais jovem, Margot, achava que as coisas dependiam do acaso, de pequenos acidentes e incompreensões, que não tinham qualquer razão. Mas, ao ficar mais velho, comecei a perceber motivos mais profundos. O problema da maioria das pessoas é que, por uma espécie de fatalidade, têm de procurar por um longo tempo pela luz.

— Como eu tive de procurar por você!

Eles chegaram à porta baixa de uma casa de tecelão. Vincent apertou-lhe a mão afetuosamente. Margot presenteou-o com um sorriso de rendição tão doce que ele se perguntou por que o destino julgara conveniente manter o amor a sua distância durante todos aqueles anos. Eles entraram na cabana de teto de colmo. O verão se transformara em outono e os dias se tornavam mais escuros. Um lampião estava suspenso sobre o tear. Uma peça de pano vermelho se achava em produção. O tecelão e a esposa ajeitavam os fios; vultos escuros, encurvados, contra a luz, ressaltando contra a cor do tecido, projetando enormes sombras nas ripas e vigas do tear. Margot e Vincent trocaram um sorriso compreensivo; ele lhe ensinara a perceber a beleza latente nos lugares feios.

Por volta de novembro e da *chute des feuilles,* quando todas às folhas nas árvores caíam em poucos dias, Neunen inteira falava sobre Vincent e Margot. A aldeia gostava de Margot; desconfiava e temia Vincent. A mãe e as quatro irmãs de Margot tentaram acabar com o relacionamento, mas ela insistiu que era apenas uma amizade. Que mal podia haver em andarem juntos pelos campos? As Begemans sabiam que Vincent era um nômade e esperavam confiantes que ele partisse a qualquer dia. Elas não estavam muito preocupadas. A aldeia estava; comentava-se interminavelmente que nada de bom podia resultar daquele estranho Van Gogh e que a família Begeman lamentaria profundamente se não mantivesse sua filha afastada de Vincent.

Vincent não podia compreender por que as pessoas da cidade tanto o detestavam. Ele não interferia com ninguém, não prejudicava ninguém.

Não entendia que estranha imagem ele projetava naquele refúgio tranquilo, onde a vida não mudara em uma palavra ou costume por centenas de anos.

Foi somente depois que descobriu que os habitantes julgavam-no um ocioso que perdeu a esperança de conquistar-lhe a simpatia. Dien van den Beek, um pequeno comerciante, cumprimentou-o um dia quando ele passava e lançou o desafio da aldeia.

— O outono chegou e o bom tempo acabou, hem?

— É verdade.

— Um homem pode supor que você começará a trabalhar em breve, hem?

Vincent mudou o cavalete nas costas para uma posição mais confortável.

— Isso mesmo. É o que estou indo fazer agora.

— Estou falando de trabalho de verdade, o que você faz durante o ano inteiro.

— Pintar é o meu trabalho.

— Estou falando de um trabalho pelo qual você é pago. Um emprego.

— Ir para os campos, como está me vendo fazer agora, é o meu trabalho, Mijnheer van den Beek, assim como o seu é vender mercadorias.

— Mas eu vendo mercadorias. Você vende o que faz?

Todas as pessoas com quem Vincent conversara na aldeia haviam lhe feito a mesma pergunta. Ele já começava a se cansar.

— Vendo às vezes. Meu irmão é um negociante de arte e compra.

— Deve começar a trabalhar, Mijnheer. Não é bom para você continuar nessa ociosidade. Um homem vai envelhecer e nada terá.

— Ociosidade? Trabalho duas vezes mais do que o tempo em que sua loja fica aberta.

— Chama isso de trabalho? Sentar e espalhar tinta numa tela? Isso não passa de diversão para crianças. Cuide de uma loja, trabalhe nos campos... é o trabalho de um homem de verdade. Você está ficando muito velho para desperdiçar seu tempo.

Vincent sabia que Dien van den Beek apenas formulava a opinião da aldeia e que para a mente provinciana as palavras artista e trabalhador eram mutuamente exclusivas. Ele desistiu de se preocupar com o que as pessoas pensavam e deixou de vê-las quando passavam na rua. Quando a desconfiança da população alcançou um clímax positivo, houve um acidente que lhe devolveu o favor da opinião pública.

Anna Cornelia quebrou a perna ao saltar do trem em Helmond. Foi levada imediatamente para casa. Embora não o revelasse à família, o médico temeu por sua vida. Vincent largou seu trabalho sem pensar duas vezes. A experiência na Borinage o transformara num excelente enfermeiro. O médico observou-o em

ação por meia hora e depois comentou:

— Você é melhor do que uma mulher. Sua mãe estará em excelentes mãos.

Os habitantes de Nuenen, que podiam ser tão generosos em momentos de crise quanto eram cruéis nas ocasiões de tédio, foram ao presbitério com comidas, livros e pensamentos confortadores. Observaram Vincent com total espanto; ele trocava a roupa de cama sem incomodar a mãe, banhava-a e alimentava-a, cuidava do gesso em sua perna. Ao final de duas semanas, a aldeia revisara inteiramente a opinião a seu respeito.

Vincent lhes falava em sua própria língua quando apareciam em visita.

Discutiam a melhor maneira de evitar as feridas de cama, que alimentos uma pessoa doente deve comer, até que ponto se deve manter o quarto aquecido. Conversando assim com Vincent e compreendendo-o, todos chegaram à conclusão de que, no final das contas, ele era um ser humano.

Quando a mãe sentiu-se um pouco.melhor e ele podia sair para pintar, por um curto período todos os dias, as pessoas o cumprimentavam com um sorriso e pelo nome. Vincent não mais sentia as janelas se entreabrirem furtivamente enquanto passava pela cidade.

Margot estava a seu lado em todas as ocasiões. Foi a única pessoa que não se espantou com a gentileza de Vincent. Eles conversavam um dia em voz baixa no quarto de Anna Comelia, quando ele por acaso comentou: — A chave para muitas coisas é o conhecimento meticuloso do corpo humano. Mas custa muito dinheiro aprender. Há um livro ótimo, “Anatomia para Artistas”, de John Marshall. Mas é muito caro.

— Não tem dinheiro para comprá-lo?

— Não... e não terei até vender alguma coisa.

— Vincent, você me faria muito feliz se me deixasse emprestar-lhe algum dinheiro. Sabe que tenho uma renda regular e jamais consigo gastá-la toda.

— É muita gentileza sua, Margot, mas não posso aceitar.

Ela não insistiu. Mas duas semanas depois entregou-lhe um pacote proveniente de Haia.

— O que é isto, Margot?

— Abra e veja.

Havia um pequeno bilhete no barbante. O pacote continha o livro de Marshall; o bilhete dizia:

PELO MAIS FELIZ DE TODOS OS ANIVERSÁRIOS.

— Mas não é o meu aniversário! — exclamou Vincent.

— Não é o seu, mas é o meu! — declarou Margot, rindo. — Meus quarenta anos, Vincent. Você me deu o presente da minha vida. Seja generoso e aceite, querido. Estou muito feliz hoje e quero que você também fique.

Eles se encontravam no estúdio do jardim. Não havia ninguém por perto, exceto Willemien, sentada com a mãe dentro da casa. Era o final da tarde e o sol de outono lançava uma mancha de luz na parede branca.

Vincent folheou o livro ternamente; era a primeira vez em que alguém, além de Theo, se mostrava tão feliz em ajudá-lo. Ele largou o livro na cama e abraçou Margot. Os olhos dela estavam ligeiramente enevoados pelo amor. Durante os últimos meses haviam trocado bem poucas carícias nos campos; tinham medo de serem vistos. Margot sempre se entregava plenamente, numa rendição generosa. Fazia agora cinco meses que Vincent deixara Christine; ele sentia-se um pouco nervoso, não confiava em si mesmo. Nada querida fazer para magoar Margot ou afetar o amor que ela lhe devotava.

Ele contemplou-lhe os doces olhos castanhos enquanto a beijava. Ela sorriu-lhe, depois fechou os olhos e entreabriu os lábios para recebê-lo.

Abraçaram-se firmemente, os corpos se ajustando da boca aos pés. A cama estava a apenas um passo. Juntos, eles sentaram. E naquele abraço esqueceram os anos sem amor que haviam tornado suas vidas tão desoladas.

O sol sumiu e o quadrado de luz na parede desapareceu. O estúdio foi invadido por um suave crepúsculo. Margot passou a mão pelo rosto de Vincent, estranhos sons saindo de sua garganta, na linguagem do amor.

Vincent sentiu que mergulhava para o abismo do qual só há um retomo precipitado. Arrancou-se dos braços de Margot e levantou-se de um pulo.

Foi até o cavalete, amassou a folha de papel em que estivera trabalhando.

Não havia qualquer som além do chamado da pega nas acácias e o tilintar dos sinos das vacas voltando aos estábulos. Depois de um momento, Margot disse, suavemente: — Você pode, se quiser, querido.

— Por quê? — perguntou Vincent, sem se virar.

— Porque eu o amo.

— Não seria direito.

— Eu já lhe disse antes, Vincent, que o rei não pode fazer nada errado.

Ele se abaixou, apoiado num joelho. A cabeça de Margot repousava no travesseiro. Vincent tomou a notar a linha no lado direito da boca, que corria até o queixo. Beijou-a. E beijou também o nariz estreito, as narinas largas, correu os lábios sobre a pele do rosto, que se tornara dez anos mais jovem. Ao crepúsculo, deitada receptiva com os braços em tomo do pescoço de Vincent, ela parecia novamente a linda moça que devia ter sido aos vinte anos.

— Eu também a amo, Margot. Não sabia disso antes, mas agora sei.

— É doce ouvi-lo dizer isso, querido — a voz era gentil e sonhadora. — Sei que você gosta um pouco de mim. E eu o amo com todo o meu coração. Isso me satisfaz.

Vincent não a amava como amara Ursula e Kay. Nem mesmo a amava como amara Christine. Mas sentia alguma coisa muito tema por aquela mulher deitada tão passivamente em seus braços. Sabia que o amor abrangia quase todo o relacionamento humano. Alguma coisa dentro dele se afligia com o pensamento de que sentia tão pouco pela única mulher no mundo que o amava sem reservas. Lembrou-se da agonia que sofrera porque Ursula e Kay não haviam retribuído seu amor. Respeitava o amor total que Margot sentia por ele, mas, de alguma forma inexplicável, achava-o um pouco desagradável. Ajoelhado sobre as tábuas do chão, no quarto escuro, o braço sob a cabeça da mulher que o amava tanto quanto ele amara Ursula e Kay, Vincent finalmente compreendeu por que as duas mulheres lhe haviam fugido.

— Margot, minha vida é pobre, mas eu me sentiria muito feliz se você a partilhasse.

— Quero partilhar tudo com você, querido.

— Podemos continuar aqui mesmo em Nueneu. Ou você prefere ir para outro lugar depois que casarmos?

Ela esfregou a cabeça na de Vincent, numa carícia.

— O que disse Rute? “Onde quer que fores, eu irei também.”

6

Eles não estavam absolutamente preparados para a tempestade que surgiu na manha seguinte quando transmitiram a notícia às respectivas famílias. Para os Van Goghs, o problema foi simplesmente de dinheiro.

Como ele podia tomar uma esposa quando Theo o sustentava?

— Primeiro, você deve ganhar dinheiro e acertar sua vida — declarou o pai. — E depois poderá casar.

— Se eu endireitar a minha vida com a verdade nua do meu ofício respondeu Vincent — começarei a ganhar dinheiro no momento oportuno.

— Então deve deixar para casar nesse momento oportuno, não agora!

A perturbação no presbitério foi apenas uma rajada sem grande importância em comparação com o que estava acontecendo na casa ao lado. Com cinco irmãs, todas solteiras, as Begemans podiam enfrentar o mundo com uma frente sólida. O casamento de Margot seria uma prova incontestável para a aldeia do fracasso das irmãs. Madame Begeman achava preferível que quatro de suas filhas fossem resguardadas de infelicidade adicional do que permitir que uma se tomasse feliz.

Margot não acompanhou Vincent na visita aos tecelões naquele dia.

Ela foi ao estúdio à tarde. Os olhos estavam inchados e vermelhos; parecia mais com os seus quarenta anos do que em qualquer outro momento anterior. Ela o comprimiu por um momento, num abraço desesperado.

— Elas o injuriaram terrivelmente durante o dia inteiro, Vincent. Nunca pensei que um homem pudesse ser tantas coisas horríveis e continuar a viver.

— Devia ter esperado tal reação.

— Eu esperava, mas não podia imaginar que elas o atacassem tão implacavelmente.

Vincent abraçou-a gentilmente e beijou-a no rosto.

— Deixe-as comigo. Irei até lá esta noite, depois do jantar. Talvez eu possa persuadi-las que não sou uma pessoa tão pavorosa.

Assim que entrou na casa das Begemans, Vincent compreendeu que se encontrava em território estranho e desconhecido. Havia algo de sinistro na atmosfera criada por seis mulheres, uma atmosfera que jamais era rompida por uma voz ou passos masculinos.

Elas conduziram-no à sala de visitas. Era fria e bolorenta. Há meses que ninguém entrava ali. Vincent conhecia os nomes das quatro irmãs, mas nunca se dera ao trabalho de ligar os nomes aos rostos. Todas pareciam caricaturas de

Margot. A irmã mais velha, que dirigia a casa, assumiu o comando da inquisição.

— Margot nos disse que você deseja se casar com ela. Pode-se perguntar o que aconteceu com sua esposa em Haia?

Vincent explicou tudo sobre Christine. A atmosfera na sala de visitas esfriou mais alguns graus.

— Qual é a sua idade, Mijnheer Van Gogh?

— Estou com 31 anos.

— Margot lhe disse que tem... — Já sei qual é a idade de Margot.

— Pode-se perguntar quanto dinheiro você ganha?

— Tenho 150 francos por mês.

— Qual é a fonte dessa renda?

— Meu irmão me manda.

— Está querendo dizer que seu irmão o sustenta?

— Não. Ele me paga um salário mensal. Em troca, recebe tudo o que pinto.

— E quanto ele vende?

— Não sei.

— Pois eu sei. Seu pai diz que ele ainda não vendeu nenhum dos seus quadros.

— Ele os venderá mais tarde. E lhes proporcionarão muitas vezes mais do que dariam agora.

— Isso é problemático, para dizer o mínimo. Creio que é melhor discutirmos os fatos.

Vincent estudou o rosto duro e desgracioso da irmã mais velha. Não podia esperar qualquer simpatia daquele lado.

— Se não ganha coisa alguma — acrescentou ela — pode-se perguntar como espera sustentar uma esposa?

— Meu irmão acha que é um bom negócio apostar 150 francos por mês em mim. Isso é problema dele e não de vocês. Para mim, representa um salário. E trabalho arduamente para ganhá-lo. Margot e eu podemos viver com esse salário, se soubermos economizar.

— Mas não precisaríamos! — interveio Margot. — Tenho o bastante para cuidar de mim!

— Cale-se, Margot! — ordenou a irmã mais velha.

— Lembre-se, Margot — disse a mãe — que eu tenho o poder de suspender a sua renda, se você fizer alguma coisa que desgrace o nome da família.

Vincent sorriu. — E casar seria uma desgraça?

— Sabemos muito pouco a seu respeito, Mijnheer Van Gogh, e esse pouco é lamentável. Há quanto tempo é um pintor?

— Três anos.

— E ainda não é bem-sucedido. Quanto tempo vai demorar para se tornar bem-sucedido?

— Não sei.

— O que fazia antes de começar a pintar?

— Fui negociante de arte, professor, livreiro, estudante de teologia e evangelista.

— E fracassou em tudo?

— Desisti de tudo.

— Por quê?

— Não era feito para essas coisas.

— Quanto tempo levará para desistir de pintar?

— Ele nunca fará isso! — exclamou Margot.

— Parece-me, Mijnheer Van Gogh — declarou a irmã mais velha — que está sendo presunçoso ao querer casar com Margot. E irremediavelmente *déclassé*, não tem um franco em seu nome nem qualquer meio de ganhá-lo; é incapaz de se ater a qualquer tipo de trabalho e anda de um lugar para outro como um ocioso e vagabundo. Como poderíamos permitir que nossa irmã case com você?

Vincent tirou o cachimbo do bolso, mas logo tomou a guardá-lo.

— Margot me ama e eu a amo. Posso fazê-la feliz. Viveríamos aqui por mais um ano e depois iríamos para o exterior. Ela nunca receberá qualquer outra coisa de mim que não gentileza e amor.

— Você a abandonará! — gritou uma das outras irmãs, que tinha a voz mais estridente. — Vai se cansar dela e a trocará por alguma mulher depravada como aquela de Haia!

— Só quer casar pelo dinheiro dela! — acrescentou outra.

— Mas não conseguirá — anunciou uma terceira. — A mãe reverterá a renda para o espólio.

Lágrimas afloraram aos olhos de Margot. Vincent levantou-se.

Compreendia que não adiantava perder tempo com aquelas megeras.

Simplesmente teria de casar com Margot em Eindhoven e partir para Paris imediatamente. Mas não queria deixar o Brabant por enquanto; seu trabalho ali ainda não terminara. Ele estremeceu ao pensar em deixar Margot naquela casa de mulheres áridas.

Margot sofreu muito nos dias subsequentes. A primeira neve caiu e Vincent foi obrigado a trabalhar no estúdio. As Begemans não permitiam que Margot o visitasse. Desde o momento em que saía da cama pela manhã e até o instante em que podia simular o sono, ela era forçada a escutar diatribes contra Vincent. Vivera com sua família por quarenta anos, conhecia Vincent há apenas poucos meses. Odiava as irmãs, pois sabia que haviam destruído a sua vida. Mas o ódio

é uma das formas mais obscuras de amor e às vezes gera um sentimento de dever mais forte.

— Não entendo por que você não vai embora comigo — disse Vincent. — Ou pelo menos casa comigo aqui mesmo, sem o consentimento delas.

— Elas não me deixariam.

— Sua mãe?

— Minhas irmãs. A mãe se limita a cruzar os braços e concordar.

— E tem importância o que suas irmãs dizem?

— Lembra-se que eu contei que quase me apaixonei por um rapaz quando era jovem?

— Lembro.

— Pois elas acabaram com isso. Minhas irmãs. Não sei por quê. Por toda a minha vida elas impediram tudo que eu queria fazer. Quando resolvia visitar parentes na cidade, elas não me deixavam viajar. Quando eu desejava ler, elas não permitiam a entrada na casa dos melhores livros. Cada vez que eu convidava um homem para ir à nossa casa, elas o injuriavam depois que ele se retirava, a fim de que eu nunca mais quisesse olhá-lo. Eu queria fazer alguma coisa com a minha vida, tomar-me uma enfermeira ou estudar música. Mas não era possível. Tinha de pensar as mesmas coisas que elas pensavam, viver exatamente como elas viviam.

— E agora?

— Agora elas não me permitem casar com você.

Muito da vida recentemente adquirida se desvanecera de sua voz e sua atitude. Os lábios se mostravam ressequidos e as sardas por baixo dos olhos sobressaíam.

— Tem medo de casar comigo sem o consentimento delas?

— Não — a voz de Margot não tinha força nem convicção. — Eu me matarei, Vincent, se elas me afastarem de você. Não poderia suportar. Não depois de tê-lo amado. Eu me matarei, isso é tudo.

— Elas não precisariam saber. Case primeiro e conte a elas depois.

— Não posso me virar contra elas. São muitas para mim. Não posso lutar com todas.

— Pois não precisa lutar com elas. Basta casar comigo e isso estará acabado.

— Não estaria acabado, Vincent. Seria apenas o começo. Você não conhece minhas irmãs.

— Nem quero conhecer! Mas farei outra tentativa esta noite.

Ele percebeu que era inútil no instante em que entrou na sala de visitas. Esquecera como o lugar era hostil.

— Já ouvimos tudo isso antes, Mijnheer Van Gogh — disse a irmã. — Não

nos convence nem impressiona. E tomamos uma decisão nessa questão. Queremos que Margot seja feliz, mas não queremos que desperdice sua vida. Decidimos que se vocês ainda quiserem casar ao final de dois anos retiraremos as objeções.

— Dois anos! — exclamou Vincent.

— Não estarei aqui dentro de dois anos — declarou Margot, suavemente.

— Onde você estará?

— Estarei morta. Eu me matarei se não me permitirem casar com ele.

Durante o fluxo de "Como pode dizer uma coisa dessas?" e "Estão vendo a influência perniciosa que ele exerce sobre a nossa irmã?", Vincent aproveitou para escapar. Não havia mais nada que ele pudesse fazer.

Os anos de desajustamento cobraram seu tributo a Margot. Ela não tinha nervos fortes nem possuía uma saúde das melhores. Sob o ataque frontal das cinco mulheres determinadas, seu espírito foi afundando mais, mais, a cada dia que passava. Uma jovem de vinte anos poderia ter lutado e saído incólume daquela batalha, mas Margot já perdera toda resistência e vontade. As rugas surgiram em seu rosto, a antiga melancolia retornou aos olhos, a pele tomou-se pálida e áspera. A linha no lado direito da boca aprofundou-se.

A afeição que Vincent sentira por Margot evaporou-se com a sua beleza. Ele nunca a amara realmente ou quisera se casar com ela; agora, queria ainda menos. Sentia-se envergonhado de sua insensibilidade, o que o tornava ainda mais ardente no ato de amor. Não sabia se Margot adivinhava os seus verdadeiros sentimentos.

— Você ama suas irmãs mais do que a mim, Margot? — perguntou um dia, quando ela conseguiu escapar para seu estúdio por uns poucos minutos.

Margot lançou-lhe um olhar de surpresa e censura. — Oh, Vincent!

— Então por que está disposta a renunciar a mim?

Ela se aninhou em seus braços como uma criança cansada. Sua voz saiu baixa e perdida:

— Se eu pensasse que você me ama tanto quanto o amo, enfrentaria o mundo inteiro. Mas significa tão pouco para você... e tanto para elas...

— Está enganada, Margot. Eu a amo...

Ela pôs um dedo nos lábios de Vincent, gentilmente.

— Não, querido. Você gostaria... mas não me ama. Não deve se sentir mal por causa disso. Quero ser a que ama mais.

— Por que não rompe com elas e passa a ser dona do próprio nariz?

— É fácil para.você dizer isso. É forte, pode lutar contra qualquer pessoa. Mas eu tenho quarenta anos... nasci em Nuenen... nunca estive mais longe do que Eindhoven. O problema, Vincent querido, é que nunca rompi absolutamente

com ninguém ou qualquer coisa durante toda a minha inútil existência.

— Entendo.

— Se fosse alguma coisa que *você* quisesse, Vincent, eu lutaria com toda a minha força. Mas é somente uma coisa que eu quero. E, no final das contas, chegou tão tarde... minha vida já passou a esta altura...

A voz de Margot baixou para um sussurro. Vincent levantou-lhe o queixo com o indicador e segurou-o com o polegar. Havia lágrimas não derramadas nos olhos de Margot.

— Minha querida menina... minha querida Margot... podemos ter toda uma vida juntos. Tudo o que se toma necessário é que você diga a palavra. Pegue as suas roupas esta noite, enquanto a sua família dorme. Pode entregá-las a mim pela janela. Iremos a pé até Eindhoven e pegaremos o trem da manhã para Paris.

— Não adianta, querido. Sou parte delas e elas são parte de mim. Mas, ao final, farei a minha vontade.

— Margot, não suporto que você seja infeliz assim.

Ela virou o rosto para Vincent. As lágrimas desapareceram. Um sorriso aflorou.

— Não, Vincent, estou feliz. Recebi aquilo que pedia. E tem sido maravilhoso amar você.

Ele beijou-a, sentindo em seus lábios o salgado das lágrimas que escorreram pelas faces.

— Parou de nevar — murmurou Margot, algum tempo depois. — Vai sair para pintar nos campos amanhã?

— Acho que sim.

— Onde você estará? Irei procurá-lo à tarde.

Vincent trabalhou pela tarde afora no dia seguinte, um gorro de pele na cabeça e a blusa de linho fechada no pescoço. O céu vespertino era lilás e dourado, sobre as silhuetas escuras das cabanas, entre as massas de moitas avermelhadas. Por cima se elevavam os choupos negros; o primeiro plano era de um verde desbotado, esbranquiçado, variado por tiras de terra preta e juncos secos pálidos, ao longo das valas.

Margot avançou apressadamente pelo campo. Usava o mesmo vestido branco em que Vincent a conhecera, com um xale nos ombros. Ele notou um ténue toque de cor em suas faces. Parecia com a mulher que desabrochara tão excepcionalmente sob o amor apenas umas poucas semanas antes. Carregava uma pequena cesta.

Passou os braços pelo pescoço de Vincent. Ele pôde sentir o coração de Margot batendo descompassado contra o seu peito. Inclinou a cabeça para trás e fitou-lhe os olhos castanhos. A melancolia desaparecera.

— O que foi, Margot? Aconteceu alguma coisa?

— Não, não... é que... eu me sinto tão feliz... por estar outra vez com você...

— Mas por que saiu com esse vestido leve?

Ela ficou em silêncio por um momento e depois disse: — Vincent, não importa para quão longe você vá, quero que se lembre sempre de uma coisa a meu respeito.

— O quê, Margot?

— Que eu o amei! Lembre-se sempre que eu o amei mais do que qualquer outra mulher em sua vida.

— Por que treme tanto?

— Não é nada. Fui detida e por isso me atrasei. Está quase acabando?

— Dentro de um momento.

— Pois então continue a trabalhar, meu querido, e acabe logo... a fim de podermos voltar juntos — ela estremeceu, aconchegou-se no xale e acrescentou: — Antes de recomeçar, Vincent, beije-me só mais uma vez. Da maneira como me beijou... aquela vez... em seu estúdio... quando fomos tão felizes nos braços um do outro.

Ele beijou-a ternamente. Margot ajeitou o vestido e sentou-se por trás dele. O sol desapareceu e o breve crepúsculo de inverno estendeu-se sobre a terra plana. O silêncio vespertino do campo envolveu-os.

Houve o tinido de uma garrafa. Margot ficou de joelhos, com um grito meio abafado, depois caiu ao chão com um espasmo violento.

Vincent levantou-se de um pulo e correu para o seu lado. Os olhos de Margot estavam fechados; havia em seu rosto um sorriso sardônico. Ela sofreu uma série de convulsões rápidas; o corpo tomou-se rígido, arqueado para trás, os braços dobrados. Vincent inclinou-se para a garrafa caída na neve. Um resíduo branco e cristalino ficara na parte interior do gargalo.

Era inodoro.

Ele pegou Margot no colo e correu desesperado pelos campos. A distância para Nuenen era de um quilômetro. Vincent temia que ela morresse antes de poder levá-la de volta à aldeia. Era pouco antes da hora do jantar. As pessoas sentavam na frente de suas portas. Vincent se aproximou pelo outro lado e teve de correr por toda a extensão da aldeia com Margot nos braços. Chegou à casa das Begemans, abriu a porta com um pontapé, foi deitar Margot no sofá da sala de visitas. A mãe e as irmãs entraram correndo na sala.

— Margot ingeriu veneno! — gritou Vincent. — Vou chamar o médico!

Ele correu para a casa do médico da aldeia e arrancou-o da mesa do jantar.

— Tem certeza de que foi estricnina? — indagou o médico.

— Era o que parecia.

— E ela ainda estava viva quando você deixou-a em casa?

— Estava.

Margot se contorcia no sofá quando chegaram lá. O médico inclinou-se sobre ela.

— Foi mesmo estricnina — disse ele. — Mas ela tomou também outra coisa para não sentir a dor. Parece que foi láudano. Não sabia que agiria como um antídoto.

— Então ela viverá, doutor? — perguntou a mãe.

— Tem uma chance. Devemos levá-la para Utrecht imediatamente. Ela terá de ficar sob permanente observação.

— Pode recomendar um hospital em Utrecht?

— Não creio que um hospital seja o mais aconselhável. É melhor deixá-la numa *maison de santé* por algum tempo. Conheço uma ótima. Mande aprontar sua carruagem. Precisamos pegar o último trem que sai de Eindhoven.

Vincent ficou num canto escuro, em silêncio. A carruagem foi levada para a frente da casa. O médico enrolou Margot num cobertor e levou-a para a carruagem. A mãe e as quatro irmãs foram atrás. Vincent fechava a retaguarda. Sua família se postava na varanda do presbitério, ao lado. Toda a aldeia se reunira diante da casa das Begemans. Houve um silêncio opressivo quando o médico saiu com Margot nos braços. Ele ajeitou-a lá dentro. As mulheres entraram, Vincent ficou parado ao lado. O médico pegou as rédeas. A mãe de Margot virou-se, avistou Vincent e gritou: — Você é o culpado! Matou minha filha!

A multidão olhou para Vincent. O médico estalou o chicote, fazendo os cavalos partirem. A carruagem desapareceu pela estrada.

7

Antes de sua mãe fraturar a perna, os aldeões se mostravam hostis em relação a Vincent porque desconfiavam dele e não podiam compreender a sua maneira de viver. Mas nunca o haviam detestado ativamente. Agora, viraram-se contra ele violentamente. Vincent podia sentir o ódio a cercá-lo por todos os lados. As pessoas viravam as costas quando ele se aproximava. Ninguém o via, não falavam com ele. Parecia um pária.

Vincent não se importava por si mesmo — afinal, os tecelões e camponeses em suas cabanas ainda o aceitavam como um amigo — mas quando as pessoas deixaram de visitar seus pais no presbitério ele compreendeu que tinha de ir embora.

Sabia que a melhor coisa a fazer era sair do Brabant inteiramente e deixar os pais em paz. Mas para onde iria? O Brabant era o seu lar. Queria viver ali para sempre. Desejava desenhar os tecelões e camponeses; encontrava nisso a única justificativa para o seu trabalho. Sabia que era uma boa coisa no inverno afundar na neve, no outono afundar nas folhas amareladas, no verão circular entre o milho maduro, na primavera entre a relva verde. Era sempre maravilhoso conviver com os ceifeiros e as camponesas no verão, sob um vasto céu, acompanhá-los no inverno ao lado do fogo, sentir que sempre fora assim e sempre seria.

Para ele, *o Angelus* de Millet fora o mais perto que o homem já chegara de criar alguma coisa divina. Na rudeza da vida camponesa ele encontrava a única realidade verdadeira e duradoura. Queria pintar ao ar livre, no próprio local. Teria de afugentar centenas de moscas, batalhar contra a poeira e a areia, ficar com as telas arranhadas enquanto as carregava por horas a fio pelos campos e sebes. Mas, quando voltava, Vincent sabia que se confrontara com a realidade, captando alguma coisa de sua simplicidade elementar. Se os seus quadros rurais recendiam a toucinho, fumaça e batata, isso não era insalubre. Se um estábulo recendia a estrume, isso pertencia ao estábulo. Se os campos tinham uma fragrância de milho maduro, guano ou estrume, isso também era saudável... especialmente para os habitantes das cidades.

Vincent resolveu o seu problema de uma maneira muito simples. A uma curta distância, pela estrada, ficava a igreja católica, tendo ao lado a casa do zelador. Johannus Schafrath era alfaiate; exercia esse ofício quando não estava cuidando da igreja. Sua esposa Adriana era uma boa alma. Ela alugou dois cômodos para Vincent, sentindo prazer por ser capaz de fazer alguma coisa pelo

homem contra quem toda a aldeia se virara.

A casa dos Schafraths era dividida ao meio por um corredor grande; à direita de quem entrava ficavam os aposentos da família, enquanto à esquerda havia uma sala de estar grande, dando para a estrada, com um cômodo menor por trás. A sala de estar tomou-se o estúdio de Vincent e o outro cômodo o seu depósito. Ele dormia lá em cima, no sótão, metade do qual era usado para pendurar a roupa lavada. Na outra metade havia uma cama alta com um *veeren bed e* uma cadeira. Quando a noite chegava, Vincent largava suas roupas na cadeira, acomodava-se na cama, fumava cachimbo por algum tempo, observando o brilho se desvanecer na escuridão, antes de finalmente dormir.

Ele pendurou no estúdio seus desenhos em aquarela e giz. Eram cabeças de homens e mulheres, cujos narizes negróides, queixos protuberantes e orelhas grandes eram consideravelmente acentuados. Havia tecelões e teares, mulheres puxando os fios, camponeses plantando batatas.

Vincent manteve a amizade com seu irmão Cor; juntos, construíram um armário e recolheram pelo menos trinta espécies diferentes de ninhos de passarinhos, todos os tipos de musgos e plantas da charneca, fios, rodas de fiar, aquecedores de cama, ferramentas de camponeses, gorros e chapéus velhos, sapatos de madeira, pratos e tudo o mais relacionado com a vida rural. Puseram até uma pequena árvore num dos cantos dos fundos.

Vincent instalou-se para trabalhar. Descobriu que o bistre e o betume, que a maioria dos pintores estava abandonando, tomavam as suas cores mais firmes e suaves. Descobriu que não precisava pôr muito amarelo numa cor para fazê-la parecer muito amarela, se a colocasse ao lado de um tom violeta ou lilás.

E também descobriu que o isolamento é uma espécie de prisão.

Em março, o pai, que acabara de percorrer uma grande distância pela charneca para visitar um paroquiano doente, caiu nos degraus dos fundos do presbitério. Já estava morto quando Anna Cornelia alcançou-o.

Sepultaram-no no jardim perto da velha igreja. Theo veio para o funeral. E naquela noite sentaram-se no estúdio de Vincent, conversando primeiro sobre os problemas da família e depois sobre o trabalho de ambos.

— Ofereceram-me mil francos por mês para deixar a Goupils e trabalhar numa galeria nova — informou Theo.

— E você aceitará?

— Acho que não. Tenho a impressão que a política dela será puramente comercial.

— Mas você escreveu justamente isso sobre a Goupils...

— E é verdade. *Les Messieurs* também estão atrás de grandes lucros. Mas o problema é que estou com eles há doze anos. Por que deveria mudar por causa

de mais uns poucos francos? Algum dia eles podem me pôr no comando de uma das filiais. Se o fizerem, começarei a vender os impressionistas.

— Impressionistas? Acho que já vi esse nome impresso em algum lugar. Quem são eles?

— Apenas os pintores mais jovens de Paris: Edouard Manet, Degas, Renoir, Claude Monet, Sisley, Courbet, Lautrec, Gauguin, Cezanne, Seurat.

— De onde eles tiraram o nome?

— Da exposição de 1874 em Nadar's. Claude Monet apresentou uma tela a que deu o nome *Impression: Soleil Levant.* Um crítico de jornal, chamado Louis Leroy, comentou que era uma exposição de *Impressionistes e o* nome pegou.

— Eles trabalham com cores claras ou escuras?

— Claras. Desprezam as cores escuras.

— Então não creio que eu poderia trabalhar com eles. Tenciono trocar minhas tonalidades, mas vou escurecê-las, em vez de clareá-las.

— Talvez pense de maneira diferente quando for a Paris.

— É possível. Algum deles está vendendo?

— Durand-Ruel vende um Manet ocasional. E isso é praticamente tudo.

— Então como eles sobrevivem?

— Só Deus sabe. Rousseau dá aulas de violino a crianças. Gauguin toma emprestado de seus antigos amigos na bolsa de valores. Seurat é sustentado pela mãe e Cezanne pelo pai. Não posso imaginar de onde os outros tiram seu dinheiro.

— Conhece todos eles, Theo?

— Conheço. Pouco a pouco, tenho feito contato com todos. Tento persuadir *les Messieurs* a lhes concederem um pequeno canto para exposição na Goupils. Mas eles não querem tocar numa tela impressionista nem com uma vara de um metro

— Esses sujeitos parecem ser do tipo que eu deveria conhecer. Sabe, Theo, você não faz absolutamente nada para me proporcionar alguma distração pelo encontro com outros pintores.

Theo foi até a janela da frente e olhou pelo pequeno gramado que separava a casa do zelador da estrada para Eindhoven.

— Pois então vá para Paris e viva comigo, Vincent. Certamente acabará lá, mais cedo ou mais tarde.

— Ainda não estou pronto. Preciso primeiro terminar algum trabalho aqui.

— Se continuar nas províncias, não pode esperar se associar com outros pintores.

— É bem possível. Mas há uma coisa que não consigo entender, Theo. Você nunca vendeu um único desenho ou quadro meu. Na verdade, nunca sequer

tentou. Ou estou enganado?

— Não, não está.

— Por que, Theo?

— Mostrei o seu trabalho a connoisseurs. Eles dizem...

— Ah, os connoisseurs! — Vincent deu de ombros. — Conheço muito bem as banalidades a que se entregam a maioria dos connoisseurs. Você certamente sabe, Theo, que as opiniões deles não têm muito a ver com a qualidade intrínseca de uma obra de arte.

— Eu não diria isso. Seu trabalho é quase vendável, mas...

— Theo, Theo, essas são praticamente as palavras que você me escreveu quando lhe enviei os primeiros desenhos de Etten.

— E são verdadeiras, Vincent. Você parece constantemente prestes a alcançar uma maturidade extraordinária. Examino cada novo desenho ansiosamente, esperando que finalmente tenha acontecido. Mas até agora...

— Quanto a ser vendável ou invendável — interrompeu-o Vincent, batendo a cinza do cachimbo na estufa — é um problema antigo com que não quero perder tempo.

— Você diz que tem trabalho a realizar aqui. Pois termine logo. Quanto mais cedo for para Paris, melhor será para você. Mas se quer que eu o venda até lá, mande-me quadros ao invés de estudos. Ninguém quer comprar estudos.

— É muito difícil determinar onde termina um estudo e começa um quadro. Deixe que nós pintemos como podemos, Theo, que sejamos nós mesmos, com todos os nossos defeitos e qualidades. E digo “nós” porque o dinheiro é seu, sei o quanto lhe custa ganhá-lo para mim. Isso lhe dá o direito de considerar que metade da criação é sua.

— Quanto a isso...

Theo foi até os fundos da sala, ficou mexendo numa touca velha, pendurada na árvore.

8

Antes da morte do pai Vincent só visitava o presbitério de vez em quando, para jantar ou uma hora de companhia. Depois do enterro, a irmã Elizabeth deixou bem claro que ele era uma *persona non grata; a* família desejava manter uma certa posição. A mãe achava que eis era responsável por sua própria vida e que tinha o dever de ficar do lado da filha.

Vincent se encontrava totalmente isolado em Nuenen agora; no lugar das pessoas, pôs o seu estudo da natureza. Começou com uma luta inútil para acompanhar a natureza e tudo saiu errado; terminou por criar calmamente de sua paleta e a natureza concordou e acompanhou-o.

Quando se sentia desesperado em sua solidão, pensava na cena no estúdio de Weissenbruch, na aprovação da angústia pelo pintor de língua ferina.

Em seu fiel Millet ele encontrou a filosofia de Weissenbruch expressa de maneira mais convincente: “Nem sempre desejo suprimir o sofrimento, porque muitas vezes é justamente isso o que leva os artistas a se expressarem mais vigorosamente.”

Ele fez amizade com uma família de camponeses, chamada De Groot. Havia o pai, mãe, um filho e duas filhas, todos trabalhando nos campos. Os De Groots, como a maioria dos camponeses do Brabant, tinham tanto direito de serem chamados de *gueules noires* quanto os mineiros da Borinage. Seus rostos eram negróides, com narinas grandes, dilatadas, narizes arqueados, lábios enormes e distendidos, orelhas compridas e angulosas. As feições se projetavam para a frente da testa, a cabeça era pequena e pontuda. Viviam numa cabana de um só cômodo, com buracos nas paredes para as camas. Havia uma mesa no centro do cômodo, duas cadeiras, diversos caixotes e um lampião que pendia de uma viga do teto.

Os De Groots eram comedores de batatas. No jantar, tomavam uma xícara de café; talvez uma vez por semana comiam também uma tira de toucinho. Plantavam batatas, desenterravam batatas e comiam batatas; essa era a sua vida.

Stien de Groot era uma moça doce, em torno dos dezessete anos.

Usava uma touca branca grande para trabalhar e um casaco preto de gola branca. Vincent adquiriu o hábito de visitar a família à noite. Ele e Stien riam muito.

— Olhem só! — gritava ela. — Sou uma grande dama. Estou sendo desenhada. Devo pôr minha touca nova, Mijnheer?

— Não, Stien. Você é bonita assim como está.

— Eu, bonita!

Ela se lançava num acesso de riso. Tinha olhos grandes e joviais, uma expressão atraente. Seu rosto era inerente à vida. Quando ela se inclinava para desenterrar as batatas no campo, Vincent via nas linhas de seu corpo uma graça mais autêntica do que até mesmo Kay possuíra. Ele aprendera que o elemento essencial no desenho de figura era a ação e que o grande defeito nas figuras dos quadros dos velhos mestres era o fato de não trabalharem. Desenhava os De Groots escavando no campo, acomodados à mesa em sua casa, comendo batatas cozidas. Stien sempre espiava por cima de seu ombro e gracejava com ele. Às vezes, num domingo, ela punha uma touca e uma gola limpas, passeava com Vincent pelos campos. Era a única diversão dos camponeses.

— Margot Begeman gostava de você? — perguntou ela um dia.

— Gostava.

— Então por que ela tentou se matar?

— Porque sua família não lhe permitia casar comigo.

— Ela foi tola. Sabia o que eu faria, em vez de me matar? Eu o teria amado !

Ela riu na cara de Vincent e saiu correndo para um grupo de pinheiros. Eles riram e brincaram durante o dia inteiro entre os pinheiros.

Foram vistos por outros casais que passeavam por ali. Stien possuía um talento natural para o riso; as menores coisas que Vincent dizia ou fazia lhe arrancavam gritos desenfreados dos lábios. Ela se engalfinhava com Vincent, tentava derrubá-lo no chão. Quando não gostava das coisas que ele desenhava na casa, jogava café em cima ou punha no fogo. Muitas vezes aparecia no estúdio para posar e quando ia embora o lugar estava no caos.

E assim passou o verão e o outono, o inverno voltou. Vincent era obrigado pela neve a trabalhar todo o tempo no estúdio. Os habitantes de Nuenen não gostavam de posar e ninguém o procuraria se não fosse pelo dinheiro. Em Haia ele desenhara quase noventa costureiras para fazer um quadro com três. Queria pintar a família De Groot em seu jantar de batatas e café. Mas, para isso, achava que precisava primeiro desenhar todos os camponeses da vizinhança.

O sacerdote católico jamais fora favorável ao aluguei de cômodos na casa do zelador ao homem que era ao mesmo tempo pagão e artista. Mas como Vincent era quieto e se mostrava cortês, não havia razão para despejá-lo. E veio o dia em que Adriana Schafrath entrou no estúdio muito excitada e anunciou

— O padre Pauwels quer falar com você imediatamente!

O padre Andreas Pauwels era um homem enorme, de cara vermelha.

Lançou um olhar apressado pelo estúdio e concluiu que jamais vira uma confusão tão louca.

— Em que posso servi-lo, padre? — indagou Vincent, polidamente.

— Você não pode fazer nada por mim! Mas eu posso fazer alguma coisa por você! Cuidarei de tudo para você neste caso, desde que faça o que eu lhe mandar.

— A que caso está se referindo, padre?

— Ela é católica e você um protestante, mas obterei uma dispensa especial do bispo. Esteja preparado para casar dentro de poucos dias!

Vincent adiantou-se para examinar atentamente o rosto do padre Pauwels, à luz que entrava pela janela.

— Não estou entendendo, padre.

— Está, sim. E não adianta todo esse fingimento. Stien de Groot está esperando filho! A honra da família deve ser preservada.

— Ao diabo que ela está!

— Está certo ao falar em diabo. Foi realmente uma obra do diabo.

— Tem certeza, padre? Não está enganado?

— Não saio por aí acusando as pessoas se não tenho provas positivas.

— E Stien lhe disse... ela afirmou... que eu fui o homem?

— Não. Ela se recusou a nos revelar o nome do homem.

— Então por que me confere essa honra?

— Vocês foram vistos juntos muitas vezes. Ela não vem com frequência a este estúdio?

— Vem.

— Você já não passeou com ela pelos campos aos domingos?

— Já.

— Pois que prova mais é necessária?

Vincent ficou em silêncio por um momento e depois disse, suavemente: — Lamento saber de tudo isso, padre, particularmente se vai acarretar problemas para minha amiga Stien. Mas posso lhe garantir que nossas relações foram acima de qualquer censura.

— E espera que eu acredite nisso?

— Não, não espero.

Naquela noite, quando Stien voltou dos campos, Vincent aguardava-a na entrada da cabana. O resto da família entrou para o jantar. Stien sentou-se ao lado de Vincent, no degrau da porta.

— Terei em breve mais alguém para você desenhar — comentou ela.

— Então é verdade, Stien?

— É, sim. Quer sentir?

Ela pegou-lhe a mão e a pôs em seu abdômen. Vincent pôde sentir a protuberância crescente.

— O padre Pauwels acaba de me comunicar que eu sou o pai.

Stien riu.

— Eu bem que gostaria que fosse mesmo você. Mas você jamais quis, não é mesmo?

Ele contemplou o suor dos campos grudado na pele escura de Stien, as feições rudes, o nariz e lábios grossos. Ela sorriu-lhe.

— Eu gostaria de ter sido, Stien.

— Então o padre Pauwels disse que foi você. Isso é engraçado.

— O que é tão engraçado?

— Guardará meu segredo?

— Prometo.

— Foi *o kerkmeester* da igreja dele!

Vincent soltou um assovio.

— Sua família sabe?

— Claro que não. E nunca contarei. Mas eles sabem que não foi você.

Vincent entrou na cabana. Não havia qualquer mudança na atmosfera. Os De Groots aceitavam a gravidez de Stien com o mesmo espírito que teriam para com uma vaca prenhe no campo. Trataram Vincent como antes e ele compreendeu que acreditavam em sua inocência.

Mas o mesmo não aconteceu com a aldeia. Adriana Schafrath escutara a conversa no outro lado da porta. Rapidamente espalhou a notícia pelos vizinhos. Uma hora depois, os 2.600 habitantes de Nuenen sabiam que Stien de Groot esperava um filho de Vincent e que o padre Pauwels os obrigaria a casar.

Novembro e o inverno chegaram. Era tempo de se mudar. Não havia proveito em permanecer em Nuenen por mais tempo. Ele já terminara o que havia para pintar ali e aprendera tudo sobre a vida dos camponeses.

Estava certo de que não poderia continuar a viver com o recrudescimento do ódio da aldeia. Era evidente que chegara o momento de sua partida. Mas para onde iria?

— Mijnheer Van Gogh — disse Adriana, tristemente, depois de bater na porta — o padre Pauwels falou que deve deixar esta casa imediatamente e procurar alojamento em outro lugar.

— Está certo. Farei como ele quiser.

Vincent circulou pelo estúdio, examinando os seus trabalhos. Dois anos de empenho incessante. Centenas de estudos de tecelões e suas esposas, teares, camponeses nos campos, as árvores podadas no jardim do presbitério, a velha torre da igreja, a charneca e as sebes no calor do sol e no frio de um crepúsculo de inverno.

Uma enorme opressão o envolveu. Sua obra era por demais fragmentária. Havia fragmentos de cada fase da vida camponesa no Brabant, mas nenhuma

obra que resumisse o camponês, que captasse o espírito de sua cabana e suas batatas cozidas. Onde estava o seu *Angelus* do camponês brabantino? E como poderia partir antes de pintá-lo?

Ele olhou para o calendário. Ainda restavam doze dias até o primeiro do mês. Ele chamou Adriana.

— Diga ao padre Pauwels que paguei o aluguel até o dia primeiro e não irei embora antes disso.

Vincent pegou cavalete, tintas, telas e pincéis, seguiu para a cabana dos De Groots. Não havia ninguém ali. Ele começou a trabalhar num desenho a lápis do interior. Arrancou o papel quando a família voltou dos campos. Os De Groots sentaram para suas batatas cozidas, café puro e toucinho. Vincent armou a tela e trabalhou até que a família se deitou. Foi para seu estúdio e continuou a trabalhar no quadro a noite inteira. Dormiu durante o dia. Quando acordou, queimou a tela com uma repulsa selvagem e seguiu de novo para a cabana dos De Groots.

Os velhos mestres holandeses haviam lhe ensinado que desenho e cor eram a mesma coisa. Os De Groots sentavam-se à mesa nas mesmas posições em que haviam sentado por todas as suas vidas. Vincent queria deixar bem claro como aquelas pessoas comiam suas batatas sob o lampião, escavavam a terra com as próprias mãos que punham nos pratos; queria falar de trabalho *manual e* como ganhavam honestamente o seu alimento.

Seu velho hábito de se lançar violentamente contra uma tela vinha a calhar agora; ele trabalhou com tremenda velocidade e vitalidade. Não precisava pensar no que estava fazendo; desenhara centenas de camponeses e cabanas, famílias sentadas diante de suas batatas cozidas.

— O padre Pauwels esteve aqui hoje — informou a mãe.

— O que ele queria? — perguntou Vincent.

— Ofereceu-nos dinheiro se não posássemos para você.

— E o que disseram a ele?

— Dissemos que você era nosso amigo.

— Ele visitou todas as casas por aqui — acrescentou Stien. — Mas todos lhe disseram que preferiam ganhar um *sou* posando para você do que aceitar a sua caridade.

Vincent tornou a destruir a tela na manhã seguinte. Foi dominado por um sentimento meio de raiva e meio de impotência. Só lhe restavam dez dias. Precisava sair de Nuenen; o lugar estava se tomando insuportável.

Mas não podia partir enquanto não cumprisse a sua promessa a Millet.

Todas as noites ele voltava à cabana dos De Groots. Trabalhava até que eles ficassem sonolentos demais para continuarem sentados. A cada noite tentava novas combinações de cores, diferentes valores e proporções; a cada dia

constatava que falhara, que sua obra era incompleta.

O último dia do mês chegou. Vincent se encontrava num estado de frenesi. Estava quase sem dormir e comer. Subsistia da energia nervosa.

Quanto mais fracassava, maior se tomava o seu excitamento. Esperava pelos De Groots quando eles voltaram dos campos. Seu cavalete estava armado, as tintas misturadas, a tela estendida na estrutura. Aquela era a sua última oportunidade. Pela manhã deixaria o Brabant para sempre.

Ele trabalhou por horas. Os De Groots compreendiam. Depois que acabaram o jantar, permaneceram à mesa, conversando em voz baixa, no jargão dos campos. Vincent não sabia o que pintava. Trabalhava sem qualquer pensamento ou consciência se interpondo entre sua mão e o cavalete. Por volta das dez horas da noite os De Groots estavam caindo de sono e Vincent se achava exausto. Fizera tudo o que podia com a tela.

Recolheu suas coisas, beijou Stien, despediu-se de todos. Voltou para casa pela noite sem perceber que andava.

Chegando ao estúdio, pôs a tela numa cadeira, acendeu o cachimbo e ficou contemplando sua obra. Toda a coisa estava errada. Faltava algo. O espírito não se encontrava ali. Fracassara outra vez. Os dois anos de trabalho árduo no Brabant haviam sido desperdiçados.

Ele fumou o cachimbo até o fim. Fez a mala. Retirou todos os estudos das paredes e da cômoda, colocou-os numa caixa grande. Foi deitar-se no divã.

Não sabia quanto tempo passara. Levantou-se, arrancou a tela da estrutura, jogou-a num canto, pôs uma nova. Misturou algumas tintas, sentou-se, começou a trabalhar.

Começa-se com uma luta sem esperança para se acompanhar a natureza e tudo sai errado; termina-se por criar calmamente da própria paleta, a natureza concorda e acompanha. On croit que j'imagine — ce n'est pas vrai — je me souviens.

Era justamente como Pietersen lhe dissera em Bruxelas; ele se mantivera perto demais de seus modelos. Não pudera assim obter uma perspectiva. Estivera se despejando no molde da natureza; agora, despejou a natureza no molde de si mesmo.

Pintou toda a coisa na cor de uma boa batata, empoeirada, com casca.

Lá estava a toalha de mesa de linho, suja, a parede opaca, o lampião pendendo da viga do teto. Stien servindo batatas cozidas ao pai, a mãe despejando o café, o irmão levando uma xícara aos lábios, em todos os rostos a aceitação calma e paciente de uma eterna ordem das coisas.

O sol surgiu e um pouco de luz espiou pela janela do depósito.

Vincent levantou-se do banco. Sentia-se perfeitamente calmo e pacífico. O

excitamento dos últimos doze dias desaparecera. Olhou para o seu trabalho. Recendia a toucinho, fumaça e batata cozida. Ele sorriu. Pintara o seu *Angelus.* Captara aquilo que não passa no que passa. O camponês do Brabant nunca morreria.

Vincent lavou o quadro com a clara de um ovo. Levou a sua caixa de desenhos e quadros para o presbitério, deixou com a mãe, despediu-se dela.

Voltou ao estúdio, escreveu Os *Comedores de Batata* na tela nova, juntou alguns dos seus melhores estudos e despachou para Paris.

Livro Cinco

PARIS

Retrato de Père Tanguy (Paris, 1887-88)

1

— Então não recebeu minha última carta? — perguntou Theo, na manhã seguinte, quando sentaram-se para comer pão e tomar café.

— Acho que não — respondeu Vincent. — O que dizia?

— A notícia da minha promoção na Goupils.

— E você não me disse nada ontem, Theo!

— É que você estava excitado demais para ouvir. Estou agora encarregado da galeria no Boulevard Montmartre.

— Mas isso é esplêndido, Theo! A sua própria galeria de arte!

— Não é propriamente minha, Vincent. Tenho de seguir de perto a política da Goupil. Mas eles me deixam expor os impressionistas na sobreloja. Portanto...

— Quem você está expondo?

— Monet, Degas, Pissarro e Manet.

— Nunca ouvi falar deles.

— Então é melhor ir logo à galeria e dar uma boa olhada!

— O que significa esse sorriso matreiro em seu rosto, Theo?

— Oh, nada. Quer mais café? Teremos de sair dentro de poucos minutos. Vou a pé para a galeria todas as manhãs.

— Obrigado. Não, não, apenas meia xícara. Sabe, Theo, é maravilhoso tomar café outra vez sentado à sua frente!

— Há muito tempo estou esperando a sua vinda para Paris. Claro que você tinha de vir, mais cedo ou mais tarde. Mas acho que teria sido melhor se esperasse até junho, quando me mudo para a Rue Lepic. Teremos ali três cômodos grandes. Aqui, como pode perceber, não poderá fazer muito trabalho.

Vincent virou-se na cadeira e olhou ao redor. O apartamento de Theo consistia em um cômodo, uma pequena cozinha e um armário. O cômodo era decorado alegremente, com autênticos Louis Philippes, mas quase não havia espaço para se circular.

— Se eu armasse um cavalete — comentou Vincent — teríamos de transferir alguns dos seus lindos móveis para o pátio.

— Sei que o lugar está apinhado, mas tive a oportunidade de comprar essas peças a um preço ínfimo e são exatamente o que eu quero para o novo apartamento. Vamos embora, Vincent. Eu o levarei pela ladeira abaixo na minha caminhada predileta para o Boulevard. Não se conhece Paris enquanto não a cheiramos no início da manhã.

Theo vestiu o sobretudo preto grosso que se fechava por cima da imaculada

gravata-borboleta branca, deu um jeito final nos pequenos cachos que pendiam em cada lado dos cabelos repartidos, alisou o bigode e a barbicha. Pôs o chapéu-coco pretoò, pegou as luvas e a bengala, saiu pela porta da frente.

— E então, Vincent, você está pronto? Santo Deus, mas que espetáculo você oferece! Se usasse essa roupa em qualquer outro lugar que não Paris seria preso!

— Qual é o problema com a minha roupa? — Vincent contemplou-se. — Eu a venho usando há quase dois anos e nunca ninguém me disse nada.

Theo soltou uma risada.

— Não tem importância. Os parisienses estão acostumados a pessoas como você. Providenciarei algumas roupas para você esta noite, depois que a galeria fechar.

Eles desceram um lance de escada em espiral, passaram pelo apartamento do *concierge* e saíram para a Rue Laval. Era bastante larga, de aparência próspera e respeitável, com lojas grandes, vendendo medicamentos, molduras de quadros e antiguidades.

— Observe as três lindas damas no terceiro andar do nosso prédio — disse Theo.

Vincent levantou os olhos e viu as três cabeças e bustos de gesso de Paris. Sob a primeira estava escrito Escultura, na do meio Arquitetura e na última Pintura.

— O que os leva a pensarem que a Pintura é uma mulher tão feia?

— Não sei — respondeu Theo. — Mas, seja como for, está na casa certa.

Os dois homens passaram por Le Vieux Rouen, Antiguidades, onde Theo comprara seus móveis Louis Philippe. Um momento depois estavam na Rue Montmartre, que serpenteava graciosamente pela colina acima até a Avenue Clichy e Butte Montmartre, descendo pelo outro lado para o coração da cidade. A rua estava banhada pelo sol da manhã, o cheiro de Paris se elevando, pessoas comendo croissants e tomando café nos bares, as lojas de legumes, carnes e queijos abrindo para os negócios do dia.

Era uma zona burguesa movimentada, com muitas lojas pequenas.

Trabalhadores caminhavam pelo meio da rua. Donas-de-casa examinavam as mercadorias nas caixas na frente das lojas, barganhavam queixosamente com os comerciantes. Vincent respirou fundo e murmurou: — É Paris, depois de tantos anos...

— Isso mesmo, é Paris. A capital da Europa. Especialmente para um artista.

Vincent absorvia o fluxo de vida subindo e descendo pela ladeira; os *garçons* em casacos de listras vermelhas e pretas; as donas-de-casa carregando pães compridos desembrulhados debaixo do braço; as carrocinhas encostadas no meio-fio; as *femmes de chambre* de chinelas macias; os prósperos homens de

negócios a caminho do trabalho. Depois de passar por inúmeras *charcuteries, pâtisseries, boulangeries, blanchisseries* e pequenos cafés, a Rue Montmartre se curvava para o fundo da colina e entrava na Place Chateaudun, um círculo formado pelo encontro de seis ruas. Atravessaram o círculo e passaram pela Notre Dame de Lorette, uma igreja de pedra preta, suja, com três anjos no telhado, flutuando idilicamente no azul do céu. Vincent olhou atentamente para as palavras inscritas por cima da porta.

— Eles são mesmo sérios com esse tal de *Liberté-Egalité-Fraternité*, Theo?

— Acho que sim. A Terceira República provavelmente será permanente. Os monarquistas estão inteiramente liquidados e os socialistas subindo ao poder. Emile Zola me disse outra noite que a próxima revolução será contra o capitalismo ao invés da realeza.

— Zola? É maravilhoso você conhecê-lo, Theo.

— Foi Paul Cezanne que me apresentou. Todos nos reunimos uma vez por semana no Café Batignolles. Eu o levarei na próxima vez.

Depois de deixar a Place Chateaudun, a Rue Montmartre perdia as suas características burguesas e assumia uma aparência mais imponente.

As lojas tornavam-se maiores, os cafés mais impressivos, as pessoas melhor vestidas, os prédios de aparência mais próspera. Music-halls e restaurantes sucediam-se pelas calçadas, surgiam hotéis, carruagens tomavam o lugar das carroças.

Os irmãos andavam em passos rápidos. O sol frio era revigorante, a fragrância do ar sugestiva de uma vida da cidade rica e complexa.

— Como você não pode trabalhar em casa, Vincent, eu sugiro que procure o estúdio de Corman.

— E como é?

— Corman é tão acadêmico quanto a maioria dos mestres. Mas se você não quiser suas críticas, ele o deixará em paz.

— E é caro?

Theo bateu na coxa de Vincent com a bengala.

— Não lhe contei que fui promovido? Estou me tomando um daqueles plutocratas que Zola vai exterminar com a sua próxima revolução!

Finalmente a Rue Montmartre desembocava no largo e imponente Boulevard Montmartre, com suas enormes lojas de departamentos, arcadas e lojas luxuosas. O boulevard, que se tomava Boulevard des Italiens alguns quarteirões adiante e levava à Place de l'Opéra, era a artéria mais importante da cidade. Embora estivesse relativamente vazio àquela hora da manhã, os empregados dentro das lojas preparavam tudo para mais um dia movimentado.

A sucursal de Theo da Galeria Goupil localizava-se no número 19, apenas

um quarteirão à direita da Rue Montmartre. Vincent e Theo cruzaram o boulevard amplo, pararam ao lado de um lampião de gás para deixar passar uma carruagem e depois continuaram até a galeria.

Os empregados bem-arrumados fizeram uma mesura respeitosa quando Theo passou pelo salão da galeria. Vincent lembrou como costumava fazer mesuras para Tersteeg e Obach no tempo em que trabalhava na Goupíls. Havia no ar o mesmo aroma de cultura e refinamento, um cheiro que ele pensara que suas narinas tinham esquecido.

Nas paredes havia quadros de Bouguereau, Henner e Delaroche. Por cima do salão principal havia um pequeno balcão, o acesso por um lance de escada nos fundos.

— Os quadros que você vai querer ver estão na sobreloja — disse Theo. — Desça quando acabar e me conte o que achou.

— Por que parece tão satisfeito, Theo?

O sorriso de Theo se alargou. — *A toute à l'heure* — falou ele, desaparecendo em seguida no seu escritório.

2

— Estarei num hospício?

Vincent cambaleou cegamente para a única cadeira que havia na sobreloja, sentou e esfregou os olhos. Desde os doze anos que se acostumara a ver quadros escuros e sombrios, quadros em que o trabalho de pincel se tornava invisível, cada detalhe da tela correto e completo, cores uniformes se graduando umas nas outras.

Os quadros que riam para ele das paredes, jovialmente, eram diferentes de tudo com que ele já sonhara. Não mais havia as superfícies uniformes e delgadas. Não mais havia a sobriedade sentimental. Não mais havia o molho marrom com que a Europa banhava seus quadros há séculos. Ali estavam quadros desenfreadamente alucinados com o sol.

Com luz, ar e vivacidade vibrante. Quadros de bailarinas nos bastidores, em vermelhos, verdes e azuis primitivos, lançados um ao lado do outro irreverentemente. Vincent olhou para a assinatura: Degas.

Havia um grupo de cenas ao ar livre, à margem de um rio, captadas com todas as cores exuberantes do meio do verão, com um sol quente por cima. O nome era Monet. Em todas as centenas de telas que Vincent já vira antes não havia tanta luminosidade, vibração e fragrância quanto em um daqueles quadros deslumbrantes. A coloração mais escura que Monet usava era uma dúzia de vezes mais luminosa do que a cor mais clara que se encontrava em todos os museus da Holanda. O trabalho do pincel sobressaía, sem qualquer constrangimento, cada pincelada evidente, cada pincelada se enquadrando no ritmo da natureza. A superfície era espessa, profunda, palpitante, com massas de tinta.

Vincent postou-se diante de um quadro de um homem numa camisa de lã, segurando o leme de um pequeno barco, com a intensa concentração gaulesa característica dos franceses ao se divertirem numa tarde de domingo. A esposa sentava-se ao lado, passivamente. Vincent procurou pelo nome do artista.

— Monet outra vez? — disse ele, em voz alta. — É estranho. Não há a menor semelhança com a sua paisagem à beira do rio.

Ele tornou a olhar e constatou que se enganara. O nome era Manet, não Monet. E depois se lembrou da história de Piquenique na Relva e Olympia, de Manet, como a polícia tivera de instalar uma corda de proteção em tomo dos quadros para evitar que fossem destruídos com facas ou cuspidos.

Ele não sabia por que, mas os quadros de Manet lembravam-lhe os livros de

Emile Zola. Parecia haver a mesma busca impetuosa da verdade, a mesma penetração destemida, o mesmo sentimento de que caráter é beleza, não importa quão sórdido possa parecer. Vincent estudou a técnica e viu que Manet punha cores elementares ao lado uma das outras, sem gradação, que muitos detalhes eram apenas sugeridos, que as cores, linhas, luzes e sombras não terminavam com precisão absoluta, mas flutuavam umas para as outras.

— Assim como os olhos as veem flutuar na natureza — murmurou Vincent.

Ele ouviu a voz de Mauve em seus ouvidos: — É impossível para você fazer uma afirmação definida com uma linha, Vincent?

Ele tomou a sentar e deixou que sua mente absorvesse os quadros.

Depois de algum tempo, percebeu um dos expedientes simples pelos quais a pintura fora tão completamente revolucionada: Aqueles pintores tornavam sólido o ar de seus quadros! E aquele ar vivo, em movimento, repleto, fazia algo aos objetos que eram vistos nele! Vincent sabia que para os acadêmicos o ar não existia; era apenas um espaço vazio em que colocavam objetos rígidos.

Mas aqueles novos homens... Eles haviam descoberto o ar! Haviam descoberto a luz e a vida, a atmosfera e o sol; viam as coisas filtradas através de todas as inúmeras forças que existiam naquele fluido vibrante.

Vincent compreendeu que a pintura nunca mais poderia ser a mesma. As máquinas fotográficas e os acadêmicos fariam duplicatas exatas; os pintores veriam tudo filtrado através de suas próprias naturezas e do ar cheio do sol em que trabalhavam. Era quase como se aqueles homens tivessem criado uma nova arte.

Ele desceu a escada quase cambaleando. Theo estava no salão principal. Virou-se com um sorriso nos lábios, esquadrinhando ansiosamente o rosto do irmão.

— E então, Vincent?

— Oh, Theo! — balbuciou.

Ele tentou falar, mas não conseguiu. Os olhos subiam a todo instante para a sobreloja. E Vincent acabou por sair correndo da galeria.

Ele subiu pelo boulevard largo até chegar a um prédio octogonal que reconheceu como a Ópera. Percebeu uma ponte através do desfiladeiro de pedra e encaminhou-se para o rio. Desceu para a beira d'água e mergulhou os dedos no Sena. Atravessou a ponte sem olhar para os cavaleiros de bronze, foi avançando pelo labirinto de ruas 'da Rive Gauche. Passou por um cemitério, virou à direita e chegou a uma enorme estação ferroviária.

Esquecendo que atravessara o rio, pediu a um gendarme que o orientasse para alcançar a Rue Laval.

— A Rue Laval? — repetiu o gendarme. — Está no lado errado da cidade,

monsieur. Aqui é Montparnasse. Deve descer a colina, atravessar o Sena e voltar a Montmartre.

Vincent andou por Paris durante várias horas, sem se importar para onde ia. Havia boulevards largos e limpos, com lojas elegantes, depois vielas sujas e miseráveis, mais adiante ruas burguesas com uma interminável sucessão de lojas de vinho. Houve um momento em que se descobriu no alto de uma colina, na qual havia um arco triunfal. A leste, podia ver um boulevard arborizado, acompanhado nos dois lados por faixas estreitas de parque, terminando numa praça grande, com um obelisco egípcio. A oeste se estendia um enorme bosque.

Já era o final da tarde quando ele encontrou a Rue Laval. A angústia em seu íntimo fora amortecida pela fadiga. Foi diretamente para os pacotes com seus quadros e estudos. Espalhou-os pelo chão.

Ficou olhando para suas telas. Oh, Deus, como eram escuras e melancólicas! Oh, Deus, como eram pesadas, sem vida, mortas! Estivera pintando num século há muito passado e agora sabia disso.

Theo chegou em casa ao crepúsculo e encontrou Vincent sentado apaticamente no chão. Ajoelhou-se ao seu lado. Os últimos resquícios da claridade do dia se desvaneceram do apartamento. Theo se manteve em silêncio por algum tempo.

— Sei como se sente, Vincent — disse ele finalmente. — Atordoado. É uma coisa tremenda, não é mesmo? Estamos rompendo com quase tudo que a pintura considerava sagrado.

Os olhos pequenos e magoados de Vincent se fixaram nos de Theo.

— Por que não me disse, Theo? Por que eu não soube? Por que não me trouxe para cá antes? Você me deixou desperdiçar seis longos anos.

— Desperdiçar? Não diga bobagem. Você desenvolveu a sua arte por si mesmo. Pinta como Vincent Van Gogh e não como qualquer outra pessoa no mundo. Se viesse para cá antes de cristalizar a sua expressão particular, Paris o teria moldado para se ajustar a si mesma.

— Mas o que vou fazer? Olhe só para esta porcaria! — ele empurrou com o pé uma tela grande e escura. — Está tudo morto, Theo. Nada presta.

— Quer saber o que fará? Pois eu lhe direi. Aprenderá tudo sobre luz e cor com os impressionistas. Isso é o que deve extrair deles. Mas nada mais. Não deve imitar. Não deve se deixar submergir. Não permita que Paris o sufoque.

— Mas tenho que aprender tudo de novo, Theo! Tudo o que faço está errado!

— Tudo o que você faz está certo... exceto a sua luz e cor. Você foi um impressionista desde o dia em que pegou um lápis na Borinage. Olhe para o seu desenho! Olhe para o seu trabalho de pincel! Ninguém jamais pintou assim antes de Manet. Olhe para as suas linhas! Você quase nunca faz uma linha definida.

Olhe para os seus rostos, suas árvores, suas figuras nos campos! São as suas impressões. São rudes, imperfeitos, filtrados através de sua própria personalidade. É isso o que significa ser um impressionista, não pintar como todos os outros, não ser um escravo de regras e regulamentos. Você pertence à sua era, Vincent, é um impressionista, quer goste ou não.

— Oh, Theo, como eu gosto!

— Seu trabalho é conhecido em Paris entre os jovens pintores que contam. Não estou me referindo aos que vendem, mas sim aos que realizam experiências importantes. Eles querem conhecê-lo. E você aprenderá com eles algumas coisas maravilhosas.

— Eles conhecem o meu trabalho? Os jovens impressionistas conhecem o meu trabalho?

Vincent ficou de joelhos a fim de poder ver Theo mais claramente.

Theo pensou nos dias em Zundert, quando brincavam no chão do quarto.

— Claro que conhecem. O que você pensa que estive fazendo em Paris durante todos esses anos? Eles acham que você possui um olho penetrante e mão de desenhista. Tudo o que você precisa fazer agora é clarear sua paleta e aprender a pintar um ar vivo e luminoso. Não é maravilhoso viver numa ocasião em que tantas coisas importantes estão acontecendo, Vincent?

— Theo, seu velho demônio!

— Vamos, rapaz, levante-se. E anime-se. vamos nos vestir e sair para jantar. Eu o levarei à Brasserie Universelle. Servem ali o mais delicioso *Chateaubriand* de Paris. Será um autêntico banquete. Inclusive com champanhe, para celebrar o dia em que Paris e Vincent Van Gogh se encontraram!

3

Vincent saiu com os seus materiais de desenho na manhã seguinte e foi para o estúdio de Corman. Era uma sala grande, no terceiro andar, com uma claridade intensa vindo diretamente da rua, pelo norte. Havia um modelo masculino nu posando numa extremidade, de frente para a porta.

Cerca de trinta cadeiras e cavaletes se espalhavam pela sala para os estudantes. Vincent matriculou-se com Corman e lhe foi designado um cavalete.

Quando ele já desenhava há cerca de uma hora a porta se abriu e uma mulher entrou. Uma atadura envolvia sua cabeça e ela tinha a mão no queixo. Lançou um olhar horrorizado para o modelo nu e exclamou, antes de sair correndo:

— *Mon Dieu!*

Vincent virou-se para o homem sentado ao seu lado. — O que houve com ela?

— Isso acontece todos os dias. Ela estava procurando pelo dentista, que fica na sala ao lado. O choque de ver um homem nu geralmente acaba com a dor de dente. Se o dentista não se mudar, provavelmente acabará na bancarrota. Você acaba de chegar, não é mesmo?

— É, sim. Este é apenas o meu terceiro dia em Paris.

— Qual é o seu nome?

— Van Gogh. E o seu?

— Henri Toulou-se-Lautrec. Você por acaso tem algum parentesco com Theo Van Gogh?

— Ele é meu irmão.

— Então você deve ser Vincent! Tenho o maior prazer em conhecê-lo. Seu irmão é o melhor marchand de Paris. É o único disposto a dar uma chance aos jovens. E não apenas isso, mas também luta por nós. Se formos aceitos pelo público parisiense será por causa de Theo Van Gogh. Todos o achamos extraordinário.

— É o que eu também penso.

Vincent observou o homem atentamente. Lautrec tinha a cabeça achatada; as feições, o nariz, lábios e queixos se projetavam muito além do rosto plano. Ele usava uma barba preta cheia, que crescia para a frente do queixo e não para baixo.

— O que o traz a um lugar tão abominável quanto esse estúdio? — indagou Lautrec.

— Preciso de algum lugar para desenhar. E você?

— Não tenho a menor ideia. Durante todo o mês passado vivi num bordel em Montmartre. Fiz retratos das garotas. Era um trabalho de verdade. Desenhar num estúdio é brincadeira de criança.

— Eu gostaria de ver os seus estudos dessas mulheres.

— É mesmo?

— Claro. Por que não?

— A maioria das pessoas pensa que sou louco porque pinto dançarinas, palhaços e prostitutas. Mas é onde se encontra o verdadeiro caráter.

— Sei disso. Casei com uma em Haia.

— *Bien!* Essa família Van Gogh é mesmo surpreendente. Pode me deixar ver o desenho que você fez do modelo?

— Pode ver todos. Fiz quatro.

Lautrec estudou os desenhos por um momento e depois comentou: — Você e eu nos daremos bem, meu amigo. Pensamos da mesma forma. Corman já viu isto?

— Não.

— Pois depois que ele der uma olhada, você estará liquidado aqui. Isto é, pelo menos em termos da crítica de Corman. Ele me disse outro dia: “Lautrec, você exagera, sempre exagera. Uma linha em cada um dos seus estudos é uma caricatura.”

— E você respondeu: “Isso, meu caro Corman, é caráter e não caricatura.”

Um brilho estranho surgiu nos olhos pretos de Lautrec.

— Ainda quer ver aqueles retratos das minhas garotas?

— Claro.

— Pois então vamos sair daqui. Este lugar é mesmo um necrotério.

Lautrec tinha um pescoço grosso, ombros e braços poderosos. Mas quando ele se levantou, Vincent descobriu que seu novo amigo era um aleijado. Lautrec de pé não era mais alto do que sentado. O tronco grosso se projetava quase no ápice de um triângulo na cintura, de onde descia para as pernas pequenas e mirradas.

Eles desceram pelo Boulevard Clichy, Lautrec apoiando-se em sua bengala. A intervalos de poucos momentos ele parava para descansar, apontando alguma linha maravilhosa na justaposição de dois prédios. A apenas um quarteirão no lado do Moulin Rouge eles subiram na direção de Butte Montmartre. Lautrec precisou descansar com mais frequência.

— Você provavelmente está imaginando qual é o problema com as minhas pernas, Van Gogh. É o que acontece com todo mundo. Pois vou lhe dizer.

— Oh, por favor! Não precisa falar nada a respeito.

— É melhor saber logo de uma vez — ele dobrou-se sobre a bengala,

apoiando-se nela com os ombros. — Nasci com ossos frágeis. Quando tinha doze anos escorreguei numa pista de dança e quebrei o fêmur direito. No ano seguinte caí numa vala e quebrei o esquerdo. Minhas pernas nunca cresceram um centímetro sequer desde então.

— E isso o deixa infeliz?

— Não. Se eu fosse normal, nunca me tornaria um pintor. Meu pai é conde, de Toulou-se. Eu era o primeiro para herdar o título. Se quisesse, poderia ter um bastão de marechal e cavalgar ao lado do Rei da França. Isto é, desde que houvesse um Rei da França... *Mais, sacrebleu,* por que alguém desejaria ser um conde, quando pode ser um pintor?

— Receio que os tempos dos condes acabaram.

— Vamos continuar? O estúdio de Degas fica nesta viela. Dizem que copio os seus trabalhos porque ele pinta as moças do balé e eu faço as do Moulin Rouge. Pois que digam o que bem quiserem. Este é o meu lugar, Rue Fonatine, 19 *bis.* Moro no andar térreo, como já deve ter imaginado.

Ele abriu a porta e fez uma mesura para Vincent entrar.

— Vivo sozinho, Van Gogh. Sente-se, se puder encontrar um lugar para sentar.

Vincent olhou ao redor. Além das telas, molduras, cavaletes, bancos e cortinas, duas mesas grandes atravancavam o estúdio. Uma estava coberta por garrafas de vinhos raros e decantadores com licores multicoloridos. Na outra havia sapatilhas de bailarinas, perucas, livros velhos, vestidos de mulher, luvas, meias, fotografias vulgares e preciosas gravuras japonesas. Só havia um pequeno espaço vago em meio a toda aquela confusão, onde Lautrec podia sentar e pintar.

— Qual é o problema, Van Gogh? Não pode encontrar um lugar para sentar? Pois ponha aquela porcaria no chão e leve a cadeira para junto da janela. Há 27 garotas na casa. Dormi com todas elas. Não concorda que é necessário dormir com uma mulher antes de poder compreendê-la plenamente?

— Concordo.

— Aqui estão os desenhos. Levei-os a um marchand na Capucines. Ele me disse: “Lautrec, por que você tem obsessão por feiúra? Por que sempre pinta as pessoas mais sórdidas e imorais que pode encontrar? Essas mulheres são repulsivas, totalmente repulsivas. Têm a devassidão e o mal sinistro estampados em seus rostos. É isso o que significa a arte moderna, criar a feiúra? Os pintores se tornaram tão cegos para a beleza que só podem pintar a ralé da terra?” E eu disse: “Desculpe, mas acho que vou vomitar e não gostaria de fazê-lo em cima dos seus lindos tapetes.” A luz está boa, Van Gogh? Quer uma bebida? Vamos, fale... o que prefere?

— Tenho tudo o que possa querer.

Ele claudicou em torno das cadeiras e mesas com movimentos ágeis, serviu uma bebida e entregou a Vincent.

— À feiúra, Van Gogh! Que nunca contagie a Academia!

Vincent tomou a bebida, examinando os 27 estudos de Lautrec das 27 garotas de um bordel em Montmartre. Compreendeu que o artista as retratara como as vira. Eram retratos objetivos, sem atitude moral ou comentário ético. Nos rostos das garotas ele captara a miséria e sofrimento, a carnalidade insensível, a devassidão total e a indiferença espiritual.

— Gosta de retratos de camponeses, Lautrec?

— Gosto, se não forem sentimentalizados.

— Pois eu pinto camponeses. E descubro que estas mulheres são também camponesas. Jardineiras da carne, por assim dizer. Terra e carne são apenas duas formas diferentes da mesma matéria, não é mesmo? E estas mulheres aram a carne, pois a carne humana deve ser arada para produzir vida. Este é um bom trabalho, Lautrec. Você disse uma coisa que valia a pena dizer.

— E não acha que são repulsivas?

— São comentários autênticos e penetrantes sobre a vida. Não acha que isso é a maior espécie de beleza? Se você idealizasse ou sentimentalizasse as mulheres teria feito com que se tornassem feias, porque seus retratos seriam covardes e falsos. Mas você enunciou a verdade plena como a viu... e não é isso o que significa a beleza?

— Oh, Deus! Por que não existem mais homens no mundo como você? Aceita outra bebida? E sirva-se à vontade desses desenhos! Leve tantos quanto quiser!

Vincent levantou uma tela para a luz, rebuscou-a em sua mente por um momento e depois exclamou: — Daumier! É isso o que me lembra!

O rosto de Lautrec se iluminou. — Isso mesmo, Daumier. O maior de todos. E a única pessoa com quem já aprendi alguma coisa. Oh, Deus, como aquele homem podia odiar de uma maneira magnífica!

— Mas por que pintar coisas se você as odeia? Eu só pinto as coisas que amo.

— Toda grande arte deriva do ódio, Van Gogh. Ah, vejo que está admirando meu Gauguin.

— De quem foi mesmo que disse que é este quadro?

— Paul Gauguin. Conhece-o?

— Não.

— Pois deveria. Essa é uma nativa da Martinica. Gauguin passou algum tempo lá. Ele é completamente *fou* na questão de se tornar um primitivo, mas é um pintor esplêndido. Tinha uma esposa, três filhos e uma vaga na Bolsa de

Valores que lhe proporcionava trinta mil francos por ano. Comprou quinze mil francos de quadros de Pissarro, Manet e Sisley. Pintou o retrato de sua esposa no dia do casamento. Ela achou que foi um lindo *beau geste.* Gauguin costumava pintar aos domingos. Conhece o Clube de Arte da Bolsa de Valores? Um dia ele mostrou um quadro a Manet, que lhe disse que era muito bom. “Ora, sou apenas um amador!”, respondeu Gauguin. “Nada disso”, declarou Manet. “Os únicos amadores são aqueles que fazem quadros ruins.” Esse comentário subiu à cabeça de Gauguin como a bebida mais forte e ele nunca mais ficou sóbrio desde então. Renunciou a seu lugar na Bolsa, passou um ano com a família em Rouen, vivendo de suas economias. Depois, mandou a mulher e os filhos para a casa dos pais dela em Estocolmo. E vem vivendo de expedientes desde essa época.

— Ele parece interessante.

— Tome cuidado quando o encontrar. Ele adora atormentar os amigos. Ei, Van Gogh, que tal me acompanhar ao Moulin Rouge e ao Elysée-Montmartre? Conheço todas as garotas por lá. Gosta de mulheres, Van Gogh? Gosta de dormir com elas? Pois eu as amo. E então, o que me diz... vamos fazer uma noitada e tanto?

— Claro!

— Esplêndido. E agora acho que devemos voltar ao estúdio de Corman. Aceita outra bebida antes de sairmos? Ótimo. Só mais uma agora e esvaziará a garrafa. Cuidado ou derrubará essa mesa. Não se preocupe com isso. A faxineira arrumará tudo. Acho que terei de me mudar daqui muito em breve. Sou rico, Van Gogh. Meu pai tem medo de que eu o amaldiçoe por me trazer ao mundo como um aleijado. Por isso, ele me dá tudo o que eu quero. Quando saio de um lugar, nunca levo coisa alguma além de meu trabalho. Alugo um estúdio vazio e compro as coisas, uma a uma. Quando estou prestes a ficar sufocado, trato de me mudar de novo. Por falar nisso, que tipo de mulheres você prefere? Louras? Ruivas? Ora, não precisa se incomodar em trancar a porta. Reparou na maneira como os telhados de metal descem para o Boulevard Clichy numa espécie de oceano negro? Oh, diabo! Não preciso fingir para você. Eu me apoio nesta bengala e aponto as cenas bonitas porque sou um maldito aleijado e não posso andar mais do que uns poucos passos de cada vez! Pois somos todos aleijados, de um jeito ou de outro. Vamos embora.

4

Parecia muito fácil. Tudo o que ele tinha de fazer era jogar fora a paleta velha, comprar algumas tintas claras e pintar como um impressionista. Ao final do primeiro dia de tentativa, Vincent estava surpreso e um pouco mortificado. Ao final do segundo dia estava desnorteado. A confusão foi sucedida pela tristeza, ira e medo. Ao final da semana, ele sentia uma raiva tremenda. Apesar de todos os meses de experiências meticulosas com a cor, ele ainda era um inexperiente. Suas telas saíam escuras, opacas e pegajosas. Lautrec, sentado ao lado de Vincent no estúdio de Corman, observava a tinta e as imprecações aflorarem, mas se abstinha de oferecer qualquer conselho.

Se fora uma semana árdua para Vincent, fora mil vezes mais para Theo. Afinal, Theo era uma alma gentil, de maneiras suaves e hábitos delicados. Era extremamente meticuloso no trajar, no decoro, em seu apartamento e no local de trabalho. Só tinha apenas uma pequena fração da vitalidade e força contundentes de Vincent.

O pequeno apartamento na Rue Laval era apenas bastante grande para Theo e seus móveis Louis Philippe. Ao final da primeira semana, Vincent transformara o lugar numa loja de trastes. Ele andava de um lado para outro do apartamento, chutava móveis para fora do caminho, espalhava por todo chão telas, pincéis e tubos de tinta vazios, adornava os divãs e mesas com suas roupas sujas, quebrava pratos, derramava tinta e transtornava até o último hábito da vida de Theo.

— Vincent, Vincent — protestou Theo — não seja um tártaro!

Vincent andava de um lado para outro do pequeno apartamento, mordendo os nós dos dedos e murmurando para si mesmo. Acabou desabando pesadamente numa cadeira frágil.

— Não adianta — resmungou ele. — Comecei tarde demais. E estou muito velho para mudar. E como eu tentei, Theo! Iniciei vinte telas esta semana. Mas estou fixado em minha técnica, não posso começar tudo de novo. Estou perdido. Não posso voltar para a Holanda e pintar ovelhas depois do que descobri aqui. E cheguei tarde demais para entrar no fluxo principal do meu ofício. Oh, Deus, o que farei?

Ele levantou-se de um pulo, arremeteu pela porta para respirar um pouco de ar fresco, bateu-a violentamente, abriu uma janela, olhou para o Restaurante Bataille por um momento, fechou-a com tanta força que quase quebrou o vidro, foi até a cozinha para servir-se de um copo com água, derramou a metade no

chão, voltou para a sala com filetes de água escorrendo pelos lados do queixo.

— O que me diz, Theo? Devo desistir? Estou liquidado? É o que parece, não é mesmo?

— Está se comportando como uma criança, Vincent. Acalme-se por um momento e me escute Não, não, não fique andando de um lado para outro! Não posso falar com você desse jeito. E, pelo amor de Deus, tire essas botinas pesadas se vai chutar aquela cadeira dourada cada vez que passar!

— Mas permiti que você me sustentasse por seis longos anos, Theo! E o que você ganhou com isso? Uma porção de quadros escuros e um fracasso irremediável em suas mãos!

— Quando você quis desenhar camponeses, meu velho, pegou a coisa toda em uma semana? Ou levou cinco anos?

— Mas naquela ocasião eu estava apenas começando.

— Pois está apenas começando com a cor hoje! E provavelmente levará outros cinco anos.

— Não há fim para isso, Theo? Devo frequentar a escola durante toda a minha vida? Já estou com 33 anos. Quando, em nome de Deus, alcançarei a maturidade?

— Esta é a sua derradeira etapa, Vincent. Tenho visto tudo o que se está pintando na Europa. Os homens no meu *entresol* são a última palavra. E assim que você clarear sua paleta...

— Oh, Theo, acha mesmo que posso? Não pensa que sou um fracasso?

— Estou mais propenso a pensar que você é um asno. A maior revolução na história da arte e você quer dominá-la em uma semana!

Vamos fazer um passeio até o Butte e esfriar nossas cabeças. Se eu continuar aqui com você por mais cinco minutos provavelmente explodirei.

Na tarde seguinte Vincent desenhou no estúdio de Corman até tarde e depois foi procurar Theo na Goupils. Um crepúsculo do princípio de abril caíra, as fileiras compridas de prédios de pedra de seis andares estavam banhadas por uma tonalidade rosada do dia agonizante. Toda a cidade de Paris tomava seu *apéritif* Os cafés na calçada na Rue Montmartre estavam apinhados de amigos conversando e do seu interior vinha o som de música suave, tocando para reanimar os parisienses depois de seu dia de trabalho.

Os lampiões de gás estavam sendo acesos, os garçons estendiam toalhas nas mesas dos restaurantes, os empregados das lojas de departamentos baixavam as portas de aço corrugado e esvaziavam as caixas com mercadorias na calçada.

Theo e Vincent foram andando lentamente. Atravessaram a Place Chateaufun, com seu movimento de carruagens das seis ruas convergentes, passaram pela Notre Dame de Lorette, subiram a ladeira para a Rue Lava].

— Vamos tomar um *apéritif*, Vincent?

— Está certo. E vamos sentar num lugar onde possamos observar a multidão.

— Subiremos para o Bataille, na Rue des Abbesses. Alguns dos meus amigos provavelmente aparecerão por lá.

O Restaurante Bataille era frequentado principalmente por pintores.

Havia apenas quatro ou cinco mesas na frente, mas as duas salas internas eram confortavelmente grandes. Madame Bataille sempre levava os pintores para uma sala e os *bourgeois* para outra. Ela era capaz de determinar à primeira vista a que classe um homem pertencia.

— Garçom! — chamou Theo. — Traga-me um Kummel Eckau 00.

— O que sugere para mim, Theo?

— Experimente um *cointreau.* Terá de tentar várias coisas por algum tempo, até encontrar sua bebida permanente.

O garçom serviu-os em pires com o preço marcado em preto. Theo acendeu um charuto, Vincent o seu cachimbo. Lavadeiras de aventais pretos passavam com cestas de roupas passadas debaixo do braço; um trabalhador passou, segurando um arenque pelo rabo; surgiram três pintores em batas, com telas úmidas presas a cavaletes; homens de negócios em chapéus-coco cinzentos e casacos axadrezados também cinzentos; donas-de-casa em sandálias de pano, carregando uma garrafa de vinho ou um embrulho de carne; lindas mulheres, com saias compridas e graciosas, cinturas estreitas, pequenos chapéus emplumados empoleirados em suas cabeças.

— Não é um desfile deslumbrante, Theo?

— É, sim. Paris não desperta realmente antes da hora do *apéritif.*

— Estive tentando pensar... o que torna Paris uma cidade tão maravilhosa?

— Para ser franco, não tenho a menor ideia. É um eterno mistério. Imagino que tem alguma relação com o caráter francês. Há um padrão de liberdade e tolerância aqui, uma aceitação da vida que... Ei, aqui está um amigo meu que quero que você conheça. Boa noite, Paul. Como tem passado?

— Muito bem, obrigado, Theo.

— Posso lhe apresentar meu irmão, Vincent Van Gogh? Vincent, este é Paul Gauguin. Sente-se conosco, Paul, tome um dos inevitáveis absintos.

Gauguin levantou seu absinto, tocou com a ponta da língua na bebida, umedeceu todo o interior da boca. Virou-se para Vincent.

— Está gostando de Paris, Monsieur Van Gogh?

— E muito.

— *Tiens! C'est curieux.* Mas algumas pessoas gostam. Quanto a mim, acho que não passa de uma enorme lata de lixo. Com a civilização como o lixo.

— Não estou gostando do *cointreau,* Theo. Pode sugerir outra coisa?

— Experimente um absinto, Monsieur Van Gogh — interveio Gauguin. — É a única bebida à altura de um artista.

— O que acha, Theo?

— Por que me pergunta? Sirva-se. Garçom! Traga um absinto para monsieur. Parece bastante satisfeito hoje, Paul. O que aconteceu? Vendeu uma tela?

— Nada tão sórdido assim, Theo. Mas tive uma encantadora experiência esta manhã.

Theo lançou uma piscadela para Vincent.

— Conte-nos tudo, Paul. Garçom! Traga outro absinto para Monsieur Gauguin.

Gauguin encostou a ponta da língua no novo absinto, umedeceu o interior da boca com a bebida e depois começou a falar: — Conhecem aquele beco sem saída, o Impasse Frenier, na Rue des Forneaux? Pois às cinco horas desta manhã ouvi mãe Fourel, a mulher do carroceiro, gritar: "Socorro! Meu marido se enforcou!" Saltei da cama de um pulo, vesti a calça (ah, o decoro!), peguei uma faca lá embaixo e cortei a corda. O homem estava morto, mas ainda quente, ainda ardendo. Eu quis levá-lo para a cama. "Pare!", gritou Mme. Fourel. "Devemos esperar pela polícia."

Gauguin fez uma pausa, tomando um gole de absinto.

— No outro lado da minha casa há uma horta de quinze metros. "Tem um melão cantalupo?", perguntei ao homem da horta. "Claro, monsieur. E bem maduro." E fui comer o melão sem pensar no homem que se enforcara. Há sempre uma coisa boa na vida. Ao lado do veneno, há um antídoto. Fui convidado para almoçar. Vesti a minha melhor camisa, esperando impressionar a companhia. Relatei a história. Sorrindo, despreocupados, todos me pediram que arrumasse um pedaço da corda com que o homem se enforcara.

Vincent observou Paul Gauguin atentamente. Ele possuía a cabeça grande e escura de um bárbaro, com um enorme nariz, que se projetava do canto do olho esquerdo para o canto direito da boca. Os olhos eram imensos, no formato de amêndoas, protuberantes, impregnados de uma intensa melancolia. Arcadas de osso ressaltavam por baixo e por cima dos olhos, desciam pelas faces compridas e atravessavam o queixo largo. Era um verdadeiro gigante, com uma vitalidade opressiva e brutal.

Theo sorriu debilmente. — Paul, tenho a impressão de que você gosta um pouco demais de seu sadismo para que seja inteiramente natural. Preciso ir agora, pois tenho um compromisso para o jantar. Vem comigo, Vincent?

— Deixe-o ficar, Theo — disse Gauguin. — Quero conhecer melhor o seu irmão.

— Está certo. Mas não lhe despeje muitos absintos. Ele não está acostumado.

Garçom! *Combien?*

— Esse seu irmão é um bom sujeito, Vincent — comentou Gauguin, depois que Theo se afastou. — Ainda tem medo de expor os homens mais jovens, mas imagino que Valadon o contenha.

— Ele tem Monet, Sisley, Pissarro e Manet no balcão.

— É verdade. Mas onde estão os Seurats? E os Gauguins? E os Cezannes e Toulou-se-Lautrecs? Os outros homens estão ficando velhos agora e o tempo deles começa a passar.

— Quer dizer que conhece Toulou-se-Lautrec?

— Henri? Claro! Quem não o conhece? Ele é um excelente pintor, mas também é louco. Acha que se dormir com cinco mil mulheres vai se justificar por não ser um homem inteiro. Todas as manhãs ele acorda com um sentimento de inferioridade corrosivo porque não tem pernas; todas as noites ele afoga essa inferioridade na bebida e no corpo de uma mulher. Mas a coisa volta na manhã seguinte. Se ele não fosse louco, seria um dos nossos melhores pintores. É aqui que entramos. Meu estúdio fica no quarto andar. Tome cuidado com esse degrau. A tábua está quebrada.

Gauguin seguiu na frente, acendendo um lampião. Era uma mansarda miserável, com um cavalete, uma cama de latão, uma mesa e uma cadeira.

Numa alcova, perto da porta, havia algumas fotografias obscenas.

— Posso deduzir por aquelas fotografias que você não tem muita consideração pelo amor?

— Onde você vai sentar, na cama ou na cadeira? Há um pouco de tabaco para o seu cachimbo na mesa. Pois gosto de mulheres, contanto que sejam gordas e depravadas. A inteligência nas mulheres me irrita. Sempre desejei uma amante gorda e nunca arrumei nenhuma. Para me fazer de idiota, elas estão sempre grávidas. Leu um conto publicado no mês passado por um jovem chamado Maupassant? Ele é protegido de Zola. Um homem que ama mulheres gordas prepara a ceia de Natal em sua casa para duas pessoas e depois sai à procura de companhia. Encontra uma mulher que lhe agrada plenamente. Mas quando chegam à carne assada, ela dá à luz um garoto forte e extremamente berrador!

— Mas tudo isso que você muito bem explanou tem muito pouco a ver com amor, Gauguin.

Gauguin estendeu-se na cama, pôs um braço musculoso sob a cabeça, soprou nuvens de fumaça para as vigas sem pintura.

— Não estou querendo dizer que não sou suscetível à beleza, Vincent, mas simplesmente que meus sentidos não têm nada disso. Como pode perceber, não conheço o amor. Dizer “eu te amo” quebraria todos os meus dentes. Mas não

tenho do que me queixar. Como Jesus, eu digo: “A carne é a carne e o espírito é o espírito.” Graças a isso, uma pequena quantia de dinheiro satisfaz minha carne e meu espírito é deixado em paz.

— Certamente descarta a questão muito levianamente!

— A pessoa com quem se está na cama é importante. Com uma mulher que sente prazer, eu sinto o dobro do prazer. Mas prefiro o gesto externo vazio, em vez de envolver minhas emoções. Guardo-as para a pintura.

— Também estou chegando a essa conclusão ultimamente. Não, obrigado, acho que eu não aguentaria mais nenhum absinto. Não há problema, pode continuar. Meu irmão Theo tem a melhor opinião sobre o seu trabalho. Posso ver alguns dos seus estudos?

Gauguin levantou-se de um pulo.

— Não pode, não. Meus estudos são pessoais e particulares, como as minhas cartas. Mas eu lhe mostrarei meus quadros. Não poderá ver muita coisa com esta luz. Mas está certo, se insiste.

Gauguin ficou de joelhos, puxou uma pilha de telas de debaixo da cama, colocou-as uma a uma contra a garrafa de absinto na mesa. Vincent estava preparado para ver alguma coisa excepcional, mas não pôde sentir nada além de um espanto atordoado diante do trabalho de Gauguin.

Contemplou uma massa confusa de imagens encharcadas de sol; árvores como nenhum botânico poderia descobrir; animais cuja existência jamais fora suspeitada por Cuvier; homens que somente Gauguin poderia criar; um céu que nenhum Deus poderia habitar; um mar que poderia ter fluído de um vulcão. Havia nativos desajeitados e angulosos, com o mistério do infinito por trás de seus olhos ingênuos e primitivos; telas de sonho feitas em explosões de rosa, violeta e vermelho palpitante; cenas puramente decorativas em que a flora e a fauna selvagens desabrochavam com o calor e a luz do sol.

— Você é como Lautrec — murmurou Vincent. — Você odeia. E odeia com toda a sua força.

Gauguin soltou uma risada. — O que acha da minha pintura, Vincent?

— Para ser franco, não sei. Dê-me tempo para pensar a respeito. Quero voltar a ver seu trabalho outra vez.

— Apareça sempre que quiser. Só há um jovem hoje em Paris cuja pintura é tão boa quanto a minha: Georges Seurat. Ele também é um primitivo. Todos os outros idiotas de Paris são civilizados.

— Georges Seurat? — perguntou Vincent. — Acho que nunca ouvi falar dele.

— Nem poderia. Não há um marchand na cidade que exponha as suas telas. E, apesar disso, ele é um grande pintor.

— Eu gostaria de conhecê-lo, Gauguin.

— Eu o levarei até ele mais tarde. O que acha de jantarmos agora e darmos um pulo ao Bruant? Tem algum dinheiro? Só estou com dois francos. É melhor levarmos esta garrafa. Desça na frente. Ficarei segurando o lampião até você estar no meio da escada, caso contrário quebrará o pescoço.

5

Já eram quase duas horas da madrugada quando eles se aproximaram da casa de Seurat.

— Não tem receio de acordá-lo? — indagou Vincent.

— Claro que não. Ele trabalha durante a noite inteira. E pela maior parte do dia. Acho que nunca dorme. É esta a casa. Pertence à mãe de Georges. Ela me disse um dia: “Meu filho Georges quer pintar. Pois que ele pinte. Tenho dinheiro suficiente para nós dois. Só quero que ele seja um homem feliz.” Georges é um filho exemplar para ela. Não bebe, não fuma, não pragueja, não sai de noite, não anda atrás das mulheres, não gasta dinheiro com qualquer outra coisa que não materiais de pintura. Só tem um vício: pintar. Ouvi dizer que ele tem uma amante e um filho vivendo aqui perto. Mas Georges nunca me disse nada a respeito.

— A casa parece toda escura, Gauguin. Como vamos entrar sem acordar a família inteira?

— Georges ocupa o sótão. Provavelmente veremos uma luz acesa no outro lado. Jogaremos algumas pedrinhas na sua janela. É melhor você me deixar fazer isso. Se não jogar direito, acertará na janela do terceiro andar e acordará a mãe.

Georges Seurat desceu para abrir a porta, encostou um dedo nos lábios e levou-os pelos três lances de escada. Fechou a porta do sótão depois de entrarem.

— Georges — disse Gauguin — quero que você conheça Vincent Van Gogh, o irmão de Theo. Ele pinta como um holandês. Mas, fora isso, é um ótimo sujeito.

O sótão de Seurat era de um tamanho espetacular, abrangendo quase toda a extensão da casa. Havia telas enormes e inacabadas nas paredes, com andaimes na frente. Uma mesa grande, quadrada, estava colocada sob o lampião de gás; sobre essa mesa havia uma tela úmida.

— Fico feliz em conhecê-lo, Monsieur Van Gogh. Pode me perdoar por um momento? Tenho outro pequeno quadrado de cor para encher antes da tinta secar.

Ele subiu num banco alto e inclinou-se sobre a tela. O lampião de gás ardia com um clarão firme, amarelado. Cerca de vinte potes pequenos de tinta formavam uma linha impecável na mesa. Seurat encostou a ponta do menor pincel que Vincent já vira num dos potes e começou a aplicar pequenos pontos de cor na tela, com uma precisão matemática. Trabalhava calmamente, sem

emoção. Sua atitude era indiferente e desligada, como a de um mecânico. Ponto ponto ponto ponto. Ele estendia o pincel reto na mão, mal o encostava na tinta do pote, depois ponto ponto ponto ponto na tela, centenas e centenas de minúsculos pontos.

Vincent ficou observando-o, aturdido. Finalmente Seurat virou-se no banco.

— Pronto — disse ele. — Aquele espaço já está preenchido.

— Importa-se de mostrar a Vincent, Georges? — indagou Gauguin. — No lugar de onde ele vem só pintam vacas e ovelhas. Ele não sabia que existia uma arte moderna até uma semana atrás.

— Se quiser sentar-se neste banco, Monsieur Van Gogh.

Vincent instalou-se no banco e olhou para a tela estendida à sua frente. Era diferente de tudo o que ele já vira antes, na arte ou na vida. A cena representava a Ilha da Grande Jatte. Seres humanos arquitetônicos, compostos por pontos de cor infinitamente graduados, sobressaíam como postes numa catedral gótica. A relva, o rio, os barcos, as árvores, tudo era vago, massas abstratas de luz pontilhada. A tela era feita nas tonalidades mais brilhantes da paleta, mais claras do que as que Manet, Degas ou até mesmo Gauguin se atreviam a usar. O quadro era uma retirada para uma harmonia quase abstrata. Se estava vivo, não era como a vida da natureza.

O ar se achava impregnado de uma luminosidade reluzente, mas não se encontrava vida em parte alguma. Era uma natureza-morta de vida vibrante, da qual o movimento fora banido para sempre.

Gauguin postou-se ao lado de Vincent e riu da expressão em seu rosto.

— Está tudo bem, Vincent. As telas de Georges surpreendem todo mundo desse jeito na primeira vez em que se as contempla. Não se preocupe. Mas o que você acha?

Vincent virou-se para Seurat.

— Peço que me perdoe, monsieur, mas tantas coisas estranhas têm me acontecido nos últimos dias que não consigo encontrar o equilíbrio. Condicionei-me na tradição holandesa. Não tinha a menor ideia do que os impressionistas representavam. E agora descubro subitamente que tudo aquilo em que acreditava foi descartado.

— Eu compreendo — disse Seurat, suavemente. — Meu método está revolucionando toda a arte da pintura. Assim, não se podia esperar que você absorvesse tudo ao primeiro olhar. O problema, monsieur, é que até o presente a pintura tem sido uma questão de experiência pessoal. Meu objetivo é torná-la uma ciência abstrata. Devemos aprender a pôr de lado nossas sensações e alcançar uma precisão matemática da mente. Cada sensação humana pode e deve ser reduzida a um enunciado abstrato de cor, linha e tonalidade. Está vendo esses

pequenos potes de tinta na minha mesa?

— Já os tinha notado.

— Cada um desses potes, Monsieur Van Gogh, contém uma emoção humana específica. Com minha fórmula, podem ser produzidas em fábricas e vendidas nas lojas. Não há mais mistura casual de cores na paleta. Esse método pertence ao passado. Daqui por diante, o pintor entrará na loja de produtos químicos e simplesmente levantará as tampas dos pequenos potes de cores. Esta é uma era da ciência e transformarei a pintura numa ciência. A personalidade deve desaparecer e a pintura se tornar uma coisa precisa, como a arquitetura. Está me entendendo, monsieur?

— Não — respondeu Vincent. — Infelizmente, não.

Gauguin cutucou Vincent. — Ora, Georges, por que insiste em dizer que esse método é seu? Pissarro já o tinha desenvolvido antes mesmo de você nascer.

— É mentira!

O rubor espalhou-se pelo rosto de Seurat. Ele levantou-se, foi rapidamente até a janela, tamborilou no peitoril com as pontas dos dedos, depois voltou, furioso.

— Quem disse que Pissarro desenvolveu antes de mim? Estou dizendo que o método é meu. Fui o primeiro a pensar nele. Pissarro aprendeu seu pontilhismo comigo. Estudei a história da arte desde os primitivos italianos e posso garantir que ninguém pensou nisso antes de mim. Como se atreve...

Ele mordeu o lábio selvagemente, foi até um dos andaimes, virou as costas encurvadas a Vincent e Gauguin.

Vincent ficou completamente atordoado com a transição. O homem que se inclinara sobre a tela na mesa possuía feições arquitetônicas, perfeitas e frias. Tinha olhos desapaixonados, o comportamento impessoal de um cientista num laboratório. Sua voz era fria. Quase pedagógica. Havia em seus olhos o mesmo véu de abstração que estendia por suas telas. Mas o homem que se encontrava agora na extremidade do sótão estava mordendo o lábio inferior, grosso e vermelho, projetando-se pela barba cheia, desmanchava furiosamente a massa de cabelos castanhos encaracolados que antes se mantinha tão impecável.

— Ora, Georges, pare com isso — disse Gauguin, piscando para Vincent. — Todo mundo sabe que o método é seu. Sem você, não haveria o pontilhismo.

Apaziguado, Seurat voltou à mesa. O brilho de raiva se desvaneceu lentamente de seus olhos.

— Monsieur Seurat — disse Vincent — como podemos tornar a pintura uma ciência impessoal quando é essencialmente a expressão do indivíduo que conta?

— Vou-lhe mostrar!

Seurat pegou uma caixa de craions na mesa e agachou-se sobre o chão de

tábuas corridas. O lampião de gás ardia fracamente por cima deles. A noite estava completamente silenciosa. Vincent ajoelhou-se a um lado e Gauguin acocorou-se no outro. Seurat ainda estava excitado e falou com animação:

— Na minha opinião, todos os efeitos na pintura podem ser reduzidos a fórmulas. Vamos supor que eu queira desenhar uma cena de circo. Aqui está um cavaleiro em pelo, aqui está o treinador, aqui está a galeria e aqui os espectadores. Quero sugerir alegria. Quais são os três elementos da pintura? Linha, tom e cor. Para sugerir alegria, ponho todas as minhas linhas acima do horizontal... assim. Faço as cores luminosas dominantes, deste jeito, assim como o tom forte. Pronto! Isto não lhe sugere a abstração da alegria?

— Pode sugerir a abstração de alegria — respondeu Vincent — mas não capta a própria alegria.

Seurat levantou os olhos de sua posição agachada. Seu rosto estava na sombra. Vincent observou que era um homem muito bonito.

— Não estou à procura da alegria propriamente dita. Quero a essência da alegria. Conhece Platão, meu amigo?

— Conheço.

— Pois o que os pintores devem aprender a representar não é uma coisa, mas sim a essência de uma coisa. Quando o artista pinta um cavalo, não deve ser um cavalo em particular que se possa reconhecer na rua. A câmara pode tirar fotografias. Devemos ir além disso. E o que devemos captar quando pintamos um cavalo, Monsieur Van Gogh, é *a cavalice* de Platão, o espírito exterior de um cavalo. E quando pintamos um homem, não deve ser o *concierge*, com uma verruga na ponta do nariz, mas sim a masculinidade, o espírito e essência de todos os homens. Está me entendendo, meu amigo?

— Estou, sim — disse Vincent. — Mas não concordo.

— Chegaremos a uma concordância mais tarde.

Seurat ergueu-se, tirou a bata e limpou a cena de circo no chão com ela.

— E agora podemos continuar. Estou fazendo uma cena na Ilha da Grande Jatte. Faço todas as linhas horizontais. Para o tom, uso a perfeita igualdade entre quente e frio; para cor, a igualdade entre claro e escuro. Está vendo?

— Continue, Georges, sem fazer perguntas tolas — interveio Gauguin.

— E agora chegamos à tristeza. Fazemos todas as linhas correrem numa direção descendente, assim. Fazemos os tons frios dominantes, desse jeito, assim como as cores escuras. Aí está, a essência da tristeza! Uma criança poderia desenhar. A fórmula matemática para a distribuição do espaço numa tela será fixada num livro. Já desenvolvi essas fórmulas. O pintor precisa apenas ler o livro, ir à loja e comprar as tintas específicas, obedecer às regras. Pode trabalhar à luz do sol ou à luz de gás, ser um monge ou um libertino, ter sete ou setenta

anos. Todos os quadros alcançarão a mesma perfeição arquitetônica e impessoal.

Vincent piscou os olhos, aturdido. Gauguin soltou uma risada.

— Ele acha que você é louco, Georges.

Seurat limpou o último desenho com a bata, depois jogou-a num canto escuro.

— É a sua opinião, Monsieur Van Gogh?

— Claro que não — protestou Vincent. — Já fui chamado de louco muitas vezes para gostar dessa palavra. Mas devo admitir uma coisa: as suas ideias são muito estranhas.

— Ele está querendo dizer que sim, Georges — comentou Gauguin.

Houve uma batida brusca na porta.

— *Mon Dieu!* — resmungou Gauguin. — Acordamos sua mãe outra vez! E ela disse que me daria uma surra se eu aparecesse aqui de novo durante a noite!

A mãe de Seurat entrou no estúdio, num chambre pesado e de touca.

— Georges, você prometeu que não mais trabalharia durante toda a noite. Ah, é você, Paul? Por que não paga seu aluguel? Teria então um lugar para dormir à noite.

— Se me aceitasse aqui, mãe Seurat, eu não teria de pagar aluguel.

— Não, obrigada, pois um artista na família jé é o suficiente. Eu lhe trouxe café e brioches, Georges. Se você tem mesmo de trabalhar, precisa comer. Acho que terei de descer para pegar a sua garrafa de absinto, Paul.

— Ainda não bebeu tudo, mãe Seurat?

— Não se esqueça de que eu lhe falei da surra, Paul.

Vincent saiu das sombras.

— Mãe — disse Seurat — este é um novo amigo meu, Vincent Van Gogh.

Mãe Seurat apertou a mão de Vincent. — Qualquer amigo de meu filho é bem-vindo aqui, mesmo que seja às quatro horas da madrugada. O que vai querer beber, monsieur?

— Se não se incomoda, eu tomarei um copo do absinto de Gauguin.

— Não vai, não! — exclamou Gauguin. — Mãe Seurat me mantém em rações mínimas. Só uma garrafa por mês. Tome alguma outra coisa. Seu paladar pagão não conhece a diferença entre absinto *e chartreuse faune.*

Os três homens e mãe Seurat ficaram sentados a conversar até que o sol projetou um pequeno triângulo de claridade amarelada na janela do norte.

— É melhor eu me vestir logo para o dia — disse mãe Seurat. – Venha jantar com Georges e comigo uma noite dessas, Monsieur Van Gogh. Teremos o maior prazer em recebê-lo.

Na porta da rua, Seurat disse a Vincent: — Receio ter explicado meu método de uma maneira um tanto imperfeita. Volte quantas vezes quiser e trabalharemos

juntos. Depois que compreender meu método, chegará à conclusão de que a pintura nunca mais poderá ser como antes. E agora tenho de voltar à minha tela. Preciso preencher outro espaço antes de dormir. Por favor, apresente meus cumprimentos a seu irmão.

Vincent e Gauguin desceram pelos desfiladeiros de pedra desertos e subiram a ladeira para Montmartre. Paris ainda não despertara. As janelas verdes estavam fechadas, as portas das lojas trancadas, as pequenas carroças voltavam para os campos, depois de largarem suas cargas de legumes, frutas e flores em Les Halles.

— Vamos subir para o Butte e observar o sol acordar Paris — sugeriu Gauguin.

— Eu gostaria muito.

Depois de chegarem ao Boulevard Clichy, eles pegaram a Rue Lepic, que contornava o Moulin de Ia Galette e subia sinuosa pela colina de Montmartre. As casas foram se tornando cada vez mais espaçadas, surgiram áreas cobertas por flores e árvores. A Rue Lepic terminou abruptamente. Os dois homens enveredaram por uma trilha sinuosa através das moitas. Vincent perguntou de repente:

— Diga-me com franqueza, Gauguin: o que você acha de Seurat?

— Georges? Eu já esperava que me perguntasse isso. Ele conhece mais sobre cor do que qualquer outro homem, desde Delacroix. Tem teorias intelectuais sobre arte. O que é errado. Os pintores não devem pensar sobre o que fazem. Deixemos as teorias para os críticos. Georges fará uma contribuição definitiva para a cor e sua arquitetura gótica provavelmente apressará a reação primitiva na arte. Mas ele *é fou,* completamente *fou,* como você pôde constatar pessoalmente.

Era uma subida íngreme. Mas quando chegaram ao topo, toda Paris se estendia lá embaixo, o lago de telhados pretos e as frequentes torres de igrejas emergindo na neblina da noite. O Sena cortava a cidade ao meio, como um regato de luz sinuoso. As casas desciam pela colina de Montmartre até o vale do Sena, depois tomavam a subir por Montparnasse.

O sol subiu pelo céu e iluminou o Bois de Vincennes. Na outra extremidade da cidade o verde do Bois de Boulogne ainda se encontrava escuro e sonolento. Os três pontos de referência da cidade, a Opéra no centro, Notre Dame a leste e o Arc de Triomphe a oeste, erguiam-se pelo ar como montes de pedra irregulares.

6

A paz se instalou no pequeno apartamento na Rue Laval. Theo agradeceu à sua estrela-guia pelo momento de calmaria. Mas não durou muito. Ao invés de encontrar seu caminho lenta e meticulosamente através da paleta antiquada, Vincent começou a imitar seus amigos. Esqueceu tudo o que já aprendera sobre pintura em seu desejo desenfreado de se tornar um impressionista. Suas telas tornaram-se cópias atrozes de Seurats, Toulou-se-Lautrecs e Gauguins. Estava convencido de que realizava um esplêndido progresso.

— Escute, meu velho, qual é o seu nome? — perguntou Theo uma noite.

— Vincent Van Gogh.

— Tem certeza de que não é Georges Seurat ou Paul Gauguin?

— Que diabo está querendo dizer, Theo?

— Pensa realmente que pode se tornar um Georges Seurat? Não percebe que só houve um Lautrec desde o princípio dos tempos? E somente um Gauguin... graças a Deus! É uma tolice você tentar imitá-los.

— Não estou imitando, mas aprendendo com eles.

— Claro que está imitando. Mostre-me uma de suas novas telas e eu lhe direi com quem esteve na noite anterior.

— Mas estou melhorando constantemente, Theo. Observe como estes quadros estão muito mais claros.

— Está piorando a cada dia. Pinta menos e menos como Vincent Van Gogh a cada novo quadro. Esse não é o seu caminho, meu velho. Levará muitos anos de trabalho árduo. Por acaso é tão fraco que tem de imitar os outros? Não pode simplesmente assimilar o que eles têm a oferecer?

— Essas telas são boas, Theo!

— Pois eu lhe garanto que são horríveis!

A batalha começou.

Todas as noites, quando voltava da galeria, cansado e com os nervos à flor da pele, Theo encontrava Vincent à espera, impaciente, com uma nova tela. E ele se lançava impetuosamente sobre Theo, antes mesmo que o irmão tivesse tempo de tirar o chapéu e o casaco.

— Aqui está! Diga-me que isto não é bom! Diga que minha paleta não está melhorando! Olhe só para este efeito de sol! Olhe para este...

Theo tinha de optar entre dizer uma mentira e passar uma noite agradável com um irmão afável ou declarar a verdade e ser perseguido violentamente por todo o apartamento até o amanhecer. Theo sentia-se terrivelmente cansado. Não

tinha condições de dizer a verdade. Mas foi o que fez.

— Quando esteve em Durand-Ruel pela última vez? — perguntou Theo, cansado.

— O que isso tem a ver?

— Responda à minha pergunta.

— Ontem de tarde — murmurou Vincent, constrangido.

— Sabia que há quase cinco mil pintores em Paris tentando imitar Edouard Manet, Vincent? E a maioria consegue fazê-lo melhor do que você.

O campo de batalha era pequeno demais para que um dos dois sobrevivesse.

Vincent tentou uma nova manobra. Lançou todos os impressionistas em uma única tela.

— Maravilhoso — comentou Theo, naquela noite. — Daremos a este quadro o nome de *Recapitulação.* E rotularemos cada coisa. Aquela árvore é peça genuína de Gauguin. A garota no canto é indubitavelmente uma Toulou-se-Lautrec. Eu diria que a luz do sol no regato é Sisley, a cor é Monet, as folhas são Pissarro, o ar é Seurat e a figura central é Manet.

Vincent lutou arduamente. Trabalhava com afinco durante o dia inteiro e quando Theo chegava em casa à noite era censurado como uma criança. Theo tinha de dormir na sala e assim Vincent não podia pintar ali durante a noite inteira. As brigas com Theo deixavam-no muito excitado e tenso para dormir. Passava longas horas discutindo com o irmão. Theo batalhava até cair no sono de pura exaustão, a luz ainda acesa e Vincent ainda gesticulando freneticamente. A única coisa que sustentava Theo era o pensamento de que em breve estariam na Rue Lepic, onde teria um quarto só seu e uma tranca forte na porta.

Quando se cansava de discutir sobre as suas próprias telas, Vincent povoava as noites de Theo com conversas tumultuadas sobre a arte, o negócio de arte e a miserável profissão de pintor.

— Não entendo, Theo. Você é o gerente de uma das mais importantes galerias de arte de Paris e não expõe uma das telas do seu próprio irmão.

— Valadon não permitiria.

— Já tentou?

— Mil vezes.

— Muito bem, admitamos que meus quadros não sejamos bons o bastante. Mas o que me diz de Seurat? E Gauguin? E Lautrec?

— Toda vez que eles me trazem novas telas, eu suplico a Valadon que me permita pendurá-las no *entresol.*

— É você quem manda na galeria ou alguma outra pessoa?

— Infelizmente, eu apenas trabalho lá.

— Pois então deve sair. É degradante, simplesmente degradante. Eu não

suportaria isso, Theo. Deixe-os.

— Vamos deixar para conversar sobre isso pela manhã, Vincent. Tive um dia cansativo e quero dormir.

— Mas eu não quero esperar até amanhã. Quero conversar a respeito imediatamente. De que adianta expor Manet e Degas, Theo? Eles já estão sendo aceitos. Começam a vender. Você deve lutar agora pelos mais novos.

— Dê-me tempo, por favor. Talvez, dentro de três anos...

— Não podemos esperar três anos. Precisamos de ação agora. Oh, Theo, por que não larga o emprego e abre a sua própria galeria de arte? Pense só, nunca mais Valadon, Bouguereau ou Henner!

— Isso exigiria dinheiro, Vincent. Não tenho nenhum guardado.

— Daríamos um jeito de arrumar o dinheiro.

— O negócio de arte se desenvolve muito lentamente.

— Pois que seja lento. Trabalharemos dia e noite até consolidar a sua situação.

— E o que faríamos até lá? Temos de comer.

— Está me censurando por não ganhar o meu próprio sustento?

— Pelo amor de Deus, Vincent, vá deitar. Estou exausto.

— Não vou deitar agora. Quero primeiro saber a verdade. É esse o único motivo pelo qual você não larga a Goupils? Porque tem de me sustentar? Vamos, diga a verdade. Sou um peso morto para você. Eu o mantenho no fundo. Obrigo-o a se manter no emprego. Se não fosse por mim, você estaria livre.

— Se eu fosse um pouco maior ou um pouco mais forte, Vincent, eu lhe daria uma boa surra. Mas como não sou, acho que contratarei Gauguin para fazer isso por mim. Meu trabalho é com a Goupils, Vincent, agora e sempre. Seu trabalho é pintar, agora e sempre. A metade do meu trabalho na Goupils pertence a você; a metade dos seus quadros me pertence. E agora saia da minha cama e deixe-me dormir ou chamarei um gendarme!

Na noite seguinte Theo entregou um envelope a Vincent e disse: Se não tem nada para fazer esta noite, poderemos ir à festa.

— Quem está oferecendo?

— Henri Rousseau. Dê uma olhada no convite.

Havia dois versos de um poema simples e flores pintadas no cartão.

— Quem é ele? — perguntou Vincent.

— Nós o chamamos de *le Douanier.* Ele era um coletor alfandegário na província até completar quarenta anos. Costumava pintar aos domingos, assim como Gauguin. Veio para Paris há poucos anos e instalou-se no distrito de trabalhadores em torno da Bastille. Nunca teve um dia de educação ou instrução na vida, mas pinta, escreve poesia, compõe música, dá aulas de violino aos filhos

dos trabalhadores, toca piano e ensina desenho a um casal de velhos.

— Que tipo de coisas ele pinta?

— Principalmente animais fantásticos, espiando de selvas ainda mais fantásticas. O mais perto que ele já chegou de uma selva é o Jardin d'Acclimation, no Bois de Boulogne. Ele é camponês e um primitivo natural, mesmo se Paul Gauguin ria dele.

— E o que você acha do trabalho dele, Theo?

— Não sei. Todos o chamam de imbecil e louco.

— E ele é?

— Tem alguma graça de uma criança ... uma criança primitiva. Vamos à festa esta noite e você terá a oportunidade de julgá-lo pessoalmente Todas as telas de Rousseau estão nas paredes.

— Ele deve ter dinheiro para oferecer festas.

— Rousseau é provavelmente o pintor mais pobre de Paris hoje. Precisa até alugar o violino com que dá aulas, porque não tem dinheiro para comprá-lo. Mas ele tem um objetivo ao oferecer essas festas. Você descobrirá por si mesmo.

A casa em que Rousseau vivia era habitada por famílias de artesãos.

Rousseau ocupava um aposento no, quarto andar. A rua estava repleta de crianças berrando; o mau cheiro combinado de comida, roupa lavada e latrinas no corredor era suficiente para sufocar qualquer um.

Henri Rousseau abriu a porta quando Theo bateu. Era baixo e corpulento, mais ou menos do tipo de Vincent. Os dedos eram curtos e grossos, a cabeça quase quadrada. Tinha nariz e queixo achatados, olhos grandes e inocentes.

— A sua presença é uma grande honra, Monsieur Van Gogh — disse ele, em voz suave e afável.

Theo apresentou Vincent. Rousseau ofereceu-lhes cadeiras. O aposento era todo colorido, quase alegre. Rousseau pusera nas janelas cortinas camponesas, de pano axadrezado em vermelho e branco. As paredes eram totalmente ocupadas por animais selvagens e florestas estranhas, as paisagens mais fantásticas.

Quatro garotos permaneciam de pé junto a um piano escalavrado no canto, segurando violinos nervosamente. Na platibanda por cima da lareira estavam os bolinhos que o próprio Rousseau preparara e salpicara com cariz. Diversos bancos e cadeiras se espalhavam pelo aposento.

— São os primeiros a chegarem, Monsieur Van Gogh — disse Rousseau. — O crítico, Guillaume Pille, está me prestando a honra de trazer um grupo.

Um barulho se elevava da rua; vozes de crianças e o rumor das rodas das carruagens sobre as pedras do calçamento. Rousseau abriu a porta.

Lindas vozes femininas subiam no corredor.

— Continuem em frente, continuem em frente! — trovejou uma voz. — Uma mão no corrimão e a outra tapando o nariz!

Uma explosão de risos seguiu-se ao gracejo. Rousseau, que ouviu claramente, virou-se para Vincent e sorriu. Vincent pensou que nunca vira olhos tão límpidos e inocentes num homem, olhos tão desprovidos de malícia e ressentimento.

Um grupo de dez ou doze pessoas entrou na sala. Os homens vestiam trajes a rigor, as mulheres usavam vestidos suntuosos, sapatos elegantes, luvas brancas compridas. Trouxeram para a sala a fragrância de perfumes caros, pó de arroz delicado, seda e renda antiga.

— Como está vendo, Henri, nós viemos — declarou Guillaume Pille, com sua voz profunda e pomposa. — Mas não podemos ficar muito tempo. Vamos a um baile na casa da Princesa de Broglie. Até lá, você deve distrair meus convidados.

— Ah, como eu queria conhecê-lo! — exclamou uma jovem esguia, de cabelos castanho-avermelhados, com um decote grande. — Imaginem só, este é o grande pintor de quem toda Paris está falando! Quer beijar-me a mão, Monsieur Rousseau?

— Cuidado, Blanche — disse alguém. — Você sabe... esses artistas...

Rousseau sorriu e beijou a mão da moça. Vincent encolheu-se num canto. Pille e Theo conversaram por um momento. O resto do grupo circulou pela sala aos pares, comentando as diversas telas com acessos de risos, apalpando as cortinas de Rousseau, ornamentos, vasculhando cada canto em busca de novo motivo de diversão.

— Se quiserem sentar, senhoras e senhores — disse Rousseau – minha orquestra tocará uma de minhas próprias composições. Dediquei-a a Monsieur Pille. Intitula-se Chanson Raval.

— Venham, venham todos! — gritou Pille. — Rousseau vai nos proporcionar diversão. Jeanie! Blanche! Jacqurs! Venham logo sentar! Isto será precioso!

Os quatro garotos trêmulos postaram-se diante de uma única estante de música e afinaram seus violinos. Rousseau sentou-se ao piano e fechou os olhos. Depois de um momento, ele disse:

— Pronto!

Começou a tocar. A composição era uma pastoral simples. Vincent tentou prestar atenção, mas as risadinhas da audiência se sobrepunham à música.

Ao final, todos aplaudiram ruidosamente. Blanche foi até o piano, pôs as mãos nos ombros de Rousseau e disse: — Foi lindo, monsieur, simplesmente lindo. Nunca me senti tão profundamente comovida.

— Está me lisonjeando, madame.

Blanche estourou em gargalhada. — Ouviu isso, Guillaume? Ele acha que o estou lisonjeando!

— Tocarei outra composição agora — anunciou Rousseau.

— Cante-nos um dos seus poemas para acompanhar, Henri. Sabemos que escreveu muitos poemas.

Rousseau sorriu ingenuamente.

— Está bem, Monsieur Pille. Cantarei um poema junto, se assim deseja. Ele foi a uma mesa, pegou um maço de poemas, folheou-os e selecionou um. Sentou-se ao piano e começou a tocar. Vincent achou que a música era boa. E também gostou dos poucos versos que pôde ouvir do poema. Mas o efeito dos dois juntos era ridículo. O grupo uivou de tanto rir, dando tapas nas costas de Pille e exclamando: — Ah, Guillaume, você não presta! Nunca vi ninguém tão dissimulado!

Terminando a música, Rousseau foi à cozinha e voltou com diversas xícaras de café, grossas e ordinárias, que distribuiu entre os convidados.

Eles tiraram o cariz dos bolinhos, jogando no café uns dos outros. Vincent ficou fumando seu cachimbo no canto.

— Mostre-nos os seus últimos quadros, Henri. Foi para isso que viemos. Devemos vê-los aqui, em seu ateliê, antes de serem comprados pelo Louvre.

— Tenho alguns quadros novos lindos — disse Rousseau. — Vou tirá-los das paredes para vocês verem.

O bando se reuniu em tomo da mesa, cada um tentando superar os outros na extravagância de seus elogios.

— Este é divino, simplesmente divino — balbuciou Blanche. — Devo tê-lo em meu boudoir. Não posso passar sequer mais um dia sem ele! *Cher maitre,* quanto custa esta obra-prima imortal?

— O preço é de 25 francos.

— Como, 25 francos? Imaginem só, 25 francos por uma grande obra de arte! Pode fazer uma dedicatória para mim?

— Terei o maior prazer.

— Prometi a Françoise que lhe daria um quadro — disse Pille. — Henri, este é para minha noiva. Deve ser a melhor coisa que você já fez.

— Sei qual é o mais apropriado, Monsieur Pille.

Ele pegou o quadro de um estranho animal, numa selva de conto de fadas. Todos se agruparam em tomo de Pille, às gargalhadas. — O que é isto?

— É um leão.

— Não, é um tigre.

— Posso garantir que é a minha lavadeira. Não é difícil reconhecê-la.

— Esse quadro é um pouco maior, monsieur — disse Rousseau, suavemente. — Custará trinta francos.

— Vale o preço, Henri, vale o preço. Algum dia meus netos venderão esta tela extraordinária por trinta mil francos!

— Quero uma! Quero uma! — gritaram vários outros. — Tenho de mostrar a meus amigos! É o maior espetáculo da temporada!

— Vamos embora logo ou chegaremos atrasados para o baile — disse Pille. — E levem os seus quadros. Causaremos o maior rebuliço na casa da Princesa de Broglie com essas coisas. Au *revoir,* Henri. Foi uma festa maravilhosa. Convide-nos quando oferecer outra.

— *Adeus, cher maitre* — disse Blanche, o lenço perfumado sob o nariz. Nunca o esquecerei. Viverá para sempre em minha lembrança.

— Deixe-o em paz, Blanche — gritou um dos homens. — O pobre coitado não conseguirá dormir a noite inteira.

Eles desceram a escada ruidosamente, gritando gracejos, deixando em sua esteira uma nuvem de perfume dispendioso, a misturar-se com o mau cheiro do prédio.

Theo e Vincent encaminharam-se para a porta. Rousseau estava parado junto à mesa, olhando para a pilha de moedas.

— Importa-se de voltar para casa sozinho, Theo? — indagou Vincent. — Quero ficar mais um pouco.

Theo se retirou. Rousseau nem reparou. Vincent fechou a porta e encostou-se nela. Rousseau continuou a contar o dinheiro na mesa.

— Oitenta francos, noventa, cem, cento e cinco.

Ele levantou os olhos e deparou com Vincent a observá-lo. A expressão simples e infantil retornou a seus olhos. Empurrou o dinheiro para o lado e continuou parado no mesmo lugar, sorrindo tolamente.

— Tire essa máscara, Rousseau — disse Vincent. — Também sou um camponês e um pintor.

Rousseau deixou a mesa, aproximou-se de Vincent e pegou-lhe a mão afetuosamente.

— Seu irmão mostrou-me os seus retratos dos camponeses holandeses. São bons. São melhores que os de Millet. Contemplei-os muitas vezes. E não posso deixar de admirá-lo, monsieur.

— E eu também estudei os seus quadros, Rousseau, enquanto aqueles... estavam apenas bancando os idiotas. E também o admiro.

— Obrigado. Não quer sentar? Quer encher o seu cachimbo com o meu tabaco? Ganhei 105 francos, monsieur. Poderei comprar tabaco, comida e telas para pintar.

Eles sentaram em lados opostos da mesa, fumando num silêncio amistoso e pensativo.

— Sabe que o chamam de louco, não é mesmo, Rousseau?

— Sei, sim. E ouvi dizer que em Haia também pensam que você é louco.

— É verdade.

— Pois deixemos que eles pensem o que quiserem. Algum dia meus quadros estarão pendurados no Luxembourg.

— E os meus estarão no Louvre — acrescentou Vincent.

Eles leram o pensamento nos olhos um do outro e desataram numa risada espontânea.

— Eles estão mesmo certos, Henri. Nós somos loucos.

— Vamos fazer um brinde a isso? — sugeriu Rousseau.

7

Gauguin bateu na porta do apartamento na quarta-feira seguinte, perto da hora do jantar.

— Seu irmão me pediu para levá-lo ao Café Batignolles esta noite. Ele tem de trabalhar até tarde na galeria. Essas telas são interessantes. Posso dar uma olhada?

— Claro. Fiz algumas no Brabant, outras em Haia.

Gauguin estudou cada quadro por um longo tempo. Por várias vezes levantou a mão, abriu a boca, fez menção de falar. Parecia não ser capaz de formular seus pensamentos.

— Perdoe-me por perguntar, Vincent, — disse ele, finalmente — mas você por acaso é epiléptico?

Vincent estava vestindo um casaco de pele de ovelha que, para consternação de Theo, comprara numa loja de roupas usadas e insistia em usar. Virou-se e olhou aturdido para Gauguin.

— Eu sou o quê?

— Um epiléptico, um desses sujeitos que têm acessos nervosos.

— Ao que eu saiba, não, Gauguin. Por que pergunta?

— É que seus quadros... parece que vão explodir para fora das telas. Quando olho para o seu trabalho... e não é a primeira vez que isso me acontece... começo a sentir um excitamento nervoso que mal consigo controlar. Sinto que se o quadro não explodir, então certamente eu explodirei! Sabe onde seus quadros me afetam mais?

— Não. Onde é?

— Nas entranhas. Tudo por dentro de mim começa a tremer. Fico me sentindo tão excitado e perturbado que quase não posso me conter.

— Talvez eu possa vendê-los como laxativos. Pendure um quadro no banheiro e olhe-o numa hora determinada, todos os dias.

— Falando sério, Vincent, acho que eu não poderia viver com seus quadros. Eles me levariam à loucura em uma semana.

— Vamos embora?

Os dois subiram a Rue Montmartre até o Boulevard Clichy.

— Já jantou? — perguntou Gauguin.

— Não. E você?-

— Também não. Vamos ao Bataille?

— Boa ideia. Tem algum dinheiro?

— Nem um cêntimo. E você?

— Como sempre, estou liso. Esperava que Theo me levasse para jantar.

— Acho que não vamos comer.

— Mesmo assim, vamos até lá para ver qual é *o plat du jour.*

Eles pegaram a Rue Lepic, subindo a colina, viraram à direita na Rue des Abbesses. Madame Bataille tinha um cardápio escrito a tinta pregado numa de suas imitações de árvores em tinas, na frente.

— Hum... — murmurou Vincent. — *Côte de veau aux petits pois.* Meu prato predileto.

— Detesto vitela — disse Gauguin. — Ainda bem que não temos de comer.

— *Quelle blague!*

Eles desceram a rua e entraram no pequeno parque triangular na base do Butte.

— Ei, lá está Paul Cezanne, dormindo num banco! — disse Gauguin abruptamente. — Não consigo entender por que o idiota sempre usa os sapatos como travesseiro. Vamos acordá-lo.

Ele tirou o cinto da calça, dobrou-o e bateu nos pés metidos em meias do homem adormecido. Cezanne levantou-se de um pulo, soltando um uivo de dor.

— Gauguin, seu sádico infernal! É essa a sua ideia de uma brincadeira? Serei forçado a rachar seu crânio um dia desses.

— Merece a lição por deixar os pés expostos. Por que põe essas imundas botinas da Provence embaixo da cabeça? São piores do que não ter travesseiro algum.

Cezanne esfregou as solas dos pés, uma de.cada vez, depois calçou as botinas, resmungando.

— Não uso as botinas como travesseiro. Só as ponho debaixo da cabeça para que ninguém roube enquanto estou dormindo.

Gauguin virou-se para Vincent. — Pela maneira como ele fala, dá até para pensar que é um artista faminto. Mas seu pai é dono de um banco e de metade de Aix-en-Provence. Paul, este é Vincent Van Gogh, o irmão de Theo.

Cezanne e Vincent trocaram um aperto de mão.

— É uma pena que não o tenhamos encontrado meia hora antes, Cezanne — disse Gauguin. — Poderia ter nos acompanhado no jantar. O Bataille está com o melhor *côte de veau aux petits pois* que já saboreei.

— Estava mesmo tão bom assim? — indagou Cezanne.

— Se estava bom? Estava delicioso! Não é mesmo, Vincent?

— É, sim.

— Então acho que comerei um. Não querem me fazer companhia?

— Não sei se eu conseguiria comer outra porção. E você, Vincent?

— Acho que não. Mas se Monsieur Cezanne insiste...

— Seja um bom camarada, Gauguin. Você sabe muito bem que eu detesto comer sozinho. E peçam outra coisa, se não aguentam mais a vitela.

— Está certo... só para atendê-lo. Vamos embora, Vincent.

Eles tornaram a subir a Rue des Abbesses, até o Bataille.

— Boa noite, senhores — disse o garçom. — Já escolheram?

— Já, sim — respondeu Gauguin. — Traga-nos três *plats du jour. — Bien.* E que vinho?

— Você escolhe o vinho, Cezanne. Sabe mais sobre essas coisas do que eu.

— Vamos ver... tem Saint-Estephe, Bordeaux, Sauterne, Beaune...

— Já experimentou o Pommard? — interrompeu-o Gauguin, com uma expressão inocente. — Penso às vezes que é o melhor vinho que eles têm aqui.

— Traga-nos uma garrafa de Pommard — disse Cezanne ao garçom.

Gauguin engoliu rapidamente a sua vitela com ervilhas, depois virou-se para Cezanne, que ainda estava no meio do jantar.

— Por falar nisso, Paul — comentou ele — soube que “L'Oeuvre” de Zola está vendendo aos milhares.

Cezanne lançou-lhe um olhar sombrio e amargurado, empurrou o prato para o lado com repulsa. Virou-se para Vincent.

— Já leu esse livro, monsieur?

— Ainda não. Acabei “Germinal”.

— “L'Oeuvre” é um livro horrível e ainda por cima falso — disse Cezanne. — Sem falar que é a pior traição que já foi cometida em nome da amizade. O livro é a respeito de um pintor, Monsieur Van Gogh. A meu respeito! Emile Zola é meu amigo mais antigo. Fomos criados juntos em Aix. Cursamos a mesma escola. Só vim para Paris porque ele estava aqui. Emile e eu éramos mais íntimos do que irmãos. Durante toda a juventude planejamos como, lado a lado, haveríamos de nos tomar grandes artistas. E agora ele fez isso comigo.

— O que ele fez com você? — indagou Vincent.

— Ridicularizou-me. Escarneceu de mim. Transformou-me no alvo do riso de toda Paris. Dia após dia eu lhe falei sobre minhas teorias da luz, teorias de representar sólidos sob aparências da superfície, ideias de uma paleta revolucionária. Ele escutava, me encorajava, fazia perguntas. E durante todo o tempo estava apenas recolhendo material para esse livro, a fim de mostrar como eu era um idiota.

Ele esvaziou seu copo de vinho, tomou a fitar Vincent e continuou, os olhos pequenos ardendo com um ódio arrebatado: — Zola combinou três de nós no livro, Monsieur Van Gogh: eu, Bazille e um pobre coitado que costumava varrer o estúdio de Manet. O rapaz tinha ambições artísticas, mas acabou se enforcando

em desespero. Zola me descreve como um visionário, outro pobre-diabo desorientado que pensa estar revolucionando a arte, mas que não pinta da maneira convencional simplesmente porque não tem talento para pintar qualquer coisa. E me enforca no andaime da minha obra-prima quando compreendo que tomei por gênio o que era apenas uma borração insana. Põe em confronto comigo outro artista de Aix, um escultor sentimental que produz o mais banal lixo acadêmico, transformando-o num grande artista.

— Isso é ainda mais engraçado quando a gente lembra que Zola foi o primeiro a defender a revolução de Edouard Manet na pintura — interveio Gauguin. — Emile fez mais pela pintura impressionista do que qualquer outro homem vivo.

— Tem razão. Ele idolatrou Manet porque Edouard derrubou os acadêmicos. Mas quando eu tento ir além dos impressionistas, ele me chama de tolo e idiota. O que posso dizer de Emile é que se trata de uma inteligência medíocre e um amigo abominável. Deixei de ir à sua casa há muito tempo. Ele vive como um maldito burguês. Tapetes ricos no chão, vasos em cima da lareira, criados, uma escrivaninha toda esculpida para ele escrever suas obras-primas. Incrível! Ele é mais classe média do que Manet jamais se atreveu. Os dois eram irmãos burgueses por baixo da pele. É por isso que se deram tão bem. E só porque eu vim da mesma cidade e o conheci quando era garoto, Emile pensa que não posso realizar qualquer obra importante.

— Contaram-me que ele escreveu uma *brochure* para os seus quadros no Salon des Refusées, há poucos anos. O que aconteceu?

— Emile rasgou-a, Gauguin, pouco antes de ser enviada para a gráfica.

— Por quê? — perguntou Vincent.

— Ele ficou com medo que os críticos pensassem que me patrocinava só porque éramos velhos amigos. Se ele tivesse publicado aquela *brochure,* eu estaria estabelecido. Em vez disso, ele publicou “L'Oeuvre”. É o que vale a amizade. Meus quadros no Salon des Refusées ganham os risos de 99 em 100 pessoas. Durand-Ruel expõe Degas, Monet e meu amigo Guillaumin, mas se recusam a me conceder um palmo de espaço. Até mesmo seu irmão, Monsieur Van Gogh, tem medo de me pôr no *entresol.* O único marchand de Paris que mostra meus quadros em sua vitrine é Père Tanguy. Mas o pobre coitado não pode vender um pedaço de pão a um milionário faminto.

— Ainda resta algum Pommard na garrafa, Cezanne? — indagou Gauguin. — Obrigado. O que tenho contra Zola é que ele faz as suas lavadeiras falarem como autênticas lavadeiras. Mas quando as deixa, ele esquece de mudar seu estilo.

— Pois eu já estou cansado de Paris. Voltarei para Aix e passarei lá o resto

da minha vida. Há um morro subindo do vale que oferece uma vista de toda a região. Há um sol claro e forte na Provence, muita cor. Conheço um terreno perto do. topo do morro que está à venda. Coberto por pinheiros. Construirei um estúdio ali, plantarei um pomar de macieiras. E erguerei um enorme muro de pedra em torno da minha propriedade. E misturarei cacos de garrafa com cimento no alto do muro, a fim de manter o mundo do lado de fora. Nunca mais deixarei a Provence. Nunca mais!

— Um eremita, hem? — murmurou Gauguin no seu copo de Pommard.

— Isso mesmo, um eremita.

— O eremita de Aix. Um título encantador. É melhor seguirmos logo para o Café Batignolles. A esta altura, todos já devem estar lá.

8

Quase todos estavam lá. Lautrec tinha uma pilha de pires à sua frente, bastante alta para apoiar o queixo. Georges Seurat conversava em voz baixa com Anquetin, um pintor alto e magro, que tentava combinar o método dos impressionistas com o das gravuras japonesas. Henri Rousseau tirava bolinhas do bolso e mergulhava-as num *café au lait,* enquanto Theo travava uma animada discussão com dois dos mais modernos críticos parisienses.

Batignolles fora anteriormente um subúrbio à entrada do Boulevard Clichy. Edouard Manet reunia ali os espíritos afins de Paris, ao seu redor.

Antes da morte de Manet, a École des Batignolles tinha o hábito de se reunir duas vezes por semana no café Legros. Fantin-Latour, Courbet, Renoir, todos ali compareciam e desenvolviam suas teorias da arte. Mas agora a École estava dominada pelos homens mais jovens. Cezanne viu Emile Zola. Foi para uma mesa distante, sentou alheio à multidão, pedindo um café. Gauguin apresentou Vincent a Zola e depois colocou uma cadeira ao lado de Toulou-se-Lautrec. Zola e Vincent ficaram sozinhos na mesma mesa.

— Eu o vi chegar com Paul Cezanne, Monsieur Van Gogh. Ele lhe disse alguma coisa a meu respeito, não é mesmo?

— É, sim.

— E o que foi?

— Acho que o seu livro magoou-o profundamente.

Zola suspirou e empurrou a mesa para longe do banco estofado em couro, a fim de proporcionar mais espaço à sua enorme barriga.

— Já ouviu falar da cura Schweininger? — perguntou ele. — Dizem que se um homem não bebe coisa alguma às refeições pode perder quinze quilos em três meses.

— Nunca ouvi falar.

— Doeu-me profundamente escrever aquele livro sobre Paul Cezanne. Mas cada palavra é verdadeira. Você é um pintor. Falsificaria o retrato de um amigo só para não deixá-lo infeliz? Claro que não. Paul é um homem extraordinário. Foi o meu melhor amigo por muitos anos. Mas sua obra é simplesmente ridícula. Somos muito tolerantes na minha casa, monsieur. Mas quando os amigos me visitam, tenho de guardar as telas de Paul num armário, a fim de que não riam dele.

— Mas certamente o trabalho de Cezanne não pode ser tão ruim assim.

— É pior, meu caro Van Gogh, é pior. Ainda não viu nada? Isso explica a sua

incredulidade. Ele desenha como uma criança de cinco anos. Eu lhe dou minha palavra. Acho que ele enlouqueceu completamente.

— Gauguin o respeita.

— Parte meu coração ver Cezanne desperdiçar sua vida dessa maneira fantástica — continuou Zola. — Ele deveria voltar para Aix e assumir a posição do pai no banco. Do jeito que as coisas estão agora... algum dia ele ainda se enforcará... como eu previ em “L'Oeuvre”. Já leu esse livro, monsieur?

— Ainda não. Acabei de ler “Germinal”.

— É mesmo? E o que achou?

— Acho que é a melhor coisa desde Balzac.

— É a minha obra-prima. Apareceu *en feuilleton* em “Gil Blas” no ano passado. Ganhei um bom dinheiro por isso. E agora o livro vendeu mais de sessenta mil exemplares. Minha renda nunca foi tão grande quanto agora. Pretendo acrescentar uma nova ala à minha casa em Medan. O livro já causou quatro greves e revoltas nas regiões mineiras da França. “Germinal” provocará uma gigantesca revolução. E quando isso acontecer, adeus ao capitalismo! Que tipo de coisa pinta, monsieur... Qual foi mesmo o seu primeiro nome que Gauguin disse?

— Vincent... Vincent Van Gogh. Theo Van Gogh é meu irmão.

Zola largou o lápis com que escrevia no tampo de pedra da mesa e olhou fixamente para Vincent.

— Estranho...

— O quê?

— Seu nome. Já o ouvi em algum lugar antes.

— Talvez Theo lhe tenha mencionado.

— Ele me falou de você, mas não foi isso. Ei, espere um instante! Foi... foi... “Germinal”! Já esteve alguma vez nas regiões mineiras?

— Já, sim. Vivi durante dois anos na Borinage belga.

— A Borinage! Petit Wasmes! Marcasse!

Os olhos grandes de Zola quase saltaram para fora do rosto rotundo e barbudo.

— Então você é o segundo advento de Cristo!

Vincent corou. — O que está querendo dizer com isso?

— Passei cinco semanas na Borinage, recolhendo material para “Germinal”. Os *gueules noires* falam de um homem-Cristo que trabalhou entre eles como um evangelista.

— Fale baixo, por favor!

Zola cruzou as mãos sobre a enorme barriga e empurrou-a para dentro.

— Não precisa se envergonhar, Vincent. O que você tentou realizar ali foi

meritório. Apenas escolheu o meio errado. A religião nunca levará as pessoas a parte alguma. Somente os fracos de espírito aceitarão a miséria neste mundo pela promessa de bem-aventurança no outro.

— Descobri isso tarde demais.

— Você passou dois anos na Borinage, Vincent. Deu aos outros sua comida, seu dinheiro, suas roupas. Trabalhou quase até a morte. E o que conseguiu em troca? Nada. Eles o chamaram de louco e o expulsaram da Igreja. E quando você partiu as condições não estavam melhores do que na ocasião em que chegou.

— Estavam piores.

— Mas meu meio produzirá resultados. A palavra escrita causará a revolução. Todo mineiro alfabetizado da Bélgica e da França já leu meu livro. Não há um café ou uma cabana miserável em toda a região que não tenha um exemplar bem folheado de “Germinal”. Os que não sabem ler, ouvem a leitura dos outros muitas vezes. Já ocorreram quatro greves. E muitas outras parecem iminentes. Toda a região está se levantando. “Germinal” criará uma nova sociedade, onde sua religião nada podia fazer. E o que eu tenho como a minha recompensa?

— O quê?

— Francos. Milhares e milhares de francos. Quer me acompanhar numa bebida?

A discussão na mesa de Lautrec tomou-se animada. Todos desviaram sua atenção para lá.

— Como *é “ma methode“,* Seurat? — indagou Lautrec, estalando as articulações dos dedos, uma a uma.

Seurat ignorou a zombaria. As feições primorosamente perfeitas, a expressão como uma máscara, sugeriam não o rosto de um homem, mas a essência da beleza masculina.

— Há um novo livro sobre a refração da cor de um americano, Ogden Rood. Considero um avanço sobre a obra de Helmholtz e Chevral, embora não tão estimulante quanto a obra de Superville. Você poderia ler tudo com o maior proveito.

— Não leio livros sobre pintura — declarou Lautrec. — Deixo isso para o leigo.

Seurat desabotoou o casaco axadrezado em azul e branco, endireitou a gravata azul enorme, salpicada de pontos brancos.

— Você próprio continua a ser um leigo — comentou ele — enquanto adivinhar as cores que usa.

— Não adivinho. Conheço por instinto.

— A ciência é um método, Georges — interveio Gauguin. — Nós nos

tornamos científicos na aplicação da cor pelos anos de trabalho árduo e experiências.

— Isso não é suficiente, meu amigo. A tendência de nossa era é para a produção objetiva. Os dias de inspiração, experiência e erro terminaram para sempre.

— Não posso ler esses livros — comentou Rousseau. — Eles me deixam com dor de cabeça. E depois tenho de pintar o dia inteiro para me livrar. Todos riram. Anquetin virou-se para Zola e disse: — Leu o ataque a “Germinal” no jornal vespertino?

— Não. O que dizia?

— O crítico classificou-o de escritor mais imoral do século XIX.

— A mesma censura de sempre. Será que não podem encontrar mais nada para dizer contra mim?

— Eles estão certos, Zola — disse Lautrec. — Acho os seus livros carnais e obscenos.

— E você é mesmo capaz de reconhecer a obscenidade quando a vê!

— Essa pegou em cheio, Lautrec!

— Garçom! — chamou Zola. — Uma rodada de bebidas.

— Estamos perdidos agora — murmurou Cezanne para Anquetin. — Quando Emile paga as bebidas não há como escapar a uma hora de conferência sua.

O garçom serviu-os. Os pintores acenderam seus cachimbos e formaram um círculo íntimo. Os lampiões de gás iluminavam a sala em espirais de luz. O zumbido de conversa das outras mesas era baixo e monótono.

— Eles chamam meus livros de imorais pelo mesmo motivo que os leva a atribuírem imoralidade a seus quadros, Henri — disse Zola. — O público não pode compreender que não há lugar para o julgamento moral na arte. A arte é amoral, assim como a vida. Para mim, não há quadros ou livros obscenos; só há obras mediocremente concebidas e mediocremente executadas. Uma prostituta de Toulou-se-Lautrec é moral porque ressalta a beleza que existe por baixo de sua aparência externa; uma pura camponesa de Bouguereau é imoral porque mostrada sentimentalmente e tão enjoativamente doce que basta olhar para se ter vontade de vomitar!

— Tem toda razão — disse Theo.

Vincent compreendeu que os pintores respeitavam Zola não porque ele fosse bem-sucedido — eles desprezavam as conotações normais do sucesso — mas sim porque ele trabalhava num meio de comunicação e lhes parecia misterioso e difícil. Os pintores prestavam toda atenção a suas palavras.

— O cérebro humano normal pensa em termos de dualidade, luz e sombra,

doce e amargo, bem e mal. Essa dualidade não existe na natureza. Não há o bem nem o mal no mundo, mas apenas ser e fazer. Quando descrevemos uma ação, descrevemos a vida; quando atribuímos a essa ação algum nome, como depravação ou obscenidade, entramos no reino do preconceito subjetivo.

— Mas o que faria a massa das pessoas sem o seu padrão de moralidade, Emile? — indagou Theo.

— A moral é como a religião — contribuiu Toulou-se-Lautrec — um soporífico para fechar os olhos das pessoas à insipidez da vida.

— A sua amoralidade não passa de anarquismo, Zola — disse Seurat. — E anarquismo niilista. É uma coisa que já foi tentada antes e não dá certo.

— É claro que precisamos de certos códigos — concordou Zola. — O bem público exige sacrifícios de indivíduo. Não objeto à moralidade, mas sim ao pudor que desdenha *Olympia e* quer que Maupassant seja suprimido. A moral na França hoje está confinada à zona erógena. Que as pessoas durmam com quem quiserem; não existe moral maior do que essa.

— Isso me lembra um jantar que ofereci há alguns anos — disse Gauguin. — Um dos convidados disse: “Deve compreender, meu amigo, que não posso levar minha esposa a seus jantares, já que sua amante está presente.” E eu respondi: “Está certo. Mandarei ela sair de casa esta noite.” Depois que o jantar terminou e todos foram para suas casas, nossa honesta madame, que bocejara durante todo o tempo, despertou de repente e disse ao marido: “Vamos ter uma conversinha daquelas, bem picante, antes de fazermos a coisa. “ E o marido respondeu: “Vamos ficar na conversa. Comi demais esta noite.”

— Isso conta toda história! — gritou Zola, em meio aos risos.

— Deixando de lado a ética por um momento e voltando à imoralidade na arte — falou Vincent. — Ninguém jamais chama meus quadros de obscenos, mas invariavelmente sou acusado de uma imoralidade ainda maior, a feiúra.

— Acertou em cheio desta vez, Vincent — comentou Toulou-se-Lautrec.

— Tem razão, essa é a essência da nova imoralidade para o público — disse Gauguin. — Viram o que *o Mercure de France* nos chamou este mês? O culto da feiúra.

— A mesma crítica é levantada contra mim — informou Zola. — Uma condessa disse-me outro dia: “Meu caro Monsieur Zola, por que um homem com o seu extraordinário talento insiste em levantar pedras só para ver que tipos de insetos repelentes rastejam por baixo?”

Lautrec tirou do bolso um velho recorte de jornal.

— Escutem o que o crítico disse a respeito das minhas telas no último Salon des Independents. “Toulou-se-Lautrec pode ser censurado por encontrar prazer em representar a alegria trivial, diversões grosseiras e ‘temas vis’. Parece

insensível à beleza de feição, elegância de forma e graça do movimento. É verdade que ele pinta com um pincel apaixonado seres disformes, atarracados e repulsivos em sua feiúra, mas de que adianta essa perversão?”

— Tons de Frans Hals — murmurou Vincent.

— Pois ele tem razão — afirmou Seurat. — Se vocês não são pervertidos, pelo menos são desorientados. A arte se relaciona com coisas abstratas, como cor, desenho, tom. Não deve ser usada para melhorar as condições sociais ou procurar a feiúra. A pintura deve ser como a música, divorciada do mundo cotidiano.

— Victor Hugo morreu no ano passado e com ele desapareceu toda uma civilização — comentou Zola. — Uma civilização de lindos gestos, romance, mentiras capciosas e evasivas sutis. Meus livros representam a nova civilização, a civilização amoral do século XX. E o mesmo acontece com os quadros de vocês. Bouguereau ainda arrasta a sua carcaça por Paris, mas caiu doente no dia em que Edouard Manet expôs *Piquenique na Relva* e morreu no dia em que Manet terminou *Olympia*. Pois Manet se foi agora, assim como Daumier. Mas ainda temos Degas, Lautrec e Gauguin para continuar o trabalho deles.

— Acrescente o nome de Vincent Van Gogh nessa lista — pediu Toulou-se-Lautrec.

— Muito bem, Vincent — disse Zola, sorrindo — você foi nomeado para o culto à feiúra. Aceita a indicação?

— Infelizmente — murmurou Vincent — receio ter nascido nela.

— Vamos formular nosso manifesto, senhores — continuou Zola.
— Primeiro, achamos que toda verdade é bela, não importa quão hedionda a sua face possa parecer. Aceitamos a natureza inteira, sem qualquer repúdio. Acreditamos que há mais beleza numa verdade brutal do que numa linda mentira; mais poesia nas coisas simples do que em todos os salões de Paris. Achamos que a dor é boa, por ser o mais profundo de todos os sentimentos humanos. Achamos que o sexo é belo, mesmo quando representado por uma prostituta e um proxeneta. Colocamos o caráter acima da feiúra, o sofrimento acima da graça, a realidade nua e crua acima de toda a riqueza da França. Aceitamos a vida em sua totalidade, sem fazer julgamentos morais. Achamos que a prostituta é tão boa quanto a condessa, *o concierge* tão bom quanto o general, o camponês tão bom quanto o ministro do gabinete, pois todos se enquadram no padrão da natureza e fazem parte da vida!

— Levantem os copos, cavalheiros — gritou Toulou-se-Lautrec. — Bebamos à amoralidade e ao culto da feiúra. Que possam embelezar e recriar o mundo.

— Bobagem! — exclamou Cezanne.

— E põe “bobagem” nisso! — acrescentou Georges Seurat.

9

No começo de junho Theo e Vincent mudaram-se para o novo apartamento, na Rue Lepic, 54, Montmartre. Ficava a pouca distância da Rue Laval. Eles só precisavam subir uns poucos quarteirões pela Rue Montmartre para chegarem ao Boulevard Clichy, seguindo depois pela sinuosa Rue Lepic, passando pelo Moulin de Ia Galette, quase que na área rural do Butte.

O apartamento ficava no terceiro andar. Tinha três cômodos, um pequeno escritório e uma cozinha. A sala era bastante confortável, com o lindo armário antigo de Theo, Louis Philippes, e uma estufa grande para protegê-los do frio de Paris. Theo possuía grande talento para arrumar uma casa. Adorava ter tudo exatamente certo. Seu quarto ficava ao lado da sala.

Vincent dormia no escritório, por trás do qual ficava seu estúdio, um quarto de tamanho comum, com uma janela.

— Não precisará mais trabalhar no estúdio de Corman, Vincent.

Eles estavam naquele momento arrumando e rearrumando os móveis na sala.

— Graças a Deus. Mas eu precisava de mais alguns nus femininos.

Theo colocou o sofá de frente para o armário, no outro lado da sala, contemplou a disposição com olhos críticos.

— Há algum tempo que você não faz uma tela a cores completa, não é?

— É verdade.

— Por que não?

— De que adiantaria? Até que eu possa misturar as cores certas... onde você quer esta poltrona, Theo? Debaixo do lampião ou ao lado da janela? Mas agora que tenho meu próprio estúdio...

Vincent levantou-se com o sol na manhã seguinte, armou o cavalete em seu novo estúdio, pôs uma tela numa moldura, arrumou a paleta nova que Theo lhe comprara, amoleceu os pincéis. Quando chegou o momento de Theo se levantar, ele pôs o café para esquentar e desceu até *a pâtisserie* a fim de comprar *croissants* frescos.

Theo pôde sentir o excitamento turbulento de Vincent através da mesa do café da manhã.

— Há três meses que você se encontra na escola, Vincent. Claro que não estou me referindo a Corman, mas sim à escola de Paris. Conheceu a pintura mais importante que se fez na Europa nos últimos trezentos anos. E agora você está pronto para...

Vincent empurrou para o lado o pão comido apenas pela metade e levantou-

se de um pulo.

— Acho que vou começar...

— Sente-se. Termine de comer. Tem bastante tempo. Não precisa se preocupar com nada. Comprarei suas tintas e telas por atacado e assim sempre terá uma abundância. E é melhor cuidar desses dentes. Quero você com uma saúde perfeita. Mas, pelo amor de Deus, entregue-se ao trabalho devagar, cuidadosamente.

— Não diga bobagem, Theo. Já fiz alguma coisa devagar e cuidadosamente?

Quando chegou em casa naquela noite, Theo descobriu que Vincent se empolgara a um estado de fúria. Vinha trabalhando progressivamente em seu ofício há seis anos, nas condições mais difíceis. Agora que tudo se tomava fácil, ele se defrontava com uma impotência humilhante.

Já eram dez horas da noite quando Theo conseguiu finalmente acalmá-lo. Ao saírem para jantar, Vincent recuperara um pouco de sua confiança. Theo estava pálido e exausto.

As semanas subsequentes foram de tortura para ambos. Quando Theo voltava da galeria, encontrava Vincent em qualquer dos seus cem tipos diferentes de tempestade. A tranca forte na porta de seu quarto de nada adiantava. Vincent sentava em sua cama pela noite afora, discutindo com ele. Quando Theo adormecia de cansaço, Vincent sacudia-o pelo ombro até acordá-lo.

— Pare de andar de um lado para outro e sente-se quieto por um momento — suplicou Theo uma noite. — E pare de beber esse maldito absinto. Não foi assim que Gauguin desenvolveu sua paleta. E agora preste atenção, seu idiota infernal. Deve dar a si mesmo pelo menos um ano antes de contemplar seu trabalho com olhos críticos. De que adianta ficar doente? Você está se tornando cada vez mais magro e nervoso. E sabe que não pode fazer o seu melhor trabalho nesse estado.

O calor de um verão parisiense chegou. O sol ardia nas ruas. Paris sentava na frente de seu café predileto até uma ou duas horas da madrugada, tomando bebidas geladas. As flores no Butte Montmartre explodiam num tumulto de cores. O Sena serpenteava em seu caminho reluzente através da cidade, por entre margens de prédios, árvores e gramados.

Todas as manhãs Vincent prendia o cavalete nas costas e saía à procura de um quadro. Jamais conhecera um sol tão quente e constante na Holanda, nunca vira cores tão profundas e elementares. Quase todas as noites ele voltava de sua pintura a tempo de se juntar às discussões acaloradas na sobreloja da Goupils.

Gauguin apareceu um dia para ajudá-lo a misturar alguns pigmentos.

E perguntou: — Onde você compra essas cores?

— Theo as compra por atacado.

— Devia conhecer Père Tanguy. Os seus preços são os mais baixos de Paris. E ele confia num homem que está sem dinheiro.

— Quem é Père Tanguy? Já ouvi falar nele.

— E ainda não o conhece? Santo Deus, não deve perder mais um momento sequer. Você e Père são os dois únicos homens que já conheci cujo comunismo realmente sai do coração. Ponha na cabeça esse seu lindo gorro de pele de coelho. Vamos agora mesmo à Rue Clauzel.

Enquanto desciam pela Rue Lepic, Gauguin falou sobre Tanguy.

Ele era estucador antes de vir para Paris. Trabalhou no preparo de cores na casa de Edouard e depois arrumou um emprego de *concierge* em algum lugar do Butte. Sua mulher cuidava da casa e Père começou a vender cores pela área. Conheceu Pissarro, Monet e Cezanne. Como gostavam dele, todos passaram a comprar suas tintas. Ele juntou-se aos comunistas no último levante. Um dia, quando sonhava em seu posto de sentinela, apareceu pela frente um bando de Versailles. O pobre coitado descobriu que não era capaz de atirar em outro ser humano. Largou seu mosquete. Foi condenado a dois anos de trabalhos forçados em Brest por sua traição, mas nós demos um jeito de salvá-lo. Ele economizou alguns francos e abriu a lojinha na Rue Clauzel. Lautrec pintou a fachada de azul.

Ele foi o primeiro homem em Paris a expor uma tela de Cezanne. Desde então, todos nós tivemos nossos quadros lá. Não que ele jamais venda uma tela. Nada disso. Père é um grande amante da arte. Mas como é pobre, não pode se dar ao luxo de comprar quadros. Por isso se limita a expô-los em sua loja, convivendo com eles durante o dia inteiro.

— Está querendo dizer que ele não venderia um quadro mesmo que recebesse uma oferta boa?

— Não venderia de jeito nenhum. Ele só aceita os quadros que ama. E depois que se afeiçoa a uma tela, não há como tirá-la da loja. Eu estava lá um dia quando apareceu um homem bem vestido, admirou um Cezanne e perguntou quanto custava. Qualquer outro marchand de Paris teria o maior prazer em vendê-lo por sessenta francos. Père Tanguy olhou para a tela por um longo momento e depois disse: “Este é um Cezanne particularmente bom. Não posso deixá-lo sair daqui por menos de seiscentos francos.” Quando o homem saiu correndo, Père tirou o quadro da parede e suspendeu-o à sua frente com lágrimas nos olhos.

— Então de que adianta expor as obras em sua loja?

— Père Tanguy é um sujeito estranho. Tudo o que ele sabe sobre arte é como preparar as cores. E, no entanto, possui um senso infalível do autêntico. Se ele pedir uma de suas telas, trate de entregá-la. Será a sua iniciação formal na arte

parisiense. Aqui está a Rue Clauzel. Vamos entrar.

A Rue Clauzel estendia-se por apenas um quarteirão, ligando a Rue des Martyres e a Rue Henri Monnier. Tinha muitas lojas pequenas, por cima das quais havia dois ou três andares de apartamentos de janelas brancas. A loja de Père Tanguy ficava em frente a uma *école primaire de filles.*

Père Tanguy examinava algumas gravuras japonesas, que estavam se tornando moda em Paris.

— Père, eis um amigo, Vincent Van Gogh. Ele é um ardente comunista.

— Tenho muito prazer em recebê-lo na minha loja — disse Père Tanguy, numa voz suave, quase feminina.

Tanguy era um homem pequeno, de rosto rechonchudo e os olhos ansiosos de um cachorro amigável. Usava um chapéu de palha de aba larga, que puxava para o nível das sobrancelhas. Tinha os braços curtos, mãos fortes, uma barba desgrenhada. O olho direito abria-se apenas a metade do esquerdo.

— É realmente um comunista, Monsieur Van Gogh? — perguntou ele, suavemente.

— Não sei o que está querendo dizer com comunismo, Père Tanguy. Acho que todos devem trabalhar tanto quanto puderem, no trabalho que mais gostarem, recebendo em troca tudo o que necessitam.

— Ah, mas que simplicidade! — comentou Gauguin, rindo.

— Ah, Paul, você trabalhou na Bolsa de Valores — disse Père Tanguy. — Não é o dinheiro que toma os homens animais?

— O dinheiro e também a falta de dinheiro.

— Nunca a falta de dinheiro, apenas a falta de comida e das necessidades da vida.

— Tem toda razão, Père Tanguy — disse Vincent.

— Nosso amigo Paul despreza os homens que ganham dinheiro e despreza a nós porque não somos capazes de ganhar nenhum. Mas eu prefiro pertencer à segunda classe. Qualquer homem que vive com mais de cinquenta cêntimos por dia é um canalha.

— Então a virtude se instalou em mim pela força da necessidade — declarou Gauguin. — Père Tanguy, pode me fornecer mais um pouco de tinta? Sei que já lhe devo bastante, mas não posso trabalhar a menos que...

— Claro que lhe darei o crédito que precisa, Paul. Se eu tivesse um pouco menos de confiança nas pessoas e você um pouco mais, ambos estaríamos bem melhores. Onde está o novo quadro que você me prometeu? Talvez eu possa vendê-lo e recuperar o dinheiro pelas minhas tintas.

Gauguin piscou para Vincent. — Eu lhe trarei dois quadros, Père, para pendurar lado a lado. E, agora, se me arrumar um tubo de preto, um tubo de

amarelo...

— Pague sua conta e terá mais tinta!

Os três homens se viraram ao mesmo tempo. Madame Tanguy bateu a porta que dava para os aposentos do casal, avançando pela loja. Era uma mulher pequena e forte, um rosto fino e duro, olhos amargos. Aproximou-se furiosa de Gauguin.

— Acha que temos esta loja para fazer caridade? Acha que podemos comer com o comunismo de Tanguy? Pague a conta, seu patife, ou chamarei a polícia!

Gauguin exibiu o seu sorriso mais cativante, pegou a mão de Madame Tanguy e beijou-a galantemente.

— Ah, Xantipa, como está encantadora esta manhã!

Madame Tanguy não compreendia por que aquele bonito brutamontes sempre a chamava de Xantipa, mas gostava da maneira como ele falava e sentia-se lisonjeada.

— Não pense que vai me engambelar, seu vagabundo. Trabalho como uma escrava para preparar as malditas tintas e depois você aparece para roubá-las.

— Minha preciosa Xantipa, não seja tão severa comigo. Tem a alma de uma artista. Posso ver estampado em seu adorável rosto.

Madame Tanguy levantou o avental como se quisesse remover a alma de artista do seu rosto.

— Esquece! — exclamou ela. — Um artista na família já é suficiente. Imagino que ele disse que quer viver com apenas cinquenta cêntimos por dia. De onde pensa que ele tiraria esses cinquenta cêntimos se eu não trabalhasse para ganhá-los?

— Toda Paris fala de seu charme e capacidade, minha prezada madame.

Gauguin tornou a se inclinar e roçou os lábios pela mão encarquilhada. Ela se abrandou.

— Você é um patife e lisonjeador, mas pode levar um pouco de tinta desta vez. Mas dê um jeito de pagar sua conta.

— Por essa gentileza, minha adorável Xantipa, pintarei o seu retrato. Um dia será pendurado no Louvre e imortalizará a nós dois.

A pequena sineta na porta da rua tilintou. Um estranho entrou na loja.

— Aquele quadro que está na vitrine, a natureza-morta — disse ele. — De quem é?

— Paul Cezanne.

— Cezanne? Nunca ouvi falar. Está à venda?

— Não. Infelizmente já está...

Madame Tanguy tirou o avental, empurrou o marido para o lado e avançou para o homem ansiosamente.

— Claro que está à venda. Não é uma linda natureza-morta, monsieur? Venderemos bem barato, monsieur, já que o admira.

— Quanto?

— Quanto, Tanguy? — indagou madame, com uma ameaça na voz.

Tanguy engoliu em seco.

— Trezen...

— Tanguy!

— Duzen...

— TANGUY!

— Está bem... cem francos.

— Cem francos? — repetiu o estranho. — Por um pintor desconhecido? Acho que é demais. Eu estava disposto a pagar apenas 25 francos.

Madame Tanguy tirou a tela da vitrine.

— É um quadro grande, monsieur. E tem quatro maçãs. Quatro maçãs são cem francos. Só quer gastar 25 francos. Então por que não leva apenas uma maçã?

O homem estudou a tela por um momento e depois disse: — Posso muito bem fazer isso. Corte esta maçã por toda a extensão da tela e eu a levarei.

Madame correu para seus aposentos, pegou uma tesoura e cortou a maçã da extremidade. Embrulhou com um pedaço de papel, entregou ao homem, recebeu os 25 francos. Ele saiu com o embrulho debaixo do braço.

— Meu Cezanne predileto! — lamuriou-se Tanguy. — Eu o pus na vitrine para que as pessoas pudessem contemplá-lo por um momento e se afastarem felizes.

Madame largou a tela mutilada em cima do balcão.

— Na próxima vez em que alguém quiser um Cezanne e não tiver muito dinheiro, venda-lhe uma maçã. Aceite qualquer coisa que puder arrancar. São mesmo imprestáveis e ele pinta uma porção. Não precisa rir, Paul Gauguin, pois se pode dizer a mesma coisa a seu respeito. Vou tirar aquelas suas telas da parede e vender cada uma daquelas pagãs nuas por cinco francos.

— Minha querida Xantipa, infelizmente nos conhecemos muito tarde. Se fosse a minha sócia na Bolsa de Valores, a esta altura seríamos os donos do Banco da França.

Depois que madame se retirou para seus aposentos nos fundos, Père Tanguy disse a Vincent: — É pintor, monsieur? Espero que compre suas tintas aqui. E não gostaria de me mostrar alguns dos seus quadros?

— Terei o maior prazer. Estas gravuras japonesas são lindas. Estão à venda?

— Estão, sim. Tomaram-se moda em Paris desde que os irmãos Goncourt começaram a colecioná-las. Estão influenciando muito os nossos jovens

pintores.

— Gosto destas duas. Quero estudá-las. Quanto custam?

— Três francos cada uma.

— Vou levá-las. Oh, Deus, esqueci! Gastei meu último franco esta manhã. Tem seis francos aí com você, Gauguin?

— Não diga bobagem.

Vincent largou as gravuras japonesas no balcão com evidente pesar.

— Infelizmente, Père Tanguy, não poderei levá-las.

Père pôs as gravuras na mão de Vincent, fitando-o com um sorriso tímido e ansioso no rosto feio.

— Precisa disso para o seu trabalho. Leve-as, por favor. Pode me pagar em outra ocasião.

10

Theo decidiu oferecer uma festa aos amigos de Vincent. Eles providenciaram quatro dúzias de avos cozidos, compraram um barril de cerveja e encheram diversas bandejas com brioches e pastéis. A fumaça de tabaco era tão densa na sala que quando Gauguin se deslocava com sua massa enorme de uma extremidade para outra parecia um transatlântico avançando pelo nevoeiro. Lautrec acomodou-se num canto, rachando os ovos no braço da poltrona predileta de Theo, espalhando as cascas pelo tapete. Rousseau estava todo excitado por causa de um bilhete perfumado que recebera naquele dia de uma admiradora que queria encontrá-lo. Ele contou a história várias vezes, com um espanto de olhos arregalados.

Seurat estava desenvolvendo uma nova teoria e imprensara Cezanne na janela, explicando tudo minuciosamente. Vincent servia a cerveja do barril, ria das histórias obscenas de Gauguin, especulava com Rousseau sobre quem poderia ser a admiradora, discutia com Lautrec se linhas ou pontos de cor eram mais eficazes para captar uma impressão. Finalmente resgatou Cezanne das garras de Seurat.

A sala parecia vibrar de excitamento. Todos os homens ali eram personalidades fortes, egoístas intransigentes e iconoclastas vibrantes.

Theo chamava-os de monomaníacos. Eles adoravam discutir, brigar, praguejar, defender suas teorias e atacar as de todos os outros. As vozes eram fortes e rudes; o número de coisas que detestavam no mundo formava uma legião. Um salão vinte vezes maior que a sala de estar de Theo seria pequeno demais para conter a força dinâmica desses pintores belicosos e estridentes.

A turbulência da sala, que ateou Vincent a um entusiasmo gesticulador e uma eloquência incansável, deixou Theo com uma terrível dor de cabeça. Toda aquela estridência era estranha à sua natureza. Havia muito de feminino em Theo. Lautrec, com seu habitual humor mordaz, comentara certa vez: — É uma pena que Theo seja irmão de Vincent. Ele daria uma esplêndida esposa para Vincent.

Theo achava tão desagradável vender Bouguereaus quanto seria para Vincent pintá-los. E, no entanto, se ele vendia Bouguereau conseguia a permissão de Valadon para expor Degas. Um dia ele persuadiria Valadon a deixá-lo pendurar um Cezanne, depois um Gauguin ou um Lautrec e finalmente, num dia distante, um Vincent Van Gogh.

Ele lançou um último olhar para a multidão ruidosa e beligerante, a sala impregnada de fumaça, depois saiu despercebido pela porta da frente. Subiu ao

Butte e lá se postou, contemplando as luzes de Paris lá embaixo.

Gauguin discutia com Cezanne. Brandia numa das mãos um ovo cozido e um brioche, um copo de cerveja na outra. Gabava-se de que era o único homem em Paris que podia tomar cerveja com um cachimbo na boca.

— Suas telas são frias, Cezanne — gritou ele. — Frias como um gelo. Fico enregelado só de olhar. Não há um pingo de emoção em todos os quilômetros de telas em que você jogou tinta.

— Não tento pintar emoção — respondeu Cezanne. — Deixo isso para os romancistas. Pinto maçãs e paisagens.

— Não pinta emoção porque não é capaz. Pinta com os olhos... é com isso que pinta!

— E com que alguém pinta?

— Com todos os tipos de coisa — Gauguin lançou um olhar rápido pela sala. — Lautrec pinta com sua depressão. Vincent pinta com o coração. Seurat pinta com a mente, o que é quase tão ruim quanto pintar com os olhos. E Rousseau pinta com a imaginação.

— E com que você pinta, Gauguin?

— Eu? Não sei. Nunca pensei a respeito.

— Pois eu vou dizer — interveio Lautrec. — Você pinta com os órgãos genitais!

Depois que os risos se desvaneceram, Seurat empoleirou-se no braço de um divã e disse: — Você pode desdenhar de um homem que pinta com a mente, mas isso me ajudou a descobrir como podemos tomar as nossas telas duplamente eficazes.

— Terei de escutar toda essa *blague* de novo? — lamuriou-se Cezanne.

— Cale-se, Cezanne! Gauguin, sente-se em algum lugar e não atravanque a sala inteira. Rousseau, pare de contar essa história infernal sobre a sua admiradora. Lautrec, jogue-me um ovo. Vincent, pode me passar um brioche? E agora, todos vocês, prestem atenção!

— O que aconteceu, Seurat? Não o vejo tão excitado desde que aquele sujeito cuspiu na sua tela no Salon des Refusées!

— Prestem atenção! O que é pintura hoje? Luz. Que tipo de luz? Luz graduada. Pontos de cor fluindo um para o outro...

— Isso não é pintura, é pontilhismo!

— Pelo amor de Deus, Georges, vai dar uma de intelectual em cima de nós outra vez?

— Calem-se! Acabamos com uma tela. O que fazemos então? Nós a entregamos a algum idiota, que a põe numa moldura dourada hedionda e liquida até o último efeito. Proponho agora que nunca deixemos um quadro sair de

nossas mãos enquanto não o pusermos numa moldura, também devidamente pintada, a fim de que se tome uma parte integrante da tela.

— Está parando cedo demais, Seurat. Cada quadro deve ser pendurado numa sala. E se a sala tiver a cor errada, liquidará tanto o quadro como a moldura.

— É isso, por que não pintar a sala para combinar com a moldura?

— Uma boa ideia — disse Seurat.

— E a casa em que está a sala?

— E a cidade em que está a casa?

— Oh, Georges, Georges, você tem as ideias mais incríveis!

— É isso o que acontece quando se pinta com o cérebro.

— O motivo pelo qual vocês, imbecis, não pintam com o cérebro é por que não têm nenhum!

— Olhem todos para a cara de Georges. Depressa! Desta vez conseguimos irritar o cientista.

— Por que vocês estão sempre brigando entre si? — indagou Vincent. — Por que não tentam trabalhar juntos?

— Você é o comunista do grupo — comentou Gauguin. — Que tal se nos dissesse o proveito que teríamos se trabalhássemos juntos?

— Está certo — Vincent meteu na boca a gema dura e redonda de um ovo. — Vou explicar. Venho desenvolvendo um plano. Somos uma porção de ninguéns. Manet, Degas, Sisley e Pissarro abriram o caminho para nós. Foram aceitos e seus trabalhos são expostos nas grandes galerias. São os pintores do Grand Boulevard. Mas nós temos de ficar nas ruas transversais. Somos os pintores do Petit Boulevard. Por que não podemos expor os nossos quadros nos pequenos restaurantes das ruas transversais, os restaurantes dos trabalhadores? Cada um de nós contribuiria com umas cinco telas. Todas as tardes os poríamos num novo lugar. Venderíamos os quadros por qualquer coisa que os trabalhadores pudessem pagar. Além de ter nosso trabalho constantemente diante do público, estaríamos possibilitando que os pobres vissem boa arte e comprassem lindos quadros por quase nada.

— *Tiens* — murmurou Rousseau, os olhos arregalados de excitamento — isso é maravilhoso!

— Levo um ano para terminar uma tela — resmungou Seurat. — Acha mesmo que vou vendê-la a algum carpinteiro imundo por cinco *sous?*

— Pode contribuir com os seus pequenos estudos.

— E se os restaurantes não aceitarem nossas telas?

— Claro que aceitarão.

— Por que não? Não lhes custa coisa alguma e ainda por cima embeleza o lugar.

— Como cuidaríamos disso? Quem faria contato com os restaurantes?

— Já calculei tudo — gritou Vincent. — Promoveremos Père Tanguy a nosso gerente. Ele arrumará os restaurantes, pendurará os quadros e recolherá o dinheiro.

— Tem toda razão. Ele é o homem certo para isso.

— Rousseau, seja um bom camarada e corra até a casa de Père Tanguy. Diga-lhe que precisamos tratar de um negócio da maior importância.

— Podem me tirar desse esquema — declarou Cezanne.

— Qual é o problema? — indagou Gauguin. — Tem medo que os seus lindos quadros sejam estragados pelos olhos de um trabalhador?

— Não é isso. Estarei voltando para Aix ao final do mês.

— Experimente só uma vez, Cezanne — insistiu Vincent. — Se não der certo, você sai.

— Está bem.

— Depois que acabarmos com os restaurantes — disse Lautrec — podemos passar para os bordéis. Conheço a maioria das madames de Montmartre. Elas têm uma clientela maior e acho que poderíamos obter melhores preços.

Père Tanguy veio correndo, muito excitado. Rousseau só pudera lhe oferecer um relato mutilado do que se estava tramando. O chapéu de palha redondo em sua cabeça estava torto, o rosto rechonchudo se iluminava com um entusiasmo ansioso. Depois de ouvir o plano, ele exclamou: — Conheço o lugar certo! O Restaurante Norvins! O dono é meu amigo. As paredes estão vazias e ele terá o maior prazer. Depois que acabarmos ali, conheço outro restaurante, na Rue Pierre. Ah, há milhares de restaurantes em Paris!

— Quando será a primeira exposição do clube do Petit Boulevard? — perguntou Gauguin.

— Por que esperar? — indagou Vincent. — Por que não podemos começar amanhã?

Tanguy pulou num pé só, tirou o chapéu, logo tomou a comprimi-lo na cabeça.

— Isso mesmo, amanhã! Levem-me suas telas pela manhã. Eu as pendurarei no Restaurante Norvins à tarde. E quando as pessoas chegarem para o jantar, causaremos a maior sensação. Venderemos os quadros como ovos de chocolate na Páscoa. O que é isto que estão me dando? Um copo de cerveja? Ótimo! Senhores, um brinde ao Clube de Arte Comunista do Petit Boulevard. Que sua primeira exposição seja um sucesso!

11

Père Tanguy bateu na porta do apartamento de Vincent no dia seguinte, ao meio-dia.

— Já falei com todos os outros — disse ele. — Só podemos expor no Norvins se jantarmos lá.

— Está certo.

— Os outros também concordaram. Não podemos pendurar os quadros antes das quatro e meia. Pode aparecer na minha loja às quatro? Partiremos juntos.

— Estarei lá.

Quando Vincent chegou à loja azul na Rue Clauzel, Père Tanguy já empilhava as telas num carrinho de mão. Os outros estavam lá dentro, fumando e discutindo gravuras japonesas.

— *Alors* — gritou Père — estamos prontos!

— Posso ajudá-lo, Père? — perguntou Vincent.

— Não, não! Pode deixar que eu cuido de tudo. Sou o gerente.

Ele levou o carrinho para o meio da rua e iniciou a longa subida. Os pintores foram andando atrás, dois a dois. Primeiro, vinham Gauguin e Lautrec; eles adoravam ficar juntos, por causa do contraste ridículo que faziam. Seurat escutava Rousseau, que se mostrava todo excitado por causa de uma segunda carta perfumada, que recebera naquela tarde. Vincent e Cezanne, que se amuavam e repetiam insistentemente palavras como dignidade e decoro, fechavam a marcha.

— Ei, Père Tanguy — gritou Gauguin, depois de subirem uma boa parte da colina — essa carroça está pesada, carregada com obras-primas imortais. Deixe-me empurrá-la um pouco.

— Nada disso! — gritou Père, correndo na frente. — Sou o porta-bandeira desta revolução. Quando o primeiro tiro for disparado, eu tombarei.

Eles formavam uma imagem cômica, homens tão exóticos, fantasticamente vestidos, andando pelo meio da rua, empurrando uma carrocinha. Não se importavam com os olhares aturdidos dos transeuntes.

Riam e conversavam na maior animação.

— Vincent — gritou Rousseau — já lhe falei da carta que recebi esta tarde? Também perfumada. E da mesma dama.

Ele correu para o lado de Vincent, sacudindo os braços, contando mais uma vez a história interminável. Quando finalmente terminou e ficou para trás, a fim de repetir tudo para Seurat, Lautrec chamou Vincent e disse: — Sabe quem é a

dama de Rousseau?

— Não. Como poderia saber?

Lautrec soltou uma risadinha.

— É Gauguin. Ele está proporcionando a Rousseau um caso de amor. O pobre coitado nunca teve uma mulher. Gauguin vai alimentá-lo com cartas perfumadas por dois meses e depois marcar um encontro. Vestirá roupas de mulher e se encontrará com Rousseau num dos quartos de Montmartre com buracos de espia. Estaremos todos nos buracos, observando Rousseau fazer amor pela primeira vez. Deve ser impagável.

— Gauguin, você é um demônio.

— Ora, Vincent, deixe disso — murmurou Gauguin. — Acho que é uma excelente brincadeira.

Finalmente chegaram ao Restaurante Norvins. Era um lugar modesto, espremido entre uma loja de vinhos e outra de suprimentos para cavalos. O exterior era pintado de amarelo, o interior de azul-claro. Havia cerca de vinte mesas quadradas, com toalhas axadrezadas, em branco e vermelho. No fundo, perto da porta da cozinha, havia uma cabine alta para o proprietário.

Durante uma hora inteira os pintores discutiram que quadros deveriam ser pendurados ao lado de que quadros, levando Père Tanguy quase que ao desespero total. O proprietário começava a se enfurecer, porque a hora do jantar se aproximava e o restaurante se encontrava quase no caos. Seurat recusava-se a permitir que seus quadros fossem pendurados, porque o azul das paredes matava seus céus. Cezanne não desejava que suas naturezas-mortas ficassem ao lado dos "cartazes miseráveis" de Lautrec, Rousseau sentia-se ofendido porque queriam deixar suas obras na parede dos fundos, perto da cozinha. Lautrec insistia que uma de suas telas grandes fosse pendurada nos *lavabos.*

— É o momento mais contemplativo no dia de um homem – comentou ele.

Père Tanguy aproximou-se de Vincent, quase transtornado.

— Pegue estes dois francos, acrescente o que puder, e leve todo mundo para um bar no outro lado da rua. Se eu tiver apenas quinze minutos sozinho, poderei acabar tudo.

O estratagema deu certo. Quando todos voltaram ao restaurante, a exposição já estava arrumada. Os pintores pararam de discutir e sentaram a uma mesa grande perto da entrada. Père Tanguy pusera diversos cartazes nas paredes: ESTES QUADROS ESTÃO À VENDA, BARATOS. FALAR COM O PROPRIETÁRIO.

Eram cinco e meia. O jantar não começava a ser servido antes das seis horas. Os homens se mostravam nervosos e irrequietos como garotinhas. Cada vez que a porta da frente se abria todos os olhos se viravam, esperançosos. Os fregueses

do Norvins jamais chegavam antes das seis horas.

— Olhe só Vincent — sussurrou Gauguin para Seurat. — Ele está tão nervoso quanto uma prima-dona.

— Vamos fazer uma coisa, Gauguin — disse Lautrec. — Aposto o preço do jantar que venderei uma tela antes de você.

— Está apostado.

— Cezanne, aposto com você três contra um.

A proposta partiu de Lautrec. Cezanne ficou vermelho com o insulto e todos riram.

— Lembrem-se de que Père Tanguy é quem fará todas as vendas — falou Vincent. — Ninguém deve tentar barganhar com os compradores.

— Por que eles não chegam? — indagou Rousseau. — Já é muito tarde!

Enquanto os ponteiros do relógio na parede se aproximavam das seis horas, o grupo foi se tornando mais e mais nervoso. Finalmente toda a conversa cessou. Os homens não desviavam os olhos da porta. Um sentimento de tensão dominou-os.

— Não me senti assim quando expus com os Independentes, diante de todos os críticos de Paris — murmurou Seurat.

— Olhem, olhem! — sussurrou Rousseau. — Aquele homem, atravessando a rua, está vindo para cá! É um freguês!

Mas o homem passou pelo Norvins e desapareceu. O relógio na parede bateu as seis horas. E na última batida a porta se abriu e um trabalhador entrou. Estava maltrapilho. A fadiga lhe vergava os ombros.

— Veremos agora o que acontece — murmurou Vincent.

O trabalhador sentou-se uma mesa no outro lado da sala, depois de largar o chapéu num gancho. Os seis pintores inclinaram-se para a frente, observando-o. O homem esquadrinhou o cardápio, pediu um *plat du jour* e um momento depois tomava a sopa com uma colher grande. Não levantava os olhos do prato.

— *Tiens* — disse Vincent — *c'est curieux*.

Dois operários metalúrgicos entraram. O proprietário desejou-lhes boa noite. Eles grunhiram em resposta, arriaram nas cadeiras mais próximas e imediatamente se lançaram a uma discussão acalorada sobre alguma coisa que acontecera durante o dia.

O restaurante foi se enchendo lentamente. Poucas mulheres acompanhavam os homens. Parecia que cada um tinha a sua mesa habitual.

A primeira coisa que olhavam era o cardápio; e quando eram servidos, concentravam-se de tal forma na comida que não levantavam os olhos em nenhum momento. Depois do jantar, eles acenderam seus cachimbos, conversaram, desdobraram seus exemplares do jornal vespertino e leram.

— Os cavalheiros gostariam de jantar agora? — perguntou o garçom aos pintores, por volta das sete horas.

Ninguém respondeu. O garçom afastou-se. Um homem e uma mulher entraram.

Enquanto punha o chapéu no gancho, o homem notou um tigre de Rousseau espiando de uma selva. Apontou-o para a mulher. Todos à mesa dos pintores se empertigaram. Rousseau soergueu-se. A mulher disse alguma coisa em voz baixa e riu. O casal sentou e, com as cabeças quase encostando, esquadrinharam o cardápio, vorazmente.

Quando faltavam quinze minutos para as oito horas, o garçom serviu a sopa, sem perguntar. Ninguém a tocou. O garçom retirou-a depois que esfriou. Trouxe *o plat du jour.* Lautrec fez desenhos no molho com o garfo.

Somente Rousseau foi capaz de comer. Todos, até mesmo Seurat, esvaziaram sua garrafa de vinho tinto rascante. O restaurante estava quente com o cheiro de comida, os odores de pessoas que trabalhavam e transpiravam no calor do sol.

Um a um os fregueses pagaram suas contas, retribuíram o *bonsoir* superficial do proprietário e saíram.

— Desculpe, senhores — disse o garçom — mas são oito e meia e estamos fechando.

Père Tanguy tirou os quadros das paredes e levou-os para a rua.

Empurrou a carrocinha de volta para casa pela escuridão da noite.

12

O espírito do velho Goupil e tio Vincent Van Gogh desaparecera para sempre das galerias. Em seu lugar surgira uma política de vender quadros como se fossem mercadorias comuns, como sapatos ou arenques.

Theo era constantemente pressionado a ganhar mais dinheiro e vender quadros mais medíocres.

— Por que não deixa a Goupils, Theo? — perguntou Vincent.

— Os outros marchands são igualmente ruins — respondeu Theo, desanimado. — Além disso, já estou com eles há muito tempo. É melhor não mudar.

— Mas você deve mudar. Insisto que deve. Está se tornando mais e mais infeliz a cada dia que passa por lá. Largue logo. Eu posso ir para onde quiser, à vontade. Theo, você é o mais conhecido e apreciado jovem marchand de Paris. Por que não abre a sua própria galeria?

— Oh, Deus, temos de recomeçar tudo isso mais uma vez?

— Tive uma ideia maravilhosa, Theo. Abriremos uma galeria de arte comunista. Nós lhe entregaremos todas as nossas telas e viveremos igualmente do dinheiro que você arrecadar. Poderemos reunir francos suficientes para abrir uma pequena galeria em Paris. E arrumaremos uma casa no campo, onde todos viveremos e trabalharemos. Portier vendeu um Lautrec outro dia e Père Tanguy já vendeu vários Cezannes. Tenho certeza que poderíamos atrair os compradores da arte jovem de Paris. E não precisaríamos de muito dinheiro para a casa no campo. Viveríamos juntos com a maior simplicidade, ao invés de mantermos uma dúzia de apartamentos em Paris.

— Vincent, estou com uma terrível dor de cabeça. Deixe-me dormir, está bem?

— Não. Pode dormir no domingo, Theo. Escute... Ei, para onde está indo? Está bem, tire as roupas se quiser, mas eu continuarei a falar assim mesmo. Sentarei na cabeceira de sua cama. Pronto. Se você está infeliz na Goupils e todos os jovens pintores de Paris se mostrarem dispostos, podemos arrumar algum dinheiro...

Père Tanguy e Lautrec apareceram com Vincent na noite seguinte.

Theo chegara a acalentar a esperança de que Vincent passasse a noite inteira fora. Os olhinhos de Père Tanguy brilhavam de excitamento.

— Monsieur Van Gogh, Monsieur Van Gogh, é uma ideia maravilhosa. Deve realizá-la. Desistirei da minha loja e me mudarei para o campo também.

Prepararei as tintas, esticarei as telas, construirei as molduras. Só peço casa e comida.

Theo largou o livro com um suspiro.

— Onde arrumaremos o dinheiro para iniciar o empreendimento? O dinheiro para abrir uma loja, alugar a casa, alimentar os homens?

— Eu trouxe o dinheiro! — exclamou Père Tanguy. — São 220 francos. Tudo o que economizei. Tome aqui, Monsieur Van Gogh. Ajudará a começar nossa colônia.

— Lautrec, você é um homem sensato. O que acha de todo esse absurdo?

— Acho que é uma grande ideia. Como as coisas estão agora, não apenas estamos brigando contra toda Paris, mas também entre nós. Se pudéssemos apresentar uma frente unida...

— Você é um homem rico. Vai nos ajudar?

— Claro que não. Se for uma colônia subsidiada, perderá seu propósito. Contribuirei com 220 francos, da mesma forma que Père Tanguy.

— É uma ideia tão louca! Se vocês soubessem alguma coisa sobre o mundo dos negócios...

Père Tanguy aproximou-se de Theo, segurando-lhe a mão.

— Meu caro Monsieur Van Gogh, eu lhe suplico que não chame de uma ideia louca. Ao contrário, é uma ideia gloriosa. Precisa fazer, tem de fazer...

— Não há como escapar agora, Theo — disse Vincent. — Nós o pegamos de jeito. Vamos levantar algum dinheiro e transformá-lo em nosso guia.

Você disse adeus à Goupils. Está acabado lá. E é agora o gerente da Colônia de Arte Comunista.

Theo passou a mão pelos olhos. — Posso me imaginar a cuidar de uma turba de animais selvagens como vocês.

Quando chegou em casa na noite seguinte, Theo encontrou o apartamento transbordando de pintores excitados. O ar estava azulado com tabaco fétido, fumaça, fervilhando com vozes altas e turbulentas. Vincent sentava numa mesa frágil no meio da sala, o mestre-de-cerimônias.

— Não, não — gritou ele — não haverá pagamento! Absolutamente nenhum dinheiro. Nunca veremos a cor do dinheiro de um ano para outro. Theo venderá os quadros e receberemos comida, casa e materiais.

— E o que fazer com os homens cujos trabalhos nunca vendem? — indagou Seurat. — Por quanto tempo vamos sustentá-los?

— Por tanto tempo quanto eles quiserem ficar conosco e trabalhar.

— Maravilhoso — resmungou Gauguin. — Teremos todos os pintores amadores da Europa em nossa porta.

— Aqui está Monsieur Van Gogh! — gritou Père Tanguy, vendo Theo

encostado na porta. — Três vivas para o nosso gerente!

— Hurra para Theo! Hurra para Theo! Hurra para Theo!

Todos estavam extremamente excitados. Rousseau queria saber se ainda poderia dar aulas de violino na colônia. Anquetin disse que devia três meses de aluguel e que era melhor encontrarem a casa no campo o mais depressa possível. Cezanne insistia que um homem devia ter permissão para gastar seu próprio dinheiro, se tinha algum. Vincent protestou: — Isso liquidaria o nosso comunismo. Devemos todos partilhar e partilhar igualmente.

Lautrec queria saber se poderiam ter mulheres na casa. Gauguin argumentava que todos deviam contribuir com pelo menos duas telas por mês.

— Nesse caso eu não entrarei! — gritou Seurat. — Só faço uma tela grande por ano!

— O que fazemos com os materiais? — indagou Père Tanguy. — Darei a cada um a mesma quantidade de tinta e tela todas as semanas?

— Claro que não — respondeu Vincent. — Receberemos todo o material que precisarmos, não mais e não menos. Da mesma forma que a comida.

— Mas o que acontece com o excedente de dinheiro, depois que começarmos a vender as telas? Quem fica com os lucros?

— Ninguém fica com os lucros — declarou Vincent. — Assim que tivermos algum dinheiro abriremos uma casa na Bretanha. E depois teremos outra na Provence. Logo possuiremos casas no país inteiro e estaremos viajando de uma para outra.

— E as passagens de trem? Tiramos o dinheiro dos lucros?

— Exatamente. Mas quando podemos viajar? Quem decidirá isso?

— E se houver pintores demais numa casa durante a maior parte da temporada? Podem me dizer quem ficará de fora?

— Theo, Theo, você é o gerente deste negócio. Diga-nos o que fazer. Qualquer um pode se associar ao grupo? Ou haverá uma participação limitada? Teremos de pintar de acordo com algum sistema? Haverá modelos disponíveis na casa?

A reunião acabou de madrugada. Os moradores do andar inferior cansaram-se de bater no teto com cabos de vassoura. Theo foi deitar por volta das quatro horas, mas Vincent, Père Tanguy e alguns dos mais entusiasmados cercaram sua cama e enxortaram-no a dar o aviso prévio à Goupils no primeiro dia do mês.

O excitamento aumentou de intensidade com a passagem das semanas. O mundo da arte de Paris dividia-se em dois campos. Os pintores consolidados falavam daqueles loucos, os irmãos Van Gogh. Todos os outros discutiam interminavelmente a nova experiência.

Vincent falava e trabalhava como um louco, dia e noite. Havia milhares de

detalhes a serem acertados; como obteriam o dinheiro, onde se localizaria a galeria, como os preços seriam cobrados, que homens podiam se associar, quem administraria a casa no campo e como. Theo, quase contra a sua vontade, foi atraído pelo excitamento febril. O apartamento na Rue Lepic ficava apinhado em todas as noites da semana. Jornalistas apareciam para saber das novidades. Críticos de arte vinham discutir o novo movimento. Pintores de toda a França retornavam a Paris para ingressar na organização.

Se Theo era o rei, Vincent era o organizador real. Ele formulava planos incontáveis, estatutos, orçamentos, súplicas de dinheiro, códigos de comportamento, regulamentos, manifestos para os jornais, panfletos para esclarecer a Europa sobre a Colônia de Arte Comunista.

Ele andava tão ocupado que esqueceu de pintar.

Quase três mil francos entraram nos cofres da organização. Os pintores contribuíam corri até o último franco que podiam dispensar. Foi realizada uma feira de rua no Boulevard Clichy e cada homem apregoou as suas próprias telas. Chegaram cartas de toda a Europa, às vezes contendo notas sujas e amassadas de francos. Os amantes da arte de Paris iam ao apartamento, contagiavam-se pelo entusiasmo do novo movimento e largavam uma nota na caixa de coleta antes de se retirarem. Vincent funcionava como secretário e tesoureiro.

Theo insistia que precisavam de cinco mil francos antes de começarem. Localizara uma loja na Rue Tronchet que julgava bem situada, enquanto Vincent descobrira uma esplêndida mansão antiga na floresta de St. Germain-en-Laye que poderia ser alugada a um preço mínimo. As telas dos pintores que queriam ingressar no movimento continuavam a chegar ao apartamento da Rue Lepic, até que não restava mais espaço para se circular. Centenas e centenas de pessoas entravam e saíam a todo instante do apartamento. Discutiam, brigavam, praguejavam, comiam, bebiam e gesticulavam freneticamente. Theo recebeu um comunicado de que devia se mudar.

Ao final de um mês os móveis Louis Philippe se encontravam em petição de miséria.

Vincent não tinha tempo de sequer pensar em sua paleta agora. Havia cartas a serem escritas, pessoas a serem entrevistadas, casas a serem verificadas, entusiasmo a ser ateado em cada novo pintor e amador com que se encontrava. Ele falava e falava até ficar rouco. Uma energia febril brilhava em seus olhos. Ele comia de maneira irregular e quase nunca encontrava tempo para dormir. Estava sempre em movimento, sempre em atividade.

Os cinco mil francos foram completados no início da primavera.

Theo daria o aviso prévio na Goupils no primeiro dia do mês. Ele decidira ficar com a loja na Rue Tronchet. Vincent pagou um pequeno depósito pela casa

em St. Germain. A lista de associados com que a colônia começaria foi elaborada por Theo, Vincent, Père Tanguy, Gauguin e Lautrec. Da pilha de telas acumuladas no apartamento, Theo escolheu as que mostraria em sua primeira exposição. Rousseau e Anquetin tiveram uma discussão encarniçada sobre quem decoraria o interior da loja e quem o exterior.

Theo não mais se importava em ficar acordado. Estava agora tão entusiasmado quanto Vincent no início. Trabalhava febrilmente para organizar tudo, a fim de que a colônia pudesse ser inaugurada no verão.

Discutia interminavelmente com Vincent se a segunda casa deveria ser localizada no Atlântico ou no Mediterrâneo.

Vincent foi dormir uma madrugada por volta das quatro horas, completamente extenuado. Theo não o acordou. Ele dormiu até meio-dia e despertou revigorado. Entrou em seu estúdio. A tela no cavalete já se encontrava em posição há muitas semanas. A tinta na paleta se achava ressecada, rachada, coberta por poeira. Os tubos de tinta estavam apertados nos cantos, os pincéis cobertos por uma crosta sólida de tinta antiga.

Uma voz interior lhe perguntou suavemente: “Um momento, Vincent. Você é um pintor? Ou é um organizador comunista?”

Ele levou as pilhas de telas variadas para o quarto de Theo, empilhando em cima da cama. Deixou no estúdio apenas os seus próprios quadros. Colocou-os sobre o cavalete, um a um, roendo as cutículas enquanto os contemplava.

Era verdade, fizera algum progresso. Lentamente, lentamente, sua cor clareara, aproximando-se de uma luminosidade de cristal. Não eram mais imitativos. Não mais se podia descobrir nas telas as características de seus amigos. Vincent compreendeu pela primeira vez que estava desenvolvendo uma espécie de técnicas absolutamente individual. Era diferente de tudo o que já vira antes. E ele nem mesmo sabia como chegara a isso.

Passara o impressionismo através de sua própria natureza e ficara à beira de alcançar um meio de expressão exclusivo. Mas parara subitamente.

Ele pôs as telas mais recentes no cavalete. Houve um momento em que reprimiu um grito. Quase, mas quase mesmo, captara alguma coisa!

Seus quadros começavam a mostrar um método definido, uma nova investida com as armas que ele forjara durante o inverno.

As muitas semanas de descanso proporcionavam-lhe uma perspectiva objetiva de seu trabalho. Podia constatar que estava desenvolvendo uma técnica impressionista própria.

Ele se contemplou atentamente no espelho. A barba precisava ser aparada, os cabelos cortados, a camisa estava suja, a calça toda amarrotada.

Ele passou o terno com o ferro quente, vestiu uma camisa de Theo, tirou uma

nota de cinco francos da caixa do tesouro e foi ao barbeiro. Depois que estava limpo e arrumado, encaminhou-se pensativo para a Goupils, no Boulevard Montmartre.

— Theo, pode sair comigo por um momento? — Qual é o problema?

— Pegue o chapéu. Há algum café aqui por perto onde ninguém poderia nos encontrar?

Sentados no fundo de um café, num canto isolado, Theo disse: — Sabia, Vincent, que esta é a primeira vez em que posso conversar a sós com você em mais de um mês?

— Sei disso, Theo. Receio ter bancado o tolo.

— Como assim?

— Diga-me francamente, Theo: eu sou um pintor? Ou um organizador comunista?

— Aonde está querendo chegar?

— Andei tão ocupado com a organização da colônia que nem tive tempo de pintar. E depois que a casa entrar em funcionamento, nunca mais terei um momento.

— Entendo...

— Quero pintar, Theo. Não passei por sete anos de trabalho árduo apenas para me tomar administrador de uma casa para outros pintores.

Estou faminto por meus pincéis, Theo, tão faminto que sinto vontade de fugir de Paris no primeiro trem.

— Mas depois de tudo o que você fez, Vincent...

— Já disse que fui um idiota. Theo, você suporta ouvir uma confissão?

— Qual é?

— Estou enjoado da presença de outros pintores. Estou cansado de suas conversas, teorias, discussões intermináveis. Não precisa sorrir, Theo. Sei muito bem que contribuí com a minha parte para a confusão. Mas é justamente esse o problema. Sabe o que Mauve costumava dizer? “Um homem pode pintar ou conversar sobre pintura, mas não pode fazer as duas coisas ao mesmo tempo.” Você vem me sustentando há sete anos só para me ouvir enunciar ideias, Theo?

— Você realizou um bom trabalho para a colônia, Vincent.

— Sei disso. Mas agora que estamos prestes a nos mudar para a casa, descubro que não quero ir. Possivelmente não conseguiria viver ali e realizar algum trabalho. Theo, não sei se posso fazê-lo entender... mas é claro que posso. Quando eu me encontrava sozinho no Brabant e Haia, pensava em mim mesmo como um homem importante. Era um solitário, lutando contra o mundo inteiro. Era um artista, o único artista vivo. Tudo que eu pintava era valioso. Sabia que possuía uma grande capacidade e que algum dia o mundo diria: “Ele é um

esplêndido pintor.”

— E agora?

— Infelizmente, sou agora apenas um entre muitos. Há centenas de pintores ao meu redor. Descubro-me caricaturado por todos os lados. Pense em todas as malditas telas em nosso apartamento, enviadas por pintores que querem ingressar na colônia. Eles também pensam que vão se tornar grandes pintores. Talvez eu seja apenas igual a eles. Como posso saber? O que tenho para sustentar minha coragem agora? Antes de vir para Paris eu não sabia que existiam tolos irremediáveis que se iludiam por todas as suas vidas. Mas agora eu sei. E isso dói.

— Não tem nada a ver com você.

— Talvez não. Mas nunca poderei extirpar esse pequeno germe da dúvida. Quando estou sozinho, no campo, esqueço que há milhares de telas sendo pintadas todos os dias. Imagino que a minha é a única e que constitui uma linda dádiva ao mundo. Eu continuaria a pintar mesmo sabendo que meu trabalho era atroz. Mas esta... esta ilusão de artista... ajuda. Está me entendendo?

— Estou, sim.

— Além do mais, não sou um pintor de cidade. Não pertenço a este lugar. Sou um pintor camponês. Quero voltar a meus campos. Quero encontrar um sol tão quente que queimará tudo em mim, a não ser o desejo de pintar!

— Então... você quer... deixar... Paris?

— Isso mesmo. Devo deixar.

— E a colônia?

— Vou me retirar. Mas você deve continuar.

Theo sacudiu a cabeça.

— Não sem você.

— Por que não?

— Não sei. Eu só estava fazendo isso por você... porque você queria.

Eles ficaram em silêncio por alguns momentos. — Ainda não deu o aviso prévio, Theo?

— Não. Estava esperando o dia primeiro.

— Poderíamos devolver o dinheiro às pessoas?

— Acho que sim... Quando você partiria?

— Só depois que minha paleta estiver clara.

— Entendo...

— E depois irei embora. Para o sul, provavelmente. Não sei exatamente para onde. A fim de poder ficar sozinho. E pintar, pintar, pintar. Por mim mesmo.

Ele passou o braço pelos ombros de Theo, num gesto brusco de afeição. — Theo, diga que não me despreza. Largar tudo dessa maneira, depois que o

envolvi completamente...

— Desprezar você?

Theo sorriu, com uma tristeza infinita. Afagou a mão do irmão em seu ombro.

— Não... claro que não. Eu compreendo. E acho que você está certo. Bem... meu velho... acho melhor você terminar a sua bebida. Devo voltar à galeria.

13

Vincent trabalhou por mais um mês. Mas embora sua paleta estivesse agora quase tão clara quanto a de seus amigos, ele parecia incapaz de encontrar uma forma de expressão que o satisfizesse. A princípio, pensou que o problema fosse a rudeza de seu desenho e tentou trabalhar devagar, a sangue-frio. O processo meticuloso de aplicar a tinta era uma tortura para ele, mas contemplar a tela depois foi ainda pior. Ele tentou esconder o trabalho de pincel em superfícies achatadas; tentou trabalhar com a cor fina, ao invés dos abundantes jorros de tinta. Nada parecia adiantar. Sentia que tateava para um meio de comunicação que não apenas seria singular, mas também lhe permitiria dizer tudo o que queria. E, no entanto, não conseguia encontrá-lo.

— Quase consegui desta vez — murmurou ele, uma noite, no apartamento. — Quase, apenas quase. Se eu pudesse descobrir o que está me impedindo.

— Creio que posso lhe dizer — declarou Theo, tirando a tela das mãos do irmão.

— Pode mesmo? E o que é?

— É Paris.

— Paris?

— Isso mesmo. Paris foi o seu campo de instrução. Enquanto permanecer aqui, não passará de um colegial. Lembra-se de nossa escola na Holanda, Vincent? Aprendíamos como as outras pessoas faziam as coisas e como deveriam ser feitas, mas nunca as fazíamos.

— Está querendo dizer que os temas aqui não me falam nada?

— Não, não é isso. Estou querendo dizer que aqui você é incapaz de romper com seus mestres. Eu ficarei terrivelmente solitário sem você, Vincent, mas sei que tem de partir. Em algum lugar deste mundo deve haver um local em que poderá fazer tudo por conta própria. Não sei onde é e cabe a você descobrir. Mas precisa se desligar da escola antes de poder alcançar a maturidade.

— Sabe qual é o lugar em que tenho pensado muito ultimamente, Theo?

— Não.

— África.

— É mesmo?

— É, sim. Tenho pensado num sol ardente durante todo esse maldito inverno, longo e frio. Foi lá que Delacroix encontrou sua cor e talvez onde eu possa me encontrar.

— A África é muito longe, Vincent — comentou Theo, pensativo.

— Quero o sol, Theo. E quero em seu calor e força mais intensos.

Tenho sentido uma atração para o sul durante o inverno, como se fosse um enorme ímã. Até sair da Holanda eu não sabia que existia uma coisa como o sol. Sei agora que não existe a pintura sem o sol. Talvez a coisa que eu esteja precisando para alcançar a maturidade seja o sol quente. Fico enregelado até os ossos com o inverno parisiense, Theo, penso que um pouco do frio passou para a minha paleta e pincéis. Nunca fui de me lançar em qualquer coisa com indiferença. Depois que eu puser o sol africano a queimar o frio em mim, deixar minha paleta em chamas...

— Hum... Teremos de pensar a respeito. Talvez você tenha razão.

Paul Cezanne ofereceu uma festa de despedida a todos os seus amigos. Conseguira por intermédio do pai comprar o terreno na colina por cima de Aix e retornava para construir um estúdio ali.

— Saia de Paris, Vincent — disse ele — vá para Provence. Não para Aix, que é o meu território, mas para algum lugar próximo. Encontrará lá a luz e as cores claras como nunca viu antes. Passarei na Provence o resto da minha vida.

— Serei o próximo a sair de Paris — anunciou Gauguin. — Voltarei para os trópicos. Se você pensa que tem um sol de verdade na Provence, Cezanne, devia conhecer as Marquesas. Ali, o sol e a cor são tão primitivos quanto as pessoas.

— Vocês deviam se juntar aos adoradores do sol — comentou Seurat.

— Quanto a mim — declarou Vincent — estou pensando em ir para a África.

— Ora, ora — murmurou Lautrec — temos outro pequeno Delacroix nas mãos.

— Fala sério, Vincent? — indagou Gauguin.

— Claro. Talvez não seja uma coisa imediata. Acho que seria melhor fazer antes um estágio na Provence, a fim de me acostumar ao sol.

— Não pode parar em Marseille — disse Seurat. — A cidade pertence a Monticelli.

— Também não posso ir para Aix, porque pertence a Cezanne — comentou Vincent. — Monet já fez Antibes e concordo que Marseille é sagrada para “Fada”. Alguém tem alguma sugestão sobre o lugar para onde eu poderia ir?

— Ei, espere um pouco! — exclamou Lautrec. — Conheço o lugar certo. Já pensou em Arles?

— Arles? Não é um antigo povoado romano?

— Isso mesmo. Fica no Ródano, as duas horas de Marseille. Estive lá uma vez. A cor dos campos ao redor faz com que as cenas africanas de Delacroix pareçam anêmicas.

— O sol é mesmo bom?

— O sol? É suficiente para levá-lo à loucura. E precisa conhecer as

arlesianas... as mulheres mas generosas do mundo. Ainda conservam as feições puras e delicadas de seus ancestrais gregos, combinadas com a estatura vigorosa dos conquistadores romanos. Contudo, curiosamente, o aroma que exalam é nitidamente oriental. Imagino que é uma decorrência da invasão sarracena por volta do século VIII. Foi em Arles que se encontrou a verdadeira Vênus, Vincent. E a modelo foi uma arlesiana!

— Elas parecem fascinantes — murmurou Vincent. — E são. Espere só até você sentir o mistral. — O que é o mistral?

— Descobrirá quando chegar lá — respondeu Lautrec, com um sorriso malicioso.

— A vida por lá é barata?

— Não há nada para se gastar dinheiro, exceto casa e comida... e não custam muito. Se está tão ansioso em deixar Paris, por que não experimenta?

— Arles... — murmurou Vincent para si mesmo. — Arles e as arlesianas. Eu bem que gostaria de pintar uma dessas mulheres!

Paris excitara Vincent. Ele bebera muito absinto, fumara muito cachimbo, empenhara-se em muita atividade externa. Mas estava agora saciado. Experimentava um impulso irresistível de escapar para algum lugar em que ficaria isolado, sossegado, podendo concentrar na arte a sua transbordante energia nervosa. Precisava apenas de um sol quente para alcançar a realização. Tinha o pressentimento de que o clímax de sua vida, a plena força criativa para a qual vinha lutando durante aqueles oito longos anos, não se achava muito distante. Sabia que nada do que pintara até então era de algum valor; talvez houvesse um curto período pela frente em que poderia criar os poucos quadros que justificariam sua vida.

O que fora mesmo que Monticelli dissera? “Devemos nos dedicar a dez anos de trabalho árduo, a fim de que ao final possamos pintar dois ou três retratos autênticos.”

Em Paris, ele tinha segurança, amizade e amor. Havia sempre um bom lar para ele com Theo. O irmão jamais o deixaria passar fome, nunca o obrigaria a pedir duas vezes por material de pintura, nunca lhe negaria qualquer coisa que estivesse ao seu alcance, inclusive uma total compreensão.

Ele sabia que suas atribulações começariam no momento em que deixasse Paris. Não seria capaz de administrar direito a mesada de Theo.

Passaria fome na metade do tempo. Teria de subsistir de café, desesperar-se por não poder comprar tintas, sentir as palavras sufocando-o na garganta por não encontrar uma alma irmã com quem pudesse conversar.

— Vai gostar de Arles — reiterou Toulou-se-Lautrec, no dia seguinte. — É um lugar sossegado e ninguém o incomodará. O calor é seco, a cor magnífica, a

única região da Europa em que se pode encontrar a pura claridade japonesa. É o paraíso de um pintor. Se eu não fosse tão afeiçoado a Paris, também iria para lá.

Theo e Vincent foram naquela noite a um concerto wagneriano.

Voltaram cedo para casa e passaram uma hora tranquila trocando reminiscências da infância em Zundert. Na manhã seguinte Vincent preparou o café para o Theo. Depois que o irmão partiu para a galeria, ele realizou no apartamento a faxina mais meticulosa desde que se mudara.

Pendurou nas paredes um quadro de camarões rosados, um retrato de Père Tanguy com seu chapéu de palha redondo, o Moulin de Ia Galette, um nu feminino visto por trás e um estudo dos Champs Elysée.

Naquela noite, quando chegou em casa, Theo encontrou um bilhete na mesa da sala:

Querido Theo:

Fui para Arles e escreverei para você assim que chegar lá. Deixei alguns dos meus quadros nas paredes, a fim de que você não se esqueça de mim.

Com um aperto de mão em pensamento,

Vincent

Livro Seis

ARLES

Casa amarela (Arles, 1888)

1

O sol arlesiano atingiu Vincent entre os olhos e abriu-o ao meio. Era uma bola de fogo líquido, formando uma espiral, de um amarelo-limão, brilhando num céu azul inflexível e enchendo o ar com uma luz ofuscante.

O calor terrível e a claridade intensa do ar criavam um mundo novo e desconhecido.

Vincent saltou do vagão de terceira classe no início da manhã e desceu pela estrada sinuosa que levava da estação à Place Lamartine, uma área de mercado delimitada num lado pelo dique do Ródano, no outro por cafés e hotéis deploráveis. Arles ficava bem em frente, grudada na encosta de uma colina por uma colher de pedreiro, sonolenta ao sol quente e tropical.

Quando se tratava de procurar um lugar para residir, Vincent era indiferente. Entrou no primeiro hotel por que passou na praça, o Hotel de Ia Gare, alugando um quarto. Continha uma barulhenta cama de latão, um cântaro rachado num lavatório e uma estranha cadeira. O proprietário levou para o quarto uma mesa sem pintura. Não havia espaço para armar o cavalete, mas Vincent tencionava pintar ao ar livre durante o dia inteiro.

Ele largou a valise na cama e saiu prontamente para conhecer a cidade. Havia dois caminhos para o coração de Arles, partindo-se da Place Lamartine. A estrada circular à esquerda era para as carroças; contornava a beira da cidade e subia lentamente para o topo da colina, passando pelos antigos fórum e anfiteatro romanos. Vincent seguiu pelo caminho mais direto, que passava por um labirinto de estreitas ruas, calçadas com pedras.

Depois de uma longa escalada, ele chegou à Place dela Mairie, crestada pelo sol. Na subida, passou por frescos pátios de pedra, que pareciam sobreviver intactos desde os primeiros tempos romanos. A fim de excluir o sol implacável, as vielas eram tão estreitas que Vincent podia tocar em duas casas opostas ao mesmo tempo com as pontas dos dedos estendidos.

Para evitar o torturante mistral, as ruas serpenteavam num labirinto desconcertante pela encosta da colina, jamais se mantendo retas por mais de dez metros. Havia lixo nas ruas, crianças sujas nas portas, por toda parte uma aparência sinistra.

Vincent deixou a Place de Ia Mairie, percorreu uma viela curta até a estrada principal de comércio, na parte posterior da cidade, circulou pelo pequeno parque, depois desceu a ladeira até a arena romana. Ele saltou de um lance de arquibancada para outro, como um cabrito, finalmente chegando ao alto. Sentou

num bloco de pedra, as pernas balançando sobre uma altura de dezenas de metros, acendeu o cachimbo, contemplou o domínio sobre o qual se designara amo e senhor.

A cidade lá embaixo fluía abruptamente para o Ródano como uma catarata caleidoscópica. Os telhados das casas se ajustavam uns nos outros, formando um padrão intrincado. Todos haviam sido cobertos originalmente por telhas de barro vermelhas, mas o sol ardente e incessante as crestara para uma confusão de todas as cores, do limão mais claro e o rosa mais delicado a uma lavanda penetrante e o marrom mais prosaico.

O Ródano largo e de rápida correnteza fazia uma curva fechada na base da colina em que Arles se grudava, descendo direto para o Mediterrâneo. Havia diques de pedra nos dois lados do rio. Trinquetaille brilhava como uma cidade pintada na outra margem. Por trás de Vincent ficavam as montanhas, enormes cordilheiras se projetando para o alto, pela luz clara e branca. Espalhando-se à sua frente havia um panorama de campos arados, pomares em flor, a elevação de Montmajor, vales férteis abertos em milhares de sulcos profundos, todos convergindo para algum ponto distante no infinito.

Mas foi a cor dos campos que levou Vincent a esfregar os olhos, aturdido. O céu era tão intensamente azul, um azul tão duro, implacável e profundo, que não era absolutamente azul; era totalmente desprovido de cor. O verde dos campos que se estendiam lá embaixo era a própria essência da cor verde, enlouquecida. O amarelo-limão ardente do sol, o vermelho-sangue do solo, o branco gritante da nuvem solitária sobre Montmajor, o rosa sempre renascente dos pomares... aquelas cores eram incríveis. Como poderia pintá-las? Como poderia fazer alguém acreditar que existiam de fato, mesmo que fosse capaz de transferi-las para a paleta?

Limão, azul, verde, vermelho, rosa; a natureza se exibia exuberante, em cinco tonalidades torturantes de expressão.

Vincent voltou pela estrada de carroça para a Place Lamartine, pegou o cavalete, tintas e tela, foi andando pela margem do Ródano. Amendoeiras já começavam a florir por toda parte. O faiscante clarão branco do sol na água projetava pontadas de dor em seus olhos. Deixara o chapéu no hotel.

O sol ardia através do vermelho de seus cabelos, sugava todo o frio de Paris, toda a fadiga, desânimo e saciedade com que a vida na cidade grande empanturrara sua alma.

Um quilômetro rio abaixo ele encontrou uma ponte levadiça com uma pequena carroça passando por cima, delineada contra um céu azul. O rio era tão azul quanto um poço, as margens laranjas, salpicadas de relva verde. Um grupo de lavadeiras em batas e toucas multicoloridas batia roupas brancas sujas à

sombra de uma árvore solitária.

Vincent armou o cavalete, respirou fundo e fechou os olhos. Nenhum homem podia captar aqueles coloridos de olhos abertos. Ali ele se livrou da conversa de Seurat sobre pontilhismo científico, as arengas de Gauguin sobre ornamentalismo primitivo, as aparências de Cezanne sob superfícies sólidas, as linhas de cor e de ódio de Lautrec.

Ali ele era apenas Vincent.

Ele voltou ao hotel na hora do jantar. Sentou-se a uma mesinha no bar e pediu um absinto. Estava muito excitado e saciado demais para pensar em comida. Um homem sentado a uma mesa próxima notou a tinta espalhada pelas mãos, rosto e roupas de Vincent, e resolveu puxar conversa.

— Sou um jornalista parisiense — disse ele. — Estou aqui há três meses, recolhendo material para um livro sobre a linguagem provençal.

— Cheguei de Paris esta manhã — informou Vincent.

— Foi o que pensei. Tenciona ficar muito tempo?

— Acho que sim.

— Pois aceite o meu conselho e não fique. Arles é o lugar mais violentamente insano do mundo.

— O que o faz pensar assim?

— Não penso. Eu sei. Venho observando as pessoas daqui há três meses e lhe garanto que são todas doidas. Basta olhar para elas. Observe os olhos. Não há uma só pessoa normal e racional em toda esta vizinhança de Tarascon!

— É uma coisa insólita para se dizer — comentou Vincent.

— Dentro de uma semana estará concordando comigo. A região em torno de Arles é a mais transtornada de toda a Provence. Você esteve ao sol. Pode imaginar o que deve fazer com essas pessoas, que estão sujeitas à sua luz ofuscante dia após dia? Pois vou lhe dizer. Queima os miolos dentro da cabeça. E o mistral? Ainda não sentiu o mistral? Pois espere só.

Açoita esta cidade em duzentos dias por ano. Se você tenta sair para as ruas, joga-o contra as paredes. Se está nos campos, derruba-o e rola-o pela terra. Retorce as suas entranhas até que você pensa que não pode mais suportar por outro minuto sequer. Já vi esse vento infernal arrombar janelas, arrancar árvores, derrubar cercas, açoitar homens e animais nos campos, dando a impressão de que os destruiriam em mil pedaços. Estou aqui há apenas três meses e já começo a ficar um pouco *fou.* Vou embora amanhã mesmo!

— Não está exagerando? — indagou Vincent. — Os arlesianos, pelo pouco que vi hoje, me parecem absolutamente normais.

— O pouco que viu deles está certo. Mas espere só até conhecê-los melhor. Sabe qual é a minha opinião pessoal?

— Não, não sei. Qual é? Não quer me acompanhar num absinto?

— Obrigado. Na minha opinião pessoal, Arles é epilética. Açoita a si mesma com tamanho excitamento nervoso que se tem certeza que vai explodir num acesso violento e espumar pela boca.

— E isso acontece?

— Não. E isso é o mais estranho. A região está sempre alcançando um clímax, mas nunca o consuma. Venho esperando há três meses testemunhas uma revolução ou um vulcão entrando em erupção na Place de Ia Mairie. Uma dúzia de vezes pensei que todos os habitantes enlouqueceriam subitamente e cortariam as gargantas uns dos outros. Mas no momento em que chegam ao ponto em que uma explosão é iminente, o mistral some por dois dias e o sol se esconde por trás de nuvens.

Vincent soltou uma risada.

— Se Arles nunca chegou a um clímax, não se pode com justiça chamá-la de epiléptica, não é mesmo?

— Tem razão — respondeu o jornalista. — Mas posso chamá-la de epileptoidal.

— E o que significa isso?

— Estou escrevendo um artigo a respeito para o meu jornal de Paris. Foi este artigo alemão que me deu a ideia.

Ele tirou uma revista do bolso e empurrou-a através da mesa para Vincent.

— Os médicos fizeram um estudo dos casos de centenas de homens que sofriam de doenças nervosas que pareciam epilepsia, mas que nunca resultavam em acessos. Verá por estes gráficos como eles determinaram a curva ascendente de nervosismo e excitamento; o que os médicos chamam de tensão volátil. Em todos os casos, os pacientes sofriam de um estado febril crescente, até alcançarem a idade de 35 ou 38 anos. Na média aos 36 anos eles sofriam um violento acesso epilético. Depois disso, é uma questão de mais meia dúzia de espasmos e o adeus em um ou dois anos.

— E muito jovem para se morrer — comentou Vincent. — A esta altura, um homem está apenas começando a assumir o domínio de si mesmo.

O jornalista tornou a guardar a revista no bolso.

— Ficará neste hotel por algum tempo? — perguntou ele. — Meu artigo está quase pronto. Mandarei uma cópia pelo correio assim que for publicado. Meu argumento é o seguinte: Arles é uma cidade epileptoidal. Sua pulsação vem se acelerando há séculos. Aproxima-se da primeira crise. E inevitável que aconteça. E muito em breve. E quando ocorrer, testemunharemos uma terrível catástrofe. Assassinatos, incêndios, estupros, a destruição total! Esta região não pode continuar eternamente em seu estado açoitado e torturado. Alguma coisa deve e

vai acontecer. E sairei daqui antes que as pessoas comecem a espumar pela boca. Aconselho-o a fazer a mesma coisa.

— Obrigado, mas estou gostando daqui — respondeu Vincent. — Acho que vou me deitar agora. Eu o verei pela manhã? Não? Então boa sorte para você. E não se esqueça de me enviar uma cópia do artigo.

2

Todas as manhãs Vincent levantava-se antes do amanhecer, vestia-se e andava vários quilômetros pelo rio abaixo ou através dos campos, até encontrar um lugar que o comovesse. Todas as noites voltava com uma tela acabada... e acabada porque não havia mais nada que pudesse fazer com ela. E logo depois do jantar ele ia dormir.

Ele transformou-se numa máquina de pintar cega, produzindo uma tela depois de outra, sem sequer saber o que fazia. Os pomares da região se achavam floridos. Ele desenvolveu uma paixão intensa por pintar a todos.

Não mais pensava em sua pintura. Apenas pintava. Todos os seus oito anos de trabalho árduo finalmente se expressavam numa grande explosão de energia triunfal. As vezes, quando começava a trabalhar à primeira claridade do amanhecer, a tela estava completa por volta de meio-dia.

Voltava então à cidade, tomava um café e tornava a sair, em outra direção, com uma nova tela.

Não sabia se a sua pintura era boa ou má. Nem se importava. Estava inebriado pela cor.

Ninguém lhe falava. Ele não falava com ninguém. As poucas forças que lhe sobravam da pintura, ele as gastava lutando contra o mistral. Três dias por semana tinha de prender o cavalete em estacas cravadas no chão.

O cavalete balançava para frente e para trás ao vento, como um lençol num varal. Ao cair da noite sentia-se tão exausto e dolorido como se tivesse levado uma surra tremenda.

Jamais usava chapéu. O sol forte lentamente queimava os cabelos no alto de sua cabeça. Quando se deitava na cama de latão, no pequeno hotel, à noite, tinha a sensação de que a cabeça estava presa numa bola de fogo.

O sol deixava-o completamente ofuscado. Não podia distinguir o verde dos campos do azul do céu. Mas quando retornava ao hotel constatava que a tela era de certa forma uma transcrição crescente e brilhante da natureza.

Um dia ele trabalhava num pomar de terra arada lilás, com uma cerca vermelha e dois pessegueiros rosados contra um céu de glorioso azul e branco.

— Provavelmente é a melhor paisagem que já fiz — murmurou Vincent para si mesmo.

Chegando ao hotel, ele encontrou uma carta informando que Anton Mauve morrera em Haia. Escreveu sob os seus pessegueiros: “'Souvenir de Mauve. Vincent e Theo.” E despachou imediatamente o quadro para a casa na

Uileboomen.

Na manhã seguinte ele encontrou um pomar de ameixeiras em flor.

Enquanto trabalhava, um vento implacável começou a soprar, voltando a intervalos, como ondas do mar. Entre as rajadas, o sol brilhava, todas as flores brancas faiscavam nas árvores. Ao risco de a cada minuto ver tudo derrubado pelo vento, Vincent continuou a pintar. Aquilo lembrava-o dos dias em Scheveningen, quando costumava pintar sob a chuva, em tempestades de areia, os borrifos soprados do oceano se despejando em seu corpo e em sua tela. O quadro que pintava agora possuía um efeito branco, com bastante amarelo, além de azul e lilás. Quando acabou, ele percebeu alguma coisa que não tencionara incluir na tela: o mistral.

— As pessoas pensarão que eu estava embriagado quando pintei este quadro — ele disse a si mesmo, rindo.

Vincent lembrou-se de uma frase da carta de Theo que recebera no dia anterior. Mijnheer Tersteeg, numa visita a Paris, postara-se diante de um Sisley e murmurara para Theo: — Não posso deixar de pensar que o artista que pintou este quadro estava um pouco bêbado.

"Se Tersteeg pudesse ver meus quadros arlesianos", pensou Vincent, "diria que eu estava no auge de delirium tremens".

Os habitantes de Arles se mantinham a distância de Vincent.

Observavam-no sair da cidade antes do nascer dos sol, o pesado cavalete pendurado na costas, sem chapéu, o queixo esticado para a frente ansiosamente, um excitamento febril nos olhos. E viam o seu retorno com dois buracos de fogo no rosto, o topo da cabeça tão vermelha quanto carne crua, uma tela úmida debaixo do braço, gesticulando para si mesmo. A cidade lhe dera um apelido. E era como todos se referiam a ele.

— *Fou-rou!*

"Talvez eu seja mesmo um louco-ruivo", refletiu Vincent, "mas o que posso fazer?"

O proprietário do hotel arrancava fraudulentamente todo franco de Vincent que podia. Vincent não podia arrumar coisa alguma para comer, pois quase todos em Arles faziam as refeições em casa. Os restaurantes eram caros. Vincent experimentou todos, à procura de uma sopa forte, mas nenhuma era oferecida.

— É difícil cozinhar batatas, madame? — ele perguntou em um lugar. — Impossível, monsieur.

— Então não tem um pouco de arroz?

— É o prato de amanhã.

— O que me diz de macarrão?

— Não havia espaço no fogão para macarrão.

Vincent finalmente teve de renunciar a quaisquer pensamentos sérios de comida, vivendo do que aparecia. O sol quente aumentava a sua vitalidade, embora o estômago não recebesse muita atenção. Em lugar de comida saudável, ele punha absinto, tabaco e as histórias de Daudet sobre Tartarin. As inúmeras horas de concentração diante do cavalete deixavam os nervos à flor da pele. Precisava de estimulantes. O absinto tornava-o ainda mais excitado para o dia seguinte, um excitamento aumentado pelo mistral e martelado pelo sol.

O verão foi avançando e tudo se tomou crestado. Vincent só via ao seu redor ouro velho, bronze e cobre, coberto pelo céu azul-esverdeado, esbranquiçado pelo sol. Havia amarelo-enxofre em tudo que o sol atingia.

Suas telas eram massas de amarelo ardente. Ele sabia que aquele amarelo não fora usado na pintura europeia desde a Renascença. Mas isso não o incomodava. O amarelo saía dos tubos para a tela e lá ficava. Seus quadros eram impregnados de sol, queimados pelo sol, curtidos pelo sol ardente e varridos pelo ar.

Ele estava convencido de que fazer um bom quadro não era mais fácil do que encontrar um diamante ou uma pérola. Sentia-se insatisfeito consigo mesmo e com o que fazia, mas tinha um vislumbre de esperança de que seria melhor ao final. Havia ocasiões em que até a esperança parecia uma Fata Morgana. Contudo, ele só se sentia vivo quando estava trabalhando. Em termos de vida pessoal, não tinha nenhuma. Era apenas um mecanismo, uma máquina de pintar cega, na qual se despejava todas as manhãs alimento, líquido e tinta, produzindo ao cair da noite uma tela acabada. E com que propósito? Para vender? Mas claro que não! Ele sabia que ninguém queria comprar seus quadros. Então por que a pressa? Por que se obrigava a pintar dezenas e dezenas de telas, quando o espaço sob a miserável cama de latão já estava todo ocupado?

O desejo de sucesso deixara Vincent. Ele trabalhava porque tinha de fazê-lo, porque isso o impedia de sofrer demais mentalmente, porque distraía sua mente. Podia passar sem uma esposa, um lar e filhos; podia ficar sem amor, amizade e saúde; podia não ter segurança, conforto e comida; podia até viver sem Deus. Mas não podia passar sem algo que era maior do que ele próprio, que era a sua vida — a força e capacidade de criar.

3

Ele tentou contratar modelos, mas os habitantes de Arles se recusavam a posar. Achavam que estavam sendo mal retratados. Tinham medo de que os amigos rissem dos retratos. Vincent sabia que se pintasse bonito como Bouguereau as pessoas não se envergonhariam em posarem.

Ele teve de renunciar à ideia de modelos e trabalhar sempre no solo.

À medida que o verão se aprofundou, um calor forte e glorioso instalou-se, o vento morreu. A luz com que Vincent trabalhava variava do pálido amarelo-enxofre ao pálido amarelo-dourado. Ele pensava muitas vezes em Renoir e na sua linha pura e clara. Era assim que tudo parecia no ar claro da Provence, da mesma forma que nas gravuras japonesas.

Uma manhã, bem cedo, ele viu uma moça com a pele morena, cabelos louros, olhos cinzas e uma blusa estampada em tons de rosa, sob a qual ele podia ver os seios, bem proporcionados, pequenos, firmes. Era uma mulher tão simples quanto os campos, virgem em cada linha. A mãe era uma figura espantosa, de amarelo sujo e azul desbotado, empertigando-se ao sol forte contra flores brilhantes, de branco-neve e amarelo-limão.

Posaram para Vincent por várias horas, em troca de uma pequena quantia.

Naquela noite, depois que voltou ao hotel, Vincent descobriu-se a pensar na moça de pele morena. O sono não chegava. Ele sabia que havia bordéis em Arles, mas eram quase todos de cinco francos, fraquentados pelos zuavos, negros trazidos a Arles e ali treinados para servirem no exército francês.

Fazia meses que Vincent não falava com uma mulher, a não ser para pedir uma xícara de café ou um saco de tabaco. Lembrou-se das palavras amorosas de Margot, os dedos gentis roçando por seu rosto, a trilha seguida por beijos apaixonados.

Ele levantou-se de um pulo, atravessou apressadamente a Place Lamartine e embrenhou-se pelo labirinto escuro de casas de pedra. Depois de alguns minutos de subida, ele ouviu um grande tumulto à frente.

Desatou a correr e chegou a um bordel na Rue des Ricolettes no instante em que os gendarmes saíam com os cadáveres de dois zuavos, mortos por italianos embriagados. Os chapéus vermelhos dos soldados estavam caídos em poças de sangue nas pedras do calçamento. Um pelotão de gendarmes levou os italianos para a cadeia, enquanto a multidão enfurecida seguia atrás, gritando:

— Enforquem-nos! Enforquem-nos!

Vincent aproveitou a confusão para entrar furtivamente na Maison de

Tolérance, Número 1, na Rue des Ricolettes. Louis, o proprietário, deu-lhe as boas-vindas, conduzindo-o a uma pequena sala à esquerda do vestíbulo, onde sentavam-se uns poucos casais, bebendo.

— Tenho uma jovem chamada Rachel que é ótima — informou Louis. — Monsieur gostaria de experimentá-la? Se não gostar de sua aparência, pode escolher entre todas as outras.

— Posso vê-la?

Vincent sentou-se a uma mesa e acendeu o cachimbo. Houve risos no vestíbulo lá fora e uma jovem entrou dançando na sala. Foi sentar na cadeira em frente a Vincent e sorriu-lhe.

— Sou Rachel.

— Mas você não passa de uma criança! — exclamou Vincent.

— Tenho dezesseis anos — anunciou Rachel, orgulhosamente.

— Há quanto tempo está aqui?

— Com Louis? Há um ano.

— Deixe-me vê-la.

O lampião de gás estava em suas costas, deixando o rosto nas sombras.

Ela encostou a cabeça na parede e levantou o queixo na direção da luz, a fim de que Vincent pudesse examiná-la.

Ele viu um rosto redondo, rechonchudo, largo, olhos azuis vazios, queixo e pescoço carnudos. Os cabelos pretos estavam enrolados no alto da cabeça, tornando o rosto ainda mais arredondado. Ela usava apenas um, vestido estampado leve e um par de sandálias. Os mamilos dos seios redondos apontavam rígidos para Vincent, como dedos acusadores.

— Você é bonita, Rachel.

Um sorriso brilhante e infantil surgiu nos olhos vazios. Ela virou-se e pegou a mão de Vincent.

— Fico contente que goste de mim — murmurou ela. — Gosto dos homens que gostam de mim. Não acha que isso torna tudo mais agradável?

— Acho, sim. Você gosta de mim?

— Acho que é um homem engraçado, *fou-rou*.

— *Fou-rou!* Então me conhece?

— Já o vi na Place Lamartine. Por que está sempre correndo para lugares com aquele fardo grande nas costas? E por que não usa chapéu? O

sol não o queima? Seus olhos estão vermelhos. Não doem?

— Você é muito doce, Rachel. Vai me chamar pelo meu nome verdadeiro, se eu lhe disser? — perguntou Vincent, rindo de sua ingenuidade.

— Qual é?

— Vincent.

— Não. Gosto mais de *fou-rou.* Você se importa se eu chamá-lo de *fou-rou?* E posso beber alguma coisa? O velho Louis está me observando.

Ela passou os dedos pela garganta; Vincent observou-os afundarem na carne macia. Ela sorriu com os olhos azuis vazios e Vincent compreendeu que o sorriso era para ser feliz, a fim de que ele também pudesse ser feliz. Os dentes de Rachel eram regulares, mas escuros; o lábio inferior descaía quase ao encontro da fenda horizontal no queixo grosso.

— Peça uma garrafa de vinho — disse Vincent. — Mas não das mais caras, pois não tenho muito dinheiro.

Quando o vinho chegou, Rachel perguntou: — Não quer beber no meu quarto? É mais confortável.

— Gostaria muito.

Eles subiram um lance de degraus de pedra e entraram na cela de Rachel. Havia uma cama estreita, uma cômoda, uma cadeira e vários medalhões Julien coloridos nas paredes brancas. Duas bonecas rasgadas e velhas estavam em cima da cômoda.

— Eu as trouxe de casa, *fou-rou.* Pode pegar. Este é Jacques e esta é Catherine. Eu costumava brincar de casa com eles. Oh, *fou-rou,* você está tão engraçado!

Vincent continuou imóvel, sorrindo tolamente, um boneco em cada braço, até que Rachel parou de rir. Ela tirou-lhe Catherine e Jacques, jogou-os na cômoda, chutou as sandálias para um canto e tirou o vestido.

— Sente-se, *fou-rou.* Vamos brincar de casa. Você será o pai e eu a mãe. Gosta dessa brincadeira?

Ela era baixa e corpulenta, com coxas convexas, um declive profundo sob os seios pontudos, uma barriga roliça e arredondada, que descia para o triângulo pélvico.

— Rachel — disse Vincent — se vai me chamar de *fou-rou,* também tenho um nome para você.

Rachei bateu palmas e acomodou-se no colo de Vincent.

— E qual é? Adoro ser chamada de novos nomes!

— Vou chamá-la de Le Pigeon.

Os olhos azuis de Rachel assumiram uma expressão magoada e perplexa.

— Por que sou um pombo, papai?

Vincent passou a mão gentilmente pela barriga.

— Porque parece com um pombo, com seus olhos gentis e a barriguinha estufada.

— É bom ser um pombo?

— Claro. Os pombos são lindos e adoráveis... como você.

Rachel inclinou-se, beijou-o na orelha, levantou-se de um pulo da cama e foi pegar dois copos para o vinho.

— Que orelhas engraçadas você tem, *fou-rou* — comentou ela, entre goles do vinho tinto, que tomava bem pequenos, com o nariz encostando no copo.

— Gosta delas? — indagou Vincent.

— Gosto. São macias e redondas, como as de um cachorrinho. — Então pode ficar com elas.

Rachel riu alto. *Levou o copo* aos lábios. O gracejo tornou a lhe parecer engraçado e soltou outra risadinha. Um filete de vinho tinto escorreu pelo seio esquerdo, serpenteou pela barriga estufada e desapareceu no triângulo preto.

— Você é simpático, *fou-rou.* Todo mundo fala como se fosse louco.

Mas você não é, não é mesmo?

Vincent fez uma careta. — Só um pouco.

— E será meu namorado? Não tenho nenhum há mais de um mês. Virá me ver todas as noites?

— Infelizmente, Pigeon, não poderei aparecer todas as noites. Rachel fez uma cara de amuada. — Por que não?

— Entre outras coisas, porque não tenho o dinheiro. Rachel beliscou-lhe a orelha direita, de brincadeira.

— Se não tiver os cinco francos, *fou-rou,* cortará a sua orelha e me dará? Eu gostaria de tê-la. Guardaria na minha cômoda e brincaria com ela todas as noites.

— E me devolverá a orelha se eu arrumar os cinco francos depois?

— Oh, *fou-rou,* você é tão engraçado e simpático! Eu gostaria que viessem aqui mais homens como você.

— Não gosta daqui?

— Gosto, sim. Eu me divirto bastante e gosto de tudo... isto é, exceto os zuavos.

Rachel largou o copo de vinho e passou os braços pelo pescoço de Vincent. Ele sentiu a sua barriga macia se comprimir contra seu colete, os bicos dos seios queimarem o seu peito. Ela grudou a boca contra a sua.

Vincent descobriu-se a beijar o lado interior macio de seu lábio inferior.

— Voltará para me ver, *fou-rou?* Não vai se esquecer de mim e procurar outra garota?

— Eu voltarei, Pigeon.

— E agora vamos brincar de papai e mamãe?

Quando Vincent saiu de lá, meia hora depois, estava consumido por uma sede que só pôde ser saciada por vários copos de água fria.

4

Vincent chegou à conclusão de que quanto mais batia uma tinta, mais saturada de óleo ela se tornava. O óleo era apenas o meio de fixação da cor; ele não se importava muito com isso, particularmente porque não objetava que suas telas tivessem uma aparência rude. Em vez de comprar tintas que haviam sido batidas em pedra só Deus sabe por quantas horas, em Paris, ele decidiu tornar-se o produtor de suas próprias tintas. Theo pediu a Père Tanguy que enviasse para Vincent os três crômios, a malaquita, cinabre, chumbo laranja, cobalto e ultramarino. Vincent esmagou tudo em seu quarto no hotel. Depois disso, suas tintas não apenas passaram a custar menos, mas também se tornaram mais frescas e duradouras.

Ele ficou insatisfeito em seguida com as telas absorventes em que pintava. A camada fina de gesso com que eram cobertas não sugava direito as suas tintas exuberantes. Theo enviou-lhe rolos de tela sem preparo; à noite, Vincent misturava o gesso em uma pequena tigela e espalhava sobre a tela que planejava pintar no dia seguinte.

Georges Seurat o tornara sensível ao tipo de moldura em que sua obra devia se encaixar. Quando mandou as suas primeiras telas arlesianas para Theo, Vincent explicou exatamente que tipo de madeira deveria ser usada e com que cor pintá-la. Mas não podia sentir-se feliz enquanto não visse os quadros em molduras feitas por ele próprio. Comprou ripas de madeira de seu merceeiro, cortou-as no tamanho que queria e depois pintou-as para combinar com a composição do quadro.

Vincent produzia as suas tintas, construía os tirantes, preparava as telas, pintava os quadros, fazia as molduras e as pintava.

— É uma pena que eu não possa comprar os meus quadros — murmurou ele, em voz alta. — Nesse caso seria então completamente auto-suficiente.

O mistral voltou a soprar. Toda a natureza parecia em fúria. O céu mantinha-se sem nuvens. O sol brilhante era acompanhado por uma secura intensa e um frio penetrante. Vincent fez uma natureza-morta em seu quarto: um bule de café azul esmaltado, uma xícara azul e dourada, um jarro de leite em quadrados brancos e azuis-claros, um jarro de majólica, azul com desenhos vermelhos, verdes e marrons, mais duas laranjas e três limões.

Quando o vento acabou, Vincent tornou a sair e pintou uma vista do Ródano, a ponte de ferro em Trinquetaille, em que o céu e o rio eram da cor do absinto, os ancoradouros de uma tonalidade de lilás, as figuras se debruçando no parapeito

preto, a ponte de ferro de um azul intenso, com um toque de laranja no fundo preto e um outro de verde-malaquita.

Tentava obter uma coisa pungente e desoladora.

Ao invés de tentar reproduzir exatamente o que tinha diante dos olhos, ele usou as cores arbitrariamente, a fim de se expressar com maior força. Podia compreender o que Pissarro lhe dissera em Paris: — Você deve ousadamente exagerar os efeitos, quer na harmonia ou na desarmonia que as cores produzem.

No prefácio de Maupassant a "Pierre et Jean" ele encontrava um sentimento similar: "O artista tem a liberdade de exagerar, de criar em seu romance um mundo mais belo, mais simples, mais confortador do que o nosso."

Ele teve um dia de trabalho árduo entre os milharais, em pleno sol. O resultado foi um campo arado, um campo grande com torrões de terra violeta, subindo para o horizonte; um semeador em azul e branco; no horizonte, uma plantação de milho maduro; por cima de tudo, um céu amarelo, com um sol amarelo.

Vincent sabia que os críticos parisienses achariam que ele trabalhava muito depressa. Não concordava com isso. O que o impelia não era a emoção, a sinceridade de seu sentimento pela natureza? E se as emoções eram às vezes tão fortes que trabalhava sem saber que o fazia, se às vezes as pinceladas safam com uma sequência e coerência como palavras num discurso, também havia um tempo em que surgiam dias opressivos, vazios de inspiração. Ele tinha de malhar enquanto o ferro estava quente, depois deixando as barras forjadas de lado.

Ele prendeu o cavalete nas costas e pegou o caminho de volta, que passava por Montmajor. Andava tão depressa que logo alcançou um homem e um menino que seguiam lentamente à frente. Reconheceu o homem como o velho Roulin, *o facteur des postes* arlesiano. Muitas vezes sentara-se perto de Roulin no café e desejara lhe dirigir a palavra, mas a oportunidade nunca surgira.

— Bom dia, Monsieur Roulin — disse ele.

— Ah, é você, o pintor... Bom dia. Estou levando meu garoto para um passeio na tarde de domingo.

— Um dia glorioso, não é mesmo?

— É, sim. Fica lindo quando o demônio do mistral não sopra. Pintou um quadro hoje, Monsieur?

— Pintei.

— Sou um homem ignorante, monsieur, nada conheço de arte. Mas me sentiria honrado se me deixasse vê-lo.

— Com prazer.

O garoto corria à frente, brincando. Vincent e Roulin andavam lado a lado. Enquanto contemplava a tela, Vincent estudou-o. Roulin usava o seu quepe azul

de carteiro. Possuía olhos suaves e inquisitivos, uma barba ondulada, comprida e quadrada, que lhe cobria inteiramente o pescoço e o colarinho, indo terminar no casaco azul-escuro de carteiro. Vincent sentia em Roulin a mesma qualidade gentil e ansiosa que o atraíra para Père Tanguy. Era feio, de uma maneira patética, o rosto de camponês parecia deslocado na exuberante barba grega.

— Sou um homem ignorante, monsieur — repetiu Roulin — peço que me perdoe por falar. Mas seus milharais estão vivos... tão vivos quanto o campo pelo qual acabamos de passar, por exemplo, onde o vi trabalhando.

— Quer dizer que gosta?

— Quanto a isso, não posso dizer. Sei apenas que me faz sentir alguma coisa aqui.

Ele correu a mão para cima pelo peito.

Pararam por um momento na base de Montmajor. O sol se punha vermelho sobre a antiga abadia, seus raios incidindo sobre troncos e copas de pinheiros, crescendo entre um tumulto de rochas, colorindo tudo com um fogo laranja, enquanto outros pinheiros a distância sobressaíam em azul-prussiano contra um céu de azul-celeste, meio esverdeado, extremamente delicado. A areia e as camadas de rochas brancas sob as árvores adquiriam uma tonalidade azulada.

— Isso também está vivo, não é mesmo, monsieur? — murmurou Roulin.

— E permanecerá vivo depois que partirmos, Roulin.

Eles continuaram andando a conversar, de maneira tranquila e amistosa. Não havia nada de qualidade corrosiva nas palavras de Roulin.

Sua mente era simples, os pensamentos ao mesmo tempo puros e profundos. Ele se sustentava, a esposa e quatro filhos com 135 francos por mês. Era carteiro há 25 anos sem qualquer promoção, obtendo apenas ínfimos aumentos de salário.

— Quando eu era jovem, monsieur — disse ele — costumava pensar muito a respeito de Deus. Mas Ele parece ter diminuído com a passagem dos anos. Ainda está no milharal que pintou e no pôr-do-sol em Montmajor, mas quando penso nos homens... e no mundo que eles fizeram...

— Tem toda razão, Roulin. Mas eu sinto cada vez mais que não devemos julgar Deus por este mundo. É apenas um estudo que não deu certo. O que se pode fazer com um estudo que saiu errado, quando se gosta do autor? Não se encontra muita coisa para criticar, controla-se a língua. Mas você tem o direito de pedir uma coisa melhor.

— É isso mesmo! — exclamou Roulin. — Apenas uma coisa um pouquinho melhor!

— Deveríamos conhecer outras obras da mesma mão antes de julgá-lo.

Este mundo foi obviamente feito às pressas, num dos seus maus dias, quando

o artista não estava completamente alerta e concentrado.

O crepúsculo caíra sobre o caminho sinuoso. As primeiras estrelas faiscavam no manto de cobalto intenso da noite. Os olhos doces e inocentes de Roulin esquadrinharam o rosto de Vincent.

— Acha então que existem outros mundos além deste, monsieur?

— Não sei, Roulin. Desisti de pensar nessas coisas quando passei a me interessar por meu trabalho. Mas não acha que esta vida parece incompleta? Penso às vezes que assim como os trens e carruagens são meios de locomoção para nos levar de um lugar a outro neste mundo, também o tifo e a tísica são meios de locomoção para nos levar de um mundo a outro.

— Vocês, artistas, pensam em cada coisa...

— Poderia me fazer um favor, Roulin? Gostaria de pintar seu retrato. Os habitantes de Arles não querem posar para mim.

— Eu me sentiria honrado, monsieur. Mas por que quer me pintar? Não passo de um homem feio.

— Se existisse um Deus, Roulin, acho que teria uma barba e olhos como os seus.

— Está zombando de mim, monsieur!

— Ao contrário, estou falando muito sério.

— Gostaria de partilhar o jantar conosco amanhã? Temos uma mesa muito simples, mas ficaríamos felizes com a sua companhia.

Madame Roulin era uma camponesa que fez Vincent se lembrar um pouco de Madame Denis. Havia na mesa uma toalha quadriculada vermelha e branca, um ensopado de batata, pão feito em casa e uma garrafa de vinho. Depois do jantar, Vincent desenhou Madame Roulin, conversando com o carteiro, enquanto ele trabalhava.

— Fui um republicano na Revolução — comentou Roulin. — Mas compreendo agora que nada ganhamos com isso. Quer as pessoas no poder sejam reis ou ministros, os pobres continuam a ter tão pouco quanto antes.

Pensei que todos partilhariam, em partes iguais, quando nos tornássemos uma república.

— Isso não acontece, Roulin.

— Por toda minha vida, monsieur, tentei compreender por que um homem deve ter mais do que outro, por que um homem tem de trabalhar arduamente, enquanto outro fica sentado na ociosidade. Talvez eu seja muito ignorante para compreender. Acha que se eu fosse mais instruído, monsieur, seria capaz de entender melhor essas coisas?

Vincent levantou os olhos rapidamente para observar se Roulin não estava sendo cínico. Mas persistia no rosto do carteiro a mesma expressão de inocência

ingênua.

— Acho, sim, meu amigo. As pessoas mais instruídas parecem compreender muito bem essa situação. Mas eu sou ignorante como você e nunca poderei compreendê-la ou aceitá-la.

5

Vincent acordava às quatro horas da madrugada, andava três e quatro horas até chegar ao lugar que queria, depois pintava até o anoitecer. Não era agradável voltar a pé para casa por dez ou doze quilômetros, numa estrada solitária, mas ele gostava da sensação tranquilizante da tela pronta debaixo do seu braço.

Ele fez sete quadros grandes em sete dias. Ao final da semana, estava quase morto de tanto trabalhar. Fora um verão glorioso, mas agora ele estava esgotado. Um mistral violento surgiu, levantando nuvens de poeira, que embranqueciam as árvores. Vincent foi obrigado a se manter recolhido. E chegou a dormir dezesseis horas seguidas.

Teve um momento difícil, pois o dinheiro se esgotou na quinta-feira e a carta de Theo com os cinquenta francos não deveria chegar antes do meio-dia de segunda-feira. Não era culpa de Theo. Ele ainda mandava cinquenta francos de dez em dez dias, além do material. Mas Vincent ficara muito ansioso em ver os novos quadros em molduras e encomendara demais para o seu orçamento.

Durante os quatro dias ele viveu de 23 xícaras de café e de um pão que o padeiro lhe vendeu fiado.

Houve uma reação intensa contra seu trabalho. Não achava que seus quadros fossem dignos de toda a bondade que recebera de Theo. Queria recuperar o dinheiro que já gastara, a fim de devolvê-lo ao irmão. Vincent examinou seus quadros um a um, censurou-se por não valeram o que haviam custado. Mesmo que um estudo tolerável aparecesse de vez em quando, ele sabia que teria sido mais barato comprá-lo de outro.

Durante todo o verão as ideias para o seu trabalho surgiram em enxames. Embora fosse solitário, Vincent não tinha tempo de pensar ou sentir. Funcionara como uma máquina a vapor. Mas agora o cérebro parecia um mingau rançoso e ele não tinha sequer um franco para se divertir, comendo ou fazendo uma visita a Rachel. Ele chegou à conclusão de que tudo o que pintara naquele verão fora ruim, muito ruim.

— De qualquer maneira — Vincent disse a si mesmo — uma tela que cobri vale mais do que ela vazia. Minhas pretensões não vão além disso.

Esse é o meu direito a pintar, minha razão para pintar.

Ele tinha a convicção de que a simples permanência em Arles seria suficiente para libertar sua individualidade. A vida era curta. Passava depressa. E sendo um pintor, ele tinha de continuar a pintar.

Vincent pensou: “Estes meus dedos de pintor estão se tomando mais e mais

flexíveis, embora o corpo comece a desmoronar.”

Ele elaborou uma longa lista de cores para mandar a Theo.

Subitamente, compreendeu que nenhuma cor de sua lista poderia ser encontrada na paleta holandesa, em Mauve, Maris ou Weissenbruch. Arles tomara completo o seu rompimento com a tradição holandesa.

Quando o dinheiro chegou, na segunda-feira, Vincent encontrou um lugar em que podia fazer uma boa refeição por um franco. Era um restaurante, inteiramente cinzento. O chão era de betume cinzento, como a pavimentação de uma rua; havia papel cinza nas paredes, janelas verdes sempre fechadas, uma cortina verde grande na porta, a fim de impedir a entrada da poeira. Um raio de sol estreito e forte entrava por uma persiana.

Depois de descansar por mais de uma semana, Vincent resolveu fazer alguma pintura noturna. Fez o restaurante cinzento enquanto os fregueses jantavam e as garçonetes corriam de um lado para outro. Pintou o céu noturno de cobalto, com milhares das brilhantes estrelas provençais, visto da Place Lamartine. Saiu para as estradas e pintou ciprestes ao luar. Pintou o Café de Nuit, que permanecia aberto durante a noite inteira, a fim de que os vagabundos pudessem se refugiar ali quando não tivessem dinheiro para um alojamento ou quando se achassem bêbados demais para procurar algum.

Fez o exterior do café numa noite e o interior na seguinte. Tentou expressar as terríveis paixões da humanidade através do vermelho e verde.

Fez o interior em vermelho-sangue e amarelo-escuro, com uma mesa de bilhar verde no meio. Pôs quatro lampiões de amarelo-limão, com um brilho de laranja e verde. Por toda parte havia o conflito e o contraste dos vermelhos e verdes mais insólitos, nas figuras dos pequenos vagabundos adormecidos. Tentava exprimir a ideia de que o café era um lugar em que um homem podia se arruinar, enlouquecer ou cometer um crime.

O povo de Arles divertiu-se por descobrir *fou-rou* pintando nas ruas durante a noite inteira e dormindo de dia. As atividades de Vincent sempre constituíam uma diversão para todos.

Quando chegou o início do mês, o proprietário do hotel não apenas aumentou o aluguel do quarto, mas também resolveu cobrar a Vincent uma taxa diária pelo depósito em que as telas ficavam guardadas. Vincent detestava o hotel e ficou indignado com a ganância do proprietário. O restaurante cinza em que ele comia era satisfatório, mas o dinheiro só lhe permitia comer ali dois ou três dias em cada dez. O inverno aproximava-e e ele não tinha um estúdio para trabalhar. O quarto de hotel era deprimente e humilhante. E a comida que era obrigado a comer nos restaurantes ordinários estava outra vez lhe envenenando o estômago.

Precisava arrumar uma casa permanente e um estúdio.

Uma noite, quando atravessava a Place Lamartine, com o velho Roulin, Vincent notou um cartaz de *Aluga-se* numa casa amarela, perto do hotel. A casa tinha duas alas, com um pátio no centro. Ficava de frente para a Place e a cidade na colina. Parou contemplando-a com uma expressão ansiosa.

— É uma pena que seja muito grande — murmurou ele para Roulin. — Eu gostaria de ter uma casa assim.

— Não é necessário alugar a casa inteira, monsieur. Pode alugar apenas a ala direita, por exemplo.

— É mesmo? E quanto acha que custa? Seria muito caro? Quantos cômodos são?

— Deve ter uns três ou quatro cômodos. Não custará muito, nem a metade do que gasta com o hotel. Virei dar uma olhada amanhã, na hora do almoço, se quiser. Talvez eu possa ajudá-lo a conseguir um bom preço.

Vincent sentia-se tão excitado na manhã seguinte que não pôde fazer outra coisa além de andar de um lado para outro da Place Lamartine, observando a casa amarela por todos os lados. Era uma construção sólida e recebia bastante sol. Num exame mais atento, ele descobriu que havia duas entradas separadas e que o lado esquerdo já se encontrava ocupado.

Roulin encontrou-o pouco depois da hora do almoço. Entraram juntos na ala direita. Havia um corredor que levava a uma sala grande, além da qual se achava outra menor. As paredes eram brancas. A escada levando ao segundo andar era de tijolos vermelhos. Lá em cima havia outro cômodo grande, com um armário. O chão era de lajotas vermelhas e as paredes brancas refletiam o sol forte.

Roulin enviara um bilhete ao senhorio, que os esperava no segundo andar. Ele e Roulin conversaram por alguns momentos, num provençal rápido, que Vincent quase não entendeu. O carteiro virou-se de novo para Vincent.

— Ele insiste em saber por quanto tempo você ficará com a casa. —

Diga-lhe que será por tempo indefinido. — Concordará em aceitar um prazo mínimo de seis meses? — Claro!

— Pois então ele diz que alugará a quinze francos por mês.

Quinze francos! E por uma casa inteira! Somente um terço do que ele pagava no hotel. E ainda menos do que pagara por seu estúdio em Haia.

Uma casa permanente a quinze francos por mês. Vincent tirou o dinheiro do bolso apressadamente.

— Tome aqui! Depressa! Dê-lhe o dinheiro. A casa está alugada. — Ele quer saber quando você se mudará — disse Roulin. — Hoje. Imediatamente.

— Mas como pode se mudar se não tem móveis, monsieur?

— Comprarei um colchão e uma cadeira. Roulin, você não sabe o que é

passar a vida em quartinho de hotéis miseráveis. Preciso desta casa agora mesmo!

— Como quiser, monsieur.

O senhorio se retirou. Roulin voltou ao seu trabalho. Vincent circulou de um cômodo para outro, subiu e desceu a escada, contemplando interminavelmente cada palmo de seus domínios. Os cinquenta francos de Theo haviam chegado no dia anterior; ainda lhe restavam trinta francos.

Ele saiu correndo, comprou um colchão ordinário e uma cadeira, levou para a casa amarela. Decidiu logo que o cômodo no andar térreo seria o seu quarto e instalaria o estúdio no segundo andar. Estendeu o colchão no chão vermelho, subiu com a cadeira para o estúdio e depois voltou ao hotel pela última vez.

O proprietário acrescentou quarenta francos à conta de Vincent, sob algum pretexto. Recusou-se a permitir que Vincent levasse as telas até receber o dinheiro. Vincent teve de recorrer à polícia para recuperar seus quadros e mesmo assim foi obrigado a pagar a metade da conta fictícia.

À tarde ele descobriu um negociante que se mostrou disposto a vender-lhe a crédito um pequeno fogão a gás, duas panelas e um lampião de querosene. Vincent ainda tinha três francos. Comprou café, pão, batatas e um pouco de carne para sopa. Ficou sem um único cêntimo. Em casa, armou uma cozinha na sala pequena do primeiro andar.

Quando a noite caiu sobre a Place Lamartine e a casa amarela, Vincent fez sopa e café no pequeno fogão. Não tinha mesa e por isso estendeu um jornal no colchão, pôs ali o jantar e comeu, sentado no chão, de pernas cruzadas. Esquecera de comprar um garfo e uma faca. Usou o cabo de um pincel para tirar da panela os pedaços de carne e batatas. Tinha um ligeiro gosto de tinta.

Terminando de comer, ele pegou o lampião de querosene e subiu a escada para o segundo andar. O cômodo era vazio e solitário, tendo apenas o cavalete recortado contra a janela enluarada. Ao fundo estava o jardim escuro da Place Lamartine.

Vincent estendeu-se no colchão e dormiu. Quando acordou, pela manhã, abriu as janelas e viu o verde do jardim, o sol nascente e a estrada sinuosa que subia para a cidade. Contemplou os blocos vermelhos do chão, as paredes impecavelmente brancas, a amplitude dos cômodos. Esquentou um café e circulou pela casa, bebendo do bule, planejando como mobiliaria tudo, os quadros que poria nas paredes, e as horas felizes4 que teria em sua própria casa.

No dia seguinte ele recebeu uma carta de seu amigo Paul Gauguin, que se achava confinado, doente e sem dinheiro num café miserável em Pont-Aven, na Bretanha: “Não posso sair deste buraco porque não tenho condições de pagar a conta”, escreveu Gauguin. “O proprietário confiscou todas as minhas telas e

trancou-as a sete chaves. Entre todas as variedades de aflições que atormentavam a humanidade, nada me irrita mais do que a falta de dinheiro. Contudo, sinto que estou condenado à eterna mendicância."

Vincent pensou nos pintores do mundo, desesperados, doentes, indigentes, desprezados e escarnecidos por seus semelhantes, famintos e angustiados até o dia de sua morte. Por quê? Qual era o seu crime? Qual era a grande ofensa que os convertia em párias? Como era possível que almas tão perseguidas produzissem um bom trabalho? O pintor do futuro...

ah, ele seria um colorista e um homem como ainda não existira. Não viveria em cafés miseráveis, não precisaria frequentar bordéis dos zuavos.

E o pobre Gauguin... Apodrecendo em algum buraco imundo na Bretanha, doente demais para trabalhar, sem um amigo para ajudá-lo ou um franco no bolso para uma comida saudável ou um médico. Vincent considerava-o um grande pintor e um grande homem. Se Gauguin morresse, se Gauguin tivesse de renunciar a seu trabalho, seria uma tragédia para o mundo da pintura.

Vincent guardou a carta no bolso, deixou a casa amarela e subiu pela margem do Ródano. Uma barcaça grande, carregada de carvão, estava atracada no cais. Vendo-se de cima, era tudo brilhante, molhado por um aguaceiro. A água era de um branco-amarelado, um cinza-pérola meio opaco. O céu era lilás, com tons alaranjados a oeste, a cidade violeta.

Alguns trabalhadores, em roupas sujas, azuis e brancas, entravam e saíam da barcaça, levando o carvão para a margem.

Era puro Hokusai. Levou Vincent de volta a Paris, às gravuras japonesas na loja de Père Tanguy... e a Paul Gauguin, aquele a quem mais amava entre todos os seus amigos.

Ele compreendeu naquele instante o que tinha de fazer. A casa amarela era bastante grande para dois homens. Cada um poderia ter o seu próprio quarto e estúdio. Se cozinhassem suas refeições, preparassem suas tintas e economizassem ao máximo, poderiam viver com 150 francos por mês. O aluguel não ficaria mais caro. E seria maravilhoso ter de novo um amigo, um pintor que falava a sua língua, compreendia o seu ofício. Além disso, Gauguin poderia ensinar-lhe coisas sensacionais em matéria de pintura.

Vincent não compreendera até aquele momento como fora terrivelmente solitário. Mesmo que não pudessem viver dos 150 francos de Vincent, talvez Theo enviasse 50 francos extras em troca de uma tela mensal de Gauguin.

Mas era isso mesmo! Precisava de Gauguin em sua companhia em Arles. O sol quente da Provence queimaria todas as doenças do amigo, como fizera com ele, Vincent. Em breve teriam um estúdio em intensa atividade. Seria o primeiro do sul. Continuariam a tradição de Delacroix e Monticelli. Pintariam o sol e as

cores, despertariam o mundo para a natureza tumultuada.

Gauguin tinha de ser salvo!

Vincent virou-se e desatou a correr, voltando à Place Lamartine.

Entrou na casa amarela, subiu para o segundo andar, pôs-se a planejar a distribuição dos cômodos, muito excitado.

Pensou: “Paul e eu teremos um quarto aqui em cima. Usaremos os cômodos no térreo para estúdios. Comprarei camas, colchões, roupa de cama, cadeiras e mesas. Teremos uma casa de verdade. E enfeitarei tudo com girassóis e as mais diversas flores.” E acabou murmurando: — Paul, Paul, como será bom tê-lo de novo ao meu lado!

6

Não foi tão fácil como ele imaginara. Theo estava disposto a acrescentar cinquenta francos por mês em troca de uma tela de Gauguin.

Mas havia o problema da passagem de trem, que nem Theo nem Gauguin podiam providenciar. Gauguin se encontrava muito doente para viajar, muito endividado para deixar Pont-Aven, e muito desolado para se empenhar em novos planos com entusiasmo. Houve uma intensa troca de cartas entre Arles, Paris e Pont-Aven.

Vincent estava agora perdidamente apaixonado pela casa amarela.

Comprou uma mesa e uma arca de gavetas com o dinheiro enviado por Theo.

“Ao final de um ano”, ele escreveu para Theo, “serei um homem diferente. Mas não pense que sairei daqui então. De jeito nenhum. Passarei o resto da minha vida em Arles. Vou me tomar o pintor do sul. E você deve considerar que tem uma casa de campo à sua disposição em Arles. Estou ansioso em arrumar tudo, a fim de que você possa sempre vir para cá, nos feriados.”

Vincent gastava um mínimo nas necessidades básicas da vida e investia todo o resto na casa. A cada dia tinha de fazer uma opção entre si mesmo e a casa amarela. Deveria ter carne ao jantar ou comprar aquele jarro de majólica? Deveria comprar um novo par de sapatos ou aquela colcha verde para a cama de Gauguin? Deveria encomendar uma moldura de pinho para a sua nova tela ou comprar aquelas cadeiras de assento de palhinha?

A casa sempre ficava em primeiro lugar.

Proporcionava-lhe uma sensação de tranquilidade, pois estava trabalhando para garantir o futuro. Vagueara demais, vivendo de um lado para outro, a esmo. Mas, agora, nunca mais mudaria. E depois que morresse, outro pintor encontraria ali um refúgio. Estava criando um estúdio permanente, que seria usado por uma geração depois de outra de pintores, interpretando e retratando o sul. Tomou-se obcecado pela ideia de pintar decorações para a casa que fossem à altura do dinheiro gasto com ele durante os anos em que fora improdutivo.

Vincent lançou-se ao trabalho com uma energia renovada. Sabia que procurar muito tempo por uma coisa deixava-o amadurecido e com uma compreensão mais profunda. Voltou cinquenta vezes a Montmajor para estudar o campo em sua base. O mistral tornava difícil o trabalho de pincel relacionado com o sentimento, pois o cavalete balançava muito à sua frente. Trabalhava das sete horas da manhã às seis da noite, sem descanso. Uma tela por dia!

— Amanhã será um dia muito quente — comentou Roulin uma noite, já ao

final do outono, os dois sentados a tomar cerveja preta, no Café Lamartine. — E depois começará o inverno.

— Como é o inverno em Arles? — perguntou Vincent.

— É terrível. Muita chuva, um vento desgraçado e um frio cortante. Mas o inverno é muito curto aqui. Apenas dois meses.

— Então amanhã será o último dia bom. Nesse caso, sei exatamente qual é o lugar que quero pintar. Imagine um jardim de outono, Roulin, com dois ciprestes, verdes, no formato de garrafas, três pequenos castanheiros, com folhas laranjas e cor de tabaco. Há um pequeno teixo com folhagem de um limão-claro e um tronco violeta, dois pequenos arbustos, de um vermelho-sangue, folhas púrpuras.

— Quando descreve as coisas, monsieur, descubro que fui cego por toda a minha vida.

Vincent despertou com o sol na manhã seguinte. Estava na maior animação. Aparou a barba com uma tesoura, penteou o pouco cabelo que o sol arlesiano não queimara em sua cabeça, vestiu o único traje completo que possuía e, como um gesto especial de afeição, em despedida ao sol, pôs o gorro de pele de coelho que trouxera de Paris.

A predição e Roulin fora certa. O sol se levantou pelo céu, uma bola amarela de calor. O gorro de pele de coelho não tinha pala e o sol incidia em seus olhos. O jardim outonal ficava a duas horas a pé de Arles, na estrada para Tarascon. Situava-se na encosta de uma colina. Vincent instalou o cavalete numa plantação de milho cheia de sulcos, por trás e para o lado do jardim. Largou o gorro no chão, tirou o casaco, ajeitou a tela no cavalete. Embora a manhã ainda começasse, o sol lhe escaldava o topo da cabeça e projetava diante de seus olhos o véu de fogo dançante a que se acostumara.

Ele estudou atentamente a paisagem à sua frente, analisando as cores componentes, gravando o desenho em sua mente. Quando estava confiante de que compreendia tudo, amoleceu os pincéis, tirou as tampas dos tubos, limpou a espátula com que espalhava a tinta mais grossa. Olhou mais uma vez para o jardim, imaginou a paisagem na tela vazia à sua frente, misturou alguma tinta na paleta, levantou o pincel.

— Tem de começar tão cedo, Vincent? — indagou uma voz por trás dele. Vincent virou-se abruptamente.

— Ainda é cedo, meu caro. E tem o dia todo para trabalhar.

Vincent ficou olhando para a mulher na mais absoluta confusão. Ela era jovem, mas não uma criança. Os olhos eram tão azuis quanto o céu de cobalto de uma noite arlesiana; os cabelos, que usava numa grande massa caindo pelas costas, era tão amarelo-limão quanto o sol. As feições eram ainda mais delicadas

que as de Kay Vos, mas exibiam a suave maturidade do sul. Sua cor era de ouro-queimado, os dentes entre os lábios risonhos tão brancos quanto um oleandro visto através de uma trepadeira vermelho-sangue. Usava uma túnica branca comprida, que aderia às linhas de seu corpo e estava presa no lado por uma fivela de prata quadrada. Tinha nos pés um par de sandálias simples.

O corpo era forte, robusto, mas fluindo em curvas puras e sensuais.

— Tenho me mantido a distância por muito tempo, Vincent — acrescentou a mulher.

Ela se colocou entre Vincent e o cavalete, encostando-se na tela vazia e lhe obstruindo a vista do jardim. O sol incidia sobre os cabelos de amarelo-limão e enviava ondas de chamas por suas costas. Ela sorriu para Vincent, tão sinceramente, tão afetuosamente, que ele passou a mão sobre os olhos, a fim de verificar se não caíra doente subitamente ou adormecera.

— Você não compreende, meu querido menino — disse a mulher. — E como poderia, quando passei tanto tempo ausente?

— Quem é você?

— Sou sua amiga, Vincent. A melhor amiga que tem no mundo.

— Como sabe meu nome? Eu nunca a vi antes.

— Mas eu já o vi, muitas e muitas vezes.

— Qual é seu nome?

— Maya.

— Isso é tudo? Apenas Maya?

— Para você, Vincent, isso é tudo.

— Por que me seguiu até aqui?

— Pelo mesmo motivo que o tenho acompanhado por toda a Europa... a fim de poder ficar perto de você.

— Está me tomando por outro. Não há a menor possibilidade de eu ser o homem que procura.

A mulher pôs a mão pálida e fria nos cabelos ruivos queimados na cabeça de Vincent, alisando-o para trás, ligeiramente. A frieza de sua mão e também de sua voz suave e baixa eram como a água revigorante de um poço verde e profundo.

— Só existe um Vincent Van Gogh. Eu não poderia me enganar.

— Há quanto tempo acha que me conhece?

— Há oito anos, Vincent.

— Ora, há oito anos atrás eu estava...

— ... isso mesmo, querido, na Borinage.

— Conheceu-me nessa ocasião?

— Eu o vi pela primeira vez numa tarde ao final do outono, quando estava sentado numa roda de ferro enferrujada, na frente da Marcasse...

— ... observando os mineiros voltarem para suas casas!

— Isso mesmo. Quando o vi, sentado ali, sem fazer nada, eu já ia seguir adiante. Mas, depois, você tirou do bolso um envelope velho e um lápis, começou a desenhar. Olhei por cima de seu ombro para saber o que fizera. E quando vi... eu me apaixonei.

— Apaixonou-se? Apaixonou-se por mim?

— Isso mesmo, Vincent, meu caro e bom Vincent, apaixonei-me por você.

— Talvez eu não fosse tão ruim de se olhar naquele tempo. — Nem a metade do que é agora.

— Sua voz... Maya... parece tão estranha... Só uma vez antes uma mulher me falou com essa voz...

— ... a voz de Margot. Ela o amava, Vincent, tanto quanto eu.

— Conheceu Margot?

— Estive no Brabant por dois anos. Acompanhava você aos campos todos os dias. Observava-o trabalhar no estúdio improvisado por trás da cozinha. E me sentia feliz porque Margot o amava.

— Então não me amou mais?

Ela acariciou-lhe os olhos com as pontas frias dos dedos.

— Claro que o amava. Nunca deixei de amá-lo, desde aquele primeiro dia.

— E não tinha ciúme de Margot?

A mulher sorriu. Insinuou-se em seu rosto uma expressão de infinita tristeza e compaixão. Vincent pensou em Mendes da Costa.

— Não, não senti ciúme de Margot. O amor de Margot era bom para você. Mas não gostei de seu amor por Kay. Era pernicioso.

— Já me conhecia quando eu estive apaixonado por Ursula? — Isso foi antes de meu tempo.

— Não teria gostado de mim na ocasião.

— Não, não teria.

— Fui um tolo.

— Às vezes é preciso ser tolo no começo, a fim de se tornar sábio no final.

— Mas se me amava quando estávamos no Brabant, por que não me procurou então?

— Você ainda não estava pronto para mim, Vincent. — E agora... estou pronto?

— Está.

— Você ainda me ama? Mesmo agora... hoje... neste momento?

— Agora... hoje... neste momento... e por toda a eternidade.

— Como pode me amar? Olhe para as minhas gengivas... estão doentes. Todos os dentes na minha boca são postiços. Todos os cabelos foram queimados

da cabeça. Os olhos estão tão vermelhos quanto os de um sifilítico. O rosto não passa de ossos pontiagudos e irregulares. Sou feio. O mais feio dos homens. Meus nervos estão abalados, o corpo se tornou estéril, as entranhas se acham envenenadas. Como pode amar tamanho farrapo humano?

— Quer sentar-se, Vincent?

Ele sentou-se no banquinho. A mulher dobrou os joelhos na terra macia do campo.

— Não! — gritou Vincent. — Ficará com seu vestido branco todo sujo. Deixe-me pôr o meu casaco por baixo.

A mulher conteve-o com o mais leve toque da mão.

— Muitas vezes sujei meu vestido ao segui-lo, Vincent, mas sempre ficou limpo outra vez.

Ela pegou o queixo de Vincent na palma de sua mão branca e forte.

Com as pontas dos dedos, alisou os poucos cabelos queimados por trás de sua orelha.

— Você não é feio, Vincent. É bonito. Tem atormentado e torturado esse pobre corpo em que sua alma reside. Mas não pode ferir a sua alma. É isso o que amo. E depois que se tiver destruído, por seus trabalhos apaixonados, a alma continuará... interminavelmente. E, com isso, meu amor por você.

O sol se erguera outra hora pelo céu. Abatia-se com um calor intenso sobre Vincent e a mulher.

— Deixe-me levá-la para um lugar mais fresco — disse Vincent. — Há alguns ciprestes aqui perto. Ficará mais confortável na sombra.

— Estou feliz por me encontrar aqui com você. Não me importo com o sol. Já me acostumei.

— Está em Arles há muito tempo?

— Vim de Paris com você.

Vincent levantou-se de um pulo, em raiva, derrubando o banquinho.

— Você é uma impostora! Foi enviada para cá com o propósito de me ridicularizar. Alguém lhe falou do meu passado e está pagando para me fazer bancar idiota. Vá embora. Não quero mais falar com você!

A mulher conteve a raiva de Vincent com o sorriso de seus olhos.

— Não sou uma impostora, meu querido. Sou a coisa mais real em sua vida. Nunca poderá matar meu amor por você.

— Isso é mentira! Você não me ama. Está zombando de mim. E vou lhe dar uma lição!

Vincent tomou-a rudemente em seus braços. Ela balançou suavemente ao seu encontro.

— Vou machucá-la se não parar de me torturar e for embora!

— Pode me machucar, Vincent. Já me machucou antes. É parte do amor ser magoada.

— Pois então tome um pouco do seu medicamento!

Ele comprimiu o corpo de Maya contra o seu. Encostou a sua boca na dela, machucando-a com os dentes, num beijo violento.

Ela lhe abriu os lábios macios e quentes, deixando-o absorver profundamente a doçura de sua boca. Todo o seu corpo ansiava por Vincent, num encontro total, músculo a músculo, osso a osso, carne a carne, em rendição completa e final.

Vincent afastou-se bruscamente e cambaleou para o banco. A mulher ficou no chão a seu lado, passou um braço por sua perna, encostou a cabeça nela. Vincent afagou a massa de seus cabelos.

— Está convencido agora? — perguntou ela.

Depois de um longo momento, Vincent murmurou:

— Você está em Arles desde que cheguei. Sabe de. *Le Pigeon?*

— Rachel é uma doce criança.

— E não tem objeções?

— Você é um homem, Vincent, precisa de mulheres. Como ainda não chegara o momento de procurá-lo e me entregar, você tinha de ir para onde podia. Mas agora...

— Agora o quê?

— Não precisa mais. Nunca mais.

— Está querendo dizer...

— Claro, Vincent querido. Eu o amo.

— Por que me amaria? As mulheres sempre me desprezaram.

— Você não estava destinado ao amor. Tinha outras coisas para fazer. O seu trabalho.

— O meu trabalho? Isso é bobagem. Tenho sido um idiota. De que adiantam todas essas centenas de quadros? Quem quer possuí-los? Quem os comprará? Quem me dará uma relutante palavra de louvor, dizendo que compreendi a natureza ou retratei a sua beleza?

— O mundo inteiro dirá isso um dia, Vincent.

— Um dia. Apenas um sonho. Como o sonho de pensar que um dia serei um homem saudável, com uma casa e uma família, dinheiro suficiente da minha pintura para viver. Venho pintando há oito longos anos. Não houve uma única vez em todo esse tempo em que alguém tenha querido comprar um quadro que pintei. Tenho sido um idiota.

— Sei disso... mas um glorioso idiota. Depois que você se for, Vincent, o mundo compreenderá o que tentou dizer. As telas que não pode vender hoje por cem francos valerão um dia mais de um milhão. Pode sorrir, mas estou dizendo a

verdade. Seus quadros serão pendurados nos museus de Amsterdam e Haia, Paris e Dresden, Munique e Berlim, Moscou e Nova York. Seus quadros terão um valor inestimável, porque não haverá nenhum à venda. Serão escritos livros a respeito de sua arte, Vincent, romances e peças serão feitos com base em sua vida. Onde quer que se reúnam dois homens que amem a pintura, o nome de Vincent Van Gogh será sagrado.

— Se eu ainda não sentisse o gosto de sua boca na minha, diria que estou sonhando ou enlouqueci.

— Venha sentar ao meu lado, Vincent. Ponha a sua mão na minha.

O sol estava diretamente por cima. A encosta da colina e o vale se achavam cobertos por uma neblina amarelo-enxofre. Vincent se encontrava no campo ao lado de uma mulher. Por seis longos meses não tivera ninguém para conversar além de Rachel e Roulin. Dentro dele havia um grande fluxo de palavras. A mulher fitou-o fundo nos olhos e ele começou a falar. Falou de Ursula e dos dias em que trabalhava na Goupils. Falou de suas lutas e desapontamentos, de seu amor por Kay, da vida que tentara construir com Christine. Falou de suas esperanças na pintura, dos nomes pelos quais fora chamado, os golpes que recebera, por que quisera que seu desenho fosse tosco, a obra inacabada, a cor explosiva. Falou de todas as coisas que quisera realizar para a pintura e os pintores, como seu corpo estava agora arruinado pela exaustão e doença.

E quanto mais ele falava, mais excitado se tornava. Pelos olhos da mulher, Vincent sabia que ela compreendia. Ela absorvia tudo o que tinha a dizer, e ainda se encontrava ali, ansiosa e pronta para ouvir mais, para compreendê-lo, para ser a recipiente de tudo o que ele tinha a dar e não podia conter dentro de si mesmo.

Ele parou abruptamente. Tremia todo de excitamento. Os olhos e rosto se achavam vermelhos, braços e pernas estremeciam. Levantara-se para andar de um lado para outro e agora a mulher puxou-o para o seu lado.

— Beije-me Vincent.

Ele beijou-a na boca. Os lábios da mulher não mais estavam frios.

Ficaram estendidos lado a lado na terra escura, fértil e farelenta. A mulher beijou-o nos olhos, orelhas, narinas, no declive do lábio superior, banhou o interior de sua boca com a língua doce e macia, correu os dedos pela barba de seu pescoço, desceu pelos ombros e ao longo dos sensíveis terminais nervosos da axila.

Seus beijos excitaram Vincent à mais torturante paixão que já conhecera. Cada centímetro de seu corpo doía com a dor difusa da carne que não pode ser satisfeita somente pela carne. Nunca antes uma mulher se entregara a ele com o beijo do amor. Vincent comprimiu o corpo dela contra o seu, sentindo por baixo do vestido branco o calor de seu fluxo vital.

— Espere — murmurou a mulher.

Ela soltou a fivela de prata do lado e livrou-se da roupa. O corpo tinha a mesma tonalidade dourada do rosto. Era virgem, cada pulsar era virgem. Vincent jamais imaginara que um corpo de mulher pudesse ser tão delicadamente esculpido. Não imaginara que a paixão pudesse ser tão pura, tão intensa, tão dilacerante.

— Está tremendo, querido — murmurou ela. — Abrace-me firme. Não trema, meu querido, meu doce e maravilhoso querido. Abrace-me por tanto tempo quanto quiser.

O sol descia pelo outro lado do céu. A terra estava quente dos raios do dia. Recendia a coisas que haviam sido plantadas, a coisas que cresceram, foram cortadas e tornaram a morrer. Recendia a vida, exalava cheiros pungentes de vida sempre sendo criada e sempre voltando à substância da criação.

A emoção de Vincent foi se elevando mais e mais. Cada fibra de seu corpo pulsava interiormente para algum núcleo focal de dor. A mulher abriu-lhe os braços, abriu-lhe o seu calor, tirou-lhe o que tinha de homem, absorveu toda a sua turbulência vulcânica, toda a paixão opressiva que hora a hora lhe atormentavam os nervos e maceravam o corpo. Levando-o em carícias gentis ao clímax tremendo e criativo.

Exausto, Vincent adormeceu nos braços da mulher.

Quando acordou, estava sozinho. O sol desaparecera. Ele tinha numa das faces uma crosta sólida de lama, onde comprimira o rosto suado contra o solo. A terra estava fria e recendia a coisas enterradas, rastejantes.

Vincent pôs o casaco e o gorro de pele de coelho, prendeu o cavalete nas costas, ajeitou a tela debaixo do braço. E foi andando pela estrada escura, de volta para casa.

Chegando à casa amarela, ele largou o cavalete e a tela em branco em cima do colchão no quarto. Saiu para tomar uma xícara de café. Inclinou a cabeça sobre as mãos, na mesa de tampo de pedra fria, pensando no que acontecera naquele dia.

— Maya — ele murmurou para si mesmo. — Maya. Já não ouvi falar nesse nome em algum lugar antes? Significa... significa... o que será que significa?

Vincent tomou uma segunda xícara de café. Depois de uma hora, atravessou a Place Lamartine, retornando à casa amarela. Um vento frio soprava. Havia o cheiro de chuva na atmosfera.

Ele não se dera ao trabalho de acender o lampião de querosene quando largara o cavalete no colchão. Agora, riscou um fósforo, acendeu-o e pôs em cima da mesa. A chama amarelada iluminou o cômodo. Seus olhos foram atraídos por uma mancha de tinta no colchão. Aturdido, ele foi até lá, pegou a

tela com que saíra naquela manhã.

Ali, num espetacular esplendor de luz, ele viu seu jardim outonal, os dois ciprestes no formato de garrafas, os três castanheiros pequenos com folhas laranjas e cor de tabaco, o teixo com a folhagem de um limão-claro e o tronco violeta, os dois pequenos arbustos, de um vermelho-sangue, folhas púrpuras, ao fundo alguma areia e relva, por cima de tudo um céu muito azul, com uma bola turbilhonante de fogo enxofre-limão.

Ele ficou imóvel por um longo momento, contemplando o quadro.

Pendurou-o na parede. Voltou ao colchão e sentou, de pernas cruzadas, olhando para o quadro. Sorriu.

— É muito bom — disse ele, em voz alta. — Está bem realizado.

7

O inverno chegou. Vincent passava os dias em seu estúdio quente e agradável. Theo escreveu para informar que Gauguin, aparecido inesperadamente em Paris, estava num péssimo estado de espírito e resistia à ideia arlesiana com toda a sua força. Na imaginação de Vincent, a casa amarela não seria simplesmente uma residência para dois homens, mas sim um estúdio permanente para todos os artistas do sul. Ele formulava planos para ampliar o espaço disponível, depois que Gauguin chegasse e pusessem tudo em ordem. Qualquer pintor que desejasse se instalar ali seria bem-vindo; em troca pela hospitalidade, seria obrigado a enviar para Theo uma tela por mês. Assim que Theo tivesse quadros impressionistas em quantidade suficiente, deixaria a Goupils e abriria uma Galeria Independente, em Paris.

Vincent deixou bem claro em suas cartas que Gauguin seria o diretor do estúdio, mestre dos pintores que ali trabalhassem. Vincent poupava cada franco que podia para mobiliar seu quarto. Pintou as paredes com um violeta-pálido. O chão era de ladrilhos vermelhos. Ele comprou lençóis muito claros, de um limão-esverdeado, uma colcha escarlate, pintou a cama de madeira e as cadeiras com a cor de manteiga fresca, a mesa de toalete de laranja, a bacia de azul, a porta de lilás. Pintou diversos quadros seus nas paredes, removeu as persianas da janela, depois transferiu toda a cena para a tela, enviando-a para Theo, a fim de que o irmão pudesse ver como seu quarto era repousante. Pintou em cores finas, como as gravuras japonesas.

O quarto de Gauguin era diferente. Ele não podia comprar móveis tão baratos para o mestre do estúdio. Madame Roulin garantiu-lhe que a cama de nogueira que queria para Gauguin não sairia por menos de 350 francos, uma quantia impossível. Mesmo assim, Vincent começou a comprar os artigos menores para o quarto, mantendo-se num estado constante de exaustão financeira.

Quando não tinha dinheiro para modelos, postava-se diante do espelho e fazia o próprio retrato, repetidamente. Rachel vinha posar para ele; Madame Roulin aparecia uma tarde por semana, trazendo as crianças; Madame Ginoux, esposa do proprietário do café em que Vincent tomava os seus aperitivos, posou em seu traje arlesiano. Ele passou a figura para a tela em uma hora. O fundo era limão-claro, o rosto pálido, as roupas pretas, com um azul-prussiano.

Vincent fé-la sentar-se numa poltrona emprestada, de madeira laranja, os cotovelos apoiados numa mesa verde.

Um rapaz zuavo de rosto pequeno, pescoço de touro, olhos de tigre, concordou em posar por uma pequena quantia. Vincent pintou-o pela metade no uniforme azul, o azul de panelas esmaltadas, os alamares de um laranja-desbotado, duas estrelas de um limão-pálido no peito. Havia um quepe avermelhado na cabeça felina e bronzeada, contra um fundo verde.

O resultado foi uma combinação selvagem de tons incongruentes, duros, comuns e até mesmo espalhafatosos, mas se ajustando ao caráter do tema.

Vincent sentava-se à janela por horas, com lápis e papel de desenho, tentando dominar a técnica que lhe permitiria em poucos movimentos formular a figura de um homem, uma mulher, um garoto, um cavalo, um cachorro, com cabeça, corpo e pernas em harmonia. Copiou muitos dos quadros que fizera naquele verão, pois pensava que se pudesse vender cinquenta estudos a duzentos francos cada, no prazo de um ano, não seria muito desonesto por comer e beber, como se tivesse um direito a isso.

Ele aprendeu muitas coisas durante o inverno: que não se deve fazer carne em azul-prussiano, pois então se torna como madeira; que sua cor não era tão firme quanto deveria; que o elemento mais importante para pintar o sul era o contraste de vermelho e verde, laranja e azul, enxofre e lilás; que num quadro ele queria dizer alguma coisa reconfortante tanto quanto a música o era; que desejava pintar homens e mulheres com aquele algo do divino que o halo costumava simbolizar e que procurava dar com a radiância e vibração de suas cores; e, finalmente, que para aqueles que possuem um talento para a pobreza, a pobreza é eterna.

Um dos tios Van Gogh morreu e deixou a Theo um pequeno legado.

Como Vincent se mostrava tão ansioso em ter Gauguin ao seu lado, Theo resolveu usar a metade do dinheiro para mobiliar o seu quarto na casa amarela e enviá-lo para Arles. Vincent estava deliciado. Começou a planejar as decorações para a casa. Queria uma dúzia de painéis com o glorioso girassol artesiano, uma sinfonia de azul e amarelo.

Mas nem mesmo a notícia da passagem de trem gratuita. parecia atrair Gauguin. Por alguma razão que permanecia obscura para Vincent, Gauguin preferia ficar em Pont-Aven. Vincent estava ansioso em concluir as decorações e ter o estúdio pronto para a vinda do mestre.

Veio a primavera. A fileira de oleandros no quintal dos fundos da casa amarela entrou em delírio, florescendo tão tumultuadamente que era como se houvesse uma ataxia locomotora. As plantas ficavam carregadas de flores novas e também de outras já murchando; o verde se renovava continuamente em jorros fortes, aparentemente inesgotáveis.

Vincent tornou a pendurar o cavalete nas costas, saindo para os campos, à

procura de girassóis para os doze painéis que tencionava fazer para as paredes. A terra dos campos arados era tão suave na cor como um par de tamancos, enquanto o céu azul de miosótis estava salpicado de nuvens brancas. Alguns dos girassóis ele pintou nas hastes, ao nascer do sol, num instante. Outros ele levou para casa, pintando-os dentro de um vaso verde.

Passou no exterior da casa uma nova camada de tinta amarela, para grande diversão dos moradores da Place Lamartine.

Quando terminou o trabalho na casa, o verão já chegara. E, com ele, veio o sol ardente, o mistral implacável, o crescente excitamento no ar, o aspecto torturado, atormentado e compulsivo dos campos e da cidade de pedra comprimida contra a colina.

E veio também Paul Gauguin.

Ele chegou em Arles antes do amanhecer e esperou pelo sol num pequeno café que permanecia aberto durante toda a noite. O proprietário observou-o por um instante e depois exclamou:

— Então você é o amigo! Posso reconhecê-lo.

— De que diabo está falando?

— Monsieur Van Gogh mostrou-me o retrato que você lhe mandou. É igualzinho.

Gauguin foi acordar Vincent. O encontro dos dois foi turbulento e cordial. Vincent mostrou toda a casa a Gauguin, ajudou a arrumar as coisas na valise, pediu notícias de Paris. Conversaram animadamente por várias horas.

— Está planejando trabalhar hoje, Gauguin?

— Acha que sou um Carolus-Duran, que pode saltar do trem, pegar a paleta e produzir um efeito de sol imediatamente?

— Só perguntei.

— Pois então não faça perguntas idiotas.

— Também tirarei umas férias. Vamos sair. Eu lhe mostrarei a cidade.

Ele subiu a ladeira com Gauguin. Atravessaram a Place de Ia Mairie, banhada pelo sol, seguiram pela estrada do mercado, por trás da cidade. Os zuavos faziam ordem-unida no campo próximo do quartel, os quepes vermelhos ardendo ao sol. Vincent levou o amigo ao pequeno parque na frente do fórum romano. Os arlesianos passeavam ali, respirando o ar fresco da manhã. Vincent falara entusiasmado a Gauguin sobre a beleza dos arlesianos.

— O que está achando dos arlesianos, Gauguin?

— Não vejo nada de extraordinário neles.

— Olhe para o tom de sua carne, homem, não para a forma. Olhe para o que o sol fez com suas cores.

— Como são os bordéis por aqui, Vincent?

— Só existem os de cinco francos, para os zuavos.

Eles voltaram à casa amarela, a fim de acertar os detalhes da convivência. Pregaram uma caixa na parede da cozinha e ali puseram todo o seu dinheiro — tanto para o tabaco, tanto para as despesas eventuais, inclusive o aluguel. Em cima da caixa puseram uma folha de papel e um lápis, para anotarem cada franco que tirassem. Em outra caixa puseram o resto do dinheiro, dividido em quatro partes, a fim de pagar a comida de cada semana.

— Você não é um bom cozinheiro, Gauguin?

— Excelente. Já fui marinheiro.

— Então, no futuro, você cozinhará. Mas esta noite farei a sopa, em sua homenagem.

Mas quando ele serviu a sopa naquela noite, Gauguin não conseguiu comer.

— Não posso imaginar como misturou esta mixórdia, Vincent. Eu diria que foi da mesma maneira como mistura as tintas em seus quadros.

— Qual é o problema com as cores nos meus quadros?

— Meu caro amigo, ainda está se atrapalhando como um neo-impressionista. Faria melhor se desistisse de seu método atual. Não corresponde à sua natureza.

Vincent empurrou a tigela de sopa para o lado.

— Pode dizer isso ao primeiro olhar, hem? É um crítico e tanto.

— Olhe você mesmo. Não é cego, não é mesmo? Aqueles amarelo-violetas, por exemplo, são completamente desordenados.

Vincent contemplou os girassóis na parede.

— Isso é tudo o-que tem a dizer a respeito de meus girassóis?

— Não, meu caro. Posso encontrar muitas outras coisas para criticar.

— Por exemplo?

— As suas harmonias. São monótonas e incompletas.

— Isso é mentira!

— Acalme-se, Vincent. E pare de me olhar como se quisesse me assassinar. Sou muito mais velho e amadurecido do que você. Ainda está tentando se encontrar. Pois basta me escutar e lhe darei algumas lições proveitosas.

— Desculpe, Paul. Quero mesmo que você me ajude.

— Então a primeira coisa que precisa fazer é varrer para longe todo o lixo que tem na mente. Tem falado o dia inteiro de Meissonir e Monticelli.

Os dois não têm qualquer valor. Enquanto admirar esse tipo de pintura, nunca será capaz de produzir uma boa tela.

— Monticelli foi um grande pintor. Sabia mais sobre cor do que qualquer homem de seu tempo.

— Ele era um bêbado idiota, nada mais do que isso.

Vincent levantou-se de um pulo, lançando um olhar furioso para Gauguin,

através da mesa. A tigela de sopa caiu no chão de ladrilhos e quebrou.

— Não fale assim de “Fada”! Eu o amo quase tanto quanto a meu próprio irmão! E toda essa história de que ele era um bêbado não passa de intriga. Nenhum bêbado poderia pintar os quadros de Monticelli. O esforço mental de equilibrar as seis cores essenciais, todos os cálculos, uma centena de coisas a pensar em apenas meia hora, tudo isso exige uma mente sadia. E sóbria. Quando você repete essa intriga a respeito de “Fada”, está sendo tão iníquo quanto a mulher abominável que a iniciou.

— *Turlututu, mon chapeau pointuI*

Vincent se encolheu, como se um copo de água gelada tivesse sido jogado em seu rosto. As palavras e a emoção tensa ficaram estranguladas dentro dele. Tentou descarregar a raiva, mas não conseguiu. Foi para o seu quarto e bateu a porta.

8

A briga estava esquecida na manhã seguinte. Tomaram café juntos e depois saíram, por caminhos separados, à procura de imagens para pintar.

Quando Vincent voltou naquela noite, exausto do que chamara de equilibrar as seis cores essenciais, encontrou Gauguin já preparando o jantar, no pequeno fogão a gás, Conversaram calmamente por algum tempo. Depois, a conversa passou para pintores e pintura, o único assunto pelo qual eram intensamente interessados.

A batalha continuou.

Os pintores a quem Gauguin admirava eram desprezados por Vincent, enquanto os ídolos de Vincent eram anátema para Gauguin. Eles discordavam em todos os aspectos de seu ofício. Poderiam discutir qualquer outro assunto de maneira tranquila e amistosa, mas a pintura era a carne e o líquido da vida para eles. Lutavam por suas ideias até a última gota de energia nervosa. Gauguin tinha o dobro da força bruta, mas o excitamento frenético de Vincent os igualava.

Mesmo quando discutiam coisas sobre as quais concordavam, os argumentos eram terrivelmente elétricos. E terminavam com as cabeças tão esgotadas quanto uma bateria descarregada.

— Você nunca será um artista, Vincent — proclamou Gauguin —

enquanto não puder olhar a natureza, voltar ao estúdio e pintá-la a sangue-frio.

— Não quero pintá-la a sangue-frio, seu idiota. Quero pintar com o sangue quente. É por isso que estou em Arles.

— Todo esse trabalho que você tem realizado não passa de uma cópia servil da natureza. Você deve aprender a trabalhar extempore, de improviso.

— *Extempore!* Oh, Deus, isso é demais!

— E outra coisa: teria sido melhor se escutasse o que Seurat dizia. A pintura é uma coisa abstrata, meu rapaz. Não há lugar para as histórias que você conta e a moral que ressalta.

— Eu ressalto uma moral? Você está doido!

— Se quer pregar, Vincent, volte ao ministério. Pintar é cor, linha e forma, nada mais. O artista pode reproduzir o decorativo na natureza, mas isso é tudo.

— Arte decorativa... — resmungou Vincent, desdenhoso. — Se isso é tu do o que você tira da natureza, então deveria voltar à Bolsa de Valores.

— Se eu voltasse, viria aqui ouvi-lo pregar nas manhãs de domingo. O que

você tira da natureza?

— Tiro movimento, Gauguin, o ritmo da vida. — Pois estamos por fora.

— Quando pinto um sol, quero fazer as pessoas sentirem que gira a uma velocidade vertiginosa, irradiando ondas de luz e calor, de uma força tremenda. Quando pinto um milharal, quero que as pessoas sintam os átomos dentro do milho pressionando para o seu crescimento final e explosão. Quando pinto uma maçã, quero que as pessoas sintam a seiva pressionando contra a casca, as sementes no centro empurrando para fora, em busca da própria realização.

— Vincent, eu já lhe disse uma porção de vezes que um pintor não deve ter teorias.

— Pegue esta cena de vinhedo, Gauguin. Olhe bem! As uvas vão estourar e esguichar nos seus olhos. Estude esta ravina. Quero fazer as pessoas sentirem todos os milhões de toneladas de água que se despejaram por seus lados. Quando pinto o retrato de um homem, quero que os outros sintam todo o fluxo de sua vida, tudo o que ele viu, fez e sofreu!

— E onde está querendo chegar?

— É muito simples, Gauguin. Os campos que fazem o milho crescer, a água que corre pela ravina, o suco da uva e a vida de um homem constituem uma só e a mesma coisa. A unidade exclusiva da vida é a unidade do ritmo. Um ritmo pelo qual todos dançamos, homens, maçãs, ravinas, campos arados, carroças no milharal, casas, cavalos e o sol. O que existe em você, Gauguin, passará por uma uva amanhã, porque você e uma uva são a mesma coisa. Quando pinto um camponês trabalhando no campo, quero que as pessoas sintam o camponês fluindo para o solo, assim como acontece com o milho. E da mesma forma como o solo flui para o camponês. Quero que sintam o sol se despejando sobre o camponês, o campo, o milho, o arado e os cavalos, assim como todos se despejam de volta no sol. Quando se começa a sentir o ritmo universal em que tudo na terra se move, começa-se a compreender a vida. Somente isso é Deus.

— *Brigadier* — disse Gauguin — vous *avez raison!*

Vincent se encontrava no auge de sua emoção, tremendo com um excitamento febril. As palavras de Gauguin atingiram-no como um tapa na cara. Ele ficou imóvel, a boca entreaberta, ofegando.

— O que está querendo dizer com isso?

— Que está na hora de suspendermos a discussão e irmos ao café para tomar um absinto.

Ao final da segunda semana, Gauguin sugeriu:

— Vamos experimentar esta noite aquele seu bordel. Talvez eu possa encontrar uma mulher gorda e simpática.

— Mantenha-se longe de Rachel. Ela me pertence.

Eles subiram pelo labirinto de vielas de pedra e entraram na Maison de Tolérance. Quando Rachel ouviu a voz de Vincent, aproximou-se correndo e jogou-se em seus braços. Vincent apresentou Gauguin a Louis.

— É um artista, Monsieur Gauguin — disse Louis. — Assim, talvez queira me dar sua opinião sobre os dois novos quadros que comprei em Paris no ano passado.

— Terei o maior prazer. Onde os comprou?

— Na Goupils, na Place de l'Opéra. Estão nesta sala. Quer entrar, monsieur?

Rachel levou Vincent para a sala à esquerda, empurrando-o para uma cadeira junto a uma mesa e sentando em seu colo.

— Venho a esta casa há seis meses e Louis nunca pediu a minha opinião sobre os seus quadros — resmungou Vincent.

— Ele não acha que você seja um artista, *fou-rou.*

— Talvez ele esteja certo.

— Você não me ama mais — disse Rachel, fazendo beicinho.

— O que a faz pensar assim, *pigeon*?

— Há semanas que não vem me ver.

— Foi porque eu estava trabalhando muito, preparando a casa para meu amigo.

— Então você continua a me amar, mesmo quando fica longe?

— Isso mesmo.

Ela beliscou as orelhas pequenas e redondas de Vincent, depois beijou-as.

— Só para provar, *fou-rou*, você me dará as suas orelhinhas engraçadas?

Prometeu que daria.

— Se puder tirá-las, são suas.

— Oh, *fou-rou*, fala como se as orelhas estivessem costuradas em você, como acontece com meus bonecos.

Houve um grito na sala do outro lado do vestíbulo, alguém berrando, em riso ou em dor. Vincent empurrou Rachel de seu colo e correu para lá.

Gauguin estava caído no chão, convulsionado, lágrimas escorrendo pelo rosto. Louis, com um lampião na mão, fitava-o com uma expressão aturdida. Vincent agachou-se ao lado de Gauguin e sacudiu-o.

— Paul, Paul, o que aconteceu?

Gauguin tentou falar, mas não conseguiu. Depois de um momento, ele balbuciou: — Vincent... finalnente. . estamos justificados... olhe... olhe... na parede... os dois quadros... que Louis comprou na Goupils... para a sala de visitas de seu bordel... *São ambos Bouguereaux!*

Ele levantou-se, a cambalear, e encaminhou-se para a porta da rua.

— Espere um instante! — gritou Vincent, correndo atrás dele. — Para onde

está indo?

— A agência telegráfica. Tenho de passar um telegrama imediatamente para o Clube Batignolles.

O verão se instalou, com todo o seu calor sufocante e ofuscante. Os campos explodiram num tumulto de cores. Os verdes, azuis, amarelos e vermelhos eram tão puros que se tornavam chocantes aos olhos. Tudo aquilo em que o sol tocava parecia queimar até o núcleo. O vale do Ródano vibrava com uma onda de calor depois de outra. O sol malhava os dois pintores, sufocava-os, transformava-os em massas vivas, sugava-lhes toda resistência. O mistral soprava e lhes fustigava os corpos, açoitava os nervos, sacudia as cabeças nos pescoços, até pensarem que iam explodir ou se arrebentar. Contudo, todas as manhãs eles saíam com o sol e trabalhavam até que o azul flagrante da noite aprofundasse o azul flagrante do dia.

Entre Vincent e Gauguin, um perfeito vulcão, o outro fervendo interiormente, uma luta feroz se avizinhava. À noite, quando se encontravam muito exaustos para dormir, nervosos demais para ficarem sentados quietos, eles descarregavam um no outro toda a sua energia. O

dinheiro era pouco. Não tinham condições de se divertirem. Descobriram uma vazão para as paixões acumuladas na exacerbação mútua. Gauguin jamais se cansava de fustigar Vincent a um estado de fúria. E quando Vincent alcançava o auge de seu paroxismo, ele jogava em sua cara: — *Brigadier, vous avez raison!*

Houve uma ocasião em que Gauguin comentou:

— Não é de admirar que você não seja capaz de pintar, Vincent. Olhe só para a desordem deste estúdio. Olhe para a confusão nesta caixa de tintas. Se o seu cérebro holandês não estivesse tão incendiado com Daudet e Monticelli, talvez pudesse limpá-lo inteiramente, impondo um pouco de ordem em sua vida.

— Isto não é da sua conta, Gauguin. Este é o meu estúdio. Faça como quiser no seu.

— Já que estamos falando a respeito, posso aproveitar para lhe dizer que sua mente é tão caótica quanto a sua caixa de tintas. Admira cada pintor de selo da Europa e não é capaz de perceber que Degas...

— Degas? O que ele já pintou que possa ser comparado com um Millet?

— Millet? Aquele sentimentalista! Aquele...

Vincent ficou num frenesi com a crítica a Millet, a quem considerava seu mestre e pai espiritual. Foi atrás de Gauguin, furioso, de cômodo em cômodo. Gauguin fugia. A casa era pequena. Vincent gritava, arengava, sacudia os punhos diante do rosto vigoroso de Gauguin. E pela noite opressiva e tropical eles continuaram em seu conflito, contundente e destruidor.

Ambos trabalhavam como demônios, a fim de captarem a si mesmos e a natureza ao ponto de frutificação. Dia após dia batalhavam com suas paletas flamejantes, noite após noite com os egos intensos um do outro.

Quando não brigavam morbidamente, suas discussões amistosas eram tão explosivas que se tomava impossível dormir. O dinheiro vinha de Theo.

Gastavam-no imediatamente em tabaco e absinto. Fazia muito calor para se comer. Pensavam que o absinto lhes acalmaria os nervos. Apenas excitava-os ainda mais.

Um mistral terrível soprou. Confinou-os à casa. Gauguin não podia trabalhar. Passava o tempo fustigando Vincent a uma constante ebulição.

Ele nunca vira ninguém se tornar tão violento por causa de meras ideias.

Vincent era o único esporte disponível para Gauguin. E ele se aproveitava ao máximo.

— É melhor se acalmar, Vincent — disse ele, depois do quinto dia do mistral.

Ele espicaçara o amigo até uma tempestade dentro da casa amarela, que fazia o mistral uivante parecer uma brisa branda e gentil.

— E o que me diz de você mesmo, Gauguin?

— Acontece, Vincent, que muitos homens que passaram um bom tempo em minha companhia e tinham o hábito de discutir comigo acabaram enlouquecendo.

— Está me ameaçando?

— Não. Estou advertindo-o.

— Pois então guarde as advertências para você mesmo.

— Está certo. Mas depois não me culpe se alguma coisa acontecer.

— Paul, Paul, vamos acabar com essa briga eterna. Sei que você é um pintor melhor do que eu. Sei que pode me ensinar muita coisa. Mas não permitirei que me despreze. Trabalhei muito por nove longos anos e, por Deus, tenho alguma coisa a dizer com esta tinta infernal! Vamos, admita: não tenho? Fale logo, Gauguin!

— *Brigadier, vous avez raison!*

O mistral se desvaneceu. Os arlesianos se atreveram a voltar às ruas.

O sol escaldante ressurgiu. Uma febre incontrolável envolveu Arles. A polícia teve de enfrentar crimes de violência. As pessoas circulavam com um excitamento fumegante nos olhos. Ninguém jamais ria. Ninguém falava. Os telhados de pedra ardiam sob o sol. Houve brigas e facas faiscaram na Place Lamartine. O cheiro de catástrofe pairava no ar. Arles se achava saturada demais para suportar a tensão por muito mais tempo. O vale do Ródano se achava prestes a explodir em um milhão de fragmentos.

Vincent pensou no jornalista parisiense.

— O que acontecerá? — perguntou a si mesmo. — Um terremoto ou uma revolução?

Apesar de tudo, ele ainda pintava nos campos, sem chapéu. Precisava do calor branco e ofuscante para tornar fluidas em seu íntimo as terríveis paixões que sentia. Seu cérebro era um cadinho no fogo, produzindo uma tela em chamas depois da outra.

A cada tela sucessiva ele sentia mais intensamente que todos os seus nove anos de trabalhos árduos convergiam para aquelas poucas semanas carregadas, tornando-o por um breve instante o artista completo e perfeito.

Estava superando em muito os seus trabalhos do verão anterior. Nunca mais produziria quadros que exprimissem tão intensamente a essência da natureza e de si mesmo.

Ele pintava das quatro horas da madrugada até que a noite roubasse a cena de seus olhos. Criava dois e às vezes até mesmo três quadros completos por dia. Perdia um ano de sua vida a cada quadro convulsivo que arrancava das entranhas. Não era a duração de sua permanência na terra que lhe importava, mas sim o que fazia com os dias de sua vida. Para ele, o tempo teria de ser medido pelos quadros que produzia, não pelas folhas arrancadas de um calendário.

Vincent sentia que sua arte alcançava um clímax; que aquele era o instante máximo de sua vida, o momento pelo qual lutara por tantos anos.

Não sabia quanto tempo duraria, apenas que tinha de pintar, quadros e mais quadros... e ainda mais e mais quadros. O clímax de sua vida, aquele ponto ínfimo do infinito, tinha de ser mantido, esticado aos limites máximos, até que criasse todos os quadros que se encontravam em gestação na sua alma.

Pintar o dia inteiro, brigar a noite inteira, sem dormir, comendo muito pouco, empanturrando-se de sol e cor, excitamento, tabaco e absinto, injuriados pelos elementos e por seu próprio impulso de criação, massacrando um ao outro por suas iras e violência, a fúria aumentando mais e mais.

O sol os malhava. O mistral os açoitava. As cores lhes ofuscavam os olhos. O absinto lhes estufava as entranhas vazias com uma febre incontrolável. A casa amarela balançava e tremia com a tempestade nas noites tropicais e pletóricas.

Gauguin fez um retrato de Vincent, enquanto este pintava uma natureza-morta de arados. Vincent olhou aturdido para o retrato. Pela primeira vez compreendeu claramente o que Gauguin pensava a seu respeito.

— Claro que sou eu... mas eu enlouquecido!

Eles foram ao café naquela noite. Vincent pediu um absinto. E, abruptamente, jogou o copo e o conteúdo na cabeça de Gauguin, que se

esquivou. Gauguin pegou Vincent no colo. Carregou-o pela Place Lamartine. Vincent descobriu-se na cama. Adormeceu no mesmo instante.

— Meu caro Gauguin — disse ele na manhã seguinte, muito calmo — tenho uma vaga recordação de que o ofendi na noite passada.

— Eu o perdoo de todo coração e com a maior satisfação. Mas a cena da noite passada pode ocorrer novamente. E se eu for atingido, posso perder o controle e sufocá-lo. Portanto, permita-me escrever para seu irmão, informando-o que estou voltando.

— Não! Não! Paul, não pode fazer isso. Deixar a casa amarela? Tudo o que tem nela eu fiz para você!

A tempestade continuou durante todas as horas do dia. Vincent lutava desesperadamente para manter Gauguin a seu lado. Gauguin resistia a cada súplica. Vincent rogava, praguejava, ameaçava, até mesmo chorava.

E nessa batalha ele demonstrou ser o mais forte. Sentia que toda a sua vida dependia da permanência do amigo na casa amarela. Ao cair da noite, Gauguin estava exausto. E acabou cedendo, só para ter um pouco de descanso.

Todos os cômodos da casa amarela estavam carregados e vibrando com uma tensão elétrica. Gauguin não conseguia dormir. Perto do amanhecer, finalmente cochilou.

Uma estranha sensação acordou-o. Deparou com Vincent de pé junto à cama, fitando-o no escuro com uma expressão furiosa.

— Qual é o problema com você, Vincent? — perguntou, firmemente.

Vincent saiu do quarto, voltou para sua cama e caiu num sono pesado.

Na noite seguinte Gauguin foi outra vez arrancado do sono pela mesma sensação estranha. Vincent estava parado junto à cama, fitando-o fixamente no escuro.

— Vincent! Vá se deitar!

Vincent afastou-se.

Ao jantar, no dia seguinte, eles travaram uma violenta discussão por causa da sopa.

— Você despejou um pouco de tinta, Vincent, quando eu não estava olhando!

Vincent soltou uma risada. Foi até a parede e ali escreveu a giz: Ele se manteve quieto por vários dias. Parecia soturno e deprimido.

Mal trocou uma palavra com Gauguin. Não pegou num pincel. Não leu.

Ficava sentado numa cadeira, com o olhar perdido no espaço.

Na tarde do quarto dia, quando soprava um terrível mistral, ele pediu a Gauguin para acompanhá-lo numa volta.

— Vamos subir até o parque, Paul. Tenho uma coisa para lhe dizer.

— Não pode me dizer aqui, onde estamos mais confortáveis?

— Não. Não posso falar direito quando estou sentado. Preciso andar.

— Está certo, se não há outro jeito.

Eles pegaram a estrada de carroça que serpenteava pelo lado esquerdo da cidade. A fim de avançarem, tinham de se projetar pelo mistral, como se fosse uma substância espessa e dura. Os ciprestes no parque balançavam quase até o chão.

— O que você quer me dizer? — indagou Gauguin.

Ele teve de gritar no ouvido de Vincent. O vento arrebatava suas palavras quase antes que Vincent pudesse apreendê-las.

— Paul, tenho pensado muito nos últimos dias. E me ocorreu uma ideia maravilhosa.

— Perdoe se me mostrar um pouco desconfiado de suas ideias maravilhosas.

Todos fracassamos como pintores. Sabe por quê?

— Como? Não estou ouvindo uma só palavra. Grite no meu ouvido.

— SABE POR QUE TODOS FRACASSAMOS COMO PINTORES?

— Não. Por quê?

— Porque pintamos sozinhos!

— Não estou entendendo.

— Algumas coisas pintamos bem, outras mal. E juntamos tudo na mesma tela.

— Ainda não entendi.

— Lembra-se dos irmãos Both, pintores holandeses? Um era bom em paisagem. O outro em figuras. Pintaram um quadro juntos. Um pôs a paisagem. outro acrescentou as figuras. E foram bem-sucedidos.

— E agora vai levar uma história interminável a seu ponto obscuro?

— Como? Não posso ouvi-lo. Chegue mais perto.

— EU DISSE CONTINUE!

— Paul, é isso o que devemos fazer. Você e eu. Seurat. Cezanne. Lautrec. Rousseau. Devemos todos trabalhar juntos na mesma tela. Seria um autêntico comunismo de pintor. Cada um poria o que faz melhor.

Seurat entraria com o ar. Você com a paisagem. Cezanne com as superfícies. Lautrec com as figuras. Eu com o sol, a lua e as estrelas.

Juntos, poderíamos ser um grande artista. O que acha?

— *Turlututu, mon chapeau pointu!*

Gauguin desatou numa gargalhada desenfreada e estridente. O vento lançava seu escárnio na cara de Vincent como o borrifo do mar.

— *Brigadier* — gritou ele, quando conseguiu recuperar o fôlego — se não é a maior ideia do mundo, eu a comerei. Desculpe-me enquanto rio.

Ele cambaleou pelo caminho, comprimindo a barriga, dobrado ao meio no

riso.

Vincent manteve-se completamente imóvel.

Uma revoada de melros surgiu no céu. Eram milhares, gritando, batendo as asas. Abateram-se sobre Vincent, engolfaram-no, voaram por seus cabelos, pelo nariz, boca, ouvidos, sepultaram-no numa massa densa, preta, sem ar, de asas se agitando.

Gauguin voltou.

— Vamos embora, Vincent. Precisamos dar um pulo ao Louis. Sinto a necessidade de uma celebração, depois dessa sua ideia inestimável.

Vincent seguiu-o em silêncio para a Rue des Ricolettes. Gauguin subiu com uma das garotas. Rachel foi sentar-se no colo de Vincent, na sala.

— Não vai subir comigo, *fou-rou?*

— Não.

— Por que não?

— Não tenho os cinco francos.

— Então me dará em vez disso a sua orelha? — Darei.

Gauguin não demorou a voltar. Os dois homens desceram a ladeira para a casa amarela. Gauguin jantou às pressas. Saiu da casa, sem falar. Já quase atravessara a Place Lamartine quando ouviu passos bem conhecidos às suas costas, curtos, rápidos, irregulares.

Virou-se abruptamente.

Vincent corria em sua direção, empunhando uma navalha aberta.

Gauguin ficou rígido, olhando fixamente para Vincent.

Vincent parou a menos de um metro de distância. Lançou um olhar furioso para Gauguin, no escuro. Abaixou a cabeça, virou-se, voltou correndo para a casa.

Gauguin foi para um hotel. Alugou um quarto, trancou a porta e deitou.

Vincent entrou na casa amarela. Subiu a escada de tijolos vermelhos para o seu quarto. Pegou o espelho pelo qual pintara o seu rosto tantas vezes.

Equilibrou-o no lavatório, encostado na parede.

Contemplou seus olhos injetados.

O fim chegara. Sua vida estava terminada. Lia isso em seu rosto.

Era melhor acabar tudo logo de uma vez.

Vincent levantou a navalha. Sentiu o aço aguçado contra a pele arrepiada do pescoço.

Vozes lhe sussurravam histórias estranhas.

O sol arlesiano projetava uma muralha de luz ofuscante entre seus olhos e o espelho.

Ele cortou a orelha direita.

Deixou apenas uma pequena porção do lóbulo.

Largou a navalha. Enfaixou a cabeça com toalhas. O sangue pingava no chão.

Ele pegou a orelha na bacia. Lavou-a. Enrolou-a em vários pedaços de papel de desenho. Fez um embrulho com papel de jornal.

Pôs uma boina basca por cima das ataduras. Desceu a escada e saiu.

Atravessou a Place Lamartine, subiu a ladeira, tocou a sineta da Maison de Tolérance.

Uma criada abriu a porta.

— Chame Rachel.

Rachel apareceu um momento depois.

— Ah, é você, fou-rou! O que quer?

— Trouxe-lhe uma coisa.

— Para mim? Um presente?

— Isso mesmo.

— Muita gentileza sua, fou-rou.

— Guarde com todo cuidado. É um souvenir meu.

— O que é?

— Abra e saberá.

Rachel abriu o pacote. E ficou olhando horrorizada para a orelha. Um instante depois, caiu desfalecida nas lajes de pedra.

Vincent afastou-se. Desceu a ladeira. Atravessou a Place Lamartine.

Entrou na casa amarela, fechou a porta e foi dormir.

Quando Gauguin voltou à casa, às sete e meia da manhã seguinte, encontrou uma multidão reunida na frente. Roulin retorcia as mãos, em desespero.

— O que fez com seu camarada, monsieur? — perguntou um homem, com um chapéu em formato de melão, o tom brusco e severo.

— Não sei.

— Ah, sim... sabe muito bem... ele está morto.

Gauguin levou um longo tempo para recuperar-se da surpresa. Os olhares da multidão pareciam dilacerá-lo em pedaços, sufocá-lo.

— Vamos entrar, monsieur — pediu ele, gaguejando. — Podemos nos explicar lá dentro.

Toalhas molhadas estavam caídas no chão dos dois cômodos no primeiro andar. O sangue manchara a escada que levava ao quarto de Vincent.

Ele estava na cama, enrolado nos lençóis, todo encolhido. Parecia sem vida. Gentilmente, muito gentilmente, Gauguin tocou no corpo. Estava quente. Para Gauguin, foi como um trampolim para recuperar toda a sua energia, todo o seu espírito.

— Seja bastante gentil, monsieur — disse ele, em voz baixa, ao chefe de polícia — acordando este homem com extremo cuidado. Se ele perguntar por mim, diga-lhe que fui embora para Paris. A minha presença aqui poderia lhe ser fatal.

O chefe da polícia mandou buscar um médico e um carro. Levaram Vincent para o hospital. Roulin foi correndo ao lado da carruagem, ofegando.

9

O Doutor Felix Rey, jovem interno do hospital de Arles, era um homem baixo e corpulento, a cabeça octogonal, com uma massa de cabelos pretos no topo. Ele cuidou do ferimento de Vincent e depois internou-o num quarto que parecia uma cela e do qual se removera tudo. Trancou a porta quando saiu.

Ao pôr-do-sol, quando verificava o pulso do paciente, Vincent açor dou. Olhou para o teto, depois para a parede branca, a janela com o céu azul escurecendo. Os olhos vaguearam lentamente para o rosto do Doutor Rey.

— Olá — disse ele, suavemente.

— Olá — respondeu o Doutor Rey.

— Onde estou?

— No hospital de Arles. — Abn...

Uma pontada de dor passou pelo rosto de Vincent. Ele levantou a mão para o lugar em que antes existira a orelha direita. O Doutor Rey deteve-o.

— Não deve tocar.

— Estou lembrando... agora.

— O ferimento está limpo, não tem maiores problemas. Estará de pé outra vez dentro de poucos dias.

— Onde está meu amigo?

— Ele voltou a Paris.

— Ahn... Posso fumar meu cachimbo?

— Ainda não, meu caro.

O Doutor Rey lavou o ferimento e fez um curativo.

— É um acidente de pouca importância — comentou ele. — Afinal, um homem não ouve com os repolhos que tem pendurado no lado de fora da cabeça. Não sentirá a menor falta.

— Está sendo muito bondoso, doutor. Por que este quarto está... tão vazio?

— Mandei retirar tudo para protegê-lo.

— De quem?

— De você mesmo.

— Entendo...

— Tenho de ir agora. Mandarei o atendente trazer seu jantar. Tente ficar absolutamente imóvel. A perda de sangue deixou-o bastante fraco.

Quando Vincent acordou, pela manhã, Theo sentava-se à sua cabeceira.

O seu rosto estava pálido e contraído, os olhos injetados.

— Theo...

Ele saiu da cadeira, ficou de joelhos ao lado da cama, pegou a mão de Vincent. E chorou, sem qualquer constrangimento ou reserva.

— Theo... sempre... quando eu acordo... e preciso de você... encontro-o ao meu lado.

Theo não podia falar.

— Foi muito cruel fazê-lo vir até aqui. Como soube?

— Gauguin telegrafou ontem. Peguei o trem noturno.

— Foi um erro de Gauguin obrigá-lo a toda essa despesa. Passou a noite inteira sentado, Theo.

— Passei, Vincent.

Eles ficaram em silêncio por algum tempo.

— Conversei com o Doutor Rey, Vincent. Ele disse que foi insolação. Esteve trabalhando no sol sem um chapéu, não é mesmo?

— Estive.

— Não pode fazer isso, meu velho. No futuro, deve sempre usar um chapéu. Muitas pessoas aqui em Arles sofrem insolação.

Vincent apertou a mão do irmão gentilmente. Theo tentou engolir o caroço que tinha na garganta.

— Tenho algumas notícias para você, Vincent, mas acho melhor esperar uns poucos dias.

— São boas notícias, Theo?

— Acho que você gostará.

O Doutor Rey entrou no quarto.

— Como está o paciente esta manhã?

— Doutor, meu irmão pode me contar algumas notícias boas?

— Eu diria que sim. Mas espere mais um momento. Deixe-me antes dar uma olhada no ferimento. Está ótimo. Vai sarar depressa.

Depois que o médico saiu, Vincent pediu as notícias.

— Vincent, eu... ahn... conheci uma moça.

— Oh, Theo!

— Ela é holandesa. Johanna Bunger. E acho que é muito parecida com mamãe.

— Você a ama, Theo?

— Amo. Tenho me sentido desesperadamente solitário sem você em Paris, Vincent. Não era tão ruim assim antes de você chegar, mas depois que vivemos juntos por um ano...

— Fui uma pessoa difícil de conviver, Theo. Receio tê-lo feito passar por momentos difíceis.

— Se você soubesse quantas vezes, Vincent, desejei entrar no apartamento

da Rue Lepic e encontrar seus sapatos no aparador, suas telas úmidas na minha cama... Mas não devemos falar mais sobre isso. Você precisa descansar. Apenas ficaremos quietos aqui, um fazendo companhia ao outro.

Theo permaneceu dois dias em Arles. Só partiu depois que o Doutor Rey garantiu-lhe que Vincent teria uma recuperação rápida e que cuidaria dele, não apenas como um paciente, mas também como um amigo.

Roulin aparecia todas as noites e trazia flores. Durante as noites, Vincent sofria alucinações. O Doutor Rey pôs cânfora no travesseiro e colchão de Vincent, a fim de ajudá-lo a superar a insônia. Ao final do quarto dia, quando constatou que Vincent estava mentalmente sereno, o médico destrancou a porta e mandou que trouxessem os móveis de volta.

— Posso me levantar e vestir, doutor? — indagou Vincent.

— Se estiver se sentindo bastante forte. Vá ao meu consultório depois de respirar um pouco de ar fresco.

O hospital de Arles tinha dois andares, formando um quadrado, com um pátio no centro, repleto de flores multicoloridas, samambaias e caminhos de cascalho. Vincent passeou devagar por alguns minutos e depois foi à sala do Doutor Rey, no andar térreo.

— Como se sente de pé? — perguntou o médico.

— Muito bem.

— Por que fez isso, Vincent?

Vincent manteve-se em silêncio por um longo tempo.

— Não sei.

— Em que estava pensando quando aconteceu?

— Eu... não estava pensando, doutor.

Vincent passou os dias seguintes recuperando as forças. Uma manhã, quando conversava com o Doutor Rey, na sala deste, pegou uma navalha no lavatório e abriu-a.

— Precisa fazer a barba, Doutor Rey. Gostaria que eu cuidasse disso?

O Doutor Rey recuou para um canto, levantando a mão diante do rosto. — Não! Não! Largue isso!

— Mas sou um bom barbeiro, doutor. Posso lhe fazer a barba direitinho.

— Largue essa navalha, Vincent!

Vincent riu, fechou a navalha, largou-a no lavatório.

— Não tenha medo, meu amigo. Isso é um episódio superado.

Ao final da segunda semana, o Doutor Rey deu permissão a Vincent para pintar. Um atendente foi enviado à casa amarela para buscar o cavalete e uma tela. O Doutor Rey posou para Vincent, apenas para agradá-lo. Vincent trabalhava devagar, um pouquinho a cada dia. Quando o retrato ficou pronto, ele

deu de presente ao médico.

— Quero que fique com isto como uma lembrança minha, doutor. É a única maneira que tenho de demonstrar minha gratidão por sua bondade.

— É muita gentileza sua, Vincent. Sinto-me honrado.

O médico levou o retrato para casa e usou-o para cobrir uma rachadura na parede.

Vincent ficou mais duas semanas no hospital. Pintou o pátio, cozinhando ao sol. Usava um chapéu de palha de aba larga enquanto trabalhava. Levou duas semanas para pintar o jardim florido.

— Deve aparecer para me falar todos os dias — disse o Doutor Rey, apertando a mão de Vincent, no portão do hospital. — E lembre-se: nada de absinto, excitamento ou trabalhar ao sol sem chapéu.

— Prometo, doutor. E obrigado por tudo.

— Escreverei para seu irmão, informando que você está agora completamente curado.

Vincent descobriu que o senhorio fizera um contrato para despejá-lo e entregar a casa amarela a um vendedor de tabaco. Vincent sentia-se profundamente afeiçoado à casa amarela. Era a sua única raiz no sol da Provence. Pintara cada palmo da casa, por dentro e por fora. Tornara-a habitável. Apesar do acidente, ainda a considerava seu lar permanente e estava determinado a lutar contra o senhorio até o amargo fim.

A princípio, tinha receio de dormir sozinho na casa, por causa de sua insônia, que nem sempre a cânfora era capaz de superar. O Doutor Rey lhe dera brometo de potássio para acabar com as alucinações terríveis, que tanto o assustavam. Finalmente as vozes que sussurravam histórias estranhas em seus ouvidos se calaram, voltando apenas em pesadelos.

Ele ainda se sentia muito fraco para sair e trabalhar. A serenidade retornou a seu cérebro, mas lentamente. O sangue revivia dia a dia, o apetite aumentava. Ele teve um jantar alegre com Roulin no restaurante, muito jovial e sem temor de um sofrimento renovado. Começou a trabalhar cautelosamente num retrato da mulher de Roulin, que estava inacabado por ocasião do acidente.

Gostou da maneira como distribuiu os vermelhos do rosa ao laranja, elevando-se através dos amarelos até o limão, com luz e sombras verdes.

A saúde e o trabalho se recuperavam devagar. Ele soubera antes que se podia fraturar as pernas e braços e depois se recuperar, mas ficou espantado ao descobrir que se podia fraturar o cérebro dentro do crânio e também se recuperar.

Uma tarde ele foi indagar pela saúde de Rachel.

— Pigeon, lamento muito por todos os problemas que lhe causei.

— Está tudo bem, *fou-rou*. Não se preocupe com isso. As coisas assim

costumam acontecer nesta cidade.

Os amigos asseguraram-lhe que na Provence todos sofriam de febre, alucinações ou loucura.

— Não tem nada de excepcional, Vincent — declarou Roulin. — Aqui, na terra de Tartarin, somos todos um pouco doidos.

— Pois então nos compreendemos uns aos outros como membros da mesma família — comentou Vincent.

Mais algumas semanas transcorreram. Vincent já era capaz agora de trabalhar durante o dia inteiro no estúdio. Os pensamentos de loucura e morte deixaram sua mente. Ele começou a sentir-se quase normal.

Finalmente arriscou-se a sair para pintar ao ar livre. O sol ardia como um amarelo espetacular sobre as plantações. Mas Vincent não pôde captá-lo. Estivera comendo regularmente, dormindo regularmente, evitando o excitamento e o entusiasmo intenso.

Sentia-se tão normal que não podia pintar.

— Você *é um grand nerveux,* Vincent — dissera-lhe o Doutor Rey. — Nunca foi normal. Mas também nenhum artista é normal. Se fosse, não seria um artista. Os homens normais não criam obras de arte. Comem, dormem, exercem ocupações de rotina e dormem. Você é hipersensível à vida e à natureza; por isso é capaz de interpretar para o resto de nós. Mas se não tomar cuidado, essa própria hipersensibilidade levará à sua destruição. A tensão acaba partindo todo o artista ao meio.

Vincent sabia que, para alcançar o tom de amarelo-intenso que dominava as suas telas artesianas, precisava estar com os nervos à flor da pele, vibrando excitado, intensamente sensível, quase a pique de estourar.

Se por acaso se deixasse levar novamente a esse estado, poderia voltar a pintar da mesma maneira brilhante que antes. Mas o caminho levava à destruição.

— Um artista é um homem com um trabalho a realizar — ele murmurou para si mesmo. — Foi estupidez da minha parte permanecer vivo se não posso pintar da maneira como quero.

Ele andou pelos campos sem o chapéu, absorvendo a força do sol.

Inebriou-se com as cores alucinadas do céu, a bola amarela de fogo, os campos verdes e as flores ardentes. Deixou que o mistral o fustigasse, o denso céu noturno o sufocasse, os girassóis espicaçassem sua imaginação a um ponto de ebulição. À medida que o excitamento crescia, ele foi perdendo o apetite por comida. Começou a viver de café, absinto e tabaco.

Passava as noites acordado, com as cores profundas dos campos fluindo diante de seus olhos injetados. E, finalmente, prendeu o cavalete nas costas e

saiu para os campos.

Os poderes lhe voltaram; a noção do ritmo universal da natureza, a capacidade de completar uma tela grande em poucas horas, inundando-a com a luz do sol, brilhante e ofuscante. Cada dia testemunhava a criação de um novo quadro;.cada dia testemunhava uma subida em seu termômetro emocional. Ele pintou 37 telas sem qualquer pausa.

Acordou uma manhã sentindo-se apático. Não podia trabalhar.

Sentou-se numa cadeira. Ficou olhando fixamente para a parede em frente.

Mal se mexeu durante o dia inteiro. As vozes retomaram a seus ouvidos, contando histórias estranhas, muito estranhas. Quando a noite caiu, ele foi ao restaurante cinza e sentou-se a uma pequena mesa. Pediu sopa. A garçonete trouxe. Uma voz ressoou intensamente em seu ouvido, advertindo-o.

Vincent jogou o prato de sopa no chão. O prato se estilhaçou em incontáveis fragmentos.

— Estão tentando me envenenar! — gritou ele. — Querem me assassinar! Vi quando puseram veneno na sopa!

Dois gendarmes apareceram e levaram-no à força ladeira acima, até o hospital.

Depois de 24 horas, Vincent tornou-se bastante calmo e conversou sobre o incidente com o Doutor Rey. Trabalhava um pouco a cada dia, fazia passeios pelos campos, voltava ao hospital para jantar e dormir.

Havia momentos em que entrava em períodos de indescritível angústia mental, havia momentos em que o véu do tempo e da circunstância inevitável parecia se entreabrir por uma fração de segundo.

O Doutor Rey permitiu-lhe voltar a pintar. Vincent fez um pomar de pessegueiros ao lado de uma estrada, com os Alpes ao fundo; um bosque de oliveiras com folhas prateadas, transformando-se em verde contra o azul, a terra arada com uma tonalidade laranja.

Vincent voltou à casa amarela depois de três semanas. A esta altura, toda a cidade, especialmente a Place Lamartine, estava incendiada contra ele. A orelha cortada e a sopa envenenada eram mais do que as pessoas podiam aceitar com calma. Os arlesianos se achavam absolutamente convencidos de que pintar levava os homens à loucura. Quando Vincent passava, todos o olhavam fixamente, faziam comentários em voz alta, às vezes atravessavam a rua para evitá-lo.

Nenhum restaurante da cidade permitia que ele cruzasse a sua porta.

As crianças de Arles reuniam-se diante da casa amarela e divertiam-se a atormentá-lo.

— *Fou-rou! Fou-rou!* Corte a outra orelha!

Vincent trancava as janelas. Os gritos e risos das crianças chegavam as sim mesmo a seus ouvidos.

— *Fou-rou! Fou-rou!* — Maluco! Maluco!

Inventaram uma pequena canção, que entoavam por baixo de sua janela.

Fou-rou era um maluco
Que cortou uma orelha
E agora é um maluco surdo
De cabeleira vermelha

Vincent tentou escapar. Seguiram-no pelas ruas, pelos campos, um bando alegre de pirralhos, cantando e rindo.

Dia após dia o número aumentava, sempre se concentrando diante da casa amarela. Vincent metia algodão nos ouvidos. Trabalhava no cavalete, fazendo duplicatas de seus quadros. As palavras das crianças penetravam pelas paredes. E se gravavam em fogo no seu cérebro.

Os garotos foram se tornando mais ousados. Subiam pelas calhas como macacos, sentavam no peitoril da janela, espiavam pelo interior da sala e gritavam para as costas de Vincent:

— *Fou-rou,* corte a outra orelha! Queremos a sua outra orelha!

O tumulto na Place Lamartine crescia. Os garotos traziam tábuas para subirem ao segundo andar. Quebravam as vidraças, metiam a cabeça para dentro da sala, jogavam coisas em Vincent. A multidão lá embaixo encorajava, os cantos e gritos ressoando.

— Dê-nos a outra orelha! Queremos a outra orelha!

— *Fou-rou!* Quer uma bala? Cuidado, está envenenada!

— *Fou-rou!* Quer uma sopa? Cuidado, está envenenada!

Fou-rou era um maluco
Que cortou uma orelha
E agora é um maluco surdo
De cabeleira vermelha

Os garotos empoleirados no peitoril da janela levavam a multidão lá embaixo num canto. Juntos, eles cantavam num ritmo sempre crescente: — *Fou-rou, fou-rou,* dê-nos a sua orelha, dê-nos a sua orelha!

— *FOU-ROU, FOU-ROU,* DE-NOS A SUA ORELHA, DE-NOS A SUA ORELHA!

Vincent levantava-se do cavalete. Havia três pirralhos sentados no peitoril da janela, cantando. Ele avançava para os garotos, que desciam rapidamente pelas tábuas. A multidão lá embaixo urrava. Vincent parava na janela, olhando para baixo.

Uma revoada de melros surgiu do céu, milhares de aves gritando, batendo as

asas. Escureceram a Place Lamartine, abateram-se sobre Vincent, golpeando-o, encheram o cômodo, engolfaram-no, voaram por seus cabelos, pelo nariz, boca e olhos, sepultaram-no numa nuvem densa, negra, sem ar, de asas esvoaçando.

Vincent subiu no peitoril da janela.

— Vão embora! — gritou ele. — Vão embora, seus demônios! Pelo amor de Deus, deixem-me em paz!

— *FOU-ROU, FOU-ROU,* DE-NOS A SUA ORELHA, DE-NOS A SUA ORELHA!

— Vão embora! Deixem-me em paz! Estão me ouvindo? Deixem-me em paz!

Ele pegou a bacia no lavatório e jogou na multidão. Espatifou-se nas pedras do calçamento lá embaixo. Num acesso de fúria, Vincent correu de um lado para outro, pegando tudo e jogando para a Place Lamartine, onde cada coisa inevitavelmente se quebrava. As cadeiras, cavalete, espelho, mesa, roupas de cama, telas de girassóis penduradas nas paredes, tudo choveu sobre as crianças da Provence. E a cada objeto partia um panorama de seus dias na casa amarela, dos sacrifícios que fizera para comprá-los, um a um, os artigos com que mobiliaria a casa de sua vida.

Quando não havia mais nada no cômodo, Vincent postou-se à janela, cada nervo tremendo. Caiu sobre o peitoril. E a cabeça pendeu para baixo, na direção da Place Lamartine.

10

Imediatamente circulou uma petição pela Place Lamartine. Noventa homens e mulheres assinaram.

Ao Prefeito Tardieu:

Nós, abaixo-assinados, cidadãos de Arles, estamos absolutamente convencidos de que Vincent Van Gogh, residente na Place Lamartine, 2, é um lunático perigoso, que não tem condições de permanecer à solta.

Portanto, exigimos que, como nosso prefeito, providencie para que o louco seja trancafiado.

As eleições em Arles estavam próximas. O Prefeito Tardieu não desejava desagradar tantos eleitores. Ordenou ao chefe de polícia que prendesse Vincent.

Os gendarmes encontraram-no caído no chão, ao lado da janela.

Carregaram-no para a cadeia. Ele foi metido numa cela, a porta trancada.

Um guarda ficou de vigia do lado de fora.

Quando recuperou os sentidos, Vincent pediu para falar com o Doutor *Rey.* Não lhe deram permissão. Pediu lápis e papel para escrever a Theo. Recusaram.

Finalmente o Doutor Rey conseguiu entrar na cadeia.

— Tente conter a sua indignação, Vincent — disse ele — caso contrário o condenarão por ser um lunático perigoso e será o seu fim. Além disso, as emoções fortes só contribuem para agravar o seu estado. Escreverei para seu irmão e nós dois conseguiremos tirá-lo daqui.

— Eu lhe suplico, doutor, que não deixe Theo vir aqui. Ele está para casar. Vai lhe estragar tudo.

— Direi a ele para não vir. Acho que tenho um bom plano para tirá-lo daqui.

O Doutor Rey voltou dois dias depois. Ainda havia um guarda postado na frente da cela.

— Acabei de ver as suas coisas sendo retiradas da casa amarela, Vincent. O senhorio guardou os móveis no porão de um dos cafés e ficou com os quadros. Diz que não os devolverá enquanto você não pagar o aluguel atrasado.

Vincent manteve-se em silêncio.

— Como não pode voltar para lá, acho que é melhor você aceitar meu plano. Não há como prever com que frequência os seus ataques epilépticos voltarão. Se tiver paz, um ambiente sossegado e agradável, não se excitar, talvez não tenha mais nenhum. Por outro lado, eles podem voltar a cada um ou dois meses. Portanto, é melhor você proteger a si mesmo e a outros ao seu redor... acho que

seria aconselhável... ir para uma...

— ... Uma *maison de santé?*

— Isso mesmo.

— Então acha que estou...?

— Não, meu caro Vincent, não está. Pode ver por si mesmo que é tão são quanto eu. Mas esses ataques epilépticos são como qualquer outra espécie de febre. Fazem um homem perder a cabeça. E quando ocorre uma crise nervosa, é natural que você faça coisas irracionais. É por isso que deve ir para um hospital, onde será bem cuidado.

— Entendo.

— Há um bom lugar em St. Remy, a apenas 25 quilômetros daqui. Chama-se St. Paul de Mausole. Aceitam pacientes de primeira, segunda e terceira classes. A terceira classe é de cem francos por mês. Você pode pagar essa. O lugar era antigamente um mosteiro, na base das colinas. É muito bonito, Vincent. E tranquilo, extremamente tranquilo. Terá um médico para aconselhá-lo e irmãs para cuidarem de você. A alimentação será simples e saudável. Poderá recuperar a saúde.

— Terei permissão para pintar?

— Claro, meu velho. Terá permissão para fazer qualquer coisa que desejar... desde que não lhe seja prejudicial. Será como estar num hospital com um enorme terreno. Se viver assim tranquilamente por um ano, poderá ficar completamente curado.

— Mas como sairei desta cadeia?

— Já conversei com o chefe de polícia. Ele concorda em deixá-lo ir para St. Paul de Mausole, contanto que eu o leve até lá.

— E garante que é realmente um bom lugar?

— Maravilhoso, Vincent. Você encontrará uma porção de coisas para pintar.

— Isso é ótimo. Cem francos por mês não é muito. E talvez seja justamente o que preciso por um ano, a fim de me acalmar.

— Claro que é. Já escrevi para seu irmão, falando a respeito. Sugeri que, em seu atual estado de saúde, seria desaconselhável transferi-lo para muito longe. E Paris certamente não seria um lugar indicado. Declarei que, em minha opinião, St. Paul seria a melhor coisa para você.

— Se Theo concorda... Qualquer coisa para mim está bem, desde que não lhe cause mais problemas...

— Espero uma resposta a qualquer momento. Voltarei assim que a receber.

Theo não tinha alternativa. E concordou. Mandou dinheiro para pagar as contas do irmão. O Doutor Rey levou Vincent numa carruagem para a estação, onde embarcaram no trem para Tarascon. Ali, pegaram outro trem, de um ramal

secundário, que os levou por um vale fértil e verdejante até St. Remy.

Subiram dois quilômetros por uma encosta íngreme, através da cidade sonolenta, até St. Paul de Mausole. Vincent e o Doutor Rey foram de carruagem. A estrada seguia direto para montanhas escuras e áridas. A alguma distância, Vincent avistou, aninhados na base, os muros escuros do mosteiro.

A carruagem parou. Vincent e o Doutor Rey saltaram. À direita da estrada havia um espaço circular vazio com um Templo de Vesta e um Arco do Triunfo.

— Como estas coisas vieram parar aqui? — perguntou Vincent.

— Este lugar era um importante povoado romano. O rio, que você vê agora lá embaixo, outrora enchia todo o vale. Subia até o lugar em que você está parado. À medida que o rio foi diminuindo, a cidade também foi descendo. Agora, nada mais resta aqui em cima, além destes monumentos mortos e do mosteiro.

— Interessante...

— Vamos embora, Vincent. O Doutor Peyron está nos esperando.

Eles deixaram a estrada e atravessaram alguns pinheiros até o portão do mosteiro. O Doutor Rey puxou uma argola de ferro, que fez ressoar uma sineta. Depois de alguns momentos, o portão se abriu e o Doutor Peyron apareceu.

— Como vai, Doutor Peyron? — disse o Doutor Rey. — Trouxe-lhe meu amigo, Vincent Van Gogh, conforme combinamos por carta. Sei que cuidará bem dele.

— Claro que cuidaremos bem dele, Doutor Rey.

— Vai me desculpar se eu for embora imediatamente, doutor? Mal tenho tempo de pegar o trem de volta a Tarascon.

— Claro, Doutor Rey. Compreendo perfeitamente.

— Adeus, Vincent. Seja feliz e se dará bem. Voltarei para vê-lo tantas vezes quanto puder. E ao final de um ano espero encontrá-lo completamente curado.

— Obrigado, doutor. Foi muito gentil comigo. Adeus.

— Adeus, Vincent.

Ele virou-se e afastou-se entre os pinheiros.

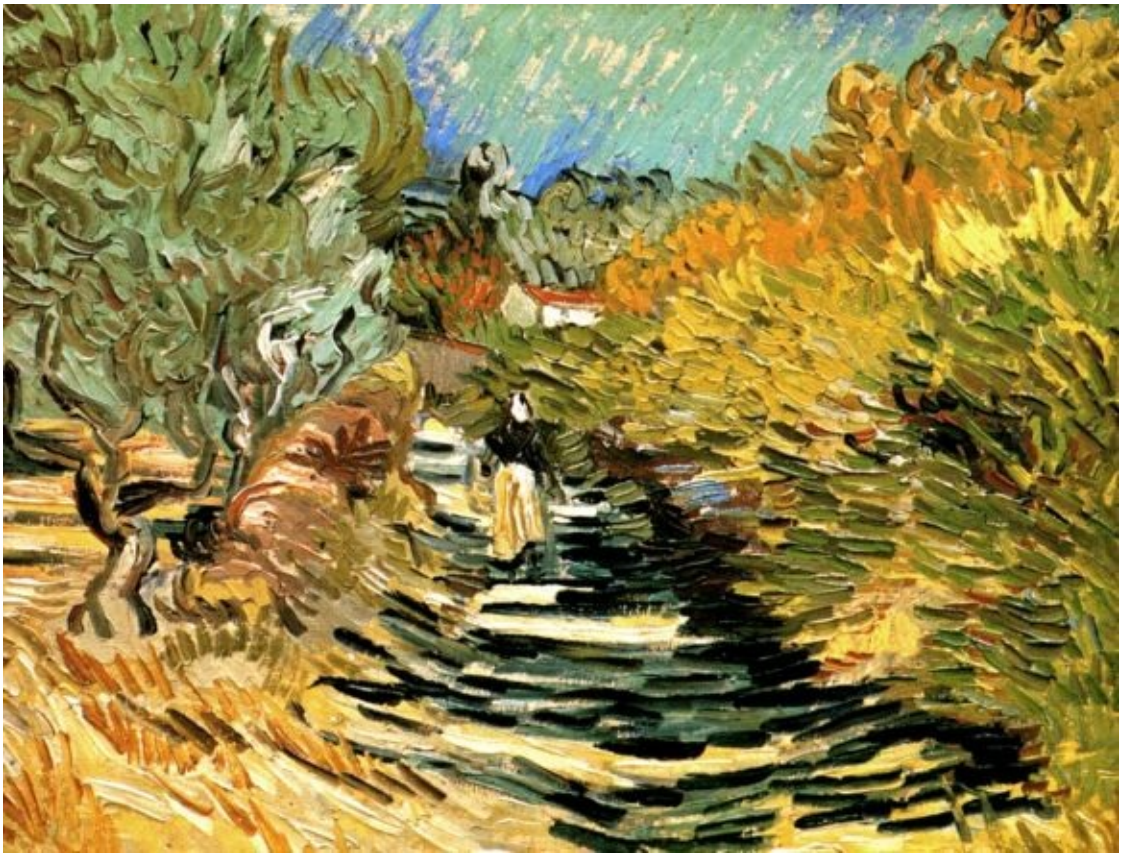
— Vamos entrar, Vincent? — disse o Doutor Peyron, dando um passo para o lado.

Vincent passou pelo Doutor Peyron.

O portão do asilo de insanos foi trancado por trás dele.

Livro Sete

ST. REMY



Estrada em St. Remy com figura feminina (1889)

1

A enfermaria em que os pacientes dormiam era como uma sala de espera de terceira classe na estação de alguma aldeia morta-viva. Os lunáticos sempre usavam seus chapéus, óculos, bengalas e capotes, como se estivessem prestes a partir para algum lugar.

A Irmã Deschanel levou Vincent pela sala comprida, parecendo um corredor, e indicou uma cama vazia.

— Dormirá aqui, monsieur — disse ela. — A noite fechará as cortinas para ter privacidade. O Doutor Peyron deseja vê-lo em sua sala assim que acabar de arrumar suas coisas.

Os onze homens sentados em torno da estufa apagada não notaram nem fizeram qualquer comentário sobre a chegada de Vincent. A Irmã Deschanel afastou-se pela sala comprida e estreita, a roupa branca engomada, capa preta e véu também preto se estendendo em sua esteira rigidamente.

Vincent largou a valise na cama e olhou ao redor. Os dois lados da sala estavam ocupados por camas, descendo num ângulo de cinco graus, cada uma cercada por uma estrutura em que se penduravam cortinas sujas, de uma tonalidade creme. O teto tinha vigas aparecendo, as paredes eram caiadas de branco e no centro havia uma estufa, com um tubo anguloso saindo pelo lado esquerdo e, completando o ambiente, um lampião solitário na sala, pendurado pouco acima da estufa.

Vincent se perguntou por que os homens se mantinham tão quietos.

Não conversavam. Não liam nem jogavam alguma coisa. Inclinavam-se sobre suas bengalas e olhavam para a estufa.

Havia uma caixa pregada na parede ao lado da cama, mas Vincent preferiu deixar os seus pertences na valise. Pôs o cachimbo, tabaco e um livro na caixa, empurrou a valise para baixo da cama. Saiu para o jardim.

No caminho, passou por uma série de quartos escuros, aparentemente úmidos, trancados e abandonados.

O claustro do pátio se encontrava inteiramente deserto. Havia pinheiros altos e uma grama descuidada, invadida pelas ervas daninhas. Os muros criavam um quadrado de luz do sol estagnado. Vincent virou à esquerda e bateu na porta da casa particular em que o Doutor Peyron residia com sua família.

O Doutor Peyron fora um *médecin de marine* em Marseille e depois um oculista. Um caso grave de gota o levara a procurar uma *maison de santé* na tranquilidade dos campos.

— Como pode ver, Vincent — disse o médico, segurando um canto da mesa com cada mão — antigamente eu cuidava da saúde do corpo. No momento, cuido da saúde da alma. É o mesmo *métier.*

— Tem experiência com doenças nervosas, doutor. Pode explicar por que cortei a orelha?

— Isso não é excepcional com epilépticos, Vincent. Já tive dois casos similares. Os nervos auditivos tomam-se extremamente sensíveis e o paciente pensa que pode acabar com as alucinações se cortar a aurícula.

— Ahn... entendo... E os tratamentos que farei...

— Tratamentos? Bom... ahn... você deve tomar pelo menos dois banhos quentes por semana. É uma coisa que exijo. E deve permanecer nos banhos por duas horas. Eles o acalmarão.

— E o que mais devo fazer, doutor?

— Deve permanecer perfeitamente quieto. Não deve se excitar. Não trabalhe, não leia, não discuta nem fique transtornado.

— Tem razão... estou fraco demais para trabalhar.

— Se não quiser participar da vida religiosa de St. Paul, eu direi às irmãs para não insistirem. E se precisar de alguma coisa, venha me procurar.

— Obrigado, doutor.

— O jantar é servido às cinco horas. Ouvirá o gongo. Tente se enquadrar nos padrões do hospital o mais depressa que puder, Vincent. Isso apressará a sua recuperação.

Vincent atravessou o jardim caótico, passou pelo pórtico se esfarelando à entrada do prédio da terceira classe, avançou ao longo das celas escuras e desertas. Foi sentar em sua cama na enfermaria. Os companheiros continuavam sentados em torno da estufa, em silêncio.

Depois de algum tempo, ele ouviu um barulho em outra sala. Os onze homens levantaram-se com um ar de sombria determinação e deixaram a enfermaria. Vincent seguiu-os.

A sala em. que se comia tinha um chão de terra e nenhuma janela.

Havia apenas uma mesa de madeira, comprida e tosca, com bancos nos lados. As irmãs serviram a comida. O gosto era rançoso, como numa pensão da pior qualidade. Primeiro, houve sopa e pão preto; as baratas na sopa fizeram Vincent sentir saudade dos restaurantes de Paris. Em seguida foi servido um prato de grão-de-bico, vagens e lentilhas. Os outros comeram com toda voracidade, recolhendo da mesa as migalhas de pão reto na palma da mão e depois lambendo-as com a língua.

A refeição terminou, os homens voltaram às mesmas cadeiras em torno da estufa, digeriram a comida com uma intensa concentração.

Depois, eles se levantaram, um a um, despiram-se, puxaram as cortinas e foram dormir. Vincent ainda não os ouvira emitirem um único som.

O sol ainda estava se pondo. Vincent ficou na janela, contemplando o vale verde. Havia um céu espetacular, limão-claro, contra o qual se delineavam os pinheiros tristes, em rendilhados pretos delicados. A cena não comoveu Vincent, nem mesmo despertou-lhe o desejo de pintá-la.

Ele continuou na janela até que o denso crepúsculo provençal se infiltrou pelo céu cor de limão, absorvendo toda a cor. Ninguém entrou na sala para acender o lampião. Não havia coisa alguma para se fazer na escuridão, a não ser pensar na própria vida.

Vincent despiu-se e deitou-se. Permaneceu de olhos abertos, fixados nas vigas toscas do teto. A inclinação da cama empurrava-o para a base.

Ele trouxera o livro de Delacroix. Tateou na caixa, encontrou-o, comprimiu a capa de couro contra o coração, no escuro. A sensação tranquilizou-o. Seu lugar não era com os lunáticos que o cercavam, mas sim com o grande mestre, cujas palavras de sabedoria e conforto fluíam através da capa dura para o seu coração angustiado.

Acabou dormindo, depois de algum tempo. Foi despertado por um gemido baixo na cama ao seu lado. Os gemidos foram se tomando mais e mais altos, até que se transformaram em gritos e num fluxo de palavras veementes.

— Vá embora! Pare de me seguir! Por que me segue? Eu não o matei! Você não pode me enganar. Sei quem é. Um agente da polícia secreta! Pode me revistar, se quiser! Não roubei aquele dinheiro! Ele próprio se matou na quarta-feira! Vá embora! Pelo amor de Deus, deixe-me em paz!

Vincent levantou-se de um pulo e puxou a cortina. Viu um jovem louro, de 23 anos, rasgando seu camisolão com os dentes. Quando percebeu a presença de Vincent, o rapaz ajoelhou-se, mãos postas à sua frente, com fervor.

— Monsieur Mounet-Sully, não me leve! Juro que não fui eu! Não sou um sodomita! Sou um advogado! Cuidarei de todos os seus casos, Monsieur Mounet-Sully, desde que não me prenda! Eu não poderia tê-lo matado na última quarta-feira! Não estou com o dinheiro! Olhe! Não está aqui!

Ele arrancou as cobertas e começou a rasgar o colchão num paroxismo de frenesi maníaco, gritando durante todo o tempo contra a polícia secreta e as falsas acusações. Vincent não sabia o que fazer. Todos os outros pacientes pareciam dormir profundamente.

Vincent correu para a outra cama, puxou a cortina e sacudiu o homem ali estava deitado. Ele abriu os olhos e fitou Vincent com uma expressão aturdida.

— Levante-se e me ajude a acalmá-lo! — gritou Vincent. — Ele pode acabar se machucando!

O homem na cama começou a babar pelo lado direito da boca. Soltou um fluxo de sons inarticulados.

— Depressa! — gritou Vincent. — Há necessidade de dois homens para contê-lo!

Ele sentiu uma mão em seu ombro. Virou-se abruptamente. Um dos homens mais velhos estava parado ali.

— Não adianta se incomodar com esse — disse ele. — É um idiota. Não pronunciou uma única palavra desde que chegou aqui. Nós dois acalmaremos o garoto.

O rapaz louro abrira um buraco no colchão com as unhas, estava agachado por cima, arrancando a palha. Quando tomou a olhar para Vincent, ele passou a gritar citações legais. Bateu ansiosamente com as mãos no peito de Vincent.

— Sim, sim, eu o matei! Eu o matei! Mas não foi por pederastia! Eu não fiz isso, Monsieur Mounet-Sully. Não na última quarta-feira. Foi pelo dinheiro! Está comigo! Escondi a carteira no colchão! Encontrarei para você! Só peço que faça com que a polícia secreta deixe de me seguir! Posso continuar livre, apesar de tê-lo matado! Citarei vários casos para provar... Aqui está! Eu tirarei do colchão!

— Pegue o outro braço dele — disse o velho a Vincent.

Os dois obrigaram o rapaz a ficar deitado na cama, mas o acesso continuou por mais de uma hora. Finalmente, exausto, suas palavras se transformaram num murmúrio incompreensível e depois ele mergulhou num sono febril. O homem mais velho deu a volta para o lado de Vincent.

— O rapaz estava estudando para se tomar advogado — explicou ele. — Sobrecarregou demais o cérebro. Esses ataques ocorrem a intervalos mais ou menos de dez dias. Ele nunca faz mal a ninguém. Boa noite, monsieur.

O homem mais velho voltou à sua cama e um momento depois estava dormindo. Vincent retomou à janela de onde tinha uma vista do vale. Ainda faltava muito tempo para o amanhecer e nada era visível, a não ser a estrela matutina. Ele lembrou-se do quadro que Daubigny fizera da estrela matutina, expressando toda a paz e vasta majestade do universo... e todo o sentimento de compaixão pelo indivíduo insignificante que lá de baixo a contemplava.

2

Na manhã seguinte, depois do café, os homens saíram para o jardim.

Além do muro do outro lado podia-se ver a crista das colinas áridas e desoladas, mortas desde os tempos em que os romanos haviam-nas cruzado pela primeira vez. Vincent observou os seus companheiros jogarem boliche apaticamente. Sentou-se num banco de pedra e contemplou as árvores grossas cobertas por hera, baixou os olhos para o solo pontilhado de pervincas. As irmãs, da ordem de St. Joseph d'Aubenas, passaram a caminho da velha capela romana, figuras de camundongo em preto e branco, os olhos fundos nas cabeças, tateando suas contas e murmurando as orações matutinas.

Depois de uma hora de boliche silencioso, os homens voltaram à frescura de seu dormitório. Sentaram em tomo da estufa apagada. Aquela ociosidade extrema deixou Vincent consternado. Não podia entender por que eles não tinham sequer um jornal velho para ler.

Quando não podia mais suportar, saiu para o jardim e deu uma volta.

Mesmo o sol em St. Paul parecia moribundo.

Os prédios do velho mosteiro haviam sido construídos num quadrângulo convencional: ao norte, a enfermaria dos pacientes de terceira classe; a leste, a casa do Doutor Peyron, a capela e um claustro do século X; ao sul, os prédios dos pacientes de primeira e segunda classes; e a oeste o pátio dos lunáticos perigosos e um muro comprido, de argila. O portão gradeado e trancado era a única saída. Os muros tinham quase quatro metros de altura, lisos e impossíveis de escalar.

Vincent foi para um banco de pedra ao lado de uma roseira silvestre e sentou-se. Tentou argumentar consigo mesmo, formular uma ideia objetiva do motivo pelo qual viera para Sr. Paul. Foi dominado por uma terrível desolação e horror, que o impediam de pensar. Em seu coração, não podia mais encontrar esperança nem desejo.

Cambaleou de volta ao dormitório. No momento em que passou pelo pórtico do prédio ouviu o estranho ganido de um cachorro. Antes de alcançar a porta do dormitório, o barulho passara do ganido de um cachorro para o uivo de um lobo.

Vincent desceu por toda a extensão do dormitório. No outro canto, o rosto virado para a parede, ele encontrou o velho da noite anterior. O rosto do homem estava levantado para o teto. Ele uivava com toda a força de seus pulmões, com uma expressão bestial. O uivo do lobo foi substituído por algum estranho chamado da selva. O som lúgubre espalhou-se por todo o lugar.

“Em que casa de loucos vim me meter?”, pensou Vincent.

Os homens em tomo da estufa não davam a menor atenção. Os ganidos do animal no canto elevaram-se para uma estridência de desespero.

— Tenho de fazer alguma coisa por ele — disse Vincent, em voz alta.

O rapaz louro deteve-o.

— É melhor deixá-lo em paz. Se lhe dirigir a palavra, ele terá um acesso de raiva. Acabará em poucas horas.

Os muros do mosteiro eram grossos, mas durante todo o almoço Vincent pôde ouvir os gritos instáveis do aflito rompendo o vasto silêncio.

Ele passou a tarde no outro canto do jardim, tentando escapar aos uivos frenéticos.

Naquela noite, ao jantar, um rapaz que tinha o lado esquerdo paralisado pegou uma faca, levantou-se abruptamente e comprimiu-a contra o coração, com a mão direita.

— O momento chegou! — gritou ele. — Vou me matar!

O homem à sua direita levantou-se com um ar de cansaço e segurou o braço do paralítico.

— Hoje não, Raymond — disse ele. — Hoje é domingo.

— Tem de ser hoje! Não quero viver! Recuso-me a viver! Largue meu braço! Quero me matar!

— Amanhã, Raymond, amanhã. Hoje não é o dia apropriado.

— Largue meu braço! Cravarei esta faca no meu coração! Tenho de me matar!

— Eu sei, Raymond, eu sei. Mas não agora.

Ele tirou a faca da mão de Raymond e conduziu-o de volta ao dormitório, chorando, numa fúria de impotência.

Vincent virou-se para o homem ao seu lado, cujos olhos avermelhados observavam ansiosamente os seus dedos trêmulos, enquanto tentava levar a sopa à boca.

— O que há com ele? — perguntou Vincent.

O sifilítico baixou a colher e disse: — Não se passou um único dia, durante o ano inteiro, em que Raymond não tenha tentado cometer suicídio.

— Por que ele tenta aqui? — indagou Vincent. — Por que não rouba a faca e se mata depois que todos dormirem?

— Talvez ele não deseje morrer, monsieur.

Na manhã seguinte, quando Vincent observava os outros jogarem boliche, um dos homens caiu no chão, num paroxismo convulsivo. —

— Depressa! — gritou alguém. — É um ataque epiléptico!

— Peguem os braços e pernas!

Foram necessários quatro homens para imobilizarem os braços e pernas. O epiléptico a se contorcer parecia ter a força de uma dúzia de homens. O rapaz louro meteu a mão no bolso, tirou uma colher e meteu-a entre os dentes do homem prostrado.

— Segure a cabeça — ele gritou para Vincent.

O epiléptico passou por uma série de convulsões, os piques se tornando mais e mais altos. Os olhos reviraram e a espuma escorreu pelos cantos da boca.

— Por que mantém uma colher em sua boca? — perguntou Vincent ao rapaz louro.

— Para ele não morder a língua.

Depois de meia hora de tremor o homem mergulhou na inconsciência. Vincent e mais dois levaram-no para a cama. Foi o fim do incidente; ninguém tornou a mencioná-lo.

Ao final de uma quinzena, Vincent já testemunhara todos os seus onze companheiros passarem por alguma forma particular de insanidade: o maníaco ruidoso que rasgava as roupas do corpo e quebrava tudo ao seu redor; o homem que uivava como um animal; os dois sifilíticos; o monomaníaco suicida; o paralítico que sofria de excesso de fúria e exaltação; o epiléptico; o homem com mania de perseguição; o rapaz louro que se sentia perseguido pela polícia secreta.

Não se passava um dia sem que algum deles tivesse um ataque; não se passava um dia sem que Vincent fosse chamado para acalmar algum maníaco momentâneo. Os pacientes de terceira classe tinham de ser os médicos e enfermeiros uns dos outros. Peyron aparecia apenas uma vez por semana e os guardas só se preocupavam com os pacientes de primeira e segunda classes. Os homens permaneciam unidos, ajudavam-se mutuamente nos momentos de af lição, tinham uma paciência interminável; cada um sabia que sua vez tomaria a chegar, em breve, e que precisaria da ajuda e paciência dos companheiros.

Era uma irmandade de *fous.*

Vincent sentia-se contente por esta ali. Testemunhando a verdade sobre a vida dos loucos, ele perdia lentamente o temor vago, o medo da insanidade. Pouco a pouco passou a considerar a loucura uma doença como outra qualquer. Ao final da terceira semana descobria que seus companheiros não eram mais assustadores do que se sofressem de tísica ou câncer.

Muitas vezes ele sentava e conversava com o idiota. O homem só podia responder com sons incoerentes, mas Vincent sentia que ele o compreendia e sentia-se feliz porque lhe falava. As irmãs jamais conversavam com os homens, a não ser que fosse absolutamente indispensável. O contata racional de Vincent a cada semana consistia nos cinco minutos de conversa com o Doutor Peyron.

— Por que os homens nunca falam uns com os outros, doutor? — perguntou Vincent. — Alguns parecem bastante inteligentes, quando estão bem.

— Eles não podem conversar entre si, Vincent, porque logo passam a discutir, ficam nervosos, sofrem um ataque. Por isso, aprenderam que a única maneira de conviver é permanecerem totalmente quietos.

— Não é como se estivessem mortos?

Peyron deu de ombros. — Isso, meu caro Vincent, é uma questão de opinião.

— Mas por que eles pelo menos não leem? Eu diria que os livros...

— A leitura faz com que suas mentes comecem a se agitar, Vincent. E um momento depois eles sofrem um ataque violento. Nada disso, meu amigo. Eles devem habitar o seu próprio mundo fechado. E não há necessidade de sentir pena deles. Não lembra o que Dryden disse? “Há um prazer, é certo, em ser louco que somente os loucos podem conhecer.”

Um mês transcorreu. Vincent.não teve em nenhum momento o desejo de estar em outro lugar. Também não notou em algum dos outros o desejo de sair dali. Sabia que isso provinha do sentimento de que estavam todos completamente perdidos para a vida lá fora.

— E pela enfermaria pairava o odor fétido de homens em deterioração.

Vincent conservava o seu espírito rigidamente, à espera do dia em que lhe voltariam o desejo e a força para pintar. Seus companheiros vegetavam na ociosidade, pensando apenas em suas três refeições por dia.

A fim de se disciplinar contra essa rendição, Vincent recusava-se a comer qualquer comida rançosa ou ligeiramente estragada. Engolia apenas um pouco de pão preto e sopa. Theo enfiou-lhe uma edição em um volume de Shakespeare; ele leu “Richard III”, “Henry IV” e “Henry V”, projetando sua mente para outros dias e outros lugares.

Lutava bravamente para impedir que a angústia se acumulasse em seu coração como água no pântano.

Theo estava agora casado. Ele e a esposa Johanna escreviam frequentemente para Vincent. A saúde de Theo era precária. Vincent preocupava-se mais com o irmão do que consigo mesmo. Pediu a Johanna que desse a Theo novamente a saudável comida holandesa, depois de dez anos de alimentação em restaurantes.

Vincent sabia que o trabalho o distraía infinitamente melhor do que qualquer outra coisa e que possivelmente seria o melhor remédio se pudesse se lançar de novo com toda a sua força. Os homens na enfermaria nada tinham para salvá-los de uma morte em deterioração. Mas ele possuía a sua pintura, que o tiraria do asilo como um homem saudável e feliz.

Ao final da sexta semana o Doutor Peyron concedeu a Vincent um pequeno cômodo para instalar um estúdio. Tinha um papel cinza-esverdeado e duas cortinas de um verde-marinho, com um estampado de rosas muito claras. As cortinas e uma velha poltrona, com um estofamento chapinhado como um Monticelli, haviam sido deixadas por um paciente rico que morrera ali. O cômodo dava para uma plantação de milho abandonada e a liberdade. Havia grossas barras pretas na janela.

Vincent pintou rapidamente a paisagem que divisava pela janela. O milharal ao fundo fora destruído pela chuva. Um muro de limite descia por uma encosta. Além da folhagem cinzenta de umas poucas oliveiras apareciam algumas colinas e cabanas. No topo da tela Vincent pôs uma nuvem grande, cinza e branca, afogada no azul.

Ele voltou à enfermaria na hora do jantar, exultante. Sua força não o deixara. Outra vez se defrontava com a natureza. O sentimento pelo trabalho preservara-o e forçara-o a criar.

O asilo de loucos não podia agora matá-lo. Estava a caminho da recuperação. Dentro de poucos meses sairia dali. Estaria livre para voltar a Paris e seus velhos amigos. A vida recomeçava para ele. Escreveu para Theo uma carta longa e tumultuada, com pedidos de tintas, telas, pincéis e livros interessantes.

O sol surgiu amarelo e quente na manhã seguinte. As cigarras no jardim começaram a cantar estridentemente, dez vezes mais forte do que os grilos. Vincent armou seu cavalete no jardim e pintou os pinheiros, os arbustos e os caminhos. Os companheiros vieram olhar por cima de seu ombro, mas permaneceram perfeitamente silenciosos e respeitosos.

— Eles têm maneiras melhores do que o bom povo de Arles — murmurou Vincent para si mesmo.

Ao final daquela tarde ele foi procurar o Doutor Peyron.

— Estou me sentindo perfeitamente bem, doutor. Gostaria de sua permissão para deixar a área do hospital e pintar.

— Está realmente parecendo melhor, Vincent. Os banhos e o sossego o têm ajudado. Mas não acha que é um pouco perigoso sair tão cedo?

— Perigoso? Ora, claro que não. Por que seria?

— Vamos supor que você... tivesse um ataque... nos campos...

Vincent riu.

— Não terei mais ataques, doutor. Já superei isso. Sinto-me melhor do que estava antes dos ataques começarem.

— Não, Vincent, infelizmente...

— Por favor, doutor! Se eu puder sair a qualquer parte, pintar as coisas que amo, não percebe como serei muito mais feliz?

— Bom, se é trabalho o que você precisa...

E assim o portão foi aberto para Vincent. Ele pôs o cavalete nas costas e saiu à procura de quadros. Passava dias inteiros nas colinas por trás do asilo. Os ciprestes em torno de St. Remy começaram a ocupar seus pensamentos. Queria fazer alguma coisa com eles, como as suas telas de girassóis. Espantava-o que ainda não tivessem sido pintados como os via.

Achava-os tão belos em linhas e proporções quanto um obelisco egípcio; manchas de preto numa paisagem ensolarada.

Os velhos hábitos dos dias arlesianos voltaram. Todas as manhãs, ao nascer do sol, ele saía com uma tela em branco; ao pôr-do-sol a tela recebera uma transcrição da natureza. Se houvera alguma diminuição de sua força e capacidade, ele não podia percebê-la. A cada dia sentia-se mais forte, mais sensível, mais seguro.

Agora que era novamente o mestre de seu próprio destino, não mais temia comer no asilo. Devorava a comida avidamente, até mesmo a sopa de barata. Precisava de comida para ter força e trabalhar. Nada tinha a recear agora. Estava no controle completo de si mesmo.

Quando já se achava no asilo há três meses ele encontrou um tema de ciprestes que o elevou acima de seus problemas, além de todos os sofrimentos que suportara. As árvores eram maciças. O primeiro plano era baixo, com amoreiras silvestres e moitas cerradas. Por trás, havia algumas colinas violetas, um céu verde e rosa, com uma lua decrescente. Ele pintou as amoreiras em primeiro plano muito densas, com toques de amarelo, violeta e verde. Quando contemplou a sua tela naquela noite, ele compreendeu que saíra do poço e outra vez pisava terra firme, o rosto virado para o sol.

Em sua alegria incontrolável, viu a si mesmo, mais uma vez, como um homem livre.

Theo mandou algum dinheiro extra e Vincent obteve permissão para ir a Arles recuperar seus quadros. As pessoas na Place Lamartine mostraram-se corteses, mas a visão na casa amarela deixou-o extremamente angustiado. Pensou que ia desmaiar. Ao invés de visitar Roulin e o Doutor Rey, como planejara, saiu à procura do senhorio, que estava com os seus quadros.

Vincent não voltou ao asilo naquela noite, conforme prometera. No dia seguinte ele foi encontrado entre Tarascon e St. Remy caído de cara numa vala.

3

A febre lhe toldou a mente por três semanas. Os homens na enfermaria, dos quais Vincent se compadecera porque seus ataques eram recorrentes, mostraram-se muito pacientes com ele. Quando se recuperou o suficiente para compreender o que acontecera, Vincent repetiu muitas vezes para si mesmo:

— É abominável! É abominável!

Perto do final da terceira semana, quando ele já começava a andar pela sala comprida e desolada, parecendo um corredor, para fazer um pouco de exercício, as irmãs trouxeram um novo paciente. Ele se deixou conduzir até a cama docilmente. Mas assim que as irmãs se retiraram, o homem se lançou a um violento acesso de ira. Rasgou todas as roupas de seu corpo, gritando a plenos pulmões durante todo o tempo. Destruiu o colchão da cama, quebrou a caixa pregada na parede, arrancou as cortinas, derrubou a estrutura, chutou sua valise até deixá-la como uma massa informe.

Os reclusos jamais tocavam num recém-chegado. Finalmente apareceram dois guardas e levaram o maníaco. Ele foi trancafiado numa cela no corredor, ali perto. Uivou como uma besta selvagem por duas semanas. Vincent ouvia-o dia e noite. E depois os gritos cessaram por completo. Vincent observou os guardas enterrarem o homem no pequeno cemitério por trás da capela.

Uma terrível depressão dominou-o. Quanto mais sua saúde voltava ao normal, mais o cérebro podia raciocinar friamente, mais absurdo lhe parecia continuar a pintar quando isso custava tanto e nada proporcionava em troca. E, no entanto, se ele não trabalhasse, não poderia viver.

O Doutor Peyron deu-lhe alguma carne e vinho de sua própria mesa, mas recusou-se a permitir que voltasse a seu estúdio. Vincent não se importou, enquanto estava convalescendo. Mas revoltou-se quando recuperou a força e descobriu-se condenado à ociosidade intolerável de seus companheiros.

— Doutor Peyron, meu trabalho é necessário para a minha recuperação. Se me obriga a ficar sentado na ociosidade, como aqueles malucos, acabarei me tornando um deles.

— Sei disso, Vincent. Mas foi trabalhar tão arduamente que acarretou seu ataque. Devo mantê-lo ao longe desse excitamento.

— Não, doutor, não foi o trabalho. Foi a viagem a Arles que provocou tudo. Fiquei doente assim que vi a Place Lamartine e a casa amarela. Mas se eu nunca mais voltar lá, jamais terei outro ataque. Por favor, deixe-me voltar a meu estúdio.

— Não estou disposto a assumir a responsabilidade nessa questão. Escreverei para seu irmão. Se ele der consentimento, então o deixarei voltar ao trabalho.

A carta em resposta de Theo, exortando o Doutor Peyron a permitir que Vincent pintasse, transmitia uma notícia sensacional. Theo ia se tornar pai. A notícia deixou Vincent tão feliz e forte como ficara antes do último ataque. Ele sentou-se imediatamente e escreveu para Theo uma carta arrebatada.

“Sabe o que eu espero, Theo? É que uma família seja para você o que a natureza, a terra, a relva, o milho amarelo e os camponeses são para mim. O bebê que Johanna espera lhe dará uma compreensão da realidade que de outra forma seria impossível numa cidade grande. Agora, certamente, você está envolto pela natureza, já que diz que Johanna sente a criança se mexer.”

Mais uma vez ele foi a seu estúdio e pintou a cena além da janela com as barras de ferro, o milharal com um pequeno colhedor e um sol enorme. A tela era toda amarelada, exceto pelo muro, que descia a encosta numa inclinação brusca, e as colinas violetas ao fundo.

O Doutor Peyron concordou com o desejo de Theo e permitiu que Vincent deixasse a área do asilo para trabalhar lá fora. Ele pintou os ciprestes que fluíam do solo e se despejavam no teto amarelo do sol. Fez uma tela de mulheres recolhendo azeitonas; o solo violeta e, mais além, ocre; as árvores com troncos de bronze e folhagem cinza-verde; o céu e as três figuras das mulheres de um rosa profundo.

A caminho do trabalho, ele parava e conversava com os homens que aravam os campos. Em sua mente, achava-se abaixo daqueles camponeses.

— Eu trabalho em minhas telas da mesma forma que você trabalha o campo — disse Vincent a um deles.

O final do outono provençal levou a um ponto extraordinário de beleza. A terra produzia todos os seus violetas; a relva queimada flamejava em torno das pequenas rosas no jardim; os céus verdes contrastavam com as tonalidades variadas de folhagem amarela.

E com o final do outono veio a força plena de Vincent. Ele constatou que seu trabalho ia bem. Boas ideias começavam a ressurgir em sua mente; ele sentia-se feliz em deixar que se desenvolvessem. Por causa de sua longa permanência, começou a sentir a região intensamente. Tinha um caráter muito diferente de Arles. A maior parte do mistral era detida pelas colinas que contornavam o vale. O sol era muito menos ofuscante. Agora que passara a compreender a região em torno de St. Remy, ele não queria deixar o asilo. Nos primeiros meses de sua estada rezara para que o ano passasse sem destruir a sua mente. Agora que se

empenhava em seu trabalho, não sabia se estava num hospital ou num hotel. Embora se sentisse perfeitamente bem, achava tolice se transferir para outro lugar e passar mais seis meses a se relacionar com uma terra estranha.

As cartas de Paris mantinham-no animado. A mulher de Theo cozinhava em casa para ele, a saúde do irmão se recuperava rapidamente.

Johanna esperava o filho sem problemas. E todas as semanas Theo enviava tabaco, chocolate, tintas, livros e uma nota de dez ou vinte francos.

A recordação do ataque depois da viagem arlesiana desapareceu da mente de Vincent. Vezes sem conta ele se tranquilizava, raciocinando que se nunca mais voltasse à maldita cidade teria seis meses de saúde normal a seu crédito. Quando seus estudos dos ciprestes e oliveiras secaram, ele lavou-os com água e um pouco de vinho, a fim de remover o óleo no *péte,* depois despachou para Theo. Recebeu com desapontamento o anúncio de Theo de que exibiria algumas de suas telas no Salão dos Independentes, pois achava que ainda não realizara o seu melhor trabalho. Queria esperar até que aperfeiçoasse sua técnica.

Cartas de Theo asseguraram-lhe que seu trabalho progredia num ritmo extraordinário. Vincent decidiu que, quando terminasse seu ano no asilo, alugaria uma casa na aldeia de St. Remy e continuaria a pintar o sul.

Experimentava novamente a alegria exultante que conhecera nos dias arlesianos antes da chegada de Gauguin, quando pintava os seus painéis de girassóis.

Uma tarde, quando trabalhava calmamente nos campos, sua mente começou a vaguear. Durante aquela noite os guardas do asilo encontraram-no a vários quilômetros do cavalete. Seu corpo estava enroscado em torno do tronco de um cipreste.

4

Ao final do quinto dia ele voltou ao normal. O que lhe doía mais era a maneira como seus companheiros aceitavam os ataques como inevitáveis.

O inverno chegou. Vincent não sentia vontade de sair da cama. A estufa no centro da enfermaria agora ardia intensamente. Os homens sentavam ao seu redor num silêncio congelado, de manhã à noite. As janelas da enfermaria eram pequenas e altas, deixando entrar apenas um mínimo de luz. A estufa aquecia e espalhava o odor denso de deterioração.

As irmãs, ainda mais retraídas em suas toucas, circulavam murmurando preces e dedilhando seus rosários. As colinas áridas ao fundo sobressaíam como cabeças mortas.

Vincent ficava acordado em sua cama enviesada. O que lhe ensinara o quadro de Scheveningen feito por Mauve? *"Savoir souffrir sans se plaindre":* Saber sofrer sem se queixar, encarar a dor sem repugnância... só que nisso ele corria o risco da vertigem. Se cedesse ao sofrimento, à desolação, isso o mataria. Havia um momento na vida de cada homem em que era necessário abandonar o sofrimento como se fosse um manto repulsivo.

Os dias passavam, cada um exatamente como o anterior. Sua mente se mantinha árida de ideias e esperança. Ouviu as irmãs especularem sobre seu trabalho; elas discutiam se ele pintava porque era louco ou era louco porque pintava.

O idiota sentava ao lado de sua cama e balbuciava de maneira incompreensível por horas a fio. Vincent sentia alguma satisfação na amizade do homem e não o afastava. Muitas vezes ele falava ao idiota, pois não havia mais ninguém que o escutasse.

— Elas pensam que meu trabalho me levou à loucura — disse ele ao homem um dia, enquanto duas irmãs passavam. — Sei que, no fundo, é perfeitamente verdade que um pintor se toma por demais absorvido no que seus olhos contemplam e não domina por completo o resto de sua vida. Mas isso o torna desajustado para viver neste mundo?

O idiota apenas babava.

Foi uma frase do livro de Delacroix que finalmente lhe deu a força necessária para sair da cama: "Descobri a pintura quando não tinha mais dentes nem fôlego."

Por várias semanas ele não teve sequer o desejo de ir ao jardim.

Sentava-se na enfermaria, perto da estufa, lendo os livros que Theo enviava

de Paris. Quando um dos vizinhos sofria um ataque, ele não saía da cadeira, não levantava os olhos. A insanidade se tornara a sanidade, o anormal se tomara o normal. Já se passara tanto tempo que ele convivera com pessoas racionais, de tal forma que não mais considerava os seus companheiros como sendo irracionais.

— Sinto muito, Vincent — disse o Doutor Peyron — mas não posso lhe dar permissão para deixar os nossos terrenos outra vez. No futuro, deve permanecer dentro dos muros.

— Permitirá que eu trabalhe em meu estúdio?

— Aconselho-o a não fazer isso.

— Prefere que eu cometa suicídio, doutor?

— Está bem, trabalhe em seu estúdio. Mas apenas durante umas poucas horas por dia.

Nem mesmo a visão do cavalete e dos pincéis foi capaz de dissipar a apatia de Vincent. Ele sentou-se na poltrona Monticelli e ficou olhando pelas barras de ferro para o milharal destruído.

Poucos dias depois ele foi chamado ao gabinete do Doutor Peyron para assinar uma carta registrada. Quando abriu o envelope, encontrou um cheque de quatrocentos francos, em seu nome. Era a maior quantia que já possuíra de uma só vez. Ele se perguntou por que Theo a teria mandado. E leu a carta:

Meu caro Vincent:

Finalmente! Uma de suas telas foi comprada por quatrocentos francos! Foi Vinhedo Vermelho, que você pintou em Arles na primavera passada. Foi comprada por Anna Bock, irmã do pintor holandês.

Parabéns, meu velho! Em breve o estaremos vendendo por toda a Europa! Use esse dinheiro para voltar a Paris, se o Doutor Peyron concordar.

Conheci recentemente um homem extraordinário, o Doutor Gachet, que tem uma casa em Auvers-sur-l'Oise, a apenas uma hora de Paris. Todo pintor importante desde Daubigny tem pintado em sua casa. Ele alega que compreende perfeitamente o seu caso e que cuidará de você a qualquer momento em que vier para Auvers.

Eu lhe escreverei novamente amanhã.

Theo

Vincent mostrou a carta ao Doutor Peyron e esposa. Peyron leu-a com uma expressão pensativa, depois examinou o cheque. Deu os parabéns a Vincent por sua boa sorte. Vincent desceu pelo caminho, o cérebro em ação outra vez para firmar a vida, com um empenho febril. No meio do jardim percebeu que trouxera o cheque, mas deixara a carta de Theo no gabinete do Doutor Peyron. Virou-se e

voltou apressadamente.

Já ia bater na porta quando ouviu seu nome ser mencionado lá dentro. Hesitou por um instante, indeciso.

— Então por que acha que ele fez isso? — perguntou Madame Peyron.

— Talvez ele pensasse que seria bom para o irmão.

— Mas se ele não tem condições de gastar o dinheiro...

— Imagino que achou que valia a pena, a fim de levar Vincent de volta ao normal.

— Acha mesmo que não há qualquer possibilidade de ser verdade?

— Minha cara Marie, como poderia ser? A tal mulher é supostamente a irmã de um artista. E como poderia qualquer pessoa com alguma percepção...

Vincent afastou-se.

Ao jantar, ele recebeu um telegrama de Theo.

DEI SEU NOME AO MENINO

JOHANNA E VINCENT PASSAM BEM

A venda do seu quadro e a notícia maravilhosa de Theo proporcionaram a recuperação de Vincent da noite para o dia. Pela manhã, bem cedo, ele foi ao estúdio, limpou os pincéis, separou as telas e estudos encostados nas paredes, murmurando para si mesmo: — Se Delacroix pôde descobrir a pintura quando não tinha mais dentes ou fôlego, eu posso descobri-la quando não tenho mais dentes ou juízo.

Ele se lançou ao trabalho com uma fúria atordoada. Copiou *O Bom Samaritano* de Delacroix *e O Semeador e o Escavador* de Millet. Estava determinado a aceitar o seu recente infortúnio como uma espécie de gripe do norte. A vida da arte era destruidora; ele sabia disso quando começara.

Então por que deveria se queixar agora?

Exatamente duas semanas depois de receber o cheque de quatrocentos francos, ele encontrou na correspondência um exemplar do número de janeiro do *Mercure de France.* Notou que Theo marcara uma chamada na capa do artigo intitulado “Les Isolées”. Tratou de lê-lo:

O que caracteriza todo o trabalho de Vincent Van Gogh é o excesso de força e a violência na expressão. Em sua afirmação categórica do caráter essencial das coisas, em sua frequente simplificação ousada da forma, em seu insolente desejo de fitar o sol cara a cara, na paixão do desenho e cor, revela-se um pintor vigoroso, viril, que se atreve, às vezes brutal, às vezes engenhosamente delicado.

Vincent Van Gogh é da sublime linhagem de Frans Hals. Seu realismo vai além da verdade daqueles grandes pequenos-burgueses da Holanda, tão

saudáveis de corpo, tão equilibrados de mente, que foram seus ancestrais. O que marca as suas telas é o estudo consciencioso do caráter, a contínua busca da quintessência de cada objeto, o amor profundo e quase infantil pela natureza e a verdade.

Esse artista vigoroso e autêntico, com uma alma iluminada, conhecerá algum dia a alegria de ser reabilitado pelo público? Acho que não. Ele é muito simples e ao mesmo tempo muito sutil para o nosso espírito burguês contemporâneo. Nunca será inteiramente compreendido, exceto por seus irmãos artistas.

G. — Albert Aurier

Vincent não mostrou o artigo ao Doutor Peyron.

Toda a sua força e sede de viver lhe voltaram. Pintou um quadro da enfermaria em que dormia, pintou um quadro do supervisor e depois de sua esposa, fez mais cópias de Millet e Delacroix, enchia as noites e os dias com um trabalho tumultuado.

Repassando cuidadosamente a história de sua doença, constatou claramente que os ataques eram cíclicos em sua natureza, ocorrendo a intervalos de três meses. Muito bem, se ele sabia quando estavam para chegar, poderia se cuidar. Quando o próximo ataque se aproximasse, ele pararia de trabalhar, deitaria e se prepararia para uma breve indisposição. E depois de poucos dias estaria de pé outra vez, como se não sofresse de nada mais que um pequeno resfriado.

A única coisa que agora o perturbava no asilo era a intensa natureza religiosa do lugar. Parecia-lhe que, com o advento do inverno escuro, as irmãs haviam sofrido um ataque histérico. Às vezes, enquanto as observava murmurarem suas preces, beijarem seus crucifixos, dedilharem seus rosários, andarem com os olhos grudados na Bíblia, entrarem na ponta dos pés na capela para orações e serviços cinco e seis vezes por dia, Vincent sentia dificuldade em determinar quem eram os pacientes naquele asilo de insanos e quem eram os atendentes. Desde os seus dias na Borinage que ele tinha horror a todos os tipos de exagero religioso. Havia momentos em que descobria as aberrações das irmãs investindo contra sua mente. Lançava-se então com mais afinco ainda ao trabalho, tentando eliminar de sua mente a imagem das criaturas de capuz preto.

Ele se deu 48 horas de prazo ao final do terceiro mês, indo para a cama em perfeita saúde e espírito firme. Puxou as cortinas ao seu redor, a fim de que as irmãs, abaladas por sua exaltação religiosa sempre crescente, não pudessem destruir a sua paz de espírito.

E veio o dia em que o ataque deveria ocorrer. Vincent aguardou-o ansiosamente, quase com afeição. As horas se arrastaram. Nada aconteceu.

Ele ficou surpreso, depois desapontado. O segundo dia passou. Ele ainda se

sentia completamente normal. Quando o terceiro dia terminou sem qualquer contratempo, ele teve de rir de si mesmo.

“Tenho sido um tolo. Foi o último ataque, no final das contas. O Doutor Peyron estava enganado. Daqui por diante não preciso ter medo.

Desperdicei meu tempo, deitado na cama deste jeito. Amanhã de manhã voltarei ao trabalho.”

Na calada da noite, quando os outros dormiam, ele saiu da cama sem fazer barulho. Percorreu descalço o chão de pedra da enfermaria.

Encontrou no escuro o caminho para o porão, onde o carvão era guardado.

Caiu de joelhos, pegou um punhado de pó de carvão e esfregou no rosto.

“Está vendo, Madame Denis? Eles me aceitam agora. Sabem que sou um deles. Não confiaram em mim antes, mas agora sou um *gueule noire.*

Os mineiros me deixarão levar-lhes a Palavra de Deus.”

Os guardas encontraram-no ali pouco depois do amanhecer. Ele sussurrava orações caóticas, repetia fragmentos da Bíblia, respondendo a vozes que contavam estranhas histórias em seus ouvidos.

As alucinações religiosas prolongavam-se por vários dias. Quando recuperou os sentidos, Vincent pediu a uma das irmãs que chamasse o doutor Peyron.

— Acho que eu teria evitado esse ataque, doutor — disse ele — se não fosse por toda a histeria religiosa a que estou exposto.

O Doutor Peyron deu de ombros, inclinou-se para a cama, puxou as cortinas.

— O que posso fazer, Vincent? Sempre acontece, em todos os invernos. Não aprovo, mas também não posso interferir. As irmãs fazem um bom trabalho, apesar de tudo.

— Seja como for; doutor, já é bastante difícil se manter são entre todos os loucos, sem ficar exposto à insanidade religiosa ainda por cima. Eu já passara pelo momento do meu ataque...

— Não se iluda, Vincent. O ataque tinha de vir. Seu sistema nervoso prepara uma crise a cada três meses. Se as alucinações não fossem religiosas, teriam alguma outra natureza.

— Se eu tiver outro, doutor, pedirei a meu irmão para me levar daqui.

— Como quiser, Vincent.

Ele voltou ao trabalho no estúdio no primeiro dia real da primavera.

Pintou novamente a cena pela janela, um campo amarelado sendo arado.

Contrastou a terra arada violeta com as tiras de restolho amarelo contra o fundo de colinas. As amendoeiras começaram a desabrochar por toda parte e novamente o céu se tomou limão-claro ao pôr-do-sol.

A eterna recriação da natureza não trouxe uma vida nova a Vincent.

Pela primeira vez desde que se acostumara a seus companheiros, os

murmúrios alucinados e ataques periódicos lhe abalavam os nervos e retorciam suas entranhas. E não havia como escapar das criaturas em branco e preto, parecendo camundongos, sempre orando. A simples visão delas provocava calafrios de apreensão em Vincent.

Ele escreveu para o irmão:

"Theo, eu me sentiria muito infeliz se deixasse St. Remy: ainda há muito trabalho a fazer aqui. Mas se eu tiver outro ataque de natureza religiosa será culpa do asilo e não dos meus nervos. E bastam mais dois ou três para me matarem.

"Esteja preparado. Se eu tiver outro ataque religioso, partirei para Paris no instante em que puder sair da cama. Talvez seja mesmo melhor voltar ao norte, onde sempre se pode contar com alguma parcela de sanidade.

"O que me diz desse seu Doutor Gachet? Ele terá um interesse pessoal por meu caso?"

Theo respondeu que conversara novamente com o Doutor Gachet e lhe mostrara algumas de suas telas. O Doutor Gachet estava ansioso que Vincent fosse para Auvers e pintasse em sua casa.

"Ele é um especialista, Vincent, não apenas em doenças nervosas, mas também em pintores. Estou convencido de que você não poderia ficar sob melhores cuidados. A qualquer momento que você queira vir, basta me telegrafar e pegarei o primeiro trem para St. Remy."

O calor da primavera chegou. As cigarras começaram a cantar no jardim. Vincent pintou o pórtico da enfermaria da terceira classe, os caminhos e árvores no jardim, o seu próprio retrato no espelho. Trabalhava com um olho na tela e outro no calendário.

Seu próximo ataque deveria ser em maio.

Ele ouviu vozes lhe gritando nos corredores vazios. Respondeu-as e o eco de sua própria voz retomou como o chamado maligno do destino.

Desta vez encontraram-no na capela, inconsciente. Já era meados de maio quando ele se recuperou das alucinações religiosas que lhe distorciam o cérebro.

Theo insistia em ir a St. Remy para buscá-lo. Vincent queria fazer a viagem sozinho, com um dos guardas embarcando-o no trem em Tarascon.

Querido Theo:

Não sou um inválido nem uma besta perigosa. Deixe-me provar tanto a você como a mim mesmo que sou um ser normal. Se eu pu der sair deste asilo com

minhas próprias forças, iniciando uma vida nova em Auvers, talvez me tome capaz de vencer para sempre a doença.

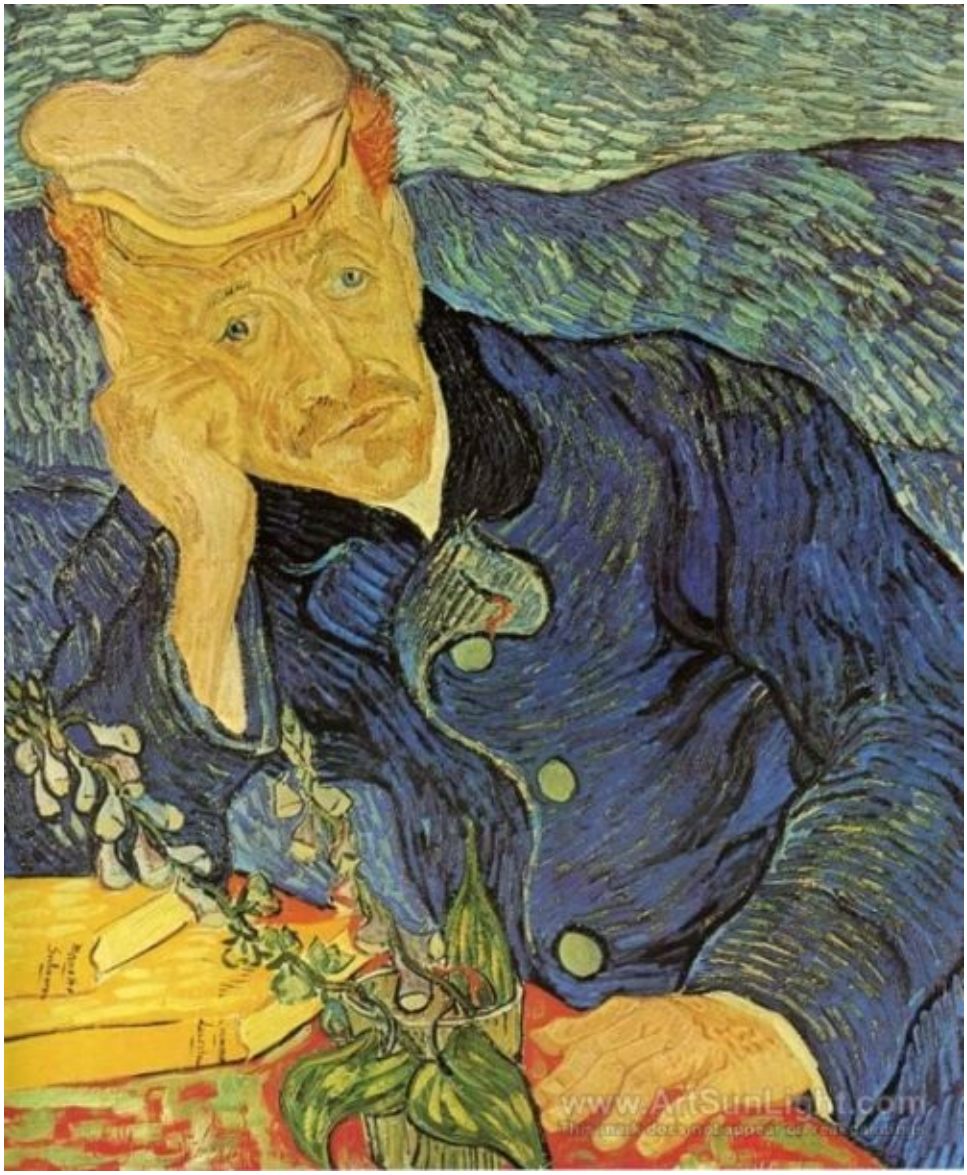
Dou a mim mesmo mais uma chance. Longe desta maison des fous, estou confiante de que poderei me tornar novamente uma pessoa racional.

Pelo que você me escreve, Auvers será sossegado e bonito. Se eu viver com todo cuidado, sob as atenções do Doutor Gachet, estou convencido de que vencerei a doença.

Eu lhe telegrafarei para informar a hora em que meu trem deixará Tarascon. Espere-me na Gare de Lyon. Quero sair daqui no sábado, a fim de poder passar o domingo em casa, com você, Johanna e o bebê.

Livro Oito

AUVERS



Retrato do Dr. Gachet, 1890

1

Theo não conseguiu dormir durante toda aquela noite, de ansiedade.

Ele partiu para a Gare de Lyon duas horas antes da chegada do trem de Vincent. Johanna teve de ficar em casa com o bebê. Ela foi para a varanda do apartamento no quarto andar na Cité Pigalle, espiando através das folhas da enorme árvore preta que cobria a frente do prédio. Observava ansiosamente a entrada da Cité Pigalle, à espera de uma carruagem procedente da Rue Pigalle.

Era uma longa distância da Gare de Lyon até a casa de Theo. Para Johanna, pareceu uma espera interminável. Ela começou a recear que tivesse acontecido alguma coisa a Vincent no trem. Mas, finalmente, um fiacre aberto veio da Rue Pigalle, dois rostos risonhos se elevaram em sua direção, duas mãos acenaram. Ela se esforçou em ter um vislumbre de Vincent.

A Cité Pigalle era uma *rue impasse,* bloqueada na extremidade por um jardim e pelo canto projetado de uma casa de pedra. Havia apenas dois prédios compridos em cada lado da rua de aparência próspera e respeitável.

Theo vivia no prédio de número 8, ao final da rua, com um *trottoir* particular. O fiacre levou apenas uns poucos segundos para parar diante da grande árvore preta e da entrada.

Vincent subiu correndo a escada, com Theo em seus calcanhares.

Johanna esperava ver um inválido, mas o homem que a abraçou tinha uma cor saudável, um sorriso no rosto e uma expressão de grande determinação. “Ele parece perfeitamente bem, muito mais forte do que Theo”, foi o seu primeiro pensamento.

Mas ela não foi capaz de olhar para a orelha.

— Ora, Theo! — exclamou Vincent, segurando as mãos de Johanna e contemplando-a aprovadoramente. — Você certamente escolheu uma esposa maravilhosa!

— Obrigado, Vincent — respondeu Theo, rindo.

Theo escolhera na tradição de sua mãe. Johanna possuía os mesmos olhos castanhos suaves de Anna Cornelia, a mesma ternura se estendendo em plena simpatia e compaixão. O filho ainda tinha apenas uns poucos meses, mas ela já apresentava os sinais de uma matriarca próxima. As feições eram feias mas afáveis, um rosto oval quase impassível, uma massa de cabelos castanho-claros, penteados para trás, a testa alta holandesa. Seu amor por Theo incluía Vincent.

Theo arrastou Vincent para o quarto, onde o bebê dormia no berço.

Os dois homens contemplaram a criança em silêncio, com lágrimas nos

olhos. Johanna sentiu que eles gostariam de ficar a sós por um momento e encaminhou-se na ponta dos pés para a porta. No momento em que punha a mão na maçaneta, Vincent virou-se sorridente e disse, apontando para a colcha de crochê por cima do berço: — Não o cubra com tanta coisa, irmãzinha.

Johanna saiu do quarto e fechou a porta. Vincent, olhando novamente para o menino, sentiu a terrível angústia dos homens áridos cuja carne não deixa carne para trás, cuja morte é a morte eterna. Theo leu os seus pensamentos.

— Ainda há tempo para você, Vincent. Algum dia encontrará uma esposa que o amará e partilhará todos os problemas de sua vida.

— Já é tarde demais, Theo.

— Pois saiba que encontrei outro dia mesmo a mulher que seria perfeita para você!

— É mesmo? Quem era ela

— Era a garota de “Terre Vierge”, de Turguenev. Lembra-se?

— Está se referindo àquela que trabalha com os niilistas e leva os documentos comprometedores através da fronteira?

— Isso mesmo. Sua esposa seria alguém assim, Vincent, alguém que passasse pela miséria da vida até o fundo...

— ... e o que ela haveria de querer comigo, um homem de uma só orelha?

O pequeno Vincent acordou, levantou os olhos e sorriu. Theo tirou o filho do berço e colocou-o nos braços de Vincent.

— Tão macio e quente, como um cachorrinho — murmurou Vincent, sentindo o bebê contra seu coração.

— Não é assim que se segura um bebê, seu desajeitado.

— Receio me sentir mais à vontade segurando um pincel.

Theo pegou o menino, ajeitando-o contra o ombro, sua cabeça encostando nos cachos castanhos do filho. Para Vincent, parecia que os dois haviam sido esculpidos da mesma pedra.

— Theo, meu rapaz — disse ele, resignado — cada homem tem o seu próprio meio de expressão. Você cria em came viva... e eu crio com tinta.

— Tem razão, Vincent, tem razão...

Diversos amigos de Vincent foram ao apartamento de Theo naquela noite para lhe dar as boasvindas. O primeiro a aparecer foi Aurier, um rapaz bonito, de cabelos abundantes, uma barba que se lançava dos dois lados do queixo, mas sem fios no meio. Vincent levou-o ao quarto, onde Theo pendurara um buquê de Monticelli.

— Escreveu em seu artigo, Monsieur Aurier, que eu era o único pintor a perceber o cromatismo das coisas com uma qualidade metálica. Pois olhe para este Monticelli. “Fada” alcançou a mesma coisa anos antes de eu sequer chegar a

Paris.

Ao final de uma hora Vincent desistiu de tentar persuadir Aurier e em vez disso presenteou-o com uma das telas dos ciprestes de St. Remy, em agradecimento por seu artigo.

Toulou-se-Lautrec surgiu, sem fôlego pelos quatro lances de escada, mas ainda jovial e irreverente como sempre.

— Vincent — disse ele, ao trocarem um aperto de mão — passei por um agente funerário na escada. Ele procurava por você ou por mim?

— Por você, Lautrec! Ele não teria qualquer negócio a fazer comigo!

— Estou disposto a fazer uma apostinha, Vincent. Aposto que seu nome está na frente do meu no livrinho do homem.

— Aceito. O que apostamos?

— Jantar no Café Athens e uma noite da ópera.

— Eu gostaria que vocês fizessem piadas um pouco menos macabras — disse Theo, com um sorriso contrafeito.

Um homem estranho passou pela porta da frente, olhou para Lautrec e foi se instalar numa cadeira num canto distante. Todos esperaram que Lautrec o apresentasse, mas ele simplesmente continuou a falar como se o homem não se encontrasse ali.

— Não vai apresentar seu amigo? — Vincent acabou perguntando.

— Não é meu amigo! — explicou Lautrec, rindo. — Aquele é meu guardião!

Houve um momento de silêncio aflito.

— Ainda não sabia, Vincent? Fui non *compos mentis* por dois meses. Disseram que foi de muita bebida e por isso estou agora bebendo leite. Eu lhe mandarei um convite para a minha próxima festa. Há um quadro meu ordenhando uma vaca pelo lado errado!

Johanna distribuiu os refrescos. Todos falavam ao mesmo tempo e o ar se tornou denso com a fumaça de tabaco. O ambiente fez Vincent se lembrar dos seus velhos tempos em Paris.

— Como está indo Georges Seurat? — perguntou Vincent a Lautrec.

— Georges? Está querendo dizer que não sabe dele?

— Theo não me escreveu nada a respeito. O que aconteceu com Georges?

— Georges está morrendo de tuberculose. O médico diz que ele não passará muito além dos 31 anos.

— Tuberculose? Mas Georges era forte e saudável! Como é possível que...

— Excesso de trabalho, Vincent — interveio Theo. — Há dois anos que não o vê, não é mesmo? Georges começou a trabalhar como um demônio. Dormia apenas duas ou três horas por dia, trabalhava sem parar durante todo o resto do tempo. Nem mesmo aquela sua mãe maravilhosa foi capaz de salvá-lo.

— Então Georges partirá em breve — murmurou Vincent, pensativo.

Rousseau apareceu, carregando uma bolsa de bolinhos que fizera em casa para Vincent. Père Tanguy, usando o mesmo chapéu de palha redondo, presenteou Vincent com uma gravura japonesa e um discurso terno sobre a alegria que todos sentiam por vê-lo de volta a Paris.

As dez horas Vincent insistiu em descer e comprar azeitonas. Fez todos comerem, até mesmo o guardião de Lautrec, explicando: — Se pudessem ver, mesmo que apenas uma vez, as oliveiras verde-prateadas da Provence, comeriam azeitonas pelo resto de suas vidas.

— Por falar em bosques de oliveiras, Vincent — disse Lautrec — o que achou das arlesianas?

Na manhã seguinte Vincent carregou o carrinho de bebê para a rua, a fim de que Johanna proporcionasse ao filho a hora de sol no *trottoir* particular. Vincent voltou ao apartamento e ficou olhando para as paredes.

Estavam cobertas por quadros seus. Na sala de jantar, por cima da lareira, encontrava-se *o Comedores de Batata,* na sala de estar *Paisagem de Arles e Vista Noturna do Ródano,* no quarto *Pomar em Flor.* Para desespero da *femme de ménage* de Johanna havia enormes pilhas de telas sem moldura sob as camas, o sofá e o armário, no quarto extra.

Enquanto procurava por alguma coisa na escrivaninha de Theo, Vincent deparou-se com maços de cartas, amarrados com barbante. Ficou espantado ao descobrir que eram as suas próprias cartas. Theo guardara cuidadosamente cada linha que o irmão lhe escrevera desde o dia, vinte anos antes, em que Vincent deixara Zundert para ir trabalhar na Goupils em Haia. Havia um total de setecentas cartas. Vincent não podia imaginar por que Theo as guardava.

Em outra parte da escrivaninha ele encontrou os desenhos que enviara para Theo durante os últimos dez anos, todos arrumados impecavelmente em períodos; ali estavam os mineiros e as mulheres do período da Borinage, inclinadas sobre *o terril;* ali estavam os camponeses dos arredores de Etten; ali estavam os velhos de Haia, os escavadores do Geest e os pescadores de Scheveningen; ali estavam os comedores de batata e tecelões de Nuenen; ali estavam os restaurantes e cenas de rua de Paris; ali estavam os primeiros desenhos de girassóis e pomares de Arles; e ali estava o jardim do asilo em St. Remy.

— Terei uma exposição só minha! — exclamou Vincent.

Ele tirou todos os quadros das paredes, pegou os pacotes de desenhos e tirou todas as pilhas de telas de debaixo dos móveis. Separou tudo em períodos, cuidadosamente. Depois selecionou os desenhos e óleos que melhor captavam o

espírito do lugar em que estivera trabalhando.

No vestíbulo ele pendurou cerca de trinta dos seus primeiros estudos, os Borains saindo das minas, inclinando-se sobre as estufas ovais, jantando em suas pequenas cabanas.

— Esta é a sala do carvão — anunciou Vincent para si mesmo.

Ele examinou o resto do apartamento e decidiu que o banheiro era o outro espaço menos importante. Trepou numa cadeira e pregou nas quatro paredes, em linha reta, estudos dos camponeses do Brabant.

— E esta, é claro, passa ser a sala do lápis de carpinteiro.

A próxima seleção foi para a cozinha. Vincent pôs ali os seus desenhos de Haia e Scheveningen, a vista de sua janela para a serraria, as dunas, os barcos de pesca sendo puxados para a praia.

— Sala três, a das aquarelas.

No pequeno quarto extra ele pôs a tela de seus amigos, os De Groots, os *Comedores de Batata;* era o primeiro óleo em que ele se expressara plenamente. Ao redor, pregou dezenas de estudos dos tecelões de Nuenem, os camponeses de luto, o cemitério por trás da igreja de seu pai, o campanário afilado.

Ele pendurou em seu próprio quarto os quadros a óleo do período de Paris, os que pusera nas paredes da Rue Lepic na noite em que partira para Arles. Na sala de estar ajeitou todas as telas arlesianas que couberam. E no quarto de Theo pôs as que criara enquanto se encontrava no asilo em St. Remy.

O trabalho terminado, ele limpou o chão, pôs o chapéu e o casaco, desceu os quatro lances de escada e ficou empurrando o carrinho do seu homônimo ao sol, na Cité Pigalle, enquanto Johanna passava o braço pelo seu e conversava em holandês.

Theo veio da Rue Pigalle pouco depois de meio-dia, acenou para eles na maior felicidade, desatou a correr, tirou o bebê do carrinho com um profundo amor. Deixaram o carrinho com *o concierge* e subiram a escada, conversando jovialmente. Vincent deteve os outros quando chegaram à porta do apartamento.

— Theo e Jo, vou levá-los a uma exposição Van Gogh. Portanto, preparem-se para a provação.

— Uma exposição, Vincent? — indagou Theo. — Onde?

— Basta fechar os olhos, Theo.

Vincent abriu a porta e os três Van Goghs passaram para o vestíbulo.

Theo e Johanna olharam ao redor, aturdidos.

— Quando eu vivia em Etten — disse Vincent — o pai comentou certa ocasião que o bom nunca podia resultar do ruim. Respondi que não apenas podia, mas que na arte devia. Se me acompanharem, meus queridos irmão e irmã, eu lhes mostrarei a história de um homem que começou toscamente, como

uma criança desajeitada, e depois de dez anos de trabalho constante chegou a... Mas vocês tirarão a sua própria conclusão.

Ele conduziu-os, na sequência cronológica apropriada, de um cômodo para outro. Comportavam-se como três visitantes numa galeria de arte, olhando para a obra que representava a vida de um homem. Sentiram o desenvolvimento lento e árduo do artista, a busca da maturidade de expressão, a convulsão que ocorrera em Paris, a explosão arrebatada de sua voz poderosa em Arles, vertente de tantos anos de trabalho árduo... e depois... o rompimento... as telas de St. Remy... o esforço crucial para preservar o fogo da criação, a queda lenta... caindo... caindo... caindo...

Eles contemplaram a exposição através dos olhos de estranhos casuais. Diante deles, no breve espaço de meia hora, estava a recapitulação da permanência de um homem na terra.

Johanna serviu um típico almoço do Brabant. Vincent sentiu-se feliz por saborear novamente a comida holandesa. Depois que ela tirou a mesa, os dois homens acenderam seus cachimbos e conversaram.

— Você deve tomar cuidado para fazer tudo o que o Doutor Gachet lhe mandar, Vincent.

— Está certo, Theo.

— Afinal, ele é um especialista em doenças nervosas. Se acatar suas instruções, certamente se recuperará.

— Prometo.

— Gachet também pinta. Ele expõe todos os anos com os Independentes, sob o nome de P. Van Ryssel.

— E o trabalho dele é bom, Theo?

— Eu diria que não. Mas ele é um desses homens que possuem um gênio para reconhecer o gênio. Veio para Paris aos vinte anos, a fim de estudar medicina, fez amizade com Courbet, Murger, Champfeury e Proudhon. Frequentava o café La Nouvelle Athens e logo se tomou íntimo de Manet, Renoir, Degas, Durante e Claude Monet. Daubigny e Daumier pintaram em sua casa antes mesmo que sequer existisse uma coisa chamada impressionismo.

— Mas que coisa!

— Quase tudo que ele tem foi pintado em seu jardim ou sala de estar. Pissarro, Guillaumin, Sisley e Delacroix trabalharam com Gachet em Auvers. Também encontrará nas paredes telas de Cezanne, Lautrec e Seurat. Não houve um só pintor importante desde meados do século, Vincent, que não tenha sido amigo do Doutor Gachet.

— Ei, espere um momento, Theo! Você está me assustando. Não pertenço a tão ilustre companhia. Ele já viu alguma coisa do meu trabalho?

— Ora, seu idiota, por que acha que ele está tão ansioso para tê-lo em Auvers?

— Eu bem que gostaria de saber.

— Ele achou que suas cenas noturnas arlesianas, no último Salão dos Independentes, foram as melhores telas de toda a apresentação. E posso jurar: quando lhe mostrei os painéis de girassóis que você pintou para Gauguin e a casa amarela, as lágrimas afloraram a seus olhos. Ele virou-se para mim e disse: "Monsieur Van Gogh, seu irmão é um grande artista. Nunca houve nada igual ao amarelo destes girassóis na história da arte. Basta estas telas, Monsieur, para tomarem seu irmão imortal."

Vincent coçou a cabeça e sorriu.

— Se o Doutor Gachet se sente assim em relação a meus girassóis, então vamos nos dar muito bem.

2

O Doutor Gachet estava na estação para receber Theo e Vincent. Era um homenzinho nervoso e excitado, com uma melancolia ansiosa nos olhos. Sacudiu a mão de Vincent efusivamente.

— Vai descobrir que isto aqui é uma autêntica aldeia de pintores. Tenho certeza que gostará. Vejo que trouxe seu cavalete. Tem tintas suficientes? Deve começar a trabalhar imediatamente. Almoçará em minha casa, está bem? Trouxe algumas de suas novas telas? Infelizmente, não encontrará aqui aquele amarelo arlesiano. Mas há outras coisas, isso mesmo, encontrará outras coisas. Deve ir à minha casa para pintar. Eu lhe darei vasos e mesas que foram pintados por todos, de Daubigny a Lautrec. Como se sente? Parece bem. Acha que gostará daqui? Pode estar certo de que cuidaremos bem de você. Vamos convertê-lo num homem perfeitamente são!

Da plataforma da estação Vincent contemplou uma extensão de árvores até o Oise verde, serpenteando pelo vale fértil. Ele se afastou um pouco para o lado, a fim de ter uma vista completa. Theo falou em voz baixa ao Doutor Gachet:

— Eu lhe peço que vigie meu irmão com todo o cuidado. Se perceber quaisquer sintomas do seu problema surgindo, telegrafe-me imediatamente. Preciso estar a seu lado quando... ele não pode ser deixado sozinho para... há pessoas que dizem que...

— Calma! Calma! — interrompeu-o o Doutor Gachet, dançando de um pé para outro e esfregando o pequeno cavanhaque vigorosamente com o dedo indicador. — Claro que ele é louco. Mas o que se podia esperar? Todos os artistas são loucos. Essa é a melhor coisa neles. Eu os amo assim. E gostaria às vezes de ser louco também! “Nenhuma alma excelente está isenta de uma mistura de loucura!” Sabe quem disse isso? Aristóteles, nada menos!

— Sei disso, doutor. Mas ele ainda é relativamente jovem, tem apenas 37 anos. Ainda tem pela frente a melhor parte de sua vida.

O Doutor Gachet tirou o exótico gorro branco e passou a mão pelos cabelos muitas vezes, sem qualquer propósito aparente.

— Deixe-o comigo. Sei como cuidar dos pintores. Farei com que ele se torne um homem saudável em um mês. Eu o porei para trabalhar. Isso o curará. Farei com que ele pinte o meu retrato. Imediatamente. Esta tarde. Tirarei a sua mente da doença.

Vincent voltou, aspirando fundo o ar puro do campo. — Devia trazer Jo e o bebê para cá, Theo. É um crime criar filhos na cidade grande.

— Isso mesmo! — gritou Gachet. — Você deve vir num domingo e passar o dia inteiro conosco!

— Obrigado. Eu gostaria muito. Lá está meu trem. Adeus, Doutor Gachet. Obrigado por cuidar de meu irmão. Vincent, escreva-me todos os dias.

O Doutor Gachet tinha o hábito de segurar as pessoas pelo cotovelo e impeli-Ias para a frente, na direção que desejava seguir. Ele foi empurrando Vincent, mantendo um fluxo nervoso de conversa, em voz alta, confundindo-se, respondendo às próprias perguntas, atordoando Vincent com um monólogo incoerente.

— Aquela é a estrada para a aldeia, aquela comprida, bem em frente. Mas vamos por aqui. Eu o levarei ao alto da colina e lhe darei uma vista de verdade. Não se importa de andar com o cavalete nas costas? Aquela é a igreja católica, à esquerda. Já notou que os católicos sempre constroem suas igrejas numa colina, a fim de que as pessoas tenham de levantar os olhos para vê-Ias? Ora, ora, devo estar envelhecendo. Esta subida parece mais íngreme a cada ano. Não acha que aqueles trigais são lindos? Auvers está cercada por eles. Deve pintar este campo algum dia. Claro que não é tão amarelo como na Provence... lá está o cemitério à direita... nós o pusemos lá no alto da colina, dando para o rio e o vale... acha que faz muita diferença para os mortos o lugar onde ficam?... nós lhes oferecemos o lugar mais aprazível em todo o vale do Oise... vamos entrar?... tem-se a vista mais clara do rio lá de dentro... poderemos ver quase até Pointoise... isso mesmo, o portão está aberto, basta empurrar... assim está bem... não acha que é lindo?... construímos os muros altos para impedir a passagem do vento... sepultamos aqui tanto os católicos como os protestantes...

Vincent tirou o cavalete das costas e andou um pouco à frente do Doutor Gachet, a fim de escapar ao fluxo de palavras. O cemitério, na crista da colina, formava um quadrado perfeito. Uma parte desvia pela encosta. Vincent foi até o muro do fundo, de onde podia contemplar lá embaixo todo o vale do Oise. O rio verde serpenteava graciosamente entre margens de um verde brilhante. À direita ele viu os telhados de colmo da aldeia. Um pouco além havia outra colina, com um castelo no topo. O cemitério estava banhado pelo sol de maio, repleto de flores do início da primavera, coberto por um céu azul delicado. A serenidade total e bela era quase a serenidade além da sepultura.

— Sabe, Doutor Gachet, fez-me muito bem ir para o sul — comentou Vincent. — Agora posso ver o norte melhor. Olhe quanto violeta existe na outra margem do rio, onde o sol ainda não atingiu o verde.

— Isso mesmo, isso mesmo, violeta, violeta, é apenas isso o que é, viu..

— E muito sadio — murmurou Vincent. — Calmo e repousante.

Eles desceram a colina, passaram pelas plantações e a igreja, pegaram a

estrada reta à direita para o coração da aldeia.

— Lamento não poder mantê-lo em minha casa — disse o Doutor Gachet. — Mas, infelizmente, não temos espaço. Eu o levarei para uma hospedaria e todos os dias irá à minha casa para pintar.

O médico agarrou Vincent pelo cotovelo e impeliu-o além da Mairie, quase até a margem do rio, onde havia uma hospedaria de verão. Gachet falou com o proprietário, que concordou em proporcionar casa e comida a Vincent a seis francos por dia.

— Eu lhe darei agora tempo para se instalar — gritou Gachet. — Mas deve estar em minha casa para almoçar a uma hora. E leve seu cavalete. Deve fazer meu retrato. E deixe-me ver algumas de suas novas telas. Teremos uma boa conversa, está bem?

Assim que o médico se afastou, Vincent pegou seus pertences e saiu pela porta da frente.

— Ei, espere um pouco! — gritou o proprietário. — Para onde está indo?

— Sou um trabalhador, não um capitalista — respondeu Vincent. — Não tenho condições de pagar seis francos por dia.

Ele voltou à Place e encontrou um pequeno café, exatamente em frente à Mairie, chamado Ravoux, onde acertou casa e comida por três francos e meio por dia.

O Ravoux era o ponto de encontro dos camponeses e operários que trabalhavam em torno de Auvers. Vincent descobriu que havia um pequeno balcão à direita da entrada, com mesas toscas e bancos de madeira por todo o lado da sala escura e deprimente. Nos fundos do café, por trás do balcão, havia uma mesa de bilhar, o pano verde sujo e rasgado. Era o orgulho e alegria do Ravoux. Uma porta nos fundos levava à cozinha; ao lado dessa porta havia uma escada, levando a três quartos. De sua janela Vincent podia ver o campanário da igreja católica e um pequeno trecho do muro do cemitério, um marrom puro e firme, ao sol ameno de Auvers.

Ele pegou o cavalete, tintas e pincéis, um retrato da arlesiana, partiu para a casa de Gachet. A mesma estrada que descia da estação e passava pelo Ravoux deixava a Place novamente pelo lado oeste, tornando a subir.

Depois de uma curta caminhada, Vincent chegou a um ponto em que a estrada se dividia em três. Ele constatou que a da direita subia pela colina além do castelo, enquanto a da esquerda descia para as plantações de ervilha à margem do rio. Gachet lhe dissera para pegar a estrada do meio, que continuava a contornar a colina. Vincent foi andando devagar, pensando no médico a cujos cuidados fora confiado. Notou como as velhas casas de telhado de colmo estavam sendo substituídas por prósperas *villas, e* como toda a natureza da

região se transformava.

Vincent puxou uma maçaneta de latão num muro alto de pedra.

Gachet veio correndo ao tilintar da sineta. Levou-o por três degraus de pedra íngremes para um jardim florido no terraço. A casa tinha três andares, era sólida, bem construída. O médico flexionou o braço de Vincent, segurou-o pelo cotovelo e empurrou-o em torno do pátio nos fundos, onde mantinha patos, galinhas, perus, pavões e um séquito de gatos variados.

— Vamos para a sala de estar, Vincent — convidou Gachet, depois de oferecer a história completa da vida de cada uma das aves no pátio dos fundos.

A sala na frente da casa era grande, de teto alto, mas só possuía duas janelas pequenas, dando para o jardim. Apesar do tamanho, a sala se achava tão atravancada com móveis, antiguidades e bricabraque, que mal havia espaço suficiente para os dois homens seguirem até a mesa no centro.

A sala era escura pelo escasso espaço da janela, e Vincent constatou que todas as peças eram pretas.

Gachet circulou apressadamente, pegando coisas, jogando-as nas mãos de Vincent e retirando-as antes que tivesse uma oportunidade de examiná-las.

— Está vendo aquele buquê na parede? Delacroix usou este vaso para pôr as flores. Pode senti-lo. Não parece com o vaso que ele pintou? Vê aquela cadeira? Courbet sentou nela junto à janela, quando pintou o jardim. Estes pratos não são extraordinários? Desmoulins trouxe-os do Japão para mim. Claude Monet pôs este numa natureza-morta. Está lá em cima. Venha comigo. Eu lhe mostrarei.

À mesa do almoço, Vincent conheceu o filho de Gachet, Paul, um rapaz esperto e bonito de quinze anos. Gachet, que era um homem doente, com uma péssima digestão, serviu um almoço de cinco pratos. Vincent estava acostumado às lentilhas e pão preto de St. Remy; ficou empanturrado depois do terceiro prato e não pôde comer mais nada.

— E agora temos de trabalhar — gritou o médico. Pintará meu retrato, Vincent. Posarei para você como estou, certo?

— Infelizmente, doutor, preciso conhecê-lo melhor ou não será um retrato compreensivo.

— Talvez você tenha razão, talvez você tenha razão. Mas pintará alguma coisa, não é mesmo? E me deixará ver o seu trabalho? Estou ansioso em observá-lo.

— Vi uma cena no jardim que gostaria de fazer.

— Ótimo! ótimo! Armarei seu cavalete. Paul, leve o cavalete de Monsieur Vincent para o jardim. Você nos indicará onde o quer e eu lhe direi se algum outro pintor já fez o ponto exato.

Enquanto Vincent trabalhava, o médico corria ao seu redor, em pequenos

círculos, gesticulando em êxtase, consternação e espanto.

Despejava um fluxo constante de conselhos por cima do ombro de Vincent, entremeado por centenas de exclamações bruscas.

— Isso mesmo, isso mesmo, você pegou desta vez. É um lago escarlate. Cuidado! Vai estragar essa árvore. Bom, bom, agora a pegou. Não! Não! Nada mais de cobalto. Não estamos na Provence. Entendo agora. Sim, sim, é *épatant.* Cuidado! Cuidado! Vincent, ponha uma mancha de amarelo nessa flor. Isso, isso, está ótimo. Como você faz as coisas adquirirem vida. Ainda não há uma natureza-morta de seu pincel. Não! Não! Eu lhe suplico. Tome cuidado. Não demais. Isso, isso, percebo agora. *Merveilleux!*

Vincent suportou as contorções e o monólogo do médico por tanto tempo quanto pôde. Depois, virou-se para o agitado Gachet e disse: — Meu caro amigo, não acha que é ruim para a sua saúde ficar tão excitado e transtornado? Como um médico, deve saber a importância de se manter calmo.

Mas Gachet não podia se manter calmo quando alguém estava pintando.

Terminado o esboço, Vincent entrou na casa com Gachet e mostrou-lhe o retrato da arlesiana que trouxera. O médico piscou os olhos, contemplando-o comicamente. Depois de uma longa e acirrada discussão consigo mesmo quanto aos méritos e defeitos, ele anunciou: — Não, não posso aceitá-lo. Não posso aceitá-lo plenamente. Não percebo o que você tentou dizer.

— Não tentei dizer coisa alguma — respondeu Vincent. — Ela é a síntese das.arlesianas, digamos assim. Tentei simplesmente interpretar seu caráter em termos de cores.

— Infelizmente, não posso aceitá-lo plenamente — repetiu o médico, com uma expressão consternada.

— Importa-se que eu dê uma volta pela casa para conhecer sua coleção?

— Mas, claro, claro. Olhe à vontade. Ficarei aqui, com esta dama, a fim de ver se passo a aceitá-la.

Vincent percorreu a casa por uma hora, levado de um cômodo a outro pelo prestativo Paul. Encontrou um Guillaumin largado negligentemente num canto, uma mulher nua, estendida na cama. A tela fora obviamente esquecida e estava rachando. Vincent a examinava quando o Doutor Gachet se aproximou correndo, muito excitado, despejando uma fieira de perguntas sobre a arlesiana.

— Importa-se de me dizer se passou todo esse tempo a contemplá-la? — perguntou Vincent.

— Isso mesmo, isso mesmo. E está chegando, está chegando. Começo a senti-la.

— Perdoe a minha presunção, Doutor Gachet, mas este é um magnífico Guillaumin. Se não mandar emoldurá-lo em breve ficará estragado.

Gachet nem mesmo ouviu-o.

— Você diz que seguiu Gauguin no desenho... não concordo... o conflito de cores... mata a sua feminilidade... não, não mata, mas... bom, bom, olharei de novo... ela está vindo para mim... devagar... devagar... está saltando da tela para mim.

Gachet passou o resto da longa tarde correndo em torno da arlesiana, apontando-a, sacudindo os braços, falando para si mesmo, formulando e respondendo a inúmeras perguntas, assumindo mil poses. Ao cair da noite, a mulher já conquistara inteiramente o seu coração. Uma calma exultante dominou-o.

— Como é difícil ser simples — comentou ele, parado numa exaustão serena diante do retrato.

— É verdade.

— Ela é linda, linda. Nunca antes senti tamanha profundidade de caráter.

— Se gosta, doutor, ela é sua. E também a cena que fiz no jardim esta tarde.

— Mas por que me daria esses quadros, Vincent? Eles são valiosos.

— Em futuro próximo talvez tenha de cuidar de mim. Não terei dinheiro para pagar. Assim, pagarei em telas.

— Mas não cuidarei de você por seu dinheiro, Vincent. Farei isso por amizade.

— *Soit!* Eu lhe dou os quadros por amizade.

3

Vincent acomodou-se para ser outra vez um pintor. Dormia às nove horas, depois de observar os trabalhadores jogarem bilhar, sob um lampião fraco, no café de Ravoux. Acordava às cinco horas da manhã. O tempo estava bonito, com um sol ameno e o viço do vale. Os períodos de doença e ociosidade compulsória em St. Paul haviam cobrado o seu tributo; o pincel escorregava em sua mão.

Pediu a Theo que lhe enviasse os sessenta estudos a carvão de Bargue para copiar, pois receava que se não estudasse proporção e o nu novamente poderia cometer muitos erros. Ele procurou em Auvers por uma casinha em que pudesse se fixar permanentemente. Perguntou-se se Theo estaria certo ao pensar' que, em algum lugar do mundo, havia uma mulher para partilhar sua vida. Pegou diversas de suas telas de St. Remy, ansioso em retocá-las e aperfeiçoá-las.

Mas a súbita atividade foi apenas um gesto momentâneo, o reflexo de um organismo ainda vigoroso demais para ser destruído.

Depois do longo isolamento no asilo, os dias pareciam-lhe como semanas. Sentia-se desorientado, sem saber como preenchê-los, pois não possuía a força para pintar durante todo o tempo. E também não tinha o desejo. Antes do acidente em Arles, nenhum dia fora comprido bastante para realizar seu trabalho; agora, todos os dias pareciam intermináveis.

Eram cada vez menores as cenas na natureza que o tentavam; e quando começava a trabalhar sentia-se estranhamente calmo, quase indiferente. A paixão febril de pintar com o sangue quente em cada minuto do dia o deixara. Trabalhava agora no que era para ele uma maneira indolente. E se não terminava uma tela ao cair da noite... não mais parecia ter qualquer importância.

O Doutor Gachet permaneceu o seu único amigo em Auvers. Gachet, que passava a maior parte dos dias em seu consultório em Paris, muitas vezes aparecia no Café Ravoux à noite, a fim de olhar os quadros. Vincent especulava sobre a expressão de extrema desolação nos olhos do médico.

— Por que é tão infeliz, Doutor Gachet?

— Ah, Vincent, trabalhei duro por tantos anos... e realizei tão pouco! O médico não vê nada além de sofrimento, sofrimento, sofrimento.

— Eu trocaria com o maior prazer a minha vocação pela sua — comentou Vincent.

Uma ansiedade embevecida iluminou a melancolia nos olhos de Gachet.

— Ah, não, Vincent, é a coisa mais linda do mundo ser um pintor. Por toda a minha vida eu quis ser um artista... mas só pude dedicar uma hora aqui e ali... há

muitas pessoas doentes que precisam de mim.

O Doutor Gachet ficou de joelhos e tirou uma pilha de telas debaixo da cama de Vincent. Levantou um brilhante girassol amarelo à sua frente.

— Se eu pintasse apenas uma tela como esta, Vincent, consideraria a minha vida justificada. Passei os anos curando o sofrimento das pessoas... mas elas morreram ao final, de qualquer maneira... e assim de que adiantou? Estes seus girassóis... curarão a dor nos corações das pessoas... levarão alegria às pessoas... por séculos e séculos... é por isso que sua vida é bem-sucedida é por isso que você deve ser um homem feliz.

Poucos dias depois Vincent pintou um retrato do médico de boné branco e sobrecasaca azul, contra um fundo azul-cobalto. Fez a cabeça num tom muito claro, muito leve, as mãos da mesma forma. Gachet posou encostado numa mesa vermelha, em que havia um livro amarelo e uma dedaleira de flores púrpuras. Achou graça ao descobrir, quando acabou, que o retrato parecia com o que fizera de si mesmo em Arles, antes da chegada de Gauguin.

O médico ficou absolutamente extasiado com o retrato. Vincent jamais ouvira tamanha torrente de louvor e aclamação. Gachet insistiu que lhe fizesse uma cópia. E quando Vincent concordou, a alegria do médico não teve limites.

— Deve usar minha máquina de impressão no sótão, Vincent. Iremos a Paris, pegaremos os seus quadros e faremos litografias. Não lhe custará um cêntimo, absolutamente nenhum cêntimo. Vamos à minha oficina.

Subiram por uma escada de mão e empurraram o alçapão para o sótão. O estúdio de Gachet estava de tal forma atravancado de implementos estranhos e fantásticos que Vincent teve a sensação de estar entrando na oficina de um alquimista na Idade Média.

Ao descerem, Vincent notou que o nu de Guillaumin ainda estava abandonado no canto, negligenciado.

— Doutor Gachet, devo insistir que mande emoldurar este quadro. Está arruinando uma obra-prima.

— Tem razão, tem razão, vou mandar emoldurar. Quando podemos ir a Paris e pegar seus quadros? Imprimirá tantas litografias quanto quiser. Eu fornecerei os materiais.

Maio passou suavemente e junho chegou. Vincent pintou a igreja católica na colina. Cansou no meio da tarde e nem mesmo se deu ao trabalho de acabar. A força de grande perseverança, conseguiu pintar um trigal deitado no chão, a cabeça quase encostada nas plantas; fez uma tela grande da casa de Madame Daubigny; outra de uma casa branca no meio das árvores, com um céu noturno, uma luz laranja nas janelas, a folhagem escura e um tom de rosa sombrio; e,

finalmente, um efeito vespertino, duas pereiras inteiramente pretas contra um céu amarelando.

Mas a seiva se desvanecera da pintura. Trabalhava por hábito, porque não havia mais nada para fazer. O impulso terrível dos dez anos de trabalho colossal levava-o ainda mais um pouco à frente. Cenas da natureza que antes emocionavam-no e excitavam-no agora o deixavam indiferente.

— Já pintei isso muitas vezes — ele murmurava para si mesmo, enquanto andava pelas estradas, cavalete nas costas, procurando por um tema. — Não tenho nada de novo para dizer a respeito. Por que deveria me repetir? Millet estava certo: *"J'aimerais mieux ne rien dire que de m'exprimer faiblement."*

Seu amor pela natureza não morrera; apenas não sentia mais a necessidade desesperada de se lançar a uma cena e recriá-la. O fogo se extinguira. Durante todo o mês de junho ele pintou apenas cinco telas.

Sentia-se cansado, indescritivelmente cansado. Sentia-se vazio, esgotado, como se as centenas e centenas de desenhos e quadros que dele fluíram nos últimos dez anos houvessem tirado, cada um, alguma pequena centelha de sua vida.

E finalmente continuou a trabalhar apenas porque achava que devia isso a fim de que Theo pudesse capitalizar os anos de investimento. Mas quando refletia, no meio de um quadro, que a casa de Theo já se encontrava atulhada com mais telas do que ele poderia vender em dez vidas, uma náusea suave o invadia e empurrava o cavalete para o lado com aversão.

Sabia que outro ataque deveria ocorrer em julho, ao final do período de três meses. Preocupava-se com o temor de fazer algo irracional durante o ataque, condenando-o ao ostracismo na aldeia. Não fizera qualquer acerto financeiro definido com Theo ao deixar Paris e também se preocupava com o dinheiro que receberia. E a alternância de desolação e êxtase nos olhos de Gachet estava deixando Vincent cada vez mais cansado.

E para cumular tudo, o filho de Theo caiu doente: A ansiedade pelo sobrinho deixou Vincent quase frenético. Resistiu por tanto tempo quanto pôde, mas acabou pegando um trem para Paris. Sua chegada súbita na Cité Pigalle aumentou a confusão. Theo estava pálido e desesperado. Vincent fez o melhor possível para confortá-lo.

— Não é apenas o garoto que está me preocupando, Vincent — Theo finalmente admitiu.

— É o que mais?

— Valadon. Ele vem ameaçando pedir a minha demissão.

— Mas ele não pode fazer isso, Theo! Você está na Goupils há dezesseis anos!

— Sei disso. Mas ele alega que venho negligenciando os negócios regulares por causa dos impressionistas. Não vendo muitos quadros deles e quando consigo o preço é sempre baixo. Valadon diz que minha loja vem tendo prejuízo há um ano.

— Mas ele pode mesmo demiti-lo?

— Pode. A parte dos Van Goghs nas galerias já foi inteiramente vendida.

— O que você faria, Theo? Abriria a sua própria galeria?

— Como poderia? Eu tinha um pouco de dinheiro guardado, mas gastei com o casamento e o bebê.

— Se você não desperdiçasse aqueles milhares de francos comigo...

— Ora, Vincent, por favor! Isso nada tem a ver com o que está acontecendo. Você sabe muito bem que eu...

— Mas o que você fará, Theo? Tem de pensar agora em Jo e no garoto.

— Tem razão. Eu... não sei... e agora estou preocupado apenas com o bebê.

Vincent ficou em Paris por alguns dias. Mantinha-se fora do apartamento pelo máximo de tempo possível, a fim de não perturbar o garoto. Paris e os velhos amigos excitaram-no. Sentia uma febre lenta e irresistível invadi-lo. Quando o pequeno Vincent melhorou um pouco, pegou o trem e voltou à tranquilidade de Auvers.

Mas o sossego não lhe fez bem. Atormentava-se com os problemas. O que lhe aconteceria se Theo perdesse o emprego? Seria jogado na rua, como um vil mendigo? E, por falar nisso, o que aconteceria com Jo e o bebê? E se o bebê morresse? Ele sabia que a saúde frágil de Theo nunca poderia suportar o golpe. Quem sustentaria a todos enquanto Theo procurasse por um novo emprego? E onde Theo encontraria a força para a busca?

Vincent passava horas sentado no café escuro de Ravoux. Lembrava-o do Café Lamartine, com os odores de cerveja rançosa e cheiro de fumaça acre. Ele brincava a esmo com o taco de bilhar, tentando acertar nas bolas descoloridas. Não tinha dinheiro para comprar bebida e nem para tintas e telas. Não podia pedir qualquer coisa a Theo num momento tão crucial. E sentia um medo terrível de que, quando tivesse o ataque em julho, faria alguma coisa insana, alguma coisa que causasse ainda mais preocupação e despesa ao pobre Theo.

Tentou trabalhar, mas não adiantou. Pintara tudo o que queria pintar.

Dissera tudo o que queria dizer. A natureza não mais o estimulava a uma paixão criativa e ele sabia que a melhor parte de si já morrera.

Os dias passaram. Chegou o meio de julho, trazendo o calor. Theo, a cabeça prestes a ser cortada por Valadon, frenético de preocupação com o bebê e as contas do médico, ainda conseguiu arrumar cinquenta francos para enviar ao irmão. Vincent entregou-os a Ravoux. Isso o manteria até quase o final de julho.

E depois... o quê? Não podia esperar mais qualquer dinheiro de Theo.

Ele deitava de costas, ao sol quente, no trigal perto do pequeno cemitério. Andava pelas margens do Oise, sentindo o cheiro da água fria e da folhagem. Ia jantar na casa de Gachet e empanturrava-se com uma comida que não podia saborear nem digerir. Enquanto o médico discorria muito excitado sobre os seus quadros, Vincent refletia: Não é de mim que ele está falando. Esses não podem ser os meus quadros. Nunca pintei qualquer coisa. Nem sequer reconheço minha assinatura na tela. Não posso me lembrar de uma única pincelada em qualquer deles. Devem ter sido feitos por outro homem!

Deitado na escuridão de seu quarto, murmurou para si mesmo: — Vamos supor que Theo não perca o emprego. Vamos supor que ele ainda possa me mandar 150 francos por mês. O que farei com a minha vida? Mantive-me vivo durante estes últimos anos miseráveis porque tinha de pintar, porque tinha de dizer as coisas que me queimavam por dentro.

Mas não há nada queimando dentro de mim agora. Sou apenas uma crosta.

Devo continuar, vegetando como aqueles pobres coitados de St. Paul, à espera de algum acidente que me tire deste mundo?

Em outras ocasiões, ele se preocupava com Theo, Johanna e o bebê.

— Vamos supor que minha força e meu espírito retornem e eu queira pintar de novo. Como poderia continuar a receber dinheiro de Theo, quando ele tanto precisa para Jo e o garoto? Ele não deve gastar esse dinheiro comigo. Deve usá-lo para transferir a família para o campo, onde poderão se tornar fortes e saudáveis. Theo carregou-me nas costas durante os últimos dez longos anos. Isso não é mais do que suficiente? Eu não deveria sair de cena agora e dar uma chance ao pequeno Vincent? Eu já tive a minha chance. Agora, é a vez dele.

Mas, no fundo de tudo, havia o medo terrível do que a epilepsia eventualmente lhe faria. Estava agora são e racional; podia fazer com sua vida o que bem desejasse. Mas era possível que o próximo ataque o transformasse num maníaco furioso. Era possível que o cérebro se partisse na tensão do acesso. Era possível que virasse um idiota, sempre babando, irremediável. O que o pobre Theo faria então? Iria trancafiá-lo num asilo de casos perdidos?

Ele presenteou o Doutor Gachet com mais duas telas suas e arrancou-lhe a verdade.

— Não se preocupe, Vincent — disse-lhe o médico. — Seus ataques acabaram. Daqui por diante você gozará de perfeita saúde. Mas nem todos os epilépticos são tão afortunados.

— E o que lhes acontece eventualmente, doutor?

— Às vezes, depois de diversas crises, perdem completamente o juízo.

— E não há possibilidade de recuperação?

— Nenhuma. Estão liquidados. Ainda podem viver por alguns anos num asilo, mas jamais recuperam o juízo perfeito.

— Como se pode saber, doutor, se eles se recuperarão do próximo ataque ou se seus cérebros desmoronarão?

— Não há meio de se prever, Vincent. Mas por que discutir questões tão mórbidas? Vamos subir para a oficina e fazer algumas gravuras.

Vincent não deixou o seu quarto no Ravoux durante os quatro dias seguintes. Madame Ravoux levava-lhe o jantar ao cair da noite.

— Estou bem e são agora — ele repetia para si mesmo. — Sou dono de meu próprio destino. Mas quando sofrer o próximo ataque... se meu crânio estourar... não saberei o bastante para me matar... e estarei perdido. Oh, Theo, Theo, o que devo fazer?

Na tarde do quarto dia ele foi à casa de Gachet. O médico estava na sala de estar. Vincent foi ao armário em que guardara o nu sem moldura de Guillaumin algum tempo antes. Pegou a tela.

— Eu disse que tinha de mandar emoldurar esta tela.

O Doutor Gachet fitou-o com uma expressão de surpresa.

— Tem razão, Vincent. Mandarei o carpinteiro de Auvers fazer uma moldura na próxima semana.

— Tem de ser emoldurada agora! Hoje! Imediatamente!

— Ora, Vincent, você está falando uma coisa absurda.

Vincent olhou furioso para o médico por um momento, deu um passo ameaçador em sua direção, depois enfiou a mão no bolso do casaco. O Doutor Gachet teve a impressão de ver Vincent empunhar um revólver e apontar para ele através do casaco.

— Vincent!

Vincent tremeu. Baixou os olhos, tirou a mão do bolso e saiu correndo da casa.

No dia seguinte ele pegou o cavalete e uma tela, desceu pela longa estrada para a estação, subiu a colina além da igreja católica e sentou-se no trigal amarelo, em frente ao cemitério.

Por volta de meio-dia, quando o sol intenso malhava a sua cabeça, uma revoada de pássaros pretos surgiu subitamente no céu. Encheram o ar, obscureceram o sol, envolveram Vincent num manto espesso de noite, voaram por seus cabelos, olhos, nariz, boca, sepultaram-no numa nuvem negra, apertada, sem ar, de asas adejando.

Vincent continuou a trabalhar. Pintou os pássaros por cima da plantação amarela de trigo. Não sabia por quanto tempo manejou o pincel.

Mas quando viu que terminara, escreveu *Corvos Sobre um Trigal* no canto.

Levou o cavalete e a tela de volta ao Ravoux, jogou-se na cama e dormiu.

Tomou a sair na tarde seguinte, mas deixou a Place de Ia Mairie pelo outro lado. Subiu a colina, passando pelo castelo. Um camponês viu-o sentado numa árvore.

— É impossível! — ele ouviu Vincent dizer. — É impossível!

Depois de algum tempo, ele desceu da árvore e foi andando pelo campo arado por trás do castelo. Desta vez era o fim. Ele soubera disso em Arles, na primeira vez, mas fora incapaz de tomar uma decisão.

Queria se despedir. Apesar de tudo, fora um mundo bom em que vivera. Gauguin dissera: — Além do veneno, existe o antídoto.

E agora, deixando o mundo, ele queria se despedir, dizer adeus a todos os amigos que haviam contribuído para moldar sua vida; a Ursula, cujo desprezo o arrancara de uma vida convencional e o transformara num pária; a Mendes da Costa, que o levara a acreditar que ao final acabaria se expressando e que essa expressão justificaria sua vida; a Kay Vos, cujo "Não, nunca, nunca!" fora gravado com ácido em sua alma; a Madame Denis, Jacques Verney e Henri Decrucq, que o ajudaram a amar os desprezados da terra; ao reverendo Pietersen, cuja bondade transcendera às roupas feias e maneiras rudes de Vincent; a sua mãe a a seu pai, que o tinham amado da melhor maneira que puderam; a Christine, a única esposa com que o destino houvera por bem abençoá-lo; a Mauve, que fora seu mestre por umas poucas semanas maravilhosas; a Weissenbruch e De Bock, os primeiros pintores a se tornarem seus amigos; a seus tios Vincent, Jan, Cornelius Marinus e Stricker, que o haviam rotulado como a ovelha negra da família; a Margot, a única mulher que o amara e que tentara se matar por esse amor; a todos os seus amigos pintores de Paris; Lautrec, que fora internado outra vez num asilo para morrer; Georges Seurat, morto aos 31 anos de excesso de trabalho; Paul Gauguin, um mendigo na Bretanha; Rousseau, apodrecendo em seu cortiço perto da Bastille; Cezanne, um recluso amargurado no topo de uma colina de Aix; a Père Tanguy e Roulin, que haviam lhe mostrado o sal das almas simples da terra; a Rachel e Doutor Rey, que lhe haviam concedido a bondade de que tanto precisava; a Aurier e o Doutor Gachet, os únicos dois homens do mundo que o haviam considerado um grande pintor; e, finalmente, a seu bom irmão Theo, por tanto tempo sofrendo, por tanto tempo amando, o melhor e o mais querido de todos os irmãos.

Mas as palavras nunca haviam sido o seu meio de expressão. Teria de pintar o adeus.

Mas não se pode pintar o adeus.

Vincent levantou o rosto para o sol. Comprimiu o revólver contra o lado. Puxou o gatilho. E caiu, o rosto afundando na terra escura, fértil e pungente, uma

terra mais flexível, retornando ao útero de onde viera.

4

Quatro horas depois ele cambaleou pela escuridão do café. Madame Ravoux seguiu-o ao quarto, viu o sangue nas roupas. Correu imediatamente a chamar o Doutor Gachet.

— Oh, Vincent, Vincent, o que você fez? — lamentou Gachet, ao entrar no quarto.

— Acho que estraguei tudo. O que me diz?

Gachet examinou o ferimento.

— Oh, Vincent, meu pobre amigo, como devia se sentir infeliz para fazer uma coisa dessas! Por que não me falou? Por que queria nos deixar quando todos o amamos tanto? Pense nos lindos quadros que você ainda tem a pintar para o mundo!

— Pode fazer a gentileza de pegar o cachimbo no bolso do meu casaco?

— Claro, meu amigo.

Ele pôs tabaco no cachimbo e depois ajeitou-o entre os dentes de Vincent.

— Acenda, por favor.

— Pois não, meu amigo.

Vincent fumou o cachimbo calmamente.

— Hoje é domingo, Vincent, seu irmão não está na galeria. Qual é o endereço de sua casa?

— Não vou dar.

— Mas tem de dar, Vincent! Precisamos encontrá-lo com urgência!

— O domingo de Theo não deve ser perturbado. Ele está cansado e preocupado. Precisa de repouso.

Não houve persuasão que extraísse de Vincent o endereço da Cité Pigalle. O Doutor Gachet ficou ao seu lado até tarde da noite, cuidando do ferimento. Depois foi para casa, a fim de descansar um pouco, deixando o filho a cuidar de Vincent.

Vincent passou a noite inteira acordado, sem dizer uma única palavra a Paul. Enchia o cachimbo e fumava sem parar.

Quando Theo chegou à Goupils, na manhã seguinte, encontrou o telegrama de Gachet à espera. Pegou o primeiro trem para Pontoise, depois correu numa carruagem para Auvers.

— Olá, Theo — murmurou Vincent.

Theo caiu de joelhos ao lado da cama a pegou Vincent nos braços como uma criança. Não podia falar.

Quando o médico chegou, Theo saiu com ele para o corredor. Gachet sacudiu a cabeça tristemente.

— Não há esperança, meu amigo. Não posso operar para remover a bala, porque ele está muito fraco. Se não fosse de ferro, já teria morrido no campo.

Durante tudo o longo dia Theo ficou sentado ao lado da cama, segurando a mão de Vincent. Quando a noite caiu e se encontraram a sós no quarto, começaram a conversar sobre a infância no Brabant.

— Lembra-se do moinho em Ryswyk, Vincent?

— Não acha que era um lindo moinho, Theo?

— Costumávamos passear pelo caminho ao lado do regato e planejar nossas vidas.

— E quando brincávamos no trigal, em pleno verão, você costumava segurar-me a mão, como está fazendo agora. Lembra, Theo?

— Claro, Vincent.

— Quando eu estava no hospital em Arles, pensava muito em Zundert. Tivemos uma boa infância, Theo, você e eu. Brincávamos no quintal por trás da cozinha, à sombra das acácias. A mãe nos servia bolos de queijo.

— Parece que foi há muito tempo, Vincent.

— Tem razão... a vida é longa. Theo, por mim, cuide bem de você mesmo. Preserve a sua saúde. Deve pensar em Jo e no menino. Leve-os para algum lugar nos campos, a fim de que possam ser fortes e saudáveis.

E não continue na Goupils, Theo. Eles já consumiram toda a sua vida... e nada lhe deram em troca.

— Abrirei uma pequena galeria, Vincent. E minha primeira exposição será de um homem só. As obras completas de Vincent Van Gogh... como você armou no apartamento... com as suas próprias mãos.

— Meu trabalho... arrisquei a vida por ele... e minha razão quase naufragou.

O profundo silêncio da noite de Auvers abateu-se sobre o quarto.

Pouco depois de uma hora da madrugada Vincent virou a cabeça ligeiramente e sussurrou: — Eu gostaria de poder morrer agora, Theo.

Mais alguns minutos e ele fechou os olhos.

Theo sentiu o irmão deixá-lo para sempre.

5

Rousseau, Père Tanguy, Aurier e Emile Bernard vieram de Paris para o funeral.

As portas do Café Ravoux estavam fechadas e as venezianas baixadas. O pequeno coche preto com os cavalos pretos esperava na frente.

Puseram o caixão de Vincent em cima da mesa de bilhar.

Theo, o Doutor Gachet, Rousseau, Père Tanguy, Aurier, Bernard e Ravoux reuniram-se ao redor, em silêncio. Não podiam olhar uma para o outro.

Ninguém pensou em chamar um sacerdote.

O cocheiro bateu na porta da frente, anunciando: — Está na hora, senhores.

— Pelo amor de Deus, não podemos deixá-lo partir assim! — gritou Gachet.

Ele trouxe todos os quadros do quarto de Vincent e mandou o filho Paul correr até em casa para buscar o resto das telas.

Seis homens trabalharam a pendurar os quadros nas paredes. Theo ficou sozinho junto ao caixão.

As telas cheias de sol de Vincent transformaram o café desolado e escuro numa reluzente catedral.

Os homens tornaram a se reunir em tomo da mesa de bilhar. Gachet foi o único que conseguiu falar:

— Não devemos desesperar, nós, que somos amigos de Vincent. Ele não está morto. Nunca morrerá. Seu amor, seu gênio, a grande beleza que criou, essas coisas continuarão para sempre, enriquecendo o mundo. Não se passa uma hora em que eu olhe para os seus quadros sem que descubra uma nova fé, um novo sentido da vida. Ele foi um colosso... um grande pintor... um grande filósofo. E se tornou um mártir do seu amor pela arte.

Theo tentou agradecer-lhe: — Eu... eu... eu...

As lágrimas o sufocaram.

Não pôde continuar.

Foi colocada a tampa no caixão de Vincent.

Os seis amigos levantaram-no da mesa de bilhar. Saíram do café.

Puseram-no gentilmente no pequeno coche fúnebre.

Foram andando atrás da carruagem preta, pela estrada ensolarada.

Passaram pelas cabanas de teto de colmo e as *villas* rurais.

O coche virou à esquerda na estação e iniciou a lenta subida pela colina. Passara pela igreja católica e depois atravessaram o trigal amarelado.

O coche preto parou junto ao portão do cemitério.

Theo foi andando atrás do caixão que os seis homens carregavam para a sepultura.

O Doutor Gachet escolhera para o local do repouso foral de Vincent o próprio lugar em que eles se postaram no dia de sua chegada a Auvers, dando para o vale verdejante do Oise.

Theo tentou falar outra vez. Não conseguiu.

Os coveiros baixaram o caixão para a sepultura. Depois, jogaram pás de terra por cima.

Os sete homens se viraram, deixaram o cemitério, desceram a colina.

O Doutor Gachet retornou poucos dias depois para plantar girassóis em torno da sepultura.

Theo voltou para sua casa na Cité Pigalle. A morte do irmão preenchia todos os seus dias e noites com uma angústia que não podia ser aliviada.

Sua mente acabou desmoronando com a tensão.

Johanna levou-o para *a maison de santé* em Utrecht, a mesma em que Margot fora internada.

Ao final de seis meses da morte de Vincent, Theo também morreu.

Foi sepultado em Utrecht.

Algum tempo depois, quando lia a Bíblia, em busca de conforto, Johanna deparou com uma passagem de Samuel:

E na morte eles não foram divididos

Ela levou o corpo de Theo para Auvers e enterrou-o ao lado do irmão.

Quando o sol quente de Auvers se espalha pelo pequeno cemitério entre os trigais, encontra Theo a descansar confortavelmente à sombra exuberante dos girassóis de Vincent.

FIM

Vincent Van Gogh morto (Paul Gachet, Auvers-sur-l'Oise, 1890)

Nota

O leitor pode ter perguntado a si mesmo: “Quanto desta história é verdadeiro?” Os diálogos tiveram de ser reimaginados; há um trecho ocasional de pura ficção, como a cena de Maya, que o leitor prontamente terá percebido; em um ou dois casos, apresentei um incidente de menor importância de cuja probabilidade estava convencido, embora não pudesse documentá-lo, como é o caso do breve encontro entre Cezarine e Van Gogh em Paris; usei alguns artifícios para facilitar a leitura, como a adoção do franco para unidade de troca durante a excursão de Vincent pela Europa; e omiti diversos fragmentos sem importância da história completa.

Além dessas liberdades técnicas, o livro é absolutamente verdadeiro.

Minha fonte principal foram os três volumes de cartas de Vincent para seu irmão Theo (Houghton Mifflin 1927-1930). A maior parte do material descobri na trilha de Vincent através da Holanda, Bélgica e França.

Seria ingratidão se eu não reconhecesse minha dívida para com o punhado de amigos e entusiastas de Van Gogh na Europa que me ofereceram generosamente seu tempo e materiais: Colin Van Oss e Louis Bron, do *Post* de Haagsche; Johan Tersteeg, da Galerias Goupil, em Haia; a família de Anton Mauve, em Scheveningen; M. e Mme. Jean Baptiste Denis, de Petit Wasmes; a família Hofkes, de Nuenen; J. Bart de la Faille, de Amsterdam; Dr. Felix Rey, de Arles; Dr. Edgar de Roy, de St. Paul de Mausole; Paul Gachet, de Auvers-sur-l'Oise, que permanece o mais leal amigo de Vincent na Europa.

Agradeço a Lona Mosk, Alice e Ray C. B. Brown e Jean Factor pela assistência editorial. Finalmente, desejo expressar minha gratidão mais profunda a Ruth Aley, que foi a primeira a ler este livro no manuscrito.

I. S.
6 de junho de 1934

O pintor na estrada para Tarascon (1888)

Lista (incompleta) dos trabalhos de Van Gogh

http://en.wikipedia.org/wiki/List_of_works_by_Vincent_van_Gogh